

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS



Áreas Sintáticas no Território Português

Sílvia Afonso Pereira

Orientadora: Professora Doutora Ana Maria Martins

Tese especialmente elaborada para obtenção do grau de Doutor em Linguística

2021

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS



Áreas Sintáticas no Território Português

Sílvia Afonso Pereira

Orientadora: Professora Doutora Ana Maria Martins

Tese especialmente elaborada para obtenção do grau de Doutor em Linguística

Júri:

Presidente: Doutora Anabela Proença Leitão Martins Gonçalves, Professora Catedrática da Área de Ciências da Linguagem da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Vogais:

- Doutora Rosario Álvarez Blanco, Professora Catedrática da Faculdade de Filologia da Universidade de Santiago de Compostela
- Doutora Maria Fernandes Homem de Sousa Lobo Gonçalves, Professora Associada da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Lisboa
- Doutora Anabela Proença Leitão Martins Gonçalves, Professora Catedrática da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
- Doutora Ana Maria Martins, Professora Catedrática da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (orientadora)
- Doutor Telmo Lopes Mória, Professor Associado da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
- Doutora Ernestina Maria Reia Carrilho, Professora Auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Esta dissertação foi realizada com o apoio da Fundação para a Ciência e Tecnologia, através da bolsa

SFRH/BD/81062/2011



(...) ouvi-lhe comentar ao querido e admirado Filgueira Valverde que os galegos soemos topar mais dificuldades em aprender a falar bem o português que os próprios castelhanos. Isto é certo: nom aprendemos a falá-lo bem porque já o falamos; mal, pero já o falamos

Jenaro Marinhas, em “Linguagem e literatura”, *Agália* 1, 1985, p. 38

Agradecimentos

Quero agradecer, em primeiro lugar, à minha orientadora, Ana Maria Martins, pela verdadeira orientação. Agradeço-lhe a total disponibilidade, os esclarecimentos, as sugestões, as correções, o otimismo, o rigor, a sabedoria e a leitura paciente de diferentes versões desta tese. Agradeço-lhe, também, o respeito pelos meus longos e repetidos períodos de silêncio e o ter-se mostrado presente mesmo quando o abandono deste projeto foi uma possibilidade.

Expresso, também, o meu profundo agradecimento ao CLUL, em particular à equipa do CORDIAL-SIN, que tive o privilégio de integrar. Estou especialmente grata à Sandra, sempre pronta a apoiar-me em questões logísticas e linguísticas. Agradeço-lhe, ainda, a generosa partilha de muitos truques informáticos, que sem dúvida facilitaram a minha investigação. À Ernestina, também ela companheira de muitos dias de trabalho, agradeço a empatia, o interesse pelos meus dados e todos os conhecimentos de sintaxe dialetal que comigo partilhou – não só como colega de equipa, mas também como professora. Aos restantes colegas do CLUL, agradeço muitos almoços bem dispostos; agradáveis conversas durante as pausas para café; a enorme simpatia que sempre encontrei em cada sala e, até, nos mais breves encontros nos corredores do complexo.

À Professora Maria Lobo e (novamente) à Professora Ernestina Carrilho, membros do júri da prova intermédia, agradeço os preciosos comentários e sugestões.

Agradeço, também, a cada um dos professores com quem tive oportunidade de aprender durante a minha formação em Linguística. Deixo um agradecimento especial ao Professor Telmo Mória, pelos seus ensinamentos de semântica durante o curso de doutoramento. Viriam a revelar-se essenciais em vários momentos desta investigação.

Ao Instituto da Língua Galega (ILG), agradeço a prontidão com que se disponibilizaram a receber-me, numa fase do trabalho em que a consulta de volumes do ALGa se revelou necessária.

Agradeço, também, a todos os meus familiares e amigos, porque todos fizeram, de alguma forma e nalgum momento, parte deste percurso.

Ao André, que durante os últimos anos conheceu todas as minhas inquietações – académicas e não académicas – agradeço a amizade, o companheirismo e os

encorajamentos constantes. Teriam sido muito mais os meus queixumes sem a música que fizemos juntos.

Ao João Silva, agradeço a preocupação constante, a sua enorme capacidade de escuta, a total disponibilidade e as muitas conversas que, sobretudo na fase final deste projeto, me ajudaram a manter-me focada.

À Yara e ao Kent, agradeço por serem quem são e compreenderem a minha ausência. Terminar esta tese implicou participar, tão menos do que eu queria, num dos vossos grandes projetos. Mas aqui estou eu agora, pronta para outros projetos que havemos de começar.

À Liliana, por ter sido uma presença constante nesta e noutras áreas da minha vida, e por também ela ter respeitado muitas das minhas ausências.

À Vanessa, por ouvir tantos desabafos.

À Rosa, por ser uma segunda mãe e por acreditar em mim.

À minha avó, por também ela acreditar em mim e pelo seu enorme coração.

Ao Dave, por de muitas formas ter contribuído para que esta tese chegasse até aqui.

Agradeço, por último, aos meus maravilhosos pais. Apoiam-me tanto, de tantas maneiras e tão incondicionalmente, que não tenho como vos expressar, em palavras, a minha gratidão. Agradeço-vos o amor infinitivo, pois é dele que nasce tudo o que fizeram e fazem por mim.

Resumo

Este trabalho investiga o papel da sintaxe na classificação dos dialetos portugueses e estuda, em particular, a competição gerúndio/*a*+infinitivo em perífrases aspetuais atestada no português dialetal (PD). A tese inscreve-se na área da sintaxe dialetal comparada e segue uma abordagem geolinguística.

Tenho como base empírica o CORDIAL-SIN – *Corpus Dialetal para o Estudo da Sintaxe*. Recorri, para a análise comparativa, a material do *Corpus de Referência do Português Contemporâneo* (CRPC) e a dados do galego extraídos do *Corpus de Referência do Galego Actual* (CORGA) e do *Tesouro Informatizado da Língua Galega* (TILG).

A dissertação tem duas partes centrais. Na Parte I, o objetivo é delimitar áreas sintáticas em Portugal e confrontar esses dados com a divisão dialetal portuguesa proposta pela dialetologia tradicional a partir do léxico e da fonologia. Na Parte II, centro-me na alternância entre gerúndio e *a*+infinitivo em perífrases aspetuais, estudada numa perspectiva teórica e comparativa que inclui dados do galego, com o objetivo de caracterizar a variação e explicar, particularmente, a competição em perífrases com *estar*.

Mostro que é possível identificar seis tipos básicos de áreas sintáticas em Portugal. Observa-se paralelismo entre estas divisões e as propostas pela dialetologia tradicional, mas também novas configurações, que incluem os dialetos insulares. Quanto à competição *estar*+gerúndio/*a*+infinitivo, defendo que a variação é influenciada por aspetos semânticos e pragmáticos: (i) pela tipologia semântica do verbo principal (cf. Halliday 1994); (ii) pelos traços de duratividade e telicidade inerentes ao verbo e (iii) pelo grau de fisicidade das entidades que representa. Concluo que os aspetos que influenciam a variação são mais evidentes no galego do que no PD e atribuo esse facto a um estágio mais inicial dessa língua, comparativamente ao português, no percurso de substituição de gerúndio por *a*+infinitivo. Defendo que a variação sincrónica observada no PD e no galego reflete uma mudança linguística e é explicada de uma perspectiva diacrónica.

O trabalho desenvolvido evidencia o contributo da sintaxe dialetal comparada para a geolinguística e para a teorização sobre a alternância entre gerúndio e *a*+infinitivo no seio das línguas românicas.

Palavras-chave:

sintaxe dialetal, áreas sintáticas, gerúndio/*a*+infinitivo, perífrases aspetuais progressivas, gramaticalização

Abstract

This work investigates the role of syntax in the classification of Portuguese dialects, and focuses on the study of gerund/*a*+infinitive alternation in aspectual periphrasis attested in dialectal Portuguese (DP). It is a study on comparative dialect syntax that follows a geolinguistic approach.

The study relies on empirical data from CORDIAL-SIN – *Corpus Dialetal para o Estudo da Sintaxe*. For the contrastive analysis, data from standard European Portuguese were extracted from the *Corpus de Referência do Português Contemporâneo* (CRPC); for the comparison with Galician, data from *Corpus de Referência do Galego Actual* (CORGA), and *Tesouro Informatizado da Língua Galega* (TILG) were used.

Two main parts compose this dissertation. Part I aims to delimit syntactic areas in Portugal, by indentifying non-standard syntactic constructions and geographically characterizing them, also while looking at data from previous works on dialect syntax that first suggest the existence of syntactic areas in Portugal (cf. Carrilho e Pereira 2011). The final goal is to compare those syntactic configurations to traditional dialect areas defined on the basis of other types of linguistic data, namely phonological and lexical material. In Part II, I focus on the gerund/*a*+infinitive alternation in aspectual constructions, which I analyse in a theoretical and contrastive approach that includes data from Galician. My goal is to explain the variation in constructions with *estar*, in particular.

I show that it is possible to identify six types of syntactic areas in Portugal. These show similarities with traditional dialect areas, especially with the divisions based on lexical data (cf. Cintra 1962). Also, new configurations are obtained that include the characterization of Madeira and Azores islands, which traditionally have been less studied. As for the gerund/*a*+infinitive competition, I show that the alternation is influenced by semantic and pragmatic features, namely: (i) the semantic type of the main verb (cf. Halliday 1994); (ii) the inherent verbal features of durativity and telicity; and (iii) the level of corporeality expressed by the main verb. I show that the linguistic aspects that can influence the variation are more visible in Galician than in DP, which I attribute to a less advanced stage of the former regarding the process of replacing gerund with *a*+infinitive. I argue that this synchronic variation attested in Galician and DP is a result of a diachronic change observed cross-linguistically.

This dissertation highlights the contribution of comparative dialect syntax to geolinguistic studies, as it allowed me to identify syntactic areas in Portugal that

strengthen the classification of Portuguese dialects. Also, it shows its contribution to linguistic theory, in that this study brings more knowledge not only to the syntax of Portuguese, but also to the gerund/*a*+infinitive competition attested in Romance languages.

Keywords:

dialect syntax, syntactic areas, gerund/*a*+infinitive, progressive periphrasis, grammaticalization

Índice

Lista de abreviaturas	xi
Introdução	1

PARTE I

DIVISÃO DIALETAL PORTUGUESA: CONTRIBUTOS DA SINTAXE

1. Introdução	4
1.1. Objetivos e estrutura	4
1.2. Enquadramento teórico e perspetiva da investigação: geolinguística e sintaxe dialetal	5
1.3. Questões teóricas, empíricas e metodológicas	8
1.4. O <i>corpus</i> considerado: CORDIAL-SIN	11
2. A classificação dos dialetos portugueses: propostas existentes	14
2.1. Introdução	14
2.2. A classificação tradicional dos dialetos portugueses	14
2.2.1. Leite de Vasconcellos ([1893], 1897, 1901, 1929)	16
2.2.2. Boléo e Silva (1959, 1962)	20
2.2.3. Cuesta e Luz (1961 e 1971)	24
2.2.4. Cintra (1971)	25
2.2.5. Cintra (1962)	30
2.3. Contributos da dialetologia atual	44
2.3.1. Álvarez e Saramago (2012)	44
2.3.2. Álvarez (2014, 2015)	45
2.3.3. Segura (2013)	51
2.3.4. Brissos e Rodrigues (2016) e Brissos (2018)	58
2.3.5. Brissos (2015, 2016)	59
2.3.6. Brissos (2020)	60
2.4. A caracterização dos dialetos insulares	61
2.5. A classificação tradicional dos dialetos portugueses: que conclusões?	70
3. Áreas sintáticas em Portugal	73
3.1. A sintaxe na classificação dos dialetos portugueses: primeiros contributos ...	74
3.1.1. Pereira (2003): concordância frásica de terceira pessoa do plural com sujeito <i>a gente</i>	75
3.1.2. Martins (2003, 2009): Construção de duplo sujeito com o clítico impessoal <i>se</i>	76
3.1.3. Carrilho (2003), Cardoso, Carrilho e Pereira (2011): concordância V3SG com sujeitos pós-verbais	78

3.1.4.	Carrilho (2005, 2008): coocorrência do pronome expletivo <i>ele</i> com o sujeito frásico.....	79
3.1.5.	Magro (2007): interpolação	81
3.1.6.	Lobo (2000, 2008, 2016): gerúndio flexionado.....	83
3.1.7.	Carrilho e Pereira (2011): <i>ter</i> existencial, <i>estar</i> aspetual+gerúndio, possessivo pré-nominal não precedido de artigo.....	85
3.1.8.	Pereira (2012), Gonçalves, Carrilho e Pereira (2016): construção de União de Orações	87
3.2.	A sintaxe na classificação dos dialetos portugueses: novos dados do CORDIAL-SIN.....	90
3.2.1.	Concordância verbal 3SG em construções com <i>ser</i>	91
3.2.2.	Concordância V3PL com quantificadores universais e nomes coletivos	101
3.2.3.	Orações gerundivas: subordinadas e predicativas	104
3.2.4.	<i>Estar</i> existencial	120
3.2.5.	Comparativas com <i>ca/coma</i> e locativas com <i>onda</i>	129
3.2.6.	Clivadas nulas coordenadas com <i>é que</i>	133
3.2.7.	Construções meteorológicas com <i>ir</i> impessoal	136
3.2.8.	<i>Tanto</i> seguido de adjetivos e advérbios	138
3.2.9.	Cliticização	140
3.2.10.	Construções partitivas.....	147
3.2.11.	Elipse de <i>ser</i> na construção impessoal <i>pode que</i>	149
3.2.12.	Sujeito lexical+infinitivo não flexionado	152
3.2.13.	Passivas de <i>ser</i>	156
3.2.14.	<i>O que é que</i> adversativo	166
3.3.	Atlas sintático	168
3.4.	Divisão sintática dos dialetos portugueses: considerações	199
3.5.	Áreas sintáticas, lexicais e fonético/fonológicas: que relação?	210
3.6.	Conclusões	215

PARTE II

A+INFINITIVO/GERÚNDIO EM PERÍFRASES ASPETUAIS EM PE: UMA PERSPETIVA COMPARADA

1.	Introdução.....	218
1.1.	Questões de investigação, objetivos e organização do trabalho	218
1.2.	Delimitação de conceitos: considerações teóricas e terminológicas.....	223
1.3.	A variação entre gerúndio e <i>a</i> +infinitivo na literatura do português	238
1.3.1.	A variação no PE em perífrases aspetuais durativas: breve revisão de literatura.....	240
2.	A variação no PD: os dados do CORDIAL-SIN	247
2.1.	Metodologia e extração de dados.....	247

2.2.	A variação com <i>estar</i> , <i>andar</i> e <i>ficar</i>	250
2.2.1.	Os dados de <i>estar</i>	250
2.2.2.	Os dados de <i>andar</i>	269
2.2.3.	Os dados de <i>ficar</i>	284
2.2.4.	Considerações gerais e observações geolinguísticas	290
2.3.	Os dados de <i>chegar</i> e <i>começar</i>	302
2.4.	As perífrases com <i>ir</i> e <i>vir</i> no CORDIAL-SIN: a impossibilidade de variação em perífrases com verbos de movimento orientado	305
2.4.1.	<i>Ir</i> +gerúndio.....	305
2.4.2.	<i>Ir</i> + <i>a</i> +infinitivo	313
2.4.3.	<i>Vir</i> +gerúndio.....	319
2.4.4.	<i>Vir</i> + <i>a</i> +infinitivo.....	322
2.4.5.	Perífrases com <i>ir</i> e <i>vir</i> no PD: considerações	325
2.5.	Não variação: casos de <i>a</i> +infinitivo exclusivo no PD.....	329
2.5.1.	Com <i>continuar</i>	329
2.5.2.	Com verbos perceptivos	333
2.6.	Conclusão.....	337
3.	O confronto entre o PD e o PEP	340
3.1.	Distribuição de <i>a</i> +infinitivo/gerúndio em sequências verbais: um olhar contrastivo	341
3.2.	Diferentes estágios de gramaticalização de perífrases aspetuais durativas e temporais no PD e no PEP.....	350
3.2.1.	Perífrases aspetuais com <i>estar</i> , <i>andar</i> e <i>ficar</i> + <i>a</i> +infinitivo	353
3.2.2.	Os dados de <i>continuar</i>	384
3.2.3.	Perífrases temporais e aspetuais com <i>ir</i> e <i>vir</i>	387
3.2.4.	Proposta de escala de gramaticalização.....	394
3.3.	Conclusão.....	396
4.	A seleção de gerúndio/ <i>a</i> +infinitivo em perífrases com <i>estar</i> : pistas do PD e do galego	397
4.1.	A variação na área de coocorrência do PD: um primeiro olhar	400
4.1.1.	A classe aspetual do verbo principal	401
4.1.2.	Tipo semântico de verbo.....	403
4.1.2.1.	A proposta de Halliday (1994).....	405
4.1.2.2.	Os dados do CORDIAL-SIN.....	410
4.2.	Aspetos linguísticos que explicam a variação	417
4.2.1.	A evidência do galego	418
4.2.1.1.	Tipo semântico de verbo	418
4.2.1.2.	Os traços semânticos de duratividade e telicidade	424

4.2.1.3.	Processos de atividade física e processos corporais	436
4.2.1.4.	Um cruzamento de traços semântico-pragmáticos a explicar a variação ..	444
4.2.1.5.	Inacusatividade.....	453
4.3.	O novo confronto com o CORDIAL-SIN.....	457
4.4.	PD e galego: diferentes fases no processo de mudança linguística	464
4.5.	Conclusão.....	467
PARTE III		
CONCLUSÕES		
1.	Introdução.....	472
2.	Resultados inovadores do trabalho	473
2.1.	Contributos para a geolinguística: áreas sintáticas em Portugal.....	473
2.2.	Contributos para a teoria linguística	486
3.	Pistas para trabalho futuro	492
REFERÊNCIAS		495

LISTA DE ABREVIATURAS

A+INF	<i>a</i> +infinitivo
CIP	Construção de Infinitivo Preposicionado
DP	Determiner Phrase
ECM	Exceptional Case Marking
GER	gerúndio
GU	Gramática Universal
INF	informante
INQ	inquiridor
NP	Noun Phrase
PA	Português Antigo
PB	português brasileiro
PD	português dialetal
PE	português europeu
PEP	português europeu padrão
PROG	progressivo
R	revista (<i>subcorpus</i> Revista)
Sasp	Sintagma Aspetual
SN	Sintagma Nominal
SV	Sintagma Verbal
T	Temporal
V	verbo
VP	Verbal Phrase
3PL	3. ^a pessoa do plural
3SG	3. ^a pessoa do singular

Corpora

ALE	<i>Atlas Linguarum Europae</i>
ALEAç	<i>Atlas Linguístico e Etnográfico dos Açores</i>
ALEPG	<i>Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza</i>
ALLP	<i>Atlas Linguístico do Litoral Português</i>
ALPI	<i>Atlas Linguístico da Península Ibérica</i>
ASIS	<i>Syntactic Atlas of Northern Italy</i>
CORDIAL-SIN	<i>Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe</i>
CORGA	Corpus de Referência do Galego Actual
COSER	<i>Corpus Oral y Sonoro del Español Rural</i>
CRPC	Corpus de Referência do Português Contemporâneo
EDISYN	<i>European Dialect Syntax</i>
SAND	<i>Syntactic Atlas of the Dutch Dialects</i>
<i>ScanDiaSyn</i>	<i>Scandinavian Dialect Syntax</i>
TILG	Tesouro Informatizado da Língua Galega

Localidades

AAL	Cast. De Vide, Porto da Espada, S. Salvador de Aramenha, Sapeira, Alpalhão, Nisa (Portalegre)
AJT	Aljustrel (Beja)
ALC	Alcochete (Setúbal)
ALV	Alvor (Faro)
CBV	Cabeço de Vide (Portalegre)
CDR	Cedros (Horta)
CLC	Câmara de Lobos, Caniçal (Funchal)
CLH	Calheta (Angra do Heroísmo)
COV	Covo (Aveiro)
CPT	Carrapatelo (Évora)
CRV	Corvo (Horta)
CTL	Castro Laboreiro (Viana do Castelo)
EXB	Enxara do Bispo (Lisboa)
FIG	Figueiró da Serra (Guarda)
FIS	Fiscal (Braga)
FLF	Fajãzinha (Horta)
GIA	Gião (Porto)
GRC	Graciosa (Angra do Heroísmo)
GRJ	Granjal (Viseu)
LAR	Larinho (Bragança)
LUZ	Luzianes (Beja)
LVR	Lavre (Évora)
MIG	Ponta Garça (Ponta Delgada)
MIN	Arcos de Valdevez, Bade, S. Lourenço da Montaria (Viana do Castelo)
MLD	Melides (Setúbal)
MST	Monsanto (Castelo Branco)
MTM	Moita do Martinho (Leiria)
MTV	Montalvo (Santarém)
OUT	Outeiro (Bragança)
PAL	Porches, Alte (Faro)
PFT	Perafita (Vila Real)
PIC	Bandeiras, Cais do Pico (Horta)
PST	Camacha, Tanque (Funchal)
PVC	Porto de Vacas (Coimbra)
SRP	Serpa (Beja)
STA	Santo André (Vila Real)
STE	Santo Espírito (Ponta Delgada)
STJ	Santa Justa (Santarém)
TRC	Fontinhas (Angra do Heroísmo)
UNS	Unhais da Serra (Castelo Branco)
VPA	Vila Praia de Âncora (Viana do Castelo)
VPC	Vila Pouca do Campo (Coimbra)

INTRODUÇÃO

Esta tese é uma investigação em variação sintática que pretende consolidar a classificação dos dialectos portugueses, evidenciando os contributos da sintaxe para essa caracterização, e que analisa, de forma detalhada, a variação gerúndio vs. *a*+infinitivo em perífrases aspetuais atestada no português dialetal (PD). Trata-se de um estudo que segue uma abordagem geolinguística e se insere na área da sintaxe dialetal comparada (no sentido explicitado na secção 1.2 da Parte I).

A investigação tem dois objetivos centrais. O primeiro é contribuir para o estudo da sintaxe dialetal, área ainda insuficientemente explorada, e, conseqüentemente, para o conhecimento da sintaxe do português. É nesse sentido que apresento, descrevo e analiso, de uma perspetiva comparativa que inclui dados do PD, do português europeu padrão (PEP) e do galego, um conjunto de fenómenos dialetais – nomeadamente, a variação gerúndio/*a*+infinitivo em perífrases aspetuais, que constitui o foco da Parte II. O outro grande objetivo do trabalho é contribuir para uma melhor caracterização dos dialetos portugueses, através da delimitação de áreas sintáticas no território continental e insular. Nesse sentido, determinar e apresentar a distribuição geográfica das estruturas analisadas será uma preocupação constante.

De forma a prosseguir estes objetivos, estruturei o trabalho em três momentos distintos. Na Parte I, o foco é refletir sobre a classificação dos dialetos portugueses e evidenciar os contributos da sintaxe para a caracterização da paisagem dialetal portuguesa. O fenómeno não-padrão geograficamente circunscrito que mereceu uma análise detalhada do ponto de vista teórico e comparativo – a variação gerúndio/*a*+infinitivo em contextos perifrásticos – será discutido na Parte II. A possibilidade de alternância entre gerúndio e *a*+infinitivo observada no PD, nesses contextos, será aí detalhadamente caracterizada. Os dados dialetais serão depois confrontados com material do PEP e do galego e a variação entre gerúndio e *a*+infinitivo especificamente em perífrases com *estar*, identificada no PD e no galego, será explicada. Na Parte III, apresento as conclusões gerais e os resultados inovadores desta tese: aí serão evidenciados e sistematizados os contributos do meu estudo não só para a classificação do sistema dialetal português, como também para o entendimento da alternância entre gerúndio e *a*+infinitivo no português e no galego – bem como para um maior conhecimento sobre a evolução destas construções na família das línguas românicas.

PARTE I
DIVISÃO DIALETAL PORTUGUESA:
CONTRIBUTOS DA SINTAXE

1. INTRODUÇÃO

Neste primeiro capítulo, apresento os objetivos e a estrutura da Parte I, bem como o *corpus* que lhe serve de base empírica. Explicito, também, o enquadramento teórico e a perspetiva de investigação – que norteiam o trabalho desta Parte I e de toda a tese.

1.1. Objetivos e estrutura

Embora a variação dialetal se traduza em contrastes fonológicos, lexicais, morfológicos e sintáticos, em Portugal, tal como noutras áreas geolinguísticas, são os aspetos fonológicos e lexicais que, até hoje, têm sido consistentemente estudados e servido de base às propostas de classificação dos dialetos (cf. Boléo e Silva 1962, Cintra 1971, Segura e Saramago 2001, Kirk et al. 1985).

Este trabalho visa determinar se a proposta inicial de Cintra (1971), resultante da observação de traços fonológicos, é convergente com uma análise baseada na sintaxe. Espera-se, assim, continuar a investigação recente em sintaxe dialetal, impulsionada pelo projeto CORDIAL-SIN – *Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe* (Martins 2000), e trazer novos dados para a classificação dos dialetos portugueses, seja no sentido de redefinir as propostas existentes ou de ampliar a base de sustentação empírica das classificações atuais. Ao considerar aspetos sintáticos na classificação dos dialetos, pretende-se preencher uma lacuna que tem marcado a investigação no domínio da geografia linguística.

Dado que os dialetos insulares foram excluídos da proposta de Cintra, pretende-se conduzir a investigação no sentido de obter dados que contribuam para a integração desses dialetos no quadro geral de classificação dos dialetos portugueses.

É com o intuito de dar resposta a estas questões que, nesta Parte I, apresento e comento um conjunto de fenómenos não-padrão identificados no CORDIAL-SIN, que serão, portanto, abordados numa perspetiva simultaneamente sintática e geolinguística.

De forma a alcançar os objetivos que acabo de enunciar, esta Parte I estrutura-se em 3 capítulos. Neste capítulo introdutório, exponho o tema da investigação, explicito a perspetiva de análise e o quadro teórico que orientam todo este trabalho: a sintaxe dialetal e a geolinguística. Apresento a base empírica que sustenta o presente estudo – o CORDIAL-SIN – e enuncio questões teóricas, empíricas e metodológicas associadas a uma investigação desta natureza.

No Capítulo 2 da Parte I, apresento os trabalhos que estudaram a divisão do espaço dialetal português dentro da perspectiva tradicional (que caracteriza os dialetos a partir de dados fonéticos, fonológicos e lexicais).

O terceiro capítulo desta primeira parte serve para refletir sobre a caracterização das variedades dialetais portuguesas segundo uma perspectiva sintática. Começo por lembrar os ainda recentes e pioneiros trabalhos realizados em sintaxe dialetal portuguesa e exponho as suas conclusões: esses trabalhos mostram, na generalidade, que vários fenómenos dialetais parecem confinados a áreas geográficas bem definidas, sugerindo a existência de áreas dialetais (cf. 3.1.). É então que me centro em novos dados que identifiquei no CORDIAL-SIN e que permitem, no seu conjunto, alargar a investigação começada com esses trabalhos (cf. 3.2.). Apresento uma série de construções não-padrão que mostraram ser geograficamente circunscritas, e que exibiram, nalguns casos, novas configurações de distribuição geográfica. Exponho, depois deste primeiro conjunto de dados, um grupo relativo a fenómenos que, de acordo com o material do *corpus*, cobrem o país de uma forma dispersa, mostrando ser transversais a várias áreas.

A distribuição geográfica associada a cada um dos fenómenos identificados, juntamente com a observação das áreas sintáticas delimitadas em trabalhos anteriores, permitiu compilar um atlas sintático, que é apresentado na secção 3.3.

As reflexões e conclusões que decorrem da análise dos dados são apresentadas na parte final do Capítulo 3 (cf. secções 3.4., 3.5. e 3.6.). Aí torno claro que é possível perceber a existência de diferentes tipos de áreas sintáticas e que essas áreas manifestam fortes paralelismos com áreas dialetais identificadas a partir de estudos fonológicos e lexicais (cf. secção 3.5.). Evidencio, sobretudo, as afinidades com a proposta de Cintra (1962). Apresento também algumas generalizações que os dados permitem fazer relativamente à caracterização dos dialetos insulares, cuja descrição se manteve, durante largos anos, bastante superficial (cf. 3.4.). As conclusões gerais são expostas em 3.6.

1.2. Enquadramento teórico e perspectiva da investigação: geolinguística e sintaxe dialetal

Este trabalho, na medida em que pretende identificar e comentar fenómenos linguísticos não-padrão – sintáticos e morfossintáticos – e explorar a sua distribuição pelo território português, é de natureza geolinguística.

Explorar e caracterizar a distribuição geográfica de diferentes variáveis de natureza sintática é um dos objetivos da sintaxe dialetal. Tal informação tem claros contributos para os estudos de dialetologia e permite, em vários casos, extrair dados úteis para trabalhos de outra natureza, nomeadamente sobre mudança linguística, por exemplo. Ainda que a sintaxe dialetal seja também vista, e cada vez mais, como fortemente promissora para os avanços da investigação em linguística, tanto no quadro da Teoria de Princípios e Parâmetros (cf. Kayne 2000a, 2005, Roberge e Vinet 1989, entre outros) como na perspetiva da Tipologia Linguística (cf. Kortmann 2004), os trabalhos realizados nesta área têm, em Portugal e nas restantes comunidades linguísticas, uma história ainda curta.

Durante anos, a sintaxe esteve ausente dos projetos de Geografia Linguística. Dados de Cornips e Jongenburger (2001) referem que não chegam a 5% os mapas dialetais publicados por todo o mundo que consideram dados sintáticos. O interesse teórico da sintaxe dialetal apenas nas últimas décadas começou a ser notado, e o estudo sistemático dos aspetos sintáticos dos dialetos ainda dá, portanto, os primeiros passos.

Esse interesse teórico adveio do facto de a investigação desenvolvida nos últimos anos no domínio da teoria sintática, em particular de orientação generativista ou tipológica, ter definido como objetivo central a busca por princípios universais e capazes de, simultaneamente, definir os limites e contornos da variação, que fortaleceu esse interesse no estudo da sintaxe dialetal.

No âmbito da Teoria de Princípios e Parâmetros (Chomsky 1981, e Chomsky 2001), por exemplo, começou a considerar-se o estudo de diferentes línguas naturais numa perspetiva comparativa, vista como essencial não só para a construção de um modelo da Gramática Universal (GU), como também para definir e explicar a própria variação. Consequentemente, a conceptualização da GU a que se tem chegado nos últimos anos tem tido por base a comparação de unidades sintáticas semelhantes, mas variáveis, de línguas de gramáticas próximas.

Os dados dialetais, concretamente os sintáticos, tornam-se assim empiricamente relevantes e, a par dos dados fornecidos pela aquisição e dos estudos diacrónicos das línguas, úteis para a teoria linguística. Foi este reconhecimento da sua importância teórica que motivou o seu desenvolvimento nas últimas décadas.

Ainda nos anos 70, no âmbito do projeto internacional *Atlas Linguarum Europae* (ALE), foi elaborado um questionário orientado para o estudo da sintaxe (cf. Kruijsen 1983), que acabou, contudo, por não ter repercussões. Mas foi sobretudo nos anos 90 que

a sintaxe se desenvolveu mais fortemente, sendo vários os projetos de sintaxe dialetal que entretanto começaram a surgir, de âmbito nacional (*Syntactic Atlas of Northern Italy*, *Syntactic Atlas of the Dutch Dialects*, *Audible Corpus of Spoken Rural Spanish*, *English Dialect Syntax from a Typological Perspective*) ou internacional (*Scandinavian Dialect Syntax*, *Edisyn – European Dialect Syntax*) – cf. Barbiers e Bennis (2007). O projeto Edisyn foi especificamente desenvolvido a nível europeu para facilitar a cooperação entre os vários projetos existentes de sintaxe dialetal, sobretudo através da sensibilização para o uso de metodologias aproximadas no que diz respeito a recolha de dados, técnicas de anotação e armazenamento de dados, técnicas de cartografia, etc.¹

Também Portugal evoluiu nesta área. A sintaxe foi desconsiderada nos projetos de Geografia Linguística durante vários anos, e ao longo do século XX registam-se, apenas, observações pontuais. Apontamentos breves dedicados à sintaxe encontram-se na *Esquisse* e nos *Opúsculos* de Leite de Vasconcellos e nas teses de licenciatura em dialetologia realizadas sob orientação de Paiva Boléo e Lindley Cintra, em Coimbra e Lisboa (c.1955-1974), respetivamente, encontrando-se também algumas notas nos estudos de Júlio Moreira (1907). O trabalho “Aspectos da sintaxe do português falado no interior do país”, de Malaca Casteleiro (*Boletim de Filologia* 24, 1975), é um caso isolado. As propostas de classificação dos dialetos portugueses (Vasconcellos 1901, Boléo e Silva 1962, Cintra 1971, entre outros) sustentaram-se em aspetos fonológicos. Os projetos de Atlas linguísticos em curso (ALEPG, ALEAç, ALLP – vd. www.clul.ulisboa.pt) centram-se essencialmente no léxico.

O *Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe* (CORDIAL-SIN) é prova desta mudança de cenário e tem suportado a investigação em sintaxe dialetal, na última década. De facto, os trabalhos decorrentes do projeto CORDIAL-SIN revelaram a existência de construções sintáticas insuficientemente conhecidas/descritas: gerúndio flexionado (Lobo 2008), expletivo “ele” (Carrilho 2005), duplo sujeito com “se” impessoal (Martins 2003, 2009), interpolação e duplicação de clíticos (Magro 2007), etc. Relativamente a este último tema, é de notar que este e outros fenómenos de duplicação se manifestam também em dialetos de outras línguas (cf. Barbiers et al. 2008), mostrando que o estudo comparativo da sintaxe dialetal pode trazer importantes avanços ao conhecimento linguístico em geral.²

¹ Mais informação em <http://www.dialectsyntax.org/index.php/project-description-edisyn-mainmenu-50>.

² Os fenómenos de duplicação encontrados em vários dialetos europeus são, efetivamente, um dos exemplos mais claros dessa situação. Foram identificadas construções de duplicação em vários domínios (e, dentro

1.3. Questões teóricas, empíricas e metodológicas

O interesse nos estudos de sintaxe dialetal que marcou a última década do século XX levantou importantes questões empíricas e metodológicas associadas à investigação nesta área, e tem gerado discussões que sublinham a necessidade de novos métodos para a obtenção de dados.

As dificuldades metodológicas e conceptuais associadas ao estudo da sintaxe dialetal, que já eram reconhecidas (foi esse, aliás, o principal motivo da ausência de referências à sintaxe nos trabalhos sobre variação geolinguística), têm-se tornado particularmente claras e merecedoras de atenção (cf. Barbiers 2008, Barbiers e Cornips 2002, Cornips e Poletto 2005). Por um lado, discutem-se problemas conceptuais relacionados com a dificuldade de definir o que é variável em sintaxe, e dificuldades empírico-metodológicas decorrentes da dificuldade de identificar essas variáveis. Por outro lado, discutem-se questões metodológicas associadas às técnicas de obtenção de dados, de anotação, de cartografagem, etc.

Em Barbiers (2008) listam-se algumas das críticas frequentemente apontadas ao método tradicional de obtenção de dados baseado em juízos de gramaticalidade e chama-se a atenção para a necessidade, e utilidade, de técnicas capazes de suplantar essas limitações (técnicas essas que já têm vindo a ser usadas em projetos de variação sintática de larga escala).

O método clássico de obtenção de dados usado nos inquéritos dialetais é, também, frequentemente apontado como desadequado à investigação em sintaxe, por ser difícil, através de entrevistas baseadas em questionários, identificar, e reunir, construções sintáticas específicas.

A componente geográfica da sintaxe dialetal, por outro lado, acrescenta dificuldades e torna o processo metodológico necessariamente distinto do seguido em outros trabalhos de investigação em sintaxe.

Conforme notam vários estudos que se debruçam sobre questões metodológicas associadas à investigação em sintaxe dialetal (cf., entre outros, Cornips e Poletto 2005), um trabalho deste tipo implica, em primeiro lugar, isolar e controlar as variáveis que não

de cada domínio, contabilizadas diferentes situações): (i) duplicação pronominal; (ii) duplicação verbal; (iii) duplicação nominal; (iv) duplicação no sistema de quantificadores (cf. Barbiers et al. 2008).

sejam geográficas e que podem motivar variação, o que passa por homogeneizar o perfil dos informantes no que diz respeito a variáveis sociológicas.

Se falarmos, particularmente, da construção de ATLAS, falamos da necessidade de métodos de eliciação de dados orais e escritos capazes de fornecer material fiável e de quantidades consideráveis, já que os dados de *corpora* se revelam, muitas vezes, insuficientes (seja pela ausência de evidência negativa, seja pelo facto de determinados tipos de construções sintáticas serem pouco produtivas em determinados contextos discursivos). E tem sido aqui que as discussões têm insistido.

Os dados que têm sido estudados nos projetos de sintaxe dialetal são de natureza diversa: muitos dizem respeito a dados orais de discurso espontâneo, estando portanto associados a uma metodologia naturalista; muitos provêm, por exemplo, de questionários escritos, tendo sido conseguidos através de técnicas de eliciação de dados. As vantagens de uma e outra opções têm sido largamente discutidas (ver, por exemplo, Labov 1996). Os métodos de obtenção de dados naturalistas, como a recolha de discurso oral espontâneo, apresentam frequentemente o entrave da ausência de evidência negativa e o problema de construções sintáticas específicas poderem ou não ocorrer ou ocorrerem, no *corpus*, de forma pouco expressiva. As técnicas de eliciação de dados apresentam, por seu lado, todo um conjunto de outras dificuldades. Continua a ser frequentemente referido o carácter artificial das situações produzidas em contexto de eliciação (cf. Schütze 1996). Por outro lado, aponta-se também o facto de diferentes métodos de eliciação poderem conduzir a resultados diferentes (cf. Auckle, Buchstaller, Corrigan e Holmberg, 2007) e o facto de dados obtidos através de eliciação poderem diferir dos dados que o mesmo falante produziu em discurso espontâneo (cf. Cornips 2003).

A conclusão que se tem tornado clara é, como largamente tem sido notado, a de que nenhum dos métodos de obtenção de dados se encontra isento de limitações.

Um dos projetos de sintaxe dialetal que levantou várias destas questões, e que acabou por ser pioneiro na tentativa de abordar e superar algumas das limitações metodológicas associadas a trabalhos desta natureza, foi o projeto SAND. Apresento, nos próximos parágrafos, uma breve descrição do projeto, com ênfase na discussão que gerou relativamente às questões metodológicas.

SAND

O SAND Project (*Syntactic Atlas of the Dutch Dialects*, 2000-2005) surgiu com o objetivo de disponibilizar, em versão digital e impressa, um atlas sintático capaz de ilustrar a variação sintática encontrada em dialetos neerlandeses na Holanda, Bélgica e França.

Foram estudados fenómenos de variação relacionados com diferentes domínios (periferia esquerda; referência pronominal; negação e quantificação; periferia direita).

A metodologia que foi seguida neste trabalho, uma metodologia por etapas, tem sido considerada como preferencial e indicada em projetos deste tipo, e encontra-se pormenorizadamente descrita em trabalhos como Cornips e Poletto (2005), Barbiers e Bennis (2007).

A recolha de dados passou por vários momentos distintos e foram utilizadas 5 técnicas diferentes de eliciação de dados: (i) juízos de gramaticalidade indiretos escalares (*indirect relative grammaticality judgements on a scale*), (ii) tarefas de tradução (*translation tasks*), (iii) tarefas de preenchimento de lacunas (*cloze tasks*), (iv) tarefas de completamento (com imagens) (*completion tasks (with pictures)*) e (v) tarefas de interpretação (*meaning questions*).

A partir da literatura existente sobre os fenómenos considerados, foi elaborado, numa fase inicial, um questionário escrito, com diferentes objetivos em simultâneo (cf. Cornips e Jongenburger 2001): (i) perceber a distribuição geográfica dos fenómenos de variação; (ii) perceber, assim, quais as áreas potencialmente relevantes em termos de distribuição geográfica; (iii) apurar a validade/viabilidade de diferentes técnicas de eliciação de dados escritos.

Posteriormente, e com base nos resultados desta primeira fase, preparou-se um trabalho de campo orientado para recolha de dados orais, o que implicou uma escolha das técnicas de eliciação que mais se ajustassem a cada um dos fenómenos a analisar.

As conclusões a que foi possível chegar relativamente à viabilidade de diferentes técnicas de eliciação permitiram fazer algumas generalizações relevantes, e que faz sentido ter em conta em trabalhos de sintaxe dialetal. A experiência adquirida neste projeto comprova (como se relata em vários trabalhos publicados sobre a metodologia do projeto SAND) que nenhuma técnica de eliciação é isenta de limitações. Torna-se portanto clara a necessidade de se avaliarem com algum cuidado os efeitos negativos inerentes a cada técnica de eliciação, bem como de se ter em conta a possível influência

das técnicas de recolha de dados nos próprios dados recolhidos. A principal conclusão aponta para a vantagem de se usarem metodologias combinadas na obtenção de dados em projetos desta natureza. É o que tem acontecido em projetos recentes e de larga escala de sintaxe dialetal, que têm beneficiado desta experiência pioneira e adoptado, portanto, metodologias combinadas na obtenção de dados: o ScanDiaSyn é um desses exemplos.

1.4. O *corpus* considerado: CORDIAL-SIN

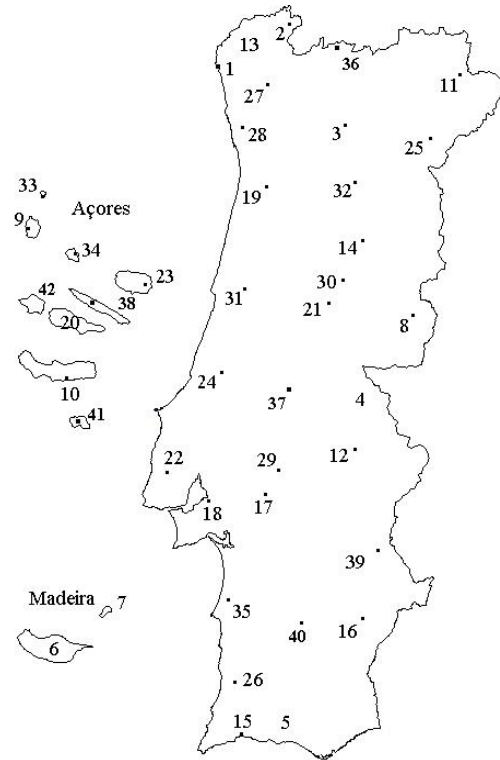
A investigação aqui apresentada encontra base empírica nos dados dialetais reunidos no CORDIAL-SIN – *Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe* (Martins 2000).³ Trata-se de um *corpus* que começou a ser desenvolvido em 1999, no âmbito de um projeto desenvolvido no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa com o objetivo de criar e disponibilizar ferramentas que promovessem e facilitassem o estudo da sintaxe dialetal portuguesa. Representa, portanto, uma tentativa de dar resposta às dificuldades metodológicas associadas à investigação em sintaxe dialetal.

É um *corpus* construído a partir de gravações efetuadas pelo Grupo de Dialectologia do CLUL no âmbito de vários projetos⁴ de Geografia Linguística desenvolvidos nas últimas décadas. No total, inclui cerca de 70 horas de gravação (mais de 600.000 palavras), correspondentes a discurso livre e semi-dirigido proveniente de 42 localidades portuguesas, representadas no mapa seguinte. Pelo facto de cobrir o país de uma forma uniforme, incluindo dados provenientes de todos os distritos, é geograficamente representativo.

³ Veja-se <http://www.clul.ulisboa.pt/recurso/cordial-sin-syntax-oriented-corpus-portuguese-dialects>.

⁴ ALEPG (Atlas Linguístico e Etnográfico de Portugal e da Galiza), ALLP (Atlas Linguístico do Litoral Português), ALEAç (Atlas Linguístico e Etnográfico dos Açores), BA (Barlavento Algarvio).

- 01 Vila Praia de Âncora (Viana do Castelo)
- 02 Castro Laboreiro (Viana do Castelo)
- 03 Perafita (Vila Real)
- 04 Castelo de Vide, Porto da Espada, S. Salvador de Aramenha, Sapeira, Alpalhão, Nisa (Portalegre)
- 05 Porches, Alte (Faro)
- 06 Câmara de Lobos, Caniçal (Funchal)
- 07 Camacha, Tanque (Funchal)
- 08 Monsanto (Castelo Branco)
- 09 Fajãzinha (Horta)
- 10 Ponta Garça (Ponta Delgada)
- 11 Outeiro (Bragança)
- 12 Cabeço de Vide (Portalegre)
- 13 Arcos de Valdevez, Bade, São Lourenço da Montaria (Viana do Castelo)
- 14 Figueiró da Serra (Guarda)
- 15 Alvor (Faro)
- 16 Serpa (Beja)
- 17 Lavre (Évora)
- 18 Alcochete (Setúbal)
- 19 Covo (Aveiro)
- 20 Bandeiras, Cais do Pico (Horta)
- 21 Porto de Vacas (Coimbra)
- 22 Enxara do Bispo (Lisboa)
- 23 Fontinhas (Angra do Heroísmo)
- 24 Moita do Martinho (Leiria)
- 25 Larinho (Bragança)
- 26 Luzianes (Beja)
- 27 Fiscal (Braga)
- 28 Gião (Porto)
- 29 Santa Justa (Santarém)
- 30 Unhais da Serra (Castelo Branco)
- 31 Vila Pouca do Campo (Coimbra)
- 32 Granjal (Viseu)
- 33 Corvo (Horta)
- 34 Graciosa (Angra do Heroísmo)
- 35 Melides (Setúbal)
- 36 Santo André (Vila Real)
- 37 Montalvo (Santarém)
- 38 Calheta (Angra do Heroísmo)
- 39 Carrapatelo (Évora)
- 40 Aljustrel (Beja)
- 41 Santo Espírito (Ponta Delgada)
- 42 Cedros (Horta)



Mapa 1: Rede de pontos do CORDIAL-SIN

É um *corpus* também sociolinguisticamente homogéneo, dado que o perfil dos informantes é idêntico (os falantes são, por norma, naturais das localidades rurais inquiridas, aí residentes, idosos/adultos não jovens e pouco escolarizados – ou analfabetos) e a situação de inquérito é comparável (entrevistas realizadas durante 3-7 dias, entre 1974 e 2004, sobre os mesmos temas e num ambiente relativamente familiar).

O CORDIAL-SIN, que se encontra disponibilizado em várias versões⁵ (<http://www.clul.ulisboa.pt/recurso/cordial-sin-syntax-oriented-corpus-portuguese-dialects>), conta com uma versão anotada morfossintaticamente e com uma versão com anotação sintática (Magro, Carrilho e Martins 2020), que se encontra disponível em <http://teitok.clul.ul.pt/synapse/index.php?action=downloads>.⁶

Apesar da pertinência empírica deste *corpus*, é de reconhecer, na linha do que apresentei acima sobre as questões empírico-metodológicas associadas a trabalhos desta natureza, que, em muitos casos, ele não é suficiente. Em vários momentos ficaram claras, neste trabalho, as limitações de um *corpus* deste tipo: nomeadamente, problemas relacionados com a ocorrência espontânea de tipos particulares de construções, que se traduz muitas vezes em escassez de dados, como foi o caso. Isto reforça a conveniência de, nos estudos em sintaxe dialetal, se considerar dados de diferente natureza, mas não anula as inquestionáveis vantagens que o *corpus* oferece: o facto de sustentar um estudo desta natureza é, claramente, a mais óbvia.

Os exemplos retirados do CORDIAL-SIN que apresento ao longo deste trabalho são identificados, no final de cada frase, com a sigla correspondente à localidade de onde provêm.

⁵ Entre as versões disponíveis, há uma transcrição conservadora (com informação sobre pausas, hesitações, reformulações, sobreposições de discurso, repetições, variantes fonéticas e morfofonológicas, etc.) e uma transcrição normalizada (que contém apenas a transcrição ortográfica).

⁶ O sistema de anotação morfossintática do CORDIAL-SIN segue o sistema desenvolvido pela equipa do projeto Tycho Brahe (<http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/index.html>), e o manual de anotação pode ser consultado em http://www.clul.ulisboa.pt/sites/default/files/recursos/pos_annotation_manual.pdf. O sistema de anotação sintática (veja-se Magro e Galves 2019) baseia-se no sistema de anotação do projeto Penn-Helsinki Parsed Corpus of Middle English (<http://www.ling.upenn.edu/hist-corpora/>) e o manual de anotação pode ser consultado aqui: <https://sites.google.com/site/portuguesesyntacticannotation/>.

2. A CLASSIFICAÇÃO DOS DIALETOS PORTUGUESES: PROPOSTAS EXISTENTES

2.1. Introdução

Começo este capítulo com uma apresentação dos estudos que, numa abordagem tradicional, têm tentado classificar e descrever os dialetos portugueses (cf. 2.2.). Nesse sentido, exponho e comento os trabalhos mais relevantes que têm surgido desde que a variação regional passou a ser reconhecida como objeto de estudo. Reúno, em 2.3., trabalhos que, à luz da dialetologia atual, se destacam por enriquecerem as propostas que têm servido de base à caracterização dos dialetos portugueses. Dedico a secção 2.4. à caracterização dos dialetos insulares e exponho as conclusões do capítulo em 2.5.

2.2. A classificação tradicional dos dialetos portugueses

É sabido que a variação é uma característica de qualquer língua viva, podendo essa variação manifestar-se a nível histórico, social ou geográfico, por exemplo. No domínio da variação diatópica (regional ou geográfica), é frequentemente referido que uma das características do português europeu é ser uma língua relativamente uniforme.

A reduzida diferenciação dialetal associada a esta língua, particularmente evidente quando a comparamos com outras línguas românicas, é facilmente notada se considerarmos que qualquer português compreende, sem dificuldade, o que qualquer outro português diz, independentemente da sua proveniência geográfica. Isso notava Leite de Vasconcellos, em 1893:

exceptuando os co-dialectos e os dialectos crioulos, os nossos fallares populares não se differenciam muito profundamente entre si, a ponto de obstem a que sejam sempre em geral entendidos no seu conjunto, embora diffiram essencialmente

Leite de Vasconcellos [1893] 1897: 16

No entanto, esta relativa uniformidade não anula, como sabemos, a existência de variação: qualquer falante sem conhecimento explícito da língua é capaz de sentir e identificar diferenças decorrentes da variação regional. Estas diferenças regionais

começaram a ser notadas logo nos primeiros trabalhos de dialetologia, sendo que o que frequentemente se refere são variações de natureza fonológica e lexical. Prova disso é a seguinte citação de Boléo e Silva (1962):

Isso [a homogeneidade excecional do idioma de Camões] não impede, no entanto, que haja diferenças mais ou menos sensíveis de pronúncia e de vocabulário de região para região.

Boléo e Silva 1962: 87

Assim, ainda que haja vários níveis da gramática em que a variação pode operar (fonético e fonológico, morfológico, sintático, semântico e lexical), é sobretudo a nível fonético que ela é notada, e tem sido sobretudo a esse nível que ela tem sido estudada (em parte porque os dados fonéticos permitem uma sistematização dos dados exclusivamente baseada em fatores linguísticos, ao contrário do que acontece com material de outra natureza, o que claramente tem favorecido o destaque atribuído à fonética na caracterização dos dialetos).

As primeiras referências à variação regional datam do século XVI, e terá sido Fernão de Oliveira (1536) um dos pioneiros a notá-la:

...muitas vezes algumas dicções que há pouco são passadas são já agora muito aborrecidas, como *abem*, *ajuso*, *acajuso* e *a suso*, e *hogano*, *algorrém* e outras muitas. E porém, se estas e quaisquer outras semelhantes as metermos em mão de um homem velho da Beira ou aldeão, não lhe parecerão mal (...)

(...) também se faz em terras esta particularidade, porque os da Beira têm umas falas e os do Alentejo outras, e os homens da estremadura são diferentes dos de Entre Douro e Minho, porque assim como os tempos assim também as terras criam diversas condições e conceitos.

Grammatica da Lingoagem Portuguesa, Lisboa, reimpressão BN (1981)

Como se percebe a variação era, por esta altura, vista como um desvio ao que se considerava ser o bem falar.⁷ Apenas no século XVIII surgiam as primeiras definições de dialeto (cf. D. Jerónimo Contador d'Argote (1725)), e só na segunda metade do século

⁷ João Franco Barreto refere a existência de “pronúncias bárbaras”; José Inácio Roquete, em 1845, no seu *Código de Bom Tom* (ou *Regras de Civilidade e de Bem Viver no XIXº Século*), afirma: “É muito frequente entre a gente ordinária de Lisboa mudar o *e* em *a* nalgumas palavras: dizem *panha*, *lanha* por *penha*, *lenha*”; “hum modo de fallar a língua Portugueza mao, e viciado, ao qual podemos chamar Dialecto rústico, e dele usa a gente ignorante, rústica, e incivil, e dele he necessário desviar os meninos bem criados” (Idem, 299).

XIX, com Adolfo Coelho (1868), se começou a descobrir sistematicidade no que até aí era apontado como sendo pronúncias desviantes. A variação dialetal começa, então, a merecer o interesse dos estudiosos.

Surgem os trabalhos de Gonçalves Viana (1887), que representam as “primeiras descrições estruturadas dos dialetos de Trás-os-Montes, Alentejo e Açores”, a evidenciar “novos conceitos de língua e dialecto” (cf. Barros Ferreira 1994) e assiste-se, com os primeiros mapas dialetológicos de Leite de Vasconcellos, à primeira tentativa de classificação dos dialetos portugueses.

É esta proposta que começo por apresentar, fazendo depois uma revisão dos restantes trabalhos existentes na literatura sobre a caracterização dos dialetos portugueses.⁸ Como veremos, embora, como já notei, a variação dialetal se traduza em contrastes fonológicos, lexicais, morfológicos e sintáticos, são os aspetos fonológicos e lexicais que, até hoje, têm sido consistentemente estudados e servido de base às propostas de classificação dos dialetos portugueses.⁹

2.2.1. Leite de Vasconcellos ([1893], 1897, 1901, 1929)

Não é raro dizer-se que é com Leite de Vasconcellos, concretamente com a publicação do seu *Mapa Dialectológico do Continente Português* (Vasconcellos, 1893), que nasce a dialetologia científica portuguesa.

Na verdade, os seus primeiros contributos para a dialetologia surgiram ainda antes disso, com o estudo *O Dialecto Mirandez* (Vasconcellos, 1882) e com os trabalhos sobre os dialetos transmontanos que, em 1890, começaram a ser publicados na Revista Lusitana. Mas o *Mapa Dialectológico* destaca-se por constituir a mais antiga tentativa de classificação dos dialetos portugueses. Nele, além de uma descrição feita por Gonçalves Viana, apresenta-se um mapa (reproduzido abaixo), que ilustra a divisão dos dialetos continentais portugueses proposta por Leite de Vasconcellos.

⁸ Há numerosos trabalhos, grande parte dos quais estudos monográficos, sobre falares locais portugueses, centrados, à maneira da tradição dialetológica, essencialmente na fonética e no léxico. Dispensar-me aqui de citar esses trabalhos, pelo facto de querer centrar-me em trabalhos que apresentam propostas de classificação das variedades dialetais portuguesas ou que, de alguma forma, enriquecem consideravelmente as propostas existentes.

⁹ O mesmo se passa noutras áreas geolinguísticas (cf. Kirk et al. 1985).

- b. *sub-dialecto baixo-minhoto* (dentro dele, isola-se a *variedade do Porto* e a *variedade da Póvoa*)
 - c. *sub-dialecto baixo-duriense*
- b) Dialeto de Trás-os-Montes
 - a. *sub-dialecto da fronteira*
 - b. *linguagem de Macedo e Mogadouro*
 - c. *sub-dialecto alto-duriense*
- c) *Dialeto das Beiras*
 - a. *sub-dialecto da Beira ocidental*
 - b. *sub-dialecto alto-beirão*
 - c. *sub-dialecto baixo-beirão*
 - d. *sub-dialecto de Fundão*
- d) *Dialeto meridional*
 - a. *sub-dialecto estremenho* (dentro dele, isola-se a *variedade de Lisboa*)
 - b. *sub-dialecto alentejano* (dentro dele, isola-se a *variedade de Ponte de Sor - Avis* e a *variedade de Olivença*)
 - c. *sub-dialecto do Algarve*.

Paralelamente aos conceitos de *dialecto* e *sub-dialecto*, o autor apresenta ainda a noção de *co-dialecto*: é este termo que usa para se referir ao guadramilês, ao rionorês e ao mirandês. Segundo o autor, estes são *idiomas* que, tal como o galego (também classificado como *co-dialeto*) não têm uma relação tão próxima com o português, a “língua nacional de Portugal que, ao lado dos três últimos idiomas [Mirandês, Riodonorês, Guadramilês], se falla em todo o continente português”.

A *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise* (1901), trabalho posteriormente aprofundado por Paiva Boléo e Lindley Cintra, é outro marco importantíssimo, pois trata-se de uma obra que reúne trabalho de pesquisa de pelo menos 20 anos e que veio a ser considerada o primeiro (e ainda hoje incomparável) estudo de conjunto de variação diatópica do português. É a segunda tentativa de classificação dos dialetos portugueses. Na *Esquisse*, sua tese de doutoramento, Leite de Vasconcellos apresenta, sem incluir mapas, uma proposta próxima da apresentada no *Mapa Dialectológico*, com divergências apenas a nível da descrição que faz dos *sub-dialectos*. Nela segue, em linhas gerais, o que propõe em 1894 na *Carta Dialectológica de Portugal Continental* relativamente ao

português continental¹⁰ (que por sua vez é o que já havia proposto no *Mapa Dialectológico*), continuando a distinguir os mesmos quatro grandes grupos de dialetos para o português continental:

- a) Dialeto interamnense
- b) Dialeto transmontano
- c) Dialeto beirão
- d) Dialeto meridional

Apenas são introduzidas novidades relativamente aos *sub-dialectos* e *variedades*. Eis as principais divergências:

- a) O dialeto transmontano passa a dividir-se em raiano, alto-duriense, ocidental e central;
- b) O dialeto beirão passa a compreender apenas o *sub-dialecto* alto-beirão, baixo-beirão e ocidental;

Uma terceira proposta (com contornos mais aprofundados mas não necessariamente mais acertados, tal como sugerem as críticas e revisões de outros autores¹¹) surge em 1929, aquando da reedição, no IV volume dos *Opúsculos*, do *Mapa Dialectológico* de 1893-1897. Esta proposta continua, em linhas gerais, a seguir a divisão do primeiro trabalho, mantendo-se pois a distinção entre os quatro grandes grupos de dialetos anteriormente identificados: *dialecto interamnense*, *dialecto transmontano*, *dialecto beirão* e *dialecto meridional*.

Sobre o *Mapa Dialectológico* – lembremos, a primeira proposta de classificação dos dialetos portugueses – dizia Cintra, em 1971, ser “ainda hoje perfeitamente aceitável”. Mesmo atualmente, mais de um século depois, a divisão proposta por Leite de Vasconcellos continua a fazer sentido, como ficará claro nesta tese.

¹⁰ Acrescenta-lhe os «dialectos insulares» (em que distingue Açores e Madeira), os «dialectos do ultramar», os «dialectos crioulos» e o «português dos judeus», e mantém os «codialectos portugueses» (codialeto galego, codialeto riodonorês, codialeto quadramilês, codialeto mirandês).

¹¹ Entre esses ajustes conta-se, por exemplo, o isolamento das áreas de Boticas, Alijó e Felgueiras e Peso da Régua.

2.2.2. Boléo e Silva (1959, 1962)

Partindo de um novo e louvável conjunto de dados linguísticos, surge, em 1959,¹² outra proposta de classificação dos dialetos portugueses, pela mão de Paiva Boléo e Maria Helena Santos Silva: o *Mapa dos dialectos e falares de Portugal Continental*. Os autores baseiam este novo mapa nas mais de 2000 respostas que na altura constituíam o ILB (*Inquérito Linguístico Boléo*), um inquérito linguístico por correspondência organizado por Paiva Boléo em 1942 (e cujo material originou, ainda antes da publicação deste mapa, diversos trabalhos monográficos sobre áreas fonéticas e lexicais do português).

Comparativamente à proposta de Vasconcellos, surgem, antes de mais, diferenças terminológicas: aquilo que Vasconcellos tinha designado como *dialectos* aparece, agora, sob a designação de *falares*, e são classificados como dialetos o guadramilês, o rionorês e o mirandês (que Vasconcellos considerava *co-dialectos*), e ainda o barranquenho. Relativamente à divisão dialetal agora sugerida, os autores identificam seis grandes grupos de dialetos (ou falares, de acordo com a sua designação), que segundo os mesmos se subdividem da seguinte forma:

1) Falar minhoto

- minhoto central; alto-minhoto; baixo-minhoto; minhoto oriental

2) Falar transmontano

- “subfalares” transmontano ocidental; transmontano central; transmontano oriental

3) Falar beirão

- beirão ocidental; beirão oriental

4) Falar do Baixo Vouga e Mondego

5) Falar de Castelo Branco e Portalegre

- “subfalar” de Castelo Branco; “subfalar” de Portalegre

6) Falar Meridional (cobre a Estremadura, Alentejo e Algarve)

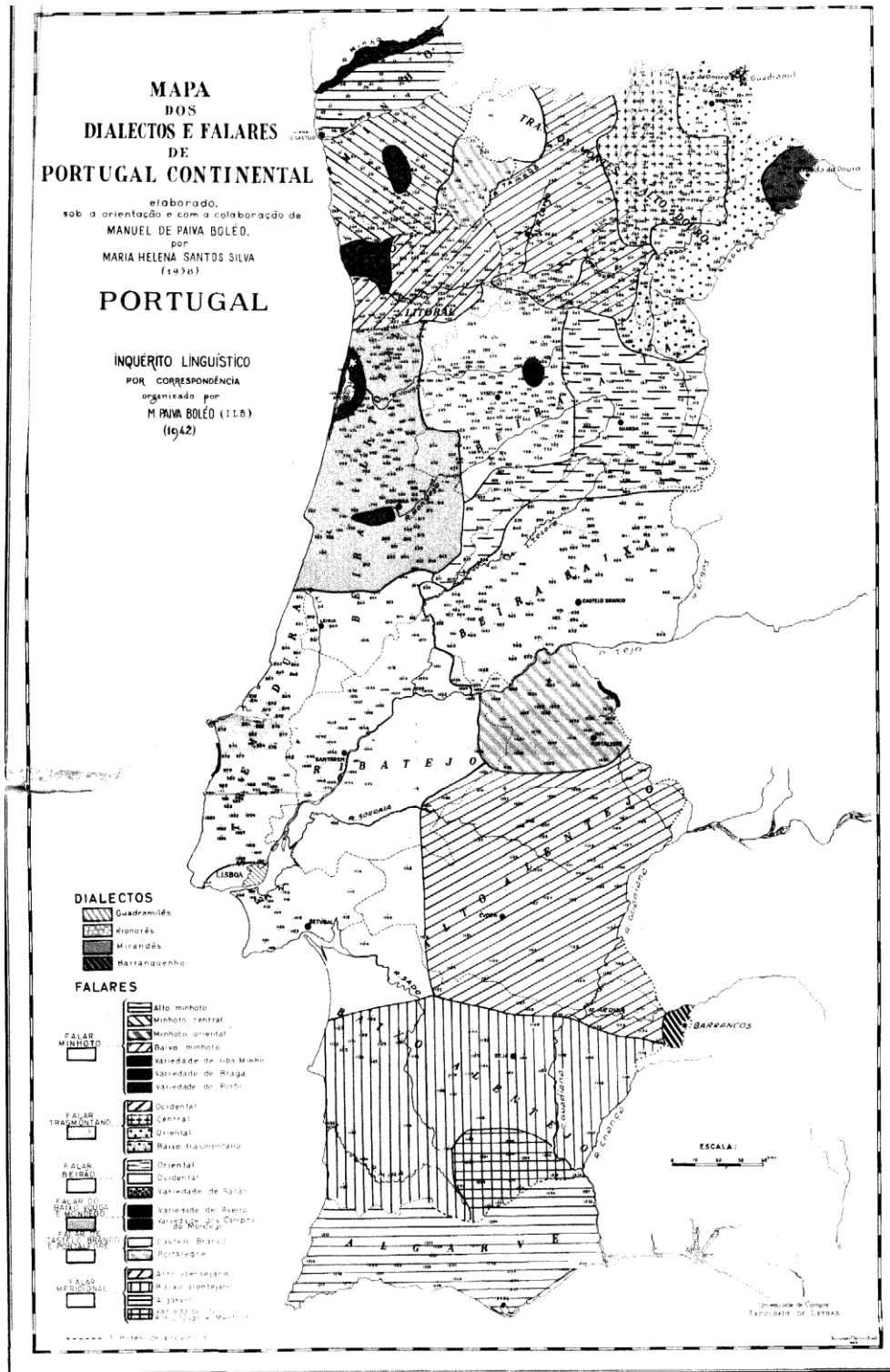
- alentejano (alto-alentejano e baixo alentejano); algarvio (“subfalar” algarvio)

Para o falar minhoto, os autores isolam ainda a “variedade de Riba-Minho”, no alto-minhoto; a variedade de Braga, no minhoto central; e a variedade do Porto, no baixo-minhoto. Apontam também a variedade de Sátão, no falar beirão ocidental, as variedades

¹² A primeira publicação do mapa ocorre em 1959, no *Atlas de Portugal* de Amorim Girão, tendo surgido uma segunda versão, a cores, em 1962, nas Actas do IX Congresso Internacional de Linguística Românica.

de Aveiro e Campos do Mondego, no falar do Baixo Vouga e Mondego, e a variedade de Almodôvar e Mértola, no falar baixo-alentejano.

É de notar, ainda antes de considerar mais detalhes da proposta ou de lembrar eventuais críticas que lhe tenham sido apontadas, que esta classificação não é, na sua base, muito diferente da de Vasconcellos. Continua a identificar-se uma área relativa ao Minho (próxima da que Vasconcellos identificou para o “Dialecto de Entre Douro e Minho”), isolam-se novamente dialetos de Trás-os-Montes e das Beiras (como Vasconcellos já havia sugerido), e em ambas as propostas se identifica uma área mais extensa correspondente ao grupo dos dialetos meridionais, abrangendo a Estremadura, o Alentejo e o Algarve. Nesta nova proposta há, contudo, duas novas zonas identificadas: a) uma correspondente à área de Baixo Vouga e Mondego (Vasconcellos integra parte dessa área no dialeto das Beiras, incluindo outra parte no dialeto meridional, concretamente no “sub-dialecto” estremenho”; o autor marca a região entre esses dois dialetos como “zona ainda não estudada”); b) outra área que abrange Castelo Branco e Portalegre (zonas identificadas em Vasconcellos com sub-dialectos das Beiras).



Mapa 3: Mapa dos Dialectos e Falares de Portugal Continental

Mesmo não existindo uma coincidência entre o traçado das fronteiras de ambas as propostas (inexistência essa, aliás, que não surpreende nem nos estudos de dialetologia contemporâneos, já que se sabe que a delimitação das fronteiras é extremamente variável,

por ser muito dependente dos traços observados em cada trabalho), parece relevante o facto de não divergirem substancialmente nas divisões dialetais que sugerem.

Sobre as componentes gramaticais que serviram de base a esta proposta, dizem os autores que “[o]s limites foram principalmente assentes sobre fenómenos fonéticos, [visto serem mais expressivos, para a delimitação de fronteiras dialectais, que os de natureza lexical], embora tivessem sido também tomados em conta os aspectos morfológicos e sintáctico, e sobretudo o vocabulário”. E explicam, no início do trabalho, que consideram especialmente os seguintes fenómenos: a) vocalismo; b) consonantismo, c) ditongos d) acento e) morfologia (género, formação do plural, verbos), f) sintaxe g) vocabulário h) fenómenos fonéticos. O que se verifica com a leitura do trabalho é que os fenómenos fonéticos são, efetivamente, a base onde assentam as conclusões desta proposta (as referências à sintaxe, por exemplo, não chegam a ser desenvolvidas).

Os autores referem que a escolha dos traços a considerar incidiu sobre aqueles que fossem capazes de ser sentidos como “mais típicos e distintivos” mesmo por “pessoas alheias a estudos filológicos” (cf. Boléo e Silva 1962: 93). Acrescentam que procuram identificar “traços gerais, comuns a uma região”, “traços limitados a uma sub-região” e “traços comuns a uma zona limítrofe”.

Sobre isto, Cintra (1971) tece alguns comentários merecedores de atenção. Este dialetólogo aponta, por um lado, falhas na “escolha e hierarquização dos traços”, que considera serem “de muito desigual valor distintivo”, e que diz muitas vezes encontrarem-se “simultaneamente em regiões muito diversas” (cf. Cintra 1971: 6). Nota, por outro lado, a não inclusão de traços que seria pertinente observar, por terem mostrado “relevância indiscutível” e “reconhecida pelos estudiosos anteriores”. E salienta, ainda, a não identificação, ao longo do texto, de traços que subjazem à identificação de algumas variedades e *subfalares*.

Barros Ferreira (1994) menciona tratar-se de uma “visão atomizada”, criticando, também, o facto de não existir “nem a hierarquização de características nem a simplificação que se obtém através de uma selecção de traços verdadeiramente importantes que se apresentem em oposição binária” (cf. Barros Ferreira 1994: 113). Segundo esta autora, contudo, a principal falha da proposta consiste “no facto de as suas isófonas terem sido elaboradas a partir dos inquéritos por correspondência – quando é evidente que inquéritos por correspondência nunca podem fornecer dados de natureza fonética.”

Independentemente de se concordar ou não com estas críticas, o que é pertinente notar neste trabalho é que a divisão proposta por estes autores (ainda que com ajustes necessários), permite, juntamente com outros trabalhos, caracterizar a divisão dos dialetos portugueses. Não parece, pois, descabida a própria conclusão a que os autores chegam: corrobora-se “as conclusões a que alguns linguistas e geógrafos já haviam chegado”, e que a “realidade linguística não se situa à parte da realidade geográfica”.

2.2.3. Cuesta e Luz (1961 e 1971)

Na sua *Gramática Portuguesa*, Cuesta e Luz apresentam uma proposta notoriamente mais simples. Distinguem entre um português “popular” e aquilo a que chamam “línguas fronteirizas”. Sob esta última designação incluem, por exemplo, o riodonorês, o “falar de Quadramil”, o mirandês e o “falar de Barrancos”¹³ – que Boléo e Silva tinham classificado como “dialectos” e Vasconcellos como “co-dialectos” (excetuando o barranquenho, sobre o qual o autor apenas diz ser uma “língua muito especial” do Baixo-Alentejo). No que diz respeito ao português continental, referem as autoras que há “três vastas zonas dialectais”, que isolam o Norte, o Centro e o Sul:

- a) Minho, Douro e Trás-os-Montes
- b) Beiras (zona que, segundo as autoras, não é “senão de transição”¹⁴)
- c) Estremadura, Ribatejo e Algarve

Não há referência a zonas dialetais menores dentro destas três áreas, e não se apresenta nenhum mapa que ilustre a divisão proposta.

No que toca aos aspetos considerados para estabelecer esta divisão, as autoras começam por referir traços fonéticos (como a natureza das sibilantes, a pronúncia bilabial do /v/ e o “ditongo arcaico” “ui” por “u”). Reservam algumas linhas a fenómenos morfossintáticos e lexicais, que não são, no entanto, muito desenvolvidos.

¹³ E ainda o galego, o falar de Ermesinde, o sendinês, o falar de Alamedilha, os falares de S. Martín de Treveja, Eljas, Valverde del Fresno e o falar de Olivença.

¹⁴ Boléo e Silva defendem uma ideia semelhante relativamente aos dialetos a sul do Minho e Trás-os-Montes, “cujos limites mais custaram a precisar”, possivelmente por tratar-se, como os autores referem de uma “zona de transição.” (cf. Boléo e Silva 1962: 98).

2.2.4. Cintra (1971)

Sobre a *Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses*, que surge em 1971 e tem sido, desde então, o trabalho de referência na caracterização dos dialetos portugueses, diz o seu autor o seguinte:

afasta-se das [propostas] anteriores (...) por admitir como necessária uma consciente e voluntária tentativa de simplificação, assente numa selecção prévia e numa hierarquização de um número relativamente pouco elevado de traços fonéticos entre os muitos de que nos podemos servir para caracterizar os dialectos ou falares portugueses. (...) Afasta-se ainda das anteriores (...) ao considerar o território linguístico galego-português no seu conjunto

Cintra 1971: 7

É este esforço de simplificação, anunciado logo nas primeiras páginas do seu trabalho, que Cintra persegue na concretização da proposta. As suas fontes são o material recolhido entre 1953 e 1954 para o Atlas Linguístico da Península Ibérica (ALPI) – um total de 92 inquéritos – e ainda notas que tomou no decurso de “excursões dialetais” com os seus alunos universitários. Para os dados relativos ao galego, o filólogo considerou trabalhos de Alonso Zamora Vicente sobre dialetologia galega. Partindo destes dados, e de um ponto de vista fonético, Cintra diferencia três grandes zonas dialetais:

- a) os dialetos galegos
- b) os dialetos portugueses setentrionais
- c) os dialetos portugueses centro-meridionais

A primeira grande distinção é entre o português e o galego. Essa diferenciação assenta sobretudo no facto de o galego não possuir fricativas vozeadas, por oposição ao português, que apresenta sibilantes sonoras.

No que toca aos dialetos portugueses, eis os traços fonéticos que Cintra aponta como sendo os realmente sentidos como diferenciadores e que serviram, pois, de base à sua proposta:

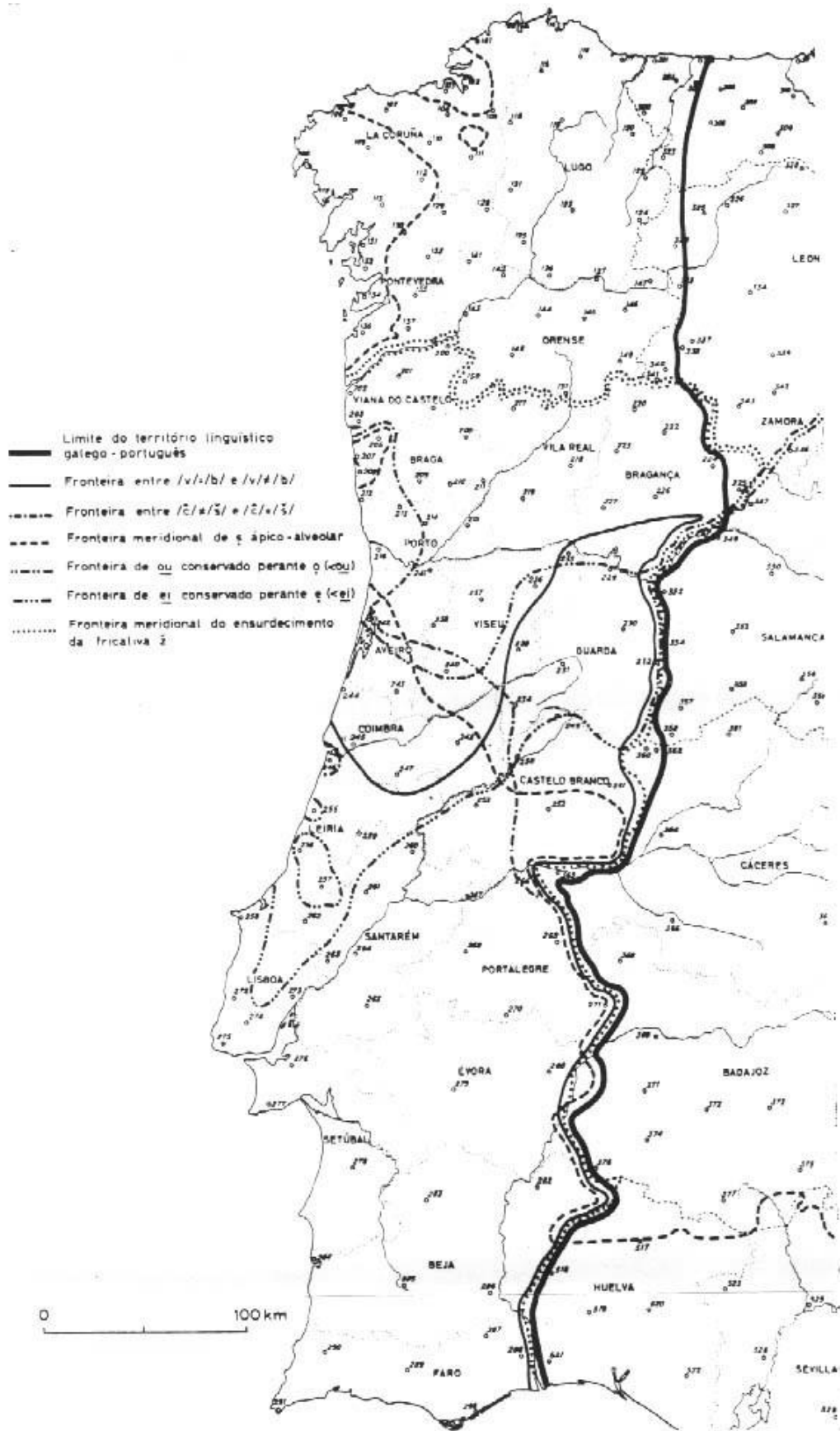
1. Ausência de distinção fonológica entre /b/ e /v/
2. Realizações apicoalveolares das consoantes sibilantes /s/ e /z/

3. Manutenção do fonema africado pós-alveolar surdo [tʃ], representado pelo grafema <ch>
4. Conservação do ditongo [ow] (em oposição à monotongação em [o])
5. Monotongação do ditongo [ei]

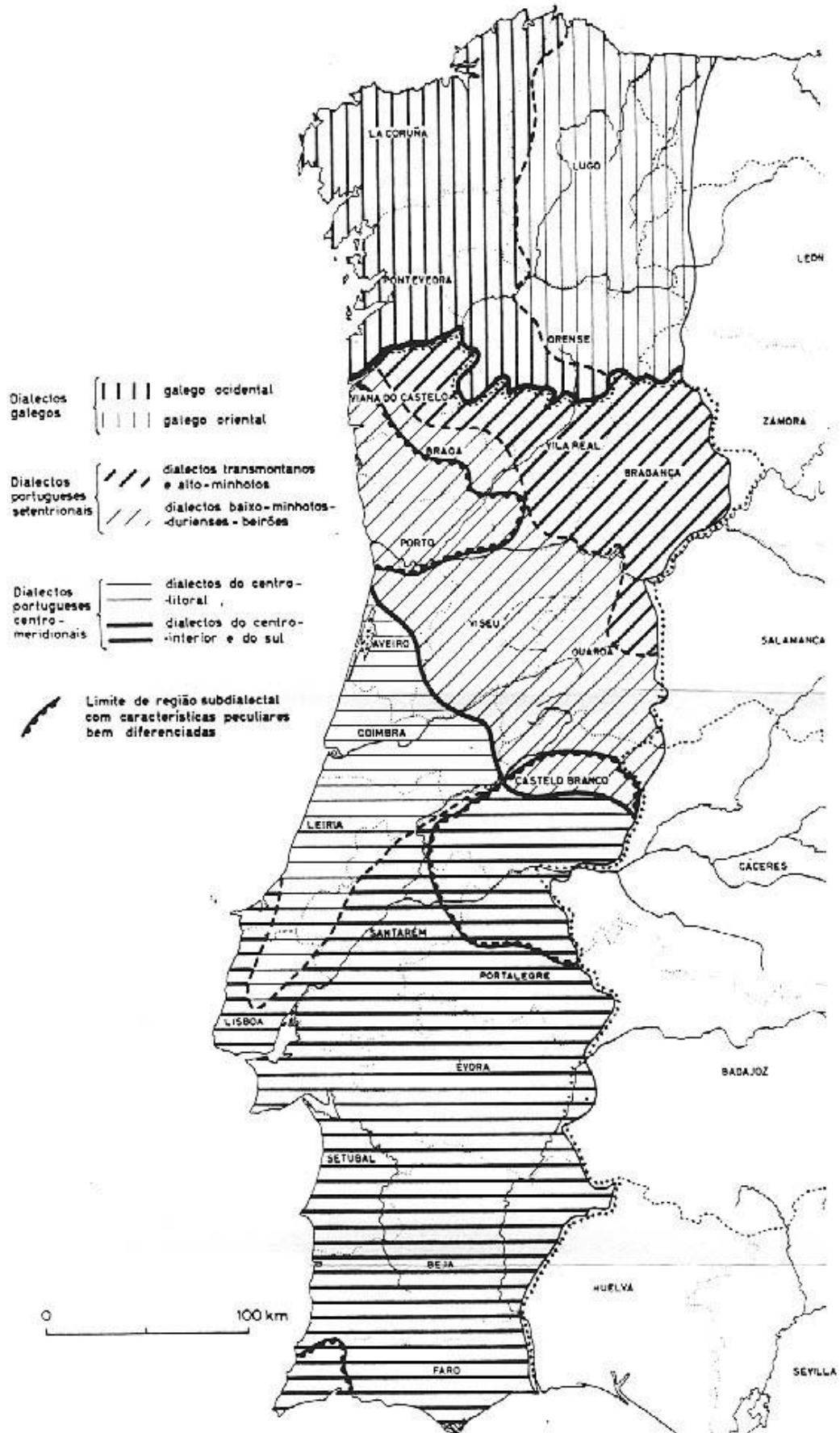
A observação destes traços fonéticos permitiu ao autor dividir o país em apenas duas grandes áreas, correspondentes a um Norte e um Sul.

Essa distinção entre dialetos setentrionais e dialetos centro-meridionais foi estabelecida a partir da presença ou ausência da consoante apical. A consideração dos outros traços possibilitou subdividir essas duas grandes áreas em áreas mais pequenas e traçar fronteiras entre dialetos. Assim, no grupo dos dialetos setentrionais, Cintra distingue entre os dialetos transmontanos e alto-minhotos – que mantêm o sistema arcaico de quatro sibilantes (apicais e predorsodentais) – e os baixo-minhotos, durienses e beirões – que neutralizam essa oposição.

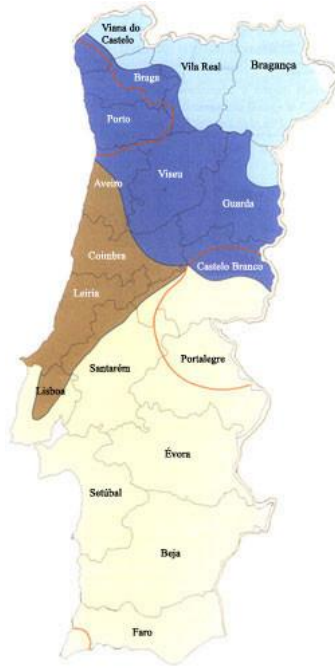
Relativamente aos dialetos centro-meridionais (toda a área que se isola por apresentar apenas duas sibilantes predorsais), também é possível encontrar subdivisões: uma área que mantém o ditongo [ej] – o Centro Litoral – e uma área que o reduz a /e/ – Centro Interior e Sul. Dentro desta área, o autor isola ainda as regiões que contêm a vogal [ü] (Castelo Branco, Portalegre e Ocidente Algarvio).



Mapa 4: Isoglossas de Cintra (1971)



Mapa 5: Classificação dos dialetos portugueses de Cintra (1971)



Mapa 6: Divisão dialetal de Cintra 1971 (*apud Segura e Saramago 2001*)

Como comecei por mencionar, trata-se de uma proposta ainda hoje válida e tida como o trabalho de referência nesta área de estudos, que veio a distinguir-se pelo seu assumido esforço de simplificação e pela sua clareza. Contrariamente ao que se passa noutros trabalhos, o autor observa um conjunto relativamente pequeno de traços fonéticos, de modo a conseguir a simplificação desejada. Examinam-se apenas cinco características fonéticas que o autor julga serem sentidas pelos falantes como caracterizadoras das regiões.

Barros Ferreira refere, em 1994, que “esta classificação, sendo clara, elucidativa e correcta nos limites que traça, pode suscitar dúvidas de pormenor mas só poderá ser eventualmente modificada quando estiver publicado o Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza – se ele vier a revelar mudanças nos traçados ou sugerir novas selecções e nova hierarquização de dados” (Barros Ferreira 1994: 115). Os trabalhos de Álvarez (2014, 2015), que revê a proposta de Cintra à luz da dialetologia atual e a confronto com novos dados (cf. ponto 2.3.2), evidenciam algumas falhas da *Nova Proposta* mas revelam, contudo, que continua a tratar-se de um trabalho válido na contemporaneidade. Idênticas são as conclusões de Brissos (2015, 2016, 2020) e Brissos e Rodrigues (2018) – cf. secções 2.3.4, 2.3.5 e 2.3.6.

2.2.5. Cintra (1962)

As propostas de divisão dialetal vistas até aqui têm em comum o facto de todas elas sustentarem a diferenciação dos dialetos em elementos de natureza fonética e fonológica. Contam-se, também, vastos trabalhos que partem de contrastes lexicais para essa distinção: o léxico, sendo um dos níveis da gramática onde a variação é mais facilmente sentida, tem consequentemente sido bastante estudado numa perspetiva de Geografia Linguística.

A primeira recolha de vocabulário dialetal de que há registo deve-se a Rafael Bluteau, ainda no século XVIII.¹⁵ É também possível encontrar informação sobre variação lexical nas numerosas monografias existentes sobre falares dialetais que foram sendo realizadas,¹⁶ mas é sobretudo de destacar, neste domínio, os trabalhos de Herculano de Carvalho (1953), novamente os trabalhos de Cintra (Cintra 1962), e os de Orlando Ribeiro (1965). Começam entretanto a merecer destaque os trabalhos desenvolvidos pelo Grupo de Variação do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa,¹⁷ sendo também de mencionar os contributos da Universidade de Coimbra (cf., por exemplo, Pinto 1983).

Neste campo, o pertinente estudo que Cintra apresenta em (1962) é um dos mais notáveis. É por ele que começo, passando depois para a exposição de trabalhos posteriores, igualmente relevantes, que contribuem para a delimitação de áreas lexicais no território português.

Com base nas respostas obtidas em 77 pontos do ALPI que inquiriu entre 1953 e 1954, Cintra identifica, em 1962, um conjunto de áreas lexicais no território português. O facto de a rede de pontos que considerou ser fraca leva, como o próprio assume, a que a localização e delimitação das áreas dos vários tipos lexicais seja apenas aproximada (cf. Cintra 1962: 58).

Seja como for, com base na distribuição geográfica de oito conceitos relacionados com a criação de gado (*ordenhar, úbere da vaca, soro, fêmea estéril, cria da ovelha, cria da cabra, maçaroca e queixo*) o autor realizou um trabalho pioneiro e conseguiu chegar a uma divisão dialetal que merece ser tida em conta.

¹⁵ Cf. “Vocabulário de palavras e modos de falar do Minho e Beira” (1728), trabalho incluído num suplemento ao *Vocabulário Português e Latino*, do mesmo autor.

¹⁶ Muitas delas são dissertações de licenciatura das universidades de Coimbra e Lisboa. Grande parte desses trabalhos estão referenciados no volume *Bibliografia Dialectal galego-portuguesa*, CLUNL/INIC, Lisboa 1976.

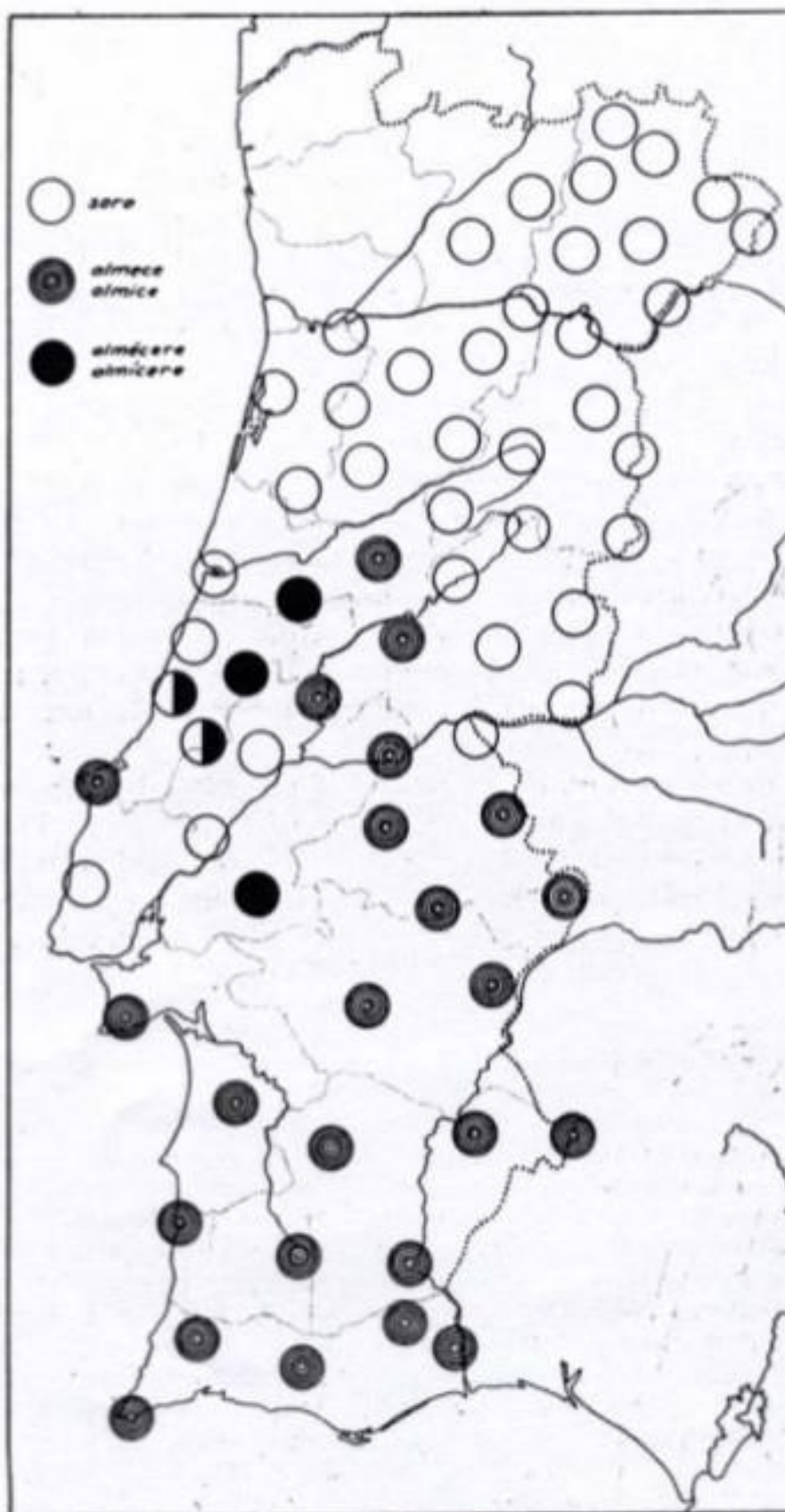
¹⁷ Cf., entre outros, Vitorino (1987), Saramago (1986), Segura da Cruz (1987), Barros Ferreira (1987) e, mais recentemente, Álvarez e Saramago (2012).

Cintra apresenta, para cada um dos oito conceitos estudados, um mapa com a distribuição geográfica das várias designações encontradas, observando-se em todos eles delimitações geográficas relativamente bem definidas. O que acaba por ser interessante neste estudo é que considerando, em conjunto, esses oito mapas, consegue-se perceber claras relações entre as várias áreas apresentadas e extrair algumas conclusões gerais.

Assim, como o próprio afirma, é possível “distinguir vários esquemas de distribuição das palavras sinónimas”, ou seja, é possível identificar vários tipos de áreas dialetais. São elas as seguintes:

a) “oposição entre um Norte e um Sul de Portugal”

Uma das primeiras conclusões de Cintra é que a pergunta que H. de Carvalho fazia a si próprio sobre se existiria, “quanto ao léxico, uma oposição entre um «português do Norte» e um «português do Sul» encontra resposta nos dados do seu Mapa 3. Diz-nos Cintra que esse autor concluía que tal oposição não se observava, “a não ser, talvez, quando no Sul corresponde a determinado conceito uma palavra árabe que se opõe à palavra latina que persiste no Norte” (cf. Cintra 1962: 89). No entanto, o que revela o mapa relativo a “soro” (Mapa 3 de Cintra) é, precisamente, esse tipo de oposição. Distingue-se “entre um Norte e um Sul de Portugal, quando a uma designação latina de um objecto se opõe nos falares meridionais uma designação árabe”. Tendo em conta que se trata de uma oposição inexistente em qualquer dos outros mapas, Cintra conclui, na linha do que H. de Carvalho já assumia, que se tratará de “um tipo certamente apenas esporádico de estruturação do léxico português”. Podendo, efetivamente, ser esse o caso, não deixa de ser curioso notar que é uma oposição já bem notada em caracterizações de base fonética/fonológica e que se repete, desta vez, considerando pistas lexicais.

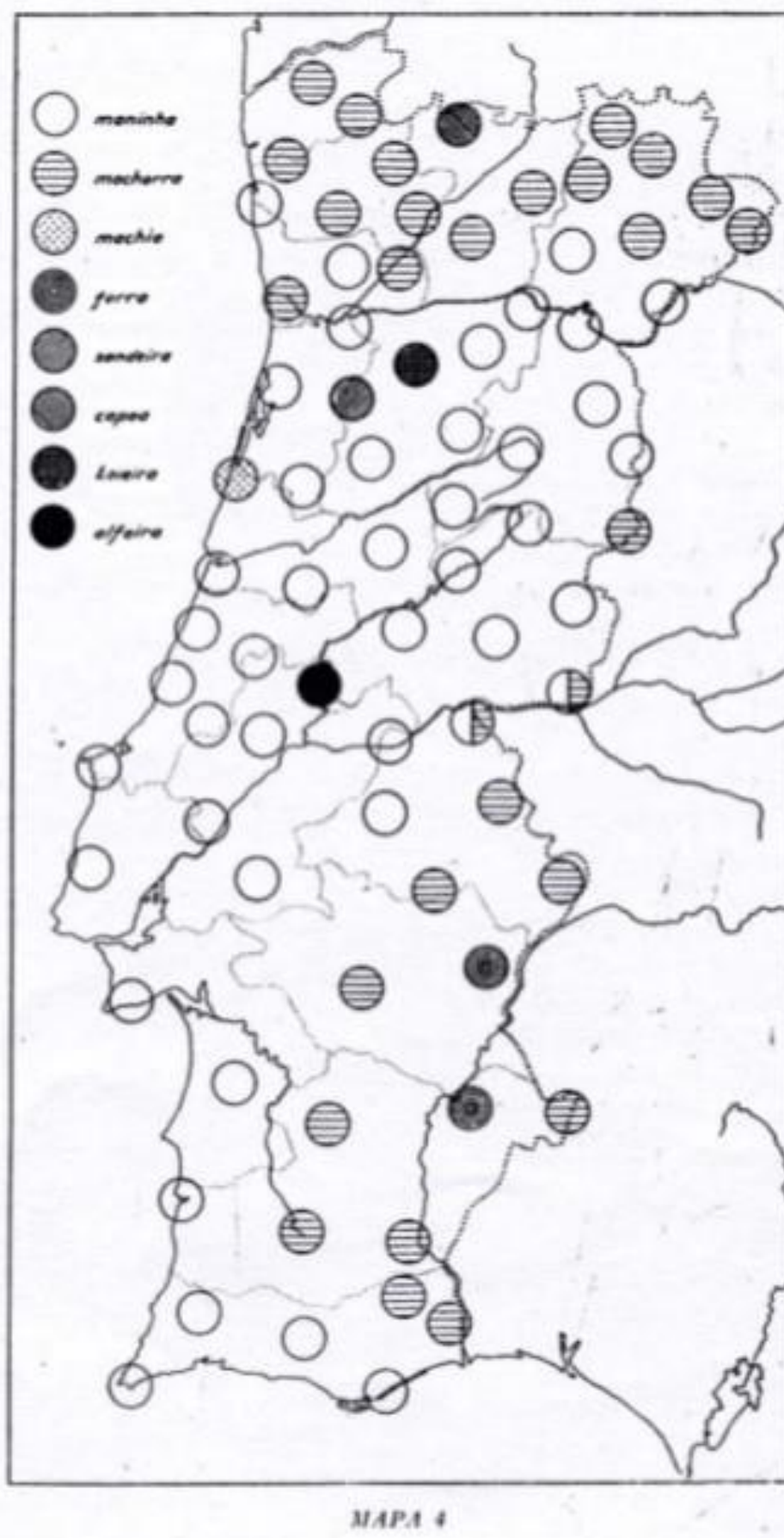


MAPA 3

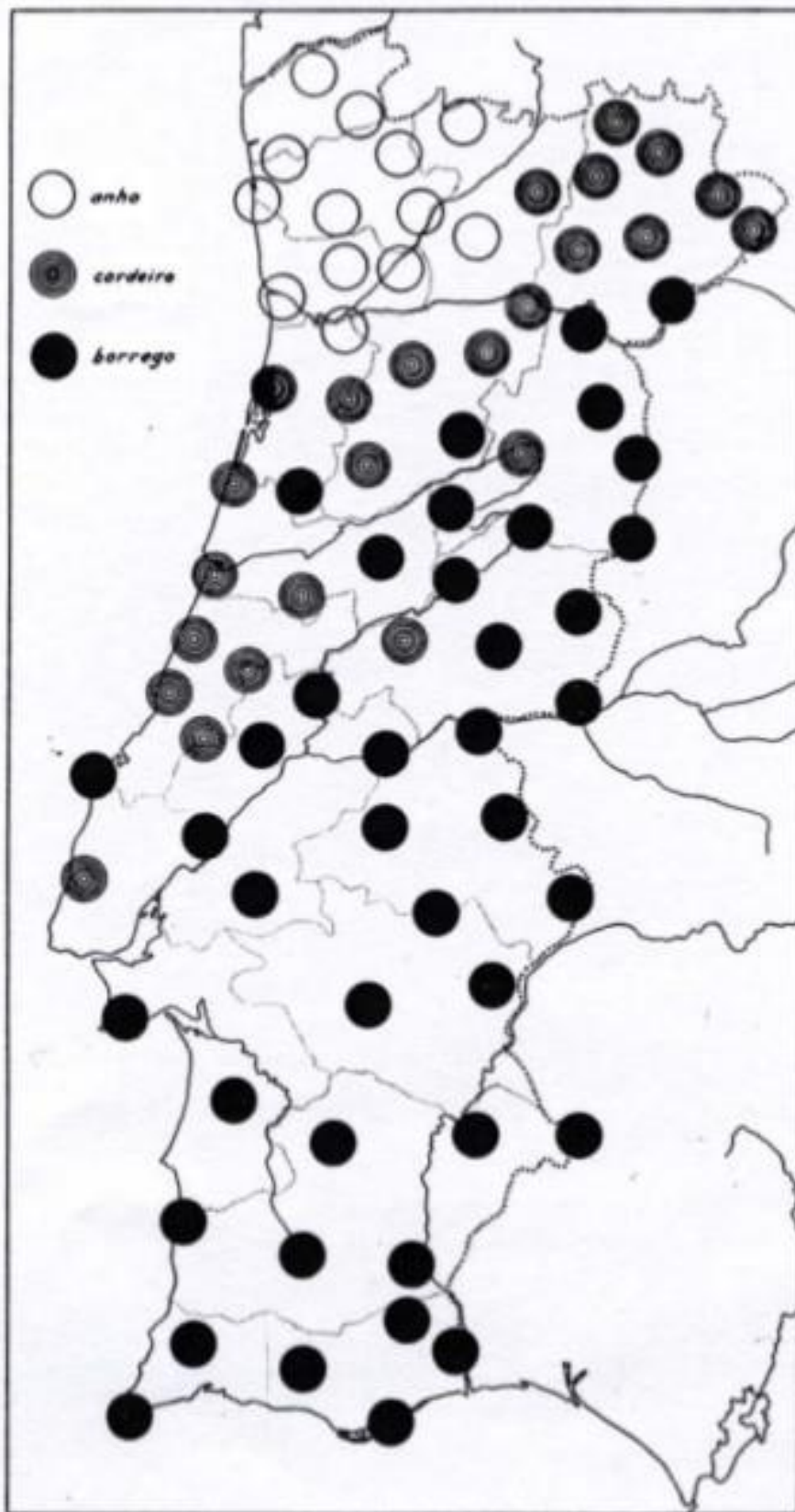
Mapa 7: Mapa 3 de Cintra (1962)

- b) “faixa ocidental, mais ou menos larga, que se estende do Minho até ao Algarve”

Esta é a área que se isola nos mapas 4 e 8 (designações de “fêmea estéril” e “queixo”, respetivamente). Trata-se de uma distribuição claramente diferente da referida interiormente, em que se nota, nessa faixa ocidental, “a persistência de determinado tipo lexical que está a ser combatido por outro, proveniente do centro da Península” (cf. Cintra 1962: 91).



Mapa 8: Mapa 4 de Cintra (1962)



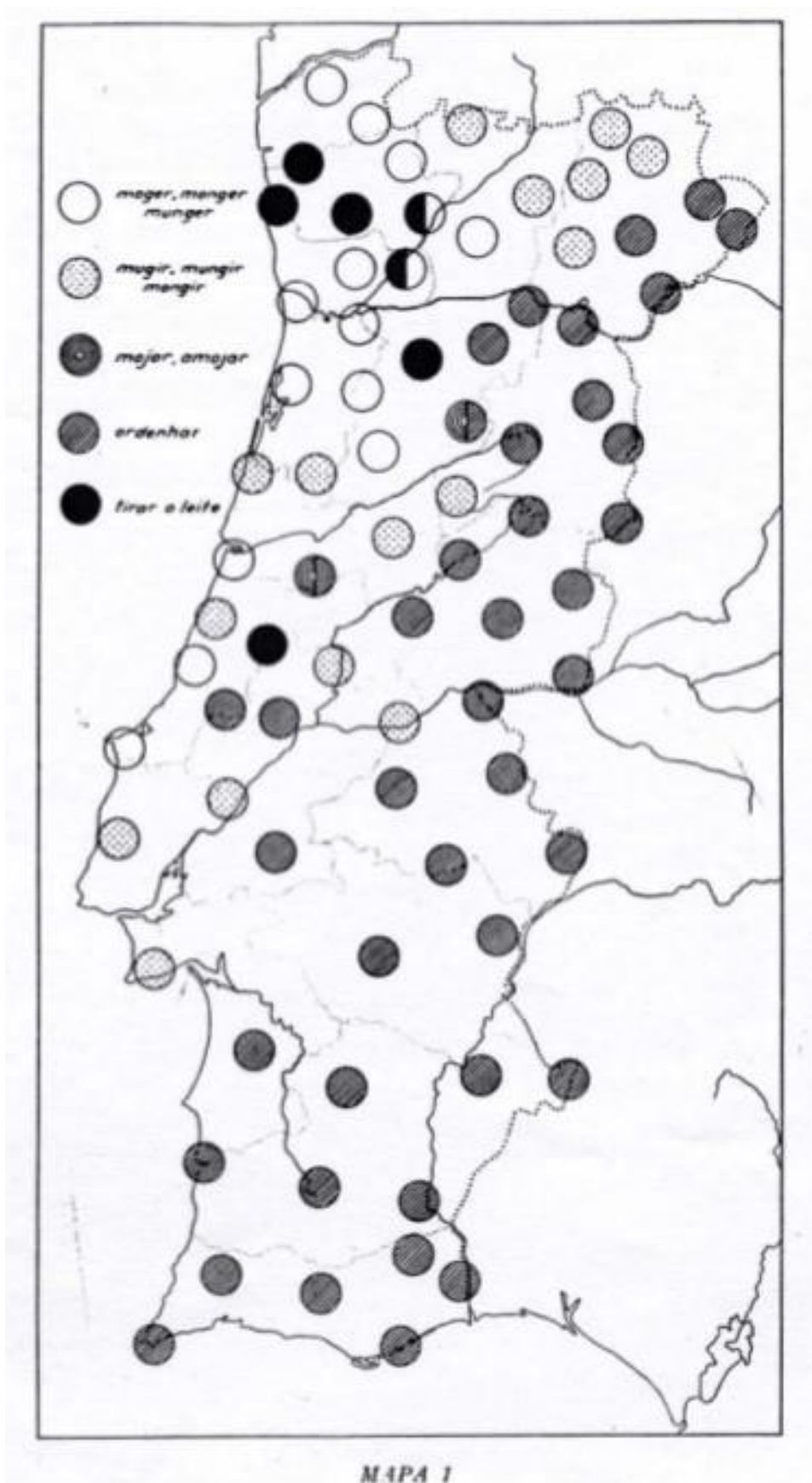
MAPA 5

Mapa 9: Mapa 5 de Cintra (1962)

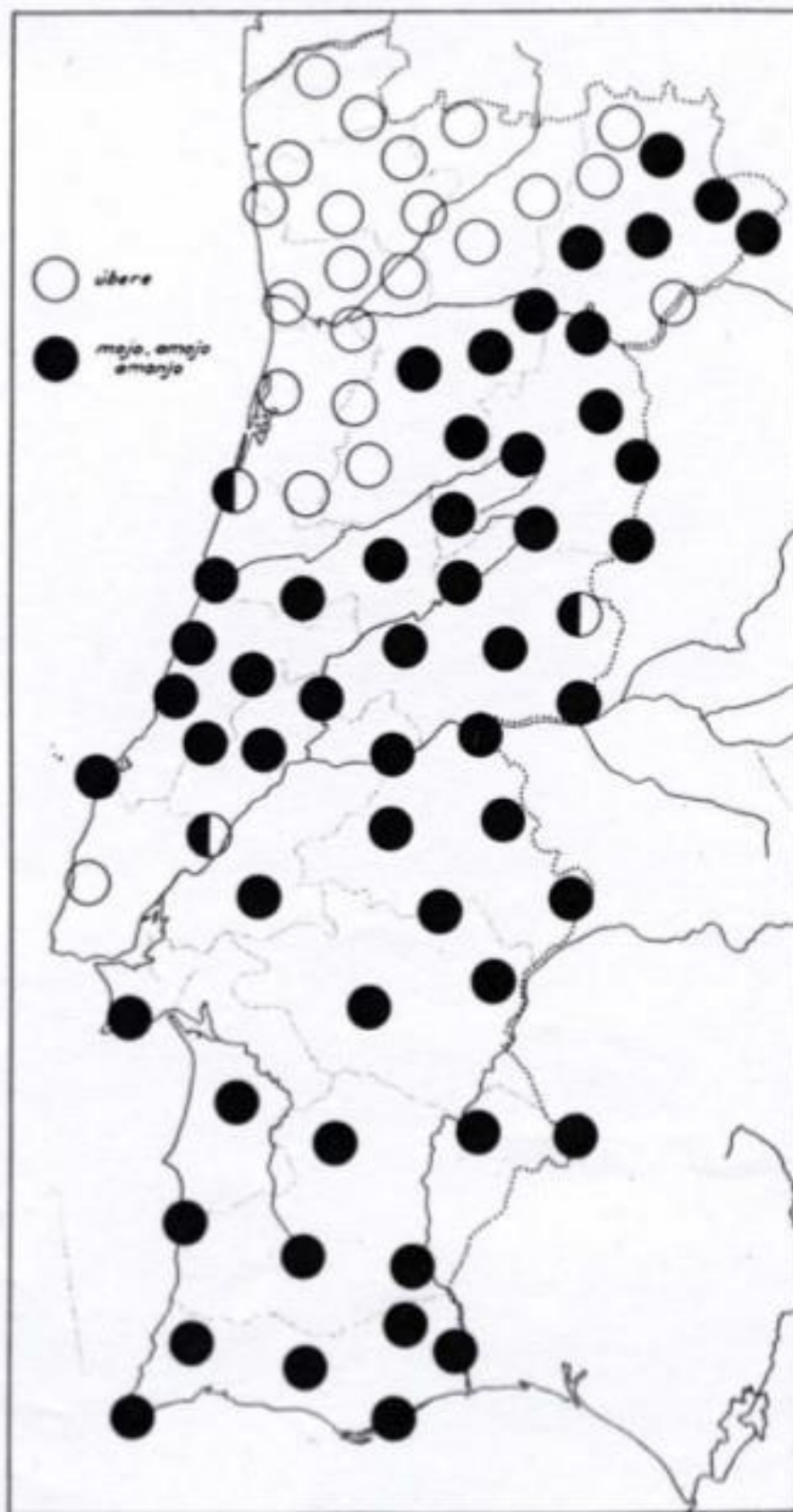
- c) “oposição lexical entre duas regiões: a do noroeste e oeste (...); a do sul, leste e nordeste”

Esclarece Cintra que em todos os outros mapas (*ordenhar* – Mapa 1; *úbere* – Mapa 2; *cria da ovelha* – Mapa 5; *cria da cabra* – Mapa 6; *espiga do milho* – Mapa 7) se observam “características comuns” que, “pela insistência com que se encontram”, merecem alguma atenção. Verifica-se, sistematicamente, uma oposição entre a referida área do Noroeste e Oeste, “mais ou menos estendida para sul e para leste, mas que nunca ou quase nunca ultrapassa, em direcção ao sul, o rio Tejo, e geralmente não atinge, a leste, nem o oriente do distrito de Bragança, nem os distritos da Guarda e de Castelo Branco”, e essa outra área do Sul, Leste e Nordeste, “extensa zona formada por todo o Alentejo e Algarve, pela Beira Baixa, pelo oriente da Beira Alta e pelo leste de Trás-os-Montes”.

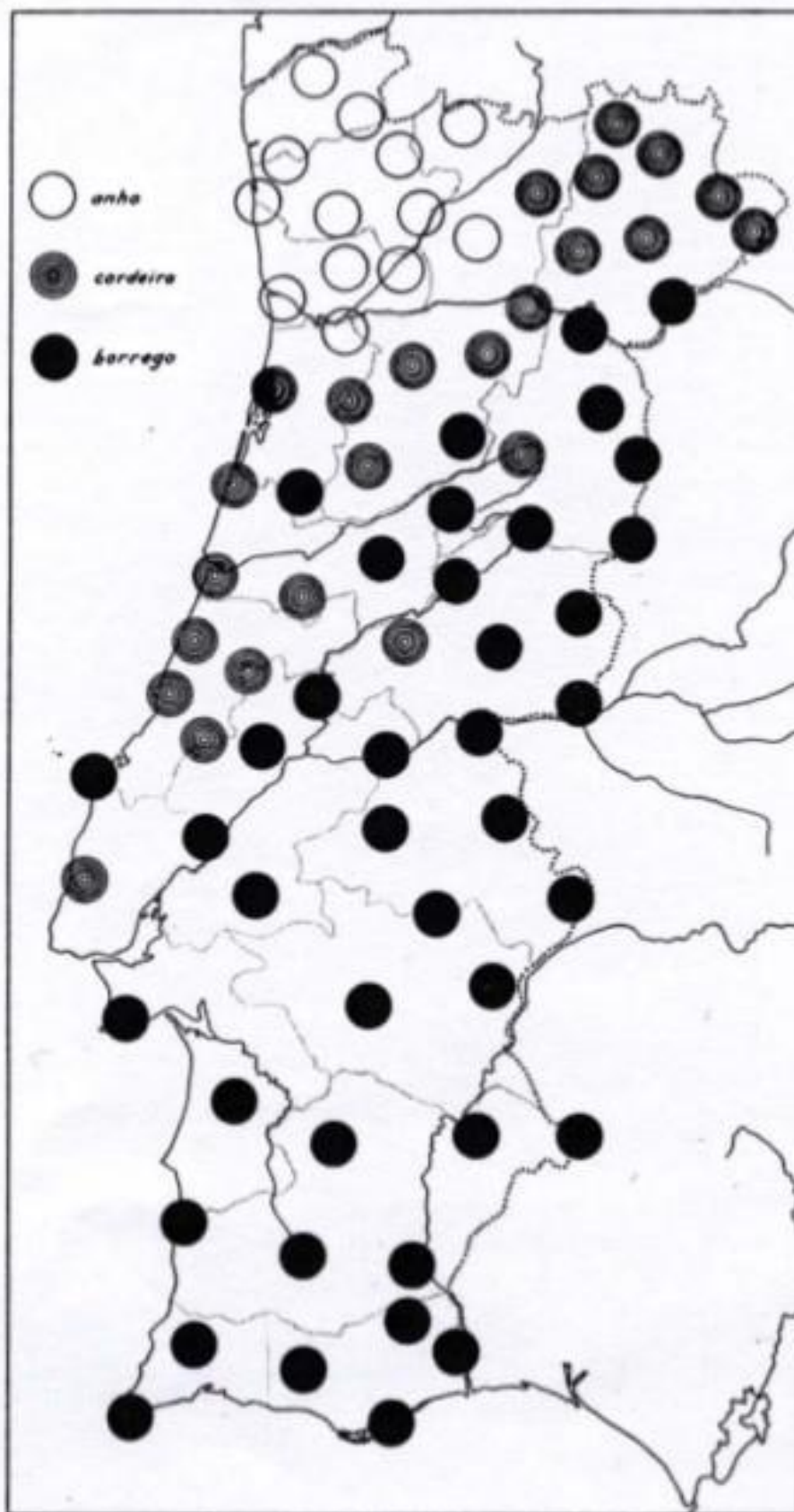
Na primeira área conservam-se, segundo o autor, “tipos lexicais particularmente arcaicos”, caracterizando-se o Sul e o Leste “pela generalização de inovações de vários tipos”. Para essa oposição, o autor consegue apontar justificações históricas, como o facto de a primeira área, que se caracteriza por ser conservadora, ser a que se manteve intensamente povoada entre os séculos VIII e XI, e o facto de a segunda, a tendencialmente inovadora, se ter mantido “intensamente despovoada”, repovoada tardiamente por “população de várias proveniências (...) propensa a criar ou a admitir formas de viver e de falar novas ou modificadas”. Esta oposição é considerada por Cintra “talvez o mais significativo” traço na estruturação lexical do território português.



Mapa 10: Mapa 1 de Cintra (1962)

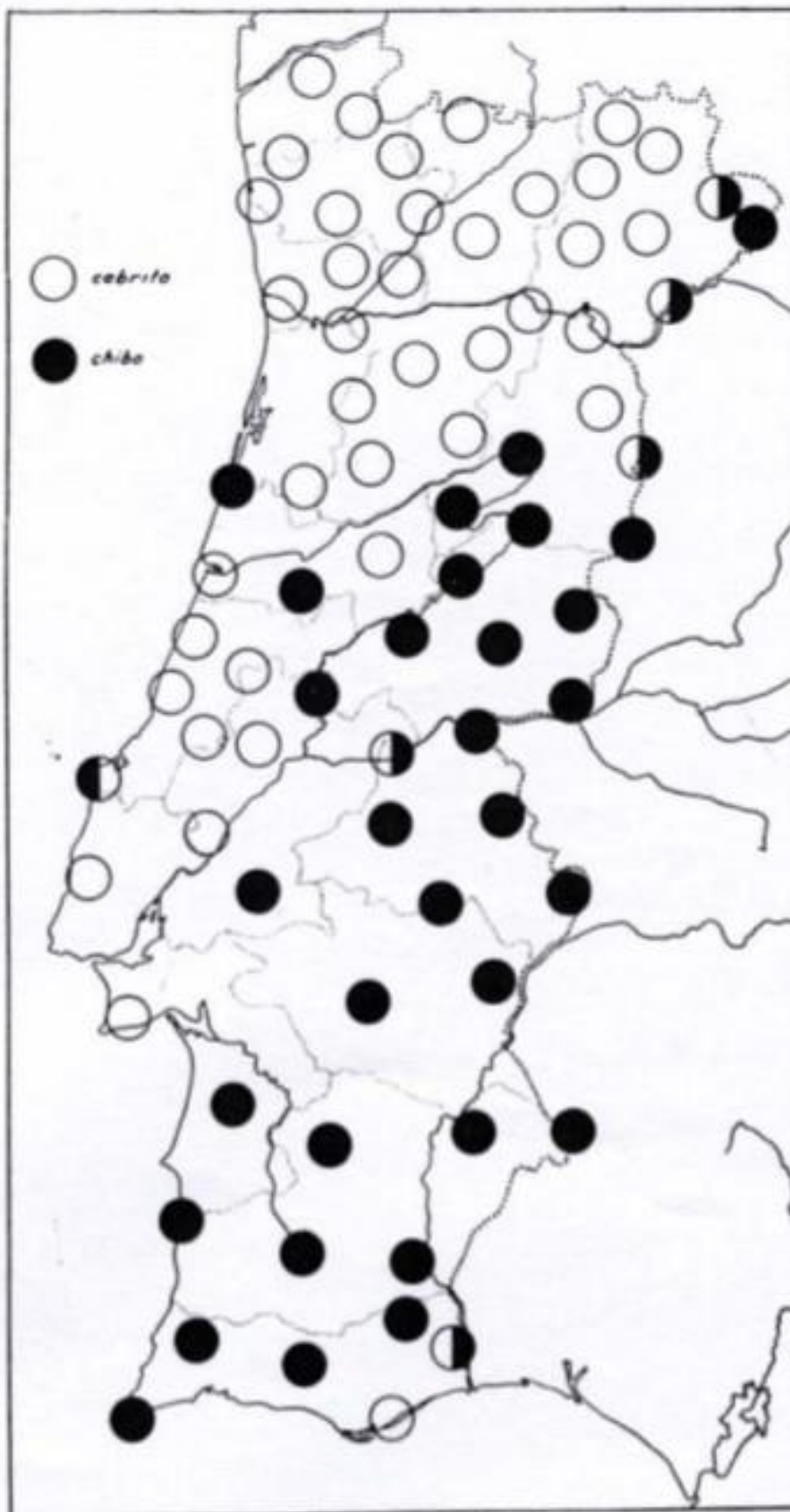


Mapa 11: Mapa 2 de Cintra (1962)



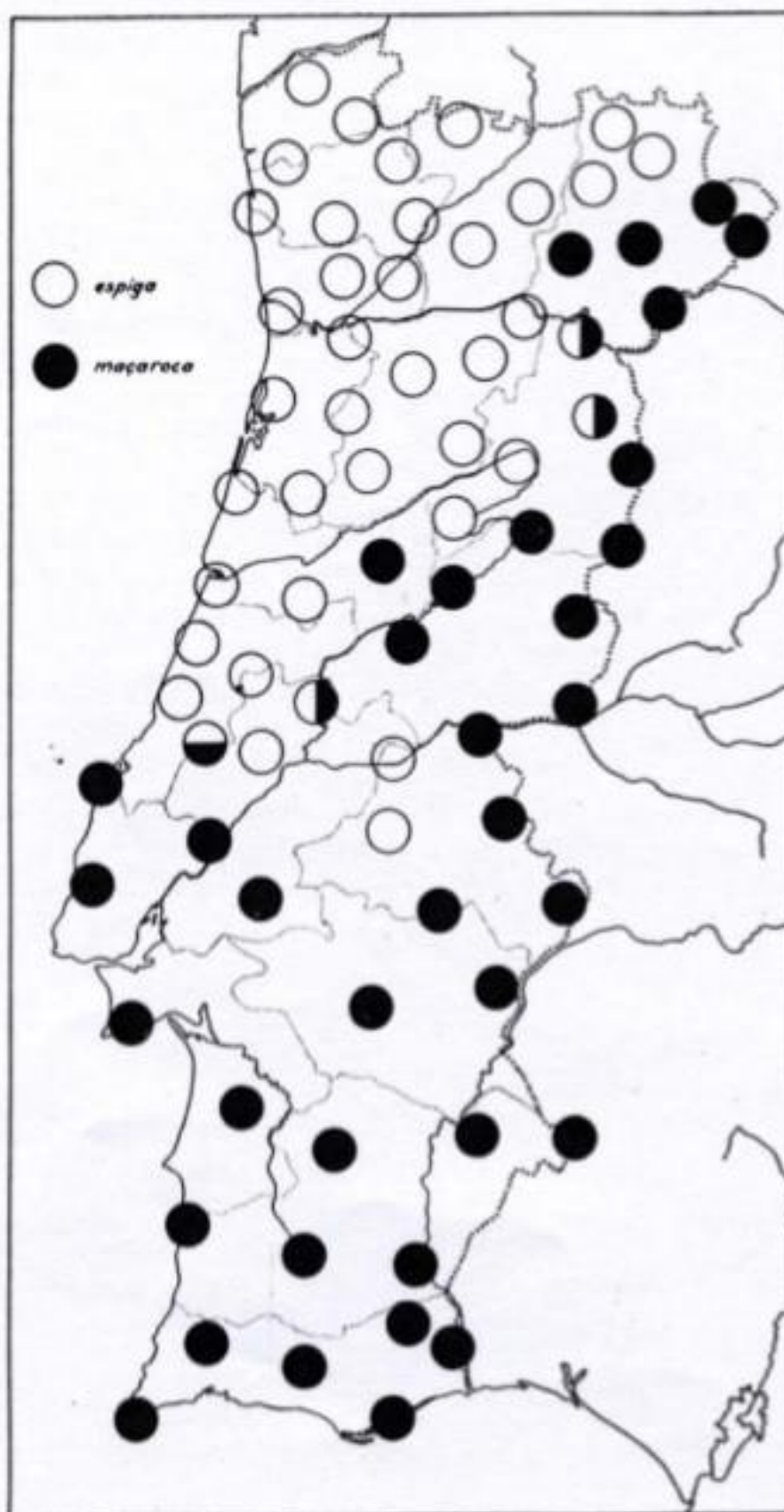
MAPA 5

Mapa 12: Mapa 5 de Cintra (1962)



MAPA 6

Mapa 13: Mapa 6 de Cintra (1962)



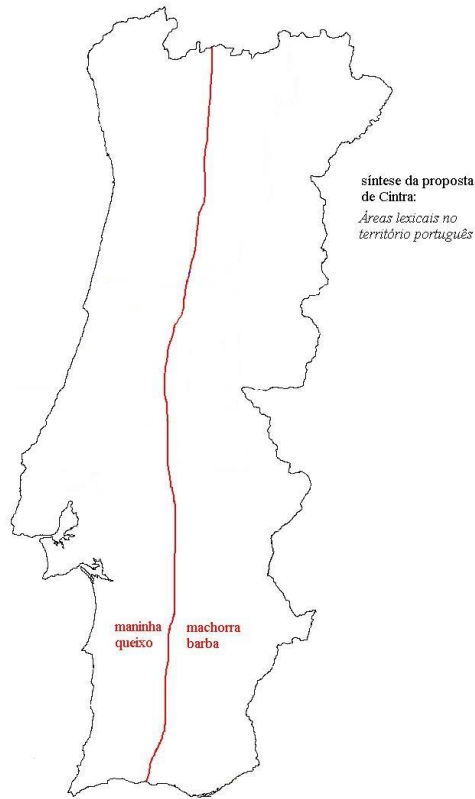
MAPA 7

Mapa 14: Mapa 7 de Cintra (1962)

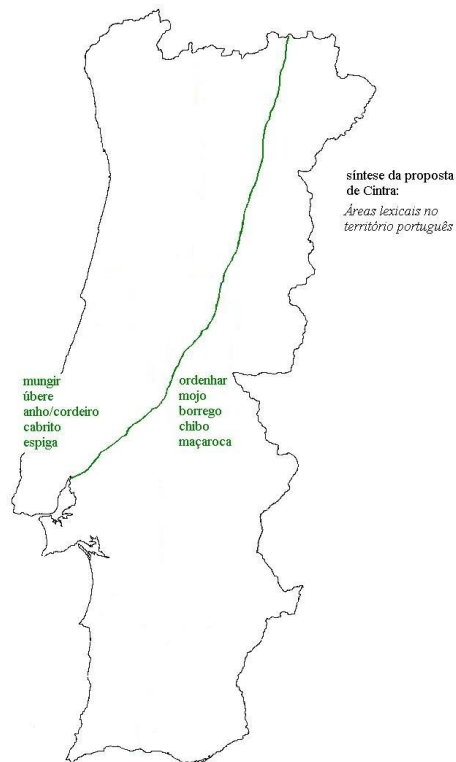
Apresento abaixo 3 mapas, de Álvarez e Saramago (2012), que resumem os 3 tipos de áreas lexicais então identificadas por Cintra (cf. Mapa 15, Mapa 16 e Mapa 17).



Mapa 15: Síntese da proposta de Cintra (1962) - área lexical 1



Mapa 16: Síntese da proposta de Cintra (1962) – área lexical 2



Mapa 17: Síntese da proposta de Cintra (1962) – área lexical 3

2.3. Contributos da dialetologia atual

2.3.1. Álvarez e Saramago (2012)

Em *Um novo olhar sobre áreas lexicais galegas e portuguesas*, Saramago e Álvarez confrontam os resultados de Cintra (1962), baseados em material linguístico dos anos 1953 e 1954, com dados lexicais provenientes do ILB (anos 40) e do ALEPG (1973-2000). Tentam verificar se a proposta de Cintra se mantém válida quando confrontada com outros dados e perceber que tipo de evolução sofreram as áreas identificadas ao longo do período de tempo considerado.

Os autores apresentam uma descrição detalhada daquilo que observam no confronto dos distintos materiais, observação essa que lhes permite concluir que “a divisão em áreas estabelecida por Lindley Cintra continua a ser pertinente “em linhas gerais e, mesmo, nalguns aspetos de detalhe”. Sem serem apontadas grandes discrepâncias, notam, no entanto, em termos de evolução das áreas, alguns retrocessos ou avanços que consideram notáveis (há, por exemplo, uma considerável expansão de “machorra” e de “chibo” e a área de “cabrito” quase duplica).¹⁸

Os autores conseguem também trazer mais luz sobre alguns aspetos menos esclarecidos em Cintra, aspetos esses que o próprio autor já tinha notado como possíveis carências:

- a) referem que “não se recolheram no ALPI algumas designações com apreciável presença no território, especialmente no Sul de Portugal, reduzindo assim a riqueza lexical e dando a impressão, para alguns conceitos, de se tratar duma luta entre duas designações, quando a realidade é mais complexa”;
- b) sublinham a visão “excessivamente estática” implícita nos mapas de Cintra: na rede do ALEPG aparecem vários pontos com resposta dupla, o que não acontece nos mapas de Cintra, contribuindo estes novos dados para se ter uma noção mais precisa relativamente a áreas de transição;
- c) notam que surgem, nos novos dados, “vestígios das formas originárias” nas áreas inovadoras, áreas essas que apareciam como bastante compactas nos mapas de Cintra.

¹⁸ Uma vez que os mapas de Álvarez e Saramago (2012) não revelam nenhuma nova área nem introduzem nenhuma novidade significativa, evidenciando essencialmente aquilo que podem ser considerados ligeiros avanços ou recuos no traçado das fronteiras de Cintra (1962) que não colidem com as áreas identificadas pelo autor, não reproduzo aqui os referidos mapas.

2.3.2. Álvarez (2014, 2015)

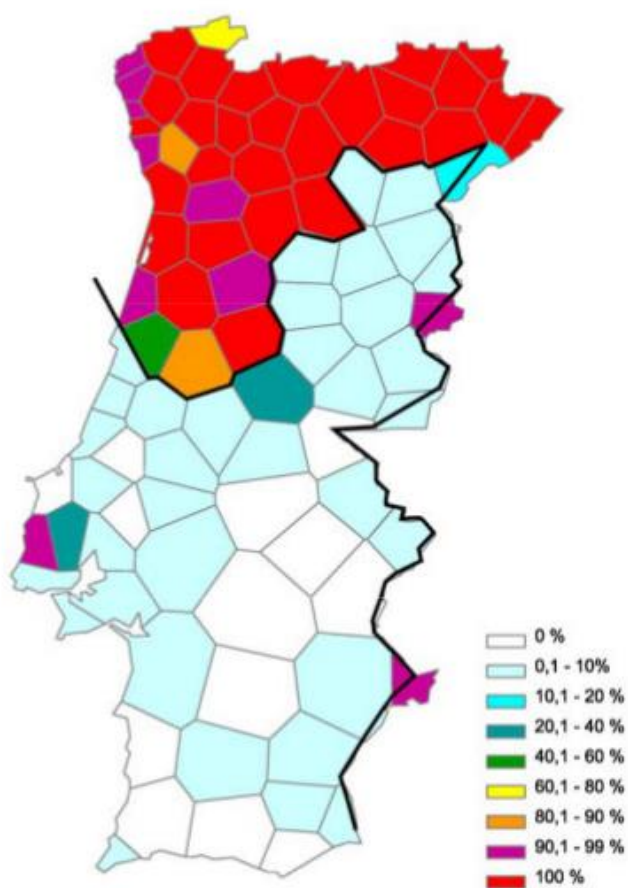
O objetivo de Álvarez (2015) é confrontar a proposta de Cintra (1971) com os resultados obtidos na sequência de uma nova análise dos dados do ALPI, numa abordagem que segue, à luz da dialetologia contemporânea, uma metodologia cartográfica específica.

Sem querer retirar valor ao trabalho de Cintra, o autor aponta-lhe algumas críticas. Elas prendem-se, em primeiro lugar, com questões metodológicas. Um primeiro exemplo tem a ver com o reduzido número de isófonas consideradas: nota que Cintra selecionou apenas cinco isófonas para classificar os dialetos portugueses e que a proposta de classificação apenas considera duas destas isoglossas. Por outro lado, seguindo a tradição da dialetologia clássica, as isoglossas que Cintra estabeleceu para a sua diferenciação de dialetos são binárias – o que, como se sabe, não permite dar conta de diferentes graus de vitalidade dos fenómenos dentro das áreas consideradas nem permite, portanto, identificar claramente as áreas de transição.

Por outro lado, esta análise crítica da *Nova proposta* sublinha ainda outros aspetos importantes. Se o autor nota, por um lado, elevada coincidência de dados em grande parte dos casos, também observa algumas discrepâncias. Vejamos alguns exemplos de dados não coincidentes:

- ausência das sibilantes apicais numa área consideravelmente mais extensa do que a identificada por Cintra;
- área relativa à conservação dos ditongos *ei* e *ou* mais extensa do que a identificada por Cintra;
- ausência de distinção entre consoante bilabial e labiodental numa ilhota do distrito de Lisboa, não identificada por Cintra.

Eis os mapas de Álvarez (2015) – cf. Mapa 18 e Ilustração 1 – que expõem as situações mencionadas acima, quando confrontados com as isoglossas de Cintra (1962). Nos mapas abaixo, as linhas pretas representam as isoglossas traçadas por Cintra para os fenómenos em questão.



Mapa 18: Inexistência de oposição fonológica entre /b/ e /v/ (de Álvarez, 2015)

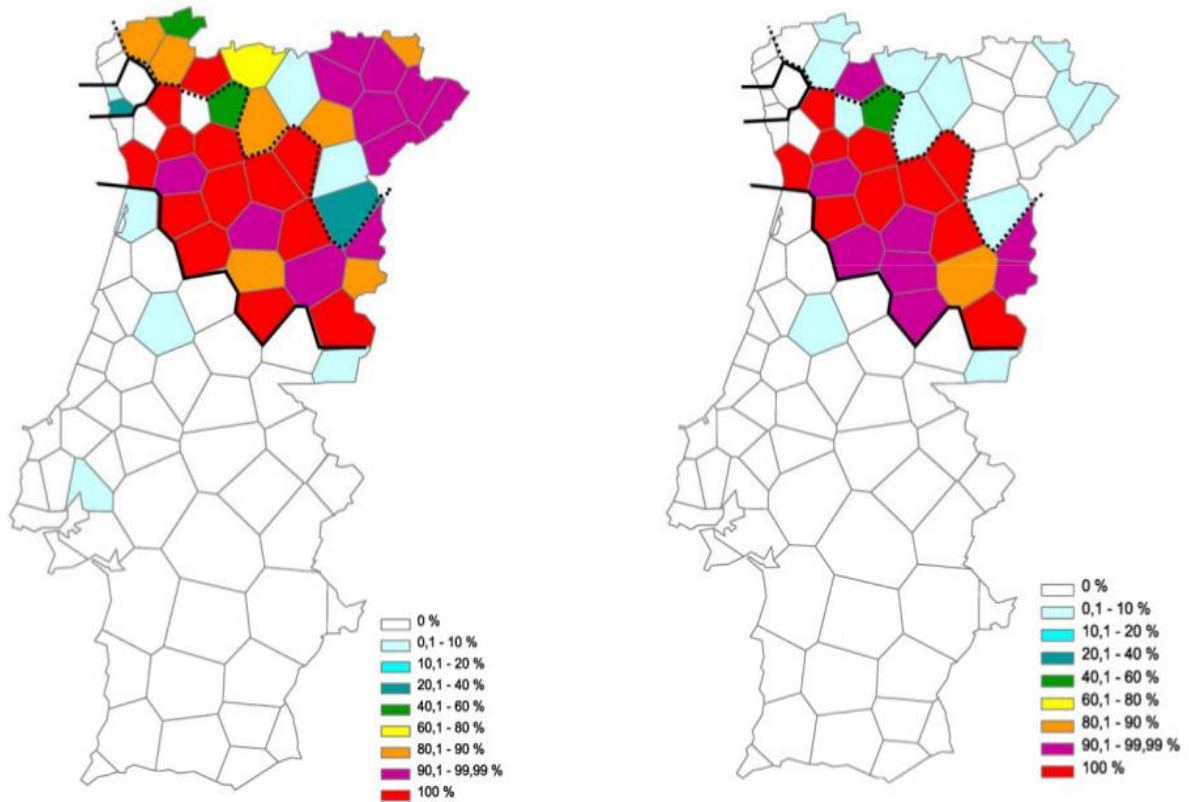
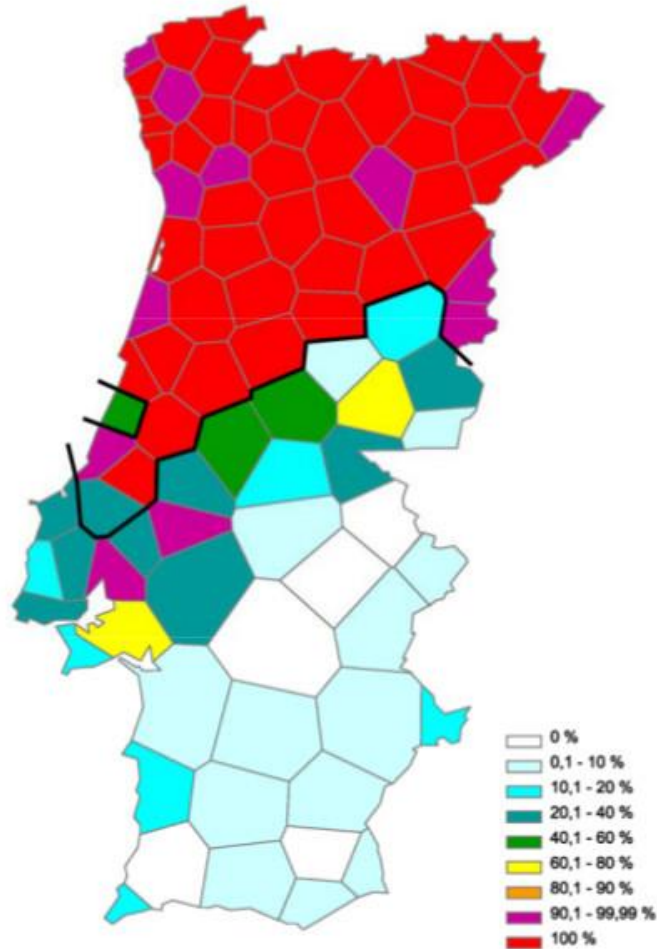


Ilustração 1: Pronúncia apicoalveolar das sibilantes: em palavras com os grafemas *s-*, *-ss-* e *-s-* (à esquerda) e *c*, *ç* e *z* (à direita) (de Álvarez, 2015)¹⁹

¹⁹ Álvarez (2015) analisa dois grupos de fricativas: o primeiro (representado à esquerda na Ilustração 1) abrange as formas provenientes de *S* latino, que, de acordo com Cintra (1971), são realizadas como consoante apicoalveolar em todos os dialetos setentrionais (tanto nos dialetos transmontanos e alto-minhotos, que preservam o sistema de quatro fricativas, como nos dialetos baixo-minhotos, durienses e beirões, que reduziram o sistema a duas fricativas apicoalveolares); o segundo (representado à direita) diz respeito às sibilantes com origem em oclusivas latinas palatalizadas, que, segundo Cintra (1971), apresentam consoante apical apenas numa parte dos dialetos setentrionais – os dialetos baixo-minhotos, durienses e beirões –, tendo pronúncia predorsodental nos dialetos setentrionais que preservem o sistema de quatro fricativas.



Mapa 19: Conservação do ditongo *ei* (de Álvarez, 2015)

Segundo Álvarez, os dados recolhidos no seu trabalho mostram que será desejável proceder a uma revisão da classificação de Cintra.

Especifica que o facto de ter sido identificada, para a ausência de sibilantes apicais, uma área mais extensa do que a identificada na *Nova Proposta* pode tornar questionável a decisão de Cintra de incluir estes dialetos no grupo dos setentrionais.²⁰

²⁰ Esta ideia de que a fronteira entre dialetos setentrionais e dialetos centro-meridionais deixa de poder ser traçada com base no sistema de sibilantes encontra-se presente em Martins e Saramago (1993). Nesse trabalho, os autores identificam já uma tendência para a simplificação do sistema de quatro sibilantes em vários pontos do norte, notando a ausência de sibilantes apicais no norte litoral: «Os dados recolhidos para o *ALE* mostram que também a área dos “dialetos do Baixo-Minho, do Douro e da Beira Alta”, caracterizados por Lindley Cintra por possuírem um sistema de duas apicoalveolares, algumas localidades, sobretudo no litoral, substituíram este sistema por outro com predorsodentais. O sistema característico dos dialetos do centro-sul parece, assim, estar a estender-se para o norte.» (cf. Martins e Saramago 1993: 129). Com base nos dados desse trabalho, os autores preveem que o panorama dialetal português poderá vir a alterar-se, defendendo que “a oposição entre dialetos portugueses setentrionais e dialetos portugueses centro-meridionais deixará de poder ser feita com base na existência de sibilantes apicoalveolares a norte, por oposição às sibilantes predorsodentais do sul, conforme foi proposto por L. F. Lindley Cintra na *Nova Proposta de Classificação dos dialectos galego-portugueses*” (cf. Martins e Saramago 1993: 125).

Segundo o autor, “não existe justificação para incluir o ocidente dos distritos de Viana do Castelo e Braga (e a parte mais a Norte do Porto) no grupo dos dialetos setentrionais, tal como foram definidos por Cintra, pois a sibilante apical é praticamente inexistente naquela zona”.

Esta observação de Álvarez parece-me pertinente, e os dados que aponta parecem de facto sugerir que se trata de um traço que não serve para isolar os dialetos setentrionais, tal como definidos por Cintra, dos dialetos centro-meridionais, dado o comportamento diferente das referidas localidades nortenhas relativamente aos restantes dialetos do Norte no que toca a este fenómeno.

Uma vez que todos os outros traços de Cintra dividem o país em apenas duas áreas – um Norte e um Sul – trata-se de uma novidade que não coloca em causa esse tipo de divisão. Esta oposição Norte/Sul é, aliás, uma configuração bastante visível em vários trabalhos que caracterizam os dialetos portugueses e válida quando consideramos uma série de outros fenómenos que não a pronúncia apical.²¹

O que estes dados de Álvarez parecem fazer é, por outro lado, servir para reforçar a ideia de que entre os dialetos setentrionais há várias possíveis subdivisões que podem ser feitas.²² Por outro lado, podem querer evidenciar a existência de um contraste entre litoral e interior. Esta ideia de que poderá haver uma oposição entre dialetos do litoral e dialetos do interior verifica-se por exemplo nas áreas lexicais de Cintra (1962) – cf. Mapa 16 atrás. Observa-se, nesse caso, uma oposição entre litoral e interior que se estende de Norte a Sul do continente, numa longa faixa vertical. É de notar que também a sintaxe parece sugerir uma configuração deste tipo, como veremos no próximo capítulo. À luz destas informações, talvez seja de considerar que estes dados de Álvarez podem constituir mais um indício de que há, entre os dialetos continentais, contrastes entre litoral e interior.

Considerando os novos dados relativos à área da conservação dos ditongos *ei* e *ou*, seria igualmente aconselhável, segundo Álvarez, rever a caracterização existente para essas áreas. Neste caso, porém, parece-me que os dados sugerem um ajuste menor. A

²¹ Note-se como é uma divisão implícita também nas propostas de Vasconcellos (1983), Boléo e Silva (1972), Cuesta e Luz (1971). E veja-se como é um tipo de delimitação identificado também a partir de contrastes lexicais (cf. Mapa 7 acima). Segura (2013) mostra que a inserção de semi-vogal anti-hiática é um traço que volta a distinguir os dialetos do Norte dos dialetos do Sul do continente (cf. secção 2.3.3.). Brissos (2016) observa o mesmo contraste (cf. 2.3.5.). Também a sintaxe evidenciará este tipo de divisão (cf. capítulo 3.2.).

²² A heterogeneidade dos dialetos setentrionais é visível na própria proposta de Cintra, como se percebe pela quantidade de isoglossas que subdividem esta região do país. A generalidade dos trabalhos que classificam os dialetos portugueses dá, também, conta desta heterogeneidade (cf. Vasconcelos 1893, Boléo e Silva 1972, Cuesta e Luz 1971).

informação agora disponibilizada, ao evidenciar uma área de preservação dos ditongos ligeiramente mais extensa do que a identificada por Cintra (1971), permitirá, certamente, estabelecer com mais rigor a fronteira associada a este fenómeno e dar conta de diferentes graus de vitalidade do mesmo, exibindo uma aparente zona de transição. Mas a paisagem geográfica, na sua essência, mantém-se.

Noutro trabalho da mesma natureza, em que considera, desta vez, dados do ALEPG (Atlas Linguístico e Etnográfico de Portugal e da Galiza), Álvarez (2014) chega a conclusões também relevantes.

Nota, por exemplo, que a área das bilabiais – fenómeno considerado por Cintra para diferenciar dialetos do Norte e do Sul – tem aqui o dobro da extensão, abrangendo a zona de Coimbra, que, na classificação de Cintra, estava incluída nos dialetos do Sul. Conclui Álvarez que este é um fenómeno que manifesta vitalidade nas áreas traçadas por Cintra, mas também com pontos de vitalidade em áreas fora desses limites (Alcobaça-arredores de Lisboa; Sul de Coimbra; Guarda junto à fronteira). Contudo, as maiores diferenças parecem ser relativamente à consoante pós-alveolar africada: estes dados de Álvarez mostram que é uma área ainda ampla mas com pouca vitalidade, o que parece indicar tratar-se de um fenómeno a desaparecer.

A área correspondente à realização apical dos grafemas *-s*, *-ss-* ou *s-* (ou seja, sibilantes provenientes de S latino, que, de acordo com Cintra 1971, têm pronúncia apicoalveolar no conjunto dos dialetos setentrionais) é também ligeiramente diferente neste trabalho, havendo localidades dentro da área que Cintra isolou para o fenómeno que não apresentam realização apical (Arcos de Valdevez, distrito de Viana do Castelo, e Roalde, distrito de Vila Real). Relativamente à pronúncia apicoalveolar de formas provenientes de oclusivas latinas palatalizadas (grafemas *c*, *ç* e *z*), identificam-se os distritos de Viseu, Guarda e Castelo Branco como áreas de maior produtividade do fenómeno, mas nota-se que a taxa de realização apical neste grupo é inferior comparativamente ao primeiro grupo de sibilantes e que a vitalidade diminui à medida que se avança em direção ao litoral. Além disso, encontram-se neste trabalho realizações apicais em pontos do Alto Minho e de Trás-os-Montes, que, segundo Cintra (1971), estão já fora da área delimitada para a realização apical de sibilantes provenientes de oclusivas latinas palatalizadas.

Quanto à área demarcada para o fenómeno de ausência de monotongação (de *ei* e de *ou*), verifica-se, relativamente à configuração de Cintra, uma duplicação, e percebem-

se agora diferentes graus de vitalidade do fenómeno (a conservação é mais viva nas áreas a Norte e mais escassa a Sul).

Estes trabalhos servem, segundo o autor, para evidenciar “numerosas discrepâncias” e evidenciar a pouca riqueza dos dados do ALPI (uma vez que estes, partindo de uma perspectiva ibérica, resultam de uma rede de inquérito demasiado larga para captar adequadamente alguns fenómenos). A análise realizada por Álvarez (2014, 2015) oferece importantes noções sobre a vitalidade dos fenómenos, que as isoglossas binárias de Cintra não permitiam perceber. Ainda que o trabalho de Cintra se destaque, precisamente, por constituir uma tentativa de simplificação, através da observação dos seus mapas podemos ser levados a concluir que as situações linguísticas são estáveis. Como sugerem os trabalhos de Álvarez, não será esse o caso.

No entanto, apesar de se tornar clara, com os trabalhos de Álvarez (2014, 2015), a utilidade das novas metodologias, é de notar que muitas das discrepâncias apontadas não passam, na verdade, de ajustes pertinentes mas que acabam por não colocar em causa a validade da *Nova Proposta*.

2.3.3. Segura (2013)

Na *Gramática do Português*, Segura (2013) apresenta-nos, no capítulo sobre as “Variedades dialetais do português europeu”, uma caracterização bastante completa e atual dos dialetos do território português, que acrescenta, às propostas anteriores, informação muito pertinente.

Embora reconheça a existência de variação nos diferentes níveis da gramática – “fonético, fonológico (incluindo prosódico), morfológico, sintático, semântico e lexical” – , a autora informa que também a sua classificação dos dialetos é, na linha do que anteriormente tem sido feito, de base fonética/fonológica, e segue, essencialmente, “a que consta da Nova proposta de classificação dos dialetos galego-portugueses” (cf. Segura 2013: 87ss). No entanto, apesar de serem os critérios fonéticos e fonológicos que subjazem à caracterização da proposta que apresenta, a autora inclui na sua descrição uma considerável extensão de “amostras de variação morfológica, sintática e lexical”. A atenção dada a estes aspetos, que contrasta com as escassas referências encontradas na literatura,²³ não deixa de ser notória, pois revela uma consciencialização crescente de que

²³ Excluem-se as referências a variação lexical, largamente estudada sob a perspectiva dialetológica.

há importantes marcas de variação em domínios que não a fonética/fonologia, e de que há uma necessidade de incluir esses dados nos estudos de variação: os dados reunidos sublinham, como veremos, isso mesmo.

Esta proposta é igualmente relevante e inovadora por apresentar uma descrição detalhada dos dialetos insulares. Note-se que a caracterização da situação linguística dos Açores e da Madeira, praticamente inexistente em propostas anteriores (ausente, por exemplo, da *Nova proposta*), apenas recentemente começou a merecer algum interesse dos dialetólogos.²⁴

Como referi, a classificação de Segura segue bastante de perto a proposta de Cintra (1971). Segundo a autora, “enquanto não estão explorados e disponíveis na totalidade os materiais recolhidos posteriormente (até finais dos anos 90) para o Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza (ALEPG), não é possível rever os dados de L. Cintra numa base fiável. A análise dos materiais disponíveis permite alguns reajustamentos (...), mas, por enquanto, não é prudente propor alterações substanciais” (cf. Segura 2013: 88).

É, portanto, essa classificação que adota para a caracterização dos dialetos continentais e para a delimitação de fronteiras entre os mesmos. A descrição é no entanto várias vezes complementada com dados do ALEPG, e inclui, como referi, a caracterização dos dialetos insulares, dos fronteiriços e ainda outras variedades.²⁵

Para os dialetos continentais, a autora apresenta os cinco traços fonéticos identificados na *Nova proposta* e acrescenta um novo, que também divide o país em duas grandes áreas: trata-se de um traço classificado como sendo de fonética sintática, que consiste na “inserção de uma semivogal para desfazer o hiato existente entre duas vogais centrais, a primeira átona [e] ou tónica [á] e a segunda tónica [á], pertencentes a vocábulos diferentes. Por outras palavras, trata-se, como refere a autora, da “pronúncia *a iágu*a para *a águ*a”. Eis a isófona traçada para esse fenómeno:

²⁴ A este nível é de destacar, além de Cintra (1990), os trabalhos desenvolvidos nos últimos anos pelo Grupo de Dialetologia e Diacronia do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (ver, entre outros, Segura e Saramago 1999, 2001, Segura 2006, Brissos, Gillier e Saramago 2016, 2017, Martins 2021), nomeadamente a publicação do ALEAÇ (*Atlas Linguístico-Etnográfico dos Açores*), atualmente disponibilizado online (<http://www.culturacores.azores.gov.pt/alea/>).

²⁵ Sobre os dialetos insulares, refere a autora que eles “apresentam um conjunto de traços próprios (alguns deles comuns aos dois arquipélagos), que não se encontram nos dialetos continentais, ou que nestes estão esporádica ou parcamente representados” (Segura 2013: 105). Por essa razão, a autora considera, paralelamente ao grupo dos dialetos setentrionais e ao dos centro-meridionais, um grupo de dialetos insulares, contrariando assim a ideia que tem sido recorrente na literatura de que os dialetos insulares se aproximam dos dialetos do sul do continente. Exponho mais detalhadamente os dados da autora relativamente aos dialetos insulares mais à frente nesta secção (cf. 2.4), quando discuto a caracterização que tem sido feita destes dialetos.



Mapa 20: Isófono de inserção de semivogal anti-hiática (de Segura 2013)

Refere-se neste trabalho um grupo de dialetos “fronteiriços”, distinguindo entre “dialetos portugueses em território politicamente espanhol”, “dialetos portugueses com fortes traços dos dialetos espanhóis com que estão em contacto” e “dialetos não portugueses em território politicamente português”. Quanto ao primeiro caso, são

exemplos os dialetos falados nas províncias de Orense, de Zamora, de Salamanca, da Extremadura de Badajoz. No segundo grupo a autora inclui o barranquenho. O mirandês, o riodonorês e quadramilês, que também já tinham sido isolados em propostas anteriores (cf. Vasconcellos 1901 e Boléo e Silva 1962), surgem incluídos no grupo dos dialetos não portugueses em território português.

Atentemos agora nos exemplos de variação morfológica e sintática que esta proposta, ainda que de base fonética/fonológica, apresenta.

Assume-se que “nos domínios da morfologia e da sintaxe também se verifica variação, variação essa que, em certos casos, permite distinguir os dialetos portugueses” (cf. Segura 2013: 123). A autora sublinha, no entanto, que estes aspetos, tal como acontece com os fonéticos, “nem sempre coocorrem numa mesma zona geográfica nem correspondem exatamente à divisão que é comum fazer dos dialetos”, chamando a atenção para o facto de a distribuição geográfica das variantes desta natureza não estar ainda completamente estudada e descrita. Por essa razão, nota que a localização geográfica que indica para estes fenómenos é apenas “aproximativa”.

No que toca a variação morfológica, são enunciados os seguintes aspetos:

- género (variação quanto ao género de algumas palavras, como em “o nascente”, “o febre”, “a fim”);
- flexão em número (casos de formação de plural segundo modelos que se afastam do que é normativo – palavras terminadas em *-l* e palavras terminadas em *-ão*);
- regularização de padrões de flexão verbais (“tendência a fazer convergir as terminações das diferentes conjugações, nivelando-as preferencialmente com as terminações próprias da 2.^a conjugação”);
- participios duplos (duplas formas de participios passados que alguns dialetos apresentam, como é o caso de *cortado/corto*; *(a)justado/justo*; *precisado/preciso*; *enxertado/enxerto*; *voltado/volto*);
- pronomes pessoais (pronomes nominativos que se afastam do português-padrão);
- determinantes (fenómenos morfofonológicos envolvendo artigos definidos, indefinidos e demonstrativos).

Relativamente à distribuição geográfica destes fenómenos, fica a ideia, quanto à flexão em género, de que ocorre um pouco por todo o país. A autora faz referência à sua ocorrência em “alguns dialetos”, sem determinar quais, e os exemplos de *corpora* que

apresenta são identificados, aparentemente, um pouco por todo o país: Portalegre, Castro Laboreiro, Porto Santo, Aveiro, Santarém, Bragança, Vila Real, Açores.

Os fenómenos de variação no âmbito da flexão em número são também identificados em vários dialetos, sendo contudo nos Açores que a adoção de formas divergentes das usadas no padrão para os plurais de palavras terminadas em *-ão* é mais frequente.

No domínio da flexão verbal são, também, apontadas diferentes distribuições geográficas. É no entanto possível notar, para alguns dos fenómenos, algumas áreas que se isolam: alguns fenómenos são identificados no Alentejo e no Algarve, ao passo que outros estão presentes em mais ou menos todo o território.

As formas duplas de participios parecem, segundo a autora, estar mais presentes nos dialetos meridionais, mas são também encontradas em Trás-os-Montes e em São Miguel.

Regista-se variação nas formas de pronomes pessoais em dialetos transmontanos e, no que toca a variação quanto às formas dos artigos, parece ser possível, a julgar pela descrição da autora, concluir que se trata de fenómenos mais expressivos nos dialetos setentrionais.

Não deixa de ser interessante reparar, pois, que se excluirmos os casos em que a variação parece existir um pouco por todo o país, os fenómenos que se mostram característicos de determinadas áreas (ou pelo menos mais expressivos nelas) desenham fronteiras que já vão sendo conhecidas nos estudos dos dialetos portugueses: sobretudo dialetos setentrionais, em vários casos, dialetos centro-meridionais, noutros casos, pondo em evidência a divisão do país num Norte e num Sul já notada por Vasconcellos.

Considerando, agora, a informação relativa a variação sintática, a autora enuncia vários fenómenos (alguns dos quais já estudados por outros autores) cuja distribuição geográfica lhe permite distinguir, novamente, os dialetos setentrionais dos dialetos centro-meridionais.²⁶ Eis os fenómenos apontados como característicos do primeiro grupo de dialetos:

- a) “conservação de vós, pronome da 2.^a pessoa do plural”;
- b) “uso do pretérito mais-que-perfeito simples”

²⁶ Os fenómenos já estudados por outros autores serão oportunamente apresentados e discutidos com detalhe (cf. 3.1.).

- c) “emprego pessoal do verbo *haver*”²⁷
- d) “interpolação”²⁸

Centrando-nos agora nos fenómenos que, segundo a autora, caracterizam os dialetos centro-meridionais, identificam-se os seguintes traços:

- a) Gerúndios flexionados
- b) Gerúndio em perífrases verbais

Não me alongo, neste capítulo, na discussão de cada um destes tópicos. No entanto, essa discussão surgirá, inevitavelmente, numa fase posterior deste trabalho, quando me debruçar sobre os trabalhos já existentes no PE sobre sintaxe dialetal (cf. nota 26) e quando apresentar novos dados relativos a fenómenos de variação em português europeu (cf. secção 3.2 e Parte II desta tese).

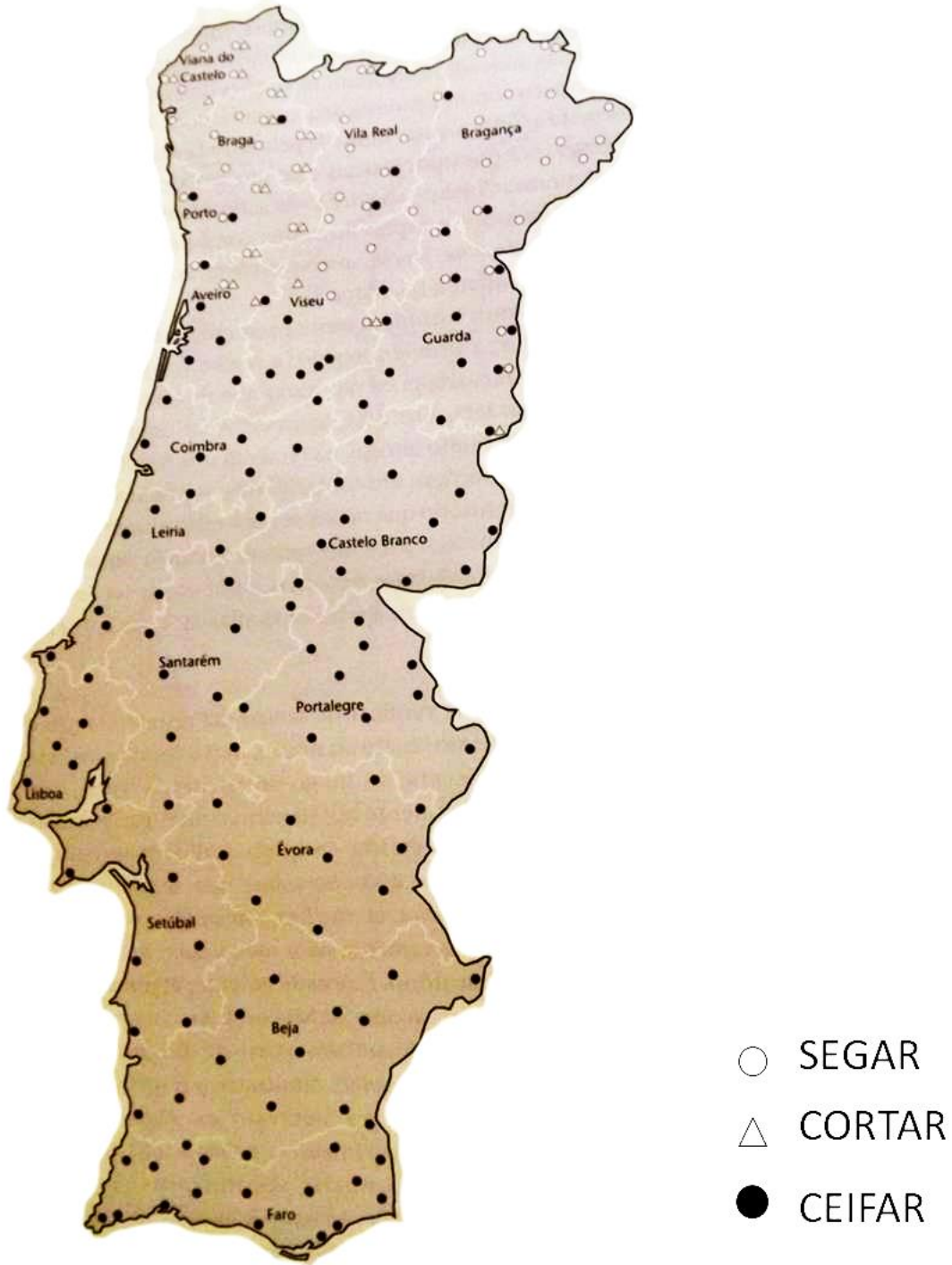
Apresenta-se ainda, no trabalho que estou a citar, uma última secção relativa a aspetos lexicais dos dialetos portugueses, reconhecendo-se que também a variação lexical permite “distinguir diversos grupos de dialetos”. Nesta parte da descrição, retoma-se a proposta de Cintra (1962) relativamente a áreas lexicais no território português e apresentam-se duas novas áreas.

A autora começa por referir o trabalho de Cintra (1962), chamando a atenção para a oposição que se verifica, nas áreas lexicais identificadas pelo autor, entre dialetos setentrionais e meridionais (os dialetos setentrionais optam, normalmente, por designações de origem latina ou germânica, e os meridionais por designações de origem árabe). É isso que mostra o Mapa 3 de Cintra, que ilustra a distribuição das designações para “líquido que se separa do leite quando este coalha”.

Essa oposição Norte/Sul, já notada por Cintra, é reforçada por um novo mapa da autora: o mapa que apresenta a distribuição das designações para “cortar os cereais”. É esse mapa, elaborado a partir de dados do ALEPG, que exponho no Mapa 21.

²⁷ Sobre o uso pessoal do verbo *haver*, nota a autora que se encontram também ocorrências nos Açores, (o que mais uma vez afasta estes dialetos dos dialetos da Madeira e, neste caso, os aproxima dos dialetos meridionais). Apresento mais adiante nesta dissertação novos dados sobre o uso pessoal do verbo *haver*, a propósito de alguns dados relativos a usos impessoais de verbos existenciais (cf. secção 3.2.).

²⁸ Como mostram os dados de Magro (2007), a interpolação não é característica dos dialetos setentrionais (cf. secção 3.1.5).



Mapa 21: Divisão lexical de Segura (2013) com base nas designações para “cortar os cereais”

Trata-se de uma nova área lexical que evidencia, mais uma vez, uma divisão Norte/Sul, ainda que com uma configuração diferente da que se percebe no Mapa 3 de Cintra (cf. 2.2.5). Neste novo mapa, a designação de origem árabe (*ceifar*) ocupa a maior parte da extensão do território, enquanto a designação mais antiga (*segar*) está sobretudo

presente nos dialetos setentrionais do Minho, Trás-os-Montes e Douro Litoral. A divisão Norte/Sul faz-se, neste caso, mais a Norte.

A autora lembra as duas outras divisões lexicais propostas por Cintra (a área que isola o Noroeste e Oeste e raramente ultrapassa o Tejo, e a área que isola o Leste e o Sul) e remata com a identificação de uma nova área lexical: uma área relativa à “forma diferente que determinado vocábulo pode apresentar ao longo do território”, fenómeno que volta a isolar os dialetos centro-meridionais, evidenciando uma vez mais a oposição Norte/Sul. Exemplifica-se com “certas palavras de origem latina em cujo étimo existia -*n*- intervocálico”, que os dialetos centro-meridionais mantêm: é o caso de *romaneira*, *maçaneira*, *rana* ou *arrana*, *ponente* e *marrana* (para *romanzeira*, *macieira*, *rã*, *poente* e *marrã*, produtivos no resto do território), e de diminutivos em *-nito/-nita* (*manita*, *maçanita*, *panito* e *canito*, para *mão*, *maçã*, *pão* e *cão*). Não se apresenta, contudo, nenhum mapa ilustrativo desta divisão.

2.3.4. Brissos e Rodrigues (2016) e Brissos (2018)

Entre o conjunto de trabalhos que contribuem para um afinamento da proposta de Cintra (1971) – que, como vemos, se mantém o estudo de referência mesmo para investigações dialetais mais recentes – merecem ainda referência os trabalhos de Brissos e Rodrigues (2016) e Brissos (2018) sobre o panorama dos dialetos setentrionais; os de Brissos (2015, 2016) sobre os dialetos do Centro-Sul; e Brissos (2020) sobre a situação do Nordeste português.

Brissos e Rodrigues (2016), a partir de dados acústicos provenientes do AVOC – *Atlas Acústico do Vocalismo Tónico Português* e analisando as qualidades vocálicas das vogais em posição acentuada da região Noroeste (distritos de Viana do Castelo, Porto e Braga), questionam ideias fundamentais sobre uma das variedades dialetais consideradas mais idiossincráticas do português: a variedade do Baixo Minho e Douro Litoral da *Nova Proposta* de Cintra. Os autores sugerem que o que se definiu, a partir desse trabalho de Cintra, como variedade do Baixo Minho e Douro Litoral deve ser alargado e cobrir pelo menos uma parte dos dialetos do Alto Minho. Defende-se, no trabalho citado, que o Noroeste dialetal é maior do que os estudos tradicionais fazem crer e que se verifica uma relação notável entre o Noroeste dialetal e o Noroeste geográfico. Os autores sustentam estas conclusões nos seguintes factos (cf. Brissos e Rodrigues 2016: 22-23): (i) os traços característicos da variedade dialetal destacada do Noroeste verificam-se em toda a área

estudada, incluindo no extremo Norte do Noroeste; (ii) é na metade Norte do Noroeste que os traços típicos da região se exponenciam; (iii) as ditongações características do Noroeste verificam-se não só nas vogais médias-fechadas, mas também nas médias-abertas e na alta anterior; (iv) as ditongações das vogais médias do Noroeste subdividem-se não em um, mas em dois subtipos.

Brissos (2018) representa um desenvolvimento do trabalho atrás citado. Partindo de uma análise que considera dados percetivos mas também, e essencialmente, acústicos, volta a sublinhar-se a caracterização insuficiente que tem sido feita, pela literatura, do Noroeste português – e este trabalho assume-se como uma primeira revisão concreta da proposta de Cintra (1971). Embora o autor considere que a *Nova Proposta* se mantém pertinente, propõe reformulações que considera necessárias (cf. Brissos 2018: 202), nomeadamente a necessidade de se passar a referir uma variedade do Noroeste (ou designação similar): isto dará conta do facto de existir, no Noroeste português, uma variedade dialetal idiossincrática mais vasta do que a área composta pelo Centro e o Sul da região (a variedade do Baixo Minho e Douro Litoral, na terminologia de Cintra), que inclui também o Norte. Esta variedade é identificada e delimitada pela existência de fenómenos de ditongação das vogais tónicas médias abertas e fechadas que, segundo Brissos (2018), vão para além do que havia sido anteriormente notado, não só no inventário de vogais que as sofrem mas também nos subtipos fonéticos resultantes.

2.3.5. Brissos (2015, 2016)

Em Brissos (2015), a partir de dados acústicos e de uma análise dialetométrica, destaca-se a forte unidade dos dialetos que compõem o Centro-Sul de Portugal. Trata-se de um trabalho que reforça as conclusões de Brissos (2014) e Brissos e Saramago (2014), que já avançavam a ideia de que traços tidos como característicos do Sudoeste e do Centro-Interior são observados um pouco por toda a região Centro-Sul. Brissos (2015) conclui, por um lado, que os dialetos centro-meridionais são ainda mais unos do que os trabalhos anteriores já faziam supor e, por outro lado, que o Centro-Interior e o Sudoeste não são exatamente, como defendia Cintra, regiões subdialetais com características idiossincráticas, mas antes “regiões extremas de processos mais ou menos gerais” do Centro-Sul (cf. Brissos 2015: 1002). Isto leva o autor a sugerir uma revisão da nomenclatura usada para estes dialetos: o conceito ‘regiões extremas de processos mais ou menos gerais’, que é o que considera relevante, não está consagrado na visão

tradicional dos dialetos do Centro-Sul, sendo nesse sentido que a nomenclatura deve ser revista.

Em Brissos (2016) analisa-se, também dialetometricamente, um *corpus* exaustivo de fenómenos fonético-fonológicos e morfológicos (ou morfossintáticos) novamente dos dialetos do Centro-Sul. O objetivo do trabalho é, especificamente, avaliar as consequências linguísticas do despovoamento do interior de Portugal. Embora a predição de uma paisagem dialetal que expõe uma oposição litoral/interior não se verifique, o autor considera que a existência desse tipo de contraste não está excluída: “se é um facto que os nossos dados ainda não demonstram o eixo vertical que se tem vindo a formar na organização territorial portuguesa (a oposição litoral-interior) em consequência, não deixa de ser verdade que ele parece estar aí em potência, por via dos parentescos linguísticos do português padrão” (cf. Brissos 2016: 94).

Os resultados desse trabalho evidenciam, portanto, ainda uma paisagem conservadora, na medida em que é a oposição Norte/Sul tradicionalmente notada que continua evidente. Refere-se também uma coincidência evidente entre as regiões geográficas tradicionais e as áreas dialetais identificadas e nota-se a existência de um “coração alentejano” que se assume como a área dialetal mais coesa dos dialetos centro-meridionais.

2.3.6.Brissos (2020)

Em Brissos (2020) estuda-se o vocalismo tónico do Norte Interior, novamente a partir de dados do AVOC.

A conclusão do trabalho é clara: se o Centro-Sul e o Noroeste se assumem como grandes áreas macrodialetais, evidenciando personalidades dialetais fortes, o Nordeste não tem o mesmo estatuto do ponto de vista do vocalismo átono. É esta a conclusão a que o autor chega a partir de dados relativos a diferentes fenómenos, nomeadamente relacionados com ditongos, fenómenos de fusão de vogais, fenómenos integráveis no processo de deslocamento em cadeia do vocalismo tónico e processos de avanço articulatorio de vogais não superiores.

Como se vê, tanto o trabalho de Segura (2013), como os trabalhos de Álvarez (2014, 2015), os de Brissos (2015, 2016, 2020) e os de Brissos e Rodrigues (2016) enriquecem, na perspetiva da dialetologia atual, as caracterizações que nos deixaram os estudos tradicionais. Mas não colocam em causa a validade da *Nova Proposta*, de Cintra; sugerem sim reformulações pertinentes no sentido de a afinar e atualizar.

2.4. A caracterização dos dialetos insulares

Como foi possível perceber pela exposição feita até aqui, os dialetos insulares têm sido frequentemente excluídos das propostas de classificação dos dialetos portugueses. A proposta de Cintra (1971), que tem sido o trabalho de referência nesta área, deixou de fora esses dialetos (os materiais do ALPI com que Cintra trabalhou na altura não cobriam as ilhas). Paralelamente, nem Vasconcellos (1897), id. (1901), id. (1929), nem Boléo e Silva (1962), nem Cuesta e Luz (1971) os contemplam nas suas propostas. Há já tentativas de classificação dos dialetos dos Açores (sobretudo no seguimento de Segura e Saramago 2001), mas estas apoiam-se apenas em traços fonológicos ou lexicais (cf. Brissos, Gillier e Saramago 2017).

Apesar de estes dialetos terem ficado à margem das propostas de divisão do espaço dialetal português, tem-se defendido a ideia de que eles estão filiados aos dialetos do Sul do país.

Houve pois a crença na dialetologia portuguesa, desde Vasconcellos (1901: 129-30) e durante largos anos, de que os dialetos insulares representavam um prolongamento dos dialetos centro-meridionais do continente. Cintra defendia precisamente essa ideia em 1984 (Cunha e Cintra 1984: 19). Entretanto, num trabalho posterior (Cintra 1990) sobre os dialetos madeirenses (que segundo o autor apresentam um conjunto de fenómenos inexistente nos dialetos continentais) o autor acaba por considerar a existência de uma autonomia dos dialetos insulares face aos do continente.

A essa mesma conclusão chegavam Segura e Saramago (1999) no seu trabalho *Açores e Madeira: autonomia e coesão dialectais*, numa altura em que continuavam a faltar, sobre os dialetos insulares, trabalhos aprofundados que fornecessem uma visão de conjunto sobre os dois arquipélagos e que não contemplassem apenas alguns dialetos de cada grupo nas suas descrições.²⁹ Com base em recolhas efetuadas para o ALEPG (Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza), que contemplam dados de todas as ilhas, os autores apresentam um conjunto de traços de natureza fonética comuns aos dois grupos de ilhas, traços esses normalmente ausentes, ou apenas escassamente representados, nos dialetos continentais. Reforçam, assim, a opinião de Cintra relativamente à autonomia dos Açores e da Madeira relativamente ao continente.

²⁹ Entre a bibliografia existente sobre os dialetos insulares, nesta altura contavam-se, sobretudo, monografias que apenas descrevem aspetos específicos de algumas ilhas e outros trabalhos que, similarmente, se centram em aspetos particulares desses dialetos (cf. Martins e Vitorino 1989; Saramago 1989; Bernardo 1992-93; Andrade 1994).

Num trabalho de 2001, os mesmos autores apresentam uma descrição das variedades dialetais portuguesas, seguindo Cintra na classificação dos dialetos continentais (tanto na extensão e localização geográfica dos traços como na delimitação das fronteiras, como explicam), mas complementando a descrição com dados provenientes das recolhas efetuadas para o ALEPG. Quanto aos Açores e à Madeira, referem que, entre os dialetos insulares, aqueles que mais se destacam, pela especificidade e regularidade de alguns dos seus traços, são os da Madeira (Porto Santo incluído), São Miguel e Terceira, e, na sua descrição, distinguem os dois arquipélagos: referem por um lado o grupo dos dialetos madeirenses e, por outro lado, os dialetos açorianos. A caracterização que fazem assenta na identificação de um conjunto de traços fonéticos que apontam como sendo individualizadores (ainda que a descrição torne claro que esses traços possam não se sentir com a mesma vitalidade nas diferentes ilhas de cada grupo e possam, noutros casos, não ser exclusivos de apenas um dos arquipélagos). Continua a estar presente a ideia de que estes dialetos apresentam características que os individualizam e os afastam dos dialetos continentais.

Em Segura (2006), e a partir de uma nova fonte de dados, apresenta-se uma tentativa de caracterização dos dialetos açorianos, também esta de base fonética. A descrição baseia-se na observação do material reunido em três volumes de mapas do ALEAç (Atlas Linguístico-Etnográfico dos Açores).³⁰ Volta-se a insistir na autonomia destes dialetos, defendendo-se que, mesmo que haja uma necessária aproximação dos dialetos açorianos aos do continente, é sobretudo importante reconhecer que eles apresentam especificidades que lhes conferem um estatuto autónomo.

A autora explica que os traços utilizados por Cintra para estabelecer a divisão dos dialetos continentais não permitem distinguir internamente os dialetos açorianos: todos eles se aproximam, relativamente aos traços consonânticos, dos dialetos centro-meridionais e, relativamente aos traços vocálicos, exibem um comportamento paralelo aos do Norte do continente.

À semelhança do que havia já sido notado em Segura e Saramago (2001), a autora nota que, na tarefa de seleção de traços que permitissem diferenciar os dialetos açorianos, se tornou clara a existência de dialetos que se destacam dos restantes, pela sua “forte

³⁰ A análise parte da observação das respostas que foram obtidas nos 17 pontos de inquérito que compõem a rede do ALEAç relativamente ao léxico sobre a criação de gado e a matança do porco (Vol. I), o cultivo da vinha e o fabrico do vinho, o tratamento do linho, da lã e da tecelagem (Vol. II) e o cultivo dos cereais, dos sistemas de moagem tradicionais e do fabrico do pão (Vol. III).

personalidade, ou seja, fortemente marcados e claramente distintos dos outros e que é, obviamente, necessário isolar” (cf. Segura 2006: 328). É o caso dos dialetos da ilha de São Miguel (que se caracteriza pelo deslocamento em cadeia do seu sistema vocálico), e da Terceira (onde se observa muito nitidamente a harmonização vocálica provocada na sílaba tónica pelas vogais pretónicas).

As conclusões mais interessantes do trabalho dizem respeito à possibilidade de identificar, entre os dialetos açorianos, grupos ou áreas distintos.

Considerando a harmonização vocálica, a autora distingue duas grandes áreas: (i) a área constituída pelos dialetos micalenses, por um lado, e (ii) a área constituída pelos restantes grupos de dialetos (que são os sensíveis a fenómenos de harmonização vocálica). Dentro da área da harmonização vocálica a autora estabelece uma segunda distinção: nota a existência de (i) um grupo formado por Terceira, Graciosa e São Jorge (ilhas em que a harmonização é particularmente viva) e de (ii) outro bloco constituído por Pico e Faial (que se distinguem relativamente a fenómenos de metafoia e supressão da vibrante).

Os dados fonéticos observados pela autora permitem, assim, concluir que é possível perceber afinidades entre determinados grupos de ilhas, que se isolam e distinguem dos dialetos de outras ilhas do mesmo arquipélago. Não deixa de ser curioso notar que esta possibilidade de isolar determinados dialetos parece manter-se considerando dados de outro tipo. A autora faz uma breve referência a dados lexicais que observou, nos volumes do ALEAÇ, durante a análise dos traços fonéticos e conclui o seguinte:

- (i) há léxico que apenas se regista em parte do arquipélago e permite isolar algumas ilhas do Grupo Ocidental e Central (Faial, Pico e São Jorge apenas num ponto);
- (ii) há léxico circunscrito a apenas uma ilha (facto que isola São Miguel);
- (iii) verifica-se a existência de dois tipos lexicais correspondendo a um conceito, sendo um dos conceitos usado só numa ilha (isola-se, nalguns casos, a Terceira e noutro caso o Pico);
- (iv) verifica-se a existência de dois tipos lexicais correspondendo a um conceito, sendo cada um deles usado em áreas distintas (distingue-se o Grupo Ocidental e Oriental até São Jorge, que contrasta com o resto do Grupo Central e o Grupo Oriental; noutro caso, isola-se o Grupo Oriental);
- (v) verifica-se a existência de quatro tipos lexicais para um mesmo conceito (sendo possível distinguir uma área formada pelo Grupo Ocidental e parte

do Central, outra formada pela Graciosa e a Terceira e outra pelo Grupo Oriental).

A autonomia dos dialetos insulares face aos continentais, notada nos trabalhos que citei, continua a ser reconhecida nos últimos trabalhos sobre este assunto. Segura (2013), na sua descrição sobre as variedades dialetais do PE incluída na *Gramática do Português*, considera a existência de um grupo de dialetos insulares, que “apresentam um conjunto de traços próprios (alguns deles comuns aos dois arquipélagos), que não se encontram nos dialetos continentais, ou que nestes estão esporádica ou parcamente representados”, e que se demarcam, assim, dos dialetos continentais, “independentemente dos laços de maior ou menor proximidade que possam ter com estes” (cf. Segura 2013: 105). Por essa razão, a par dos dialetos setentrionais e dos centro-meridionais do continente, a autora considera um grupo correspondente aos dialetos insulares, cujas características passarei a apresentar. Por ser um trabalho bastante completo e atual, exponho as suas notas com algum detalhe.

A autora considera, na linha do que havia anunciado antes,³¹ que os dois arquipélagos apresentam um “número considerável de traços comuns”, e chama a atenção para o facto de haver particular afinidade entre os dialetos madeirenses e os do Grupo Central açoriano. Esclarece também que “nem sempre os traços comuns têm a mesma amplitude e expressão nos dialetos dos dois arquipélagos” e centra a sua descrição nos dialetos da Madeira, São Miguel e Terceira, por serem os que mais se destacam “pela especificidade e regularidade de alguns dos seus traços” (cf. Segura 2013: 106).

Segura explica, de novo na linha do que defende em Segura (2006), que, no que toca aos traços de Cintra, os dialetos insulares coincidem com os centro-meridionais em alguns aspetos: a) ausência de sibilantes apicoalveolares e da africada palatal; b) existência da oposição entre /b/ e /v/; c) monotongação do ditongo [ow]; d) não inserção de semivogal anti-hiática (que apenas é registada “esporadicamente em alguns falantes açorianos das ilhas de São Miguel, Santa Maria e Terceira. Diferem, contudo, destes dialetos no que toca ao comportamento face ao ditongo [ej], que se mantém nos dialetos insulares (exceto em São Miguel) mas não nos centro-meridionais (concretamente, do Centro Interior e Sul)”.

³¹ Cf. Segura (2006), Segura e Saramago (1999, 2001).

Quanto aos traços que a autora defende serem comuns aos dois arquipélagos, são eles os seguintes:

- a) “Instabilidade da vogal acentuada provocada por fenómenos de harmonização vocálica e metafonía”
- b) “Palatalização de /l/ e de /n/ em determinadas condições”
- c) Semivocalização ou vocalização de /s/ final
- d) Síncope de /g/ intervocálico

Há, porém, traços que individualizam cada um dos arquipélagos. Relativamente à ilha da Madeira, nota Segura (2013: 106-110), na linha do que Cintra (2008) já havia apontado, que há grande diversidade interna. São os seguintes os traços que a autora considera como sendo mais gerais:

- a) “palatalização de /l/, quando imediatamente precedido (ou, mais raramente, seguido) de vogal [i] ou da semivogal [j], oral ou nasal, sendo a consoante então realizada como lateral palatal [ʎ]”;
- b) “palatalização de [n], com o mesmo condicionamento”;
- c) “semivocalização ou vocalização de /s/ em [j] ou [i], em coda e em final de palavra, quando seguido de consoante, com exceção de oclusiva surda”;
- d) “síncope de /g/ intervocálico, que ocorre quando imediatamente precedido das vogais /i/ e /u/”;
- e) “inserção de uma vogal, [a] ou [ɨ], junto das vogais acentuadas [i] e [u], levando à semivocalização destas e ao aparecimento de ditongos decrescentes”;
- f) “formação de ditongos crescentes na sílaba acentuada de uma palavra, pela inserção das semivogais [j] ou [w], sempre que na sílaba imediatamente anterior (pertença ela à mesma palavra ou à palavra precedente) existam as vogais [j] ou [w]”;
- g) “modificação das vogais finais átonas [ɨ], grafado <e>, e [u], grafado <o>, que passam a ser pronunciadas como [i], sempre que a sílaba tónica contém /i/ oral ou nasal ou a semivogal [j]”.

Também para os dialetos açorianos é apontado um conjunto de traços ausentes (ou bastante menos expressivos) nos dialetos continentais. Relativamente a este arquipélago, chama-se a atenção para o facto de haver uma diferenciação entre os dialetos

de São Miguel e os da Terceira, “uns e outros marcados por características muito vincadas e completamente distintas umas das outras.” Os traços apontados como característicos dos dialetos de São Miguel são os seguintes:

- a) “/i/ é realizado com maior abaixamento, como [i] ou quase como [e]”
- b) “/e/ centraliza em [ɛ], aproximando-se de [ɐ]”
- c) “/ɛ/ sofre abaixamento e é realizado como [æ]”
- d) variação relativamente a produções da vogal /a/
- e) “/ɔ/ pode ser realizado com maior elevação”
- f) “/o/ realiza-se também com maior elevação”
- g) “/u/ palataliza”
- h) “o ditongo [ej] monotonga em [e], (...) contrariamente aos outros dialetos açorianos, que mantêm o ditongo”
- i) “o ditongo [ow] monotonga também”

Quanto aos dialetos da Terceira, eis os traços comuns apontados:

- a) “modificação da vogal acentuada” em alguns contextos
- b) “palatalização de /l/ e de /n/”
- c) “síncope de /g/ intervocálico, quando imediatamente precedido das vogais /i/ e /u/”

E são apontados como traços comuns aos dialetos açorianos os seguintes:

- a) Metafonia
- b) Supressão de /R/ final de vocábulo

A autora, que, como referi acima, contempla também aspetos morfológicos e sintáticos na sua descrição das variedades dialetais portuguesas, refere, a propósito da variação morfológica, alguns aspetos a ter em conta.

Nota que os dialetos insulares exibem um comportamento próximo relativamente a formas de variação de artigos indefinidos (aproximando-se os dois arquipélagos, neste caso, dos dialetos setentrionais). Noutros casos os Açores demarcam-se (cf. flexão em número de palavras terminadas em *-ão*; participípios duplos, registados, além de em

dialetos do Alentejo, Algarve e Trás-os-Montes, em São Miguel). Por outro lado, relativamente a fenómenos de regularização de padrões verbais, nos Açores, bem como em pontos do continente, as terminações em *-am* da terceira pessoa do plural do presente e do pretérito imperfeito do indicativo de verbos da primeira conjugação tendem a convergir em *-em*. De novo nos Açores, e em pontos do continente, o pronome pessoal acusativo pode manter as formas *lo, la, los, las* depois de formas verbais terminadas em vogal.

Mas Segura nota ainda que é possível perceber relações entre os dialetos insulares e os continentais relativamente a aspetos sintáticos: há emprego pessoal do verbo *haver* em dialetos açorianos, tal como nos setentrionais; o gerúndio em perífrases verbais, que a autora lembra ser característico dos dialetos do Sul, é também identificado nas ilhas.

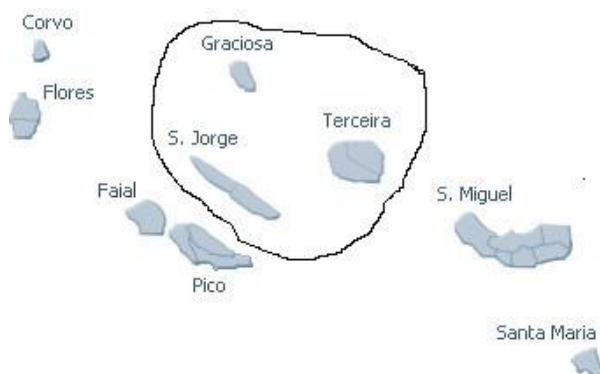
Sobre a caracterização que tem sido feita dos dialetos insulares, creio que há algumas conclusões que podem ser extraídas desde já. O primeiro aspeto a reter relaciona-se com a ideia de que, através destas descrições (maioritariamente de base fonética), é de facto possível identificar conjuntos de traços que individualizam os dialetos insulares, afastando-os dos do continente (contrariando assim a ideia inicial de que os dialetos insulares são um prolongamento dos dialetos centro-meridionais). É, portanto, possível considerar a existência de um grupo de dialetos insulares, com características próprias que os tornam autónomos.

Simultaneamente – e esta é a segunda ideia a notar – é possível perceber, por um lado, distinções entre os dois arquipélagos (sendo possível opor o grupo dos dialetos madeirenses ao grupo dos dialetos açorianos) e é possível, por outro lado, perceber a existência de variação mesmo dentro de cada arquipélago. Na linha do que se explora sobretudo em Segura (2006) a propósito dos dialetos açorianos, parece ser possível encontrar afinidades entre determinadas ilhas, que, por apresentarem comportamentos similares relativamente a determinados aspetos, se isolam, formando um grupo e contrastando com os dialetos de outras ilhas.

Várias vezes se refere que há ilhas que se destacam das outras, por apresentarem características muito vincadas. É o caso da Madeira, de São Miguel e da Terceira. Quanto aos Açores, sugere-se que é possível aproximar alguns dialetos: uma primeira divisão dá conta da oposição entre São Miguel e as outras ilhas; outros contrastes evidenciam, relativamente a essas restantes ilhas, uma área formada pela Terceira, Graciosa e São Jorge e outra área formada pelo Pico e pelo Faial.



Mapa 22: Divisões internas nos Açores – divisão 1



Mapa 23: Divisões internas nos Açores – divisão 2



Mapa 24: Divisões internas nos Açores – divisão 3

Não deixa de ser curioso notar como estas áreas refletem a própria organização geográfica das ilhas.

Veja-se também como não são só os dados fonéticos que sugerem este tipo de divisão. Dados do léxico observados por Segura (2006) parecem não só sustentar a ideia de que há cisões internas como também sublinham, nalguns casos, essa mesma configuração evidenciada pela fonética: a área formada essencialmente pelo Faial e pelo Pico; uma oposição entre São Miguel e os restantes dialetos; um grupo formado pela Graciosa e pela Terceira.

Verificou-se também casos em que determinadas ilhas se isolam (o que não aconteceu só com São Miguel, mas também com a Terceira e o Pico). E, na linha do que já comentei, também é possível concluir que, muitas vezes, as áreas formadas pelos dialetos aproximam-se muito das próprias áreas geográficas que percebemos na disposição das ilhas: ilustrativo desse facto é, por exemplo, a área formada pelo Faial e pelo Pico relativamente a alguns fenómenos (veja-se a proximidade geográfica das duas ilhas).³²

A última observação diz respeito às afinidades que, em alguns aspetos, é possível encontrar entre os dialetos insulares e os continentais. Lembremos que em Segura (2006, 2013), se esclarece que os dialetos insulares se aproximam dos centro-meridionais no que toca a vários aspetos (sobretudo consonânticos mas também alguns vocálicos). Noutros casos (preservação do ditongo *ei*) aproximam-se dos dialetos do Norte do continente.

Dados da morfologia reunidos em Segura (2006) também evidenciam, nalguns casos, uma relação entre dialetos insulares e setentrionais e, noutros casos, um paralelismo entre dialetos dos Açores e várias localidades continentais.

Pistas da sintaxe apresentadas no mesmo trabalho parecem querer reforçar esta mesma ambivalência dos dialetos insulares, que se aproximam ora a uns, ora a outros dialetos continentais: o uso pessoal de *haver* leva a autora a aproximar mais uma vez os dialetos açorianos dos setentrionais³³ mas as perífrases com gerúndio são, por sua vez, identificadas nos dialetos insulares e nos do Sul do continente.

Também os dados de Brissos, Gillier e Saramago (2017) contribuem para a caracterização dos dialetos insulares. Os autores analisam dialetricamente o material lexical recolhido nos 17 pontos de inquérito que compõem a rede do ALEAç e

³² Nalguns casos, apenas parte da ilha de São Jorge evidencia fenómenos que são encontrados em outras ilhas (como mostram os dados lexicais referidos por Segura 2006). É uma situação que poderá estar associada ao facto de esta ilha estar geograficamente numa posição bastante central, e como tal poder constituir, para vários aspetos, uma zona de transição e apresentar características menos uniformes.

³³ Identifiquei no CORDIAL-SIN dados sobre este mesmo fenómeno (cf. nota 82). Contudo, neste *corpus* apenas se verificaram ocorrências numa ilha dos Açores.

apresentam, com base nos resultados, uma proposta de classificação dos dialetos açorianos – que, em alguns pontos, reforça as ideias dos trabalhos atrás citados e, noutros pontos, as complementa. Embora reconheçam a singularidade dos dialetos insulares pelo menos relativamente à existência de fenómenos fonéticos específicos, que não existem no continente, os autores vincam a necessidade de se chegar a uma classificação precisa dos dialetos insulares.

Uma primeira conclusão é que se percebe uma divisão linguística que corresponde – mais uma vez – à geográfica. Isolam-se, linguisticamente, o Grupo Ocidental (Corvo e Flores), o Grupo Oriental (São Miguel e Santa Maria) e o Grupo Central (Faial, Pico, São Jorge, Terceira e Graciosa). Observa-se também uma subdivisão dos 17 pontos de inquérito em nove grupos, que correspondem às nove ilhas que compõem o arquipélago.

Por outro lado, verifica-se que a Terceira é a ilha que mais se individualiza e que o Corvo e Santa Maria são as ilhas que mais semelhanças apresentam relativamente às outras.

Observa-se que a divisão lexical, ao alinhar-se tão perfeitamente com a geografia, diverge da fonética: analisando o léxico, Santa Maria alinha-se com São Miguel, mas, quando se consideram dados fonéticos, Santa Maria opõe-se a São Miguel. Os autores notam, contudo, que em qualquer dos casos – seja a variação considerada a partir de dados fonéticos ou lexicais – é o Grupo Oriental o que mais se individualiza.

O que a sintaxe pode ainda acrescentar à caracterização destes dialetos é o que veremos mais à frente neste trabalho.

2.5. A classificação tradicional dos dialetos portugueses: que conclusões?

A revisão dos trabalhos mencionados permite verificar o papel preponderante da fonética e do léxico na classificação do espaço dialetal português. Pelo facto de os dados fonéticos permitirem uma sistematização independente de fatores extralinguísticos, e pela particular facilidade com que se identificam e isolam as unidades linguísticas variáveis desta natureza, a fonética tem sido, tradicionalmente (e paralelamente ao que se passa com outras línguas), a componente da gramática sobre a qual assentam as propostas de divisão dialetal: cf. Vasconcellos ([1893], 1897, 1901, 1929), Cintra 1971, Cuesta e Luz 1971). Também o léxico é, recorrentemente, estudado sob essa perspetiva. Prova disso é, por exemplo, a proposta de Cintra (1962) e os trabalhos de Álvarez e Saramago (2012) e Álvarez (2014, 2015). O facto de os projetos de Atlas Linguísticos existentes assentarem,

também eles, no léxico (cf. ALEPG, ALEAç, ALLP – *Atlas Linguístico do Litoral Português*) também ilustra essa situação.

A recente descrição de Segura (2013) sobre as variedades dialetais portuguesas evidencia, no entanto, uma emergente preocupação em incluir os outros domínios da gramática no estudo dos dialetos, ao expor exemplos de variação de natureza morfológica e sintática.

Partindo dos resultados destes trabalhos, penso ser possível tecer algumas conclusões sobre a divisão do espaço dialetal português, tal como agora nos é dada a conhecer.

O traçado das fronteiras linguísticas identificadas em cada uma das propostas não é – nem se esperaria que fosse – coincidente. Como sabemos, uma divisão dialetal está sempre dependente do conjunto específico de fenómenos observado em cada trabalho, pelo que é reconhecido este carácter variável das isoglossas.

No entanto, parece-me que há alguns factos que são muito evidentes.

Há, por exemplo, uma oposição frequente entre um Norte e um Sul. A maioria dos traços fonéticos considerados por Cintra divide o país nesse tipo de configuração. As restantes propostas, bem como os novos dados de Segura (2013), deixam, também, transparecer esse contraste. Há, portanto, duas grandes áreas cujos limites não são necessariamente coincidentes, porque cada fenómeno estudado exhibe uma isoglossa própria, mas cuja configuração acaba por ter muitos pontos em comum. Este contraste foi identificado em trabalhos de natureza fonética, mas também em trabalhos que observam unidades lexicais. Lembro que foi, aliás, essa a paisagem observada por Brissos (2016), num estudo a partir de fenómenos fonéticos, fonológicos e morfológicos/morfossintáticos que pretendia avaliar os efeitos da desertificação do interior na divisão dialetal portuguesa, mas que acabou por evidenciar, sobretudo, a divisão conservadora Norte/Sul.

Outras situações saltam à vista. A região Norte (i.e., os dialetos que Cintra classificou como setentrionais) é, normalmente, alvo de mais subdivisões do que a área Sul. Permite, por causa dessa talvez maior heterogeneidade, estabelecer várias divisões internas, sendo frequente notar-se os dialetos do Douro, do Minho, de Trás-os-Montes e das Beiras (que vão surgindo agrupados, entre si, de diferentes maneiras nos vários trabalhos). O Sul, como deixam transparecer os mapas de várias propostas, exhibe normalmente menos contrastes.

Parece também notar-se uma oposição entre Noroeste e Nordeste. A isoglossa das bilabiais de Cintra exhibe, de certa forma, um contraste deste tipo. Os dados de Álvarez

(2014, 2015) e de Martins e Saramago (1993) relativos à distribuição de fricativas apicoalveolares, que evidenciam uma área litoral com realizações predorsodentais mais extensa do que a identificada por Cintra (1971), também sugerem essa oposição. Mas é uma divisão sobretudo evidente quando consideramos dados lexicais (é notória nos mapas de Cintra 1962), caso em que a divisão este/oeste pode estender-se de Norte a Sul. A existência de um Noroeste que se individualiza é bem vincada em Brissos (2018) e Brissos e Rodrigues (2016). Brissos (2020) nota, por outro lado, um Nordeste com características menos vincadas, do ponto de vista do vocalismo átono, comparativamente ao Centro-Sul e ao Noroeste.

Relativamente aos dialetos insulares, referi já que os dados tornam claro o seu estatuto independente em relação aos dialetos continentais no que toca a vários fenómenos, notando-se outras vezes uma aproximação ora aos dialetos do Norte, ora aos do Sul (também estes dados sublinham essa grande cisão continental entre Norte e Sul). Especificamente sobre a diversidade entre os dialetos açorianos, vários dados parecem indicar a existência de afinidades entre determinados conjuntos de ilhas, que formam grupos e se distinguem dos restantes dialetos. Nota-se, em diferentes estudos, uma divisão dialetal coincidente com a organização geográfica das ilhas. Fica também a ideia de que os dialetos micalenses e os terceirenses são os que mais se individualizam.

Traçado este cenário, será o momento de observar o que a sintaxe pode ter acrescentado a estes dados. É o que passarei a expor a seguir.

3. ÁREAS SINTÁTICAS EM PORTUGAL

Centro-me, neste capítulo, no papel da sintaxe na classificação das variedades dialetais portuguesas. Lembrarei, em primeiro lugar, os trabalhos que começaram a surgir em Portugal sobre sintaxe dialetal, para depois me focar em novos dados que consegui identificar no CORDIAL-SIN – e que contribuem, segundo creio, para uma melhor descrição e divisão do espaço dialetal português. Os objetivos finais são dois: (i) apresentar um pequeno conjunto de mapas sintáticos que evidencia a existência de áreas sintáticas bem delimitadas no território português (cf. secção 3.3) e (ii) explicitar as relações existentes entre as áreas identificadas na sintaxe e as áreas dialetais baseadas noutras unidades linguísticas (cf. 3.5).

3.1. A sintaxe na classificação dos dialetos portugueses: primeiros contributos

A relevância dos estudos em sintaxe dialetal para as teorias sintáticas e, consequentemente, para a própria conceptualização da Gramática Universal terá ficado evidente no Capítulo 1 desta dissertação. Apesar disso, como também já terá ficado claro, a sintaxe não tem sido uma presença constante nos estudos de dialetologia. Pelo contrário. Por várias razões (sobretudo por questões metodológicas e conceptuais, como já vimos), as unidades linguísticas de natureza sintática não têm sido, historicamente, consideradas nos estudos de variação, sendo muito raras as referências à sintaxe nas propostas de classificação dos dialetos. Tem sido esse o cenário a nível internacional, e tem sido esse, também, o cenário em Portugal.

A exposição feita no Capítulo 2 sobre as propostas de classificação existentes para os dialetos portugueses, sobretudo assentes em variações fonológicas e lexicais, evidencia, precisamente, esse percurso ausente da sintaxe nos estudos de dialetologia.

Vimos já que foi sobretudo na década de 90 que assistimos a um marco no desenvolvimento da investigação em sintaxe dialetal. Em Portugal, antes desta época de viragem contam-se, é verdade, algumas observações à sintaxe nos trabalhos de dialetologia, mas sempre muito pontuais e naturalmente insuficientes para um trabalho sólido nesse domínio.³⁴

Assim, paralelamente à tendência noutros países, também em Portugal a sintaxe está tradicionalmente ausente dos projetos de Geografia Linguística, não sendo considerada nem em Atlas Linguísticos nem na elaboração de inquéritos dialetais, que acabam por ser as maiores e mais acessíveis fontes de dados para o estudo de variedades dialetais, e que incluem, como sabemos, predominantemente questões lexicais e fonético/fonológicas.

Essa carência de uma recolha sistemática de dados sintáticos, devidamente estruturados e preparados para o estudo da variação sintática, levou a que nos últimos anos se começasse a pensar em novos métodos para a obtenção de dados deste tipo. Assim surgiram os já referidos projetos internacionais de sintaxe dialetal,³⁵ concebidos com o intuito de favorecer a cooperação entre os diferentes projetos desse tipo e implementar

³⁴ É o caso dos apontamentos de Vasconcellos nos *Opúsculos* e na *Esquisse*. Encontram-se também notas em teses de licenciatura orientadas por Paiva Boléo e Lindley Cintra em Lisboa e Coimbra e em Malaca Casteleiro (1975).

³⁵ ASIS, SAND, ScanDiaSyn, Edisyn, entre outros.

metodologias comuns e mais próprias ao estudo da sintaxe dialetal (recolha e armazenamento de dados, anotação, cartografagem).

Em Portugal começa-se, então, a pensar na construção de um recurso que oferecesse uma resposta às dificuldades metodológicas sentidas na investigação em variação sintática. E eis que surge o CORDIAL-SIN, como uma tentativa de suprir essa lacuna. Este *corpus* dialetal para o estudo da sintaxe, especialmente concebido para oferecer um acesso amplo e fácil a materiais relevantes para o estudo da sintaxe, possibilitou uma série de trabalhos pioneiros no domínio da sintaxe dialetal portuguesa. Trata-se de estudos de construções não-padrão do português que permitiram, na sua maioria, identificar áreas dialetais. São esses primeiros e relevantes contributos para o arranque da sintaxe dialetal portuguesa que apresento nas próximas páginas.

3.1.1. Pereira (2003): concordância frásica de terceira pessoa do plural com sujeito *a gente*

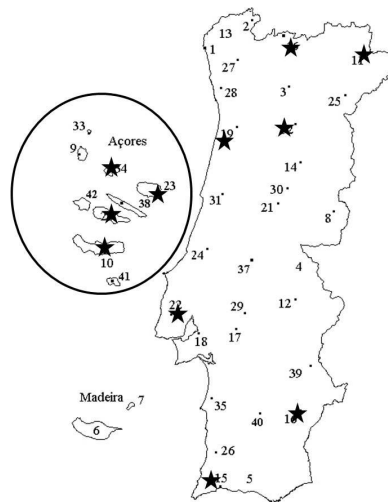
Na sua dissertação de mestrado sobre as relações de concordância estabelecidas com a expressão pronominal *a gente*, Pereira (2003) descreve vários padrões possíveis no português. O estudo que apresenta considera dados de registo oral e escrito de diversas fontes (CORDIAL-SIN, Corpus de Referência do Português Contemporâneo – CRPC, textos literários e paraliterários) e, ao descrever estruturas não-padrão, fornece valiosa informação sobre variação sintática nos dialetos portugueses.

Uma das conclusões mais relevantes do trabalho diz respeito à concordância verbal. A autora esclarece que foram identificados, por todo o país, exemplos de concordância com a terceira pessoa do singular (“A gente *vai* ao cinema”) e primeira pessoa do plural (“A gente *vamos* ao cinema”). Mas identifica uma terceira possibilidade de concordância: com a terceira pessoa do plural (“A gente *vão* ao cinema”). Vejamos um exemplo do *corpus*:

(1) Às vezes, à batatinha mais miudinha, *a gente tratam* grelo. MIG

Ora, esta última opção foi encontrada sobretudo no arquipélago dos Açores (e, dentro destes dialetos, destaca-se o de São Miguel, pela produtividade que a estrutura aí revelou). Ainda que seja possível encontrar exemplos desta construção no continente, como mostra o mapa seguinte (em que se representam todas as localidades onde houve

atestações no CORDIAL-SIN), essas ocorrências são, além de reduzidas, bastante dispersas. Por essa razão, se considerarmos valores relativos, como fazem Carrilho e Pereira (2011), é possível considerar que os Açores, em particular os dialetos micalenses, se individualizam relativamente a este aspeto, uma vez que se trata de um fenómeno particularmente expressivo nessa região.³⁶



Mapa 25: *a gente+V3PL* (adaptado de Carrilho e Pereira 2011 e de Sória 2013)

3.1.2. Martins (2003, 2009): Construção de duplo sujeito com o clítico impessoal *se*

Vários estudos de sintaxe dialetal têm vindo a demonstrar que os fenómenos de duplicação constituem um domínio de (micro)variação (cf., entre outros, Barbiers 2008). Um exemplo de duplicação sintática foi identificado, no português dialetal, por Martins (2003, 2009): trata-se de construções de duplo sujeito que integram o clítico impessoal *se* como a exemplificada em (2):³⁷

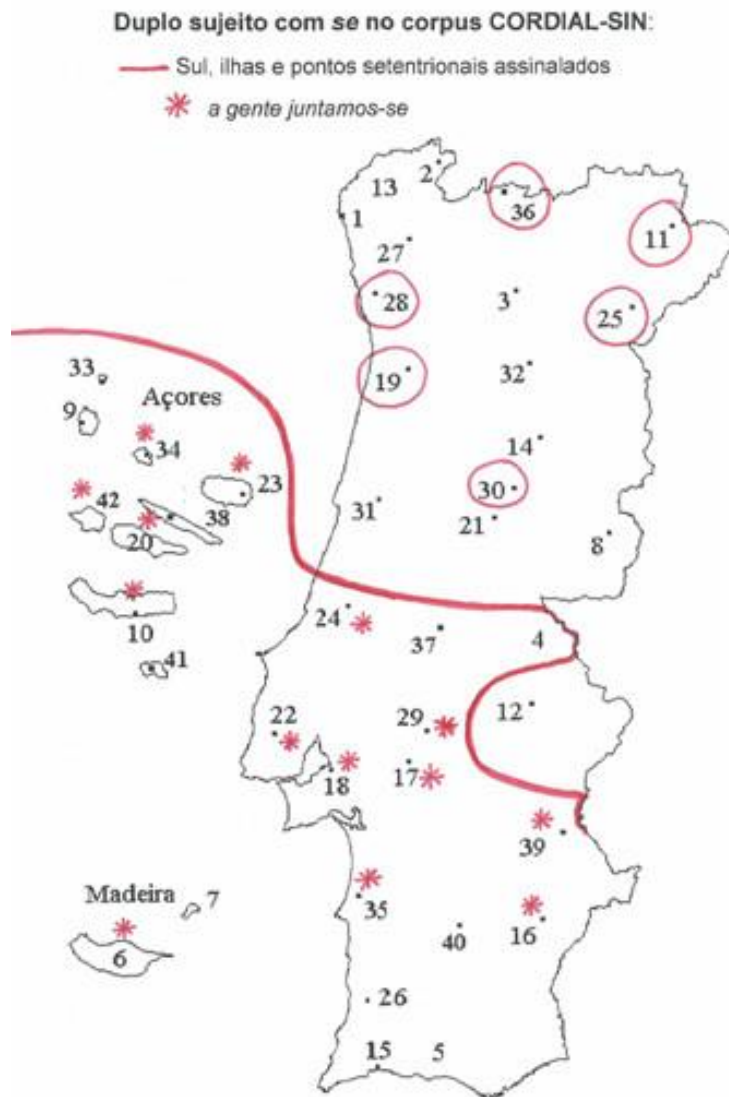
(2) *A gente chama-se rãs a isto. FLF*

³⁶ Dados de Sória (2013) revelam a existência desta estrutura também em dialetos do Português do Brasil.

³⁷ Outros fenómenos de duplicação sintática têm sido observados no CORDIAL-SIN. É o caso das seguintes estruturas, identificadas em trabalho não publicado de Carrilho, Magro e Pereira (2006): “Eu sei *que* aquilo *que* não é por mal, sabe?”, “Isso é *que é que* serve para chá”, “*Só* uso *só* esse nome”.

Trata-se de uma construção que o português padrão não permite e que os dados do CORDIAL-SIN mostram ser comum em dialetos insulares e centro-meridionais. Segundo a autora, é uma construção de DP complexo (na linha de Uriagereka 1995, Kayne 2000b), em que o constituinte duplicado é analisado como modificador adjunto do clítico *se*.

O mapa abaixo, de Martins (2014), mostra a distribuição geográfica do fenómeno. Percebe-se uma oposição Norte/Sul e uma aproximação dos arquipélagos aos dialetos do Sul do continente:



Mapa 26: Duplo sujeito com *se* (de Martins 2014)

Há ainda a nota de que, num subgrupo dos dialetos que evidenciam a construção de duplo sujeito com clítico impessoal *se*, como no exemplo acima, se identificam estruturas em que o pronome clítico *se* (reflexo ou inerente) se associa a formas de primeira pessoa do plural, como em (3): uma opção também exclusiva dos dialetos meridionais e de alguns dialetos insulares.

(3) No mar ainda às vezes *se orientamos* pela vaga. MLD

3.1.3. Carrilho (2003), Cardoso, Carrilho e Pereira (2011): concordância V3SG com sujeitos pós-verbais

Um fenómeno bem conhecido do português, documentado quer em texto jornalístico (cf. Peres e Mória 1995) quer em dados dialetais (como mostram os exemplos do CORDIAL-SIN e de diversas monografias – cf. Carrilho 2003, Cardoso, Carrilho e Pereira 2011), é a concordância verbal 3SG com sujeitos plurais em contextos em que o sujeito ocorre em posição pós-verbal, como em (4).

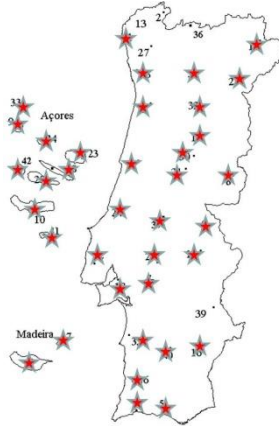
(4) Aqui nunca *ficou barcos* desses no fundo. VPA

A análise de estruturas deste tipo a partir dos dados do CORDIAL-SIN permitiu que se percebesse que há contextos muito específicos a favorecer a concordância V3SG. Mostram os dados analisados em Carrilho (2003) e Cardoso, Carrilho e Pereira (2011) que o fenómeno ocorre, de forma muito sistemática, em estruturas com verbos inacusativos e em construções predicativas, contando-se também alguns casos significativos em construções passivas. Esses contextos, que perfazem mais de 75% dos casos em que se verifica este tipo de concordância, são na verdade contextos sintáticos muito próximos, como as autoras notam: trata-se, em qualquer das situações, de estruturas pertencentes à família das construções inacusativas.

Conforme se lê em Carrilho (2003), os dados do CORDIAL-SIN evidenciam um tipo de “variação que a própria GU admite em relação às construções impessoais”, podendo “ser explicada em termos das propriedades que caracterizam os expletivos das línguas naturais”.

No que diz respeito à distribuição geográfica destas construções, não há informação precisa, nos trabalhos citados, sobre as localidades em que o fenómeno

ocorre. No entanto, o mapa que a seguir apresento, que elaborei a partir dos dados desses trabalhos, revela que se trata, aparentemente, de um fenómeno disperso por todo o território.



Mapa 27: Concordância V3SG com sujeitos plurais pós-verbais

3.1.4. Carrilho (2005, 2008): coocorrência do pronome expletivo *ele* com o sujeito frásico

Dados reunidos na dissertação de doutoramento de Carrilho (2005) devem também ser tidos em conta quando consideramos o conjunto dos trabalhos responsáveis pelo arranque da investigação em sintaxe dialetal portuguesa. A autora centra-se no estudo de estruturas com expletivo *ele*, nomeadamente construções como (5), que tradicionalmente podem ser vistas como construções de duplo sujeito: são frases em que o expletivo *ele* coocorre com um sujeito em posição mais baixa, e encontram-se em variedades dialetais do português (sendo extremamente frequentes no CORDIAL-SIN, que fornece numerosos exemplos deste tipo):

(5) *Ele* eu gosto de socorrer as pessoas! COV

A autora prova, no entanto, que esta é apenas uma aparente construção de duplo sujeito, defendendo que se trata de um elemento que ocorre na periferia esquerda da frase e lexicaliza a projeção ForceP, tratando-se conseqüentemente de uma estrutura diferente daquelas em que o expletivo ocorre como sujeito.

Estes dados dialetais do português mostram-se relevantes em vários aspetos. Um

primeiro ponto a notar é o facto de a análise proposta pela autora para estas estruturas poder ser extensível ao tratamento de expletivos encontrados noutras línguas, como é o caso do galego, de variedades do espanhol da América do Sul e de variedades do Catalão. Assim sendo, encontra-se um tratamento unitário para todas essas estruturas e os dados dialetais revelam-se importantes para a própria teoria sintática.

Por outro lado, há aspetos da distribuição geográfica das construções com expletivos que também merecem atenção. Além do expletivo do tipo de (5), pré-verbal, distinguem-se em Carrilho (2005) outros dois tipos de expletivos: impessoais e pós-verbais. Os três tipos posicionam-se na periferia esquerda da frase (sendo que o expletivo *ele* pré-verbal ocupa uma posição mais à esquerda, concretamente ForceP (Rizzi 1997), e o pós-verbal associa-se a uma posição estrutural mais baixa, concretamente EvaluativeP (Ambar 1999)).

No que toca à distribuição dessas construções, conclui a autora que são fenómenos relativamente dispersos pelo território, sugerindo-se que se trata de construções não-padrão presentes de forma aparentemente indistinta no território português: “[we] conclude for the irrelevance of space variation with respect to the areal spread of overt expletives in EP dialects” (cf. Carrilho 2005: 77).

Apesar desse cenário de distribuição aparentemente indistinta, não deixa de ser relevante notar que são muito escassas as ocorrências de estruturas deste tipo nos dialetos insulares. Pode-se concluir que, relativamente a este fenómeno, os dialetos insulares parecem criar uma certa unidade entre si e, de alguma forma, isolar-se dos dialetos continentais. Veremos entretanto que há outros fenómenos relativamente aos quais as ilhas se comportam desta forma.

Em termos quantitativos, nem sempre a distribuição das estruturas apresenta resultados próximos, o que poderia, pelo menos à primeira vista, ser geolinguisticamente relevante, mas a autora atribui essas diferenças a eventuais circunstâncias do discurso espontâneo.

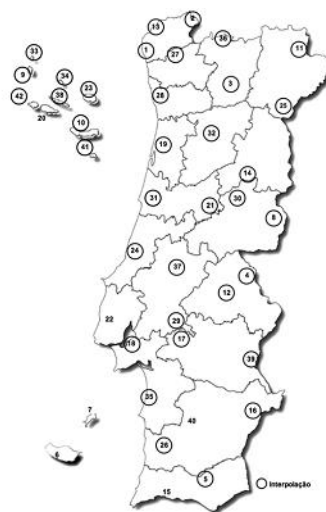
3.1.5. Magro (2007): interpolação

A partir dos dados do CORDIAL-SIN, Magro (2007) apresenta um estudo sobre a construção de interpolação característica de variedades dialetais do português, de que (6)-(8) são exemplo:

- (6) E queria ele que **lhe eu fizesse** uma ponte em ferro. AAL
- (7) Fazem o carvão, que ainda hoje **se aí faz**. LVR
- (8) Em bem **me não agradando** a fatia, venho-me embora. CBV

Os dados analisados mostram que além da interpolação da partícula de negação predicativa (cf. (8)), possível também no português *standard*, é possível identificar nas variedades dialetais do português interpolação de outros constituintes: pronomes, advérbios e sintagmas preposicionais.

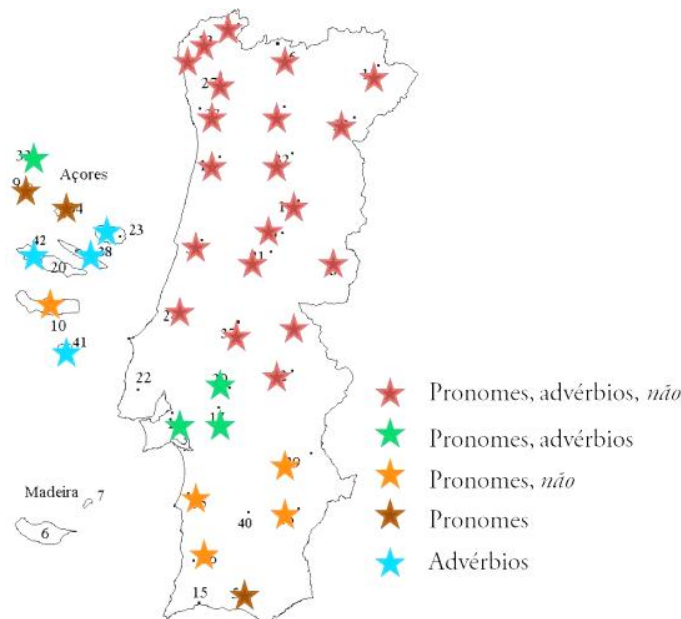
Uma das conclusões mais óbvias do estudo é que, relativamente à distribuição geográfica do fenómeno, e ao contrário do que trabalhos anteriores haviam sugerido (cf. Barbosa 1996, Duarte e Matos 2000), não se trata de uma construção exclusiva dos dialetos do Norte do país: trata-se, como mostram os dados do CORDIAL-SIN, de uma construção que cobre de forma bastante uniforme o território (ainda que as localidades onde o fenómeno se mostra mais produtivo se situem em pontos do Norte, como nota Magro).



Mapa 28: Interpolação (de Magro 2007)

No entanto, creio ser de notar que não são registadas ocorrências em nenhuma das localidades do arquipélago da Madeira. Ainda que seja possível, naturalmente, que a não ocorrência do fenómeno nesses pontos possa estar relacionada com a natureza do *corpus*, não deixa de ser importante observar esse isolamento da Madeira relativamente às restantes localidades do continente. Também este é, aliás, um comportamento que se repete relativamente a outros fenómenos dialetais, como teremos oportunidade de perceber ao longo deste trabalho.

Se analisarmos os dados tendo em conta o tipo de constituinte interpolado, outros aspetos se tornam evidentes. Destaca-se (i) uma área que cobre todo o Norte do país, estendendo-se para Sul até à linha da latitude de Lisboa, aproximadamente (área essa onde se identificou interpolação de pronomes, advérbios e *não*, considerada a interpolação mais permissiva); (ii) uma área que isola o Algarve (onde foram identificados casos de interpolação apenas de pronomes, sugerindo que se trata de uma área mais restritiva); (iii) e uma área entre essas duas regiões, que abrange o Alentejo e parte da zona central do país (onde se observa interpolação de dois tipos: pronomes e advérbios e pronomes e *não*).



Mapa 29: Interpolação, por tipos de constituinte interpolado (adaptado de Magro 2007)

Assim, como a própria autora sugere, verifica-se uma certa “ordenação espacial na distribuição dos padrões de interpolação atestados”. A extensa mancha que cobre as localidades do Norte do território mostra, inclusivamente, uma configuração próxima da

que se verifica na distribuição de outros dados dialetais, como mais tarde terei oportunidade de discutir.

Por outro lado, a distribuição destas estruturas nos Açores, interpretada pela autora como uma situação de “falta de unidade” nesse arquipélago, pode na realidade sugerir alguma unidade interna: os dados parecem mesmo ir ao encontro da sugestão de Segura (2006) de que determinados grupos de ilhas açorianas apresentam frequentemente um comportamento próximo, formando um conjunto que se diferencia dos dialetos de outras ilhas. Notemos como a interpolação de advérbios aparece atestada no grupo das ilhas mais centrais, por exemplo, parecendo formar uma pequena área. Não faz sentido, neste momento, aprofundar mais esta ideia, mas voltarei a referir estes dados mais adiante neste trabalho, quando dedico alguma atenção às divisões estabelecidas dentro do arquipélago açoriano.

3.1.6.Lobo (2000, 2008, 2016): gerúndio flexionado

Sabe-se que o português é uma das poucas línguas que apresenta formas verbais não finitas com desinências flexionais de pessoa/número. O infinitivo flexionado, existente quer no português *standard* quer no português dialetal, é um exemplo paradigmático dessa situação. Outro exemplo, que vem sendo referido desde o início do século XX,³⁸ é o gerúndio flexionado, possível em algumas variedades do português europeu. Trata-se de uma forma de gerúndio que apresenta concordância de pessoa (cf. (9)), e que Lobo descreve,³⁹ baseando-se essencialmente em dados do CORDIAL-SIN.⁴⁰

(9) *E tendem* uma árvore, não há pássaro nenhum que poise no chão. STJ

Estas formas de gerúndio identificadas no português dialetal são produtivas sobretudo em orações adverbiais, como em (9) acima, e flexionam, tal como refere a autora, de acordo com o seguinte paradigma:

(10) *(eu) vindo+Ø, (tu) vindo+s, (ele) vindo+Ø, (nós) vindo+mos, (vós) vind(o)+eis, (eles) vind(o)+em*

³⁸ Esta construção do português encontra-se documentada, por exemplo, em Azevedo (1928-9), Nunes (1902) e Moreira (1907)), assim como em várias monografias de licenciatura na maioria inéditas.

³⁹ Mota (1997) e Ribeiro (2002) dedicam, também, alguma atenção ao fenómeno.

⁴⁰ Lobo (2008) considera, adicionalmente, dados de monografias dialetais maioritariamente inéditas.

Lobo (2000) refere, considerando informação existente na literatura sobre este fenómeno, que o gerúndio flexionado “parece estar mais representado nos dialetos do sul e do centro fronteiriço (dialetos centro-meridionais), havendo contudo alguns registos mais a norte (Beira Alta). Está aparentemente ausente dos dialetos açorianos, havendo uma referência à sua existência na ilha da Madeira (Canhas e Câmara de Lobos).”

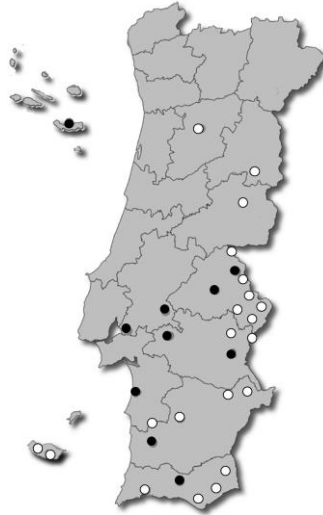
Em Lobo (2008), a partir dos dados do CORDIAL-SIN, a autora observa que o gerúndio flexionado se identifica nos dialetos meridionais e, pontualmente, nos Açores (cf. Mapa 30).



Mapa 30: Gerúndio flexionado (de Lobo 2008)

Em trabalho posterior (Lobo 2016), apresenta-se a distribuição geográfica do gerúndio flexionado considerando também informação disponibilizada em monografias dialetais (veja-se o Mapa 31, em que estão sinalizadas a preto as localidades do CORDIAL-SIN onde se regista gerúndio flexionado e a branco as localidades onde há registo do fenómeno em monografias dialetais). Estes dados evidenciam que a distribuição geográfica do gerúndio flexionado corresponde à área das variedades meridionais e insulares.⁴¹

⁴¹ Quanto à origem do fenómeno, a autora nota que os dados parecem indicar que o gerúndio flexionado tem uma origem relativamente recente (cf. Martins 1999). O facto de estar bem representado nas regiões do país que são mais inovadoras do ponto de vista linguístico (os dialetos do Sul) é um argumento nesse sentido.

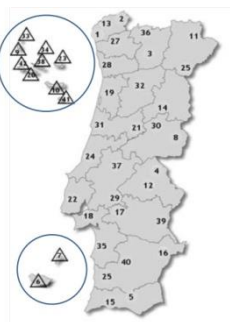


Mapa 31: Gerúndio flexionado (de Lobo 2016)

3.1.7. Carrilho e Pereira (2011): *ter* existencial, *estar* aspetual+gerúndio, possessivo pré-nominal não precedido de artigo

Ocorrências do verbo *ter* em construções impessoais, em que *ter* assume uma interpretação existencial, são bastante conhecidas no português do Brasil (PB). Trata-se, no entanto, de um fenómeno que ainda não estava documentado no PE. Carrilho e Pereira (2011) identificam estruturas deste tipo nos dados do CORDIAL-SIN. Em (11) vemos um exemplo da construção em causa e no Mapa 32 apresento a sua distribuição geográfica, confinada, como se vê, aos dialetos insulares.

- (11) INQ Há algum curioso cá na Terceira?
 INF Agora não... Agora não *tem*. TRC



Mapa 32: Distribuição de *ter* existencial (de Carrilho e Pereira 2011)

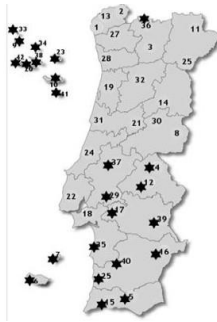
No mesmo trabalho, as autoras esclarecem que construções com verbo aspetual (como *estar*, *ficar* e *andar*) seguido de gerúndio, também frequentes no PB, foram

identificadas em vários pontos do CORDIAL-SIN como alternativa à construção com *a*+infinitivo, de sentido equivalente (sobre este tema, ver a Parte II desta tese). As autoras consideram apenas as construções com *estar* (as mais frequentes no *corpus*), que assumem ser representativas do fenómeno. Reproduzo alguns dos seus exemplos:

(12) *Estou tocando* no cortiço. STA

(13) Essa pessoa *estava varrendo*, limpando LUZ

As localidades onde foram identificadas as estruturas estão assinaladas no mapa seguinte: ocorrem, essencialmente, no Sul e nas ilhas.



Mapa 33: Distribuição de *estar* aspetual+gerúndio (de Carrilho e Pereira 2011)

Carrilho e Pereira (2011) notam também a ocorrência, nalguns pontos específicos do território, de sintagmas com possessivos pré-nominais não precedidos de artigo. Os contextos que as autoras associaram a essas ocorrências foram aqueles em que ocorrem nomes de parentesco, como se ilustra no exemplo abaixo. Sobre a distribuição espacial destas estruturas, a conclusão a que chegam, considerando os valores relativos das ocorrências, é que se trata de um fenómeno que ocorre sobretudo nas ilhas (ainda que haja ocorrências em várias localidades do continente, como se vê no Mapa 34).⁴²

⁴² Em Carrilho e Lobo (2012) e Lobo e Carrilho (2015) volta-se a comentar a distribuição de possessivo pré-nominal não precedido de artigo e a distribuição de gerúndio a partir de dados do CORDIAL-SIN e do ALPI. Os dados das duas fontes são, genericamente, coincidentes, embora as autoras notem que a área de gerúndio é menos extensa no ALPI e que, por outro lado, no CORDIAL-SIN não se encontram exemplos de formas gerundivas em orações dependentes de verbos percetivos. Esta última situação, que também verifiquei ao investigar a alternância entre *a*+infinitivo e gerúndio que constitui o foco da Parte II desta tese, será aí comentada. Apresenta-se ainda, nos dois trabalhos que estou a citar, informação sobre a ocorrência de formas verbais em *-ra* no CORDIAL-SIN e no ALPI. Verifica-se que a ocorrência destas

(14) Olha, fala com *teu avô*. CTL



**Mapa 34: Distribuição de possessivo pré-nominal não precedido de artigo
(de Carrilho e Pereira 2011)**

3.1.8. Pereira (2012), Gonçalves, Carrilho e Pereira (2016): construção de União de Orações

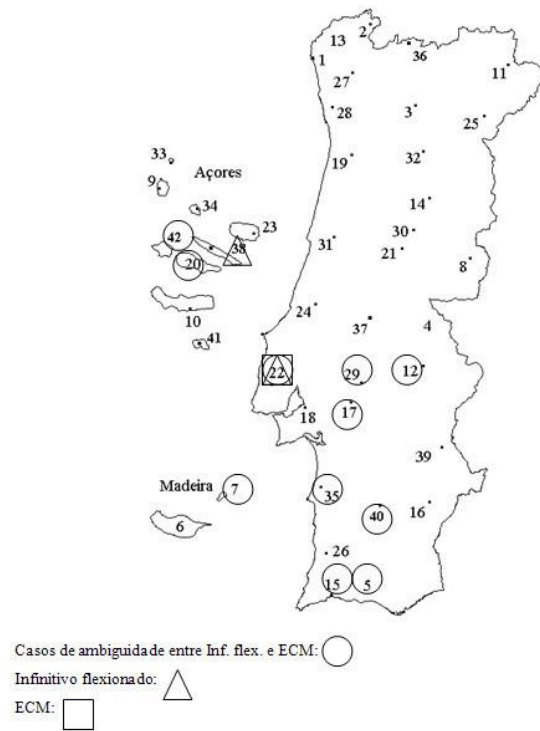
Em Pereira (2012) encontramos novos dados relevantes para o conhecimento da sintaxe dialetal portuguesa. Uma parte desse trabalho é dedicada à análise de construções causativas observadas no CORDIAL-SIN, e é para estes dados que quero chamar a atenção. Relativamente a essas estruturas, revelam os dados do CORDIAL-SIN que a mais frequente é a construção de União de Orações, como em (15) e (16):

(15) Para fazer as tais pedras, até mandou vir os mestres de São Miguel, que aqui não havia quem fizesse. GRC

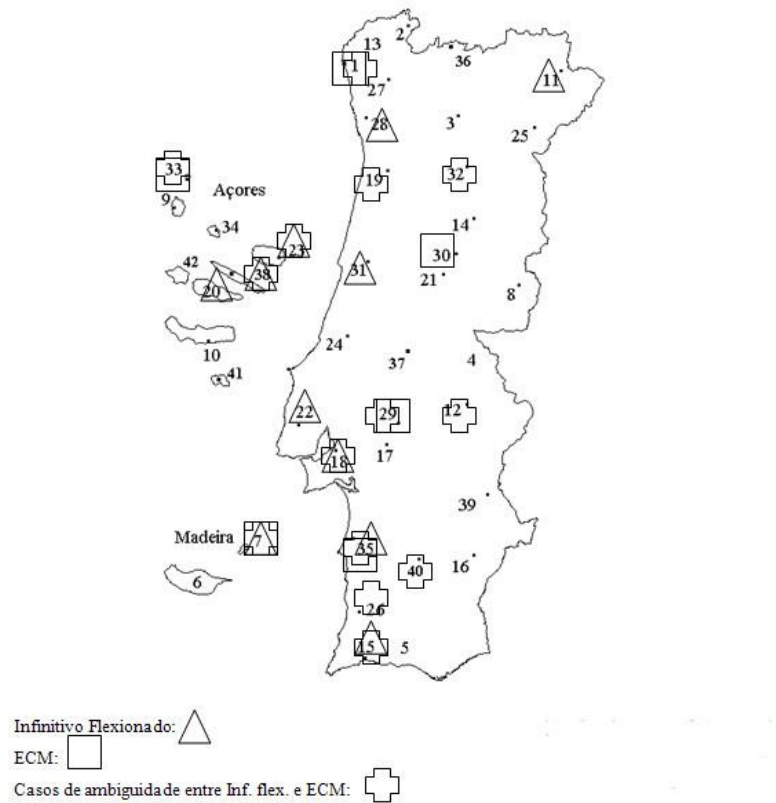
(16) O meu Epaminondas nunca deixou ir os filhos ao minério. GRJ

formas (que assumem diferentes valores, ocorrendo em equivalência com o pretérito mais-que-perfeito, com o imperfeito do conjuntivo e com o imperfeito do indicativo/condicional, sendo também identificadas em exclamativas contrafactuais e expressões idiomáticas com valor desiderativo) é globalmente pouco produtiva. No ALPI, apenas é identificada em localidades dos distritos de Santarém e Coimbra (sobre estes dados, ver também Mouzo Villar 2008). No CORDIAL-SIN, embora diferentes valores estejam atestados, também é um fenómeno pouco produtivo, mesmo com o valor de mais-que-perfeito, que exhibe uma distribuição pouco clara (foram registadas ocorrências apenas em quatro localidades: uma nos Açores, duas no Norte e uma no distrito de Setúbal). Com verbos modais (i.e., com valor de imperfeito do indicativo/condicional), apenas se registam ocorrências nos Açores, em Beja e Évora. Com valor de imperfeito do conjuntivo, só há ocorrências em Évora e Beja. Se tentarmos, ainda assim, caracterizar a paisagem dialetal obtida com base na distribuição das formas em *-ra*, não deixa de se observar uma mancha compacta no Centro-Sul – mas que não chega ao Algarve e que se estende para Noroeste se incluirmos também os poucos dados do ALPI – e uma área nos Açores, que exclui o Corvo e a Graciosa. Será, a meu ver, isto que se conclui da distribuição geográfica apresentada em Carrilho e Lobo 2012: 294.

são, como ficará claro com o decorrer do trabalho, recorrentes na divisão dos dialetos portugueses.



Mapa 36: Construções alternativas à construção de União de Orações com verbos causativos (de Pereira 2012)



**Mapa 37: Construções alternativas à construção de União de Orações com verbos perceptivos
(de Pereira 2012)**

3.2. A sintaxe na classificação dos dialetos portugueses: novos dados do CORDIAL-SIN

Na linha do que as investigações anteriores começaram a revelar, a observação dos dados dialetais disponíveis no CORDIAL-SIN permitiu-me identificar uma série de estruturas não-padrão existentes no português, cuja distribuição geográfica se confina, frequentemente, a determinadas regiões. Começo por apresentar os fenómenos que foi possível circunscrever a áreas específicas. Numa segunda parte, exponho os dados dialetais que aparentam ocorrer de forma dispersa pelo território ou cuja distribuição geográfica não pôde ser bem caracterizada.

Relativamente aos mapas que apresento, é importante dizer que nem sempre eles têm por base dados que possam ser considerados estatisticamente representativos. Em várias situações, apenas foi possível reunir pequenos conjuntos de dados, pouco significativos em termos numéricos. Assim, muito embora as distribuições geográficas das estruturas não-padrão aqui consideradas se afigurem muitas vezes como geolinguisticamente sugestivas (definem frequentemente áreas coesas, que contrastam

com as áreas em branco a marcar a ausência de ocorrências nesses pontos), não foi possível apurar convenientemente a sistematicidade das construções nas áreas em que foram identificadas. Por isso, os dados apresentados fornecem pistas valiosas no domínio da sintaxe dialetal mas devem ser tidos, essencialmente, como um útil ponto de partida para estudos mais aprofundados, e sublinham bem a necessidade de um cruzamento entre dados obtidos de diferentes formas. Enquanto este material não for confrontado e enriquecido com dados de outra natureza, a sua representatividade e o seu peso geolinguístico serão sempre questionáveis.

I - Fenómenos não-padrão geograficamente circunscritos

3.2.1. Concordância verbal 3SG em construções com *ser*

A concordância verbal tem sido objeto de estudo de vários trabalhos, quer sobre o PB quer sobre o PE.⁴³ É um tema que se sabe estar sujeito a variação⁴⁴ e, no que diz respeito ao PE, têm sido vários os trabalhos que abordam o tema dessa perspetiva. Foi já referida acima (cf. 3.1.3.) a concordância 3SG em contextos de sujeitos pós-verbais. Entre os outros trabalhos que abordam o tema destacam-se estudos sobre a alternância entre a terceira pessoa do plural e do singular em coocorrência com um sujeito plural (cf. Mota e Vieira 2008; Cardoso, Carrilho e Pereira 2011), e também análises de outras situações, como é o caso das relações de concordância com a expressão *a gente* (Pereira 2003) e manifestações de gerúndio flexionado (Lobo 2008).

No que diz respeito, concretamente, a concordância V3SG com sujeitos plurais, alguns exemplos têm a ver com situações já largamente descritas na literatura: casos que envolvem concordância lógica, por um lado, e casos de concordância parcial, tipicamente associada a construções com sujeitos complexos ou coordenados. Trata-se de fenómenos de alternância 3PL/3SG muito vivos mesmo dentro do português padrão e que não mostram indícios de relacionar-se com cisões dialetais.

A concordância V3SG em contextos de sujeitos pós-verbais, analisada por Cardoso, Carrilho e Pereira (2011), é outro caso paradigmático. Entre os exemplos que evidenciam este fenómeno, contam-se, como já mencionei, dados do português padrão,

⁴³ Sobre os trabalhos existentes para o PB, ver Scherre (1994), Scherre e Naro (1998), Rodrigues (2007), entre outros.

⁴⁴ Ver, por exemplo, Peres e Mória 1995: 451-508; ver também o volume do *Journal of Portuguese Linguistics* dedicado ao assunto: <http://ww3.fl.ul.pt/revistas/JPL/Vol12-2.htm>.

estas estruturas do PE,⁴⁵ e porque a quantidade e diversidade de exemplos reunidos mostraram ser de algum interesse, fiz um levantamento de dados no sentido de explorar estas situações.

Comecei por extrair e analisar as estruturas que se revelaram mais frequentes: formas do verbo *ser* no singular em coocorrência com um constituinte plural em posição pré-verbal, ocorrendo também, frequentemente, outro constituinte plural em posição pós-verbal. Eis exemplos:

(22) Esses coisos *é* modernos. ALC

(23) Os canelos dos animais *é* aquelas ferraduras que trazem nos... GRJ

Porque se trata de um verbo copulativo, grande parte dos dados reunidos nessa primeira fase foram, previsivelmente, frases copulativas como as tipicamente descritas na literatura, nas quais o verbo copulativo une expressões de carácter nominal ou adjectival (e de que as frases atrás são exemplo).

Trata-se de estruturas que no padrão ocorrem com o verbo no plural, concordando com o constituinte que lhe serve de sujeito (e que normalmente se encontra em posição pré-verbal), mas que exibem, nos dados dialetais do CORDIAL-SIN, concordância 3SG.

Uma análise mais atenta acabou por revelar dados de uma quantidade e riqueza consideráveis, mas por vezes complexos de analisar, que tiveram de ser excluídos porque o seu tratamento adequado obrigaria, provavelmente, a redefinir os objetivos deste estudo. É o caso de estruturas predicativas a que alguns autores chamam “reduzidas”⁴⁶ e

⁴⁵ Os trabalhos atrás citados sobre concordância com sujeitos pós-verbais não consideraram ocorrências do verbo *ser*, embora apresentem algumas notas pontuais sobre essas estruturas.

⁴⁶ Uma boa parte dos dados encontrados diz respeito a construções estruturalmente próximas do que na literatura alguns autores descrevem como um tipo particular de orações predicativas, nas quais o verbo se associa apenas a um constituinte, invariavelmente à sua direita. É o caso de “Es muy tarde” e “Soy yo” (exemplos de Leborans 1999 para o espanhol) e de “É um dia triste”, “São cinco da manhã”, “É uma questão de opinião” (exemplos de Oliveira 2001). São orações a que Leborans (1999) chama “reduzidas”, pelo facto de o sujeito da especificação não ser expresso, e desencadeiam, no português padrão, concordância com o constituinte à direita do verbo. Entre os dados do CORDIAL-SIN, identificaram-se alguns exemplos de construções em que também ocorre apenas um constituinte pós-verbal (pelo que parecem estruturalmente próximas) mas em que o verbo ocorre no singular. Pelo facto de não ser evidente tratar-se do mesmo tipo de estruturas, e pelo facto de elas serem demasiado ambíguas e complexas de analisar dentro dos limites deste trabalho, acabei por excluir construções como as seguintes:

- (i) INQ1 E de que cor *é*?
INQ2 Mas nunca... Nunca são muito grandes...
INF *É* amarelos. (ALC)
- (ii) INQ Os calhabouços são o quê?
INF1 *É* as pedras.
É pedras. (GRJ)
- (iii) INQ Como *é* que chama à porcaria da vaca, aquilo que ela faz?

construções em que na posição pré-verbal ocorrem pronomes demonstrativos invariáveis.⁴⁷

Assim, optei por restringir a análise de frases copulativas a estruturas não ambíguas que representem casos claros de concordância não-padrão: (i) estruturas em que ambos os constituintes (pré e pós-verbais) com que o verbo coocorre estão no plural (cf. (24)) e (ii) casos em que há apenas um constituinte plural, em posição pré-copular (ocorrendo normalmente, à direita do verbo, um constituinte de natureza preposicional), como em (25). São estes casos que vou começar por discutir. De seguida, descrevo as outras duas situações em que *ser* manifesta concordância 3SG: construções passivas e frases relativas.⁴⁸

(24) Aqueles bichitos é as abelhas. COV

(25) INQ Como é que são as teimosas?

-
- (iv) INF Ah, é bostas de vaca. (LAR)
 INQ1 Como é que se chamava? Papas?...
 INF É papas de linhaça. (GIA)
- (v) INF Estes sacos, chamamos-lhe nós fornadas.
 É fornadas. (FIS)

Ainda que estruturalmente próximas das predicativas reduzidas, acredito que estas frases merecem algum cuidado na análise. Se é possível que grande parte delas corresponda efetivamente a predicativas reduzidas no sentido proposto por Leborans, também me parece possível que alguns destes casos representem outro tipo de estrutura. Por exemplo, o contexto discursivo das frases atrás permite considerar que nalguns casos possa tratar-se de uma oração clivada com constituintes elididos (para uma frase como (iii), por exemplo, assumo que a estrutura em questão seja uma clivada do tipo “é bostas de vaca [que chamo à porcaria da vaca]). Trata-se de estruturas pouco transparentes que, pela sua ambiguidade, seria imprudente considerar no grupo relevante sem a análise cuidada que exigem e que neste trabalho não lhes consigo dedicar.

⁴⁷ Refiro-me a frases como as seguintes:

- (i) Isto é maçãs, não é? Não é maçãs? (FLF)
 (ii) Anda para dentro que isso é bruxas! (ALV)
 (iii) Aquilo era bichas! (CBV)

A concordância em estruturas deste tipo tende a ser feita, no padrão, com o constituinte à direita do verbo, concordando o verbo, neste caso, com o constituinte predicativo. Trata-se, no entanto, de um terreno extremamente vasto e bastante movediço, sobre o qual falta uma descrição sólida e consistente, e o que temos em mãos é um conjunto de dados complexo de analisar, por um lado por ser difícil apurar se estamos efetivamente perante um caso de variação, por outro lado por não ser simples identificar o tipo de estrutura em questão (se se trata de um pronome demonstrativo, de um expletivo, ou de outro tipo de construção). Ainda que a análise destas estruturas tenha ficado de fora deste trabalho, é importante referir que se trata de um caso em que a geolinguística poderá ajudar, no futuro, a determinar se se trata ou não do mesmo tipo de fenómeno relativamente à concordância. Tratando-se do mesmo tipo de fenómeno, espera-se que a distribuição geográfica destas construções seja coincidente com a área definida no Mapa 39. Se houver descoincidência clara, então será um argumento a favor de uma análise diferenciada para umas e outras estruturas. Será desejável, nesse trabalho futuro, alargar os exemplos considerados, pois quanto mais numerosos forem os dados reunidos e mais variadas as fontes consideradas, mais sólidas serão as pistas que a geolinguística poderá fornecer.

⁴⁸ Cardoso, Carrilho e Pereira (2011) lembram que, segundo Naro e Sherre (2007: 56-57), em certas construções com *ser* e *faltar* são fatores morfológicos que motivam a concordância V3SG. É o que acontece, segundo os mesmos, nas frases “É duas partes para o dono” e “pescadas e linguado nunca lá faltou a eles”, de que se se servem para ilustrar essas situações.

INF1 Teimosas *é* de umas pequeninas.⁴⁹ PIC

i) Ausência de concordância em frases copulativas

Centrei-me, portanto, em estruturas em que o verbo copulativo surge no singular e os outros elementos da predicação no plural e em casos em que pelo menos o elemento à esquerda do verbo ocorre no plural. Foram reunidas 23 situações deste tipo: um número não particularmente significativo mas que, ainda assim, fornece dados interessantes, como passarei a expor. Vejamos então exemplos das estruturas identificadas:

(26) Os canelos dos animais *é* aquelas ferraduras que trazem nos... GRJ

(27) Ali naqueles buraquinhos cria como uns bichinhos; e aqueles bichitos *é* as abelhas.

COV

(28) (...) para travar as pernas da arribana - que as pernas *é* essas varas. MIG

(29) Os Emaús *é* outros. GRJ

(30) INQ1 Olhe, então e já falámos também dos cabanejos?

INF1 Cabanejos *era* os cesteiros. LVR

(31) Esses coisos *é* modernos. ALC

(32) INQ As moiras como *é* que são?

INF2 Salpicões... As moiras *é* de sangue (...) GRJ

(33) INQ Como *é* que são as teimosas? Teimosas *é* de umas pequeninas. PIC

Entre os dados reunidos há, atendendo à natureza do constituinte à direita do verbo, os vários tipos de estruturas descritas como possíveis em frases copulativas. Contam-se vários exemplos de predicções de base nominal e adjetival (cf. (26)-(31)) mas também de base preposicional (cf. (32) e (33)).

Se considerarmos que *é* possível fazer uma divisão entre dois grandes tipos de frases copulativas – a que, na linha de Paiva Raposo (2013b) e Leborans (1999), podemos chamar caracterizadoras e identificacionais⁵⁰ – encontramos também, nos dados do

⁴⁹ Não sei até que ponto a determinação do nome poderá influenciar este fenómeno. Mas considero a hipótese de que sujeitos indeterminados possam favorecer a ausência de concordância, por poder estar implícita, nesses casos, uma estrutura temática de tópico-comentário (sendo nesse caso “teimosas”, na frase (25), o tópico da predicação e não necessariamente o primeiro elemento de uma estrutura predicativa). Assim sendo, talvez se aceite mais facilmente, mesmo no padrão, uma construção com o verbo no singular.

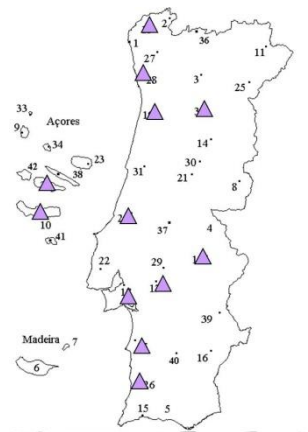
⁵⁰ De acordo com o que tem sido dito na (extensa) literatura sobre o tema, a par de diferentes propostas de classificação há uma linha geral de pensamento que distingue entre estruturas de valor

corpus, exemplos das duas situações. Assim, (34) é exemplo de uma copulativa identificacional – estas estruturas identificam um indivíduo como portador de uma propriedade individual – e (35) ilustra uma caracterizadora – veicula-se características sobre o indivíduo: ⁵¹

(34) As relvas é terras que foram semeadas. LVR

(35) Esses coisos é modernos. ALC

Vejam agora o que é possível perceber em termos da distribuição geográfica destas construções. Consideremos o mapa abaixo, em que se assinalam todos os pontos em que as estruturas foram identificadas:



Mapa 39: Concordância verbal 3SG em copulativas

Ainda que não haja uma mancha de distribuição totalmente uniforme, parece notar-se que as estruturas em questão ocorrem de Norte a Sul sobretudo em pontos do litoral. Se olharmos para os territórios insulares, vemos que há ocorrências apenas nalguns pontos dos Açores. Seria legítimo, perante isto, perguntar o seguinte: Será este um fenómeno característico do litoral do país? A ausência de exemplos na Madeira significará que é uma estrutura inexistente nestes dialetos? E nos Açores, ocorrerá em

identificacional/equitativo, associadas à reversibilidade dos NP (que correspondem às identificacionais de Leborans) e estruturas de valor predicativo (que correspondem às caracterizadoras), que mais dificilmente permitem reversibilidade (cf. Frege 1892, Heycock 1994, Higgins 1973, 1979, Britto 1998, Leborans 1999, Moro 1997).

⁵¹ Tentei perceber se esta distinção entre copulativas identificacionais e caracterizadoras poderia evidenciar diferenças regionais. Tal facto não se verificou, dado que a distribuição geográfica dos dois tipos de estrutura é relativamente dispersa. Por essa razão, os dados relativos a estruturas copulativas são tratados globalmente.

todas as ilhas ou apenas em alguns dialetos do arquipélago? Os dados apresentados a seguir, sobre as outras estruturas consideradas relativamente a ausência de concordância em construções com *ser*, poderão trazer alguma luz a estas questões.⁵²

ii) Ausência de concordância em frases passivas

Referi atrás que outro tipo de estrutura identificada no CORDIAL-SIN em que o verbo *ser* manifesta ausência de concordância são as construções passivas. Vejamos, pois, alguns exemplos.

(36) As canastras *é feitas* de madeira. ALC

(37) Estes ganchos são em ferros. E depois *é pendurados* lá. ALC

(38) INQ1 Olhe, e os marcos... Os marcos são de pedra, *é?*

INF1Esses *é feitos* em cimento e depois leva o nome da pessoa, em cima. ALC

(39) Fazia-se um buraco nas casas, nas casas de palheiros, e depois *era acartadas* com uns panos a palha e eram metidas pelo buraco do telhado, enchia-se uma casa de palha. EXB

Considerarei, neste grupo de dados, todas as estruturas em que o verbo ocorre, mais uma vez, no singular, associando-se neste caso a um particípio com marcas de flexão no plural. Na maior parte dos casos associa-se também a um sujeito no plural, que ou se encontra realizado na frase passiva ou é facilmente recuperável pelo contexto discursivo. Algumas construções foram excluídas por não ser claro tratar-se de passivas.⁵³

(40) [INF1 *levávamos-lhe um queijo ou dois, e levávamos e elas faziam-nos uma cama boa, assim numa cama (...) de rede e assim numa cama destas (...) de madeira (...) ou outras assim de rede, conforme tinham.*

INQ1 *Pois, pois.*]

⁵² Ainda que cada um destes subgrupos revele um conjunto relativamente pequeno de dados e acabe por fazer sentido considerá-los como um todo, pareceu-me relevante olhar para as estruturas também separadamente, de forma a tornar-se mais claro quais as diferentes estruturas presentes e de modo a perceber eventuais divergências em termos de distribuição geográfica.

⁵³ À semelhança do que referi atrás para as frases copulativas, também neste conjunto de dados continua a ser possível encontrar casos que parecem ter subjacente uma leitura de foco contrastivo (na frase “As mulheres era ali deitadas”, assumo como uma possível interpretação algo do tipo “As mulheres era deitadas que estavam”). Relativamente a frases como (41), assumo que poderá estar em causa uma espécie de elipse: “E é a carne melhor que tem, é [a dos bichos] criados em casa.”

INF1 As outras mulheres *era ali deitadas* (...) nos 'xais', ali (...) naquelas camas que lhe faziam ali no chão. PVC

(41) [INF1 *É muita lavoira, não temos vagar nenhum. E eu compro-os a tirar do leite, compro-os assim pequeninos e depois*

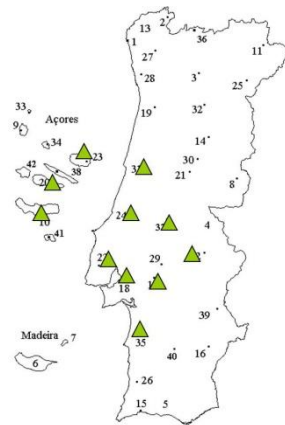
INQ1 Pois. Claro.

INF1 Crio-os em casa.

INQ1 Claro.]

INF1E *é a carne melhor que tem, é criados em casa.* COV

Considerando, então, os casos em que parece claro tratar-se de passivas sem concordância, reuniram-se 28 exemplos.⁵⁴ Vejamos, agora, a distribuição geográfica dessas estruturas:



Mapa 40: Concordância verbal 3SG em passivas de *ser*

Trata-se de uma distribuição bastante coesa, que isola uma área abrangida pelos dialetos do centro/litoral do continente e onde se incluem também, à semelhança do que vimos para as frases copulativas, pontos nos Açores. As duas distribuições são, pode-se dizer, relativamente próximas, se considerarmos que há pontos que coincidem com a área apresentada anteriormente e que se identificam novamente ocorrências nos Açores, continuando a Madeira sem oferecer exemplos.

⁵⁴ Houve três exemplos que podem ser considerados como mais próximos de passivas adjetivais ou mesmo de construções predicativas, mas que acabei por incluir neste grupo (cf. “Chama-se umas alpendoradas, que é abertas dos dois lados”; “O senhor Amílcar – não é? – conhece aquelas caixas que levavam para a tropa, que era abertas – é metade aberto?”; “Eram de madeira, com aquela curvazinha, e depois tinha uns pauzinhos para segurarem o que lá queriam pôr. Os pauzinhos é levantados.”).

Olhemos agora para o último contexto considerado – ausência de concordância de *ser* em frases relativas – de modo a perceber se há alguma conclusão que possa ser extraída.

iii) Frases relativas

Os exemplos reunidos neste grupo são, na verdade, frases copulativas, se considerarmos que se trata de predicções novamente de base nominal ou adjetival que continuam a ser veiculadas por um verbo copulativo. Há, no entanto, a particularidade de o primeiro elemento da predicção ser o antecedente de uma oração relativa (restritiva ou apositiva) introduzida por *que*, tendo sido por isso que os considerei separadamente do primeiro conjunto de dados (composto, esse, pelas frases que tipicamente obedecem à descrição das frases copulativas).⁵⁵ Vejamos alguns exemplos deste pequeno conjunto de dados:

(42) INF1 Botava-se farinha e botava-se mais umas gorduras, fazia-se essas farinheiras, *que é* aquelas amarelas. VPC

(43) há outros arreios simples, *que é* aqueles rasos. ALC

(44) Quer dizer, isso um carpinteiro é que pode dizer todos esses nomes *que é* coisas que a gente não... LVR

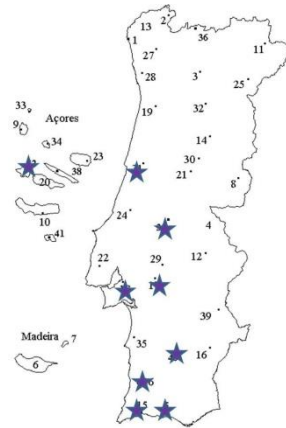
(45) O gado apezinhavam, para fazer como um vidro, para aquilo abater, para o chão, e os homens calcavam com uns paus, uns paus *que não era* paus, era... Não estou a ver bem. CDR

Considere os contextos em que há sempre, além do verbo no singular, um antecedente plural e um constituinte à direita do verbo também ele no plural.⁵⁶

Assim, considerando apenas os contextos relevantes, identifiquei nove estruturas que ocorrem nos seguintes pontos:

⁵⁵ É relevante notar que um dos contextos de variação na concordância verbal identificados por Cardoso, Carrilho e Pereira (2011) são relativas de sujeito.

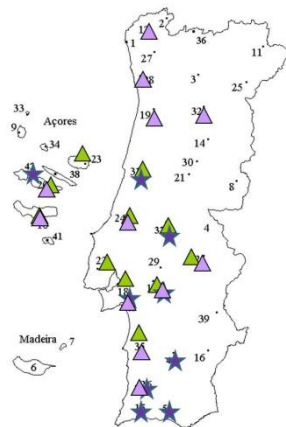
⁵⁶ Os contextos em que não é possível identificar o antecedente foram excluídos (ainda que se possa considerar haver ausência de concordância entre o verbo e o constituinte pós-cópula).



Mapa 41: Concordância verbal 3SG em relativas com *ser*

Tal como nos casos apresentados anteriormente, se considerarmos os territórios insulares volta a ser relevante o facto de apenas nos Açores se verificarem ocorrências. No que toca à distribuição no continente, volta a haver sobreposição em alguns pontos.

Mas para evitar uma visão demasiado espartilhada dos dados, e para que possamos ter uma visão global da distribuição geográfica de todas as estruturas estudadas em que *ser* manifesta ausência de concordância, veja-se o mapa abaixo:



Mapa 42: Concordância verbal 3SG em construções com *ser* (sobreposição dos mapas 39, 40 e 41)

A sobreposição dos três mapas já observados mostra que as áreas identificadas em cada um são, na verdade, parcialmente coincidentes e parece legítimo supor que poderiam sê-lo mais extensivamente se o número de dados oferecido pelo *corpus* fosse mais elevado.

É possível, considerando os três fenómenos em conjunto, confirmar a ideia de que as estruturas ocorrem sobretudo numa faixa litoral do país, que se estende de Norte a Sul,

parecendo (tanto quanto estes dados permitem concluir) que o fenómeno se vai diluindo à medida que nos afastamos da região Centro-Sul.

Quanto aos dialetos insulares, verifica-se que, tal como já havíamos notado, apenas os Açores apresentam exemplos destas construções. O facto de terem sido identificadas ocorrências apenas em alguns dialetos deste arquipélago não deixa também de ser relevante: a distribuição encontrada sugere a existência de uma área formada por alguns dos dialetos do Grupo Central, que se distingue dos restantes dialetos açorianos.

Em jeito de conclusão, a distribuição geográfica deste fenómeno morfossintático é, como se vê, bastante coesa, e, ao dividir o país entre Litoral e Interior, de Norte a Sul, evidencia um tipo de divisão já identificado em trabalhos sobre áreas lexicais (cf. Cintra 1962 e ponto 2.2.5 deste trabalho). Mas estes novos dados, ao contemplarem informação relativa às ilhas, denunciam ainda uma aproximação entre os dialetos do interior e os dialetos madeirenses – que não apresentam exemplos destas estruturas – e uma aproximação entre os dialetos do litoral e os de algumas ilhas dos Açores, onde, por outro lado, ocorrem vários exemplos destas construções.

Estes novos dados que apresento, ao evidenciarem concordância V3SG em frases copulativas/relativas/passivas, podem constituir mais um argumento a favor da ideia defendida em Cardoso, Carrilho e Pereira (2011) de que há fortes condicionamentos sintáticos a motivar a concordância 3SG: nomeadamente, o facto de se tratar de construções inacusativas.

3.2.2. Concordância V3PL com quantificadores universais e nomes coletivos

A observação dos dados do CORDIAL-SIN permitiu identificar outro conjunto de estruturas não-padrão, também elas relacionadas com concordância, mas associadas, desta vez, a concordância V3PL com os quantificadores universais *tudo* e *ninguém* e nomes coletivos:⁵⁷

(46) (...) depois do sol posto, *ninguém acenderam* as luzes. AJT

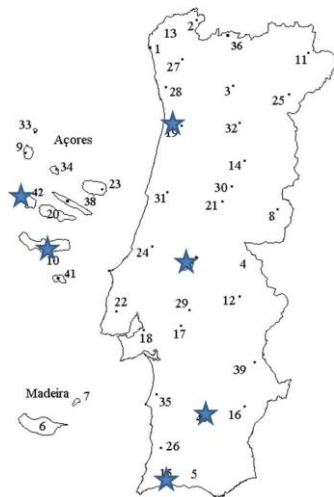
⁵⁷ Ainda que o CORDIAL-SIN só tenha revelado ocorrências com dois quantificadores universais (*tudo* e *ninguém*), acredito que a análise de outros dados possa confirmar que um dos conjuntos relevantes na descrição deste fenómeno é o da quantificação universal. É, pelo menos, esperável que assim seja, da mesma forma que é previsível identificar-se ocorrências com outros quantificadores morfologicamente singulares que exprimam pluralidade, uma vez que todos os exemplos reunidos têm em comum o facto de denotarem referentes plurais.

(47) Ele ou morria o pai ou morria a mãe ou quando *morriam a família*, praticamente os filhos é que iam continuando a trabalhar. CDR

(48) E *a classe marítima* também foram. ALV

Trata-se de frases que no português padrão desencadeiam concordância verbal no singular mas que, nalguns dialetos, surgem com a forma verbal no plural.⁵⁸ Considerando que quer os nomes coletivos quer os quantificadores universais denotam entidades plurais, sendo por isso semanticamente (ainda que não morfologicamente) plurais, trata-se de situações que manifestam, todas elas, concordância semântica, em vez da concordância gramatical preferida no padrão.

Não se trata, mais uma vez, de um número de dados particularmente significativo (reuniram-se apenas sete exemplos destas situações).⁵⁹ Apesar disso, vale a pena observar a distribuição geográfica destas estruturas:



Mapa 43: Concordância V3PL com quantificadores universais e nomes coletivos

⁵⁸ Nos casos em que o sujeito é um nome coletivo, apesar de a norma padrão prescrever a concordância no singular, há registo na literatura de que “os nomes coletivos no singular, quando funcionam como sujeito, determinam frequentemente concordância verbal no plural” (cf. Paiva Raposo 2013: 975ss).

⁵⁹ De forma a identificar as estruturas deste tipo, foram procuradas as seguintes possibilidades de ocorrência:

- (i) quantificadores universais (como *tudo*, *nada*, *ninguém* e *qualquer*, apenas na variante singular) e os quantificadores indefinidos *algo* e *alguém*, com função de sujeito, associados a formas verbais no plural;
- (ii) nomes coletivos associados a formas verbais no plural (pesquisa por algumas categorias de nomes coletivos: de animais, de plantas e de pessoas).
- (iii) os quantificadores “vagos” *muito/pouco/bastante* seguidos de verbos no plural.

Noto que foram excluídas construções ambíguas como “Pouco começam a crescer” (ALV) e “há uma coisa que aqui pouco usavam fazer que era o arrobe” (FIG), por parecer mais provável que “pouco” funcione, nestes casos, como um modificador verbal.

Se olharmos para a distribuição no continente, salta à vista um pontilhado consideravelmente disperso e espaçado, com várias localidades onde não se identificaram ocorrências a surgir entre os pontos que apresentam as estruturas (o que provavelmente estará associado ao facto de se terem reunido poucos exemplos da construção). Ainda assim, importa ver que esses pontos se situam na área que foi identificada para os fenómenos de concordância em construções com *ser*. Aliás, relativamente às ilhas volta a observar-se ocorrências apenas nalguns dialetos dos Açores, o que é particularmente significativo.⁶⁰

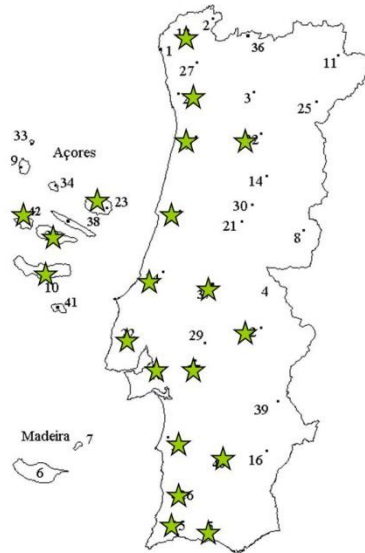
Geolinguisticamente, a coincidência que observamos em termos de distribuição geográfica poderá ser relevante, na medida em que pode sublinhar um paralelismo linguístico entre as duas estruturas.⁶¹ No entanto, e ainda que falte explicitar essas potenciais afinidades linguísticas entre a concordância V3SG com *ser* e a concordância V3PL com quantificadores e nomes coletivos (e, eventualmente, também entre concordância V3SG com sujeitos pós-verbais e V3PL com *a gente*), ressalta essa distribuição espacial coincidente entre as duas estruturas: sobrepondo este aos outros mapas, a coincidência de áreas torna-se bastante clara.⁶²

⁶⁰ Uma vez que na observação do *corpus* identifiquei casos de falta de concordância entre o quantificador *muito* e o nome a que se associa, fiz algumas pesquisas no sentido de perceber que dados fornece o CORDIAL-SIN sobre as relações de concordância em número entre quantificadores e expressões nominais. Procurei ocorrências dos quantificadores *muito/pouco/bastante/qualquer* seguidos de nomes no plural. Observaram-se exemplos pontuais de construções como as seguintes, identificadas em Alcochete (Setúbal), Moita do Martinho (Leiria), Calheta (Angra do Heroísmo) e Cedros (Horta):

- (i) Aquilo já há **muito anos** existiam. (CLH)
- (ii) Aqui semeia-se **muita cenouras**, cebolo. (ALC)
- (iii) Servia para levar qualquer coisa. Esterco, **qualquer caixas**, qualquer pouco ir aí dentro. (ALC)

⁶¹ O facto de se tratar, em ambos os casos, de fenómenos de ausência de concordância verbal não justifica, só por si, as afinidades que parecem existir em termos de distribuição geográfica. Note-se que outros fenómenos relacionados com este domínio evidenciaram distribuições geográficas distintas: concordância V3SG com sujeitos pós-verbais, que conforme já mostrei surge de forma dispersa pelo território, e concordância V3PL com *a gente* (cujas ocorrências – pontuais – no continente evidenciam uma distribuição também indistinta).

⁶² Não excluo a hipótese de haver uma explicação sintática que una todos estes fenómenos relacionados com concordância e que justifique as distribuições identificadas, mas analisar a situação a esse nível exigiria uma observação de dados muito mais atenta e alargada do que aquela que me é possível fazer dentro dos contornos deste trabalho.



Mapa 44: Concordância V3SG com *ser* e concordância V3PL com quantificadores universais e nomes coletivos

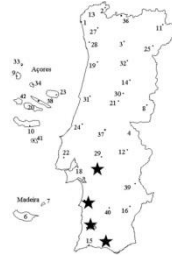
3.2.3. Orações gerundivas: subordinadas e predicativas

Trabalhos anteriores sobre variação sintática em PE sugeriram já que construções não-padrão envolvendo gerúndios são características de regiões específicas do país. Como vimos na secção 3.1.6, uma das construções com gerúndio que mais claramente isola uma área dialetal precisa é a construção de gerúndio flexionado, que Lobo (2008) associa ao Sul do território português e aos dialetos insulares. Vimos também que a construção perifrástica de *estar* aspetual seguido de gerúndio, estudada por Carrilho e Pereira (2011), ocorre em pontos particulares do território português como alternativa à construção *estar+a+infinitivo*, produtiva no padrão.⁶³ Os dados do CORDIAL-SIN permitiram identificar outros fenómenos envolvendo gerúndios associados a distribuições geográficas muito específicas.

Identificaram-se, por exemplo, gerundivas adverbiais associadas a áreas concretas. Alguns dos exemplos mais claros são as gerundivas de valor temporal/condicional introduzidas por *quando* e *em bem* (cf. (49) e (50)), encontradas, ambas, apenas no Sul do país, em pontos que podem ser considerados uma subárea da área identificada para os gerúndios flexionados e da identificada para *estar+gerúndio*.

(49) *Quando passando aqui o segundo, já não sai.* MLD

⁶³ Volto a remeter o leitor para a Parte II desta tese, em que discuto detalhadamente este assunto.



Mapa 45: Gerundivas adverbiais introduzidas por *quando*+gerúndio

(50) Depois, é claro, *em bem* o lume *ganhando* lá para dentro, começando a aparecer, ao fim dum dia ou coisa assim, começando a aparecer fumo nos buracos, é porque aquilo andava a arder. LVR



Mapa 46: Gerundivas adverbiais introduzidas por *em bem*

Foi também possível identificar gerúndios que, na linha da Fernández Lagunilla (1999) e Lobo (2003), classifco como predicativos, do tipo de (51a) e (52a), que, tal como acontece com *estar*+gerúndio, alternam, no padrão, com a construção *a*+infinitivo (cf. (51b) e (52b)):

(51) a. E depois abalavam por essas aldeias *cantando* e *dançando* e davam-lhe dinheiro. CPT

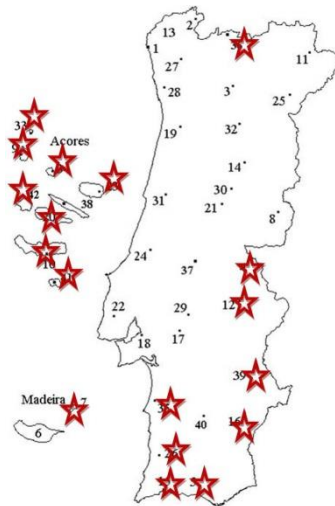
b. E depois abalavam por essas aldeias *a cantar* e *a dançar* e davam-lhe dinheiro.

(52) a. Metia-se a água *fervendo* na murta. STE

b. Metia-se a água *a ferver* na murta.

Veja-se como as ocorrências de gerúndios predicativos se concentram, uma vez mais, no Sul e nas ilhas, mostrando ainda, similarmente ao que se verifica no mapa de *estar* aspetual seguido de gerúndio, um ponto junto à fronteira com a Galiza:⁶⁴

⁶⁴ Considero a hipótese de esse ponto representar uma extensão da área do galego, que também apresenta este tipo de estruturas.



Mapa 47: Gerúndios predicativos

A observação dos dados relativos a gerúndios predicativos não só permitiu a identificação de uma área bastante precisa (área essa que sugere relações com outras áreas relativas a construções com gerúndios),⁶⁵ como se vê no mapa, como também possibilitou levantar algumas questões teóricas interessantes, que passo a apresentar.

As construções gerundivas em que à forma de gerúndio pode ser atribuído um valor predicativo, como a apresentada nos exemplos atrás, aparecem descritas, com maior ou menor grau de profundidade, por alguns autores na literatura (destacando-se, como já referi, Fernández Lagunilla 1999 para o espanhol e Lobo 2002, 2003 para o português). Atentemos nalguns aspetos referidos na literatura que vale a pena observar.

Fernández Lagunilla (1999) defende que os gerúndios não perifrásticos podem ser de dois tipos: modificadores de verbo e modificadores de oração. O que legitima esta distinção é, segundo a autora, o facto de as estruturas apresentarem propriedades sintáticas e semânticas claramente opostas. Concretamente, a distinção assenta nas seguintes propriedades:

a) os gerúndios modificadores de oração podem surgir antepostos, interpostos ou pospostos à oração a que se associam, sem que haja uma separação entoacional, ao passo que os modificadores de verbo não apresentam o mesmo grau de mobilidade e surgem, normalmente, pospostos ao verbo;

⁶⁵ Voltarei a este assunto na Parte II desta tese.

b) os gerúndios que modificam a oração têm sujeito próprio, o que não acontece com os modificadores do verbo;

c) os gerúndios oracionais, contrariamente aos que modificam o verbo, geram perífrases verbais e podem associar-se a modificadores adverbiais distintos dos do predicado principal;

d) os gerúndios oracionais admitem, ainda, uma negação distinta da negação da oração principal.

Enquanto os gerúndios modificadores de oração são eles próprios uma oração, já que, segundo Lagunilla (1999), semanticamente denotam um evento que modifica o evento identificado pela oração principal, já os gerúndios verbais expressam uma ação secundária.

Relativamente aos gerúndios modificadores de verbo, a autora distingue gerúndios predicativos de gerúndios adjuntos. Nota que, enquanto os primeiros “modifican al verbo y al SN sujeto u objecto de la oración en la que se hallan integrados, como lo hacen el adjetivo y otras categorías de naturaleza predicativa, los segundos modifican sólo al verbo” (cf. Fernández Lagunilla 1999: 3447). As frases (53) e (54) ilustram, respetivamente, cada um dos casos:

(53) Los niños de María lloran haciendo pucheros.

(54) Los niños de María lloran dándoles un grito.

Elenca-se, no trabalho que estou a referir, um conjunto de propriedades que, segundo a autora, distinguem os gerúndios adjuntos dos predicativos:

- (i) possibilidade de anteposição ao verbo que modificam sem interpretação enfática, no caso dos gerúndios adjuntos
- (ii) necessidade de os predicativos se associarem a um SN na oração principal
- (iii) restrições aspectuais impostas pelos predicativos
- (iv) possibilidade de os adjuntos se associarem a determinações aspectuais distintas
- (v) obrigatoriedade de uma interpretação negativa dos predicativos, caso o verbo principal seja negado
- (vi) maior variedade de valores semânticos associados aos adjuntos

No conjunto dos gerúndios predicativos, Fernández Lagunilla (1999) distingue diferentes situações: gerúndios predicativos de sujeito; gerúndios predicativos de objeto; gerúndios predicativos dentro de um SN; gerúndios exclamativos, interrogativos, imperativos, epigráficos e narrativos. Apresento abaixo exemplos da autora para cada uma das situações:

- (55) Los niños de María lloran haciendo pucheros.
- (56) No soporto a ese cretino hablando de política.
- (57) La narración de los hechos de la acusada llorando impresionó al jurado.
- (58) Tu siempre pidiendo!
- (59) Pepito estudiando? Eso hay que celebrarlo.
- (60) Ahora todos vosotros escuchando al director con toda atención!
- (61) Manuel Induráin, ayer, saliendo de la clínica donde dio a luz su esposa.
- (62) (Vivíamos allí) Josefina – mi prima – y yo; ella cuidando sus hermanos y yo a los míos.

Lobo (2002, 2003) debruça-se também sobre estas estruturas, que segundo a autora são, por vezes, equivalentes a predicados secundários. Seguindo, para o português, o trabalho de Lagunilla para o espanhol, Lobo aponta quatro tipos de gerúndio predicativo:

(i) Predicativo do sujeito, quando o gerúndio modifica o sujeito gramatical:

- (63) O Zé entrou em casa cantando.
- (64) Escrevi esse poema pensando em ti.

(ii) Predicativo do objeto, quando modifica o objeto direto, o que segundo Lobo acontece em construções com verbos percetivos ou de representação, equivalentes às construções de infinitivo preposicionado, na linha de Raposo (1989) e Duarte (1992):

- (65) O Zé ouviu o Paulo cantando.

(iii) Em orações independentes exclamativas ou de carácter descritivo:⁶⁶

(66) Figo chutando a bola para Zacarias.

(67) Os meninos dormindo a esta hora! Não posso acreditar.

(iv) Inserido num DP com uma qualquer função gramatical na frase:

(68) A cara da Ana olhando para o José não engana ninguém.

(69) Todos ficaram impressionados com a chegada da Teresa chorando convulsivamente.

À semelhança do que faz Lagunilla (1999), tendo em conta que a distinção entre estes contextos predicativos e os gerúndios adjuntos nem sempre é fácil, também Lobo aponta, para o português, algumas propriedades diferenciadoras. Assim, a autora aponta duas características básicas dos predicativos. Ela defende que estes, mas não os adjuntos, estão sujeitos a restrições aspetuais ao predicado (tal como acontece no padrão com construção progressiva *estar*+gerúndio). Segundo a autora, não podem ocorrer nestas construções estativos não faseáveis (no sentido de Cunha 1998, Oliveira 2001), como é o caso de *estar*:

(70) *O João chegou a casa estando doente.

A outra é a possibilidade de o gerúndio predicativo, também ao contrário dos gerúndios adjuntos, poder alternar na variedade padrão com *a*+infinitivo (mais uma vez, nota a autora, como acontece nas construções progressivas).

(71) O João chegou a casa coxeando(/a coxear).

Outros trabalhos se debruçam sobre gerúndios predicativos (cf., entre outros, Neto e Foltran 2001, Arsénio 2010 e Ribeiro 2002).⁶⁷ Contudo, foram sobretudo os estudos

⁶⁶ No sentido encontrado em contextos de relato, tais como reportagens televisivas, radiofónicas, ou em legendas de fotografias. Será correspondente aos gerúndios epigráficos de Fernández Lagunilla (1999).

⁶⁷ Mória e Viotti (2005), que também analisam estruturas gerundivas, não utilizam a designação “gerúndio predicativo.” Os contextos que os autores que tenho vindo a citar identificam como gerúndios predicativos são classificados, por Mória e Viotti, como gerundivas argumentais (dependentes de outros predicados) ou como gerundivas independentes.

atrás citados que segui na análise e classificação dos dados do CORDIAL-SIN. Assim, a classificação dos dados a que cheguei foi bastante próxima da apresentada nesses trabalhos. Eis alguns exemplos do tipo de estruturas identificadas:

(72) E depois abalavam por essas aldeias *cantando* e *dançando* e davam-lhe dinheiro. CPT [*Predicativo do Sujeito*]

(73) Metia-se a água *fervendo* na murta. STE [*Predicativo do Objecto*]

(74) Depois, o outro dia, vai o senhor padre com a gente lá toda *rezando*. STA [*Predicativo num SN*]

(75) O homem começou a acenar com a cana e eu lendo. Ele *acenando* e eu *lendo*; CPT [*Predicativo independente*]⁶⁸

Apesar de a classificação de gerúndios predicativos a que cheguei estar em conformidade com o proposto noutros trabalhos, várias foram, como comecei por referir, as questões que se colocaram na análise deste conjunto de dados.

Uma delas prende-se com a dificuldade de distinguir entre gerúndios predicativos e gerúndios perifrásticos. Trata-se de uma dificuldade já referida por Fernández Lagunilla (1999) a propósito dos dados do espanhol. Mas os dados do CORDIAL-SIN revelaram novos contextos, diferentes dos mencionados por F. Lagunilla, evidenciando estruturas como (76) e (77), em que me parece ser possível considerar duas leituras: uma perifrástica (neste caso, *cantando*, na frase (76), e *deitando*, em (77), continuam a pertencer a uma construção perifrástica, mas haverá eclipse do auxiliar) e uma leitura predicativa (em que teremos, portanto, um predicado secundário).

(76) Porque havia rapazes que andavam a botar as rondas de noite, que, sem ninguém lhe ver, *cantando* STA

(77) E depois eu alinho, e depois, durante o Inverno, vou-me entretendo aos serõezinhos, *deitando* o meu pontozinho. PIC

⁶⁸ Sob esta designação abarquei diferentes tipos de estruturas. Neste grupo, além dos contextos exclamativos e descritivos descritos por Lobo (2003) para o português, incluí também, na linha do que propõe Fernández Lagunilla (1999) para o espanhol, contextos interrogativos e narrativos – estes últimos revelaram-se, aliás, os mais produtivos. A inclusão de todas estas estruturas no conjunto genérico dos gerúndios predicativos independentes justifica-se por se tratar de construções sintaticamente independentes em que está subjacente, a todas, uma leitura predicativa (cf. Lagunilla 1999: 3495ss).

Devido ao facto de não se tratar de construções inequivocamente predicativas, optei por não considerar estes casos no conjunto final de gerúndios predicativos.

Outra questão, que se mostrou particularmente inquietante, tem a ver com a delicada distinção entre gerúndios predicativos (quando predicam sobre o sujeito) e gerúndios adjuntos: dificuldade já mencionada na literatura e que se tornou muito evidente no processo de análise de dados.

Foram já identificados, em trabalhos anteriores, alguns testes no sentido de facilitar a tarefa de distinguir as diferentes estruturas. Contudo, esses testes nem sempre distinguem de forma clara as duas construções em causa, como tentarei mostrar.

Vejamos em primeiro lugar onde residem os problemas relacionados com o teste da anteposição.

Tanto Fernández Lagunilla (1999), como Lobo (2006) como Arsénio (2010) apontam a resistência à anteposição como uma característica dos gerúndios predicativos.⁶⁹ É um comportamento que se opõe, segundo os autores, ao evidenciado por gerúndios de valor adverbial (que Lobo designa como adjuntas não periféricas – também designadas integradas ou de predicado – ou periféricas, consoante modificam o predicado ou a frase, respetivamente). Assim, o gerúndio predicativo de (78) dificilmente ocorrerá em posição inicial, ao passo que na gerundiva adverbial de (79) a anteposição será natural (exemplos de Lobo 2006):

(78) ?*Coxeando*, o João chegou a casa.

(79) *Arrombando* a porta com um maçarico, os ladrões entraram em casa.

Tendo em conta que as gerundivas adverbiais deste tipo são tradicionalmente consideradas orações subordinadas, e tendo em conta que a anteposição é genericamente considerada uma propriedade da subordinação,⁷⁰ seria de facto esperado que a possibilidade de anteposição caracterizasse as gerundivas adverbiais aqui em apreço. No entanto, não é exatamente isso que se passa. Lembremos, por um lado, a observação de Lobo (2003) de que nem sempre o teste da anteposição é capaz de distinguir eficazmente

⁶⁹ Também Neto e Foltran (2001) mencionam a pouca mobilidade das gerundivas predicativas.

⁷⁰ A anteposição é uma propriedade que em geral é considerada como forma de distinguir entre orações coordenadas e subordinadas (cf., por exemplo, Lobo 2003), defendendo-se frequentemente que se trata de uma característica da subordinação mas não da coordenação.

subordinação de coordenação – o que poderá sugerir termos em mão um critério que requer algum cuidado na sua aplicação.⁷¹ Por outro lado, embora Lagunilla afirme que a anteposição é aceite, inclusivamente, pelos gerúndios adjuntos que modificam o verbo, Lobo acaba por notar – a meu ver, acertadamente – que esses gerúndios, a que a autora chama gerundivas integradas, ocorrem tipicamente em posição final e não são precedidos de pausa, tratando-se de orações que “podem também ocorrer em posição inicial, mas nesse caso a sua interpretação é alterada” (cf. Lobo 2003).⁷² Os contrastes entre (80) e (81) evidenciam, segundo a autora, as diferenças interpretativas (a presença da negação torna essas diferenças de sentido bastante evidentes):

(80) O João não conseguiu fazer o pudim batendo as claras em castelo.

(81) Batendo as claras em castelo, o João não conseguiu fazer o pudim.

Ora, é precisamente aqui que o problema reside. As gerundivas adjuntas que mais facilmente se confundem com gerúndios predicativos são as que têm valor de modo/meio (como em (80) atrás). E estas gerundivas, como Lobo nota, caracterizam-se por não aceitar a anteposição com naturalidade, gerando mesmo diferenças interpretativas. Usar este critério para distinguir as duas estruturas é, assim, pouco prudente. Porque – e é isto que creio ser essencial notar – a leitura marcada que obtemos nestas situações não é, penso eu, muito diferente da leitura marcada que também se observa quando antepomos um gerúndio predicativo (ainda que essa leitura possa ser, assumo, mais subtil nas gerundivas adverbiais):

(82) a. O João entrou na sala *cantando*. [predicativa]

b. #*Cantando*, o João entrou na sala.

(83) a. Os bombeiros deram o aviso *tocando* a sirene. [adverbial]

b. #*Tocando* a sirene, os bombeiros deram o aviso.

(84) a. O criminoso feriu a vítima *usando* uma faca. [adverbial]

⁷¹ Lobo refere, a propósito da distinção entre subordinação e coordenação, que se trata de um critério que não distingue, de forma objetiva, os dois tipos de estruturas. A autora nota que determinadas orações subordinadas não são anteponeíveis (como é o caso das relativas, das comparativas e das consecutivas e de um subtipo de temporais). Relativamente a este último caso, aponta o seguinte exemplo: **Quando de repente reparou que se tinha enganado*, o Zé estava a entrar no comboio. A autora considera, no entanto, que essas diferenças de comportamento se devem a um estatuto diferente das subordinadas que resistem à anteposição.

⁷² Segundo Lobo (2003), as gerundivas com interpretação de modo, modo/meio, modo/condição e tempo simultâneo têm comportamentos de adverbiais não periféricas.

- b. #*Usando* uma faca, o criminoso feriu a vítima.
- (85) a. A Ana entrou na sala cantando. [predicativa]
b. #*Cantando*, a Ana entrou na sala.
- (86) a. A professora arejou a sala *abrindo* todas as janelas. [adverbial]
b. #*Abrindo* todas as janelas, a professora arejou a sala.
- (87) a. A Ana recitou o poema *pensando* no Pedro. [predicativa]
b. #*Pensando* no Pedro, a Ana recitou o poema.

Acredito que repetidas vezes se observa na gerundiva anteposta, tanto nas adverbiais como nas predicativas, uma leitura marcada, inexistente na frase original. Por essa razão, a ideia defendida na literatura de que as gerundivas predicativas resistem à anteposição, diferenciando-se assim das adverbiais, é uma ideia que me parece questionável, e a utilização deste teste parece-me algo ineficaz.

Voltemo-nos agora para outras propriedades referidas na literatura a propósito de gerúndios predicativos.

Como referi atrás, Lobo defende que há duas características básicas que distinguem os gerúndios predicativos do português das gerundivas adverbiais: o facto de apenas os predicativos apresentarem restrições à classe aspetual (*aktionsart*) do verbo (ideia também defendida por Lagunilla 1999) e de apenas esses poderem alternar com a estrutura *a+infinitivo* (sendo também possível serem substituídos por predicados preposicionais, adjetivais e participiais).

Assim, a autora nota que o facto de os gerúndios predicativos não serem possíveis com estados não faseáveis,⁷³ como é o caso do verbo *estar*, evidencia essas restrições aspetuais:

- (88) *O João viu o Zé *estando* a viver em Paris. (predicativa de objeto)
(89) *O João chegou a casa *estando* doente. (predicativa de sujeito)

⁷³ Classificação de Cunha (2004).

Ainda que pareça, efetivamente, ser uma propriedade que genericamente caracteriza os gerúndios predicativos, não deixa de ser curioso notar que, entre os dados do CORDIAL-SIN, foi encontrado um exemplo de um predicado estativo:⁷⁴

(90) Foram dar com ele *estando* estendido quase morto. ALV

Relativamente à possibilidade de substituição pela construção *a+infinitivo*, parece-me importante esclarecer alguns pontos. Vejamos, em primeiro lugar, alguns exemplos de Lobo, que segundo a autora mostram que os gerúndios predicativos podem ser substituídos por *a+infinitivo* (cf. (91)), mas não os adjuntos (cf. (92)):

(91) a. O João viu os ladrões *arrombando(/a arrombar(em))* a porta.

b. O João chegou a casa *coxeando(/a coxear)*.

c. Os meninos *dormindo(/a dormir(em))* a estas horas! Não acredito!

(92) a. Os ladrões entraram em casa *arrombando(/*a arrombar)* a porta com um maçarico.

b. *Arrombando(/*A arrombar)* a porta com um maçarico, os ladrões conseguiriam entrar.

c. Os polícias fizeram um ultimato aos sequestradores, *arrombando(/*a arrombar)* a porta três minutos depois.

Ora, à semelhança do que se passa com o teste da anteposição, também este teste me parece merecer algumas reservas, pelo facto de acreditar, um pouco na linha de Mória e Viotti (2002, 2005), que a aplicabilidade da construção *a+infinitivo* está condicionada por restrições temporais e aspetuais e não necessariamente pela natureza predicativa da gerundiva. Senão, vejamos.

A propósito das relações temporais existentes em gerundivas adverbiais, Mória e Viotti (2005) mencionam a existência de um gerúndio de sobreposição, associado à existência de paralelismo temporal entre as duas situações descritas. É o que segundo os

⁷⁴ Por outro lado, repare-se que predicados estativos acabam por ser também pouco naturais mesmo em algumas gerundivas adverbiais, como é o caso da adjunta temporal seguinte: ?*O João conheceu a Ana estando a viver em Espanha.*

autores acontece quando “a oração gerundiva identifica uma situação concomitante com a situação expressa na oração principal”.

(93) O poeta passeou pelo campo, *pensando* na sua amada.

Defende-se pois nesse trabalho, quanto à possibilidade de substituição pela forma *a*+infinitivo, que, em termos de semântica temporal, é necessária uma sobreposição entre as situações envolvidas para que essa alternância com *a*+infinitivo seja possível.⁷⁵

Esta noção de paralelismo temporal é uma ideia também mencionada por Neto e Foltran (2001) relativamente a gerúndios predicativos. Nos termos destes autores, o gerúndio predicativo constitui o *background* da oração principal. Veja-se como é, efetivamente, isso que se passa nas frases abaixo, todas elas tipicamente consideradas gerúndios predicativos, no português e no espanhol:

(94) María recitó el poema *temblando*.

(95) O Zé entrou em casa *cantando*.

(96) O João fotografou o Afonso *dormindo* tranquilamente.

Creio que é, precisamente, esta noção de paralelismo temporal que permite descrever alguns aspetos de gerundivas predicativas e explicar algumas questões relacionadas com a (im)possibilidade de substituição do gerúndio pela estrutura *a*+infinitivo.

O que de uma forma geral se passa em construções de gerúndios predicativos é que a oração gerundiva descreve, frequentemente, uma situação atélica (cf. os eventos *tremar, cantar, dormir*). Por essa razão, o evento descrito na oração gerundiva tende a ser um evento que cobre todo o intervalo temporal no qual decorre o evento da oração principal, funcionando, pois, como pano de fundo, e existindo, conseqüentemente, paralelismo temporal. É essa característica que faz com que quando ocorrem, na gerundiva, eventos pontuais eles tenham uma interpretação iterativa: só essa leitura iterativa permite que um evento pontual/isolado seja capaz de ocupar um intervalo de

⁷⁵ Os autores referem as seguintes frases como exemplo da possibilidade de haver alternância entre *a*+infinitivo e gerúndio em gerundivas adjuntas:

- i) Vivendo/A viver numa cidade pequena, teríamos mais qualidade de vida.
- ii) Passeando/A passear pela praia, encontrei uma moeda de ouro muito antiga.

tempo suficientemente alargado para servir de base ao evento principal, permitindo, então, considerar os dois eventos simultâneos:

(97) O João entrou em casa *espirrando*.

(98) O professor leu o poema *soluçando*.

Repare-se que, nos casos em que não é possível interpretar iterativamente a situação descrita na oração com gerúndio, o gerúndio predicativo fica bloqueado (veja-se como nem a construção com gerúndio nem a estrutura *a*+infinitivo são possíveis):

(99) a. *?O Pedro escreveu a carta *tendo* um arrepio.

b. *O Pedro escreveu a carta *a ter* um arrepio.

(100) a. *O Pedro discursou *partindo* o pé.

b. *O Pedro discursou *a partir* o pé.

Na oração gerundiva poderão, pois, ocorrer predicados pontuais desde que seja possível atribuir-lhes uma leitura iterativa – dados que evidenciam que a *aktionsart* influencia este tipo de construções.

É interessante observar, agora, o conjunto de dados abaixo. Pelo menos alguns falantes parecem notar contrastes entre as frases (101)-(106), considerando os exemplos (104)-(106) mais aceitáveis do que os restantes. Mais uma vez, estão em jogo diferenças relacionadas com a *aktionsart* do predicado (na oração principal temos eventos atélicos, que se combinam, no primeiro grupo, com eventos pontuais,⁷⁶ e, no segundo, com processos). Tendo em conta que os primeiros exemplos parecem soar bastante marginais com a construção *a*+infinitivo mas os segundos melhoram consideravelmente, e tendo em conta que temos em cada grupo diferentes valores de *aktionsart*, parece-me que são as questões aspetuais que explicam esses contrastes. Estes dados tornam claro, parece-me, que a aplicabilidade de *a*+infinitivo se relaciona, pois, com questões aspetuais.

(101) ??O João nada *a levantar* a cabeça.

(102) ?O João corre *a abrir* os braços.

(103) ?O João fala *a piscar* os olhos.

⁷⁶ Assumo que todos eles denotam eventos pontuais, ainda que com ligeiras diferenças relativamente à duração do evento (cf. duração do ponto *piscar os olhos* vs. *abrir os braços*).

- (104) O João fala *a cantar*.
 (105) O professor corrige os testes *a sorrir*.
 (106) Os alunos estudam *a ouvir* música.

Há ainda outros dados que evidenciam que são restrições temporais e aspetuais que bloqueiam a possibilidade de *a*+infinitivo. Veja-se como, ao contrário do que defende Lobo, a construção é possível mesmo em adverbiais (a condição parece ser a existência de alguma sobreposição temporal).⁷⁷

- (107) Os governantes enriqueceram *a roubar* dinheiro aos contribuintes.
 (108) Os agricultores de Beja sobrevivem *a cultivar* milho.
 (109) Os patrões evitam a falência *a despedir* pessoas.

O facto de ser possível atribuir a estas frases um valor de causa/meio (comprovado pelas paráfrases de (110)-(112)) comprovará que se trata de usos adverbiais e não predicativos (e, mesmo assim, verifica-se que a construção *a*+infinitivo é possível).

- (110) Os governantes enriqueceram *por meio de/através de* roubar(em) dinheiro aos contribuintes.
 (111) Os agricultores de Beja sobrevivem *por meio de/através de(?)* cultivar(em) milho.
 (112) Os patrões evitam a falência *por meio de/através de* despedir(em) pessoas.

Note-se que a construção *a*+infinitivo parecer ser possível tanto nas adverbiais a que Lobo chama integradas (como nos exemplos acima) como em periféricas:

- (113) *A alimentar-se* mal todos os dias, a Ana emagreceu 10 quilos.
 (114) *A estudar* com afinco durante todo o ano, o Zé conseguiu ter boas notas.
 (115) *A trabalhar* assim conseguirás o que queres.

⁷⁷ Um dos exemplos de que Lobo se serve para ilustrar a impossibilidade de *a*+infinitivo é o seguinte: “*Os ladrões entraram em casa a arrumar a porta com um maçarico”. Será, pois, a impossibilidade de interpretar as duas situações como simultâneas que origina a agramaticalidade da frase.

Verifica-se assim que a construção *a*+infinitivo pode, pois, ocorrer em gerundivas adverbiais (tal como Mória e Viotti 2005 já haviam sugerido).⁷⁸ Em termos de generalizações, o que creio ser possível concluir é que de facto nos gerúndios predicativos é possível, tipicamente, substituir a forma gerundiva pela construção *a*+infinitivo (substituição essa mais difícil nas adverbiais). Porém, o que explica esses contrastes é o facto de as gerundivas predicativas estarem intrinsecamente associadas a uma sobreposição temporal (sobreposição essa mais rara nas gerundivas adverbiais). É um teste que pode, portanto, ser útil para identificar ambos os contextos mas que não as distingue de forma objetiva.

Ainda que eu pretenda, com esta exposição, notar que alguns dos testes que têm sido sugeridos para identificar gerúndios predicativos merecem algum cuidado na sua aplicação (e, simultaneamente, chamar a atenção para algumas questões teóricas, relacionadas com esses testes, que entretanto se afloraram), o que na generalidade tem sido dito sobre as características de gerúndios predicativos constitui informação bastante útil para estudos sobre estas construções. Assim, se olharmos para a síntese das propriedades distintivas/dos testes que têm sido apontados, ainda que a substituição por *a*+infinitivo e o teste da anteposição não distingam de forma muito objetiva gerúndios predicativos e adverbiais (e mesmo que não seja objetivo avaliar a aplicabilidade/eficácia de cada um dos testes) no conjunto acabam por constituir pistas relevantes para a identificação e descrição das estruturas:

- i) Posição ou mobilidade (Fernández Lagunilla (1999), Neto e Foltran (2001), Arsénio (2010))
- (ii) Restrições aspetuais (Fernández Lagunilla (1999), Lobo (2002), (2003))
- (iii) Negação: obrigatoriedade de uma interpretação negativa dos predicativos, caso o verbo principal seja negado (Fernández Lagunilla (1999))
- (iv) Alternância com *a*+infinitivo (Lobo (2002), (2003))
- (v) Resposta a “*Como* estava/se encontrava *x* quando oração matriz – para os predicativos – vs. “*De que modo* *x* predicado matriz” – para os adjuntos (Fernández Lagunilla (1999))
- (vi) Substituição por constituinte adjectival, nos predicativos, vs. adverbial, nos

⁷⁸ Lobo (2003) reconhece a possibilidade de *a*+infinitivo ocorrer em orações adverbiais condicionais como *A ser verdade o que dizes, isto vai complicar-se*, mas defende que a partícula *a* terá, aí, outro valor aspetual. Parece-me que não é esse o caso das adverbiais com *a*+infinitivo que apresentei atrás.

adjuntos (Fernández Lagunilla (1999)), Lobo (2006))

Parece-me útil acrescentar, apenas, que uma das formas que considero mais eficazes para distinguir entre gerúndios predicativos e gerúndios adjuntos de modo/meio (os que mais facilmente se confundem com os primeiros) é, na linha de Fernández Lagunilla (1999), a substituição por constituintes de natureza adverbial⁷⁹ (no caso dos gerúndios predicativos, a substituição por esse tipo de constituintes produz resultados agramaticais). Assim sendo, perante gerúndios adverbiais como (116a), apenas uma paráfrase do tipo de (116b) permite obter uma interpretação equivalente, mostrando que se trata de um adverbial (cf. a agramaticalidade dessas expressões em (117b), um gerúndio predicativo).

- (116) a. Os ladrões entraram em casa *arrombando* a fechadura. [adverbial]
 b. Os ladrões entraram em casa *por meio de arrombarem* a fechadura.
- (117) a. O João entrou *cantando*. [predicativo]
 b. *O João entrou em casa *por meio de cantar*.

Por outro lado, e na linha do que referi atrás sobre a ideia de os gerúndios predicativos estarem associados a um paralelismo temporal, um gerúndio predicativo poderá coocorrer com uma expressão como *enquanto* (mas um adverbial, mantendo a interpretação original, mais dificilmente permite essa hipótese):⁸⁰

- (118) a. O João entrou *cantando*.
 b. O João entrou enquanto cantava. / O João cantava enquanto entrou.
 c. Enquanto cantava, o João entrou. / Enquanto entrou, o João cantava.
- (119) a. Os ladrões entraram em casa *arrombando* a fechadura.
 b. #Os ladrões entraram em casa enquanto arrombavam a fechadura. / #Os ladrões arrombaram a fechadura enquanto entravam.
 c. #Enquanto arrombavam a fechadura, os ladrões entraram. / #Enquanto entravam, os ladrões arrombaram a fechadura.

⁷⁹ Falo de expressões encabeçadas por “através de”, “mediante”, “por”, “por intermédio de”, “recorrendo a” e expressões afins.

⁸⁰ Exceptuam-se as gerundivas temporais, que também permitirão esta opção.

3.2.4. *Estar* existencial

No português europeu padrão, é o verbo *haver* que, tipicamente, é usado em construções existenciais. Trabalhos anteriores mostraram, no entanto, que em variedades dialetais do português (e à semelhança do que acontece noutras variedades da língua portuguesa, como é o caso do PB) o verbo *ter* pode ser utilizado em construções impessoais para expressar esse mesmo valor. É o caso de construções como (120) e (121), estudadas por Carrilho e Pereira (2011), e identificadas em dialetos da Madeira e dos Açores:

(120) (Ele) *tem* a Madeira, mas antes de chegar à Madeira não *tem* uma outra terra?! GRC

(121) Há algum curioso cá na Terceira?

Agora não... Agora não *tem*. TRC

Os dados do CORDIAL-SIN revelaram que em algumas variedades do português há ainda a possibilidade de se recorrer a outro verbo para codificar estes valores existenciais: trata-se de construções com o verbo *estar*.⁸¹ Vejamos exemplos:

(122) INQ Não há nada aqui que chamem segurelha? Não? Uma erva?

INF Não. *Está* alguma erva que se chama segurelha, Amélio? Sabes? FLF

(123) Na casa de bordados mais depressa passa mas, às vezes, ainda *está* certas casas que mandam trabalho para trás. PST

(124) INQ Há muito gado no baldio?

INF *Está*. CRV

Os dados que foi possível reunir incluem estruturas do tipo das apresentadas acima. A maior parte dos casos diz respeito a construções em que o verbo ocorre no singular e se associa a um constituinte nominal em posição pós-verbal também no singular, como em (122). Exemplos como (123), com o nome no plural, mostraram-se

⁸¹ No processo de análise de dados do CORDIAL-SIN foi também possível encontrar ocorrências muito pontuais de *ser* que parecem associadas a usos existenciais: “Aquilo é criado muito assim onde **é coisas velhas**, onde há coisas velhas” (GIA); “INQ Ou há pessoas também de fora? INF **É pessoas de fora** também” (GRC).

menos frequentes. Mais esporadicamente observaram-se, também, ocorrências do verbo isolado, como em (124).

Apesar de as ocorrências de *estar* no singular, numa estrutura aparentemente impessoal, parecerem as mais frequentes nos contextos existenciais (e, talvez, aquelas em que a leitura existencial se mostrou mais evidente), também foram identificados exemplos com *estar* no plural, concordando o verbo com o constituinte que lhe serve de sujeito:

(125) [INF *Faziam* isso antigamente. *Que antigamente não havia os remédios da farmácia. Aqui havia um médico e dava para tudo e sobrava muito tempo.*

INQ *Claro.*]

INF Mas não havia tanta doença. Hoje *estão três!* FLF

(126) INQ Olhe, e quem é que faz esses trabalhos de fazer os cestos?

INF Isso qualquer... *Estão* muitos que fazem. *Estão muitos* que fazem. FLF

Pelo facto de as ocorrências no singular parecerem as mais naturais e produtivas nestes contextos, e pela impossibilidade, por outro lado, de analisar todos os contextos de *estar* passíveis de veicularem a leitura aqui em questão, optei por restringir a pesquisa a contextos em que a forma verbal surge no singular.

Note-se, apesar disso, que o facto de a leitura existencial ser possível tanto com o verbo no singular como com o verbo no plural acaba por ser relevante, pelo menos num nível teórico, uma vez que estes dados contrariam, de algum modo, a descrição existente sobre a concordância no singular associada a construções existenciais: é consensual, na literatura (cf., entre outros, Freeze 1992), a ideia de que as construções existenciais são construções impessoais. É de facto isso que se passa no português com os dados dialetais relativos a *ter* existencial, que invariavelmente exibem, na linha do que genericamente se defende, a forma verbal no singular (cf. (127)), e também o que acontece nas típicas estruturas existenciais do padrão com *haver* (cf. (128)):

(127) INQ Há algum curioso cá na Terceira?

INF Agora não... Agora não *tem*. TRC

(128) *Há* muitos alunos naquela turma.

Contudo, no caso de *estar*, a concordância evidenciada em frases como (125) e (126) torna claro que não se trata de uma estrutura impessoal. Continua, no entanto, a

tratar-se de uma construção existencial. Temos em mãos uma questão pertinente que aqui não tenho, no entanto, condições de desenvolver.⁸²

Além de terem sido excluídas ocorrências com o verbo no plural, foram também excluídas ocorrências de *estar* com constituintes locativos, porque esse conjunto de dados fornecia dados muitas vezes ambíguos. Nalguns casos, foi possível encontrar uma leitura existencial na presença de um constituinte locativo (cf. (129)):

(129) O problema todo é dentro do porto. Se tivesse a tal docazita que não *está aqui*, pois aí uma pessoa já vinha mais à vontade de coiso. PIC

Noutros casos, porém, não é claro tratar-se de uma interpretação existencial ou daquilo que podemos considerar uma copulativa locativa:

(130) [INF1A gente depois: "Olha, *está acolá ova do choco*".

INF2 Como é o nome daquilo?

INQ Ova do choco.]

INF1 Pega-se naquilo, a gente vai abrir, vai abrir abrindo aquilo, *está choquinho lá dentro* daquilo. CLC

(131) Nunca provou? Já lá não tens nenhuma? *Está lá* umas mas já *está* muito seca. GRJ

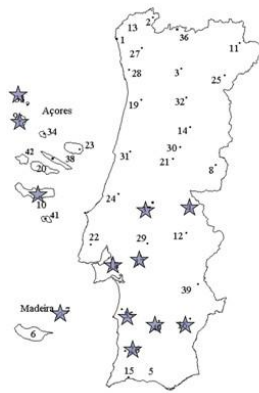
Tal facto leva a pensar que seria precisa uma análise muito mais detalhada das ocorrências deste verbo, de forma a apurar de forma objetiva quais os casos em que há uma leitura inequivocamente existencial e quais os contextos que a favorecem. Contudo, na impossibilidade de fazer essa análise, e numa tentativa de minimizar os casos dúbios em que não é claro tratar-se de um valor existencial de modo a obter um conjunto de

⁸² É interessante observar que as construções existenciais do italiano também evidenciam concordância entre o verbo e o SN plural pós-verbal (cf. Rasia 2008), similarmente ao que se passa no português nestas construções com *estar*, o que poderá querer dizer que a impessoalidade tipicamente associada a estas construções nem sempre se verifica. Noto também, por outro lado, que identifiquei no CORDIAL-SIN exemplos de construções existenciais com *haver* que também apresentam concordância (cf. *Vai-se comprar... Já está na loja; mas aí para baixo não há adegas. Mas aqui não há.*). Segura (2013) já tinha dado conta da existência deste uso pessoal de *haver* em ilhas açorianas. Todas as ocorrências deste tipo encontradas no CORDIAL-SIN foram identificadas, no entanto, numa única ilha dos Açores (FLF) – o que está, apesar de tudo, em consonância com os dados de Segura (2013). Estes dados relativos à concordância em construções existenciais parecem-me constituir informação relevante a ter em conta no estudo destas estruturas (nomeadamente em trabalhos que incidam sobre uma perspetiva dialetal), mas ficam assim superficialmente abordados neste estudo.

dados de volume passível de analisar, acabei por também deixar de fora da análise ocorrências com estes constituintes.

Noto, porém, que os contrastes observados relativamente à presença ou ausência de constituintes locativos (nomeadamente, a percepção de que estes constituintes podem interferir na leitura existencial) não deixam de ser relevantes. Falarei brevemente sobre este assunto a seguir.

Mas vejamos, primeiro, a distribuição geográfica das estruturas que decidi considerar, por serem aquelas em que a leitura existencial pareceu mais evidente: ocorrências de *estar* no singular e em que não ocorre nenhum constituinte locativo.⁸³



Mapa 48: *Estar* existencial

A pertinência da análise deste fenómeno não se esgota no facto de evidenciar uma distribuição geograficamente circunscrita e, conseqüentemente, contribuir para uma melhor caracterização dos dialetos portugueses.⁸⁴ A possibilidade de se encontrar, em variedades dialetais do português, construções com *estar* para expressar valores existenciais mostra aspetos linguísticos até aqui desconhecidos e apresenta relevância também a nível teórico. Ora vejamos.

O verbo *estar* tem como étimo latino *stare*, «estar de pé», e foi essa a aceção que preservou, em português, até fins do século XIV (cf. Mattos e Silva 1989, 1994), funcionando nesses contextos como um verbo pleno, sem complementos. Tal como *esse* ‘existir’, *sedere* ‘estar sentado’, *habere* ‘possuir’ e *tenere* ‘segurar’, também *stare* era, no

⁸³ Analisaram-se dados com o verbo no presente e no pretérito imperfeito do indicativo.

⁸⁴ Ainda que este mapa diga respeito a apenas uma parte dos dados de *estar* (sendo desejável um trabalho futuro que contemple estruturas que aqui tiverem de ser excluídas), a distribuição geográfica concisa parece sugerir que faz sentido olhar para este conjunto específico de dados separadamente, e leva a crer que se trata efetivamente de um fenómeno dialetal.

latim, um verbo locativo (há, com qualquer um desses verbos, a ideia de um espaço físico no qual um elemento do mundo real se localiza ou de um domínio abstrato (de um possuidor) ao qual o elemento pertence).

No português contemporâneo, podemos dizer, seguindo o descrito por Leborans (1999) para o espanhol, que há dois usos distintos de *estar*: um que podemos caracterizar como predicativo, derivado do seu étimo latino, em que *estar* seleciona complementos locativos/de localização espaço-temporal, e em que preserva, pois, esse valor locativo do sentido etimológico (cf. (132)); e um uso atributivo, em que funciona como verbo copulativo, como em (133), expressando estados do sujeito (sendo nestes casos usado em predicados episódicos que denotam propriedades transitórias).⁸⁵

(132) O Pedro está aqui.

(133) A Maria está grávida.

Não está, tanto quanto sei, documentada a ocorrência de *estar* com valor existencial. Apesar de inovadores, os dados do CORDIAL-SIN evidenciam, porém, um fenómeno que não é surpreendente, se considerarmos a literatura existente sobre construções existenciais. Tem sido defendida por vários autores uma análise uniforme para construções copulativas, possessivas e existenciais (cf. Lyons 1968, Benveniste 1976, Clark 1978, Freeze 1992, Kayne 1994, Hornstein et al. 2002, entre outros). O que legitima este tratamento unificado é a observação de que várias famílias de línguas apresentam um comportamento similar no que diz respeito a estas construções. Apresentam as mesmas propriedades no que diz respeito, por exemplo, à ordem de constituintes, a efeitos de definitude e à relação que estabelecem com constituintes locativos (em termos semânticos, todas essas construções são locativas, como defende Lyons 1968). Por outro lado, são construções que têm frequentemente a mesma disposição temática, verificando-se ainda que os verbos tipicamente utilizados nessas construções partilham o facto de ocorrerem como auxiliares em construções perifrásticas.

Benveniste (1976) nota, por exemplo, que várias línguas empregam o copulativo ou o existencial nas predicções de posse. Outros dados mostram que o verbo existencial corresponde, em várias línguas, à mesma forma do verbo possessivo e/ou o copulativo,

⁸⁵ Cf. Paiva Raposo (2013b: 1304ss)

havendo casos, como o russo e o finlandês, em que as três construções são realizadas com o mesmo verbo.

O facto de no português dialetal se encontrarem exemplos de construções existenciais com o possessivo *ter* e com o copulativo *estar* é, portanto, esperável à luz destas propostas, que tratam uniformemente estas estruturas.⁸⁶

No que diz respeito aos dados relativos a *estar* existencial aqui apresentados, além do que já foi referido há ainda outros aspetos que merecem alguns comentários (ainda que as observações que farei sejam, sobretudo, questões que me parece pertinente colocar mas que aqui não consigo desenvolver convenientemente, pelo que as abordarei, neste trabalho, tão brevemente quanto possível, de modo a não me desviar excessivamente do que tenho vindo a discutir neste capítulo).

Uma questão largamente debatida nos trabalhos sobre construções existenciais é a definitude dos sujeitos. Apesar de os estudos defenderem que se trata de construções que ocorrem com sujeitos indefinidos (ver, entre outros, Freeze 1992), encontram-se exemplos no CORDIAL-SIN de construções existenciais com sujeitos definidos (incluindo com nomes próprios):

(134) O nome disso, a gente cá, é pirilampos. Ele mesmo no livro está também. Ou pirilampo ou fogos-fátuos. *Está* os dois nomes, tem os dois nomes. AJT

(135) [INQ1 *Ih, pá! Ah, portanto, já não há moinho mesmo?*

INQ2 *Ah!*

INF *Ainda há. Ainda há um na Camacha, é o tal que levou um consertozinho, que por isso existe.*

INQ1 *Ah, pois, de um...Pois, pois.]*

INF *E está o Actório, que é um tipo que é das Finanças, também tem dois. Mas foi o tal dinheiro do turismo... PST*

(136) [*Porque a manteiga é sem ele ser aquecido. Acabou-se de ordenhar, pôs-se o leite ali a pontos de arrefecer. Em ele arrefecendo, depois vem a manteiga e vem acima, que é o amarelo. E se por acaso, for leite que for fervido, já não faz isso. Faz a 'lisga' - ouviu? -, que faz a 'lisga'. Porque a manteiga fica logo cozida, fica toda caldeada. Tanto que o*

⁸⁶ A passagem de *ter* possessivo a existencial no PB comprova a validade dessas teorias. Relativamente ao PE, os dados dialetais de *ter* existencial parecem sugerir um percurso semelhante.

leite, em sendo fervido, fica mais grosso. E se não for fervido, <break> (...) </break> não fica grosso.]

É por isso que *está* essa diferença: que é essa gordura que vem acima que caldeia com ele, porque coze. SRP

É interessante reparar que no italiano, bem como no catalão, há a possibilidade de ocorrência de sujeitos definidos em construções existenciais (cf. Rasia 2008). Isto poderá, portanto, querer dizer que no que toca à definitude dos sujeitos a descrição existente na literatura poderá não ser tão universal quanto se pode pensar.

Outra questão fortemente discutida nos trabalhos que se debruçam sobre construções existenciais é a questão da locatividade. Há a ideia geral de que as construções copulativas, possessivas e existenciais obedecem, todas elas, a um paradigma locativo. Lyons (1968) é um dos primeiros autores a propor essa ideia de que há uma base locativa subjacente a todas estas estruturas. Freeze (1992) menciona também a existência de uma condição locativa, defendendo que possessivas e existenciais derivam de uma estrutura subjacente em comum que tem como núcleo uma preposição locativa. Partindo de exemplos como (137) e (138), o autor postula que *está* sempre na base de construções possessivas e existenciais um predicado locativo:

(137) The book is on the bench.

(138) There is a book on the bench.

O que, segundo o autor, acontece é que as predicativas locativas (como em (137)) e as existenciais (como em (138)) constituem diferentes posicionamentos dos mesmos constituintes.

Os dados que têm sido reunidos relativamente às construções existenciais de várias línguas parecem apontar para o facto de elas estarem associadas, recorrentemente, a um marcador locativo (e também a um constituinte indefinido, questão que já comentei acima).

Quanto aos dados do CORDIAL-SIN, lembremos que foram excluídas as ocorrências com constituintes locativos por estas estarem associadas a leituras pouco claras, não sendo nítido tratar-se de uma leitura existencial – o que, considerando os dados da literatura sobre a locatividade das construções existenciais, não fará muito sentido. Como explicar então esse facto?

Em termos interpretativos, como já expliquei, o que me pareceu verificar-se nos dados do *corpus* é que nalgumas ocorrências de *estar* é fácil perceber-se uma leitura existencial: trata-se de contextos em que *estar* ocorre como verbo pleno, sem nenhum constituinte locativo. Por outro lado, na presença de expressões locativas, as construções com *estar* parecem tornar-se ambíguas e difíceis de analisar: encontram-se casos em que é possível afirmar-se que se trata de um valor existencial; noutras situações, nota-se um carácter locativo mais marcado, sendo a construção preferencialmente interpretada como copulativa locativa (e nesses casos o valor existencial, a existir, é mais subtil); noutros casos, porém, é difícil perceber qual das leituras se sobrepõe.

A ambiguidade advém, parece-me, do facto de tanto existenciais como copulativas permitirem a ocorrência de expressões locativas. Uma vez que *estar* adquiriu em português o estatuto de copulativo – ocorrendo necessariamente, nesses contextos, com um argumento, que é muitas vezes locativo – torna-se difícil distinguir entre leituras existenciais e copulativas de valor locativo.⁸⁷

A opção de se analisarem separadamente as ocorrências com locativo e ocorrências sem este complemento afigura-se, parece-me, como pertinente, dadas estas nuances interpretativas e dada a distribuição bem delimitada que se identificou para as construções existenciais sem locativos, o que parece ser geolinguisticamente significativo. Acredito, no entanto, que a presença/ausência do constituinte locativo poderá ser analisada de diferentes formas.

Repare-se que, apesar de vários trabalhos defenderem a existência de uma condição locativa, a ocorrência de um constituinte locativo não é obrigatória. Isto mesmo nota Avelar (2004) relativamente a existenciais com *ter* do PB:

(139) Tem muitos políticos que só procuram os eleitores em época de eleição.

(140) Tem universidades brasileiras investindo alto em nanotecnologia.

Os próprios exemplos do CORDIAL-SIN relativos a *estar* atestam essa possibilidade de leitura existencial sem uma expressão locativa realizada. O mesmo acontece com frases existenciais do português padrão:

⁸⁷ Marquilhas (2013), a propósito da mudança na sintaxe de *ser*, *estar*, *haver* e *ter*, apresenta dados que mostram, precisamente, uma evolução de *estar* de localização para *estar* copulativo (cf. Marquilhas 2013: 40ss).

(141) Há muitos alunos com dificuldades a matemática.

(142) Há muitas formas baratas de ter uma alimentação saudável.

O que me parece acontecer, um pouco na linha do que defende Viotti (1999), é que há na generalidade das construções existenciais uma locatividade implícita, mas não necessariamente expressa através de um constituinte locativo.⁸⁸

Os dados do *corpus* revelam-se úteis em vários sentidos. Por um lado evidenciam usos de *estar* até então não atestados (usos esses explicáveis segundo as teorias que tratam uniformemente possessivos, copulativos e existenciais), e enriquecem a caracterização dos dialetos portugueses. Por outro lado, contribuem, simultaneamente, para a discussão teórica em torno dessas estruturas – discussão essa aqui forçosamente abreviada.

⁸⁸ O facto de ter sido identificada uma área geográfica circunscrita para as construções existenciais sem locativo, ao passo que as construções com expressões locativas parecem (tanto quanto foi possível perceber através de uma observação muito superficial) estender-se a outros pontos do território, pode evidenciar diferentes fases da evolução da língua: uma fase em que *estar* ocorre sem constituintes locativos, com claro valor existencial, e uma fase em que ocorre associado a constituintes locativos, veiculando leituras quer existenciais quer copulativas. Uma das hipóteses que se colocam é a de que as ocorrências existenciais sem constituinte locativo serão uma etapa posterior, tratando-se de uma inovação dos dialetos do sul (que terão perdido a exigência do constituinte locativo). Em termos teóricos, é uma ideia que pode ser sustentada pelos trabalhos que mostram que as primeiras ocorrências verbais com valor existencial dizem respeito a contextos com constituintes locativos (cf. Mattos e Silva 1989, 1997, 2002, Lemos 1987). Por outro lado, tendo em conta a hipótese defendida por Kayne (1993, 1994), Hornstein et al. (2002) e também Avelar (2004) de que, para que uma construção seja gerada como possessiva ou copulativa, ela deve antes passar por um estágio existencial (defendendo-se assim que as construções existenciais são as mais primitivas), o *estar* copulativo do português teria de ter passado por um estado existencial (como aconteceu, por exemplo, com *ser*). Nesse caso, poderemos considerar pelo menos dois cenários: (i) as ocorrências inequivocamente existenciais sem constituinte locativo, geograficamente circunscritas, correspondem a essa primeira fase (existencial), sendo que apenas posteriormente ficaram disponíveis os usos copulativos (estes necessariamente associados a um argumento que é frequentemente de natureza locativa); (ii) no conjunto de dados composto pelas ocorrências com expressões locativas (conjunto esse que compreenderá usos existenciais e copulativos), e que será geograficamente mais disperso, estarão incluídos os primeiros valores existenciais, que serão portanto anteriores aos copulativos e, possivelmente, anteriores aos usos existenciais sem expressão locativa identificados no sul e nas ilhas. Talvez este último percurso seja o mais improvável, pelo facto de haver conhecimento de atestações antigas de *estar* copulativo mas não de *estar* existencial (não ambíguo, ou seja, sem locativos). Os dados do CORDIAL-SIN relativos à existência de *estar* existencial em PE constituem, portanto, uma novidade.

3.2.5. Comparativas com *ca/coma* e locativas com *onda*

No português europeu padrão, estruturas comparativas como as apresentadas em (143)-(145) ocorrem com os conetores *como* ou (*do*) *que* e atribuem, invariavelmente, caso nominativo ao segundo elemento da comparação:

(143) Sou mais alta *do que tu*.

(144) Comeste menos *do que o João*.

(145) Eu já viajei tanto *como ela*.

Os dados do CORDIAL-SIN mostram, contudo, que em alguns dialetos o mesmo tipo de construções apresenta características diferentes. O constituinte à direita do conector comparativo ocorre numa forma que é, aparentemente, oblíqua (como é o caso de *mim*, dos exemplos (146) e (147)). No que diz respeito aos conetores comparativos, os dados orais permitem identificar uma situação também diferente, decorrente do que, à primeira vista, parece ser a inserção da preposição *a* imediatamente depois do conector:

(146) A minha irmã – era mais velha *que a mim* também – mais três anos também já morreu há um ano. COV

(147) (...) não havia cá quem governasse milho *como a mim*. GRJ

O facto de terem sido identificadas construções deste tipo junto à fronteira com a Galiza levou a questionar se poderia haver algum paralelismo com dados do galego. Trata-se, de facto, de construções estruturalmente muito próximas de comparativas dessa língua (cf. (148) e (149)):

(148) Ninguén chega ó traballo antes *ca min*.

(149) Non hai outro máis solícito *ca ti*.

Confrontando as estruturas galegas com as portuguesas, há um aspeto importante a notar relativamente aos dados do CORDIAL-SIN, que se prende com o conector comparativo.

Se tivermos em conta a produção fonética associada a estas estruturas do português⁸⁹ – e se considerarmos que a diferenciação entre *que* e *a*, sugerida pela transcrição ortográfica, pode não refletir exatamente aquilo que é produzido oralmente – somos levados a considerar a hipótese de estarmos, tal como no galego, perante os conetores *ca* e *coma*, em vez de *que a* e *como a*. Nesse caso, teríamos em português uma estrutura como (150), bastante próxima, como se vê, da construção galega apresentada em (151):

(150) A minha irmã era mais velha *ca mim*.

(151) Ninguén chega ó traballo antes *ca min*.

Outros aspetos evidenciam o paralelismo entre as duas estruturas, como é o caso das restrições de ocorrência que ambas apresentam. Relativamente às construções galegas, está descrita na literatura a distinção entre (*de*) *que* e *ca* e *como* e *coma*, sendo notado por vários autores que é o contexto sintático que dita a escolha entre cada uma das possibilidades.⁹⁰

Se considerarmos a alternância entre *que* e *ca*, por exemplo, referem Álvarez e Xove (2002) que a distribuição das duas variantes é condicionada pela natureza do sintagma seguinte. Afirmam que *que* é a forma mais restritiva e apenas pode ocorrer em contextos específicos, sendo *ca* a forma possível em todos os casos.

Por outro lado, é comum encontrar descrições que notam a menor frequência de *ca* antes de verbos conjugados. Distinguir claramente os contextos de ocorrência de cada forma tem sido tarefa difícil na literatura, e nem sempre as descrições encontradas refletem o verdadeiro uso da língua.⁹¹

É relevante notar que esta ideia de que os conetores apresentam restrições de ocorrência é visível também em português.

Os exemplos encontrados no CORDIAL-SIN com *ca* dizem respeito a casos em que o segundo elemento da comparação é um SN ou um pronome pessoal. A ocorrência de adjetivos ou advérbios (possíveis no galego), por exemplo, não está atestada no CORDIAL-SIN nem me parece (segundo os meus juízos de falante nativa de um dialeto onde existe a construção) possível. É isso que mostram os contrastes abaixo.

⁸⁹ *Que a* produz-se [kɐ] e *como a* [kumɐ].

⁹⁰ Cf., entre outros, Santamarina (1974), Álvarez e Xove (2002), Pés Fernández (2012).

⁹¹ Cf. Álvarez Pérez, comunicação pessoal.

- (152) a. Sabe muito mellor fria *ca quente*. [galego, de Álvarez e Xove 2002]
 b. *Sabe muito melhor fria *ca quente*. [português dialetal]

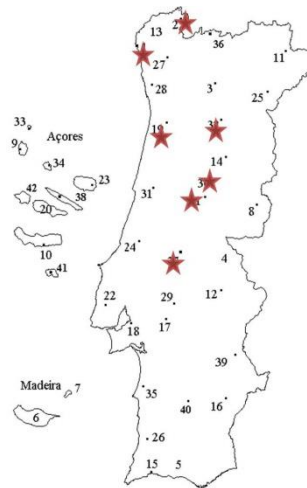
O mesmo se passa relativamente a ocorrências com verbos: no CORDIAL-SIN não foram encontradas ocorrências de *ca* com estes constituintes e, segundo os meus juízos, a coocorrência dos dois elementos produz resultados agramaticais. Também no galego as ocorrências com verbos parecem ser (pelo menos as ocorrências com verbos conjugados) menos frequentes com *ca* e mais naturais com (*do*) *que*. Nos exemplos abaixo ilustram-se essas situações: a maior naturalidade, no galego, de *do que* com verbos conjugados (cf. (153a)) e a agramaticalidade de *ca* seguido de verbo no português dialetal (cf. (153b)).

- (153) a. Creio que xoga máis do que estudia. [galego, de Álvarez e Xove 2002]
 b. *Creio que joga mais *ca* estuda. [português dialetal]

Poderá portanto ser o caso de o *ca* português ser mais restritivo do que o *ca* galego mas tratar-se, ainda assim, de estruturas com a mesma origem.⁹²

Mas vejamos, então, qual a distribuição geográfica destas estruturas não-padrão do português:

⁹² Na realidade, uma análise da evolução diacrónica dos étimos latinos *quam* e *quia* permite explicar estes paralelismos. Vários autores defendem a ideia de que *ca* representa uma etapa intermédia na evolução de *quam* e *quia* latinos, que terão primeiro evoluído para *ca* e só depois para *que* (é o que defendem, por exemplo, Corominas e Pascual (1980-1991)). Estes autores dão inclusivamente o exemplo do leonês e do galego-português para evidenciar a existência dessa fase intermédia da evolução. Os dados do português dialetal aqui apresentados, ao tornarem claros os paralelismos com o galego, reforçam essa ideia e põem em evidência o passado comum das duas línguas, fazendo crer que as estruturas em análise derivam do latim vulgar.



Mapa 49: Comparativas com *ca* e *coma*

É importante referir que se trata de mais um caso em que o número de ocorrências não se mostrou particularmente significativo. O que acaba, porém, por ser significativo é que essas ocorrências se situam, como se vê, numa área geográfica relativamente bem delineada.⁹³

Uma situação semelhante parece ocorrer com estruturas locativas do tipo de (154) e (155), também identificadas no CORDIAL-SIN e inexistentes no português padrão,⁹⁴ mas muito próximas da estrutura galega de (156):

(154) Somos amigas dele e ele mandou-nos *onde a ti*. CTL

(155) Aquelas só anda *onde ao gado*. CTL

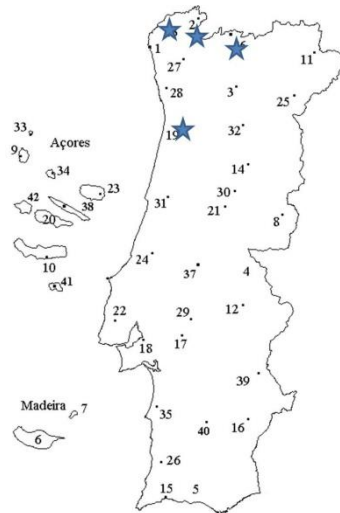
(156) “onda ti, lonxe do mundo/tan feliz me acobechara” [*Cantares Gallegos*, Rosalía de Castro]

Tal como foi proposto para os conetores comparativos, também aqui sugiro que pode tratar-se da forma *onda*, similar à galega, e não *onde*. E veja-se como, também neste caso, a distribuição volta a ser circunscrita, confinada agora a localidades do noroeste do continente (evidenciando uma área que poderá, inclusivamente, ser uma subárea da que foi identificada para as estruturas comparativas atrás descritas).⁹⁵

⁹³ Será, apesar disso, útil que num trabalho futuro se reúnam mais dados, que permitam completar este primeiro esboço da distribuição geográfica a que foi possível chegar.

⁹⁴ Estas construções não alternam com nenhuma construção específica do português padrão. Uma estrutura alternativa seria, por exemplo, uma construção com *até*, do tipo “Somos amigas dele e ele mandou-nos *até ti*”.

⁹⁵ Reconheço, enquanto falante nativa de um dialeto minhoto, outra estrutura que parece ser similar às apresentadas, mas neste caso de valor temporal. Refiro-me a construções como “Vou-me embora quando a



Mapa 50: Locativas com *onda*

3.2.6. Clivadas nulas coordenadas com *é que*

Entre os dados do CORDIAL-SIN foi possível identificar um tipo particular de clivada que se associou a uma área relativamente extensa, e bem definida, do Norte de Portugal. Trata-se de construções como a apresentada em (157):⁹⁶

(157) Depois está uns dias *e é que* é picadinha, *e é que* se enchem as linguças. CRV

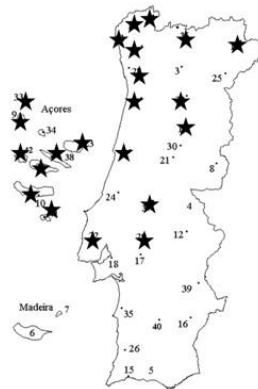
A construção acima representa um tipo particular de clivada iniciada por uma coordenação, a que se segue um constituinte clivado nulo seguido de *é que*, numa estrutura como a seguinte:

(158) [*e* + constituinte clivado nulo + *é que*]

ti” (“quando a ti” costuma ser produzido, oralmente, como “canda ti”). Não foram identificadas ocorrências deste tipo no CORDIAL-SIN.

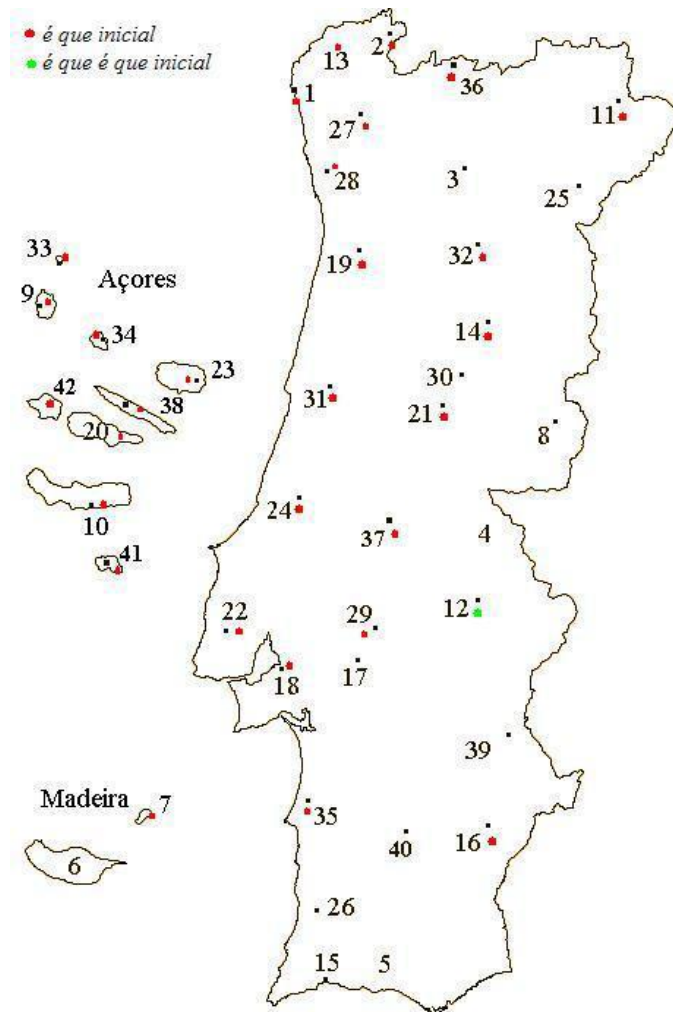
⁹⁶ Vercauteren (2010), que também analisa os dados do CORDIAL-SIN, faz referência a estas estruturas mas não as analisa isoladamente, pelo que não se caracteriza nesse trabalho a distribuição geográfica deste conjunto específico de dados. No entanto, a autora caracteriza a distribuição de todas as estruturas clivadas nulas com *é que* inicial identificadas no CORDIAL-SIN, e a área que identifica para essas estruturas é bastante próxima (ainda que menos uniforme) da que aqui apresento no Mapa 51.

Mais uma vez, estamos perante um fenómeno ao qual foi associada uma distribuição geográfica circunscrita, a isolar a faixa Noroeste/Litoral do continente e ilhas dos Açores.



Mapa 51: Clivadas coordenadas com *é que* inicial

Estruturas clivadas com *é que* produtivas em variedades dialetais do português foram já estudadas por Vercauteren (2010). A autora, que também analisa os dados do CORDIAL-SIN, faz referência a estas estruturas mas não as analisa isoladamente, pelo que não se caracteriza nesse trabalho a distribuição geográfica deste conjunto específico de dados. No entanto, a autora caracteriza a distribuição de todas as estruturas clivadas nulas com *é que* inicial identificadas no CORDIAL-SIN. Como seria de esperar, a área que aqui apresento e a identificada pela autora para esse conjunto maior de dados são coincidentes:



Mapa 52: Clivadas nulas (de Vercauteren 2010)

Apesar de a área de Vercauteren poder sugerir uma distribuição dos dados ligeiramente mais dispersa (contaram-se ocorrências numa das ilhas do arquipélago da Madeira e os exemplos estendem-se neste caso a alguns pontos mais a Sul), trata-se na realidade de distribuições muitíssimo próximas e que parecem revelar duas situações: que estruturas clivadas nulas são particularmente produtivas no Norte e nos dialetos açorianos e que os contextos que eu analiso serão, provavelmente, ainda mais escassos (inexistentes?) nos restantes dialetos.⁹⁷

Considerando a distribuição geográfica e alguns trabalhos (nomeadamente estudos diacrónicos) existentes sobre construções clivadas em português, é possível fazer uma interpretação destes dados.

⁹⁷ Também as clivadas de *ser* foram identificadas por Vercauteren (2010) apenas em localidades do Norte, definindo uma área bastante circunscrita que inclui pontos do Douro, Minho, Beiras e Trás-os-Montes. Cardoso e Alexandre (2013) mostram, por sua vez, que as relativas clivadas no CORDIAL-SIN, sendo dispersas por todo o país, não ocorrem em localidades alentejanas.

Defende-se em vários trabalhos (cf. Longhin 1999, Kato e Ribeiro 2007, 2009) a ideia de que vários tipos de clivadas não existiam em fases mais antigas do português nem existem noutras línguas românicas. O facto de se ter identificado estas estruturas apenas numa área Noroeste do território e em ilhas dos Açores poderá significar que se trata de um caso de inovação dos dialetos do Noroeste/Oeste e açorianos (curiosamente, tipicamente referidos como sendo os mais conservadores). Assumindo essa hipótese, tratar-se-á de um caso em que as inovações não se terão expandido nem aos dialetos madeirenses nem aos pontos mais a Sul de Portugal.

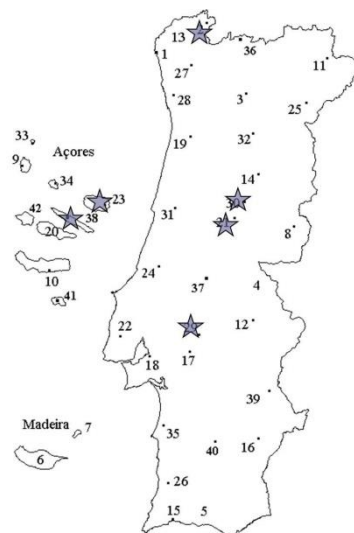
3.2.7. Construções meteorológicas com *ir* impessoal

O português dialetal apresenta outra construção não descrita para o português padrão: construções meteorológicas em que se emprega o verbo *ir* com um valor impessoal, como exemplificado em (159). Estruturas deste tipo ocorrem, no padrão, com o verbo *estar* (cf. (160)).

(159) Mas se ele *ia* tanto calor, tanto calor, (...) PVC

(160) *Estava* tanto calor...

Vejamos qual a distribuição geográfica associada a este fenómeno:



Mapa 53: Construções meteorológicas com *ir* impessoal

Convém notar que não foi encontrado um número muito significativo destas construções. Assim, a distribuição geográfica apresentada apenas fornece uma primeira visão dos dados. A distribuição espacial do fenómeno parece revelar, contudo, alguma ordenação. Note-se que todas as ocorrências se situam em ilhas dos Açores e na área Norte do continente, exibindo uma configuração bastante próxima, aliás, das identificadas para as três estruturas apresentadas atrás (clivadas coordenadas com *é que*, comparativas com *coma* e locativas com *onda*) – o que, num certo sentido, fortalece a ideia de que também este fenómeno poderá estar associado a localidades nortenhas e insulares.

O facto de terem sido identificadas ocorrências num ponto muito próximo da fronteira com a Galiza sugere uma possível relação destes dados com o galego. E, efetivamente, verifica-se que essa língua apresenta estruturas muito semelhantes: veja-se o exemplo (161), de Carballo Calero (1979):

(161) *Vai* moito frio. / Qué frio *vai*!

O que também se torna pertinente notar no âmbito da análise destes dados é que, além das construções impessoais exemplificadas em (159), foram também encontradas no *corpus* outras ocorrências do verbo *ir* inexistentes no padrão. É o caso de *ir* como auxiliar de passivas, como exemplificado em (162):

(162) Depois de ela estar preta, em Outubro, *vai apanhada*. ALC

Falarei adiante sobre estas construções (cf. 3.2.13), mas não quero deixar de referir, neste ponto, alguns aspetos. Também no galego se encontram, mais uma vez, construções do tipo da apresentada acima, em que *ir* ocorre com valor estativo (ainda que não se trate de passivas):

(163) O meu pai *vai* na Habana.

(164) O meu homiño perdeu-se, ninguém sabe donde *vai*.

[exemplos de Carballo Calero 1979]

Estes dados revelam, pois, que tanto no português dialetal como no galego estão atestados usos de *ir* com valores impessoais e estativos (usos esses inexistentes no português padrão). Uma hipótese que se afigura como possível é, então, que se trata de

valores que se terão entretanto perdido, mas que o galego e algumas variedades do português ainda preservam.⁹⁸

3.2.8. *Tanto* seguido de adjetivos e advérbios

No português europeu padrão, os advérbios *tão* e *tanto*, com valores equivalentes, utilizam-se em contextos diferentes: ambos aparecem em orações exclamativas, comparativas e consecutivas, mas *tão* associa-se, tipicamente, a advérbios e adjetivos (cf. (165)) e *tanto* modifica verbos e nomes (cf. (166)).

(165) a. Estás *tão longe* de mim!

b. Que comida *tão apetitosa*.

(166) a. *Corri tanto* que fiquei mesmo cansada.

b. Tem *tanto dinheiro* que não sabe o que fazer com ele.

No entanto, identificaram-se no *corpus* construções do tipo de (165) e (166) acima em que *tanto* coocorre com adjetivos e advérbios, como nos exemplos seguintes:

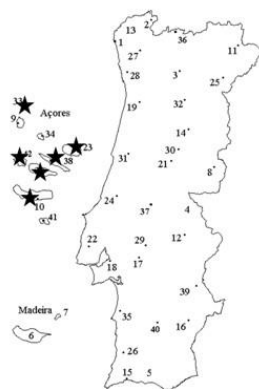
(167) Na hora da comida não é *tanto saborosa*. PIC

(168) Com o arado da América não é *tanto fácil*. CLH

(169) Um ano, a gente tínhamos um *tanto gordo* que foi preciso partir acolá uma nisca, que ele não cabia para ir para a outra banda, para se matar. CLH

É um fenómeno que isola os dialetos açorianos dos restantes dialetos portugueses, tendo sido identificado apenas nessa região:

⁹⁸ Alguns trabalhos existentes na literatura, que dão conta da possibilidade de verbos de movimento serem usados com valores estativos e impessoais, sustentam esta ideia. Desenvolvo um pouco mais esta questão na secção 3.2.13, quando discuto, a propósito de algumas construções passivas do CORDIAL-SIN, a ocorrência de verbos de movimento como auxiliares em passivas.



Mapa 54: *Tanto*+adjetivos/advérbios

II - Fenómenos dispersos pelo território e/ou pouco representados no *corpus*

3.2.9. Cliticização

a) Colocação dos pronomes clíticos

É, como se sabe, vastíssima a bibliografia existente sobre o comportamento dos pronomes clíticos no PE. Entre esses numerosos trabalhos, muitos são os que se ocupam do padrão de colocação dos clíticos do português *standard*, sobretudo em frases finitas (cf., por exemplo, Galves et al. 2005, que reveem algumas dessas propostas). Os dados que apresento a seguir ilustram alguns casos de variação, no português europeu, relativamente à colocação dos clíticos. Não pretendendo, obviamente, ser um estudo exaustivo sobre variação no território português relativamente a este tema (tal tarefa não caberia, naturalmente, no escopo deste trabalho), identificaram-se no CORDIAL-SIN alguns dados relevantes que vale a pena considerar.

Para a descrição que apresento, tomo como referência a descrição de colocação dos pronomes clíticos de Martins (2013). Considerei apenas, entre os dados do *corpus*, os que se mostraram mais relevantes em termos numéricos e/ou cuja distribuição geográfica pareceu significativa. Além disso, centrei-me em exemplos que nitidamente podem ser interpretados como casos de variação relativamente à variedade padrão: foquei-me, portanto, na análise de contextos que no padrão estão invariavelmente associados ou a próclise ou a ênclise mas que, em variedades dialetais, exibem comportamentos contrários.

Conforme irei mostrar, os dados relevantes indicam dois tipos de situações: uma em que o padrão de colocação observado nas variedades dialetais, distinto do do PEP, está associado a uma distribuição geográfica dispersa; outra em que o padrão de colocação, igualmente distinto do do PEP, parece mais característico de umas regiões do que outras (podendo eventualmente considerar-se a hipótese de se tratar de áreas sintáticas).

Começamos pela primeira situação. Em contextos de orações subordinadas finitas, o padrão regular de colocação dos pronomes clíticos do português europeu *standard* é a próclise. É o que acontece com orações completivas, relativas e adverbiais como nos exemplos abaixo (de Martins 2013):

- (170) Parece [que se *preparam* grandes coisas].
- (171) Era o mesmo homem [que, pouco antes, *lhe tinham* mostrado numa das fotografias].
- (172) Já viste o mar, compadre? Um homem [quando *lhe vai* em cima] sabe que não vale coisa nenhuma.
- (173) [Se *lhe danifiquei* algum objecto], [se *lhe parti* algum objecto], [se *lhe amolguei* algum objecto], faço questão, minha senhora.

Ora, no que toca a relativas, o *corpus* fornece vários exemplos de colocações enclíticas, que contrastam com a próclise esperada no padrão:⁹⁹

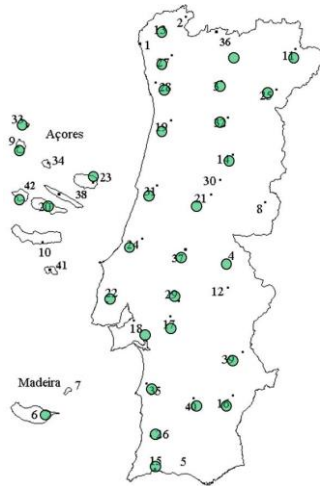
- (174) Já me aqui veio um, estava eu aqui há pouco tempo, *que matou-me...* só duma vez matou-me nove galinhas. VPC
- (175) Mas há pessoas *que salgam-nas*. PIC
- (176) E houve aqui um além na Aldeia Nova *que encharcou-se* para além num, foi para o hospital, morreu lá. AJT
- (177) Dali você vê uma quinta que eu fiz lá em baixo, *que dá-me* noventa alqueires de milho e dá-me duas pipas de vinho. COV
- (178) Tenho um genro meu *que disse-me*: (...) FIG
- (179) Foi o melhor *que fizeram-nos* neste mundo. PIC

Na impossibilidade de analisar todos os contextos de subordinadas finitas, centrei-me exclusivamente nestes casos (orações relativas com *que*), porque se mostraram particularmente expressivos. As conclusões a que foi possível chegar são de que as colocações enclíticas nestes contextos são um fenómeno bastante frequente e que aparece um pouco por todo o território.¹⁰⁰ No mapa abaixo represento as localidades onde foram identificadas estas estruturas.

⁹⁹ É preciso notar, contudo, que no padrão há variação quanto à colocação de clíticos nas completivas com alguns tipos de verbos. Embora a próclise seja o padrão dominante em todos os tipos de orações subordinadas, a ênclise é permitida (sendo apesar disso pouco frequente) nas seguintes situações:

(i) em orações completivas com verbo no indicativo, nomeadamente as que são seleccionadas por verbos declarativos (*dizer, afirmar, concluir, declarar, jurar, prometer, etc.*), verbos apresentativos (*acontecer, ocorrer, suceder, etc.*), verbos epistémicos (*achar, considerar, acreditar, pensar, saber, supor, etc.*), verbos percetivos (*ouvir, sentir, ver*) e *parecer* (cf. Martins 2013).

¹⁰⁰ Os dados do CORDIAL-SIN relativos à colocação enclítica, nestes contextos, do pronome clítico *se* parecem sugerir, quando confrontados com a distribuição geográfica de outros clíticos, uma distribuição mais coesa, aparentemente confinada aos dialetos do Sul do território e às ilhas. Os dados deste *corpus* são,



Mapa 55: Colocação enclítica em relativas introduzidas por *que*

Muito menos frequentes foram casos de ênclise em contextos negativos (outra situação em que se observa o padrão proclítico na variedade *standard*), mas os dados são, ainda assim, merecedores de alguma atenção. As frases abaixo, de Martins (2013), em que ocorrem as palavras negativas *nem*, *nunca* e *ninguém*, servem de exemplo para evidenciar a ocorrência de próclise no português europeu *standard*.

- (180) a. Eu e o Luís, entalados no carro, nem nos *entreolhávamos*.
 b. Nunca *se sabe*, mocinha.
 c. Ninguém *se lembra* de mim e ainda bem.

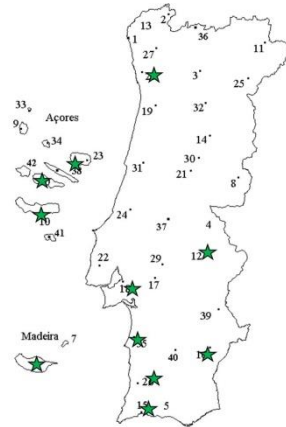
Uma busca no CORDIAL-SIN por constituintes negativos em coocorrência com clíticos revelou, no entanto, alguns exemplos de colocação enclítica:

- (181) Às vezes, uma pessoa *não vem-lhe* à cabeça o que possa ser. ALV
 (182) Então e *não vendes-me* um púcaro destes, Ilídio? MLD
 (183) O meu pai sempre foi lavrador e os meus irmãos foram todos lavradores, e eu *nunca conheci-lhe* mais que dez, doze vacas. MIG

É de notar que os exemplos reunidos são quase todos com *não* e, em termos numéricos, não são muito significativos: contaram-se 16 exemplos. Seria portanto

contudo, insuficientes para extrair conclusões nesse sentido, e não me permitem avançar com nenhuma hipótese que possa explicar esses eventuais contrastes.

desejável obter um conjunto mais numeroso de dados, de modo a ser possível caracterizar com alguma segurança a distribuição geográfica do fenómeno. O que, ainda assim, os dados nos dizem é que é possível identificar casos de ênclise em contextos negativos (tipicamente associados, no português padrão, a colocações proclíticas) e, relativamente à distribuição geográfica, poderá dar-se o caso de se tratar de um fenómeno mais vivo no Sul e nas ilhas (o que só o confronto com outros dados poderia confirmar ou infirmar):¹⁰¹



Mapa 56: Ênclise com constituintes negativos

Analisemos agora outra situação. Tal como refere Martins (2013), há outro grupo de constituintes que, no padrão, induz obrigatoriamente próclise: são os advérbios focalizadores. Martins distingue entre os advérbios focalizadores exclusivos (*apenas, só, somente, logo, antes*), inclusivos (*também, até, mesmo*) e aspetuais (*já, ainda, quase, mal*). Vejam-se exemplos de cada situação:

(184) *Só* o Pedro te traiu.

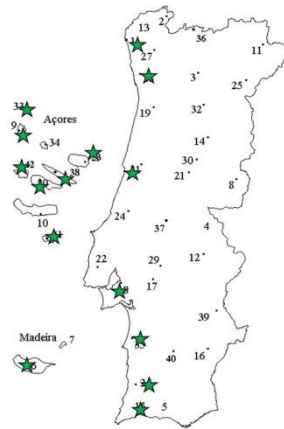
(185) *Também* o Pedro te traiu.

(186) *Ainda* me falta contar-te uma coisa!

Os dados do CORDIAL-SIN mostraram dados curiosos relativamente a um desses advérbios: contaram-se alguns exemplos de colocação enclítica em contextos com *também* e, se observarmos a localização geográfica dessas ocorrências, poderemos levantar a hipótese de se tratar de um fenómeno característico das ilhas e da faixa litoral

¹⁰¹ É de notar que esta distribuição geográfica se aproxima da que identifiquei para as ocorrências enclíticas de SE em orações relativas e completivas introduzidas por *que* (ver nota 100). Tal facto leva-me a questionar se, nalguns contextos, a colocação enclítica não será mais característica dos dialetos do sul e das ilhas.

do continente (cf. Mapa 57). Falta, contudo, uma investigação muito mais profunda que confirme o que neste momento não é mais do que uma hipótese.



Mapa 57: Ênclise com *também*

Foi possível perceber, através dos dados do *corpus*, que no português dialetal há vários casos de ênclise (que normalmente ocorrem em alternância com próclise) em contextos nos quais se espera, no padrão, próclise. Os exemplos apresentados atrás são alguns dos casos mais nítidos e representativos que foi possível identificar. Apesar de poucos, os dados sugerem que a ocorrência de ênclise em lugar de próclise com constituintes que induzem a próclise no português padrão não define uma área homogénea. Pelo contrário, os contornos das áreas relevantes são variáveis, em função de constituintes ‘proclisadores’ particulares. Assim, o *que* relativo define uma área que cobre todo o território continental e insular, as palavras negativas sugerem uma oposição entre Norte-Sul, com os dialetos insulares a alinharem com o Sul, e, finalmente, o advérbio *também* define uma área constituída pelos dialetos insulares e do litoral por oposição aos do interior. Esta distribuição geográfica pode ser relevante para avaliar diferentes análises teóricas relativamente à colocação dos pronomes clíticos no português europeu. Mas o pequeno número de dados que o CORDIAL-SIN disponibiliza não nos permite avançar nesta direção.

Seria certamente interessante olhar para várias outras situações, mas em muitos casos o CORDIAL-SIN apenas fornece alguns exemplos esporádicos e extremamente residuais, que não permitem perceber se se tratará, sequer, de um fenómeno sistemático. Noutros casos, as estruturas requerem uma análise demasiado atenta, que se torna difícil

conseguir dado o propósito deste trabalho.¹⁰² Por isso, apenas num trabalho futuro e de outro âmbito seria possível olhar detalhadamente para os dados dialetais relativos ao padrão de colocação de clíticos.¹⁰³

E fica, mais uma vez, a observação de que valerá a pena, também no futuro, tentar reunir mais dados, pois o CORDIAL-SIN é sem dúvida uma boa ferramenta para um ponto de partida mas que exige, muitas vezes, outras fontes de modo a ser possível tecer conclusões sólidas (nomeadamente sobre a sistematicidade dos fenómenos e da sua distribuição geográfica).

b) Forma forte de pronome dativo vs. clítico dativo

Ainda no domínio da cliticização, foram identificadas ocorrências de formas fortes de pronomes dativos em contextos que, no padrão, estão associados à ocorrência de clíticos. Vejamos exemplos:

(187) Agora, disto das ovelhas, têm, às vezes, um rapazito para andar a *ajudar a eles*.
ALC

(188) E depois tem... Compra. *Compra a ele* e come. ALC

(189) Mas tenho honras de dar a escola aos meus filhos todos. Tenho muita honra de *dar a eles*. CLC

A forma forte do pronome dativo identificada nestas estruturas do português dialetal seria substituída, no padrão, pelo clítico dativo correspondente:

(190) Agora, disto das ovelhas, têm, às vezes, um rapazito para andar a *ajudá-los*.

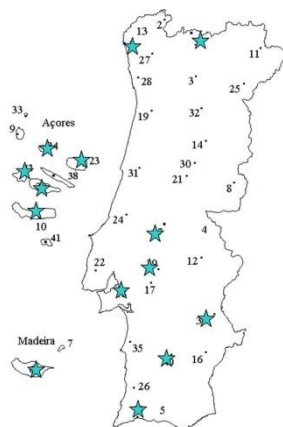
(191) E depois tem... Compra. *Compra-lhe* e come.

(192) Mas tenho honras de dar a escola aos meus filhos todos. Tenho muita honra de *lhes dar*.

¹⁰² Por exemplo, alguns dados analisados relativamente à colocação de clíticos em orações introduzidas por *porque* pareceram sugerir que a colocação enclítica nestes contextos será um fenómeno mais expressivo no Norte do país (acima da linha do Tejo) e nas ilhas. No entanto, *porque* comporta muitas vezes valores ambíguos entre explicação e causa, e essa identificação – necessária quando estamos a analisar a colocação dos clíticos – é muitas vezes uma tarefa complexa. Por essa razão, este foi um dos contextos cuja análise optei por não desenvolver neste trabalho.

¹⁰³ Sobre o padrão de colocação de clíticos em infinitivas preposicionadas do PD, veja-se Pereira (2018).

Um tratamento adequado destes dados exigiria, mais uma vez, uma análise que tivesse em conta diferentes aspetos, como o tipo de verbo, o contexto específico de cada frase, etc. E implicaria, igualmente, tentar obter um maior conjunto de dados, já que os identificados no CORDIAL-SIN não permitem estabelecer nenhum tipo de generalização de forma segura. No âmbito do que aqui me proponho fazer, importa sobretudo notar que ainda que os dados sejam pouco representativos e estejam apenas superficialmente analisados, eles funcionam, pelo menos, como um ponto de partida. A distribuição geográfica associada a estes casos é, apesar de tudo, relativamente circunscrita, mas o facto de se terem identificado ocorrências em dois pontos do Norte e de o número de dados não ser representativo deixa algumas dúvidas quanto a tratar-se de um fenómeno geograficamente delimitado.

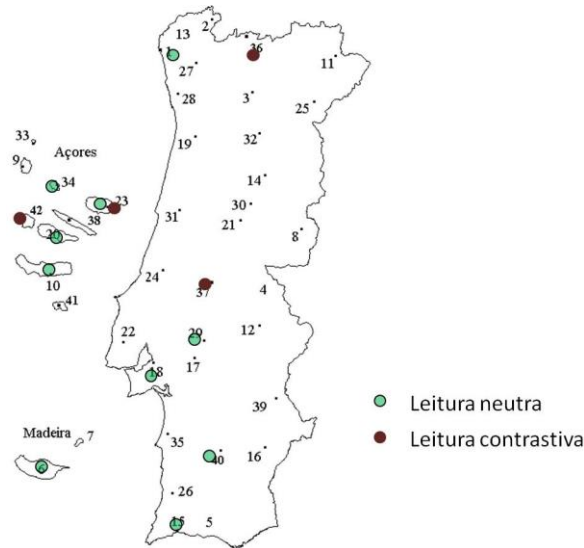


Mapa 58: Forma forte de pronome dativo

No entanto, a questão que se coloca é, sobretudo, se se tratará de um fenómeno que isola essencialmente Litoral-Sul e ilhas ou, por outro lado, Centro-Litoral e ilhas (com atestações esporádicas no Norte). O Mapa 59, que caracteriza a distribuição distinguindo entre construções neutras (como as dos exemplos (187)-(189)) ou contrastivas (como em (193) e (194) abaixo), evidencia que, quando excluimos as formas que marcam o contraste, o mapa fica mais próximo dos que aproximam os dialetos insulares dos dialetos do litoral do continente.

(193) A gente cá depois juntava-se. Por exemplo, eu juntava-me com família de casa daqui dessa, ou daquela e daquela. Quer dizer, a minha mulher *ia ajudar a elas* e elas *vinham-nos ajudar a nós*. MTV

(194) Todos os filhos lhe dão. Tanto dou eu, como dá aquele, como dá aquele. Todos os filhos dão. Pronto, ela está sozinha na casa dela; se um dia lhe apetecer dizer: "Olha, vou para tua casa"!, pronto, vem para aqui. Os filhos *dão-me* o que 'há-dem' *dar a ela*; dão-me para aqui e ela fica aqui sustentada em nossa casa - ou na de outro! Ou na de outro, não é só aqui. STA



Mapa 59: Forma forte de pronome dativo

Falta, naturalmente, saber o que diria um conjunto de dados mais volumoso. Pergunta-se, antes de mais, se a distribuição geográfica seria coincidente. Em caso afirmativo, pergunta-se qual destas duas predições – a existência de uma área em que os dialetos insulares se associam aos do Sul ou de uma em que as ilhas alinham com o litoral – viria a ser confirmada.

Em última análise, o que estes dados parecem indubitavelmente apontar é a existência de variação neste domínio: variação essa cuja sistematicidade e cuja localização geográfica precisa fica, contudo, por apurar.

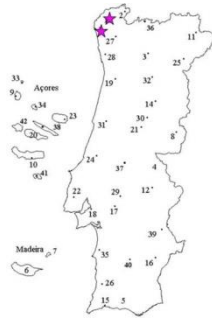
3.2.10. Construções partitivas

Observemos os exemplos (195) e (196), que ilustram outra estrutura não-padrão identificada no CORDIAL-SIN, ainda que de forma pouco expressiva:

(195) Ai Jesus, *que de* peixe havia! VPA

(196) Ai, *que de* sardinha, meu Deus! VPA

Trata-se de estruturas partitivas identificadas unicamente no Norte de Portugal, nos pontos assinalados no mapa abaixo.



Mapa 60: Estrutura partitiva *que de*

O facto de se terem identificado estas estruturas em localidades muito próximas da fronteira com a Galiza fez levantar a hipótese de poderem existir relações com dados do espanhol ou do galego. E é possível encontrar, de facto, construções similares nessas línguas. Vejam-se os exemplos (197) e (198), para o galego, e (199), para o espanhol:

- | | |
|---|-------------------------------|
| (197) <i>Qué de rapazas! Que delas!</i> | [cf. Carballo Calero 1979] |
| (198) <i>Qué de formigas había allí!</i> | [cf. Álvarez e Xove 2002] |
| (199) <i>Qué de criminales han sido arrestados!</i> | [cf. González Rodríguez 2008] |

A análise existente para estas construções no espanhol trata estes casos como estruturas exclamativas quantificativas (cf. Sánchez López 1999), atribuindo a *que* o estatuto de pronome exclamativo, com um valor de quantificador quantificativo.

Parece ser possível afirmar que também em português estas construções estão associadas a um traço [+exclamativo]. É isso que sugerem os dados do *corpus*, já que todos os contextos identificados são exclamativos. E é isso que sugerem, também, os meus juízos de falante nativa da região onde se identificam estas estruturas, uma vez que tendo a rejeitar os contextos que não sejam exclamativos.

Na realidade, é provável que etimologicamente se trate, em qualquer das línguas, de estruturas derivadas do latim.¹⁰⁴ Isso sugere o paralelismo observado e a própria distribuição geográfica, a apontar uma contiguidade espacial.

¹⁰⁴ Não sendo pouca a bibliografia existente relativamente às construções partitivas e à sua evolução diacrónica, a que trata deste tipo particular de estrutura é consideravelmente escassa, uma vez que os trabalhos se centram, maioritariamente, no genitivo partitivo latino. Por essa razão, a ideia de que estas construções derivam de estruturas partitivas latinas, ainda que viável, é apenas uma hipótese por confirmar.

Trata-se, como mencionei, de um conjunto de dados muito pouco significativo em termos numéricos (encontraram-se seis exemplos). O que parece, contudo, legítimo concluir neste trabalho a partir dos exemplos do *corpus* e da relação que foi possível estabelecer com dados do espanhol e do galego é que há fortes indícios de se tratar de uma construção confinada a uma área específica, área essa que, no território português, provavelmente se restringe a dialetos nortenhos/dialetos próximos da fronteira com a Galiza.¹⁰⁵

3.2.11. Elipse de *ser* na construção impessoal *pode que*

Entre os dados do *corpus* foi também possível identificar uma estrutura impessoal do tipo de (200) e (201): ocorrências de *poder* na terceira pessoa do singular, no presente do indicativo, seguido do *que*, a introduzir, aparentemente, uma oração completiva com uma forma verbal no conjuntivo. Ao contrário do que acontece nas estruturas que podemos considerar equivalentes no português padrão (cf. (202) e (203)), temos, no português dialetal, elipse do verbo *ser*.

(200) *Pode que* conheça e não sei agora o nome. AJT

(201) *Pode que* eu esteja enganado! COV

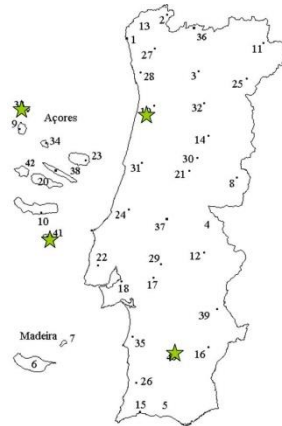
(202) *Pode ser que* conheça e não sei agora o nome.

(203) *Pode ser que* eu esteja enganado!

Trata-se de mais uma situação pouco expressiva no *corpus* e cuja distribuição geográfica não pôde, a partir desses escassos dados, ser bem caracterizada. Parece haver uma distribuição dispersa, como sugere o mapa abaixo. Mas apenas o confronto com mais dados poderia trazer mais luz sobre o tipo de área geográfica associada a estas estruturas e tornar claro se se trata, efetivamente, de uma construção transversal a todo o território ou se delimita alguma região específica.

O facto, porém, de se tratar de construções existentes quer em português quer em espanhol e galego poderá ser um argumento nesse sentido, uma vez que põe em evidência o passado e as raízes comuns dessas línguas.

¹⁰⁵ Não foi possível apurar com detalhe a distribuição destas estruturas no território galego. Contam-se algumas referências na literatura sobre estas construções (cf., entre outros, os trabalhos citados atrás), mas não há, tanto quanto consegui saber, informação sobre a sua distribuição geográfica.



Mapa 61: *pode que*

Em todo o caso, e apesar das incertezas relativamente à distribuição geográfica do fenómeno, são dados que *pode* interessar ter em conta quando estudamos aspetos dialetais da sintaxe do português, por revelarem, pelo menos, aspetos sintáticos desta língua até agora desconhecidos.

Foi possível verificar que se trata de construções próximas de estruturas existentes em espanhol:

(204) Puede que llueva. [exemplo de Espiñeira e Meirama 2008]

Estas ocorrências de *poder* no espanhol são analisadas por Hernanz (1999) como um verbo impessoal pleno, funcionando a expressão como um predicado monovalente que seleciona um argumento proposicional. A autora defende que estas construções se aproximam, semântica e sintaticamente, de estruturas com *parecer* do tipo de (206):

(205) Puede que llueva.

(206) Parece que llueve. [ejemplos de Espiñeira e Meirama 2008]

Outros autores, como Gómez Torrego (1999) e Olbertz (1998), contrariam essa ideia, sustentando que *poder* mantém a sua natureza de verbo auxiliar e que não seleciona uma oração subordinada, tratando-se, antes, de uma expressão gramaticalizada que se comporta como um advérbio (equivalente a *quizá(s)* e *tal vez*).¹⁰⁶ Olbertz (1998) defende

¹⁰⁶ Olbertz (1998) apresenta como argumento nesse sentido as restrições verbais observadas: “in the complement construction, it can only be in the present tense, and cannot be negated or questioned” (cf. Olbertz 1998: 148), tal como mostram os exemplos **Podía que llovera*, **Podrá que llueva*, **No puede que llueva* e **Puede que llueva?*. A autora mostra, paralelamente, que, ao contrário do que acontece com

que, dado o carácter fixo da expressão e o seu valor semântico, a expressão se assemelha mais, sintaticamente, ao advérbio *quizas* do que a um verbo modal. E atribui-lhe um estatuto intermédio entre uma construção verbal e uma forma adverbial:

I confine myself to the conclusion that *puede que* occupies some intermediate position in between a verbal construction and a periphrastic adverb. However, it will have become clear that the existence of *puede que* does not mean that *poder* is a complement taking predicate, and consequently, that *puede que* does not represent any challenge to the semi-auxiliary analysis.

Olbertz 1998: 149-150

Espiñeira e Meirama (2008), por outro lado, a partir de dados de *corpora* históricos, provam que se trata de uma estrutura gramaticalizada que se desenvolveu a partir da construção *puede ser que* (na linha do defendido em Corominas e Pascual 1981). O processo de gramaticalização não estará, contudo, completo: as autoras referem que a expressão não atingiu ainda o estatuto de constituinte autónomo e notam que a sua forma reduzida (*pue que*) apenas é encontrada em algumas zonas rurais.

No trabalho citado, as autoras notam que há diferenças semânticas e sintáticas que distinguem *puede que* de *puede ser que*: sintaticamente, têm comportamentos divergentes no que diz respeito a polaridade, tempo verbal e tipo de frase; a nível semântico, exibem diferenças na área da modalidade que derivam, segundo as autoras, da interação entre modalidade epistémica e evidencialidade.

Os trabalhos enunciados – sobretudo este estudo diacrónico e a descrição que ele permite estabelecer – revelam-se pertinentes quando tentamos fazer uma descrição das estruturas portuguesas.

Ainda que o *corpus* não constitua uma base ampla o suficiente para estabelecer com segurança algumas generalizações, é possível, pelo menos, considerar algumas hipóteses e assumir que também em português haverá restrições sintáticas do tipo das identificadas para o espanhol. O facto de os contextos identificados dizerem respeito a coocorrências de *pode que* com verbos no conjuntivo e de todas as ocorrências dizerem respeito a frases declarativas, por exemplo, pode ser apenas casualidade mas poderá, também, sugerir a existência de restrições sintáticas e mesmo semânticas.

parecer, nas estruturas com *poder* os elementos pós-verbais não podem ser substituídos por um pronome: A: Puede que llueva. B: *Si, lo puede!

Por outro lado, a identificação de estruturas com *pode que* apenas nalguns dialetos portugueses e a identificação, no território espanhol, da forma reduzida *pue que* também em zonas rurais específicas são dados significativos, e levam inclusivamente a crer que as estruturas do português e do espanhol podem merecer um tratamento conjunto. Na realidade, a ocorrência dessas formas em regiões específicas, se bem que possa sugerir a existência de áreas sintáticas (que só um estudo mais aprofundado poderá confirmar), será, mais provavelmente, evidência de uma mudança linguística, a operar quer no português quer no espanhol. Nesse sentido, os dados dialetais elencados parecem fornecer, neste caso, além de aspetos desconhecidos de estruturas sintáticas do português, importante informação para estudos de linguística histórica.

3.2.12. Sujeito lexical+infinitivo não-flexionado

Conforme foi já dito a propósito de outras construções não-padrão anteriormente apresentadas, o tema da concordância verbal tem sido objeto de larga investigação, quer no PE quer no PB. No que diz respeito, particularmente, a contextos de infinitivos, é também sabido que existe uma vastíssima bibliografia sobre variação entre infinitivo flexionado e não-flexionado, da qual constam numerosos contributos para a descrição quer do PE quer do PB.

Pretendo, neste ponto, chamar a atenção para uma estrutura não-padrão bastante específica identificada no *corpus* e que não tem sido abordada nos estudos que se debruçam sobre aspetos de variação no uso de infinitivos: refiro-me a manifestações de infinitivo não-flexionado em coocorrência com um sujeito lexical (neste caso concreto, os pronomes de primeira e terceira pessoas do plural) (cf. (207a) e (208a)), um contexto que, no português europeu padrão, exige a ocorrência de infinitivo flexionado (cf. (207b) e (208b)):

(207) a. Se a natureza dá o marisco *para nós pescar*, foi a providência que deu. ALV

b. Se a natureza dá o marisco *para nós pescarmos*, foi a providência que deu.

(208) a. Deixa-se uma pinga *para eles ir lá escorropichar*. ALC

b. Deixa-se uma pinga *para eles irem lá escorropichar*.

A exposição que aqui farei dos dados do CORDIAL-SIN será acompanhada pela descrição dos dados de Barbosa e Freire (2014), também sobre este tema.

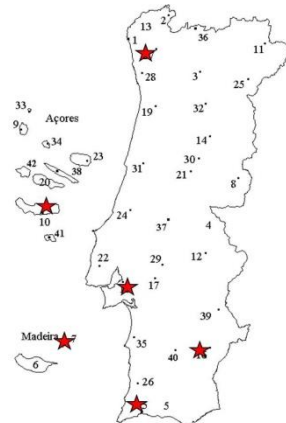
Os poucos dados deste tipo que foi possível reunir no CORDIAL-SIN (seis casos) dizem respeito, na sua maioria, a omissão das desinências de concordância em orações finais como as apresentadas acima.¹⁰⁷ Foi também identificado um caso de falta de concordância numa subordinada causal (cf. (209)) e num sintagma nominal em que o infinitivo flexionado é exigido pela preposição *de* (cf. (210)):

(209) INF1 Antigamente diziam que, se andasse com as vacas a comer muito...

INF2 Mas isso não é *por* elas ir para o nariz. FIS

(210) Já o Baleizão ali, aquilo é uma pancada dada assim de pedrada, a maneira *de* eles falar. SRP

Se observarmos a distribuição geográfica associada a estas construções, chega a ser possível levantar a hipótese de se tratar de uma potencial área sintática, eventualmente confinada aos dialetos do Sul e ilhas, uma vez que é nessas localidades que se situam os (poucos) exemplos do CORDIAL-SIN (no Norte, apenas uma localidade apresenta uma ocorrência, que foi identificada no distrito de Braga). Veja-se o mapa abaixo:



Mapa 62: Infinitivo não-flexionado com sujeito lexical

¹⁰⁷ Foram identificados dois contextos de aparente omissão de traços de concordância que acabaram por não ser incluídos no grupo relevante, por não ser claro tratar-se de contextos que exigem infinitivo flexionado e por poderem levantar outras questões (de análise e/ou classificação) que não interessa neste momento ter em conta. Foi o que aconteceu com uma frase com o verbo perceptivo *ver* (“Já vimos elas ir daqui para ali - assim cinco seguidas!” (TRC)), e com o que pareceu ser uma estrutura predicativa independente (“Ir ali e eles encher uma multa quinze a vinte contos, trinta contos” (CLC)).

Trata-se, no entanto, apenas de uma hipótese pouco fundamentada, tendo em conta a pouca representatividade dos dados. E é neste momento que se revela interessante confrontar estes dados com as conclusões de Barbosa e Freire (2014).

As estruturas estudadas pelas autoras são similares às identificadas no CORDIAL-SIN: “omissão de traços de concordância verbal em contextos de infinitivo flexionado, na presença de sujeito lexical” (cf. Barbosa e Freire 2014). E os contextos por si recolhidos (orações infinitivas finais, completivas de objeto e completivas de sujeito) são, veja-se, idênticos aos que apresentei anteriormente:

(211) Se é para nós comer, eu venho.

(212) É melhor nós ir lá.

(213) Isto é para nós fazer?

No entanto, segundo os dados e as conclusões das autoras, trata-se de um fenómeno associado a dialetos do Norte de Portugal, identificado pelas autoras em duas regiões específicas: Vale do Sousa (distrito do Porto) e Vale do Ave (Guimarães). As autoras esclarecem que, conforme revelam os testes por si aplicados a falantes de Viana do Castelo, Braga, Porto, Vila Real, Aveiro, Coimbra, Castelo Branco, Lisboa, Setúbal, Beja e Faro, o fenómeno não foi reconhecido pelos informantes dessas regiões.

Tendo em conta que os dados do CORDIAL-SIN mostram ocorrências do fenómeno em dialetos do Sul do país (e, no Norte, num ponto não identificado pelas autoras), temos em mãos dados aparentemente contraditórios. E o que somos levados a concluir, fazendo o cruzamento das duas fontes, é que nem a conclusão de Barbosa e Freire de que se trata de um fenómeno característico dos dialetos nortenhos parece totalmente válida, nem a situação sugerida pelos dados do CORDIAL-SIN de que poderia tratar-se de uma construção associada ao Sul e ilhas se verifica.

Há porém um aspeto que pode explicar estes dados aparentemente opostos. As autoras esclarecem que os falantes a quem aplicaram testes de aceitabilidade são adolescentes escolarizados, todos residentes nas regiões do Vale do Sousa e Vale do Ave. Ora, os informantes do CORDIAL-SIN são, pelo contrário, tipicamente, falantes idosos e pouco escolarizados ou não escolarizados. Poderá dar-se o caso, pois, de se tratar de um caso de variação decorrente não só de coordenadas geolinguísticas mas também de fatores sociolinguísticos como a idade e o grau de escolarização (pelo que uma exploração futura e mais aprofundada deste tema deverá necessariamente pesar estas questões).

No trabalho das autoras apresentam-se algumas ideias que sugerem que não se tratará de um fenómeno puramente sintático: notam que se trata de um fenómeno que não afeta a 2P do singular¹⁰⁸ e que se estende a contextos de futuro do conjuntivo, dados que, segundo as mesmas, indicam que se trata de um fenómeno situado no nível morfológico. Partindo desses dados, as autoras explicam o fenómeno através de uma hipótese baseada na combinação da teoria da Morfologia Distribuída (Halle e Marantz 1993) com a noção de regra variável da Sociolinguística Variacionista (Labov 1966), tal como propõem Nevins e Parrot (2010). Segundo as autoras, há a aplicação de uma regra de Empobrecimento no nível pós-sintático, sendo a aplicação dessa regra que elimina o traço de número [Plural] dos contextos de infinitivo flexionado e futuro do conjuntivo.

Temos, portanto, condições de chegar a algumas conclusões. Tratar-se-á provavelmente, e como as autoras anunciam, de um caso de variação não puramente sintático. Conforme sugere o confronto dos dados reunidos pelas autoras com os dados do CORDIAL-SIN, é também legítimo postular que se trata de um caso de variação associada a fatores sociolinguísticos como, por exemplo, a idade e o nível de escolaridade. Portanto, apesar de a proposta adotada por Barbosa e Freire prever variação intraindividual decorrente da aplicação probabilística da regra de Empobrecimento, a influência de fatores sociolinguísticos neste fenómeno será também determinante, como os dados de ambos os trabalhos parecem indicar. Será pois necessário, no futuro, considerar mais dados de forma a avaliar com mais rigor os contornos da variação deste caso.

No que toca à distribuição geográfica da estrutura, o cruzamento de todos os dados de que dispomos leva a acreditar que se trata, provavelmente, de um fenómeno disperso pelo território (já que estará em causa variação intrapessoal probabilística, ainda que possivelmente associada também a fatores sociológicos). Ainda assim, o facto de esta construção não-padrão poder ser explicada, pelo menos em parte, pelos fatores já anunciados, não anula uma potencial existência de variação geográfica: a este nível, os dados fornecem alguma informação, mas demasiado parca e claramente insuficiente para interpretações sólidas.

¹⁰⁸ Os testes das autoras mostram que o traço [Pessoa] não é afetado, já que os falantes não aceitaram estruturas com omissão de traços de concordância com a 2P do singular, como “*Este livro é para tu ler”. Os dados do CORDIAL-SIN também apontam nesse sentido, pois apenas foram identificados casos de não concordância com formas de 1P e 3P do plural.

3.2.13. Passivas de *ser*

A observação dos dados do CORDIAL-SIN permitiu identificar uma série de aspetos merecedores de atenção relacionados com passivas de *ser* – aspetos esses que, por si só, poderiam constituir objeto de uma dissertação. Apresento, nas próximas páginas, apenas algumas dessas questões que fui observando: aquelas que, de alguma forma, e com maior ou menor precisão, consegui descrever, e outras cuja referência me parece ser relevante para os propósitos deste trabalho.

a) *Ir* como auxiliar

Verificou-se a substituição do verbo *ser* por outros auxiliares: houve várias ocorrências de *ir* enquanto auxiliar em construções passivas (cf. (214)-(218)), tendo-se encontrado inclusivamente uma ocorrência de *vir* (cf. (219)):

(214) Agora o que é, é assim: nasce, arrebenta os 'pompos', bem enxofrado. Depois quando já tem as varas todas completas e já as parras, *vai sulfatada*. Vai sulfatada aí três vezes. ALC

(215) E depois da azeitona, está verde, começa-se a fazer preta. Depois de ela estar preta, em Outubro, *vai apanhada*. ALC

(216) Varria-se tudo para fora da capota da oliveira. Depois a oliveira deixava cair as folhas, ou a azeitona, e folhas e tudo que *ia batido*. ALC

(217) depois aquilo *ia tudo varrido* para o monte. ALC

(218) Depois *ia mandado* ao vento, com um crivo. ALC

(219) Depois é ensacado em sacas e *vem vendido* para os carvoeiros, para venderem. ALC

Estas ocorrências foram, no entanto, todas elas identificadas na mesma localidade (Alcochete), região cujos dados provêm, no CORDIAL-SIN, do mesmo informante. Uma das questões que se coloca é, portanto, a possibilidade de tratar-se de um caso de variação individual, hipótese que fica por confirmar enquanto não houver um cruzamento com dados de outras fontes.

Há, contudo, alguns aspetos para os quais devo chamar a atenção. É de notar, em primeiro lugar, que está descrita na literatura a possibilidade de os verbos de movimento ocorrerem como auxiliares em passivas em várias línguas do mundo (cf. Siewierska 1984,

entre outros). Estas ocorrências de *ir* (ou melhor, de verbos de movimento em geral) como auxiliar em passivas podem sugerir, na realidade, uma estativização destes verbos, por estar a aproximá-los de *ser* e *estar*, tipicamente estativos. É interessante notar como outros dados do CORDIAL-SIN apontam nesse sentido: foi mencionada já a existência de construções meteorológicas com *ir* (cf. mais acima nesta secção), que evidenciam um uso impessoal/estativo desse verbo, uso não disponível no padrão:

(220) Mas se ele *ia* tanto calor, tanto calor, (...) PVC

É um tipo de construção que se mostrou também existente no galego. Carballo Calero (1979) apresenta os seguintes exemplos:

(221) *Vai* moito frio.

(222) Qué frio *vai*!

Esta língua fornece ainda outros exemplos de *ir* com valor estativo (exemplos do mesmo autor):

(223) O meu pai *vai* na Habana.

(224) O meu homiño perdeu-se, ninguém sabe donde *vai*.

O que estes dados parecem sugerir é que em variedades dialetais do português, assim como no galego, encontramos usos específicos de *ir*, associados a valores impessoais e estativos, que se encontram indisponíveis no português padrão. O facto de esses usos estarem atestados no português dialetal e no galego pode sugerir que se trata de usos característicos de fases mais antigas da língua e que, entretanto, se terão perdido.

Alguns trabalhos que documentam valores estativos e impessoais associados a verbos de movimento de várias línguas sustentam esta ideia. A possibilidade – já referida – de ocorrência deste tipo de verbos como auxiliares em passivas é um exemplo. Veja-se também, por exemplo, como estão atestados usos impessoais de verbos de movimento no inglês antigo (cf. Ogura 2002) e como estão registados, também, valores estativos e existenciais associados ao verbo *vinden* no alto alemão médio (cf. Pfenninger 2009).

É impossível, nestas páginas, trabalhar adequadamente este assunto e avançar conclusões sobre a existência de áreas sintáticas associadas a estes fenómenos. O

CORDIAL-SIN fornece, no entanto, e mais uma vez, interessantes pistas que podem ser seguidas em trabalhos futuros. Relativamente a estes dados sobre usos impessoais e estativos de *ir*, o que a informação reunida parece sobretudo colocar em evidência é, de novo, a utilidade dos dados dialetais para extrair informação relevante para vários domínios de investigação, mostrando-se importante, nomeadamente, para estudos que se debrucem sobre mudança linguística.

b) Passivas de *ser* vs. construção impessoal de *se*

Outro facto que mereceu alguma atenção foi a identificação, entre os dados do *corpus*, de construções passivas que, não sendo não-padrão, me parecem corresponder preferencialmente, no português padrão, a outra(s) estratégia(s), nomeadamente estruturas de *se* impessoal. Observemos o conjunto de dados abaixo, que representam alguns dos exemplos de passivas que me parecem pouco naturais no padrão (e, sobretudo, me parecem bastante marginais no dialeto minhoto do qual sou falante nativa):

(225) A gente, essas pás, *era empregado* o nome 'pá de pejo' que era para ir para as maninhas para pejar a lama. ALC

(226) O peixe-cavalo, que mata-se mais fora. Este também *é morto* mais fora. CLC

(227) Há lá um lugar que eu agora dá-me vontade de rir, assim certas coisas, há lá um lugar que *é tratado* pela Lagoa das Patas, mas é um recreio! TRC

(228) Depois *era chamado* o pedreiro que ia 'acombrar' a eira. CDR

(229) Aquilo *é tirado mel* com o favo do mel todo. TRC

(230) O fermento depois fica a levedar e *é mexido* duas vezes com uma colher de pau (...) CDR

(231) INQ Pois, não mas é que eu julgava que depois, na feira, todos tinham que ter o...

INF Ah, todos não. Então aquilo não *é visto* por ninguém! AAL

(232) aquilo é um cabo dos trabalhos. Por exemplos, uma vinha *é queimada* hoje numa noite de geada, *queima-se* a vinha toda, como a minha *se queimou* há dois anos. AAL

(233) Depois aquilo *é mandado* ao vento. ALC

(234) E o vime *é posto entrelaçado*. CDR

(235) Por exemplo, o porco, a carne de porco cozida com couve *era escorrida*. CDR

(236) Faziam umas fogueiras assim aí no povo uma fogueira e juntavam-se para ali muitas mulheres assim a fiar, àquela fogueira que chamavam a fogueira da rua, assim *era dita*.

PVC

(237) Quem puder derreter esse dia, derrete. Quando não, deixa para o outro dia. No outro dia corta-se aquilo tudo aos pedacinhos, deita-se-lhe água para tirar o pedacinho de sal e *é derretida*. PST

Aquilo que me parece ser possível dizer sobre grande parte destas frases – e que os juízos de alguns falantes a quem recorri confirmaram – é que elas são muito facilmente substituídas por uma construção impessoal de *se*, estrutura essa que será a preferencialmente utilizada no padrão sobretudo nalguns casos muito claros.¹⁰⁹ Vejamos alguns exemplos:

(238) Depois *chamava-se* o pedreiro que ia 'acombrar' a eira.

(239) Depois *mandava-se* aquilo ao vento.

(240) Faziam umas fogueiras assim aí no povo uma fogueira e juntavam-se para ali muitas mulheres assim a fiar, àquela fogueira que chamavam a fogueira da rua, assim *se dizia*.

(241) No outro dia corta-se aquilo tudo aos pedacinhos, deita-se-lhe água para tirar o pedacinho de sal e *derrete-se*.

Na tentativa de explicar o facto de haver restrições à aceitabilidade/naturalidade destas frases, várias questões se levantaram. Para alguns dos casos, a pouca naturalidade das frases poderá advir de questões lexicais e de aspetos relacionados com a natureza dos verbos. Poderá ser essa a justificação para frases em que ocorrem participios que apresentam formas duplas (cf. (226)), e para frases como (231), em que ocorre um verbo percetivo (que por isso apresenta restrições à passivização).¹¹⁰ No entanto, uma vez que

¹⁰⁹ Note-se que em quase todo este conjunto de passivas consideradas pouco naturais não ocorre, quase nunca, agente da passiva, o que parece sublinhar a natureza impessoal das construções em questão.

¹¹⁰ Note-se que, nalguns casos, o sujeito da passiva não ocorre na posição típica de sujeito da passiva, à esquerda do verbo auxiliar, mas antes a seguir ao participio passado, chegando a ocorrer um aparente expletivo na posição de sujeito: “Aquilo é tirado o mel com o favo do mel (ALC); Depois de ela estar enxuta, é tirada a palha” (EXB). Também este facto poderá gerar reservas à aceitação das frases.

foram identificados poucos exemplos de cada um desses casos, não foi possível apurar de que forma é que se trata de fenómenos sistemáticos e dialetais.¹¹¹

A grande maioria das frases identificadas como pouco naturais parece, contudo, estar associada a uma explicação diferente, e é isso que passarei a discutir nos próximos parágrafos.

É consensual a ideia, na literatura, de que as línguas que apresentam passivas perifrásticas associam normalmente esta forma à descrição de situações perfeitivas e/ou estativas (cf. Keenan 1985, entre outros). E são, na realidade, vários os exemplos que apontam para a existência deste tipo de distinção aspetual em passivas. O russo é um dos exemplos mais claros, já que a escolha do tipo de passiva (perifrástica ou morfológica) é determinada pelo aspeto – uma leitura perfeitiva exige a passiva perifrástica, enquanto o aspeto imperfetivo implica a formação de uma passiva morfológica (cf. Siewierska 1988).¹¹² Também em finlandês há uma distinção similar: as passivas impessoais são construídas morfológicamente através da junção de afixos, enquanto as construções associadas a tempos perfeitivos são construídas de forma perifrástica (cf. Hiietam e Manninen 2005). Em sueco, norueguês e dinamarquês, que também apresentam passivas morfológicas e perifrásticas, a forma perifrástica expressa eventos concluídos e a passiva morfológica é usada para descrever estados, ações não acabadas, situações que se repetem e eventos que acontecem de forma habitual (cf. Engdahl 2006). Em Siewierska (1984) vê-se que estas distinções se aplicam também ao polaco e ao holandês, por exemplo.

Esta descrição ajuda, parece-me, a explicar a situação observada no português, ou pelo menos a lançar alguma luz sobre o facto de algumas das construções passivas serem sentidas como pouco naturais. Creio ser possível afirmar que em português as passivas de *ser* estarão, também, mais intimamente associadas à noção de perfeitividade. Senão, repare-se como são perfeitamente naturais os exemplos de passivas que descrevem

¹¹¹ Relativamente aos participípios duplos, refere-se em Segura (2013) que alguns dialetos apresentam formas duplas de participípio para verbos que apresentam apenas uma forma no padrão. É o caso dos seguintes verbos: *cortar*, *(a)justar*, *precisar*, *enxertar* e *voltar*. Esclarece-se no mesmo trabalho que “a utilização das formas fortes segue a regra de emprego dos verbos abundantes: forma fraca nos tempos compostos, ou seja, com o auxiliar *ter*, formas fortes com os verbos *ser*, *estar* e *ficar*, que são também as usadas como adjetivos”. (cf. Segura 2013: 127). Trata-se, segundo a autora, de um processo característico dos dialetos meridionais (nomeadamente Algarve e Alentejo), tendo sido também identificado em Trás-os-Montes e em São Miguel. Os dados do CORDIAL-SIN relativos à ocorrência de participípios duplos parecem sugerir, na linha do que a investigação de Segura também parece indicar, que é um fenómeno transversal a vários dialetos, não sendo nítida a existência de áreas específicas. No que diz respeito, concretamente, à ocorrência de participípios inexistentes no padrão em passivas de *ser* – a estrutura que estávamos a comentar – os dados do CORDIAL-SIN são, como referi, muito escassos e não permitem aprofundar a análise do fenómeno.

¹¹² O mesmo acontece com o latim e o kinyarwanda (cf. Keenan e Dryer, 2007).

eventos concluídos e em que o auxiliar se encontra num tempo tipicamente perfeito, como o pretérito perfeito:

(242) Os assaltantes foram apanhados durante a noite.

(243) Os resultados da votação já foram divulgados.

(244) Esse livro foi escrito em 1976.

Assim, e previsivelmente, os exemplos do CORDIAL-SIN que descrevem situações deste tipo são bastante naturais:

(245) Parece impossível, mas ele *aquilo lá foi feito* e ninguém deu por isso. AAL

(246) E ele *foi enterrado* ali na Albergaria. COV

(247) Foi onde *fui criada* desde pequenina até agora. FIG

Trata-se de situações que descrevem eventos terminados, com um início e um fim delimitados e facilmente identificáveis, e que não causarão nenhum problema a qualquer falante de português.

No entanto há também a possibilidade, em português, de se construírem passivas de *ser* com tempos imperfeitos (tipicamente, o presente e o imperfeito). Nestes casos, porém, o que acontece em termos interpretativos é aquilo que se verifica também noutras línguas: a situação é interpretada como iterativa/habitual. É o que refere Siewierska (1984) a propósito de passivas com o auxiliar *to be* (“The *be* passive when associated with an imperfective verb underlines the habitual or continuous nature of an activity” (cf. Siewierska 1984), e é o que se refere também a propósito do espanhol (cf. Pountain 1993):

It is well known that SP [*ser* passive] is heavily constrained in the so-called imperfective tenses of Spanish: the imperfect and the present. One constraint in this area has to do with the interaction between morphological and lexical aspect; a very common assertion, dating back to Bello (see Gili Gaya 1948: 124; Fente 1971; 182), is that a verb stem of perfective lexical aspect used in SP cannot have an overall perfective aspectual reading but yields instead a repetitive aspectual reading.

Pountain 1993: 167

O autor exemplifica com a seguinte frase, cuja leitura implica, como refere, repetição:

(248) La puerta es/era abierta por el porteiro. [todos los días, cada mañana, etc.]

É precisamente isso que se verifica no CORDIAL-SIN. Vejamos então alguns exemplos com o auxiliar no imperfeito:

(249) Ah, esse trigo depois *era levado*... CDR

(250) E depois, então, *aquilo era lavrado* com charruas, assim puxadas até por duas ou três juntas de bois - charrua grandes que havia aí assim. AAL

(251) Bem, de terra brava, não é? Punha-se uns marcos, e em depois, aquele bocado, como não *era cultivado*, deitava umas ervas bravas, não é? AAL

Tal como se descreve para outras línguas, nas frases acima (todas elas também aceites por qualquer falante de português, arriscarei dizer) verifica-se que a ocorrência do imperfeito – em coocorrência com predicados do tipo dinâmicos, como os apresentados – leva a que exista, em todas, uma leitura de habitualidade/iteração.¹¹³ É curioso notar que Peres (1993) refere, a propósito dos valores do imperfeito, que esse tempo verbal é sempre associado a uma interpretação neutra qualquer que seja a classe aspectual do predicado com que se combina. Contudo, como estes dados evidenciam, é possível atribuir-lhe um valor habitual quando ele surge em passivas como as apresentadas, em predicados que descrevem situações dinâmicas.¹¹⁴

O mesmo valor habitual/iterativo está disponível quando o verbo surge no presente. Vejamos, de novo, exemplos do CORDIAL-SIN:

(252) *O boi é metido* ali - ou o boi ou uma vaca, ali metido - e depois é isto engatado, só esta parte no pescoço. ALC

(253) É uma espécie assim de almece, pois. Quer dizer, é uma parte mais frouxa. Mas isso depois *é posto* ao lume e *é mexido*. CBV

(254) INF O cardo não é posto no leite.

INQ1 Então como é que é?

INF O cardo *é posto* de molho. CBV

¹¹³ Com predicados do tipo estativo, a passiva é interpretativamente equivalente à ativa: *O João é conhecido em toda a aldeia*.

¹¹⁴ É precisamente este contraste entre eventos estativos/dinâmicos que, segundo Pountain (1993), determina, em combinação com o tempo do auxiliar, o valor associado às passivas de *ser* do espanhol.

(255) Aqui em baixo, há uma casa dessas, que estão fazendo, aqui ao pé do cinema, que faz ali queijo desse leite que vêm ali trazer, e quando *o leite é passado*, por mor das impurezas que traz. SRP

(256) E há quem faz que eu já fiz, que é mais fácil, tirar assim este torinho, como eu disse aqui à senhora e lhe expliquei, e depois enrola assim, faz uns coisos assim compridos uns rolos, e depois com umas cordinhas, bem apertadas, *é presa* assim em cima no tirante, e a gente vai andando aqui com a cordinha. PIC

(257) Tem o fígado, tem o coração e tem o bofe. E a passarinha *é tirada* separada. PST

(258) Que é para fazer aqui uma casa para habitar os que já morreram. Esta agora *é dita* por graça, também. PAL

O que de uma forma geral os dados até agora expostos evidenciam é, em primeiro lugar, que nas passivas de *ser* do português o perfeito é o tempo mais natural, sendo o presente e o imperfeito mais restritivos porque só são aceitáveis quando está disponível uma leitura atética e habitual. Percebemos, portanto, que a *aktionsart* do verbo desempenha um papel determinante neste tipo de construção. Isso mesmo provam as frases abaixo, que mostram, muito nitidamente, que o perfeito é sempre natural mas o presente e o imperfeito, por outro lado, só produzem frases naturais com predicados que permitem uma leitura habitual (como os eventos atéticos em (259) e (260)), sendo agramaticais com predicados que não permitem essa leitura iterativa (cf. (261)-(263)).

(259) a. Aquele campo foi semeado com batatas.

b. Aquele campo era semeado com batatas.

c. Aquele campo *é* semeado com batatas.

(260) a. Os judeus foram mortos pelos nazis.

b. Os judeus eram mortos pelos nazis.

c. Os judeus *são* mortos pelos nazis.

(261) a. Este quadro foi pintado por um grande artista

b. ? *Este quadro era pintado por um grande artista.

c. ? *Este quadro *é* pintado por um grande artista.

(262) a. Aquela casa foi comprada (pelo João).

b. ? Aquela casa era comprada (pelo João).

c. ??A casa *é* comprada (pelo João).

(263) a. O assassino foi morto pela polícia.

- b. ?O assassino era morto pela polícia.
- c. ??O assassino é morto pela polícia.

Se voltarmos a observar o conjunto de frases do CORDIAL-SIN que inicialmente apontei como parecendo pouco naturais, notaremos que todas se encontram com o verbo no presente e no perfeito, podendo levar-nos a postular que a sua pouca aceitabilidade/naturalidade poderá advir desse facto.¹¹⁵ Com efeito, as passivas em que *ser* ocorre no presente serão, provavelmente, as menos naturais, parecendo-me sobretudo merecedor de atenção o facto de, entre essas, as particularmente marginais serem as que expressam genericidades/factos intemporais (factos, portanto, impessoais). É o que acontece nas frases abaixo (o exemplo com *dizer* é particularmente claro). Veja-se como uma paráfrase através de uma construção impessoal seria, em ambos os casos, bastante mais natural:¹¹⁶

- (264) a. Esta agora é dita por graça, também.
- b. Esta agora diz-se por graça, também.
- (265) a. Mas isso depois é posto ao lume e é mexido.
- b. Mas isso depois põe-se ao lume e mexe-se.

Os dados elencados evidenciam, pois, esta oposição bastante clara: as passivas de *ser* são perfeitamente naturais no perfeito, descrevendo eventos perfeitivos e facilmente delimitados no tempo, mas podem ser marginais sobretudo quando usadas para descrever eventos genéricos, situação em que se prefere, no padrão, uma construção impessoal.

Uma vez que as hipóteses aqui levantadas se relacionam intimamente com questões semânticas, envolvendo portanto aspetos que seria moroso identificar e analisar neste *corpus*, e uma vez que não é apenas deste tópico que trata esta dissertação, não foi possível ir mais além na exploração destes dados nem apurar até que ponto existe realmente variação, e, especificamente, variação geográfica, relacionada com as questões

¹¹⁵ Nos casos em que o verbo ocorre no imperfeito, parece-me relevante chamar a atenção para o facto de poder haver contrastes relacionados com o facto de o imperfeito se associar a predicados télicos ou atélicos. Veja-se como a frase (i), em que ocorre um processo culminado, soa bastante menos natural do que (ii), em que o evento descrito é um processo: (i) Depois *era chamado* o pedreiro (...) (ii) E depois, então, *aquilo era lavrado* com charruas.

¹¹⁶ Há dados do sueco, norueguês e escocês que sustentam esta ideia. Nessas línguas, é a passiva morfológica que serve para descrever situações genéricas como as apresentadas acima: “General rules, recipes and prescriptions, announcements, generic statements are expressed using the –s form” (cf. Engdahl 2006).

abordadas.¹¹⁷ A discussão apresentada apenas permitiu tocar, superficialmente, nalguns tópicos potencialmente relevantes, mas que poderão, talvez, trazer alguma contribuição ao que se sabe sobre passivas de *ser* no português.

Apresento ainda um último conjunto de dados. Foram identificadas estruturas que, à primeira vista, aparentam ser passivas com verbos intransitivos – que se sabe serem não passivizáveis. O conjunto de dados reunidos não foi extenso e, entre os exemplos encontrados, contaram-se apenas dois verbos, cada um com várias ocorrências: os inacusativos *nascer* e *crescer*:

(266) Isto foi uma coisa que nasceu comigo, não sei de que maneira.

Se eu *sou nascido de* duas gerações quais delas piores para cantarem e fazer versos... CPT

(267) E hoje em dia não se conhece! Não se conhece ninguém! Há alguns que *são nascidos* aí nessas serras, ainda parece que eram uns lugares que - como até agora - que eram quase como os bichos. MLD

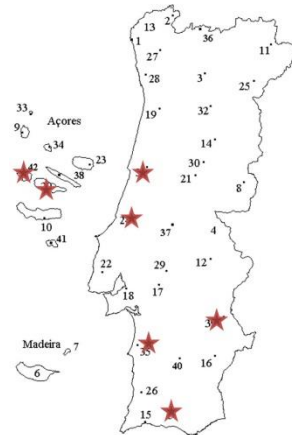
(268) Mas eu *fui nascido* e criado nesta povoação à frente, chamado Loureira. MTM

(269) *É mondado*, depois *é crescido* e depois vinga. VPC

A hipótese de se tratar de construções passivas será, contudo, pouco provável: defende-se na literatura que os verbos inacusativos não são passivizáveis e, além disso, que a passivização de verbos monoargumentais está associada a estruturas impessoais, o que não acontece com os dados do CORDIAL-SIN. Assumo que estas estruturas são um vestígio da construção *ser* + particípio passado de verbos inacusativos atestada no Português Antigo (PA), que surgia associada a um valor ativo e indicava um evento perfeito (cf., entre outros, Mattos e Silva 1987, 1989, 1997; Ribeiro 1996; Cardoso e Pereira 2003).

A distribuição geográfica destas construções não é totalmente dispersa, e pode esperar-se, pela paisagem observada, que o cruzamento com outros dados revele uma distribuição confinada a dialetos do Centro-Litoral e Sul e ilhas:

¹¹⁷ Acredito que um estudo mais aprofundado desta questão possa revelar não necessariamente áreas dialetais bem definidas (até porque não se trata de termos em mãos dados não-padrão agramaticais ou não reconhecidos na variedade padrão), mas antes evidenciar diferentes níveis de frequência de uso (no padrão, ainda que as passivas em questão possam ser reconhecidas e usadas, a estratégia preferencial será outra).



Mapa 63: Aparente passivização de inacusativos

A informação reunida não permite, contudo, extrair nenhuma conclusão sólida nesse sentido, e falta, inclusivamente, confirmar a sistematicidade do fenómeno.

Apesar disso, julgo ser relevante fazer referência a estes dados, por me parecer que se trata de estruturas dialetais que poderá valer a pena analisar num trabalho que contemple um *corpus* mais alargado.

3.2.14. *O que é que adversativo*

Os exemplos abaixo ilustram outra construção não-padrão identificada no *corpus*: construções com *o que é que* em que a expressão assume um estatuto de locução conjuncional associada a um valor adversativo.

(270) Arder, ele é para arder, *o que é que* ardia em carvão. LVR

(271) É uma verga à mesma, *o que é que* não é de salgueiro. LVR

(272) Também saem bons. *O que é que*, quer dizer, o queijo da ovelha tem um sabor!
MST

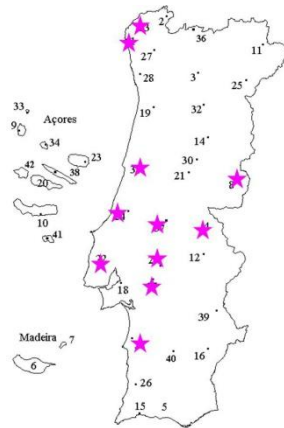
Acredito que possa tratar-se de uma espécie de clivada de *é que* com elipse de *ser*, como a seguinte:

(273) Arder, ele é para arder, *o que é [é] que* ardia em carvão.

Vale a pena notar que Pérez Saldanya e Hualde (no prelo) defendem a existência, no espanhol, de um tipo de construção encabeçada por *es que* que caracterizam como

construções justificativas. Segundo os autores, são estruturas formadas a partir de copulativas identificadoras, do tipo de *lo que ocorre/el problema es que...*, mas em que o constituinte que funciona como sujeito da copulativa não ocorre. Afirmam que se trata de uma construção fortemente gramaticalizada, associada ao discurso oral. Acredito que a análise dos autores para esta construção do espanhol poderá ser útil para descrever a estrutura do PD ilustrada em (270)-(272), tendo em conta que as duas construções são interpretativa e estruturalmente aproximadas.

Foram identificadas 35 ocorrências destas estruturas, situando-se grande parte delas numa área geográfica muito precisa, que abrange a zona central do país. Contudo, identificaram-se também ocorrências em dois pontos do Minho (oferecendo um desses pontos, Vila Praia de Âncora, vários exemplos).



Mapa 64: o que é que adversativo

A paisagem observada é, assim, difícil de caracterizar, pois, ainda que seja notória a distribuição circunscrita que cobre a zona centro do país, os pontos identificados no Norte levam a considerar que poderá não ser um fenómeno circunscrito (e levam, também, a perguntar, como aconteceu já para outras construções, se esta estrutura existirá no galego).¹¹⁸ É um dos casos que sublinham bem a importância de haver um cruzamento de dados, de modo a obter pistas que permitam traçar uma distribuição geográfica mais precisa. Em todo o caso, e ainda que falte uma análise mais rigorosa do fenómeno, é mais um exemplo que aponta para a existência de variação em sintaxe do português.

¹¹⁸ Falantes galegos a quem recorri no sentido de obter esse tipo de informação não reconheceram estas estruturas.

3.3. Atlas sintático

Apresento nas próximas páginas o conjunto de mapas sintáticos que foi possível reunir a partir dos dados dialetais do CORDIAL-SIN. Esses mapas, já apresentados na secção anterior, são agora expostos em conjunto de modo a oferecer uma visão global da paisagem linguística existente quando consideramos dados dialetais de natureza sintática.

Índice geral

I - Áreas geográficas definidas

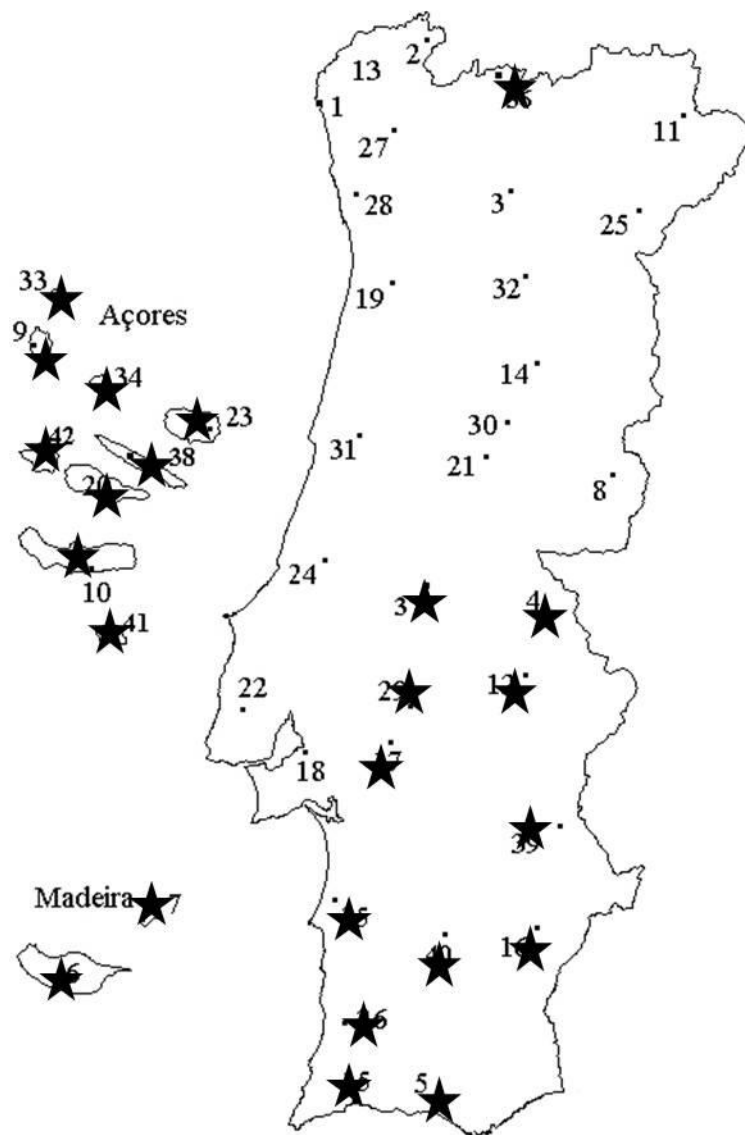
1. Norte vs. Sul e ilhas	170
2. Litoral e ilhas vs. Interior.....	177
3. Noroeste (ou Noroeste e Açores) vs. Interior, Sul e Madeira	181
4. Dialectos insulares vs. continentais	185
5. Açores vs. restantes dialectos portugueses	187
6. Madeira vs. restantes dialectos portugueses	189

II - Fenómenos dispersos pelo território/pouco representados

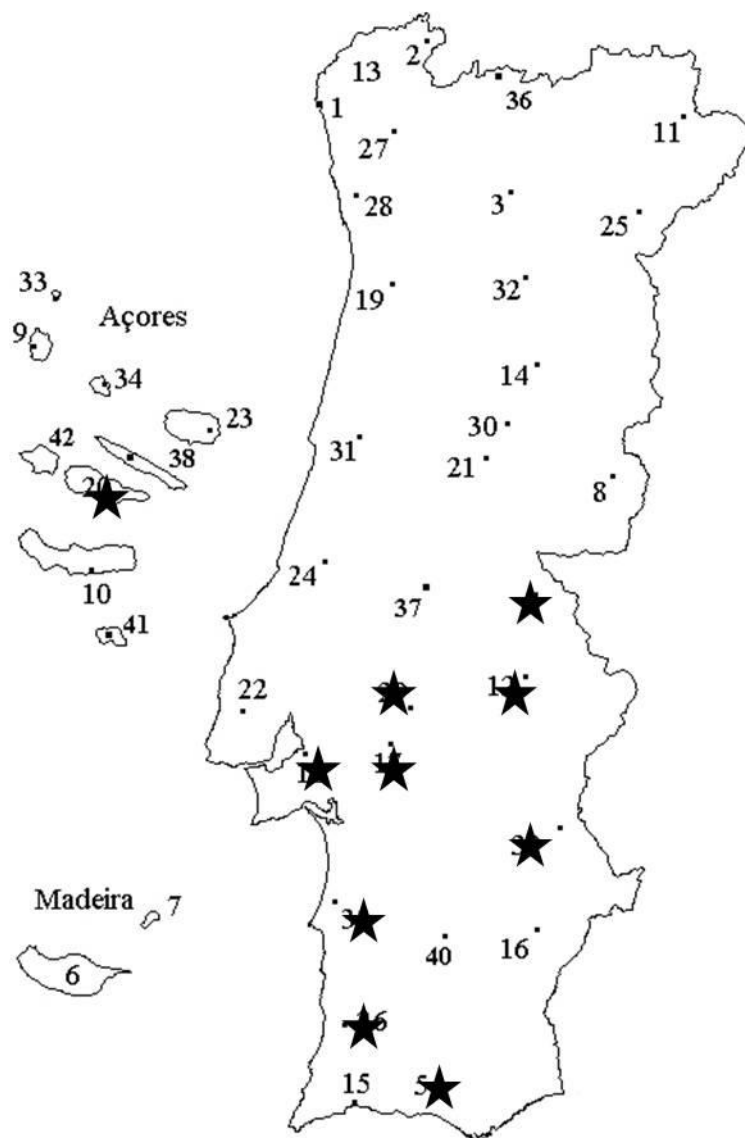
Ênclise em relativas introduzidas por <i>que</i>	191
Ênclise com constituintes negativos	192
Forma forte de pronome dativo	193
Estrutura partitiva <i>que de</i>	194
Elipse de <i>ser</i> na construção impessoal <i>pode que</i>	195
Infinitivo não flexionado com sujeito lexical	196
<i>O que é que</i> adversativo	197
Concordância V3SG com sujeitos pós-verbais.....	198

I – Áreas geográficas definidas

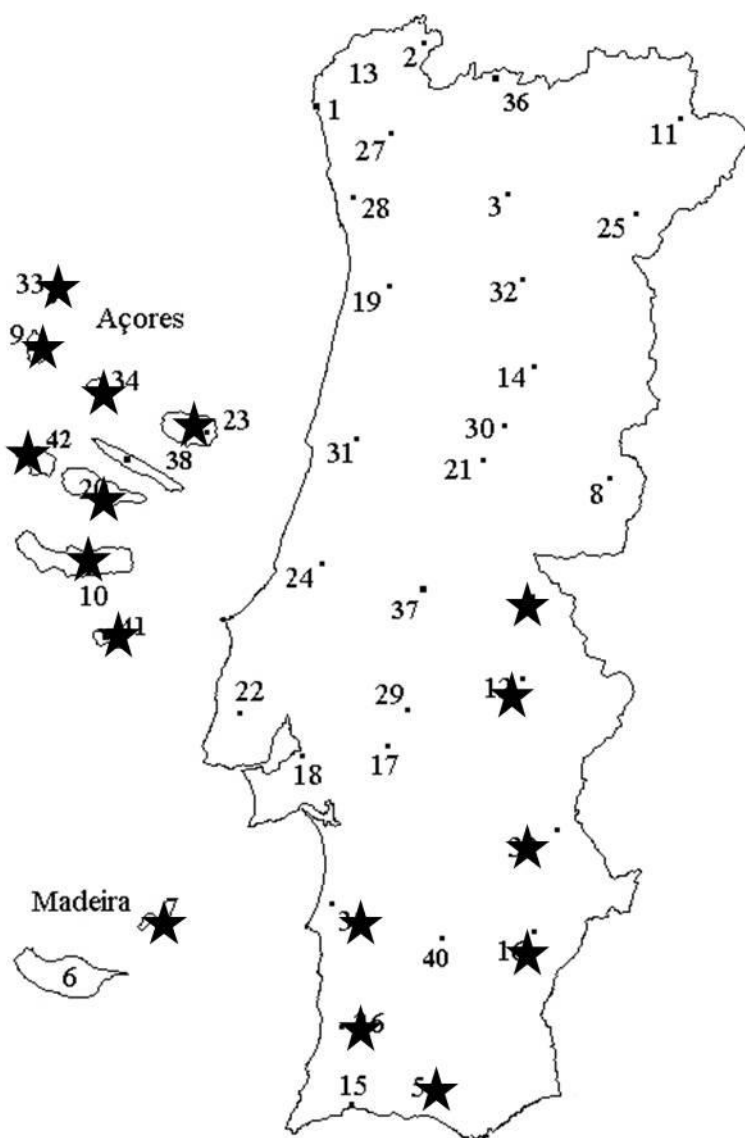
1. NORTE VS. SUL E ILHAS



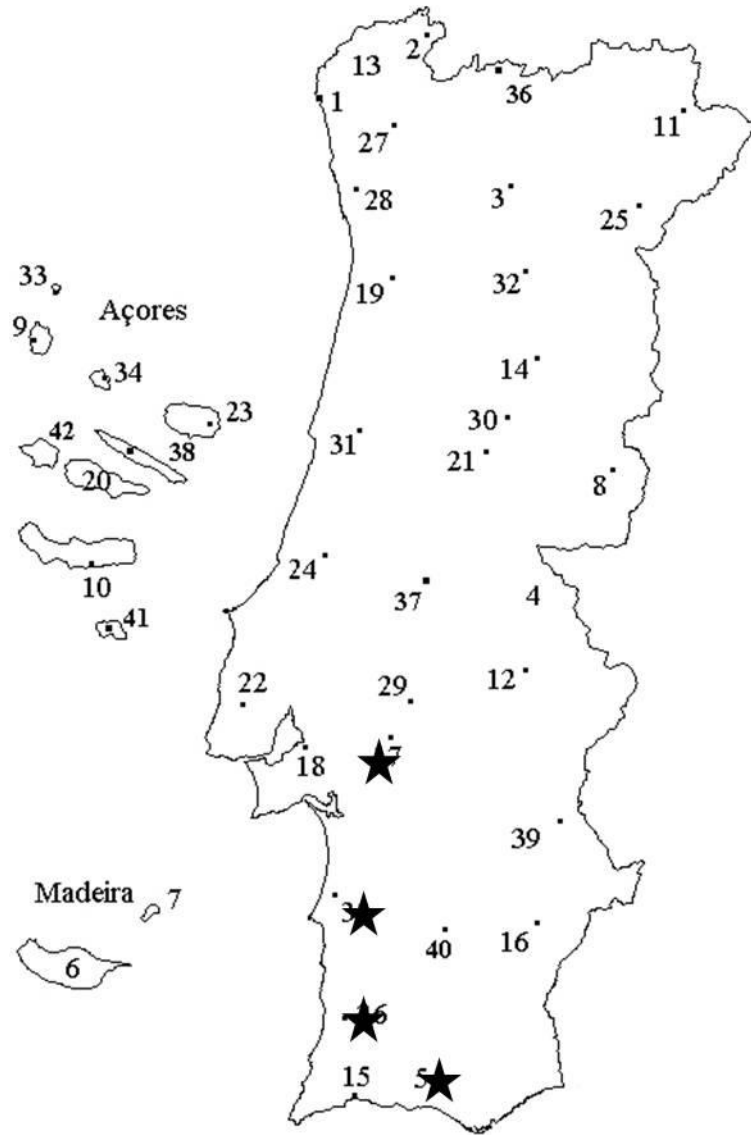
Mapa 65: *Estar* aspetual + gerúndio (adaptado de Carrilho e Pereira 2011)



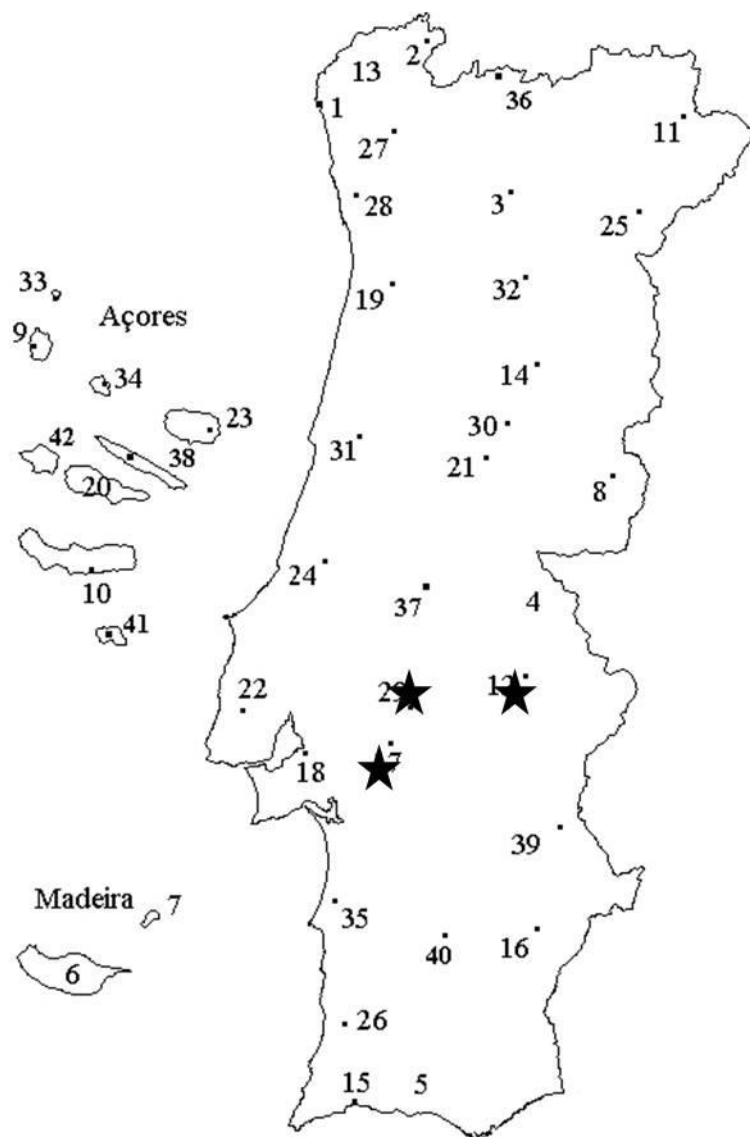
Mapa 66: Gerúndio Flexionado (adaptado de Lobo 2008)



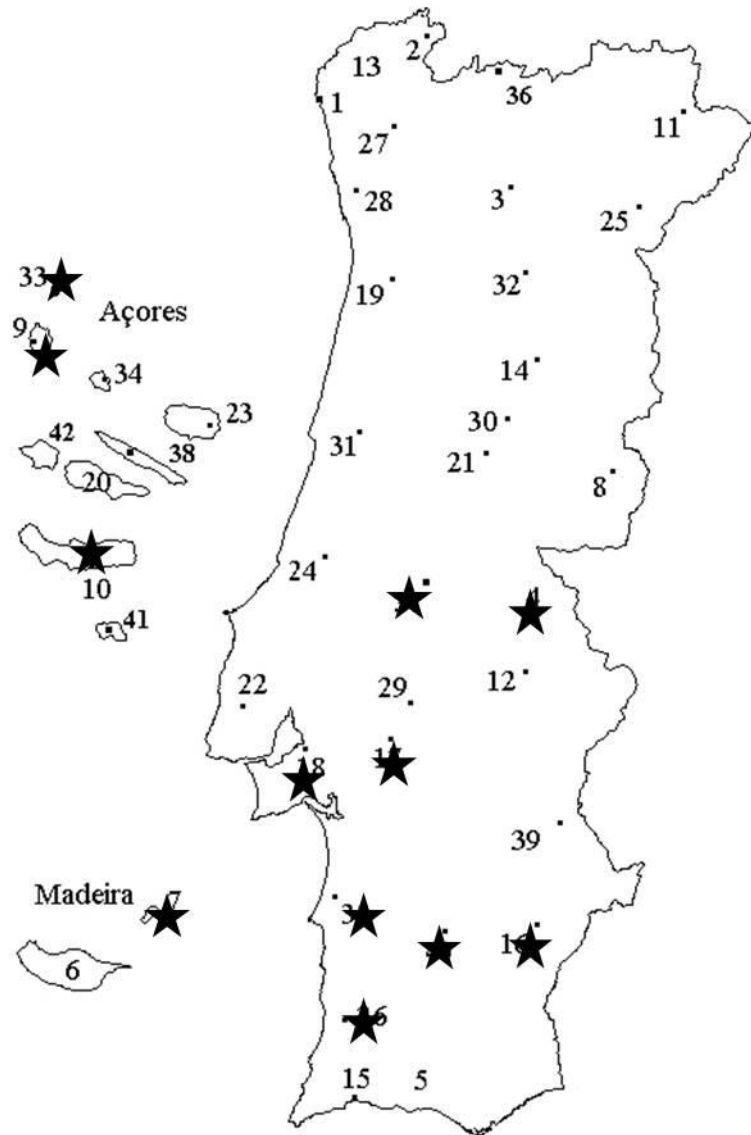
Mapa 67: Gerúndio Predicativo



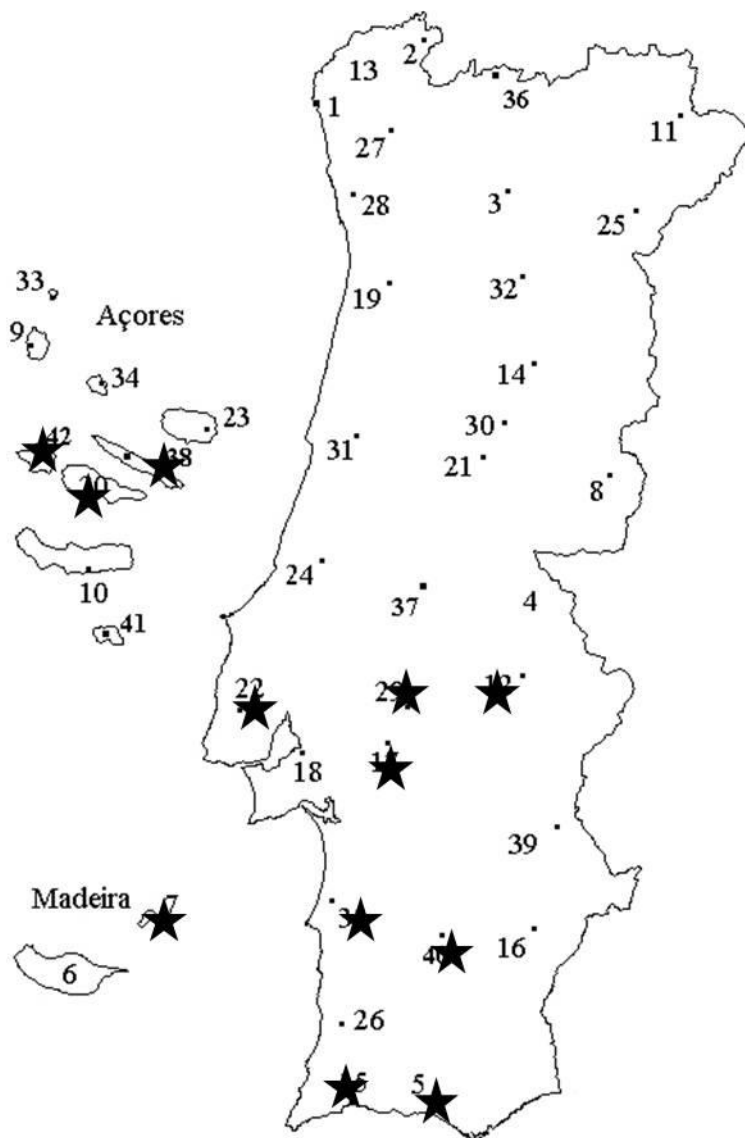
Mapa 68: Gerundivas subordinadas com *quando*



Mapa 69: Gerundivas subordinadas com *em bem*

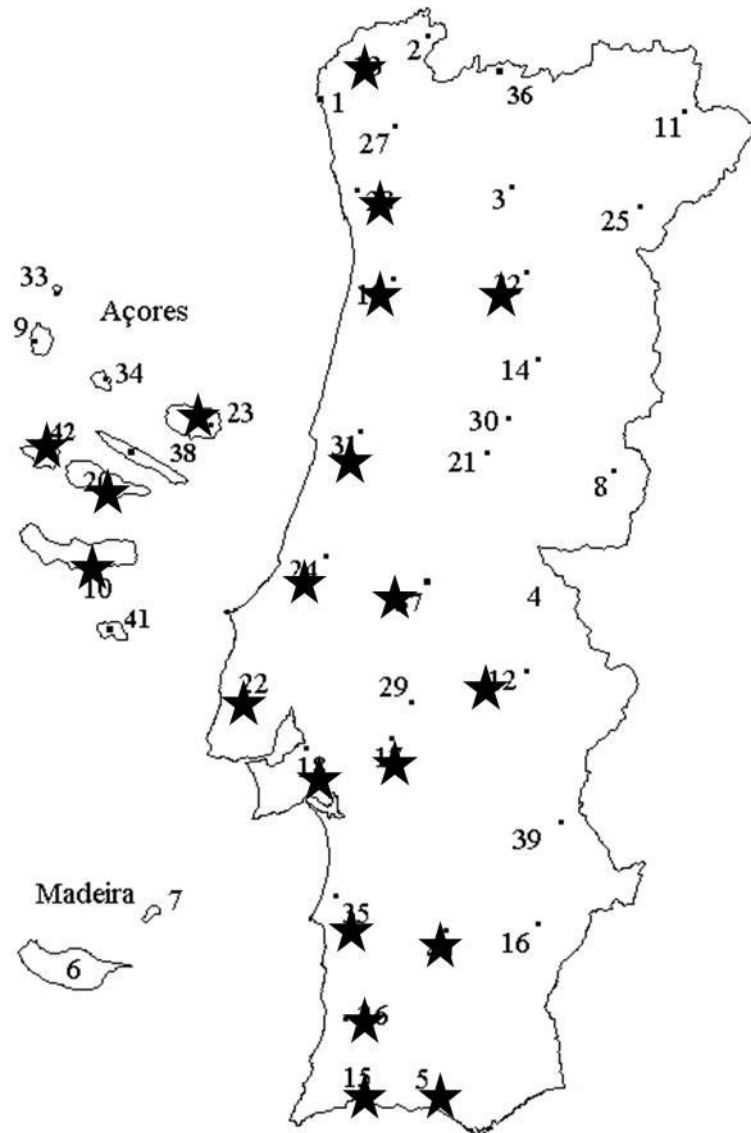


Mapa 70: *Estar* existencial

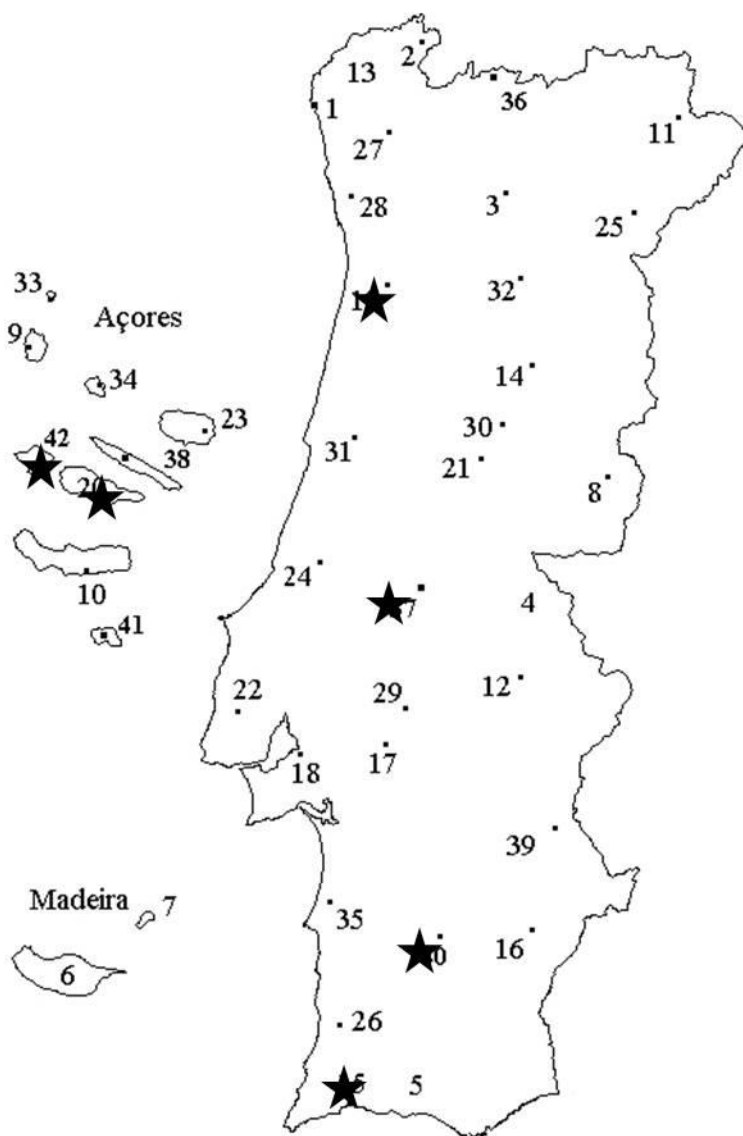


Mapa 71: Construções alternativas à construção de União de Orações com verbos causativos
(adaptado de Pereira 2012)

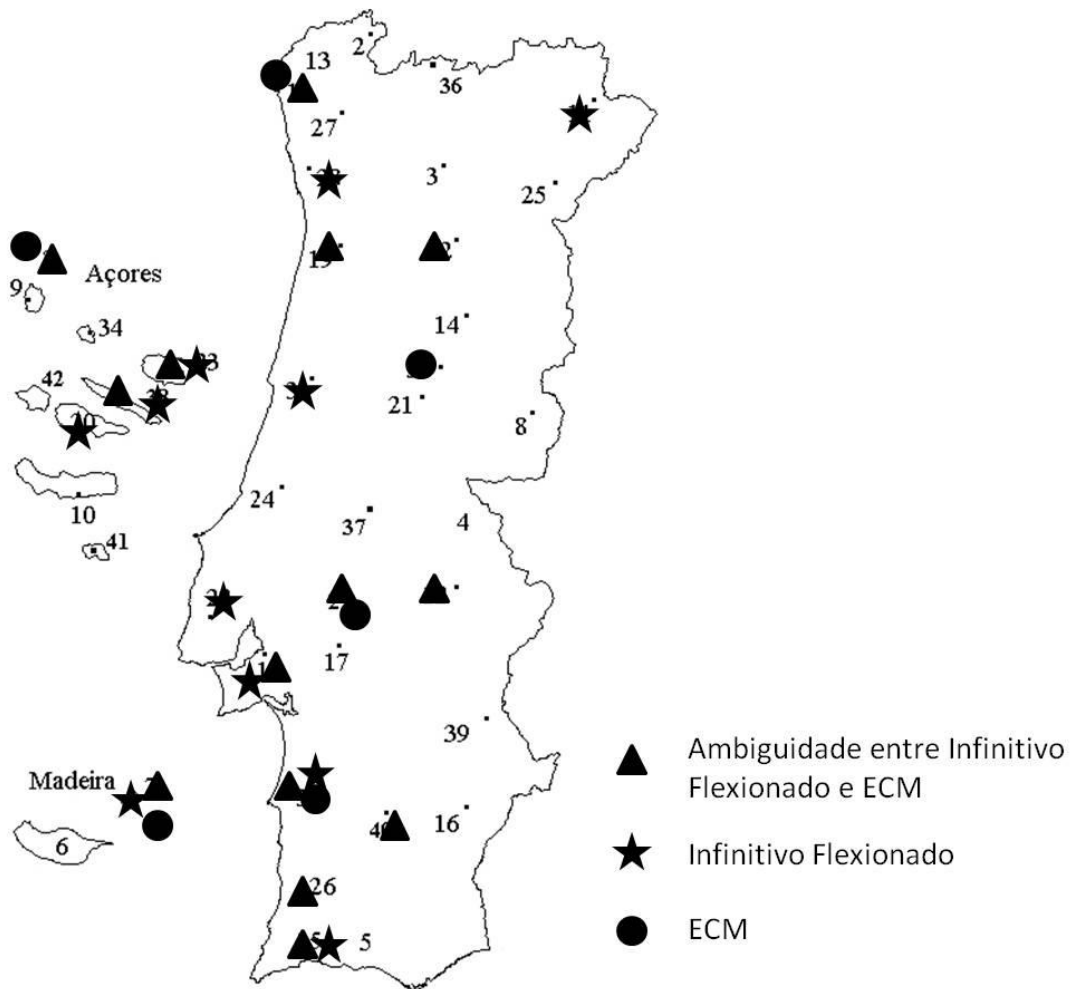
2. LITORAL E ILHAS VS. INTERIOR



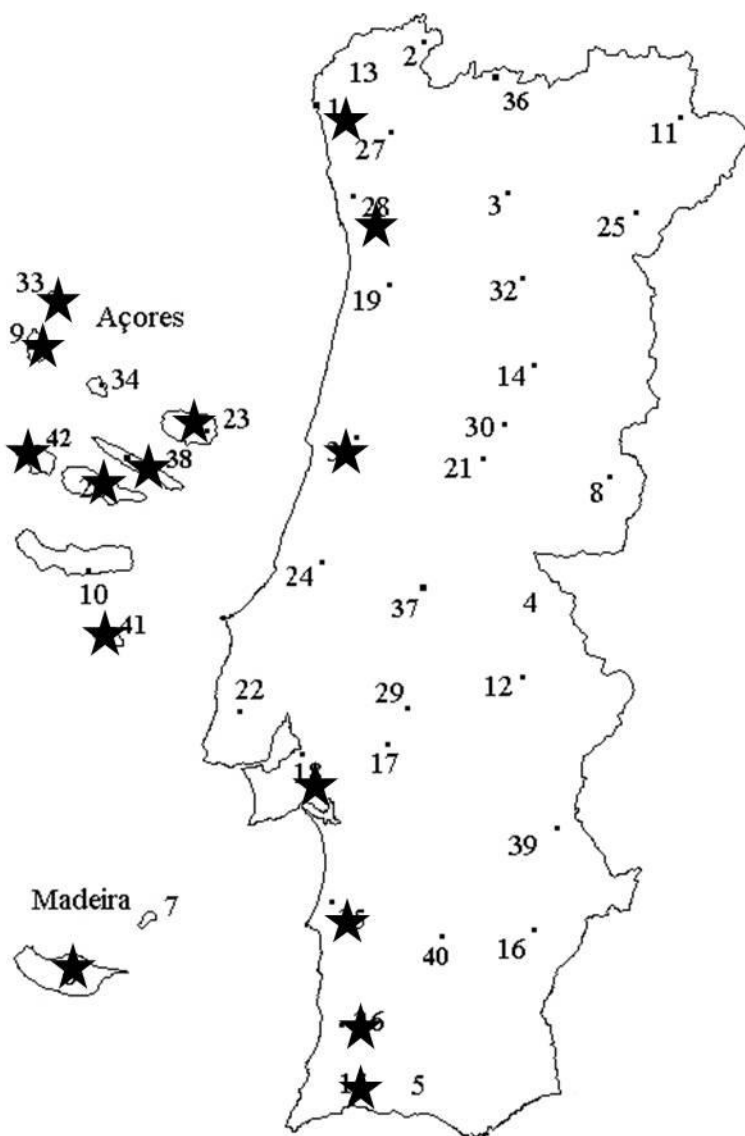
Mapa 72: Concordância V3SG em construções com *ser*



Mapa 73: Concordância V3PL com quantificadores universais e nomes coletivos

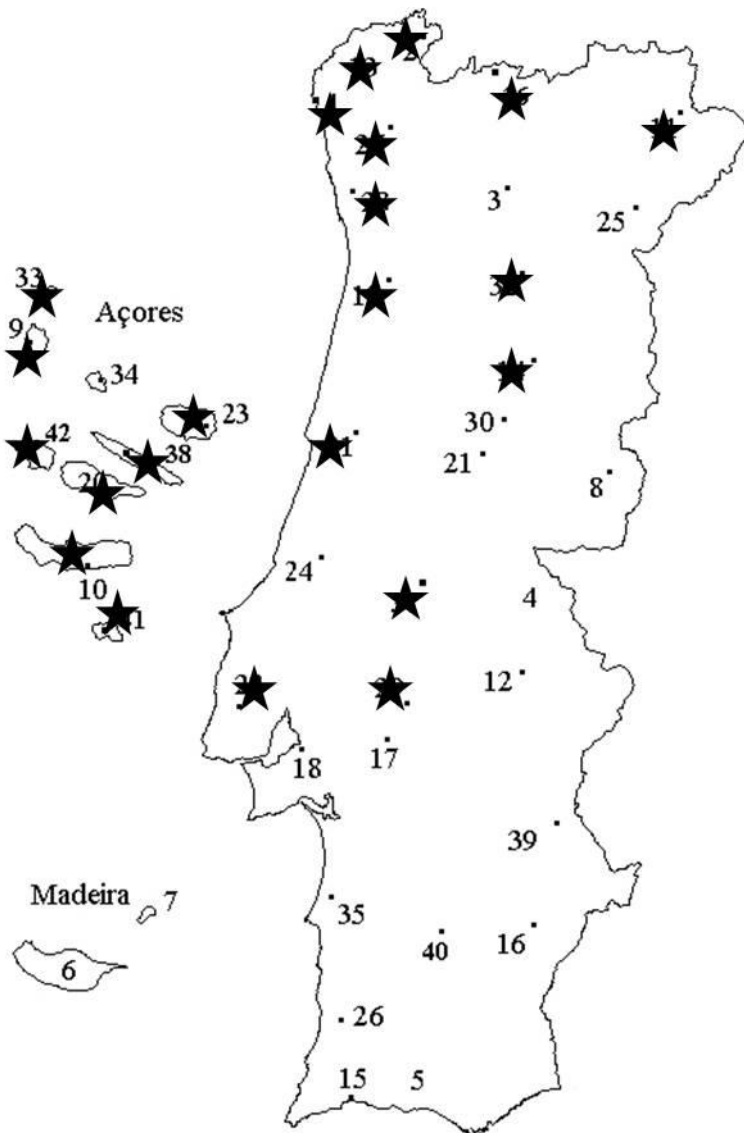


Mapa 74: Construções alternativas à construção de União de Orações com verbos percetivos
(adaptado de Pereira 2012)

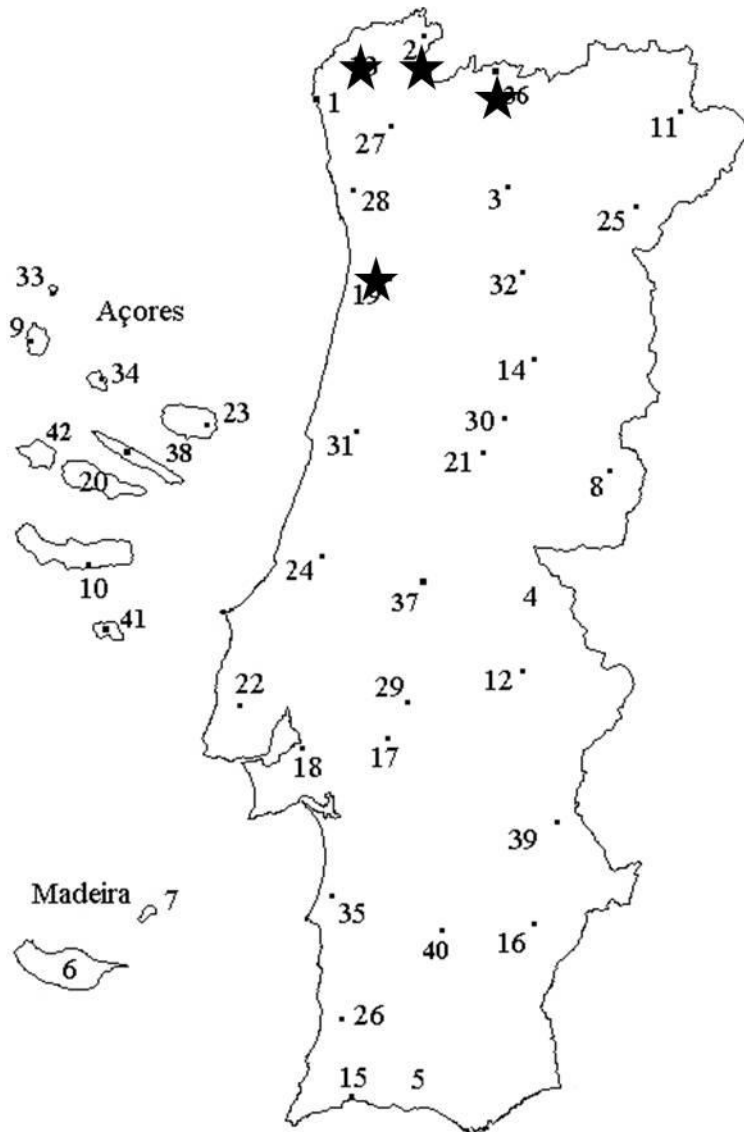


Mapa 75: Ênclise com *também*

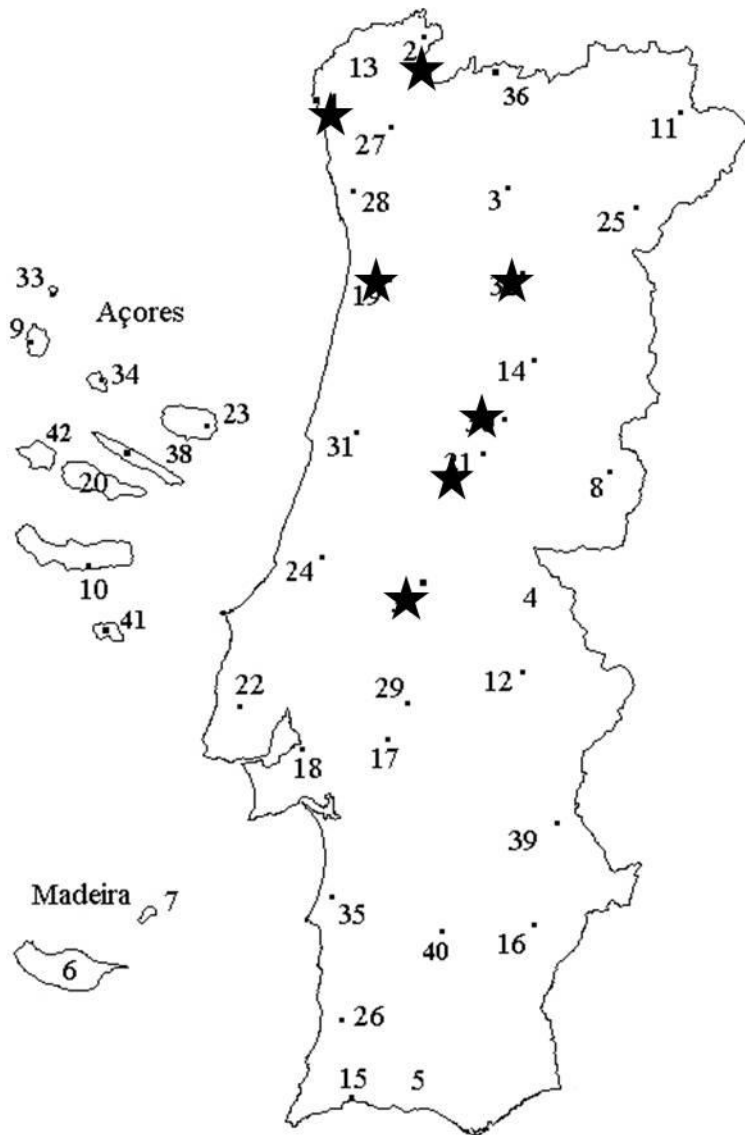
3. NOROESTE (OU NOROESTE E AÇORES) VS. INTERIOR, SUL E MADEIRA



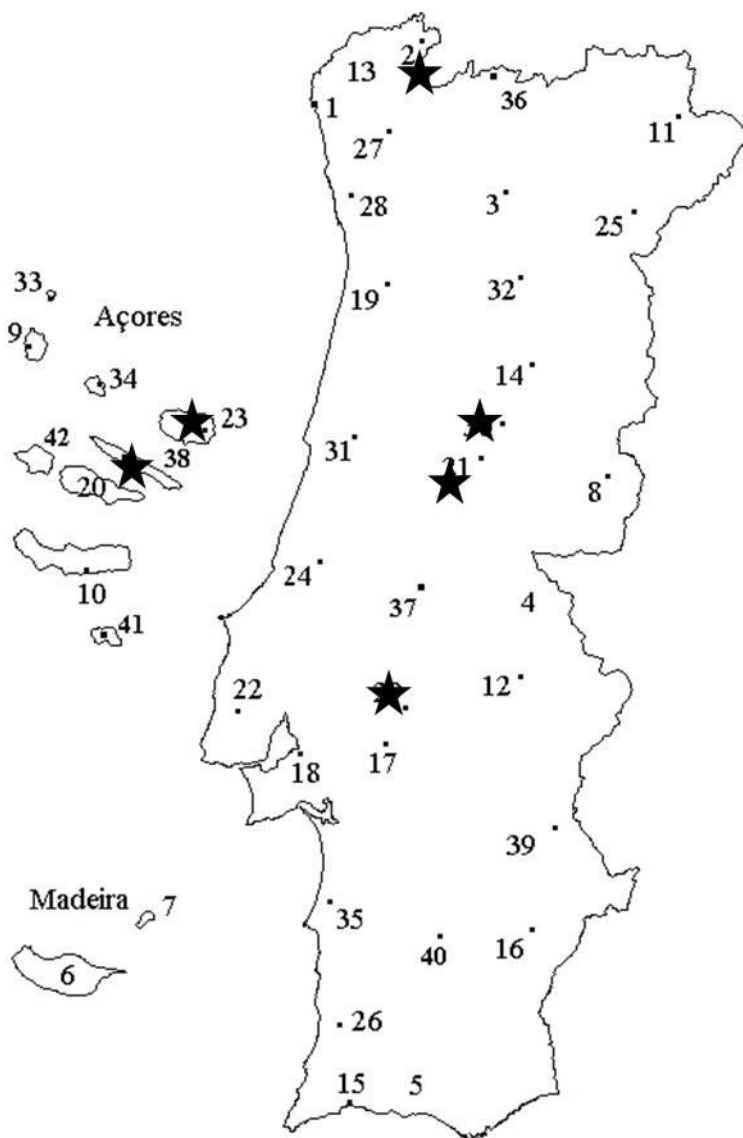
Mapa 76: Clivadas, coordenadas, com *é que* inicial



Mapa 77: Locativas com *onda*

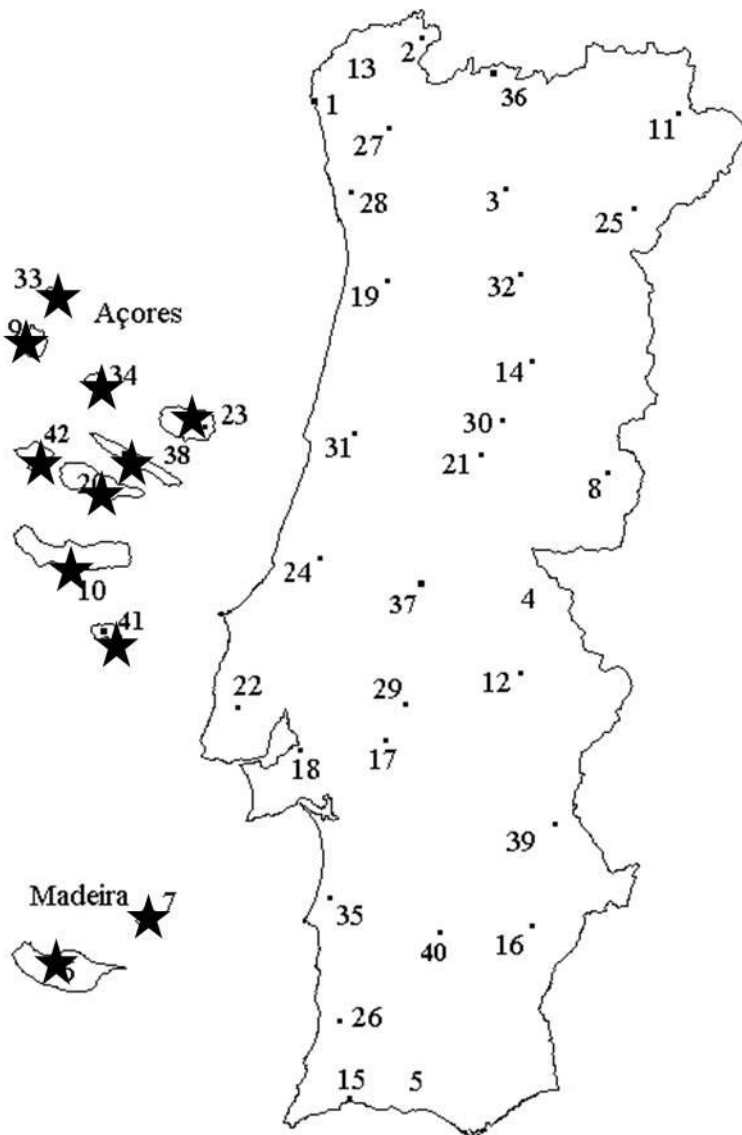


Mapa 78: Comparativas com *ca* e *coma*

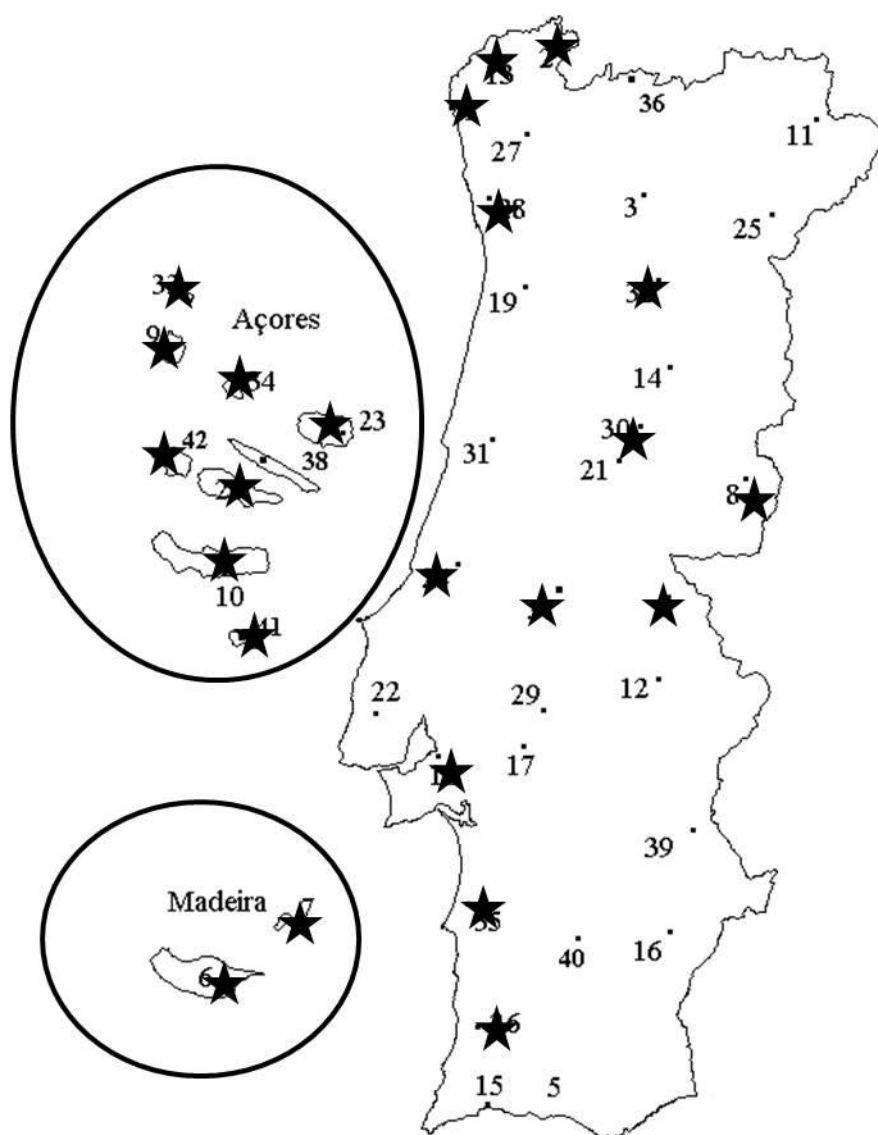


Mapa 79: Construções meteorológicas com *ir* impessoal

4. DIALETOS INSULARES VS. CONTINENTAIS

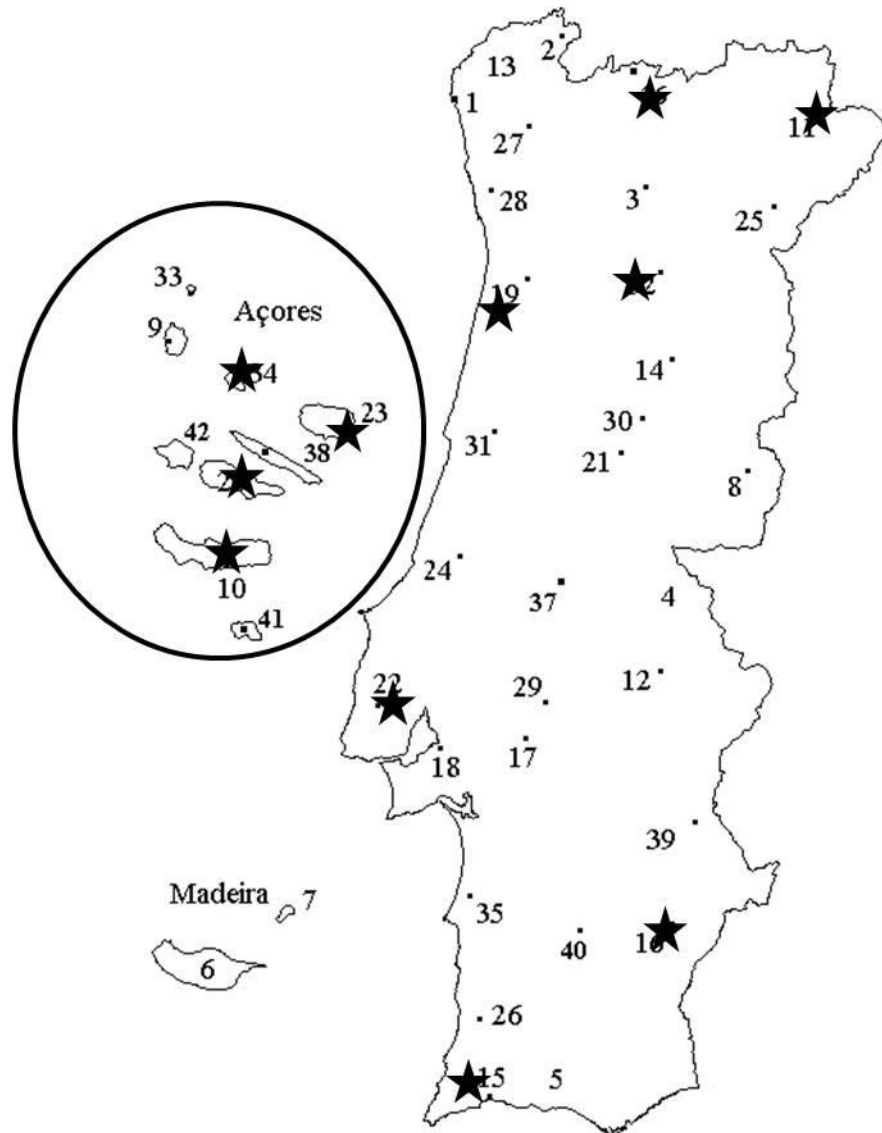


Mapa 80: *Ter* existencial (adaptado de Carrilho e Pereira 2011)

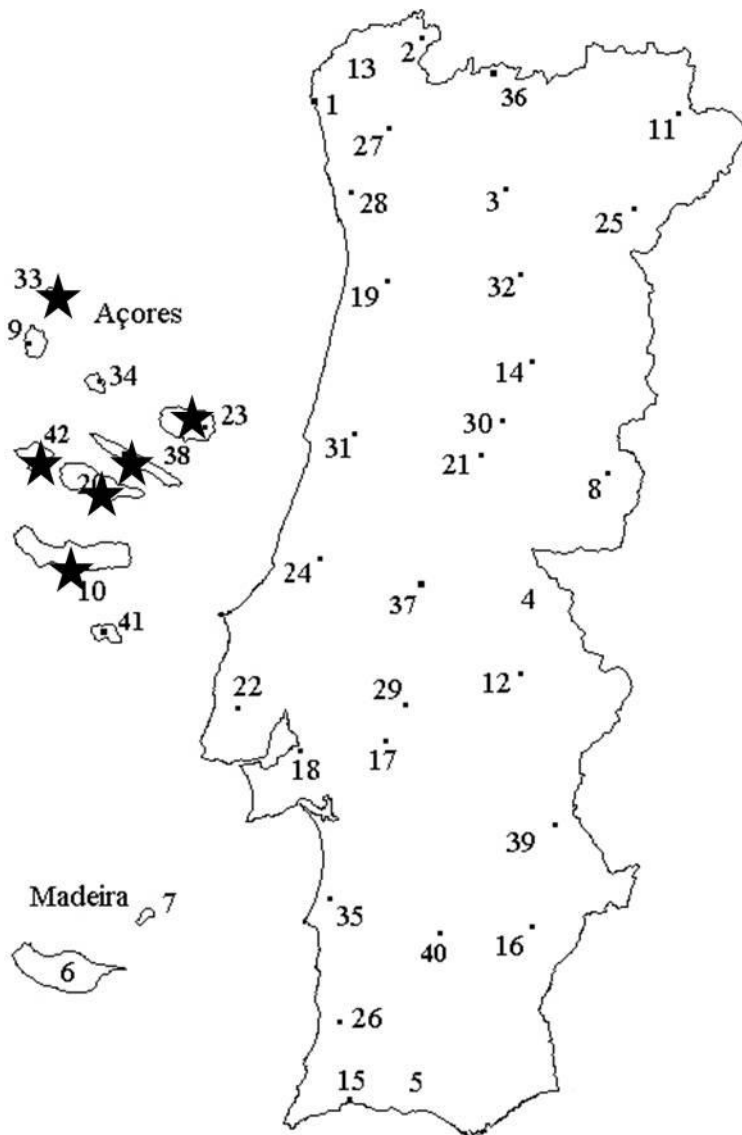


Mapa 81: Possessivo pré-nominal não precedido de artigo (adaptado de Carrilho e Pereira 2011)

5. AÇORES VS. RESTANTES DIALETOS PORTUGUESES

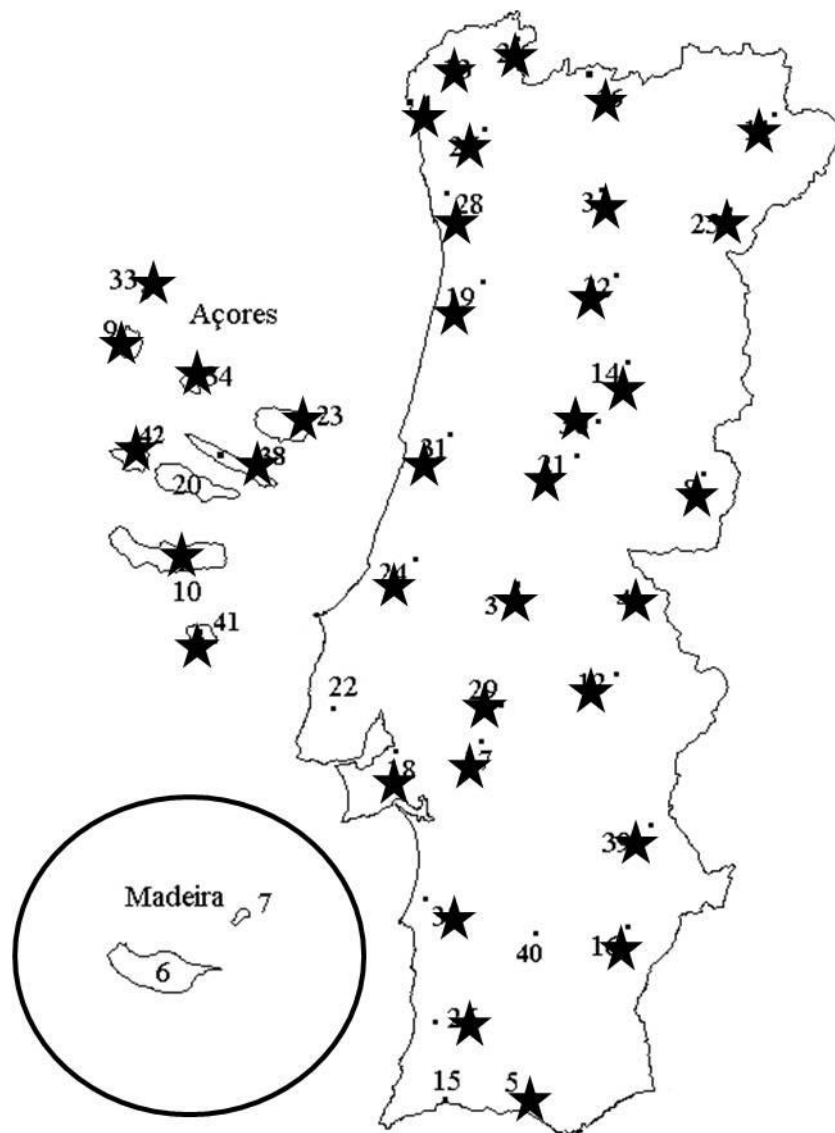


Mapa 82: *A gente* + V3PL (adaptado de Pereira 2003)

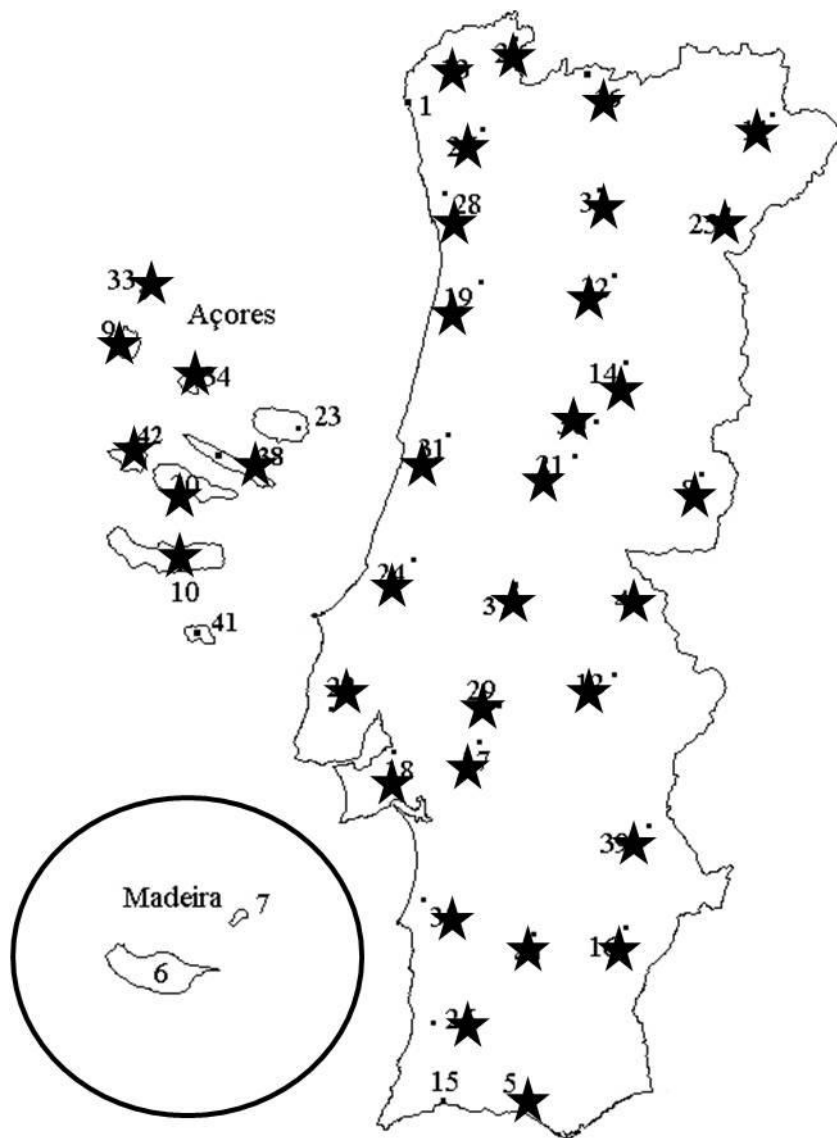


Mapa 83: *Tanto* + adjetivos/advérbios

6. MADEIRA VS. RESTANTES DIALETOS PORTUGUESES

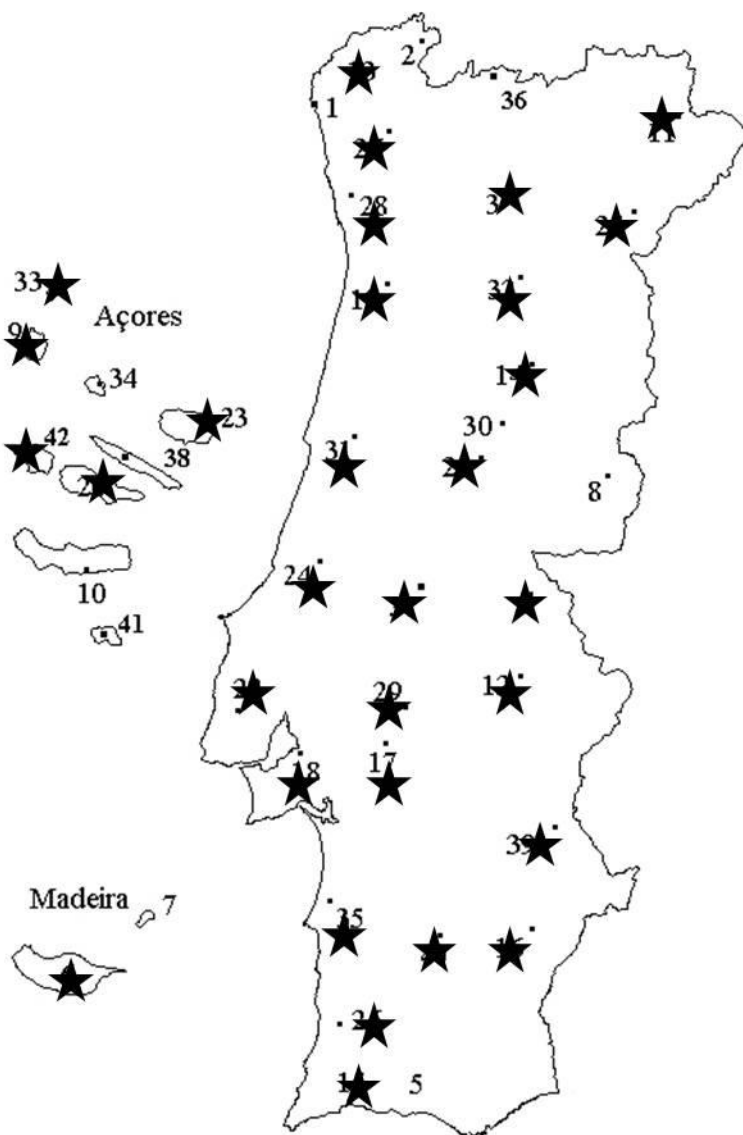


Mapa 84: Interpolação (adaptado de Magro 2007)

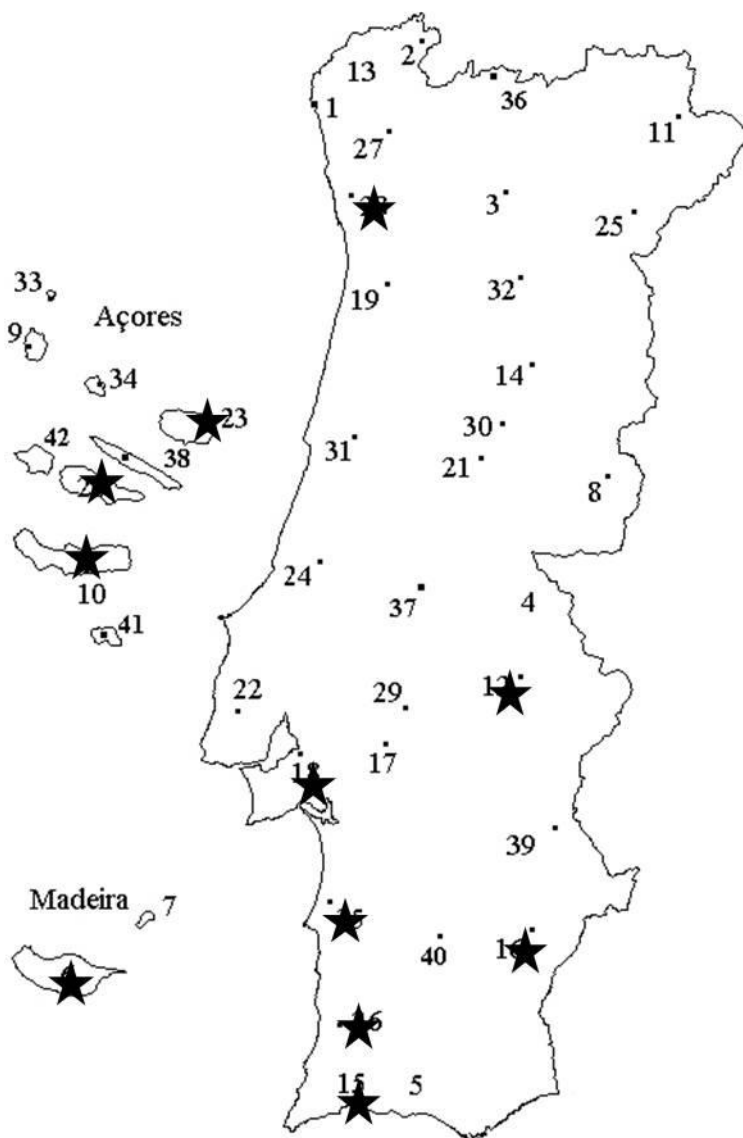


Mapa 85: Construção de União de Orações com verbos causativos (adaptado de Pereira 2012)

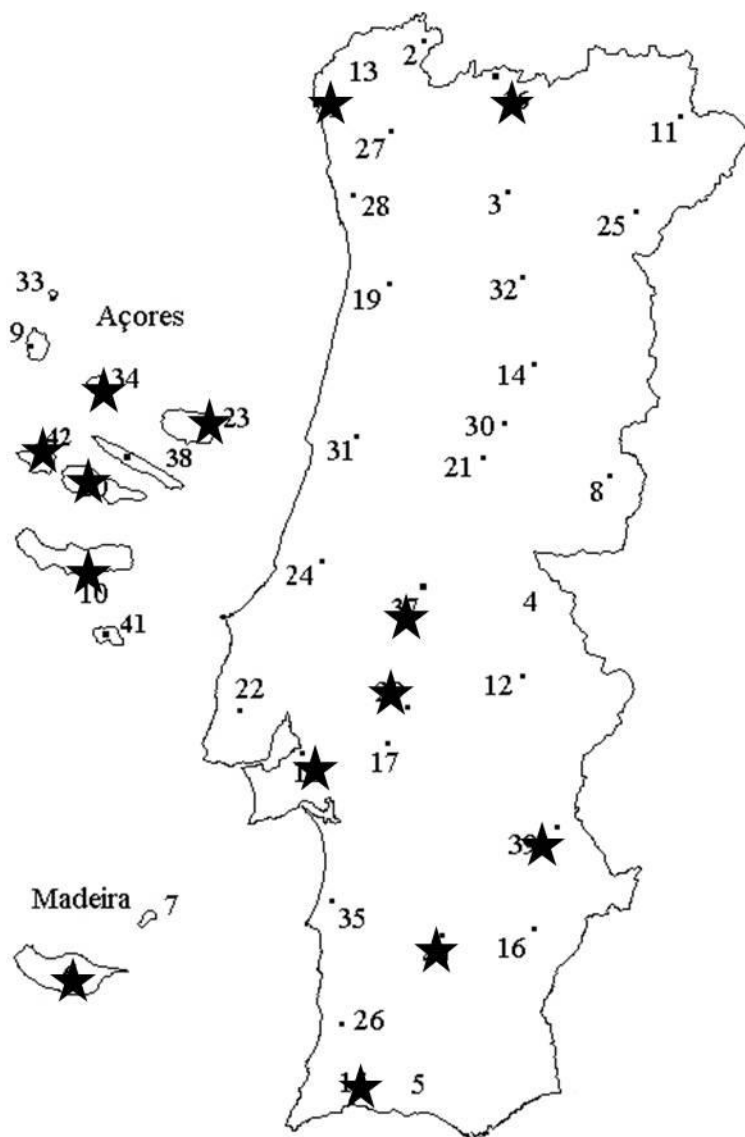
II – Fenómenos dispersos pelo território/poucos representados



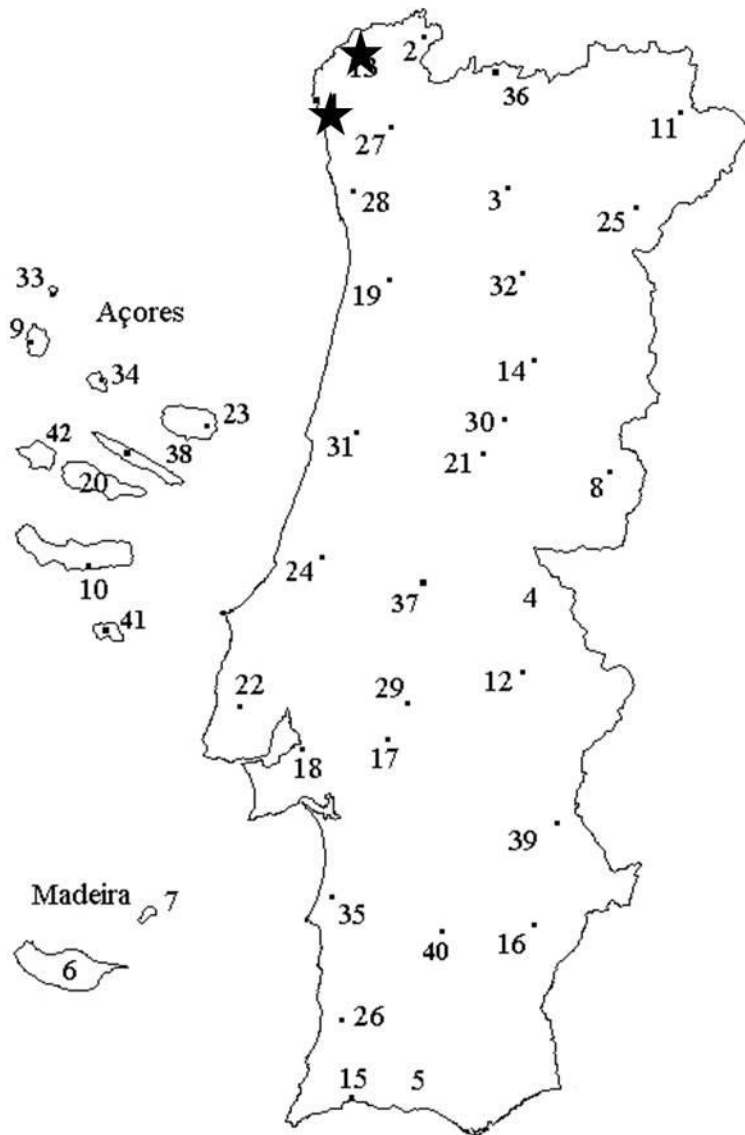
Mapa 86: Ênclise em orações relativas introduzidas por *que*



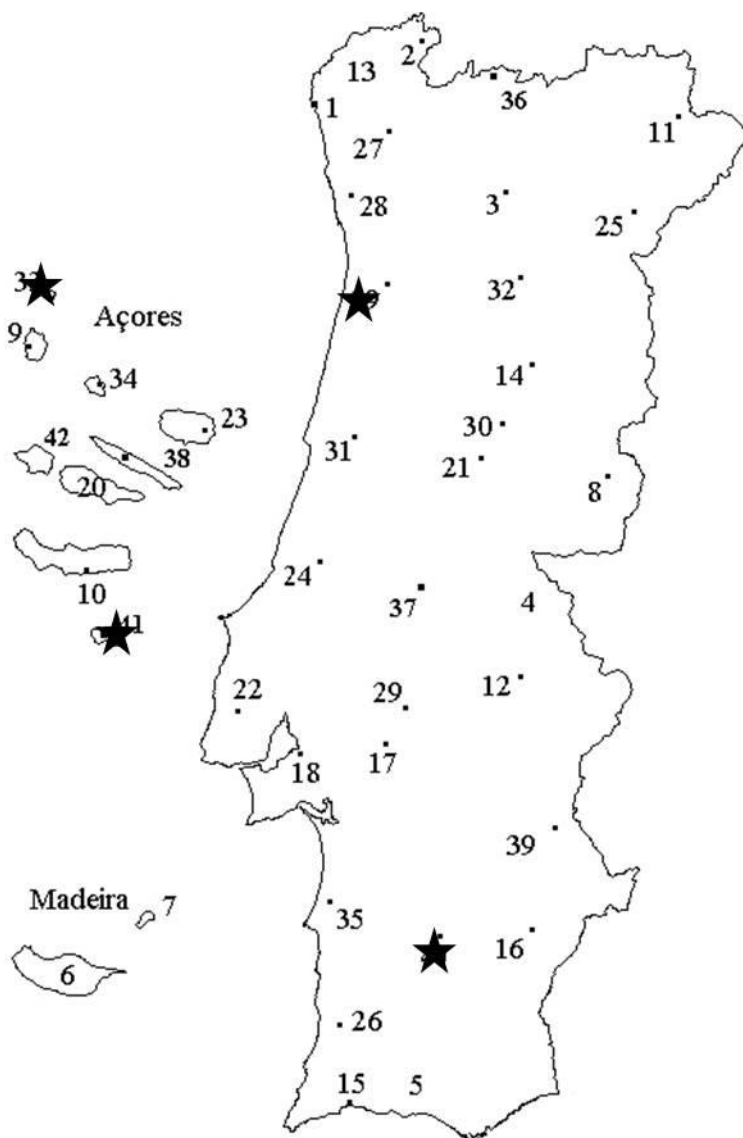
Mapa 87: Ênclise com constituintes negativos



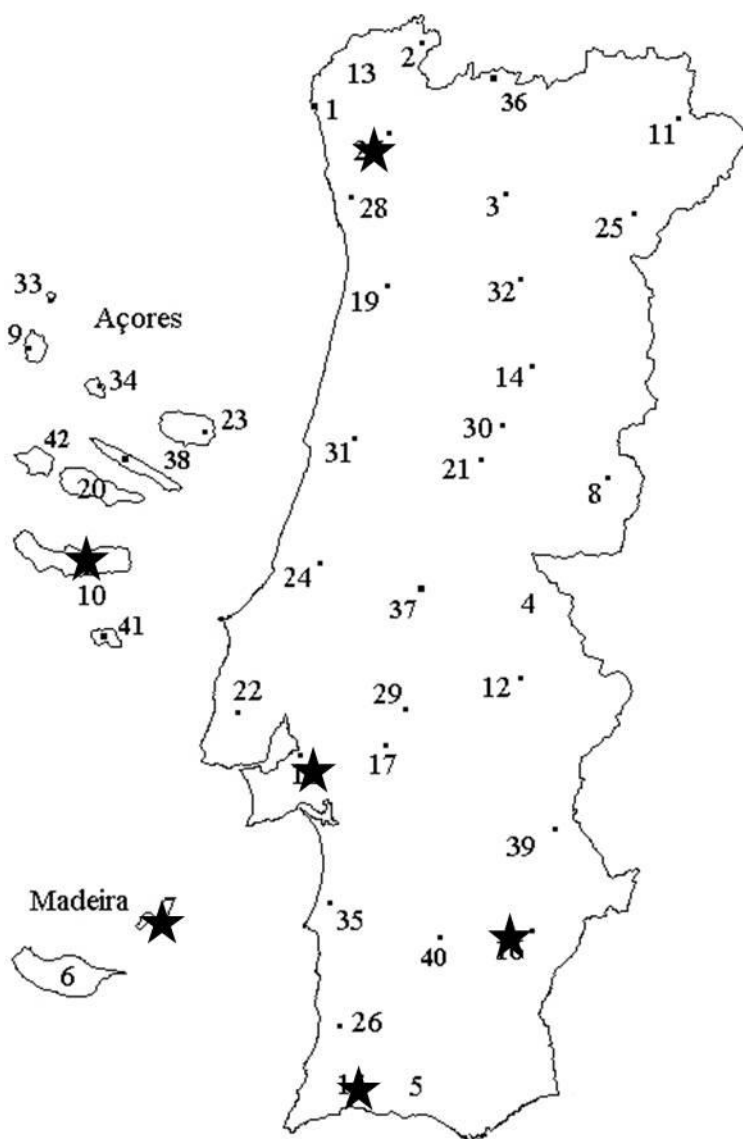
Mapa 88: Forma forte de pronome dativo



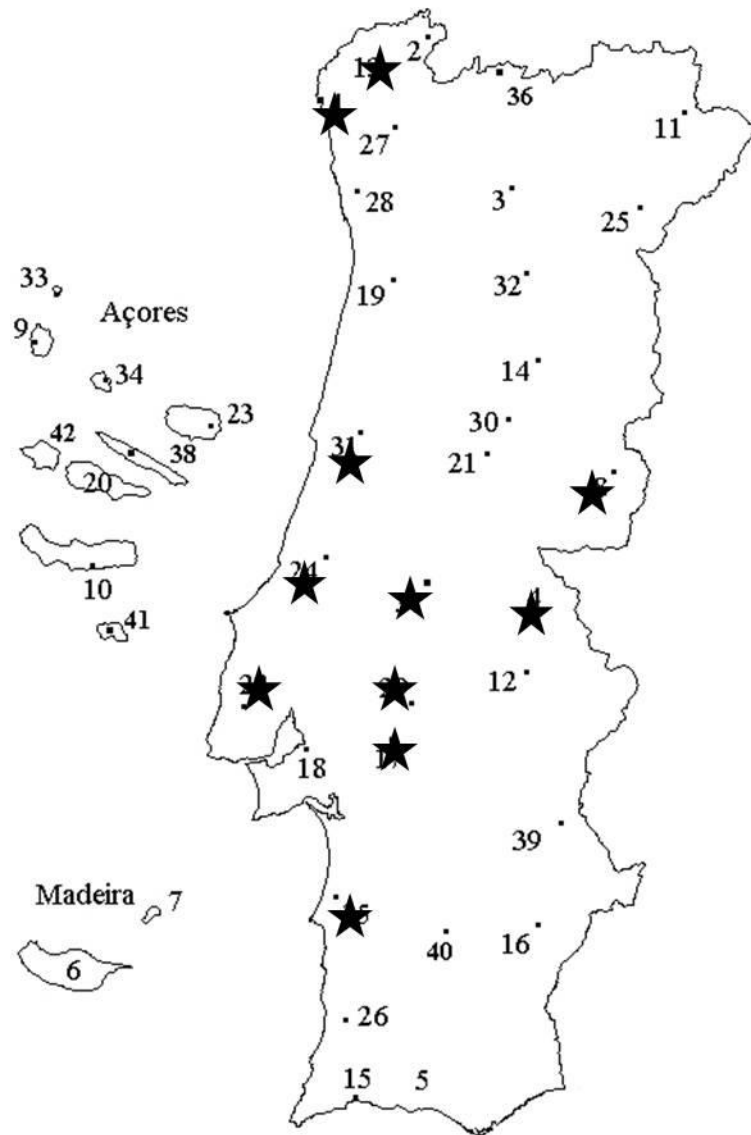
Mapa 89: Estrutura partitiva *que de*



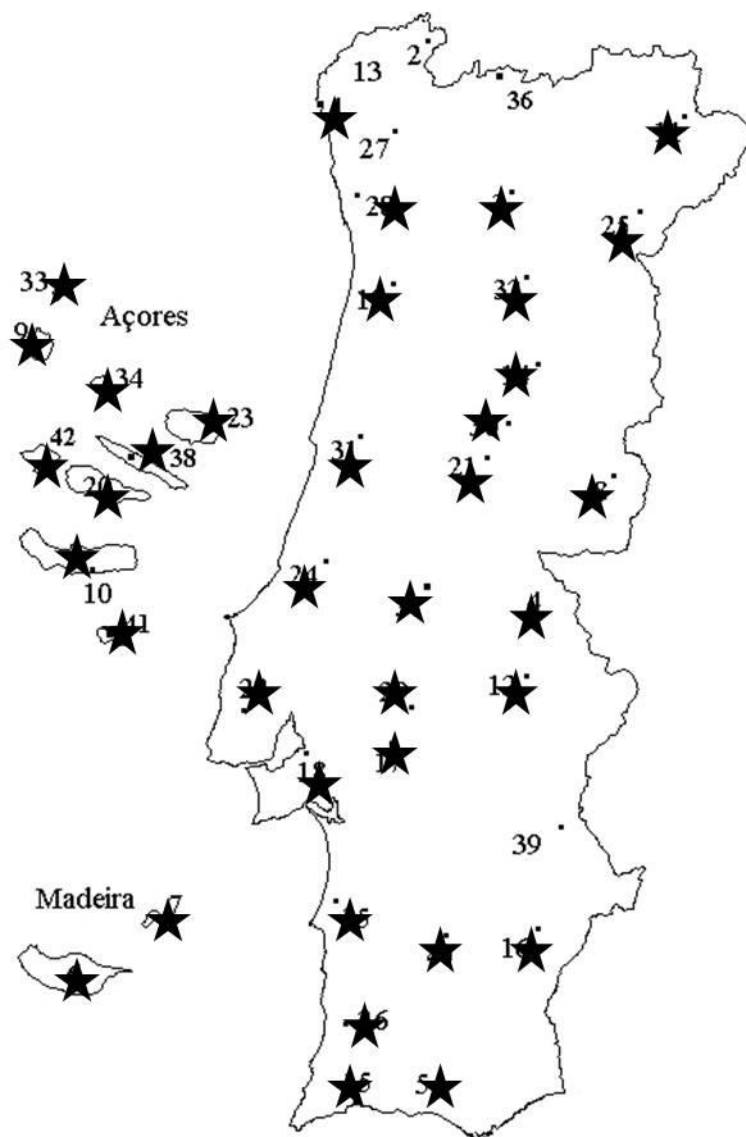
Mapa 90: Elipse de *ser* na estrutura impessoal *pode que*



Mapa 91: Infinitivo não flexionado com sujeito lexical



Mapa 92: *O que é que* adversativo



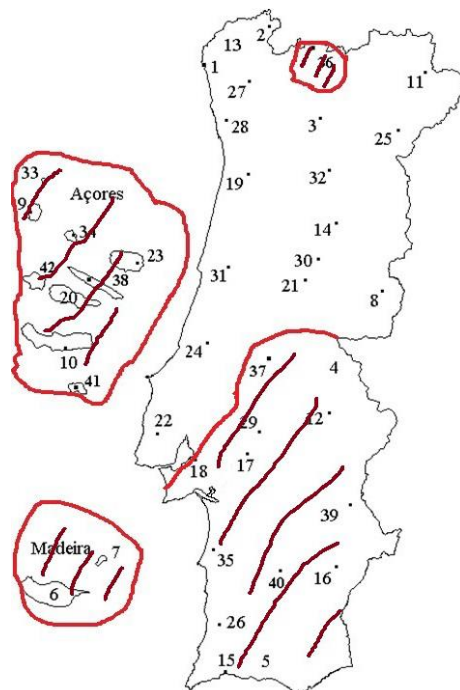
Mapa 93: Concordância V3SG com sujeitos pós-verbais

3.4. Divisão sintática dos dialetos portugueses: considerações

A descrição apresentada ao longo das últimas secções sobre os dados sintáticos do CORDIAL-SIN e a observação dos mapas atrás reunidos permitem fazer alguns comentários sobre a divisão dos dialetos portugueses quando consideramos unidades linguísticas desta natureza.

É certo que, em vários casos, se identificaram construções dispersas pelo território e que, noutros casos, a distribuição espacial dos fenómenos não pôde ser bem caracterizada, quase sempre devido à pouca representatividade dos dados. Contudo, foi possível perceber, em várias situações, áreas geograficamente circunscritas. E o facto de se observarem, para vários fenómenos, distribuições geográficas muito similares possibilita, inclusivamente, que se avance com algumas generalizações relativamente aos tipos de áreas sintáticas que foi possível identificar. Apresento, então, uma síntese das configurações observadas.

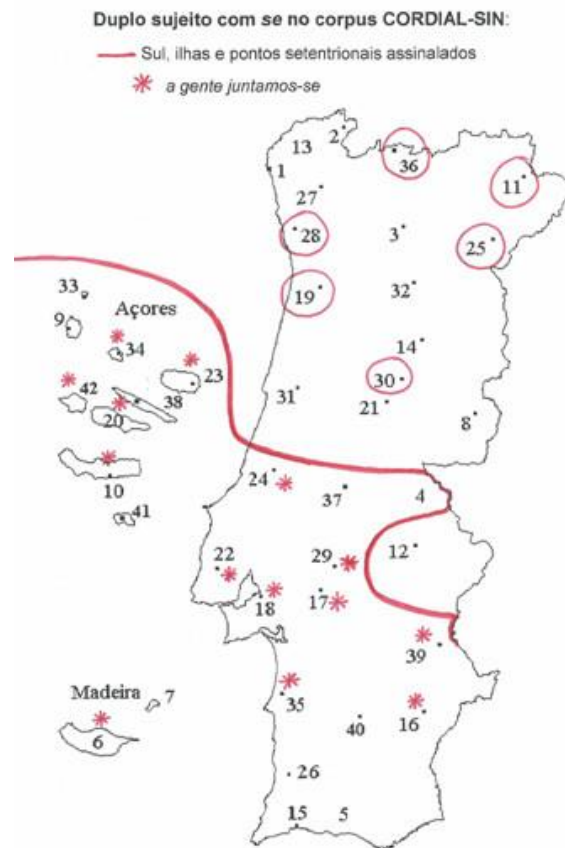
1. Uma área que une os dialetos do Centro-Sul do continente aos dialetos insulares



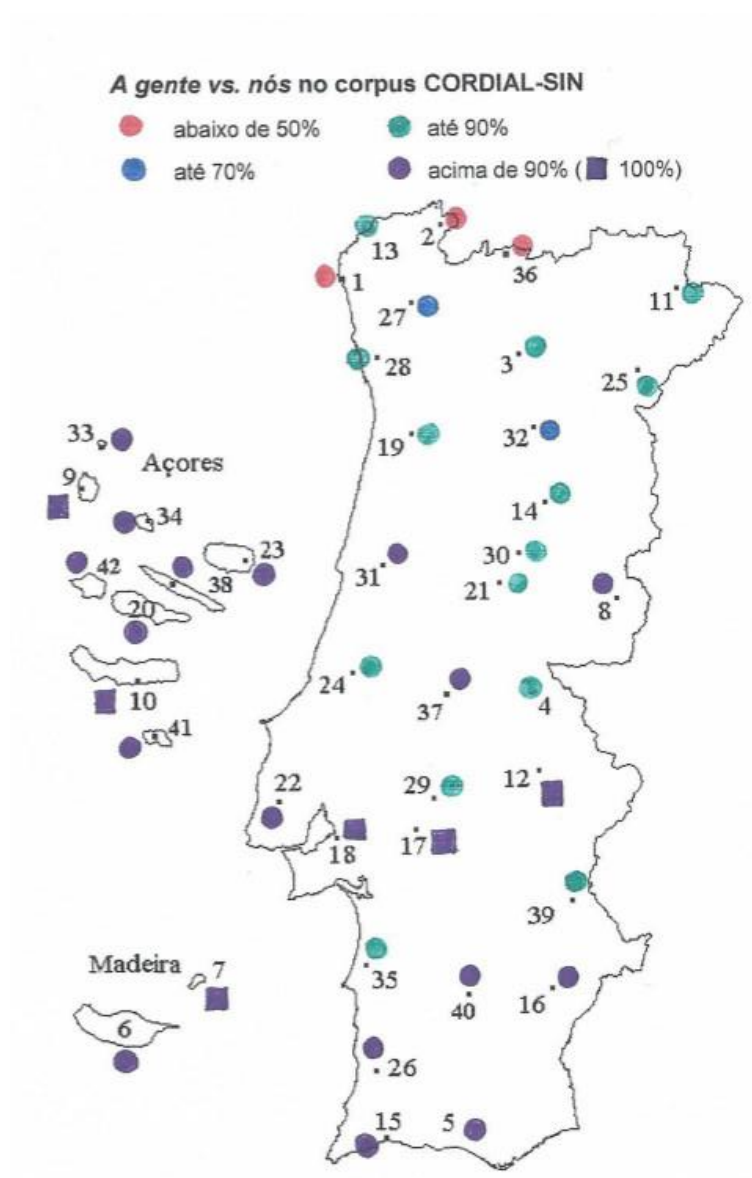
É a área onde se inscrevem várias construções com gerúndio (gerúndio flexionado, *estar*+gerúndio, gerúndio predicativo, gerundivas subordinadas temporais/condicionais),

onde se identificaram ocorrências de *estar* existencial e de construções alternativas à construção de União de Orações com verbos causativos. Trata-se de uma área que divide claramente o país num Norte e num Sul, sendo a fronteira marcada pela linha do Tejo. Em duas situações, uma localidade de Vila Real apresenta comportamentos característicos dos dialetos insulares/do Sul do país.

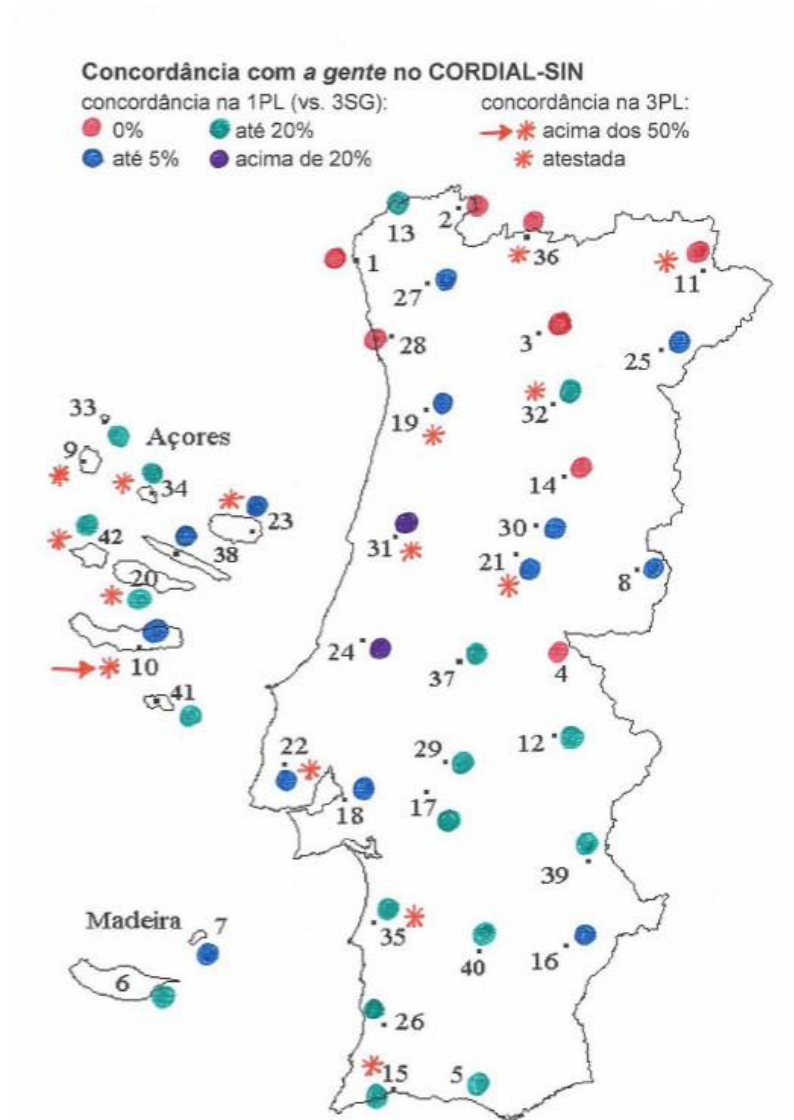
É relevante notar que, além dos fenómenos atrás mencionados e já discutidos neste trabalho, outros dados com relevância sintática evidenciam este contraste Norte-Sul (com os dialetos insulares a alinharem mais com os do Sul). É o que mostra a distribuição de construções de duplo sujeito com *se* (mapa já apresentado mas aqui reproduzido abaixo). É o que sublinham também, em certa medida, o mapa de Martins (2014) relativo à distribuição de *a gente vs. nós* no CORDIAL-SIN e o mapa que ilustra a distribuição dos padrões de concordância com *a gente*.



Mapa 94: Duplo sujeito com *se* (de Martins 2014)

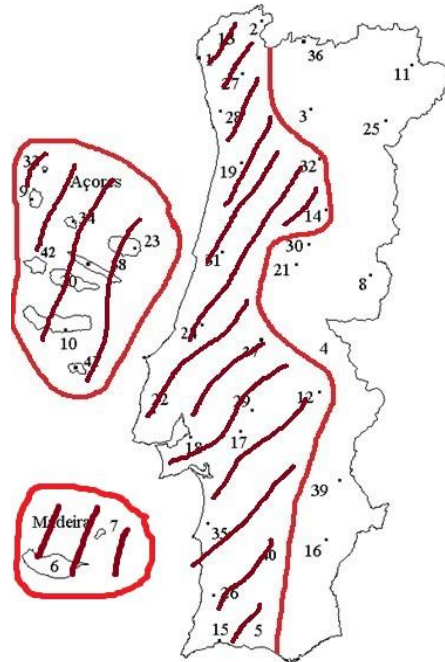


Mapa 95: Distribuição de *a gente* vs. *nós* (de Martins 2014)



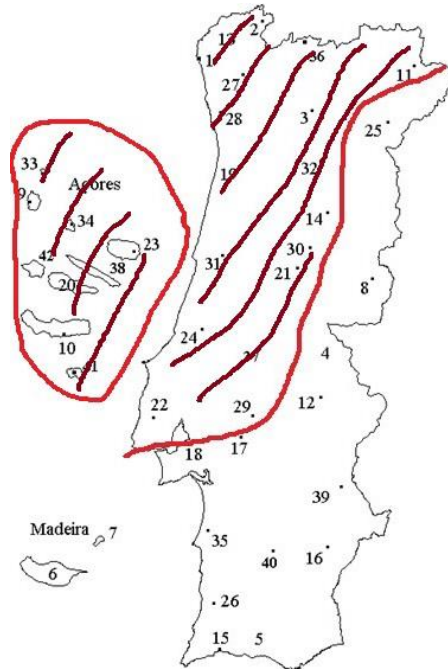
Mapa 96: Distribuição de concordância com *a gente* (de Martins 2014)

2. Uma área que une os dialetos do litoral aos dialetos insulares



Verifica-se uma oposição entre uma faixa litoral e uma faixa interior. Trata-se de uma divisão que recorta o país a meio, numa extensão de Norte a Sul, em que se isolam os dialetos mais próximos do litoral. Quanto ao comportamento dos dialetos insulares, quando se trata deste tipo de oposição os dialetos açorianos parecem alinhar sempre com o litoral. Em duas situações, os Açores (mas não a Madeira) aproximam-se dos dialetos do litoral: é a divisão associada aos fenómenos de ausência de concordância verbal em construções com *ser* e concordância V3PL com quantificadores universais e nomes coletivos. Em dois outros casos, também a Madeira se aproxima do litoral, existindo uma área formada pelo conjunto de dialetos insulares e por localidades do litoral do continente: é o que acontece com as construções alternativas à construção de União de Orações com verbos percetivos e com a colocação enclítica com *também*.

3. Uma área que opõe o Noroeste e os Açores aos dialetos do Interior/Sul e madeirenses



Trata-se de uma oposição entre uma faixa Noroeste (que abarca grande parte dos dialetos nortenhos e se estende, numa linha mais ou menos diagonal, até ao Centro) e uma faixa que engloba a parte Sul do país e os dialetos do Interior Norte. Verifica-se uma oposição também entre os dialetos insulares, associando-se os dialetos açorianos aos dialetos do Norte/Noroeste português. Foi a área identificada para as clivadas nulas coordenadas com *é que* inicial, e a área dentro da qual se registaram comparativas com *ca* e *coma* e locativas com *onda* e *ir* meteorológico.¹¹⁹

É de acrescentar que o trabalho de Cardoso e Magro (2012) sobre construções denominativas com *chamar* no CORDIAL-SIN fornece evidência adicional para uma divisão parcialmente deste tipo, ao sublinhar uma oposição entre Açores e Madeira, sendo que a Madeira alinha com os dialetos do Sul do continente e os dialetos açorianos aproximam-se mais dos do Norte (neste caso aproximam-se de algumas localidades específicas do Norte). É o que mostra o Mapa 97, que ilustra a distribuição geográfica de

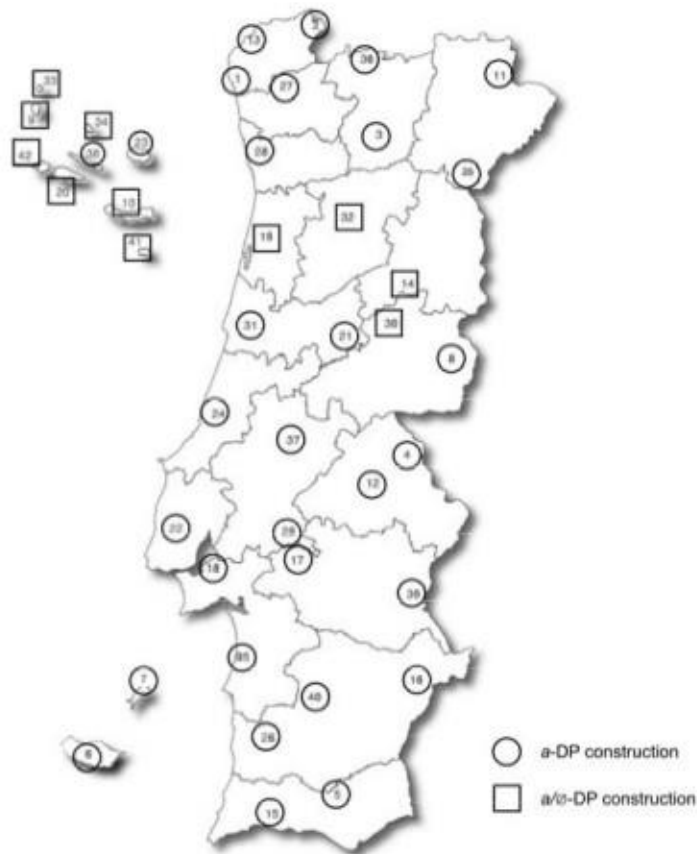
¹¹⁹ O facto de as locativas com *onda* terem sido identificadas numa área do Norte mais restrita, tal como aconteceu com a construção *que de* (identificada apenas em pontos minhotos), poderá indicar a presença de subáreas dentro de uma área Norte mais extensa.

construções com *chamar* considerando a ausência/presença da preposição *a* (ilustro as estruturas abaixo, em (274) e (275), respetivamente).

(274) Chamávamos isto uma dorna. FIG

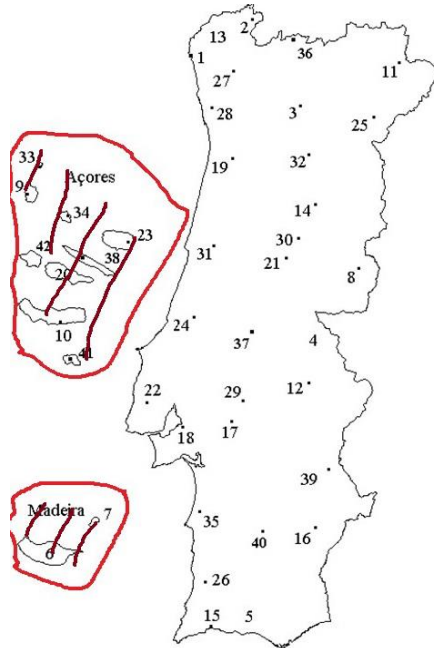
(275) Chamam àquilo a giba. PIC

Map I. Distribution of *a*/Ø-DP naming constructions with *chamar* in *CORDIAL-SIN*



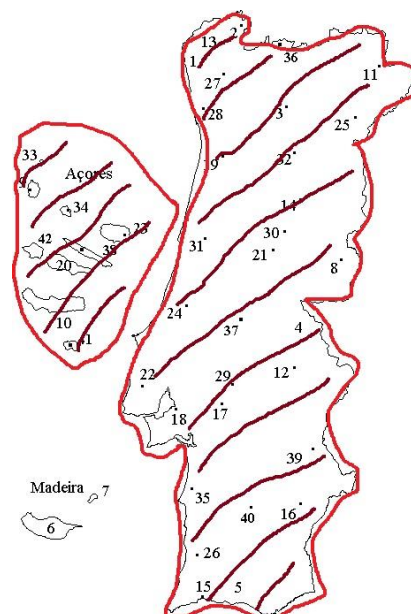
Mapa 97: Ausência/presença da preposição *a* em construções denominativas com *chamar* no CORDIAL-SIN (de Cardoso e Magro 2012)

4. Uma área que isola Açores e Madeira dos dialetos continentais



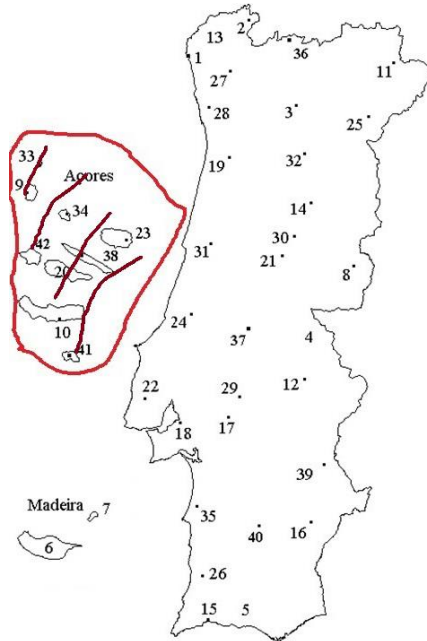
Os arquipélagos da Madeira e dos Açores formam, em conjunto, uma área, isolando-se do continente. É o que se verifica com a distribuição de *ter* existencial e de possessivo pré-nominal sem artigo. O facto de terem sido identificadas ocorrências muito ocasionais de expletivos nestes dialetos, contrastando com a grande produtividade característica do continente, também aponta nesse sentido.

5. Os dialetos madeirenses individualizam-se



Dois fenómenos foram identificados de forma bastante uniforme por todo o território exceto na Madeira, que não revelou ocorrências de nenhuma das estruturas: foi o que aconteceu com as construções de interpolação e de União de Orações.

6. Os dialetos açorianos individualizam-se



Os dialetos dos Açores formam uma área, afastando-se quer dos dialetos madeirenses quer dos continentais. É o caso de *tanto* seguido de adjetivos e advérbios e da produtividade da concordância de *a gente* com V3PL.

Algumas das generalizações aqui apresentadas – nomeadamente a identificação de uma configuração geolinguística que engloba o Sul do território continental, associando-se-lhe, por vezes, os territórios insulares (pelo menos uma parte destes), e a observação de que as ilhas (os dois arquipélagos ou, pelo menos, parte de um deles) se isolam relativamente aos dialetos continentais – são ideias já presentes em Carrilho e Pereira (2011). O conjunto de dados agora analisado, além de reforçar as observações das autoras, mostra novas situações, exibindo de forma clara a existência de diferentes áreas que parecem constituir configurações básicas e recorrentes.

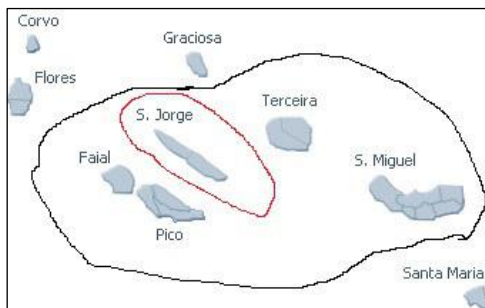
Relativamente às áreas de tipo 1 e 2 – as que traçam uma divisão Norte/Sul e Litoral/Interior, respetivamente – os dados levam a crer que se trata de dois tipos de

configuração básicos que se podem associar e gerar configurações variáveis. É o que parece acontecer com a área identificada para as construções alternativas à construção de União de Orações, que revela uma oposição Norte/Sul associada a Litoral/Interior.¹²⁰

No que toca ao comportamento dos dialetos insulares, quando observamos a oposição Norte/Sul verificamos que esses dialetos alinham frequentemente com os do Sul do continente (embora as duas opções sejam possíveis). Já no que diz respeito à configuração geolinguística que opõe uma faixa litoral a uma faixa interior, constatamos que as ilhas (nalguns casos ambos os arquipélagos, noutros casos só os Açores) alinham com os dialetos do litoral. Ainda que os dados não tenham sido analisados de forma a dar conta de diferentes graus de produtividade dos fenómenos (raras vezes o volume de dados justificava uma abordagem desse tipo), parece também dar-se o caso de algumas estruturas relativamente dispersas ou escassas no continente terem uma expressão forte nas ilhas (é o que se passa, por exemplo, com o fenómeno de concordância V3PL com *a gente* e com construções de duplo sujeito com *se*).

Relativamente aos dialetos açorianos, o facto de serem, com alguma regularidade, as mesmas ilhas a individualizarem-se das restantes (por apresentarem um fenómeno não observado nos outros dialetos açorianos ou vice-versa), leva-me a sugerir que haverá uma certa ordenação na distribuição espacial de alguns fenómenos dentro deste arquipélago.

Para os fenómenos de concordância V3SG com *ser* e forma forte de pronome dativo foi possível observar uma oposição bastante clara entre dois grupos: essas construções foram identificadas no Grupo Central, deixando de fora as ilhas que geograficamente se situam nos extremos do arquipélago – Corvo e Flores (e Graciosa, num dos fenómenos) e Santa Maria:



Mapa 98: V3SG com *ser*

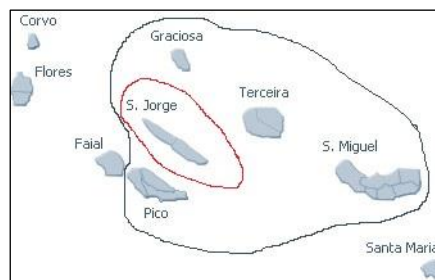


Mapa 99: Forma forte de pronome dativo

¹²⁰ Se considerarmos dados do léxico e da fonologia, constatamos que tanto o tipo 3 das áreas de Cintra (1962) como a evolução recente da área das sibilantes, com o Norte Litoral a perder as apicais, evidenciam este mesmo tipo de associações variáveis.

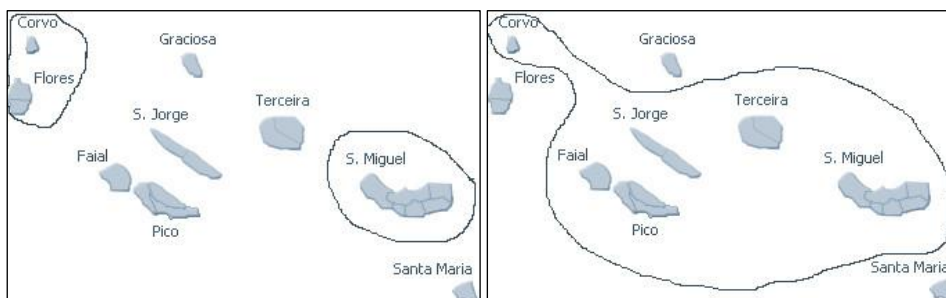
No Grupo Central, apenas São Jorge não apresentou ocorrências das estruturas em questão. É um dado que não deixa de ser significativo, sobretudo se considerarmos que em trabalhos anteriores (cf. Segura 2006) havia já ficado a ideia, nomeadamente através das observações desse estudo relativas a variação lexical, de que São Jorge parece ser, nalguns casos, uma espécie de ponto de transição. Este comportamento divergente de São Jorge relativamente às ilhas próximas verificou-se, também, na distribuição de gerúndios predicativos e de possessivo pré-nominal não precedido de artigo.

Veja-se ainda como a distribuição geográfica que está associada à construção *a gente+V3PL*, estudada por Pereira (2003), é muito próxima das configurações acima (continuando São Jorge a isolar-se dos restantes dialetos do Grupo Central, isolando-se também, neste caso, o Faial):



Mapa 100: *A gente + V3PL*

Em várias outras situações se verificaram distribuições que não são muito díspares das apresentadas atrás, no sentido em que continua a existir uma área formada pelo Grupo Central, ao qual se opõem as ilhas mais orientais/ocidentais.



Mapa 101: *estar existencial*

Mapa 102: *tanto+adjetivos/advérbios*

O Mapa 101, ao mostrar que São Miguel se destaca das ilhas que lhe são geograficamente próximas, pode sugerir uma individualização dos dialetos micalenses. Também em Pereira (2003) se notava que São Miguel se demarcava das outras ilhas, por apresentar a maior produtividade das ocorrências de *a gente*+V3PL.

Este comportamento divergente de São Miguel em relação aos outros dialetos açorianos vai, note-se, ao encontro do que tem sido dito nos trabalhos sobre os dialetos insulares quanto ao estatuto particular dos dialetos micalenses (cf. Segura 2006, 2013; cf. Brissos, Gillier e Saramago 2017).

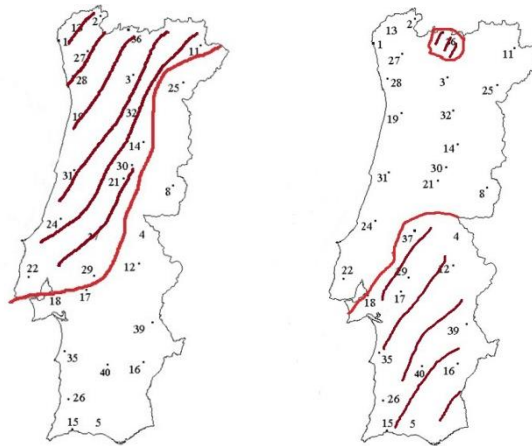
Quero apenas sublinhar que estas breves notas que aqui apresento sobre o comportamento dos dialetos açorianos estão longe de constituir uma caracterização satisfatória; elas apenas representam mais uma reflexão, desta vez a partir de dados sintáticos. O mesmo é válido, aliás, para as divisões sintáticas que apresento para os restantes dialetos portugueses. Faço notar que as áreas que identifiquei têm muitas vezes como base um volume de dados pequeno, ainda que as paisagens linguísticas sejam quase sempre significativas e ofereçam, só por si, fortes indícios de estarmos perante áreas dialetais. Por outro lado, sublinho que também o facto de o volume de dados ser reduzido não permite dar conta de diferentes graus de vitalidade dos fenómenos (ficando assim por assinalar potenciais áreas de transição que poderiam oferecer uma imagem mais real da situação linguística).

Por tudo isto, vale certamente a pena ter em conta estes dados, mas convém não esquecer que se trata de uma primeira, e necessariamente embrionária, reflexão sobre o papel da sintaxe na caracterização geolinguística dos dialetos portugueses.

3.5. Áreas sintáticas, lexicais e fonético/fonológicas: que relação?

Mencionei já neste trabalho a divisão Norte/Sul repetidamente notada nos trabalhos tradicionais sobre a classificação dos dialetos portugueses, baseados na observação de fenómenos fonéticos, fonológicos ou lexicais. Parece-me muito pertinente notar que também a sintaxe evidencia este tipo de divisão. Tanto na área 1 atrás descrita (a que une os dialetos do Centro-Sul do continente aos dialetos insulares) como na área 3 (a que opõe o Noroeste e os Açores ao Sul, Norte Interior e Madeira) se configura uma divisão do continente em duas grandes áreas: um Norte e um Sul, embora no segundo caso (mapa da esquerda) a faixa norte interior alinhe com o Sul. Reproduzo aqui, em (292), os mapas relevantes, de modo a ilustrar essa oposição Norte/Sul que várias vezes se verificou.

(276)



Além dessa situação, há uma outra que é de acentuar. Quando comparados com as propostas de divisão de dialetos realizadas anteriormente, os dados sintáticos aqui reunidos evidenciam relações muito próximas particularmente com a divisão lexical de Cintra (1962).¹²¹ Isso mesmo mostram as imagens abaixo:

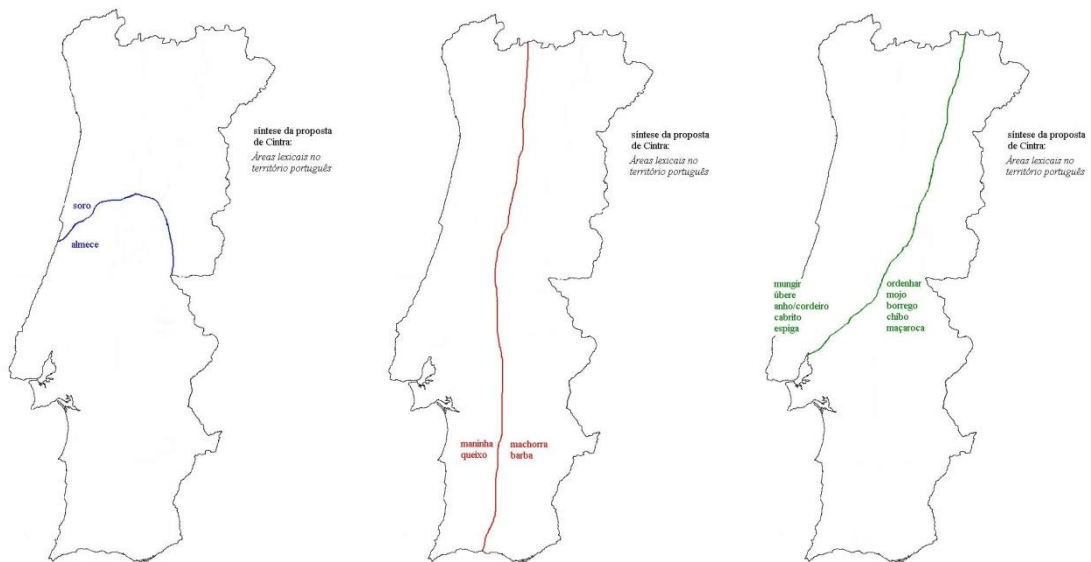


Ilustração 2: Mapas síntese das áreas lexicais de Cintra (apud Álvarez e Saramago 2012)

¹²¹ Ainda que não seja comum atribuir-se aos trabalhos lexicais, por si só, um peso determinante na classificação dos dialetos (e ainda que no caso do PE seja o trabalho de Cintra (1971), de base fonológica, aquele que tradicionalmente se segue na caracterização e divisão do espaço dialetal), destaco aqui Cintra (1962) por serem particularmente nítidos os paralelismos entre as fronteiras lexicais delimitadas nesse trabalho e as fronteiras de base sintática que aqui identifiquei.

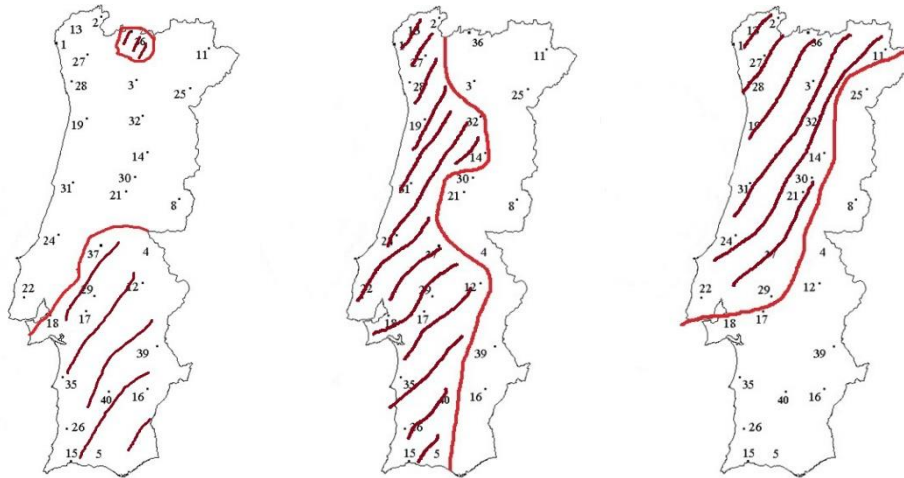


Ilustração 3: Três tipos de áreas sintáticas identificadas a partir dos dados do CORDIAL-SIN

As conexões são bastante claras, ainda que o traçado das fronteiras não seja totalmente coincidente.

É também notória, se considerarmos particularmente o primeiro dos mapas sintáticos que apresento na Ilustração 3 (o que diz respeito à distribuição de gerúndios e *estar* existencial), uma relação muito evidente entre a fronteira que nesse mapa delimita o grupo dos dialetos do Sul e aquela que Cintra traça para delimitar os seus dialetos meridionais:

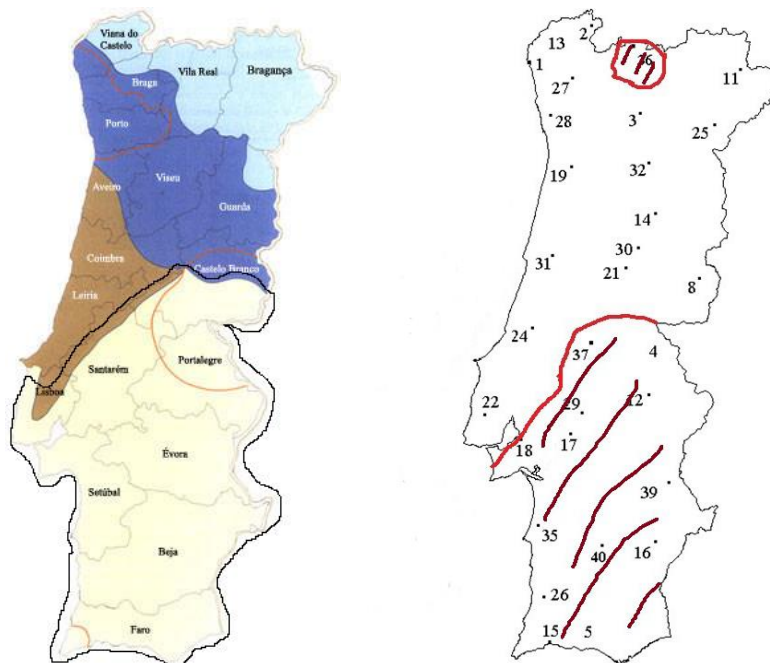


Ilustração 4: Paralelismo entre dialetos meridionais de Cintra (1971) e dados sintáticos

No que diz respeito aos dialetos insulares, apenas podem ser estabelecidas comparações com alguns trabalhos mais recentes (Segura 2006, 2013; Segura e Saramago 1999, 2001; Brissos, Gillier e Saramago 2016, 2017), uma vez que, como sabemos, as ilhas não têm sido consideradas nas propostas de classificação dos dialetos portugueses. E os dados de que dispomos permitem, sobretudo, fazer alguns comentários sobre a situação dos dialetos açorianos.

Ficou claro no final da secção anterior que tipo de configurações de natureza sintática podem ser observadas nesses dialetos. Ainda que os dados reunidos não sejam tão representativos quanto seria desejável, alguns dados da sintaxe parecem mostrar a existência de duas áreas que se opõem, e que se poderá generalizar da seguinte forma: uma área constituída pelas ilhas mais centrais, que normalmente formam um grupo, e outra constituída pelas ilhas orientais e ocidentais.

Trata-se de uma configuração que não é coincidente com a proposta em Segura (2006) (que distingue um grupo composto pela Graciosa, por São Jorge e pela Terceira e outro formado pelo Pico e o Faial): talvez a sintaxe esteja a evidenciar a existência de outras áreas – uma hipótese que fará sentido continuar a explorar.

Mas há, no entanto, alguns paralelismos com o que vem sendo dito sobretudo desde Segura e Saramago (1999, 2001). Por um lado, tem sido notado que os dialetos micaelenses exibem características próprias que os afastam dos demais dialetos açorianos. Também a sintaxe forneceu, como vimos, pistas nesse sentido.

Outra situação que se reveste de algum interesse é o facto de São Jorge se ter individualizado dentro do Grupo Central. Como já notei, em Segura (2006) já havia referência, a propósito de contrastes lexicais, a um comportamento divergente dessa ilha relativamente a outras que lhe são próximas e que costumam formar uma área: refere-se que há léxico que se regista, no Grupo Central, no Faial e no Pico e apenas num ponto de São Jorge; e refere-se também, quando se observa a existência de duas unidades lexicais que correspondem a um conceito, que São Jorge contrasta com o resto do Grupo Central. Este comportamento às vezes particular de São Jorge é, também, acentuado pela sintaxe.

A identificação, a partir de dados sintáticos, de um Grupo Central que se afasta das ilhas mais orientais e ocidentais sugere um paralelismo entre organização geográfica e linguística, também notada em Brissos, Gillier e Saramago (2017) a partir do léxico.

De uma maneira geral, e no que toca sobretudo aos dialetos continentais, há, como vimos, fortes ligações entre as áreas sintáticas aqui propostas e as áreas dialetais identificadas em trabalhos que caracterizam os dialetos partindo da análise de dados fonológicos e lexicais (sendo de destacar as afinidades particularmente evidentes com as áreas lexicais de Cintra).

O facto de se perceberem estas relações entre as áreas identificadas em diferentes trabalhos leva-me a sugerir que é acertado falar em algumas tendências gerais no que toca à classificação dos dialetos portugueses – tendências essas que parecem verificar-se não apenas num domínio da gramática, mas em vários.

Nota-se, repetidamente, a existência de grandes grupos de dialetos nos quais se inscrevem quase sempre as mesmas áreas (independentemente de subdivisões que possam estabelecer-se a partir desses grandes grupos, e independentemente da maior ou menor extensão que a área definida assuma em cada trabalho). Assim, não sendo possível identificar-se uma só divisão dialetal básica, é possível concluir que há diferentes tipos de configurações que frequentemente se vão repetindo. São oposições já conhecidas de outros trabalhos mas que os dados sintáticos vêm agora tornar mais nítidas.

Considerando, pois, o que já se sabia sobre a divisão dos dialetos portugueses e o que a sintaxe agora veio acrescentar, faz sentido falar:

- numa oposição Norte/Sul;
- numa oposição Litoral/Interior;
- no estatuto independente das ilhas, bem como na sua ocasional filiação a diferentes áreas dialetais do continente;
- no traço autónomo dos Açores e na sua diversidade interna.

O facto de terem sido identificados alguns fenómenos no Norte que isolam áreas mais pequenas dentro desse grande grupo composto pelos dialetos nortenhos (cf., por exemplo, distribuição de comparativas com *coma* e locativas com *onda*; estrutura partitiva *de que*) pode também sugerir, na linha do que as propostas anteriores já notavam, uma grande heterogeneidade do Norte, parecendo possível estabelecer, dentro dele, várias subdivisões.

Em 1962, afirmavam Boléo e Silva o seguinte:

Numa divisão dialetal, por mais cuidadosa que seja, haverá sempre rectificação e ajustamentos a fazer. Mas nessa divisão não é tanto o pormenor que interessa, como a distribuição das áreas.

Boléo e Silva 1962: 94

Parece-me que esta afirmação ilustra muito bem a ideia que acabo de expor. Se nos abstrairmos do detalhe (i.e., das diferenças que inevitavelmente encontramos dependendo da isoglossa considerada), há, nas várias propostas de divisão dialetal existentes, distribuições de áreas muito constantes. São esses pontos em comum, que elenquei atrás, que me parece ser possível considerar quando se trata de arriscar uma possível classificação dos dialetos portugueses.

3.6. Conclusões

Tendo apresentado, no Capítulo 2, uma revisão das propostas de classificação dos dialetos portugueses existentes na literatura, de modo a esboçar um panorama das possíveis divisões que se estabelecem a partir de dados essencialmente fonético-fonológicos e lexicais, no Capítulo 3 o objetivo foi dar relevo aos dados da sintaxe, de forma a perceber qual o seu papel na divisão do espaço dialetal português. Comecei por expôr os primeiros trabalhos que surgiram neste domínio, tendo ficado claro que a maioria desses estudos sugere a existência de áreas dialetais bastante bem definidas.

A apresentação dos novos dados que identifiquei no CORDIAL-SIN revelou uma série de estruturas não-padrão que tentei descrever e, nalguns casos, analisar com algum detalhe – o que levantou, por vezes, algumas questões teóricas relevantes. Tentei identificar, para cada construção, a sua distribuição espacial. Dentro das limitações associadas a um *corpus* desta natureza, e tanto quanto os dados – não raras vezes escassos – puderam dar a perceber, observei que em várias situações os fenómenos sintáticos aparecem confinados a áreas específicas. Foi o caso de (i) concordância V3SG com *ser*; (ii) concordância V3PL com quantificadores universais e nomes coletivos; (iii) *estar* existencial; (iv) comparativas com *coma*; (v) locativas com *onda*; (vi) clivadas, coordenadas, com *é que*; (vii) *tanto*+adjetivos/advérbios.

A partir da distribuição geográfica dessas estruturas e do confronto estabelecido com as conclusões de trabalhos anteriores, foi possível chegar à identificação de seis padrões diferentes de distribuição geográfica quando consideramos dados sintáticos.

Esses padrões exibiram várias semelhanças com as áreas identificadas em trabalhos que se debruçaram sobre dados fonéticos/fonológicos e lexicais, notando-se paralelismos especialmente claros com as áreas lexicais identificadas por Cintra em 1962. Os dados da sintaxe aqui reunidos mostraram, portanto, que as divisões dialetais tradicionalmente usadas como referência (ou, pelo menos, algumas dessas divisões) são válidas quando consideramos unidades linguísticas sintáticas.

Além de reforçarem a ideia de que os dialetos se organizam em configurações espaciais recorrentes (configurações essas que, como agora vemos, se mantêm frequentemente, independentemente da natureza do fenómeno linguístico observado), a sintaxe permitiu também levantar as pontas de mais alguns véus, sobretudo no que toca à caracterização dos dialetos insulares.

Na Parte II, estes dados serão complementados com o estudo de estruturas particulares de entre as analisadas na Parte I, nomeadamente variação entre gerúndio e *a*+infinitivo em contextos perifrásticos. As conclusões a que podemos chegar quando consideramos também os resultados deste estudo de foco mais estreito e maior profundidade serão apresentadas na Parte III.

PARTE II

A+INFINITIVO *VS.* GERÚNDIO EM PERÍFRASES ASPETUAIS EM PE: UMA PERSPETIVA COMPARADA

1. INTRODUÇÃO

Na primeira parte desta tese, a partir da distribuição geográfica de um conjunto de estruturas dialetais atestadas no CORDIAL-SIN – algumas já estudadas por outros autores, outras identificadas no âmbito desta investigação – elaborei e apresentei um atlas que sugere a existência de áreas sintáticas bastante bem definidas no território português. O estudo da variação sintática desenvolvido nessa primeira parte continua, agora, com uma análise detalhada da possibilidade de variação, em português europeu (PE), entre gerúndio e *a*+infinitivo em perífrases aspetuais. As questões que pretendo analisar e os contextos específicos que considerarei são explicitados nas próximas secções.

1.1. Questões de investigação, objetivos e organização do trabalho

Começarei por investigar a alternância entre gerúndio e *a*+infinitivo num conjunto vasto de sequências verbais, em que pelo menos um verbo se associa a uma forma de gerúndio ou de infinitivo precedido de *a*, numa combinação linguística com algum grau de dependência sintático-semântica. Entre as estruturas relevantes contam-se, no primeiro momento da análise, construções tradicionalmente classificadas como perífrases aspetuais como as representadas em (1) e (2), em que um verbo auxiliar ou semiauxiliar antecede o gerúndio ou o infinitivo preposicionado, com ele formando uma unidade sintático-semântica; serão também consideradas sequências do tipo V1+V2 não perifrásticas, em que o primeiro verbo da sequência corresponde a um percetivo ao qual se segue uma forma gerundiva ou de infinitivo precedido de *a*, numa combinação que exhibe independência semântica, que envolve sujeitos distintos e dois domínios oracionais com algum grau de independência (cf. (3)).

- (1) a. O menino **está a comer** chocolates.
b. O menino **está comendo** chocolates.
- (2) a. Os jornalistas **andam a interrogar** todas as testemunhas.
b. Os jornalistas **andam interrogando** todas as testemunhas.
- (3) a. O pai **viu** o menino **a comer** chocolates.
b. O pai **viu** o menino **comendo** chocolates.

O objetivo de uma análise deste tipo é, por um lado, verificar o que mostram os dados dialetais sobre a variação em contextos como os exemplificados, tipicamente associados, em PE, à possibilidade de variação entre gerúndio e *a*+infinitivo, e descrever outros eventuais casos de variação em sequências verbais do português dialetal (PD). Centrar-me-ei depois, pela expressividade dos dados, no estudo da variação em perífrases aspetuais como as apresentadas em (1) e (2), com o objetivo de as caracterizar e explicar.

Uma das minhas expectativas é colmatar as lacunas existentes na literatura relativamente à caracterização da variação em contextos como os citados em (1)-(3). Apesar de ser vastíssima a literatura disponível – para o português e para as línguas em geral – quer sobre estruturas gerundivas, quer sobre infinitivas (preposicionadas ou não), a variação entre gerúndio e *a*+infinitivo é reconhecida, mas tem sido insuficientemente tratada – especialmente no que toca à variação nos contextos que identifiquei.

Um dos problemas encontrados é que boa parte das referências à variação descreve contrastes entre PE e português do Brasil (PB): destaque, a título de exemplo, Oliveira, Cunha e Gonçalves (2004), Mória e Viotti (2004), Viotti e Scher (2001), Maler (1972), Barbosa (1999), Menon (2004). No que toca à variação interna ao PE nos contextos em apreço, a variação tem sido quase sempre referida a propósito de construções aspetuais progressivas introduzidas por *estar* como as representadas em (1). Isso comprova a leitura de trabalhos sobre perífrases aspetuais como os de Cunha (1998), Oliveira (2003), Barroso (2007) e Squartini (1998), entre outros. Vão também surgindo na literatura referências à possibilidade de gerúndio com outros verbos que tendem a ser caracterizados como durativos, como *andar*, mas é notório o favorecimento das perífrases introduzidas por *estar* ou um tratamento quase indistinto entre este e outros verbos.

A nível de estudos que descrevam os contornos da variação, o trabalho de Oliveira, Cunha e Gonçalves (2004) é um dos poucos que conheço que tenta apresentar uma explicação semântica e sintática para a variação observada entre gerúndio e *a*+infinitivo em construções aspetuais – mas a variação retratada é a que se observa entre PB e PE, não a variação interna ao PE. Destaco, também, os trabalhos de Mothé (2007, 2014), estes, sim, sobre a competição entre gerúndio e *a*+infinitivo no PE. A perspetiva do estudo é diacrónica, mas, como veremos, é um contributo valioso no sentido de se começar a descortinar os aspetos que podem influenciar a ocorrência de uma ou outra estrutura.

Falta, pois, uma análise mais profunda, que defina exatamente quais as construções aspetuais em que se atesta variação no PE, que a descreva e que resista à

associação genérica, e muitas vezes parcamente fundamentada, do gerúndio aos dialetos do Sul de Portugal e insulares (cf., por exemplo, Oliveira 2003, Segura 2013, Cunha 2013, Carrilho e Pereira 2011, Cunha 1998). Se em Carrilho e Pereira (2011) se apresenta, com base em dados do CORDIAL-SIN, uma caracterização geográfica exata dos dialetos que apresentam *estar* aspetual+gerúndio, continua a faltar uma análise que localize a variação noutras construções aspetuais durativas (como com *andar* e *ficar*).

Note-se ainda que estruturas introduzidas por verbos percetivos como em (3), que a literatura repetidamente aponta como um exemplo de comutabilidade entre gerúndio e infinitivo preposicionado (cf., entre outros, Duarte 1992),¹²² carecem de estudos detalhados. Tanto quanto pude verificar, o estudo da variação nesses trabalhos fica-se normalmente por curtas referências à possibilidade de intercambialidade das duas estratégias, sem a explicar nem caracterizar.

A (im)possibilidade de alternância entre gerúndio e infinitivo preposicionado noutras situações, nomeadamente em contextos adverbiais ou em perífrases aspetuais em que *ir* se associa a uma forma de gerúndio, tem sido também notada (cf., entre outros, Móia e Viotti 2004, Brocardo e Correia 2012). Bastante atenção tem sido dedicada a estruturas gerundivas do PD (cf. Lobo 2002, 2003, 2008), mas, mais uma vez, a preocupação não tem sido no sentido de caracterizar detalhadamente os casos em que a variação é possível. Há ainda outros trabalhos que importa mencionar, por apresentarem, ainda que sob perspetivas diversas, discussões sólidas sobre estruturas gerundivas e infinitivas que intimamente se relacionam com o tema deste trabalho: Duarte (1992), Neto e Foltran (2001), Oliveira, Cunha e Matos (2001), Oliveira, Cunha e Matos e Gonçalves (2002), Fiéis e Lobo (2010 e 2011), Barbosa e Cochofel (2004) e, de uma perspetiva dialetal, Carrilho e Lobo (2012), Carrilho e Pereira (2011 e 2013) e, novamente, Lobo (2001, 2006 e 2008). Mas também nestes trabalhos o foco não é a variação que pretendo investigar.

Tendo em conta o cenário exposto, parece-me legítimo considerar que falta uma análise que, com algum rigor, dê conta dos contrastes dialetais existentes no PE no que toca ao uso de gerúndio e *a*+infinitivo como variantes em sequências verbais. Falta, então:

¹²² A Construção de Infinitivo Preposicionado (CIP) é também tradicionalmente denominada Infinitivo Gerundivo (cf. Duarte 1992 e Sten 1953, entre outros), designação usada, precisamente, para dar conta da sua comutabilidade com gerúndio.

- (i) estudar mais detalhadamente a possibilidade de variação em típicas construções aspetuais durativas, contemplando não apenas as perífrases introduzidas por *estar*;
- (ii) perceber qual a verdadeira expressividade de *a*+infinitivo e gerúndio no PD nesses contextos;
- (iii) apresentar com mais exatidão a(s) área(s) onde se atesta gerúndio em perífrases aspetuais durativas;
- (iv) questionar se se trata, efetivamente, de duas estruturas variantes e identificar aspetos que possam motivar a variação;
- (v) observar a possibilidade de variação, no PD, em contextos introduzidos por verbos percetivos.

No que toca à construção aspetual progressiva *ir*+gerúndio, tipicamente apontada como um dos contextos que não permite variação, será também interessante ver o que dizem os dados dialetais.

Com o objetivo de trazer mais luz a estas questões, partirei dos dados do CORDIAL-SIN para analisar a possibilidade de variação nos contextos explicitados. A alternância em contexto de perífrases aspetuais durativas será detalhadamente descrita, não só pela expressividade dos exemplos do CORDIAL-SIN, mas também pelo interesse do seu confronto com o que tem vindo a ser descrito na literatura sobre o assunto. Trarei, pois, a discussão os dados dialetais relativos à alternância entre gerúndio e infinitivo na construção de *estar* progressivo – tema sobre o qual há já algumas descrições – mas apresentarei também outras construções aspetuais atestadas no *corpus*. Inspeccionarei igualmente os dados dialetais relativos a sequências introduzidas por *continuar* e por verbos percetivos – o que permitirá constatar que ambos os contextos nos revelam situações relevantes.

A perspetiva do trabalho será, como referi, contrastiva. Nesse sentido, os dados dialetais portugueses serão cruzados com dados de outras fontes. O objetivo é, em primeiro lugar, tornar possível um confronto entre PD o português europeu padrão (PEP), mas a análise será enriquecida com informação do galego, por esse confronto contribuir para uma correta interpretação e explicação dos dados.

Estruturei o trabalho em quatro capítulos. O primeiro servirá para esclarecer opções teóricas e terminológicas e para apresentar os trabalhos mais significativos no âmbito da variação aqui em estudo. Depois disso, no Capítulo 2, apresentarei, então, os

dados dialetais. Como já anunciei, pela expressividade dos dados, boa parte da discussão incidirá no cenário identificado para as construções aspetuais – e incluirá uma caracterização tão detalhada quanto possível sobre a distribuição geográfica das estruturas analisadas. O objetivo principal do capítulo é explicitar os contextos em que as duas estruturas se encontram atestadas no CORDIAL-SIN por oposição àqueles em que apenas uma das opções está disponível. Conforme veremos, registam-se casos de ocorrência exclusiva de *a+infinitivo* em contextos nos quais se esperaria encontrar variação: comentarei estes casos, relacionando-os com o que se sabe sobre a distribuição das duas estratégias no conjunto das línguas românicas e chamando a atenção para os factos que podem explicar a não variação: nomeadamente, a existência de propriedades sintáticas e semânticas associadas ao verbo introdutor da sequência que o afastam das típicas construções aspetuais durativas – com *estar*, *andar* e *ficar* – em que as duas estratégias coocorrem no *corpus*. Por ser uma apresentação geral dos dados relativamente à (im)possibilidade de variação, no PD, num conjunto vasto de sequências verbais, no Capítulo 2 comentarei várias estruturas, mas o foco será, entretanto, estreitado.

No Capítulo 3, confronto os dados dialetais com dados do PEP, e nessa análise serão apontados os contrastes mais significativos observados entre as duas variantes no que toca à variação em perífrases aspetuais. Um ponto central desse momento da investigação consiste em evidenciar a existência de diferentes estádios de gramaticalização das perífrases em análise no PD e no PEP.

Dedico o Capítulo 4 a uma reflexão atenta sobre o que poderá motivar a escolha de *a+infinitivo* ou gerúndio em perífrases com *estar* – que se assume como o mais importante contexto de alternância entre gerúndio e *a+infinitivo*. Olharemos, neste ponto, também para dados do galego, com o objetivo de alargar a análise a outro material linguístico e outra língua em que a variação em perífrases com *estar* também está atestada. Como se comprovará, esses dados são essenciais para um melhor entendimento da variação observada. A análise comparativa que aí desenvolvo tornará claro, entre outros aspetos, que o entendimento da variação passa por se ter em linha de conta o tipo semântico do verbo envolvido na construção aspetual e evidenciará que os traços de duratividade e telicidade inerentes ao verbo principal contribuem fortemente para explicar a alternância entre gerúndio e *a+infinitivo*. A variação atestada no PD e no galego, que será aí detalhadamente descrita, será explicada numa perspetiva diacrónica.

1.2. Delimitação de conceitos: considerações teóricas e terminológicas

Neste ponto, impõe-se definir uma série de conceitos essenciais à leitura do trabalho: nomeadamente, o de ‘perífrase verbal’, ‘verbo auxiliar’ e ‘verbo semiauxiliar’. Estes termos têm sido associados, na literatura, a uma multiplicidade de aceções, pelo que importa clarificar, desde já, estas noções e explicitar as minhas opções teóricas e terminológicas nesta matéria. Delimitarei, ainda, conceitos necessários a esta investigação no âmbito da categoria linguística ‘aspeto’.

Na secção anterior, quando identifiquei as questões de investigação desta segunda parte do trabalho, expliquei que começo por observar a variação entre gerúndio e *a*+infinitivo num vasto conjunto de sequências verbais, onde se incluem combinações de dois ou mais verbos com diferentes graus de dependência sintático-semântica. Explicitarei que neste conjunto incluo sequências verbais como as representadas em (4) e (5): em (4), estruturas que tradicionalmente têm sido caracterizadas como perífrases verbais aspetuais; em (5), estruturas que envolvem um verbo percetivo seguido de uma forma de gerúndio ou infinitivo preposicionado:

- (4) a. O menino **está a comer** chocolates.
 b. O menino **está comendo** chocolates.
- (5) a. O pai **viu** o menino **a comer** chocolates.
 b. O pai **viu** o menino **comendo** chocolates.

Para me referir especificamente às estruturas representadas em (4), que se tornarão o foco desta investigação, usarei o termo ‘perífrase verbal’, no sentido explicitado abaixo e alinhando-me com a análise de Gonçalves (1996, 1999). É a visão teórica desta autora que adoto para a análise de diferentes construções verbais como as exemplificadas acima, sendo também neste quadro teórico que me posiciono em matéria de auxiliaridade.

Na literatura, as definições existentes de ‘perífrase verbal’ não são totalmente coincidentes e o conjunto de estruturas consideradas sob essa designação é vasto e variado. Na tradição gramatical, vários autores tendem a abarcar sob a mesma designação construções como tempos compostos, perífrases aspetuais e temporais ou até sequências introduzidas por verbos plenos (cf., entre muitos outros, Said Ali 1931, Cunha e Cintra 1984, Bechara 1999), tornando difícil a diferenciação entre perífrases verbais e outras combinações verbais. Em estudos linguísticos mais recentes, a discussão em torno da

definição de ‘perífrase verbal’ continua, acompanhada por tentativas de se definirem critérios explícitos de auxiliaridade (cf., para o PE, Gonçalves 1996, Gonçalves e Costa 2002; ver também Raposo 2013a, entre outros). Mas ainda coexistem diversas definições de ‘perífrase verbal’ e as listas de verbos considerados auxiliares (ou semiauxiliares) continua a ser divergente de autor para autor.

Embora Gonçalves (1996, 1999) não utilize explicitamente o termo ‘perífrase verbal’ nos seus trabalhos de referência, por estudar construções que envolvem diferentes graus de dependência entre as formas verbais que as constituem e recorrer a outra terminologia¹²³ para dar conta dessa situação, a minha utilização do conceito para designar especificamente estruturas como (4) está em conformidade com a sua análise para estas construções. Uso, portanto, o termo ‘perífrase verbal’ recuperando o sentido em que ele é tradicionalmente utilizado (cf. Squartini 1998 e Torrego 1999) para me referir a uma construção em que uma forma verbal finita (verbo auxiliar ou semiauxiliar)¹²⁴ se combina com um verbo principal numa forma não finita (infinitivo, gerúndio ou participípio) para formar uma unidade sintática e semântica.

[T]he vast majority of Romance analytic forms (both highly synthetic forms and more analytic constructions) are formed with a finite verb that is marked with inflectional morphology for tense/aspect/mood plus a “nominal” or non-finite form of the verb that can be infinitive, gerund, present or past participle of the lexical verb.

Squartini 1998: 22

[P]erífrasis verbal es la unión de dos o más verbos que constituyen un solo ‘núcleo’ del predicado. El primer verbo, llamado ‘auxiliar’, comporta las informaciones morfológicas de número y persona, y se conjuga en todas (o en parte de) las formas o tiempos de la conjugación. El segundo verbo, llamado ‘principal’ o ‘auxiliado’, debe aparecer en infinitivo, gerúndio o participípio, es decir, en una forma no personal. Según se trate de una u otras formas, hablamos de perífrasis verbales de infinitivo, de gerúndio y de participípio.

Torrego 1999: 3325

¹²³ Usa, nomeadamente, os termos ‘complexo verbal’, para designar construções em que há apenas um domínio T (como com o auxiliar puro *ter*), e ‘predicado complexo’, para os casos em que a autora considera haver evidência para dois domínios T. Retomarei estes conceitos adiante nesta secção, quando introduzir outro – ‘verbos de reestruturação’ – que com eles se relaciona intimamente.

¹²⁴ Também para a distinção entre ‘auxiliar’ e ‘semiauxiliar’, que explicito em seguida, tenho por base o quadro de Gonçalves.

Entre as construções que estudarei estão, concretamente, sequências em que uma forma de gerúndio ou infinitivo precedido de *a* se combina com uma forma finita de *estar*, *andar* e *ficar*, resultando em configurações perifrásticas como as exemplificadas abaixo, tradicionalmente conhecidas como aspetuais.

(6) É claro, era quase álcool que o homem **estava a beber**. MTV

(7) A gente **andava cavando** milho, com a quentura, a gente bebia. CRV

(8) Eu **fiquei gostando** muito dela. CPT

Aos verbos finitos que introduzem as perífrases ilustradas em (6)-(8) chamarei verbos semiauxiliares, no sentido proposto por Gonçalves (1996).¹²⁵ Como mencionei, é nesta perspetiva teórica que se enquadra a visão de auxiliaridade que adoto e é nela que apoio a distinção entre verbo auxiliar e semiauxiliar que tenho por base neste trabalho – e que agora passo a explicitar.

A complexidade associada à definição de verbo auxiliar é conhecida na literatura e, como sabemos, a lista de verbos considerados auxiliares diverge – às vezes drasticamente – de autor para autor.¹²⁶ Uma das razões para esse facto é a falta de critérios explícitos de auxiliaridade, não sendo raro que as distinções propostas assentem em caracterizações semânticas vagas. Ilustrativo desta situação é o facto de, tradicionalmente, a existência de um processo de esvaziamento semântico¹²⁷ ser um dos principais critérios para identificação de verbos auxiliares ou estar na base da caracterização desta classe de verbos (cf. Said Ali 1931, Cunha e Cintra 1984, Bechara 1999).

Em estudos linguísticos mais recentes (para o PE, veja-se Gonçalves 1992, Gonçalves 1996, Gonçalves e Costa 2002 e Raposo 2013a, entre outros), têm-se elencado conjuntos de propriedades sintáticas e semânticas que contribuem para uma identificação clara das sequências de auxiliarização e é visível um esforço no sentido de distinguir diferentes construções verbais complexas. No entanto, mesmo quando se definem critérios específicos, o que acontece é que o comportamento dos verbos tradicionalmente considerados auxiliares perante essas propriedades não é uniforme, e que nem todos os

¹²⁵ Também me referirei a estes verbos como ‘marcadores aspetuais’ ou ‘verbos aspetuais’, apoiando-me na terminologia da literatura semântica.

¹²⁶ Na tradição gramatical identificam-se divergências inclusivamente em trabalhos de um mesmo autor (cf. Said Ali 1927, 1931).

¹²⁷ No sentido em que o verbo perde o seu sentido original (ou parte dele).

verbos satisfazem integralmente essas propriedades.¹²⁸ Este facto tem permitido caracterizar a auxiliaridade como um fenómeno gradual, e um critério central na identificação de um verbo auxiliar é a sua capacidade de acumular essas propriedades. A observação de que existe uma classe de verbos que satisfaz apenas uma parte dessas propriedades tem estado na base da distinção de uma classe de verbos semiauxiliares. Por outro lado, o verbo *ter* auxiliar dos tempos compostos, por exibir todas as propriedades sintáctico-semânticas associadas a estruturas de auxiliaridade, tem sido considerado um auxiliar puro. Por isso, nos estudos contemporâneos, defende-se que a distinção entre auxiliares e semiauxiliares é uma questão de grau, sendo neste sentido que se encara a auxiliaridade como um contínuo.¹²⁹

Em Gonçalves (1996) e Gonçalves e Costa (2002), apresenta-se um conjunto de critérios sintáctico-semânticos que permitem não só chegar a uma lista de verbos auxiliares do português, como também distinguir, com base nas diferenças de comportamento exibidas pelo conjunto de potenciais auxiliares, entre verbos auxiliares e semiauxiliares. *Ter* e *haver* seguidos de particípio passado são os únicos verbos que manifestam todas as propriedades apontadas como características de um verbo auxiliar, pelo que esses dois verbos são considerados os auxiliares puros do português. Outros verbos apenas exibem algumas propriedades dos auxiliares, como é o caso dos verbos aspetuais (seguidos de *a+infinitivo* ou gerúndio).

Apresento abaixo esses critérios – que, sublinho, são os que servem de base à distinção feita neste trabalho entre auxiliar e semiauxiliar. Nos exemplos expostos (de Gonçalves e Costa 2002), o comportamento de *ter* seguido de particípio passado ilustra o comportamento de um verdadeiro auxiliar.

¹²⁸ Além disso, como nota Raposo (2013a: 1234), a impossibilidade de analisar todos os verbos de uma língua candidatos a verbo auxiliar e o facto de existirem variações nos juízos dos falantes relativamente ao comportamento dos verbos investigados relativamente às propriedades consideradas relevantes contribuem para a complexidade da tarefa de se chegar a uma lista fechada e consensual de verbos auxiliares.

¹²⁹ Com o conceito de ‘auxiliaridade’ relaciona-se, intimamente, o de ‘gramaticalização’. A ideia de que verbos auxiliares e semiauxiliares têm origem em verbos plenos que, através de um processo contínuo de gramaticalização (no sentido de Hopper e Traugott 1993), vão perdendo propriedades de verbo lexical e se transformam em verbos auxiliares está bem documentada e fundamentada na literatura, sendo também consensual que o posicionamento do verbo no contínuo de auxiliaridade se relaciona com o seu grau de gramaticalização. Não me alongo aqui no desenvolvimento desta ideia, pois trata-se de um assunto discutido no Capítulo 3: aí proponho que as perífrases introduzidas por *estar*, *andar*, *ficar*, *continuar*, *ir* e *vir* se encontram, no PEP e no PD, em diferentes estádios de gramaticalização. Este conceito será, aí, apresentado e a discussão em torno de gramaticalização desenvolvida.

1. Impossibilidade de coocorrência com orações completivas finitas

- (9) a. O João tem ido ao cinema ultimamente.
b. *O João tem [que (a Maria) {vai/vá} ao cinema ultimamente].

2. Impossibilidade de substituição do domínio encaixado por uma forma pronominal demonstrativa

- (10) *O João tem [resolvido todos os exercícios propostos pelo professor], mas a Ana não o tem.

3. Impossibilidade de coocorrência de duas posições de sujeito

- (11) a. O João tinha comprado o jornal.
b. *O João tinha a Maria comprado o jornal.

4. Passivas encaixadas sem alteração do significado básico da ativa correspondente

- (12) a. O próprio diretor tem entrevistado *os candidatos*.
b. *Os candidatos* têm sido entrevistados pelo próprio diretor.

5. Impossibilidade de ocorrência do operador de negação frásica no domínio não finito

- (13) a. A Maria não tem visto a Ana.
b. *A Maria tem não visto a Ana.
c. *A Maria não tem não visto a Ana.

6. Ocorrência dos complementos cliticizados em adjacência ao verbo auxiliar

- (14) a. O João tem-nos apresentado os resultados da sua investigação.
b. *O João tem apresentado-nos os resultados da sua investigação.

7. Não seleção do sujeito

- (15) a. Ultimamente, [o Pedro] tem lido muitos livros de ficção científica.
b. *Ultimamente, [os meus gatos] têm lido muitos livros de ficção científica.
c. *Ultimamente, [os meus discos] têm lido muitos livros de ficção científica.

8. Coocorrência com qualquer classe aspetual de predicados verbais

- (16) O João tem *estado doente*. (estados)

- (17) Os atletas do Benfica têm *corrido*. (atividades)
 (18) Os assaltantes têm *destruído a cidade*. (processos culminados)
 (19) Quando se deu a guerra, o João já tinha *nascido*. (culminações)

9. Impossibilidade de ocorrência de modificadores temporais que afetem apenas a interpretação do domínio não finito

- (20) a. Ontem, o João já tinha saído (, quando eu lhe telefonei).
 b. O João já tinha saído ontem (, quando eu lhe telefonei).

Mostra-se que os verbos semiauxiliares partilham com os auxiliares algumas propriedades: nomeadamente, não coocorrem com complementos frásicos finitos, não selecionam o sujeito (na medida em que não lhe impõem restrições de seleção nem lhe atribuem papel semântico) nem impõem restrições sobre o predicado verbal do seu complemento (combinam-se com verbos de qualquer subclasse sintática e de qualquer classe aspetual). Mas afastam-se, no entanto, dos auxiliares relativamente a outros aspetos: por exemplo, os semiauxiliares aspetuais seguidos de *a*+infinitivo (como *estar*) permitem a ocorrência de operador de negação no complemento infinitivo (cf. (21)) e permitem a ocorrência dos complementos cliticizados do verbo no infinitivo tanto em adjacência ao verbo finito como ao infinitivo (cf. (22)):

- (21) a. O João **não** está a cumprir o que prometeu.
 b. O João está de novo a **não** cumprir o que prometeu.
 c. O João não está a **não** cumprir o que prometeu.

[cf. Gonçalves e Costa 2002: 72]

- (22) a. O Zé não está a comprar uma bola nova ao filho.
 b. O Zé não **lhe** está a comprar uma bola nova.
 c. O Zé não está a comprar-**lhe** uma bola nova.

[cf. Gonçalves e Costa 2002: 74]

A partir da observação de que alguns dos verbos considerados semiauxiliares acumulam mais propriedades típicas dos verbos auxiliares do que outros, organiza-se uma

escala de auxiliaridade. Partindo dos verbos mais próximos dos auxiliares para os que deles mais se afastam, temos, no quadro teórico que estou a citar, a seguinte gradação:¹³⁰

1. *Ser* passivo
2. Verbos temporais (*ir, vir, haver (de)*)
3. Verbos modais *poder* e *dever* e aspetuais seguidos de *a*
4. Verbo modal *ter (de)* e verbos aspetuais seguidos de *de* (e também *para* e *por*)

Todos os verbos relevantes para a minha investigação – *estar, andar, ficar, chegar, começar, continuar, ir* e *vir* seguidos de *a*+infinitivo (ou gerúndio) – se comportam como semiauxiliares de acordo com os critérios de Gonçalves. Este facto sustenta a minha opção por designar estes verbos como semiauxiliares.¹³¹

A utilização destes critérios permite excluir do conjunto de verbos auxiliares verbos que a tradição gramatical luso-brasileira tem considerado auxiliares (como os verbos *querer* e *conseguir*, entre outros).

Acontece que há, efetivamente, um conjunto de verbos que, não sendo auxiliares de acordo com os critérios que estamos a considerar, partilham com eles certas propriedades sintáticas. É o caso de verbos como *querer*, que selecionam um

¹³⁰ Este conjunto de verbos difere dos auxiliares pelas seguintes razões: *ser* passivo por permitir a substituição do complemento por um clítico demonstrativo; os verbos temporais (*ir, vir, haver (de)*) por permitirem a manutenção dos complementos cliticizados ao verbo no infinitivo em adjacência a este verbo; os verbos modais *poder* e *dever* e aspetuais seguidos de *a* por permitirem a ocorrência do operador de negação no complemento infinitivo e por permitirem a ocorrência dos complementos cliticizados ao verbo no infinitivo em adjacência a este verbo (e alguns destes verbos impõe restrições à classe aspetual do predicado verbal com que se combinam); o verbo modal *ter de* e aspetuais seguidos de *de, para* e *por* por não permitirem ocorrência dos complementos cliticizados do domínio infinitivo em adjacência ao verbo finito e por apresentarem restrições à classe aspetual do predicado verbal do complemento.

¹³¹ Gonçalves (1996) defende que os aspetuais seguidos de gerúndio apresentam uma estrutura idêntica à exibida pelos aspetuais seguidos de *a*+infinitivo. Ambos selecionam uma categoria Asp, mas Asp do gerúndio seleciona um VP e Asp de *a*+infinitivo seleciona um TP. Esclarece-se que Asp de gerúndio não rege um complemento frásico, mas um complemento verbal, sendo isso que explica que o comportamento destes verbos perante os testes de auxiliaridade apresentados nesse trabalho seja idêntico ao dos auxiliares típicos. No que toca especificamente aos verbos *ir* e *vir*, que expressam valor temporal quando seguidos de infinitivo (como nos exemplos de Gonçalves e Costa 2002 *O João vai jantar a casa da Maria* e *O João vem jantar a nossa casa*), analiso essencialmente situações em que esses verbos marcam valores aspetuais, como acontece quando se associam a uma forma de gerúndio, como em *o João foi melhorando o desempenho ao longo da prova*. Embora *ir* e *vir* seguidos de gerúndio não apareçam na escala de auxiliaridade de Gonçalves e Costa (2002) – considera-se apenas *ir* e *vir* temporais, que são classificados como semiauxiliares –, em Gonçalves (1996: 13) considera-se que *ir/vir* seguidos de gerúndio satisfazem todos os critérios de auxiliaridade considerados nesse trabalho. Nota-se, no entanto, que estes dois verbos seguidos de gerúndio, tal como *estar, andar, ficar* também combinados com gerúndio, diferem dos auxiliares em relação às propriedades de *c*-seleção: “Entre os verdadeiros auxiliares (*ter* e *haver*) e os que sofrem a atuação do processo de Reestruturação, situam-se os aspetuais seguidos de GER e o verbo *ser* passivo, que, embora não *c*-selecionem complementos frásicos, apresentam algumas características próprias que os distinguem dos verdadeiros auxiliares” (Gonçalves 1996: 47).

complemento infinitivo transparente para determinados fenómenos sintáticos locais. Vejam-se os exemplos abaixo, que mostram que tanto o auxiliar puro *ter* (seguido de participio passado) como o verbo principal *querer* permitem ocorrência de subida de clítico:

(23) a. Ontem, os soldados ainda não tinham capturado o terrorista.

b. Ontem, os soldados ainda não **o** tinham capturado.

(24) a. Todos os soldados queriam capturar o terrorista.

b. Todos os soldados **o** queriam capturar.

[exemplos de Gonçalves 2002: 47]

Esta situação é explicada se, como defende Gonçalves (1996, 1999, 2002) para o PE, considerarmos a existência de uma classe de verbos de reestruturação (no sentido de Rizzi 1982): verbos que, em determinados contextos, formam uma unidade do ponto de vista sintático com o verbo do seu complemento infinitivo, formando um predicado complexo. Uso o termo ‘predicado complexo’ no sentido inicialmente proposto por Burzio 1986 (e posteriormente retomado por outros autores, nomeadamente Gonçalves), devendo o conceito ser entendido, neste trabalho, como uma sequência de dois ou mais verbos que participam numa relação de complementação infinitiva e que, em determinados contextos, formam uma unidade sintático-semântica.

Na literatura sobre o assunto, tem sido considerada a existência de duas subclasses de predicados complexos: a construção de reestruturação, no sentido proposto por Rizzi (1982), e a construção fazer-Inf (termo de Kayne 1975). Entre os verbos que permitem a construção de reestruturação estão, entre outros, verbos que nas análises clássicas têm sido designados de controlo (como *querer*, *tentar*, *conseguir* e *desejar*) e de elevação (como os semiauxiliares aspetuais *estar a*, *começar a* e *continuar a*, os modais *poder* e *dever* e os temporais *ir* e *vir*).¹³² A construção fazer-Inf (Kayne 1975) abarca os predicados causativos (*mandar*, *deixar*, *fazer*) e os percetivos (*ver*, *ouvir*, *sentir*).¹³³

¹³² Assumo, na linha de Gonçalves (1992), que todos estes verbos podem ser considerados de elevação.

¹³³ Kayne (1975) mostra que em certas construções causativas do francês os clíticos ocorrem obrigatoriamente em adjacência ao verbo superior, situação que ilustro em (i). Rizzi (1982) mostra que no italiano, similarmente, construções com verbos como os equivalentes de *querer*, *poder*, *ir* e *vir* permitem subida de clítico (cf. (ii)). Em (iii) e (iv) apresento exemplos que mostram que essas construções também estão disponíveis em PE e que também nesta língua pode ocorrer subida de clítico, evidenciando que o complemento infinitivo revela transparência para este fenómeno sintático.

(i) a. Elle fera manger ce gâteau à Jean.
b. Elle le fera manger à Jean.
c. Elle lui fera manger ce gâteau.

Assim, neste trabalho e no quadro de Gonçalves para o PE (1996, 1999, 2002), distingo entre verbos auxiliares e verbos de reestruturação.

Os exemplos que apresento abaixo (de Gonçalves 2002: 47-50) evidenciam as propriedades comuns entre verbos auxiliares e de reestruturação. Verifica-se que tanto o auxiliar puro *ter* (seguido de particípio passado) como os verbos principais *querer*, *poder* e *decidir* – que aqui representam o conjunto de verbos de reestruturação – permitem subida de clítico (cf. (25)-(27)), movimento longo de objeto (cf. (28)-(30)), ocorrência de material lexical interposto entre os dois verbos da sequência verbal (cf. (31)-(33)) e, no caso de coocorrência de modificadores com valores temporais que não se intersetam, afetando cada um deles um domínio distinto, produz-se um resultado agramatical (cf. (34)-(36)).

(i) possibilidade de subida de clítico

(25) a. Ontem, os soldados ainda não tinham capturado o terrorista.

b. Ontem, os soldados ainda não **o** tinham capturado.

(26) a. Todos os soldados queriam capturar o terrorista.

b. Todos os soldados **o** queriam capturar.

(27) a. Os soldados não podiam capturar o terrorista.

b. Os soldados não **o** podiam capturar.

(ii) possibilidade de movimento longo de objeto

(28) Nas reuniões da Associação têm-se resolvido os problemas dos sócios.

(29) Nas reuniões da Associação querem-se resolver os problemas dos sócios.

(30) Nas reuniões da Associação podem-se resolver os problemas dos sócios.

(iii) adjacência verbal interrompida por material lexical diverso

(31) Quando falei com ele, o João não os tinha **ainda** entrevistado.

d. *Elle fera le manger à Jean.

e. *Elle fera lui manger ce gâteau. [cf. Kayne 1975: 255–256]

(ii) a. Piero ti verrà a parlare di parapsicologia.

b. Piero verrà a parlarti di parapsicologia. [cf. Rizzi 1982: 1]

(iii) a. O João não quer falar-te desse assunto.

b. O João não quer falar desse assunto. [cf. Gonçalves 1999: 2]

(iv) a. Ela mandou comer o bolo ao João.

b. Ela mandou-o comer ao João. [*o* = *o bolo*]

c. Ela mandou-lhe comer o bolo. [*lhe* = *ao João*] [cf. Gonçalves, Carrilho e Pereira 2016: 525]

(32) Quando os membros do grupo musical apareciam, os jornalistas queriam-nos **sempre** entrevistar.

(33) Após as conferências de imprensa com os jogadores, os jornalistas podem-lhes **sempre** colocar questões relacionadas com os jogos.

(iv) a coocorrência de modificadores com valores temporais com valores distintos origina sequências agramaticais

(34) a. Os jornalistas, anteontem, tinham divulgado a fotografia do culpado.

b. * Os jornalistas, **anteontem**, tinham divulgado a fotografia do culpado, **ontem**.

(35) a. Os jornalistas, anteontem, quiseram divulgar a fotografia do culpado.

b. *Os jornalistas, **anteontem**, quiseram divulgar a fotografia do culpado, **ontem**.

(36) a. Os jornalistas, anteontem, puderam divulgar a fotografia do culpado.

b. *Os jornalistas, **anteontem**, puderam divulgar a fotografia do culpado, **ontem**.

As construções afastam-se, contudo, noutras aspetos. Com verbos auxiliares o clítico não pode associar-se aos verbos principais (cf. (37b)), mas esta situação é possível na construção de reestruturação (cf. (38b) e (39b)):

(37) a. Ontem, os soldados ainda não tinham capturado o terrorista.

b. *Ontem, os soldados ainda não tinham capturado-**o**.

(38) a. Todos os soldados queriam capturar o terrorista.

b. Todos os soldados queriam capturá-**lo**.

(39) a. Os soldados ainda não podiam capturar o terrorista.

b. Os soldados ainda não podiam capturá-**lo**.

Os verbos de reestruturação podem ocorrer em contextos nos quais não se dá a formação de predicado complexo e, nessas situações, a negação do domínio encaixado é possível (cf. (40b), (41b) e (42b)), mas em nenhuma situação isso acontece com os verbos auxiliares, estruturas em que a negação, para produzir resultados gramaticais, deve preceder o verbo auxiliar e afeta todo o complexo (cf. (43)).

(40) a. Por razões de segurança, os americanos **não** querem viajar.

b. Por razões de segurança, os americanos { ?querem/desejam } **não** viajar.

(41) a. Por razões de segurança, os americanos **não** podem viajar.

b. Por razões de segurança, os americanos podem **não** viajar. [na interpretação relevante]

(42) a. Por razões de segurança, os americanos **não** decidiram viajar.

b. Por razões de segurança, os americanos decidiram **não** viajar.

(43) a. Por razões de segurança, os americanos **não** têm viajado.

b. *Por razões de segurança, os americanos têm **não** viajado.

A partir destas diferenças considera-se, neste quadro teórico, que verbos auxiliares e de reestruturação pertencem a duas classes distintas. É a ausência de T no complemento dos verbos tipicamente auxiliares e a defetividade de T encaixado na construção de reestruturação que, tendo a mesma consequência – um único domínio T sintaticamente ativo –, explicam o comportamento idêntico destes verbos em certos contextos. A defetividade de T na construção de reestruturação explica que, de um ponto de vista semântico, haja dependência temporal do domínio encaixado relativamente ao verbo mais alto (tal como acontece em construções com verbos auxiliares, em que só existe um domínio temporal) e determina que, a nível sintático, ocorra a formação de um predicado complexo (o que, mais uma vez, aproxima estes verbos dos auxiliares, que ocorrem num domínio em que T não se projeta). Assume-se, nesta perspetiva, que verbos de reestruturação ocorrem em domínios bioracionais e verbos auxiliares em domínios monoracionais.

Consideremos agora a categoria linguística ‘aspeto’. O aspeto veicula informação sobre a forma como é perspetivada ou focalizada a estrutura temporal interna de uma situação. Nos termos de Cunha (2013), “o aspeto é a área da semântica que estuda a estrutura das situações, possibilitando o estabelecimento de distinções no que diz respeito à sua constituição temporal interna” (cf. Cunha 2013: 586).

Tradicionalmente, é comum distinguir-se entre aspeto gramatical e aspeto lexical (ou *Aktionsart*, palavra alemã para designar modo de ação). Recorro, novamente, a Cunha (2013) para explicitar a distinção entre aspeto gramatical e aspeto lexical. Segundo o autor, o aspeto lexical “consiste no perfil temporal interno básico de uma situação, isto é, na sua classe aspetual básica, sendo obtido com base na interação entre informações veiculadas pelo verbo, pelos seus complementos (sobretudo o complemento direto e alguns sintagmas preposicionais) e, em casos excepcionais, também por certas características semânticas do sujeito” (cf. Cunha 2013: 587). Acontece que para a classificação aspetual

de uma frase contribuem, também, a informação veiculada pelos tempos gramaticais, por verbos de operação aspetual ou por adjuntos adverbiais temporais, pelo que se diz que o aspeto é composicional. Conforme esclarece Cunha (2013), “[a]os efeitos da atuação deste género de fatores sobre a classe aspetual básica de uma situação chama-se aspeto gramatical ou aspeto derivado (cf. Cunha 2013: 587).

As frases abaixo, de Cunha (2013), ilustram esta situação, ao pôr em evidência que são vários os instrumentos linguísticos capazes de veicular informação aspetual (neste caso, uma leitura de habitualidade). Na primeira frase é o presente do indicativo que marca esse valor, na segunda é o adjunto adverbial de duração temporal, na frase (46) é o próprio verbo *costumar* e, na frase (47), a interação entre o imperfeito e o adverbial de frequência.

(44) A Maria *toca* piano.

(45) A Maria *tocou* piano *durante 20 anos*.

(46) A Maria *costumava* tocar piano.

(47) A Maria *tocava* piano *todas as noites*.

[exemplos de Cunha 2013: 587]

A partir da observação de que as expressões que identificam situações não são todas do mesmo tipo, várias tipologias aspetuais têm sido propostas.

Na base dessas propostas estão traços aspetuais que permitem descrever o perfil temporal interno de cada situação. Destacam-se, entre as propriedades mais relevantes, a dinamicidade, a duratividade, a telicidade e a homogeneidade. As situações dinâmicas compõem-se por fases sucessivas que progredem temporalmente (como *ler* ou *comer um gelado*). Opõem-se a situações estativas, que ocupam um intervalo de tempo no qual não é possível discernir fases intrínsecas que façam progredir a situação. Em situações estativas, como *ser português* e *gostar de chocolate*, não ocorre nenhuma modificação no estado de coisas descrito. A pontualidade opõe-se à duratividade, no sentido em que situações pontuais são temporalmente indivisíveis e correspondem a situações a que normalmente não é associada uma duração (como os predicados *cair*, *tocar à campainha* e *cortar a meta*), contrastando com as situações que têm alguma duração temporal, isto é, que se prolongam num determinado intervalo de tempo (como *ler* ou *comer um gelado*). Se a situação tender para um fim, ou seja, se contiver um final intrínseco que delimita a sua conclusão (como *pôr o carro na garagem* e *escrever um livro*) é uma situação télica.

Por outro lado, uma situação atélica não tende para uma fronteira final intrínseca, pelo que o seu fim é arbitrariamente definido (como *correr, nadar, passear pela cidade*). Se as partes que compõem uma situação são indistintas, ou seja, se qualquer momento do intervalo de tempo que ocupa a situação apresenta as mesmas características de qualquer outra parte constitutiva da situação, o predicado é homogéneo, como em *dormir*. Nestes casos, as situações são divisíveis sem que as partes que as compõem e identificam sejam alteradas. Por outro lado, as situações heterogéneas são compostas por partes que diferem umas das outras e da situação considerada globalmente, como acontece nos predicados *pôr o carro na garagem e ir ao supermercado*.

A tipologia de Vendler (1967) e a de Moens (1987), ambas estabelecidas para o inglês, têm sido consideradas relevantes também para o português. Genericamente, estas e outras tipologias que têm sido propostas estabelecem distinções aspetuais lexicalmente marcadas, ou seja, classifica-se um sentido aspetual inerente dos predicados.

A classificação de Vendler (1967) é quadripartida e distingue entre *accomplishments* (processos culminados), que são predicados télicos, durativos e não estativos; *achievements* (culminações), que correspondem a predicados télicos, não durativos e não estativos; *activities* (processos), predicados atélicos, durativos e não estativos; e *states* (estados) – predicados atélicos, durativos e estativos.

A tipologia de Moens (1987), muito próxima da de Vendler (1967), estabelece ainda uma distinção entre *culminations* (culminações) e *points* (pontos) – ambas são situações não durativas, pontuais, mas as culminações são associadas a um estado consequente relevante, ao passo que os pontos não apresentam essas consequências.

Para dar conta de diferenças relativamente à estrutura das situações, é comum referir-se aspeto ingressivo,¹³⁴ continuativo, cessativo, terminativo e resultativo (cf., por exemplo, a descrição apresentada em Cunha 2013: 586). Fala-se em aspeto ingressivo se a situação é perspetivada na sua parte inicial (cf. (48)); em aspeto continuativo se se focaliza a parte intermédia (cf. (49)); em cessativo se o foco é a interrupção do decurso de uma situação (cf. (50)); em terminativo quando se perspetiva a parte final (cf. (51)); e em resultativo quando se salienta um resultado ou uma consequência de uma situação (cf. (52)):

(48) O João *começou a escrever* o livro.

(49) O João *continuou a escrever* o livro.

(50) O João *parou/deixou de escrever* o livro.

¹³⁴ Também chamado ‘incoativo’ ou ‘incetivo’.

(51) O João *acabou de escrever* o livro.

(52) O livro *está escrito*.

[exemplos de Cunha 2013: 586]

Pelo facto de o termo ‘continuativo’ ser usado para descrever uma situação perspectivada na sua fase intermédia, é possível relacioná-lo com o conceito de duratividade, na medida em que é possível atribuir, à situação descrita, alguma duração.

Também o conceito ‘progressivo’ – que, do ponto de vista do desenvolvimento da ação, tem sido usado, a par do termo ‘cursivo’, para descrever eventualidades perspectivadas como estando em desenvolvimento ou em curso (*ongoing*, na tradição gramatical inglesa), como acontece na construção com *estar* seguido de *a*+infinitivo ou gerúndio – se relaciona com a ideia de duratividade.¹³⁵ Por se perspetivar uma ação em desenvolvimento, e portanto não concluída, o aspeto progressivo relaciona-se, ainda, com a noção de aspeto imperfetivo – termo usado, na linha de Comrie (1976), para descrever situações perspectivadas sem uma conclusão expressa, por oposição a aspeto perfetivo (que descreve uma situação concluída e claramente limitada).

O facto de estes conceitos – ‘continuativo’, ‘durativo’, ‘progressivo’, ‘cursivo’ e ‘imperfetivo’ – se cruzarem explicará a utilização às vezes aparentemente indistinta dos mesmos na literatura sobre a construção progressiva (cf. 1.3.1. adiante). É, contudo, nos sentidos acima explicitados que os usarei ao longo deste trabalho.

Ainda da perspetiva do desenvolvimento da ação, o termo ‘gradativo’ tem sido usado para descrever aspetualmente uma situação que se desenrola de uma forma gradual, por etapas, como acontece na construção *ir*+gerúndio. Trata-se de um conceito que também se relaciona com a ideia de ‘progressivo’,¹³⁶ mas será usado, neste trabalho, exclusivamente para caracterizar situações cuja realização implica etapas sucessivas (como na construção *ir*+gerúndio).

Há, ainda, distinções aspetuais importantes no que toca a padrões de repetição de uma situação. Conforme nota Cunha (2013: 586), os tipos de repetição comumente referidos são três: repetição simples, iteração e repetição habitual. A repetição simples designa uma situação “quantificada num âmbito temporal particular e relativamente delimitado, mas em que cada uma das suas realizações é encarada autonomamente” (cf.

¹³⁵ Para o português, ver, entre muitos outros, Cunha (1998), Oliveira (2003) e Cunha e Cintra (1984).

¹³⁶ Cf. Barroso (1994, 2007), que usa o termo ‘progressivo-gradativo’ para designar construções com *ir* e *vir* seguidos de gerúndio e *vir* seguido de *a*+infinitivo.

(53)); a iteração “obtém-se quando uma situação é repetida numa porção espaço-temporal delimitada, mas sendo o conjunto dessas repetições perspectivado como um evento único” (cf. (54)); e a repetição habitual, que se obtém tipicamente com o verbo no presente ou no imperfeito do indicativo, “representa um padrão de repetição da situação suficientemente relevante a ponto de poder ser considerado como uma propriedade característica de entidade representada pelo sujeito gramatical” (cf. (55)).

(53) Na semana passada, a Maria foi ao cinema

{ { três/poucas/várias/muitas } vezes/frequentemente }.

(54) O João espirrou durante meia hora.

(55) O Zé fuma charutos. (= o zé é fumador de charutos)

[exemplos de Cunha 2013: 586]

Tendo esclarecido os conceitos essenciais à leitura deste trabalho, passo a apresentar uma breve revisão de literatura acerca da variação entre gerúndio e *a*+infinitivo em português. Iniciarei, depois, a discussão dos dados.

1.3. A variação entre gerúndio e *a*+infinitivo na literatura do português

O trabalho de Mória e Viotti (2004) traça um retrato bastante completo e incisivo relativamente a diferenças entre PE e PB quanto ao uso de gerúndio. Os autores caracterizam os vários contextos em que o gerúndio pode ocorrer (o gerúndio pode ser, de acordo com a terminologia dos autores, independente, argumental, perifrástico, adnominal e adverbial) e explicam que se centram no que consideram ser os dois maiores contextos de utilização: perifrástico e adverbial. Salientam que, em geral, a utilização do gerúndio em PE e PB é bastante semelhante, mas notam a existência de diferenças, nomeadamente a nível do gerúndio perifrástico – o contexto que aqui nos interessa.¹³⁷

A partir de dados de *corpora* contemporâneos, notam que em construções com *estar* o domínio de *a*+infinitivo é inquestionável no PE, ao passo que, no PB, o gerúndio é preferencial. Referem que com outros verbos auxiliares (entre os quais *andar* e *ficar*) e com a expressão *passar a vida* a tendência é semelhante, mas que a situação não é linear:

The overall picture of the «gerúndio»-infinitive competition with auxiliary verbs in EP and BP is, however, more complex than the mere consideration of this bunch of verbs might suggest. Other cases, where the above mentioned tendencies for the use of the «gerúndio» or the infinitive are different, need to be considered.

Mória e Viotti 2004: 117

Como exemplo dessa situação não linear referem o caso de *continuar*, que, segundo os autores, pode ocorrer tanto em PB como em PE em aparente variação livre. Referem, ainda, casos em que PB e PE mostram a mesma tendência, associando-se a apenas uma estratégia: apontam, entre outros exemplos, o caso de *ir* seguido de gerúndio para expressar gradação temporal, *vir* seguido de *a*+infinitivo em construções que expressam posterioridade temporal e a ocorrência de infinitivo preposicionado com *começar*, *chegar*, *voltar* e *tornar*.

Uma observação particularmente curiosa é a seguinte:

¹³⁷ No que toca a diferenças relativamente ao gerúndio adverbial, notam contrastes em gerundivas preposicionadas introduzidas por *em*: com valores causais e condicionais são comuns no PB mas não em PE; com valor temporal, atestam-se em PE mas não são comuns no PB. Mas os autores destacam, essencialmente, o facto de o gerúndio estar a cair em desuso no PE em construções adverbiais em que se observa sobreposição temporal das situações descritas.

More striking is the difference between EP and BP which amounts to the fact that, in (at least some variants of) EP, the «gerúndio» tends to fall into disuse after some auxiliary aspectual verbs, like *estar* or *andar*, or in adverbial gerundive clauses that involve temporal overlapping of activities, for instance. (...) Furthermore, the tendency to abandon the «gerúndio» shows some regularities – e.g. temporal and aspectual restrictions –, but evinces some asymmetries as well, typical of phenomena that have not completely stabilized. This is particularly evident in the case of the periphrastic «gerúndio», where verbs within the same syntactic and semantic family seem to behave differently.

Móia e Viotti 2004: 138

Ainda que os autores não aprofundem o tema, é nítido que consideram a situação merecedora de atenção. Será, pois, interessante ver o que os dados dialetais poderão acrescentar a esta discussão.

Entre os trabalhos que descrevem contrastes entre PE e PB, além de Móia e Viotti (2004) importa referir, também, Oliveira, Cunha e Gonçalves (2004), que contém ideias importantes para os propósitos desta investigação: apresento este trabalho na próxima secção (cf. 1.3.1.), dedicada ao que tem sido dito sobre a variação especificamente em perífrases aspetuais.

A nível da variação observada no PE, os trabalhos de Mothé (2007, 2014) são uma referência absolutamente necessária. A autora segue uma abordagem diacrónica, que não é a que sigo neste trabalho, e analisa a competição entre *a+infinitivo* e gerúndio em diferentes contextos no PE dos séculos XIX e XX. O facto de a alternância ser analisada a partir de dados de *corpora* bastante expressivos e de os dados serem tratados de forma a evidenciar que aspetos podem favorecer a ocorrência de *a+infinitivo* ou gerúndio torna os trabalhos particularmente relevantes para os propósitos da minha investigação.

Em Mothé (2007) caracteriza-se o avanço do infinitivo gerundivo (para usar a designação da autora) em PE nesses dois séculos e analisam-se diferentes contextos sintáticos e semânticos – incluindo contextos perifrásticos e adverbiais. Uma conclusão central é que são as perífrases verbais com *estar*, *andar*, *ficar* e *continuar* que mais favorecem o uso de *a+infinitivo*.

Além de se notar que *a+infinitivo* ocorre mais facilmente nos contextos perifrásticos com *estar*, *andar*, *ficar* e *continuar*, elencam-se outros aspetos que parecem facilitar a ocorrência da estratégia. Associa-se a presença de adverbiais de tempo, modo ou lugar antes da estrutura gerundiva ou no meio da perífrase verbal à ocorrência de *a+infinitivo* e refere-se, por outro lado, a presença de próclise ou a presença de clítico

entre o verbo auxiliar e o verbo principal nas perífrases como desfavorecedores do uso de *a+infinitivo*. Em contextos adverbiais, sublinha-se que são as orações condicionais, as modais e as temporais que mais parecem favorecer *a+infinitivo*.

Bastante interessante é o facto de o trabalho também sugerir como relevante, para a explicação da variação, uma análise a partir do tipo semântico do verbo. Conclui a autora, a este propósito, que são os processos que caracteriza como mentais e relacionais que mais desfavorecem o uso de *a+infinitivo*. Como se compreende, estes dados representam contributos sólidos no sentido de caracterizar a variação entre *a+infinitivo* e gerúndio no PE e várias destas pistas serviram para orientar a minha pesquisa (especialmente os dados que sugerem a relevância de se considerar o tipo semântico de verbo no estudo da variação – cf. Capítulo 4).

Numa nota mais geolinguística, a autora refere que os dados caracterizados como pertencentes ao género textual *notícias* sugerem que *a+infinitivo* avança ao longo do tempo de forma indistinta pelo território português. Conforme refere, são dados que contrariam “alguns autores e o senso comum, que costumam afirmar que o Alentejo e o Algarve seriam redutos conservadores da forma nominal gerúndio” (cf. Mothé 2014: 375). São, sem dúvida, dados interessantes (ainda que o avanço aparentemente indistinto pelo território quando os textos analisados pertencem ao género noticioso possa ser justificado, creio, precisamente pelo género textual em questão: não é surpreendente uma eventual preferência dos meios de comunicação por *a+infinitivo*, a estratégia padronizada e associada a prestígio social e linguístico). Voltaremos a eles aquando da caracterização geográfica dos dados do CORDIAL-SIN inspecionados no Capítulo 2.

Pelo facto de a variação interna ao PE – a que estou a analisar – ser mencionada essencialmente a propósito das construções aspetuais, é nelas que me foco nas próximas páginas. Exponho, então, um resumo do que tem sido dito na literatura do PE sobre a alternância entre gerúndio e *a+infinitivo* em construções aspetuais, para depois apresentar os dados do CORDIAL-SIN.

1.3.1. A variação no PE em perífrases aspetuais durativas: breve revisão de literatura

Quando procuramos estudos sobre a competição entre gerúndio e infinitivo preposicionado em português, e como ficou claro pelo que já expus na introdução deste capítulo, encontramos quase exclusivamente trabalhos que se ocupam de descrever a

oposição entre a variedade padrão do PE e o PB. Também como já notei, trabalhos que consideram a competição entre gerúndio e infinitivo preposicionado em dialetos do PE são, além de poucos, parcelares nas descrições que apresentam.

Os trabalhos que a seguir sumariamente se referem ilustram bastante bem o tratamento que, regra geral, tem sido dado a este tema. A possibilidade de variação entre gerúndio e *a*+infinitivo em construções aspetuais é associada, quase exclusivamente, a construções com *estar*. Os dialetos do PE que permitem gerúndio em construções aspetuais não são convenientemente identificados e, às vezes, as localidades referidas divergem de autor para autor. Adicionalmente, verifica-se um uso relativamente indistinto de noções como ‘progressivo’, ‘durativo’ e ‘cursivo’, o que também contribui para uma caracterização pouco precisa deste tópico.

Começemos pela *Gramática da Língua Portuguesa*, em que Mateus (2003) nota que as construções com gerúndio podem ter funções sintáticas de progressivo e de predicados secundários e que, em ambos os casos, o PB apresenta construções com gerúndio, mas que “o PE apresenta quase sempre construções com infinitivo” (cf. Mateus 2003: 48). Por outro lado, a referência a dialetos que permitem a opção com gerúndio é reduzida a uma nota de rodapé: “A construção com gerúndio também se encontra em dialetos do sul de Portugal” (cf. Mateus 2003: 48).

Na mesma gramática, numa secção sobre operadores aspetuais, Oliveira (2003) aponta construções com *estar a*, *começar a*, *continuar a*, *acabar de* e *andar a* seguidos de infinitivo como exemplos de verbos de operação aspetual. Destaca a construção que considera “mais debatida e também de uso muito frequente em português: o **Progressivo** [em negrito no original], que se obtém em português europeu com *estar a*+infinitivo” (cf. Oliveira 2003: 145-146).

Mais uma vez, a referência à possibilidade de gerúndio surge em nota de rodapé, e desta feita apontam-se exclusivamente os dialetos alentejanos como variedade do PE que o permite: “Em português do Brasil esta construção obtém-se com *estar*+*Gerúndio*, como acontece noutras línguas e variedades do português europeu do Alentejo.” (cf. Oliveira 2003: 146).

Não encontrei nenhuma referência da autora à possibilidade de gerúndio com os outros marcadores que descreve.

O mesmo tratamento fugaz se encontra em Cunha (1998), num estudo de natureza essencialmente semântica que claramente não tem como prioridade caracterizar a variação que nos interessa: “As denominadas Construções Progressivas, tipicamente

realizadas através de *estar* a+infinitivo, na Norma Padrão do Português Europeu, ou *estar*+Gerúndio, em certas variedades do Alentejo e Açores e no Português do Brasil, não só são possíveis com praticamente todos os Tempos Gramaticais admitidos nesta língua (...), mas também parecem poder ocorrer com a (quase) totalidade das classes aspectuais de predicções (...)” (cf. Cunha 1998: 54).

Mesmo em trabalhos de grande fôlego sobre perífrases e aspeto verbais, como é o caso de Barroso (1994, 2007), a alternância entre gerúndio e a+infinitivo continua a não ser explorada.

Refere-se brevemente nesses trabalhos a possibilidade de a+infinitivo e gerúndio em construções de progressivo (introduzidas por *estar*), em construções que o autor designa como progressivo comitativo (introduzidas por *andar* e *viver*), e progressivo gradativo (com *ir* e *vir* seguidos de gerúndio e *vir* seguido de a+infinitivo),¹³⁸ mas a descrição não vai muito mais além disso.

Uma maior preocupação em descrever a possibilidade de gerúndio perifrástico em português, a par da estratégia a+infinitivo dominante na variedade padrão, é visível em Raposo (2013a):

Quando este verbo é *estar*, *ficar*, *continuar* e *andar*, as perífrases têm uma versão alternativa na qual estes verbos selecionam o gerúndio e a preposição *a* não ocorre, sendo esta a versão preferida no português brasileiro e nalguns dialetos do sul de Portugal e dos Arquipélagos dos Açores e da Madeira.

Raposo 2013: 1274

É interessante a escolha do termo “preferência” para caracterizar a opção com gerúndio desses dialetos, fazendo supor que essa estrutura é a dominante nessas áreas. Como verificaremos adiante, os meus dados sugerem que falar em preferência pelo gerúndio nessas localidades não é, necessariamente, acertado. São exemplos do autor:

(56) A Clara está falando pelo telefone.

(57) A Seleção ficou sendo dirigida pelo Paulo Bento.

(58) Continua chovendo.

(59) O Cristiano Ronaldo anda marcando muitos golos nesta temporada.

¹³⁸ Como veremos adiante, quando associados a *ir* e *vir* gerúndio e a+infinitivo não veiculam leituras necessariamente equivalentes.

Raposo (2013a) sublinha que “quando o verbo é *começar, passar, chegar, voltar* e *tornar*, as perífrases verbais não permitem esta opção, inclusive nos dialetos que admitem [gerúndio]”.

A partir destes contrastes, nota que é possível distinguir dois usos aspetuais distintos associados à preposição *a*. Refere um uso télico, de valor temporal pontual, que introduz a ideia de um limite inicial ou final (observado com *chegar, tornar, voltar, começar* e *passar*), e um uso durativo da preposição *a* que a faz equivaler ao gerúndio. Explica neste ponto que à “sequência formada por *a* durativo e pelo sintagma verbal seguinte com o verbo no infinitivo (por exemplo: *A Clara está a falar ao telefone*), chamamos construção do infinitivo preposicionado” (cf. Raposo 2013a: 1275). Há assim uma referência explícita, neste trabalho, à equivalência entre a CIP e o gerúndio, a par de uma preocupação em elencar os verbos que, tal como *estar*, legitimam ocorrência do gerúndio.

Segura (2013), num capítulo da mesma obra dedicado à descrição das variedades dialetais do PE, revela também algum cuidado na sua apresentação. Começa por associar a possibilidade de gerúndio em perífrases com *estar* e *andar* a dialetos do Sul:

Regista-se também como próprio dos dialetos do Sul o uso preferencial de perífrases verbais construídas com os auxiliares *estar* ou *andar* seguidos de gerúndio do verbo principal, para exprimir um valor aspetual durativo, incluindo o progressivo

Segura 2013: 136

Mas o trabalho vai mais longe e apresenta uma lista exata de localidades onde se atesta gerúndio em contextos perífrásticos, fornecendo-se relevantes exemplos extraídos de *corpora*. Entre esses exemplos contam-se vários extraídos do CORDIAL-SIN, e segundo a autora atestam a ocorrência de gerúndio em perífrases com *estar* e *andar* em “dialetos do Alentejo, do Algarve, e também dos Açores e da Madeira”, além de ocorrências “no norte de Trás-os-Montes, nos distritos de Vila Real e Viseu”.

Contudo, é relevante notar que Raposo (2013a) e Segura (2013) divergem na lista de verbos que consideram ser possíveis com gerúndio. Veja-se como, numa descrição que contrasta com a de Raposo, Segura nota a possibilidade de gerúndio inclusivamente em contextos não durativos. Diz a autora que, nos mesmos dialetos, “a preferência pela construção auxiliar+gerúndio em vez de *a*+infinitivo verifica-se inclusivamente noutras

perífrases (incluindo algumas de valor não durativo), como se verifica com os verbos *começar*, *ficar* e *vir*” (cf. Segura 2013: 137).

Destas palavras de Segura (2013) pode-se intuir que gerúndio não só é possível, como produtivo, nesses dialetos, em contextos não durativos. Ainda que os dados do meu trabalho confirmem a atestação – residual – de gerúndio com *começar*, tecerei considerações sobre a necessidade de cautela neste tipo de afirmação no momento oportuno.

Mais uma vez se verifica a utilização do termo “preferência”, ainda que, também mais uma vez, não sejam apresentados dados que comprovem essa maior produtividade de gerúndio nesses contextos e nessas áreas.

Assim, as pertinentes observações destes dois autores não deixam de ser, em alguns pontos, contraditórias e referem, mesmo sem apresentar fundamentação, a preferência pelo gerúndio em dialetos do Sul.

Um pequeno conjunto de trabalhos merece destaque por tratar mais diretamente o tema da variação e por apresentar descrições mais detalhadas que contrastam com as breves referências da maioria das obras atrás citadas. Mória e Viotti (2004) faz parte desse conjunto, mas, por constituir um estudo comparativo entre PE e PB que já comentei acima e por considerar vários contextos de alternância sem explorar particularmente os aspetuais, não voltarei a ele nesta secção. Lembro, apenas, que os autores notam um domínio claro, no PE, de *a+infinitivo* em construções aspetuais com *estar*, mas sublinham que com outros verbos (nomeadamente, *continuar*) a preferência de *a+infinitivo* em detrimento de gerúndio não é linear.

O estudo de Oliveira, Cunha e Gonçalves (2004), trabalho também já mencionado, centra-se na comparação entre PE e PB mas merece destaque por refletir precisamente sobre os contextos que me interessam – construções aspetuais – e por ser um dos raríssimos trabalhos consultados que tenta justificar a variação encontrada, oferecendo explicações semânticas e sintáticas para esses contrastes.

Oliveira, Cunha e Gonçalves (2004) apresentam explicações pertinentes para as diferenças identificadas entre PE e PB. Ainda que não retrate a variação interna ao PE, menciona-se brevemente que os marcadores aspetuais *estar*, *andar*, *ficar*, *começar*, *passar* e *continuar* que ocorrem na variedade padrão do PE com *a+infinitivo* permitem gerúndio em alguns dialetos do Sul do território.¹³⁹ A alternância verificada no PB entre

¹³⁹ “As we have just seen in the previous section, the aspectual verbs given in Table II co-occur with *a + Inf* in standard contemporary EP” (cf. Oliveira, Cunha e Gonçalves 2004: 149). E, em nota de rodapé na

a+infinitivo e gerúndio é explicada pelos autores a partir de um contraste entre *inputs* de natureza eventiva *vs.* estativa. Defendem que a um *input* estativo corresponderá a estratégia *a*+infinitivo, ao passo que a *inputs* eventivos corresponderá a opção com gerúndio. Segundo os autores, é essa a explicação para a ocorrência preferencial, no PB, de *estar*, *andar* e *ficar* com gerúndio (dado o *input* eventivo destas construções), de *começar* e *passar* com *a*+infinitivo (*input* estativo) e o que explica, também, a ocorrência das duas variantes com *continuar*, que aceita, segundo os mesmos autores, *inputs* de natureza eventiva ou estativa. Será interessante verificar se esta hipótese se aplica à realidade do PD, ou seja, se a explicação para a variação atestada nos meus dados do PD também passa por contrastes desta natureza. O mesmo trabalho aponta ainda diferenças sintáticas básicas entre PE e PB relativamente às estruturas em apreço. Assume-se que os verbos aspetuais seguidos de *a*+infinitivo selecionam um domínio TP e atribuem-se as diferenças observadas entre PB e PE a aspetos relacionados com a defetividade de T:

the syntactic facts allow us to conclude that the infinitival complement is structurally distinct in the two varieties. In fact, although T can be either active or defective in these varieties, the defectivity of this head has distinct consequences: in EP, it forces the complex verb formation, and Clitic Climbing is attested; in BP, the defective T does not prevent clitics from being licensed within the embedded domain but it restricts their position *w.r.t.* the verb”¹⁴⁰

Oliveira, Cunha e Gonçalves 2004: 160-161

Existem estudos, além dos de Mothé (2007, 2014), acima referidos, que dão atenção à variação entre gerúndio e *a*+infinitivo de uma perspetiva essencialmente diacrónica, preocupando-se em descrever o percurso de substituição de gerúndio por *a*+infinitivo e desenvolvendo abordagens que apenas em parte podem ser úteis para os contrastes sincrónicos que pretendo descrever. Explicações diacrónicas serão, naturalmente, fornecidas quando forem relevantes para a explicação dos meus dados, mas não me alongarei nelas porque o meu objetivo é outro e uma revisão exaustiva da literatura existente a esse nível fica fora do âmbito desta investigação. De qualquer forma, Hricsina (2014) e Osório e Vázquez Diéguez (2018) são contributos relevantes que não

mesma página, “(...) it should be pointed out that in some southern dialects the Gerund construction is also available to some extent, as we mention below”.

¹⁴⁰ Os autores assumem que tanto *a*+infinitivo como gerúndio são uma projeção de Asp. No entanto, na estrutura *a*+infinitivo a preposição encabeça um SAsp e na construção com gerúndio essa categoria é vazia.

posso deixar de referir no âmbito dos trabalhos que se inserem neste tipo de análise (e a eles voltarei mais adiante nesta investigação, aquando da discussão de dados específicos).

2. A VARIAÇÃO NO PD: OS DADOS DO CORDIAL-SIN

2.1. Metodologia e extração de dados

De modo a explorar a competição entre *a*+infinitivo e gerúndio não só em perífrases aspetuais, mas também noutras combinações verbais, nomeadamente construções dependentes de verbos percetivos, foi feito um levantamento de ocorrências, através da extração de concordâncias,¹⁴¹ de *a*+infinitivo e gerúndio antecidos de verbo (em adjacência e com constituintes interpostos).

A busca devolveu, naturalmente, uma multiplicidade de ocorrências, quer de *a*+infinitivo, quer de gerúndio, correspondentes a diferentes contextos morfossintáticos – alguns dos quais associados à possibilidade de variação, outros não. As ocorrências reunidas tiverem, pois, de ser classificadas e organizadas.¹⁴²

De forma a seleccionar apenas o conjunto de dados relevante, todos os usos adverbiais das estruturas em análise (como em (60) e (61)) foram excluídos.

(60) Depois dali nasce - em **tendo** ao fim de um ano, bem enxertado - da qualidade da uva que a gente quer. ALC

(61) Era todo o bichinho é que lá corria **a picar** no ovo. CBV

Várias sequências de V1+V2 em que a segunda forma verbal corresponde a um infinitivo introduzido pela preposição *a* são estruturas que não representam casos de alternância com gerúndio nem no PD nem no PEP. Trata-se de estruturas de controle em que a oração infinitiva funciona como complemento de um verbo principal, numa posição mais alta na frase (por exemplo, com os verbos *ajudar*, *obrigar*, *dedicar-se* e *habituar-se*). Estes casos, abaixo ilustrados, também não serão analisados.

(62) Ele não os **obrigou a dar** nada, eles é que quiseram dar. MLD

¹⁴¹ O programa utilizado foi o Concordance for Windows XP, NT 5.1, Copyright © R.J.C.Watt, 1999-2004.

¹⁴² A decisão de estudar a alternância entre gerúndio e infinitivo preposicionado especificamente em construções verbais surgiu na sequência de uma análise prospetiva de ocorrências de gerúndio e *a*+infinitivo no CORDIAL-SIN (que incluiu a observação de um total de 2095 ocorrências de gerúndio e 4694 de *a*+infinitivo). A escolha deste tópico justifica-se, como já referi, pelo interesse em preencher as lacunas existentes na literatura e pela constatação de que se trata de um contexto de variação nos dados do CORDIAL-SIN, que revela, como veremos, factos interessantes.

(63) as galinhas **habituarão-se a comer** os ovos. CBV

Registaram-se ainda ocorrências de *ir* e *vir* seguidos de gerúndio e de *a+infinitivo* que não correspondem a contextos de variação, mas que serão tratados noutra parte deste capítulo, por revelarem situações interessantes (cf. secção 2.4).¹⁴³

Excluídos todos os contextos irrelevantes, conseguiu-se uma primeira visão do cenário relativo à alternância entre gerúndio e infinitivo preposicionado, no CORDIAL-SIN, em sequências verbais. É isso que se apresenta no Gráfico 1 – que aponta, de forma clara, as perífrases aspetuais como contexto de variação.

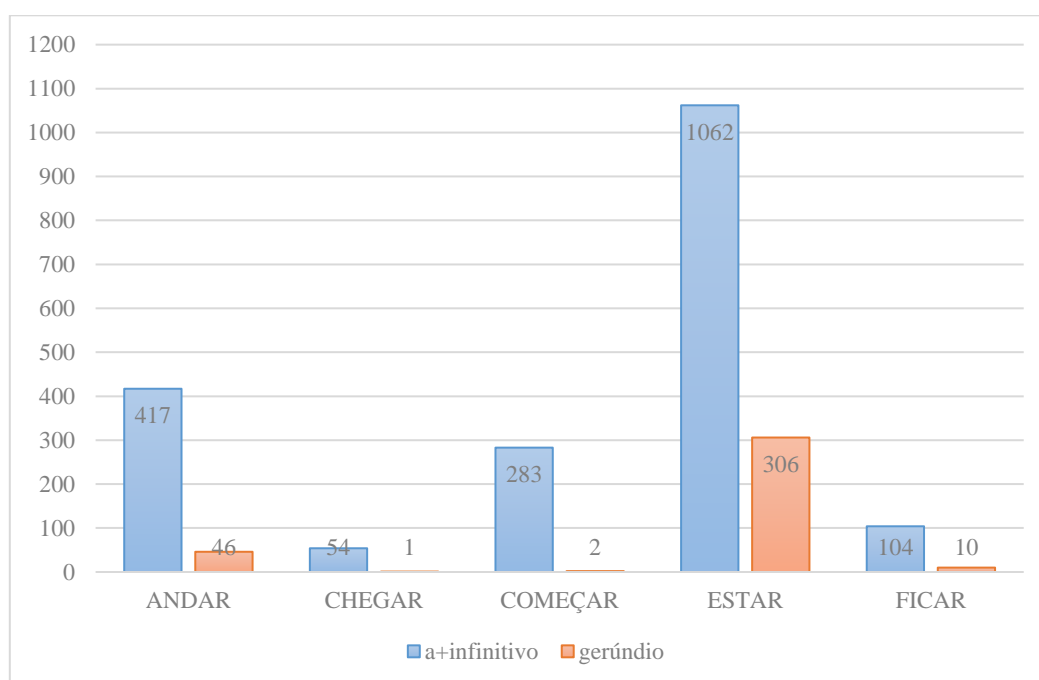


Gráfico 1: Distribuição de *a+infinitivo* e gerúndio no CORDIAL-SIN em perífrases aspetuais, por verbo semiauxiliar – número de ocorrências

Desconsiderando, por enquanto, as ocorrências de *chegar* e *começar* – que, ainda que residuais, serão comentadas mais adiante – os dados permitem afirmar que são as perífrases aspetuais durativas aquelas que se assumem como importante contexto de variação entre gerúndio e *a+infinitivo* no CORDIAL-SIN. A variação bem atestada com *estar* e *andar*, e em menor grau com *ficar*, assim o indica.

¹⁴³ Essas ocorrências não constituem exemplos de variação por não veicularem leituras equivalentes (esses verbos marcam diferentes valores aspetuais e temporais que se perdem se substituirmos a forma gerundiva por *a+infinitivo*, e vice-versa). Conforme comentado na secção 2.4, será o facto de se tratar de verbos de movimento orientado que bloqueia a possibilidade da alternância (cf., entre outros, Laca 2005, Squartini 1998 e Brocardo e Correia 2012 para o português).

Então, uma questão automaticamente se levanta: Porque é que o verbo *continuar*, recorrentemente apontado como um verbo aspetual que introduz perífrases durativas e comumente associado à possibilidade de variação entre infinitivo preposicionado e gerúndio, não constitui no CORDIAL-SIN um contexto de variação entre *a*+infinitivo e gerúndio? ¹⁴⁴

Na verdade, o facto de só terem sido identificadas ocorrências deste verbo com *a*+infinitivo revela-se significativo para a interpretação dos dados. Mostrarei adiante neste capítulo (cf. secção 2.5.1.) que há um conjunto de propriedades sintáticas e semânticas que afastam *continuar* de *estar*, *andar* e *ficar* – verbos que, esses sim, legitimam variação no CORDIAL-SIN. Conforme esclarecerei, serão essas propriedades de *continuar*, nomeadamente a sua origem não locativa, que explicam a não ocorrência de gerúndio no PD.

Igualmente intrigante foi a constatação de que nenhuma das sequências V1+V2 identificadas como contexto de variação inclui contextos em que o primeiro verbo da sequência é um verbo percetivo. Conforme veremos mais adiante neste capítulo (cf. secção 2.5.2.), em orações pequenas dependentes de verbos percetivos como *ver*, *ouvir* e *sentir*, apenas estão atestados exemplos de *a*+infinitivo no CORDIAL-SIN. Também esta situação será, nesse ponto do trabalho, comentada.

Os dados do CORDIAL-SIN expostos no Gráfico 1 revelam também que a opção com *a*+infinitivo se sobrepõe, em termos de produtividade, à opção com gerúndio. Não sendo um resultado surpreendente – esta tabela considera os resultados gerais, e sabe-se que a opção com gerúndio ocorre apenas em alguns dialetos, ao passo que a estrutura *a*+infinitivo se encontra atestada em todo o país e é a única estratégia disponível em grande parte do território português – fará sentido observar que situação encontramos, relativamente à produtividade das duas variantes, quando consideramos apenas áreas de coocorrência de *a*+infinitivo e gerúndio. É o que veremos mais adiante neste capítulo.

Estando, pois, identificadas as perífrases aspetuais com *estar*, *andar* e *ficar* como contexto relevante, no CORDIAL-SIN, para o estudo da alternância entre *a*+infinitivo e gerúndio, passemos à apresentação dos dados relativos à variação com esses verbos.

¹⁴⁴ Cf., por exemplo, Raposo (2013a: 1274): “quando este verbo é *estar*, *ficar*, *continuar* e *andar*, as perífrases têm uma versão alternativa na qual estes verbos seleccionam o gerúndio e a preposição a não ocorre”.

2.2. A variação com *estar*, *andar* e *ficar*

No Gráfico 2 e na Tabela 1 exponho, para facilitar a análise, os resultados obtidos apenas quanto à variação registada com *estar*, *andar* e *ficar* – os três semiauxiliares que se mostraram significativos. É bem visível a possibilidade de variação, apesar de *a*+infinitivo nitidamente se assumir como estratégia preferencial neste conjunto geral de dados: registou-se 90,1% de *a*+infinitivo com *andar*, 91,2% com *ficar* e 77,6% com *estar*. É este verbo o mais produtivo, com 1062 ocorrências de *a*+infinitivo e 306 de gerúndio (cf. Tabela 1), e são precisamente os dados relativos a *estar* que começarei por comentar.

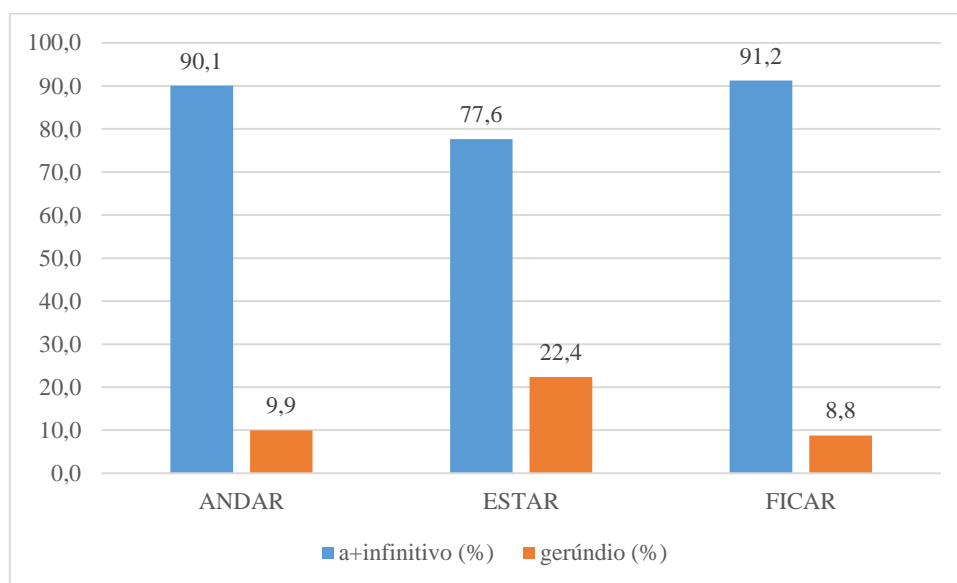


Gráfico 2: Distribuição de *a*+infinitivo e gerúndio no CORDIAL-SIN em perífrases aspetuais com *andar*, *estar* e *ficar* – valores percentuais

	<i>a</i>+infinitivo		gerúndio	
	nº de ocorrências	%	nº de ocorrências	%
ANDAR	417	90,1	46	9,9
ESTAR	1062	77,6	306	22,4
FICAR	104	91,2	10	8,8

Tabela 1: Distribuição de *a*+infinitivo e gerúndio no CORDIAL-SIN em perífrases aspetuais com *andar*, *estar* e *ficar* – valores absolutos e percentuais

2.2.1. Os dados de *estar*

Apesar da já notada superioridade de *a*+infinitivo sobre o gerúndio quando consideramos os dados de *estar* relativos a todo o território – 1062 ocorrências (77,6%) com infinitivo e 306 (22,4%) com gerúndio – comprovou-se que as duas estruturas variantes são capazes de veicular o valor progressivo, de processo em curso, que tradicionalmente é associado

às perífrases introduzidas por *estar*.¹⁴⁵ Isso mesmo provam os seguintes exemplos do *corpus*:

- (64) Nem comeu, nem bebeu, nem dormiu, que **esteve** toda a noite **a gemer**, e morreu lá e ficou lá pregado na cruz de prata fina. GRJ
- (65) Ele **está só tomando** conta delas. MIG
- (66) Agora **está a chupar** o cigarão. AAL
- (67) Botei jantar a cinco homens em casa e fui levar a dois, que **estavam sachando** milho lá em baixo na terra. FLF

Os dados dialetais confirmam, também, as observações encontradas na literatura relativamente à possibilidade de o marcador aspetual *estar* seguido de *a*+infinitivo ou gerúndio poder veicular uma série de valores e leituras além do progressivo.

Vários autores que estudam o progressivo referem, a propósito dos seus efeitos, situações em que o predicado sofre uma recategorização aspetual.¹⁴⁶ Essas situações foram também identificadas nos exemplos do CORDIAL-SIN. Um dos casos descritos na literatura diz respeito a contextos em que *estar* se associa a pontos. Nestas situações, os pontos são reinterpretados como processos com valor iterativo.¹⁴⁷ É exatamente o que acontece nos seguintes exemplos do CORDIAL-SIN:

- (68) **Está a pingar**. ALV
- (69) Já **está a pingar!** ALV
- (70) Vê como ainda agora **estava** aqui **a tossir?** LUZ
- (71) Tinha que se pôr e aquilo ia ardendo, o vento **estava a bater** para aqui, mas aquilo ia sempre moendo e ardendo. MTV

¹⁴⁵ Cf., entre outros, Cunha (1998), Oliveira (2003), Cunha e Cintra (1984) e Barroso (1994, 2007 e 2009).

¹⁴⁶ Cf., para o português, Cunha (1998, 2004), Oliveira (2003), Oliveira, Cunha e Gonçalves (2004), entre outros. É consensual, na literatura, a ideia de que o progressivo é um operador aspetual que converte em estados as situações em que ocorre (cf. Vlach 1981 e Moens 1987; para o português, ver Cunha 1998, Barroso 1994 e Oliveira 2003, entre outros). Disto decorre que o progressivo dificilmente se combine com estados (cf. Vendler 1967, Dowty 1979 e Vlach 1981) e que, no caso do português, a sua combinação com estados não faseáveis seja bloqueada (cf. Cunha 1998, 2004). Deste efeito do progressivo também decorre que seja necessário, para as outras classes aspetuais, que os eventos sejam convertidos em processos, numa operação de recategorização aspetual.

¹⁴⁷ Cf. Moens e Steedman (1988: 17-18), que ilustram esta situação com a frase “Sandra was hiccupping”. Segundo os autores, “[i]f the input to a progressive is atomic then by definition it cannot be described as ongoing” (cf. Moens e Steedman 1988: 18).

(72) **Estava** com aquilo **a bater** na pedra, o grão ia caindo para baixo e estavam então rodando para trás para dar lugar. CRV

(73) Tem ali vinte e cinco tubos, e como **estão** vinte cinco pingos constantemente **a pingar**, fazem uma bica de aguardente. TRC

Se verbos como *saltitar*, *dormitar* ou *soluçar* apresentam um valor lexical iterativo inerente, o que acontece nos exemplos acima é que o valor iterativo é resultado da recategorização aspetual que decorre da combinação daqueles eventos específicos com *estar*. Temos, portanto, uma interpretação aspetual iterativa derivada. Em frases como (73), essa leitura iterativa é ainda reforçada pela presença de outros elementos linguísticos que também contribuem para a derivação aspetual: neste caso, a presença do advérbio temporal *constantemente*.

Note-se que, se com *a+infinitivo* várias ocorrências foram registadas, com gerúndio apenas se identificaram as duas situações seguintes:

(74) E depois punham azeitona ali para dentro , e com uns madeiros, com uns maços de pau, tal e qual como quem **está batendo** como batia taipa noutros tempos. LUZ

(75) **Estou tocando** no cortiço. STA

Isto legitima que nos questionemos, desde já, sobre uma eventual maior associação de *a+infinitivo* a pontos (que podem permitir uma leitura iterativa). Ainda que os dados relativos às possibilidades de combinação aspetual de *estar* com gerúndio e *a+infinitivo* (que exporei e comentarei adiante nesta secção) não tornem possível identificar claramente contrastes, no Capítulo 4, em que me centro, numa perspetiva comparativa, no que pode ditar a seleção de uma ou outra estrutura, mostrarei que, sobretudo ao observar dados do galego, a pontualidade do verbo surge, efetivamente, como um aspeto favorecedor de *a+infinitivo*.

Está também descrito o facto de, em combinação com o progressivo, processos culminados perderem a sua culminação.¹⁴⁸ É o que acontece nos dados do CORDIAL-SIN, com gerúndio e com *a+infinitivo*: em (76)-(79) a culminação ainda não teve lugar e o que se descreve como estando em curso é o processo que a antecede.

¹⁴⁸ Cf., por exemplo, Oliveira (2003: 146-148) e Oliveira, Cunha e Gonçalves (2004: 143).

(76) (...) a gente quando era mantas, a gente sabem que **estão tecendo uma manta** são dois ramos. MIG

(77) E ia-os levar a uma terra e **estava abrindo o portão** para passar com eles para outra terra, e eles começaram a brincar assim ele com a cabeça encostada um ao outro. CRV

(78) Se não **estivéssemos a fabricar uma peça daquelas**, que aparecesse uma bolha de ar, podia até cair a peça toda. STJ

(79) Havia de pôr massa primeiro em cima do pau, **está a pôr os casquelhos!**? CBV

Em várias situações está bem presente a ideia apontada, entre outros, por Oliveira de que com “verbos de criação”, como em *estar a construir uma casa*, o progressivo indica “objetos incompletos” (cf. Oliveira 2003: 148). É o que se observa, de forma particularmente evidente, em (80):

(80) Também **está a fazer** casa aí à frente. MIN

Verifica-se às vezes, nesses contextos, a ocorrência de *estar* conjugado no pretérito perfeito simples. A escolha desse tempo verbal não causa surpresa, por ser consistente com o valor aspetual télico desses predicados. Em combinação com esse tempo verbal, a leitura aspetual derivada é, como sabemos, télica.

(81) Vai a casa do pai, **esteve fazendo** uma visita ao pai, viu que o pai estava de saúde e a mãe estava de saúde e arranca-se na volta de onde o irmão tinha caminhado. PIC

(82) Por acaso esses senhores que **estiveram aqui a construir** esta casa eram de Lisboa. GRC

Por outro lado, e também na linha do que prediz a literatura, encontramos casos de culminações que são reinterpretadas como processos, por lhes ser atribuído um processo preparatório (cf. Moens e Steedman 1988: 18-19 e Oliveira 2003: 148). Vejam-se abaixo exemplos com *a+infinitivo* e gerúndio:

(83) **Está saindo** aqui um goraz. CLC

(84) Nesse ponto, nesse aspecto, então, **está-se morrendo** a tradição. TRC

(85) Porque quando **estão** quase **morrendo**. STE

(86) Nós **estamos a chegar** aí. COV

(87) Olhe, já **está** quase **a aparecer** a travessia. UNS

No que toca a este tipo de construções, vários autores têm mencionado a possibilidade de um valor temporal de posterioridade que tem sido caracterizado como futuro iminente (na senda de Moens e Steedman 1988), e que se opõe ao temporal de sobreposição exibido na construção progressiva.¹⁴⁹ Como sublinham Moens e Steedman (1988: 18-19), quando uma culminação surge em coocorrência com a construção *estar a* expressa-se um valor de posterioridade, dando-se um fenómeno de recategorização. Nestas situações é o processo preparatório que está em curso no momento da referência temporal, sendo esse processo preparatório o objeto da asserção. Nos exemplos (83)-(87) é evidente essa ideia de posterioridade associada a um futuro iminente, sendo particularmente clara em (85) e (87), em que o advérbio *quase* contribui para reforçar essa leitura.

Alzamora (2018) faz uma observação interessante. Nota, a propósito de frases como *não podem ser assacadas culpas à Câmara por o edifício estar a cair*, a existência de ambiguidade entre duas leituras: ‘o edifício estar a cair’ pode significar que o edifício já começou a desmoronar-se; ou ‘o edifício estar a cair’ pode significar que o edifício está tão degradado que poderá começar a desmoronar-se a qualquer momento (cf. Alzamora 2018: 252). O mesmo tipo de ambiguidade parece registar-se nas seguintes frases do CORDIAL-SIN, ambas com *a+infinitivo*:

(88) E hoje, olhe, **está a cair** tudo! LAR

¹⁴⁹ Em Alzamora (2018) refere-se que este valor apenas é encontrado com pontos, e não com culminações. “A construção do valor de posterioridade com esta perífrase não é possível, no entanto, com todos os verbos que exprimem um Evento. Apenas ocorre com Pontos, como, por exemplo, com *chegar, partir, entrar, sair*, e não com Culminações” (cf. Alzamora 2018: 251). Um dos exemplos usados pela autora para ilustrar esse valor de posterioridade e de futuro iminente é o seguinte (com o verbo *chegar*): *Na opinião dos operadores, o mercado está a chegar a um período de consolidação*. No entanto, numa descrição que acaba por se tornar confusa, surge momentos depois a referência à possibilidade de culminações veicularem a mesma leitura, usando-se novamente um exemplo com *chegar*, numa construção aspetual não muito distante da que havia sido usada para ilustrar pontos, mas que agora serve de exemplo de culminação: *O comboio estava a chegar à estação quando descarrilou* (cf. Alzamora 2018: 252). Nos meus dados, construções com *chegar, entrar* e *sair* como as que foram apresentadas acima foram classificadas como culminações e foi essencialmente neste conjunto de verbos que se identificaram leituras de futuro iminente com valor temporal de posterioridade.

(89) Bem, é como um telhado que **esteja a cair**, temos que lhe pôr um espeque, é igual.

OUT

O facto de não se ter identificado este tipo de ambiguidade em estruturas com gerúndio pode dever-se a uma casualidade, mas não quero desconsiderar a hipótese de esta interpretação ambígua ser mais facilmente veiculada com *a+infinitivo* (ou até exclusivamente marcada por esta estratégia).

É muitas vezes referida a possibilidade de o progressivo veicular uma leitura de presente real ou presente atual (cf. Raposo 2013a, Oliveira 2003, Cunha 2013, entre outros). Oliveira (2013: 147) defende que o progressivo, em combinação com eventos, recebe uma leitura de “presente real”. A prova-lo está o facto de expressões como “neste momento” se combinarem perfeitamente com a perífrase, como no exemplo de Oliveira *A Maria está neste momento a ler o livro*. Raposo (2013a: 1269) refere-se a um “presente semântico” para descrever a mesma situação. Sublinha que, com *estar* no presente do indicativo e combinado com verbos dinâmicos, a perífrase reduz o intervalo temporal da situação a um valor praticamente pontual e simultâneo com o momento da enunciação (como em *O Pedro está a ler o jornal* e *A Luísa está a fazer ginástica*). Similarmente, Cunha (2013: 608) lembra que, apesar de tipicamente os estados veicularem, quando o verbo está no presente do indicativo, uma leitura preferencial puramente temporal de presente e os eventos terem preferencialmente uma leitura habitual, qualquer que seja a classe aspetual do predicado com que *estar* se combina, apenas a leitura de presente, e não a leitura habitual, está disponível (como mostram as frases *o lobo está a ser agressivo* {neste momento/desde há meia hora/?habitualmente} e *o lobo está a atravessar a floresta* {neste momento/desde há meia hora/?habitualmente}).

Efetivamente, nos dados do CORDIAL-SIN, com predicados eventivos identificou-se, tanto com gerúndio como com *a+infinitivo*, o valor temporal de presente no sentido descrito na literatura. Veja-se, nas frases (90)-(93), a compatibilidade com as expressões adverbiais *neste momento* e *agora*, a evidenciar essa situação:

(90) Ó rapaz, que **estás aí a fazer?** {neste momento/agora} UNS

(91) (...) {neste momento/agora} eu **estou a falar** com as senhoras, não sei, porque não sei as ideias de cada um, não é? PFT

(92) Também **está gravando** ou não? {neste momento/agora} AJT

(93) Espere aí, que eu sei o que {neste momento/agora} **estou dizendo**. PAL

No entanto, também se identificaram situações em que a situação descrita corresponde a um intervalo temporal alargado. Veja-se como as frases (94)-(98) são compatíveis com as expressões adverbiais *atualmente* e *agora* – que aliás ocorre em (97) e (98) –, a marcar um intervalo nitidamente mais extenso do que o descrito em (90)-(93):

(94) **Estou a comer** de dieta. {agora/atualmente} MIN

(95) A moeda é que **está fazendo** isto. {agora/atualmente} TRC

(96) **Estou engordando** para o matar. {agora/atualmente} TRC

(97) E agora{/atualmente}, ele **está explorando** esta água, que é para juntá-la toda e levá-la para lá. PST

(98) Mas agora{/atualmente} eles **estão prendendo** tudo, de uma tal maneira que a pessoa tem medo. CLC

Na seguinte frase, em que ocorre o evento *moer*, identifica-se inclusivamente um valor habitual. O uso do presente imediatamente antes, no contexto discursivo, confirma essa leitura de habitualidade (no sentido em que *moer* representa uma atividade habitual do informante):

(99) INQ1 E por aqui o senhor é o único que **mói**, não é?

INF Sim, sou eu só agora é que **estou a moer**. MTM

Sem querer extrair conclusões a partir de um único exemplo, pergunto-me se esta aparente possibilidade de *estar+a+infinitivo* marcar um valor habitual existirá, também, com *estar+gerúndio* (nos dados do CORDIAL-SIN não identifiquei exemplos dessa situação com gerúndio).¹⁵⁰

Além de todos os casos já referidos, noto a existência, no CORDIAL-SIN, de um pequeno conjunto de dados que chamam a atenção por veicularem, creio, uma leitura particular – e que permite extrair conclusões interessantes. Refiro-me a ocorrências como as exemplificadas abaixo, em que *estar* surge tendencialmente no infinitivo e parece expressar um valor modal de necessidade/obrigatoriedade e também avaliativo:

(100) que não tinha necessidade nenhuma de **estar já a aturar** chatices. AJT

¹⁵⁰ Falantes da região do sotavento algarvio, de localidades não abrangidas pela rede de pontos do CORDIAL-SIN, identificam o tipo de ambiguidade ilustrada em (88) e (89) em construções com gerúndio e confirmam a possibilidade de *estar+gerúndio* veicular uma leitura habitual como a exemplificada em (99). Esta situação sugere que as leituras em análise poderão estar também disponíveis com o gerúndio, no conjunto de dialetos em que a estratégia se encontra atestada, e não apenas com *a+infinitivo*.

(101) Até hoje, até quando ia buscar um bocado da carne lá - que eu logo parto-a aos bocadinhos e ponho cada qual bocadinho na sua saquinha, trago um bocadinho daquela saquinha para não **estar a abrir** a saca e a partir -, hoje quando ia buscar lá, a minha nora já não estava na casa, já tinha saído. MIN

(102) Quem é que a quer numa fábrica, mesmo fábricas grandes onde toda a gente está empregada, mas eles não querem lá andar-lhe a bater assim no ombro e **estar-lhe a explicar** (...) MTM

(103) O que é que, quer dizer, ao comprador facilita porque evita de **estar a fazer** aquela escolha. MST

(104) **Estar a importar** trigo e nós tínhamos bem, bem, bem para ter, mas à fartura. MST

Todas as frases em que estes valores foram identificados dizem respeito a ocorrências de *a*+infinitivo.¹⁵¹ Parece existir, em todos os casos apresentados, uma leitura modal avaliativa – para a qual contribuem vários elementos na frase – notando-se por parte do falante uma avaliação da situação como representando uma necessidade/um esforço que se deseja evitar. O valor modal de necessidade é confirmado pela possibilidade de parafrasear várias das construções por *ter de*:

(105) trago um bocadinho daquela saquinha para não **estar a abrir** a saca / para não **ter de abrir** a saca

(106) mas eles não querem lá andar-lhe a bater assim no ombro e **estar-lhe a explicar** / e **ter de lhe explicar**

(107) (...) ao comprador facilita porque evita de **estar a fazer aquela escolha** / Evita **ter de fazer aquela escolha**

Estes dados, além de evidenciarem a existência de valores que não são exclusivamente progressivos associados a perífrases introduzidas por *estar*,¹⁵² sugerem que podemos estar perante um caso em que não há equivalência entre *a*+infinitivo e gerúndio. Além disso, são dados relevantes por fornecerem pistas a nível do estágio de

¹⁵¹ Com gerúndio, identificou-se valor modal nas duas frases abaixo. No entanto, nestas frases, o valor modal é dado por *ter de* e *não ser para*, respetivamente, e não por *estar*+gerúndio.

(i) Durante um tempinho *têm de estar* sempre **arrincando**. LVR

(ii) *Não é agora para estar escoicinhando* gente que nos chega à porta. TRC

¹⁵² Em rigor, *estar* com valor modal como o exemplificado em (100)-(104) corresponderá a uma unidade lexical distinta de *estar* progressivo, pelo que se poderá postular a existência de *estar1* (progressivo) e *estar2* (modal). Sublinho, contudo, que as ocorrências claras deste segundo tipo de *estar* foram residuais no CORDIAL-SIN (resumem-se aos exemplos expostos em (100)-(104)).

gramaticalização da perífrase: sugerem, concretamente, que a perífrase se encontra num estágio de gramaticalização relativamente avançado. Valores modais e avaliativos como os evidenciados em (100)-(104) são leituras identificadas em estruturas com algum grau de gramaticalização e estão relacionadas com um percurso de subjetivização (cf. Traugott 1995 e Traugott e König 1991; cf. também Mendes 2013: 279 para dados do português).

Conforme mostrarei no Capítulo 3, é possível caracterizar as perífrases aspetuais em estudo relativamente ao seu grau de gramaticalização. Os dados reunidos nesse capítulo permitem-me argumentar a favor de um estágio de gramaticalização genericamente mais incipiente no CORDIAL-SIN das perífrases aspetuais em análise comparativamente a dados do PEP. Mas no mesmo capítulo comentarei também que, na linha do que se defende na literatura, são as construções com *estar* as que estarão mais gramaticalizadas quer no PD, quer no PEP. Os valores modais e avaliativos evidenciados em (100)-(104) são um argumento nesse sentido. Conforme teremos oportunidade de discutir, em estruturas com *andar*, por exemplo, situações deste tipo não foram identificadas (nem quando *andar* se associa a *a*+infinitivo nem quando ocorre com gerúndio). É um dos vários indícios que permitem concluir que, comparativamente a *andar*, estruturas com *estar* se encontram claramente mais gramaticalizadas em português. Por outro lado, a ausência dos valores modais e avaliativos em questão em estruturas com *estar*+gerúndio poderia sugerir, neste momento, que, comparativamente a esta estratégia, a construção *estar*+*a*+infinitivo se encontra mais gramaticalizada. Mas veremos no Capítulo 3 que os dados aí reunidos apontam justamente no sentido inverso: é *estar*+gerúndio, e não *estar*+*a*+infinitivo, a estratégia mais gramaticalizada no PD. Assim, os dados de (100)-(104) – que evidenciam leituras atestadas com *a*+infinitivo, mas não com gerúndio – devem ser interpretados apenas como indicativo de algum grau de gramaticalização de *estar*+*a*+infinitivo, mas não necessariamente da sua maior gramaticalização comparativamente à opção com gerúndio.

Deixo o desenvolvimento desse assunto para o Capítulo 3, em que avalio, portanto, a hipótese de as perífrases aspetuais com *a*+infinitivo ou com gerúndio se encontrarem, no PD, em diferentes estádios de gramaticalização. Uma hipótese que me parece legítima, assumindo como válida a ideia de que uma estratégia é mais conservadora – e, portanto, provavelmente mais gramaticalizada – e a outra inovadora – e, hipoteticamente, menos avançada no percurso de gramaticalização.¹⁵³

¹⁵³ A ideia de que o gerúndio corresponde à estratégia conservadora encontra-se em Boléo (1974), Cunha (1986), Cunha e Cintra (1984), entre outros.

De qualquer forma, o que os dados até agora elencados parecem sublinhar é, acima de tudo, alguma variedade de valores associados a perífrases com *estar a+infinitivo* e *estar+gerúndio* – mostrando possibilidades mais vastas do que as encerradas na genérica caracterização de *estar* seguido de *a+infinitivo* e gerúndio como progressivo. Assim, embora o progressivo com valor temporal de sobreposição tenha sido o valor identificado para quase todas as ocorrências de *estar* aspetual, importa notar que se encontram atestados no CORDIAL-SIN exemplos como os que apresentei, que evidenciam sutilezas interpretativas associadas à construção. No que toca a contrastes entre a opção com infinitivo e gerúndio, sublinho que os dados sugerem a possibilidade de as duas estratégias não serem totalmente equivalentes: a aparente maior facilidade de *a+infinitivo* veicular leituras iterativas, por exemplo, bem como a identificação de valores modais/avaliativos apenas com *a+infinitivo* são argumentos que apontam nessa direção.

Na tentativa de verificar se os dados dialetais confirmam as predições da literatura sobre as restrições aspetuais associadas ao progressivo,¹⁵⁴ e também com o intuito de identificar eventuais contrastes entre as duas estruturas em estudo, foi feita uma análise no sentido de dar conta das combinações aspetuais existentes neste conjunto de dados. Para isso, todas as ocorrências de *estar*, *andar* e *ficar* associadas a infinitivo preposicionado ou gerúndio foram classificadas quanto ao valor aspetual básico dos predicados com que se combinam (ou seja, classifica-se a classe aspetual básica do predicado, sem a interferência dos operadores aspetuais em questão).

A classificação que utilizo é a que tem servido de referência para o português, e que se apresenta, nomeadamente, em Cunha (2013) e nos capítulos de Oliveira (2003) e Duarte e Brito (2003) a partir da proposta de Vendler (1967), desenvolvida em Dowty (1979), e de Moens (1987) – já apresentadas na secção 1.2. Trata-se de uma classificação que distingue, a partir dos traços aspetuais mais relevantes também já explicitados nessa secção, as seguintes cinco classes: estados, pontos, culminações, processos culminados e processos. Apresento abaixo exemplos (retirados de Cunha 2013) para cada uma das situações.¹⁵⁵

¹⁵⁴ Designadamente, a sua incompatibilidade com predicados estativos não faseáveis (cf. nota 146).

¹⁵⁵ A tarefa de classificação aspetual básica dos predicados não foi isenta de complexidade. O percetivo *ver*, por exemplo, que a descrição gramatical caracteriza como estado, foi efetivamente classificado como estado na sua aceção percetiva (como em *Ela não viu o carro*, exemplo de Duarte e Brito 2003: 194) e na sua aceção de *compreender*, muito produtiva no CORDIAL-SIN (como em *Está a ver?*). Foi, por outro lado, classificado como processo em expressões como *ver televisão* ou quando introduz uma oração finita introduzida por *se* (*Estou a ver se resolvo a situação*), por acreditar que, nestes casos, tem um carácter mais eventivo, exibindo nesta última situação um sentido próximo de “tentar”. Verbos de mudança de estado como *murchar*, *florescer*, *derreter* ou *aquecer* foram particularmente interessantes de analisar, e também

(108) <i>amar, compreender, estar sentado, saber</i>	ESTADOS
(109) <i>espirrar, pestanejar, tossir</i>	PONTOS
(110) <i>avistar, ganhar a corrida, reconhecer</i>	CULMINAÇÕES
(111) <i>andar, correr, nadar, tocar piano</i>	PROCESSOS
(112) <i>comer uma sandes, construir a casa</i>	PROCESSOS CULMINADOS

[exemplos de Cunha 2013: 591]

De uma forma geral, e na linha do que descreve a literatura (cf. Cunha 1998, Oliveira 2003, Oliveira, Cunha e Gonçalves 2004), as estruturas com *estar* seguido de *a*+infinitivo ou *estar* seguido de gerúndio parecem combinar-se bem com a generalidade das classes aspetuais, havendo uma tendência geral (não surpreendente), partilhada pelas duas construções, para se combinarem maioritariamente com processos. Isso se mostra nos gráficos 3 e 4 e na Tabela 2 (em que exponho, a par dos valores absolutos, valores percentuais).

classificados de forma diferente dependendo do contexto (nomeadamente sintático). Ainda que culminações sejam, por definição, não durativas, e se compreenda que *florescer* ou *derreter* implique necessariamente duratividade, estes verbos foram, em linha com a literatura disponível para o português, classificados como culminações (cf. Duarte e Brito 2003: 196). É interessante notar que em Alzamora (2018) se discutem estas situações a propósito do estudo da perífrase *estar+a*+infinitivo. A autora apoia-se nos conceitos de Franckel (1989) de teleonemia e antiteleonemia e na ideia de hiato temporal proposto por Deschamps (1997) para ilustrar que construções como *Olha, os lilases estão a florescer!* e *A água está a aquecer* apresentam, precisamente, um hiato entre um valor perspectivado e a própria situação (cf. Alzamora 2018: 31-35). Ainda em linha com o proposto para o português por Duarte e Brito (2003), quando permitem a construção causativa (com um argumento externo Agente ou Fonte e um Argumento Tema, como em *A mulher derreteu a manteiga*), verbos de mudança de estado foram classificados como processos culminados – mas foram classificados como culminações na variante anticausativa (como em *A manteiga derreteu-se*). Estes são apenas alguns exemplos que mostram a atenção que envolveu a tarefa de classificação aspetual. Estou ciente de que a classificação pode, em vários casos, ser discutível. Tentou-se, contudo, que a análise fosse o mais precisa e coerente possível, sem esquecer que o propósito da tarefa era essencialmente evidenciar potenciais contrastes entre *a*+infinitivo e gerúndio (sem pretender ser um estudo sobre classificação aspetual).

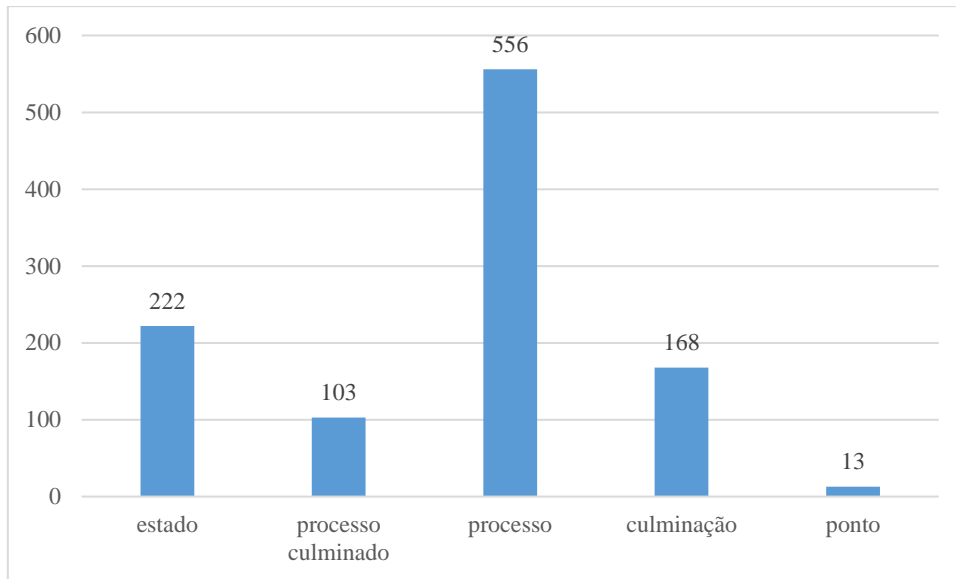


Gráfico 3: Combinações aspetuais de *estar+a+infinitivo* no CORDIAL-SIN (número de ocorrências)

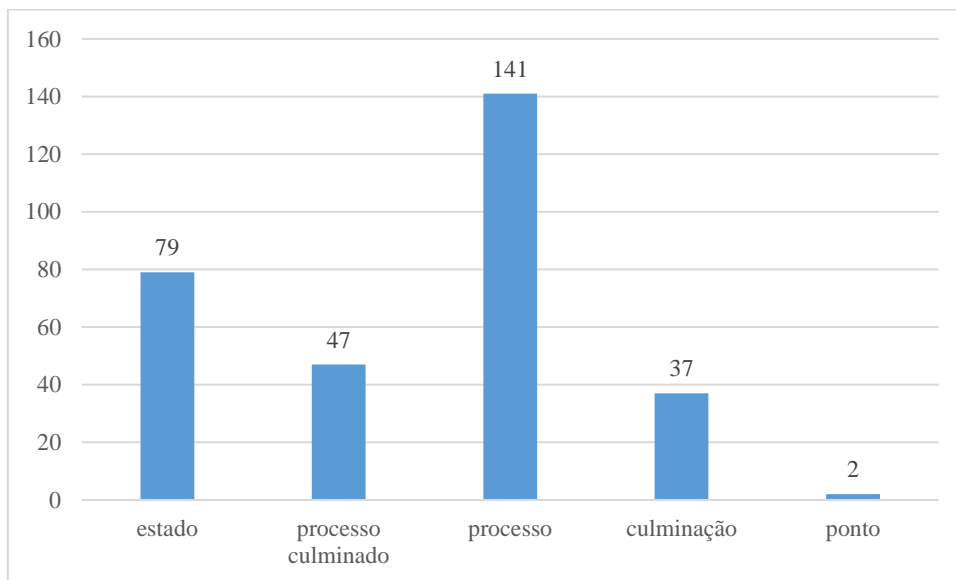


Gráfico 4: Combinações aspetuais de *estar+gerúndio* no CORDIAL-SIN (número de ocorrências)

classe aspetual	<i>a+infinitivo</i>		gerúndio	
	n.º de ocorrências	%	n.º de ocorrências	%
estado	222	20,9	79	25,8
processo culminado	103	9,7	47	15,4
processo	556	52,4	141	46,1
culminação	168	15,8	37	12,1
ponto	13	1,2	2	0,7

Tabela 2: Combinações aspetuais de *estar+a+infinitivo* e *estar+gerúndio* no CORDIAL-SIN - valores absolutos e percentuais

Exponho abaixo alguns exemplos, com *a*+infinitivo e gerúndio, de situações em que o predicado base denota um processo, nitidamente as mais produtivas com qualquer das variantes:

- (113) E em o moço abalando, a gente estava-se **a rir**, e ele dizia: (...) AJT
 (114) Porque lá está muita gente **a trabalhar**. ALV
 (115) O carteiro esteve **a ler**, disse: (...) STJ
 (116) O melhor que lá cantou estava **tocando num violão**. CPT
 (117) Pegou nos sapatinhos - eles estavam **dormindo** - e pôs no mesmo sítio. LUZ
 (118) Então de noite tinha lá a luz acesa, estava o moinho **trabalhando**, tinham lá a luz acesa, dava em ver aqueles bichinhos além. AJT

Em (119)-(126) estão exemplos de *a*+infinitivo e gerúndio, respetivamente, em combinação com as restantes classes: estados (cf. (119) e (120)), processos culminados (cf. (121) e (122)), culminações (cf. (123) e (124)) e pontos (cf. (125) e (126)).

- (119) Então eu já estou **a achar** demais! CBV
 (120) Ele está **desejando** que não vão e eles não se importam que vão. ALV
 (121) Está homens mesmo **a arrumar a pilha da cortiça**. ALC
 (122) E depois quando um dia que a minha mãe lá foi e esteve-lhe **contando a história**. CPT
 (123) Já está o mosto **a aparecer** por baixo, o mosto, e já está o engaço todo a levantar para cima. MTV
 (124) Estão sempre **caindo** pedacinhos. CPT
 (125) “Já está **a pingar!**” ALV
 (126) E depois punham azeitona ali para dentro, e com uns madeiros, com uns maços de pau, tal e qual como quem está **batendo** como batia taipa noutros tempos. LUZ

Embora se verifique que as tendências de combinação aspetual são idênticas, é particularmente claro, ao considerar valores percentuais, que com *a*+infinitivo há mais ocorrências de culminações do que de processos culminados (15,8% e 9,7%, respetivamente), mas com gerúndio acontece o inverso (15,4% de processos culminados e 12,2% de culminações). É visível, também, que a percentagem de estados é mais elevada com gerúndio do que com *a*+infinitivo (25,8% de estados com gerúndio e 20,9%

com *a*+infinitivo). Por outro lado – e como já comentei a propósito do valor iterativo veiculado por *estar*+*a*+infinitivo e *estar*+gerúndio – gerúndio associou-se a pontos apenas em duas situações.¹⁵⁶ Estes dados são relevantes porque sugerem, ainda que timidamente, um contraste entre gerúndio e *a*+infinitivo quando consideramos a classe aspetual do predicado a que se associam: especificamente, sugerem a possibilidade de *a*+infinitivo se associar mais facilmente a predicados não durativos. No capítulo 4, com a análise de dados do galego, comprovarei a existência destes contrastes: ficará aí evidente que a escolha do gerúndio ou *a*+infinitivo em construções com *estar* se relaciona, justamente, com os traços semânticos de duratividade e pontualidade inerentes ao verbo principal da perífrase e o favorecimento de *a*+infinitivo com situações pontuais e téticas será demonstrado.

Um facto pode saltar à vista nos dados apresentados sobre as possibilidades de combinação aspetual. Sendo conhecida a incompatibilidade do marcador aspetual *estar* com estados não faseáveis (cf. Cunha 1998, Oliveira 2003, entre outros), pode ser intrigante o facto de ter sido contabilizado um número expressivo de ocorrências com predicados estativos. Mas, se observarmos com atenção, verificamos que o que foi genericamente classificado como “estados” diz respeito, na verdade, a predicados estativos faseáveis – precisamente aqueles que a literatura descreve como sendo possíveis em combinação com *estar* progressivo. Entre os exemplos do CORDIAL-SIN estão, essencialmente, ocorrências de verbos como *perceber*, *entender* ou *ver* (menos na sua aceção básica de verbo perceptivo, e mais no sentido posteriormente adquirido de “compreender”), como os representados abaixo.¹⁵⁷

(127) E a gente vai ali e as vezes aquilo não descobre bem, está a **compreender**? LUZ

(128) Está a **ver**? MLD

(129) Está **compreendendo**? CLC

(130) E, agora, todos aqueles que vieram nesse navio prometeram as suas promessas - está **percebendo**? FLF

Trata-se, portanto, de predicados que, relativamente ao seu valor aspetual básico, podem ser caracterizados como estados faseáveis (claramente diferentes de predicados

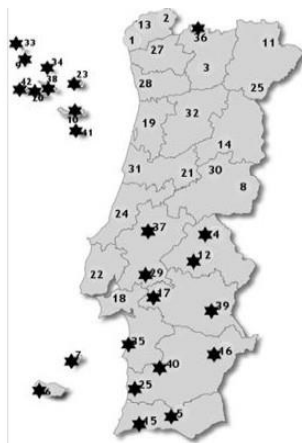
¹⁵⁶ Além da frase (126) exposta acima, a outra situação em que gerúndio se associou a um ponto foi a seguinte: “Estou tocando no cortiço” (STA).

¹⁵⁷ Atribui-se a elevada produtividade destes casos, no CORDIAL-SIN, ao contexto discursivo.

estativos não faseáveis como *ser alto*, *saber cozinhar*, *perceber alemão*) e que, conforme descreve a literatura, são convertidos em processos numa combinação com o marcador aspetual *estar*.

A partir desta análise que considerou a possibilidade de combinações aspetuais de *estar+a+infinitivo* e *estar+gerúndio*, neste momento podemos concluir que os dados do PD confirmam, globalmente, o que tem sido descrito relativamente a essas possibilidades. Mas conforme referi atrás, ainda que se observe uma tendência de combinação semelhante nas duas construções, sublinho a existência de contrastes – apesar de subtis – que já sugerem que contrastes de natureza aspetual podem influenciar a escolha entre *a+infinitivo* e gerúndio (o que será comprovado, como já anunciei, no Capítulo 4).

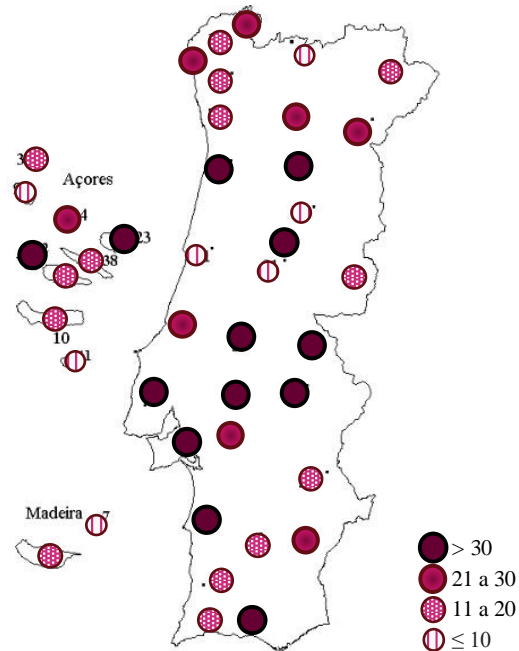
Contrastando com as descrições pouco precisas da maioria dos trabalhos disponíveis na literatura – que genericamente associam a construção aspetual de *estar + gerúndio* a dialetos do Sul e insulares e a opção com *a+infinitivo* à variedade padrão (cf. Oliveira 2003, Segura 2013, Cunha 2013, Cunha 1998) –, em Carrilho e Pereira (2011) apresenta-se a localização geográfica exata das ocorrências de *estar+gerúndio* no CORDIAL-SIN:



Mapa 1: Distribuição de *estar* aspetual seguido de gerúndio (de Carrilho e Pereira 2011)

A partir desse mapa podemos ter uma primeira noção clara dos dialetos onde a estrutura realmente está atestada e identificar a área dos dialetos centro-meridionais e insulares como a relevante. Mas os dados reunidos no presente estudo permitem-me fazer uma caracterização ainda mais precisa, ao considerarmos quer a distribuição geográfica de *estar+gerúndio*, quer a de *a+infinitivo*, quer a situação relativa à produtividade das duas estratégias nas áreas em que coocorrem. Ao observar a distribuição geográfica da construção *a+infinitivo* em Portugal, verifiquei que ela se encontra atestada em todo o

território – um primeiro resultado que não surpreende. Achei então pertinente analisar a produtividade da construção no território português, de modo a dar conta de eventuais contrastes existentes a nível da sua frequência de ocorrência. Vejamos, então, o Mapa 2:

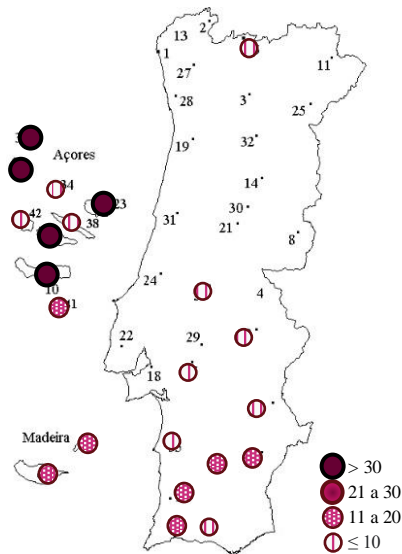


Mapa 2: Produtividade de *estar+a+infinitivo* no CORDIAL-SIN (número de ocorrências)

Ainda que a construção com *a+infinitivo* esteja presente em todo o território, um dos aspetos que o Mapa 2 parece sugerir é um possível contraste entre áreas onde a estrutura é mais produtiva comparativamente a outras. Parece existir uma produtividade maior de *a+infinitivo* no Centro, notando-se uma área compacta formada pelo dialetos do Centro-Sul e destacando-se, mais a Norte, as localidades de Aveiro, Viseu e Castelo Branco. Há, contudo, pontos no Algarve (Faro) e no grupo central dos Açores (Terceira e Faial) que também registam forte produtividade. Quando comentarmos os dados relativos à produtividade de *a+infinitivo* com *andar* e *ficar* veremos que este tipo de divisão se mantém.

Relativamente à distribuição de *estar+gerúndio*, o Mapa 3 evidencia um contraste claro: a produtividade é mais baixa no Centro, mas aumenta consoante se avança para Sul e é em localidades dos Açores que se registam os níveis mais elevados. O ponto isolado em Vila Real não surpreende se considerarmos que se trata, muito provavelmente, de

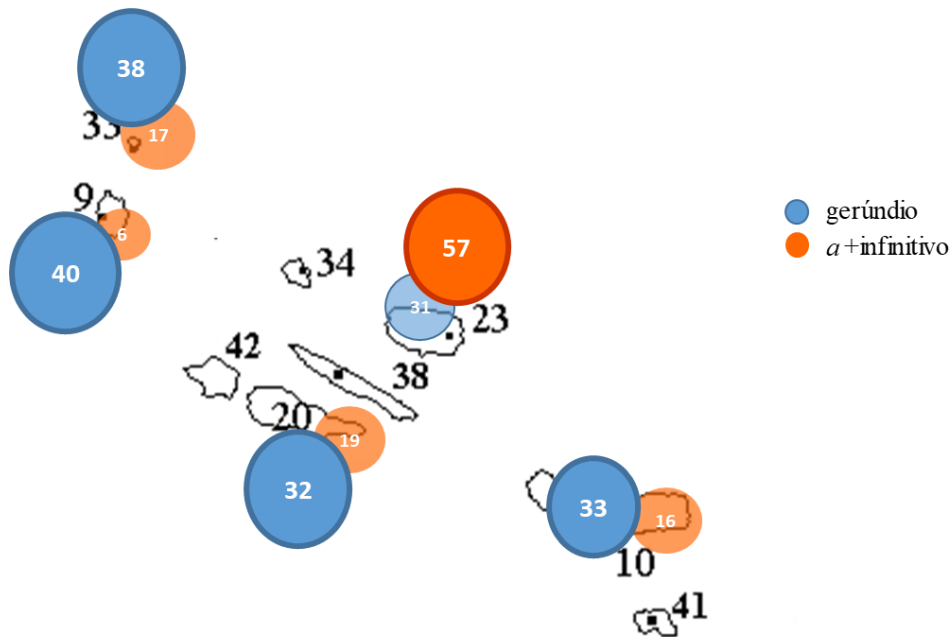
interferência do galego – língua que regista, no mesmo contexto, as duas construções variantes em estudo.¹⁵⁸



Mapa 3: Produtividade de *estar+gerúndio* no CORDIAL-SIN (número de ocorrências e localização)

Pelo facto de ser no arquipélago dos Açores que se identificam os níveis mais elevados de ocorrências, vale a pena observar a competição registada nas cinco localidades que revelaram grande produtividade de gerúndio: Corvo, Fajãzinha, Fontinhas, Bandeiras (Cais do Pico) e Ponta Garça. Conforme mostram o Mapa 4 e a Tabela 3, a superioridade de gerúndio é inquestionável nas duas ilhas do Grupo Ocidental (69% de gerúndio no Corvo e 87% na Fajãzinha). A localidade de Fontinhas (Angra do Heroísmo), na Terceira, que regista níveis elevados de gerúndio mas também de *a+infinitivo*, destaca-se neste grupo por exibir mais ocorrências de *a+infinitivo* do que de gerúndio (64,8% de *a+infinitivo* contra 35,2% de gerúndio).

¹⁵⁸ Não identifiquei, nos dados do CORDIAL-SIN, ocorrências de *estar+gerúndio* nas localidades 29 (Santa Justa, Santarém) e 4 (Portalegre) – áreas que se revelaram, por outro lado, de forte produtividade de *estar+a+infinitivo* (cf. Mapa 2). Estas duas localidades surgem, no entanto, dentro da área de *estar+gerúndio* identificada por Carrilho e Pereira 2011 (cf. Mapa 1). As autoras terão recorrido a material adicional para caracterizar estas localidades, facto que justificará que a minha caracterização da área de *estar+gerúndio* não seja totalmente coincidente com a apresentada nesse trabalho.



Mapa 4: Competição *estar a+infinitivo/gerúndio* nas localidades de maior produtividade de gerúndio – número de ocorrências

	<i>estar+gerúndio</i> (%)	<i>estar+a+infinitivo</i> (%)
33 CRV (Corvo, Horta)	69,1	30,9
9 FLF (Fajãzinha, Horta)	87,0	13,0
23 TRC (Fontinhas, Angra do Heroísmo)	35,2	64,8
20 PIC (Bandeiras, Cais do Pico, Horta)	62,7	37,3
10 MIG (Ponta Garça, Ponta Delgada)	67,3	32,7

Tabela 3: Competição *estar a+infinitivo/gerúndio* nas localidades de maior produtividade de gerúndio – valores percentuais

Mas centremo-nos, agora, nos valores obtidos para o conjunto das localidades onde *estar+gerúndio* e *estar+a+infinitivo* coocorrem, a fim de caracterizarmos com algum rigor a variação identificada na área de coocorrência. Como foi já referido, a ideia de que a opção com gerúndio é a preferida dos dialetos do Sul não é rara na literatura. Isso mesmo se lê, por exemplo, em Segura (2013):

Regista-se também como próprio dos dialetos do Sul o uso preferencial de perífrases verbais construídas com os auxiliares *estar* ou *andar* seguidos de gerúndio do verbo principal

Segura 2013: 136

Ora, os dados do CORDIAL-SIN, embora confirmem a vitalidade de gerúndio nesses dialetos, não corroboram a ideia de que nessas regiões se usa preferencialmente a

opção com gerúndio. Pelo contrário, os dados mostram uma inequívoca superioridade de *estar a+infinitivo* nos dialetos em que as duas estratégias estão disponíveis:

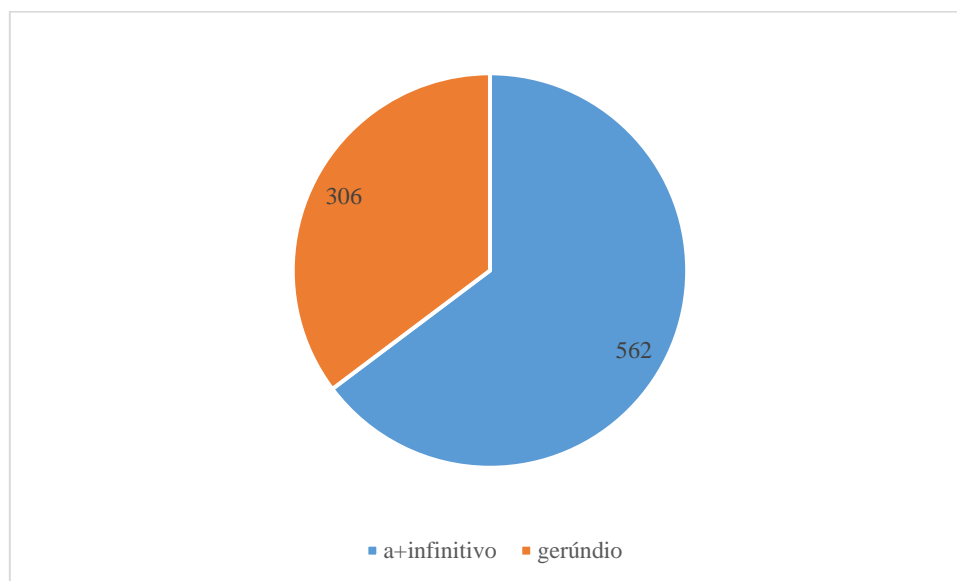


Gráfico 5: Competição *estar+a+infinitivo/gerúndio*, na área de coocorrência, no CORDIAL-SIN – valores absolutos

<i>a+infinitivo</i>		gerúndio	
n.º de ocorrências	%	n.º de ocorrências	%
562	64,7	306	35,3

Tabela 4: Competição *estar+a+infinitivo/gerúndio*, na área de coocorrência, no CORDIAL-SIN – valores absolutos e percentuais

Tendo em conta a existência de áreas em que se encontram disponíveis duas estratégias para veicular o progressivo com *estar*, e tendo em mente o princípio de economia de linguagem, que prediz que dificilmente duas estruturas terão total equivalência semântica, faz sentido perguntar o que motivará a escolha de uma ou de outra estrutura. A observação dos exemplos com gerúndio e com *a+infinitivo* atestados nas áreas de coocorrência não evidenciou, à semelhança do que foi notado para a generalidade do território, diferenças interpretativas evidentes. Uma explicação possível seria considerar que se trata de variação sociolinguística. No entanto, os dados deste trabalho não apontam nesse sentido. Note-se que referi, ao apresentar os dados referentes à totalidade do território, a possibilidade de se identificarem contrastes a nível de combinações aspetuais. Por neste capítulo me focar na descrição geral dos dados do CORDIAL-SIN, não desenvolvo, agora, a análise da competição *estar+gerúndio/a+infinitivo* na área de coocorrência. Fá-lo-ei, no entanto, no Capítulo 4 e mostrarei, nesse ponto, que há, efetivamente, aspetos de natureza semântica a pesar na

selecção de uma das variantes. A hipótese de que a variação entre *estar+a+infinitivo* e *estar+gerúndio* não é livre – que os dados que já evidenciei ao longo desta secção começam a sugerir – será nesse capítulo comprovada.

2.2.2. Os dados de *andar*

Construções aspetuais com *andar* (seguido de *a+infinitivo* ou gerúndio) são tipicamente associadas, na literatura, aos valores aspetuais habitual e iterativo (cf. Cunha e Cintra 1984, Cunha 1998, Barroso 1994, Oliveira 2003, Cunha 2013, Raposo 2013a, Cunha, Oliveira e Gonçalves 2004 e Oliveira, Cunha e Matos 2001).¹⁵⁹

Conforme esclareci na secção 1.2, para caracterizar os padrões de repetição de uma situação é comum, na literatura, falar-se em repetição simples, iterada ou habitual (cf. Cunha 2013: 586). Lembro que uma repetição simples corresponde a uma situação temporalmente delimitada, em que cada realização da situação é entendida como um evento autónomo (cf. (131)); uma situação iterada corresponde a um conjunto de situações que se repetem num intervalo de tempo delimitado, sendo esse conjunto de repetições interpretado como um evento único (cf. (132)); e uma repetição habitual, que geralmente é obtida através do verbo no presente ou no imperfeito do indicativo, indica um padrão de repetição capaz de ser considerado uma característica da entidade que se descreve (cf. (133)):

(131) No mês passado, a Ana foi muitas vezes à praia.

(132) A Ana tossiu a tarde toda.

(133) A Ana fuma. (= a Ana é fumadora).

Verifica-se, nos trabalhos consultados, uma utilização do termo ‘habitual’ numa aceção alargada, que se afasta da definição que acabo de apresentar. Vejam-se os exemplos abaixo, de Oliveira (2003: 150), que, segundo a autora, ilustram “o estado

¹⁵⁹ Nota-se, nas obras consultadas, instabilidade e indefinição em torno dos conceitos utilizados – surgindo ainda, a par dos conceitos ‘iterativo’ e ‘habitual’, os termos ‘frequente’, ‘prolongado’ e ‘durativo’. Em Cunha e Cintra (1984: 490) destaca-se a “ação durativa, continuada” das perífrases introduzidas com *andar+a+infinitivo* ou gerúndio. Em Cunha (1998: 30) salienta-se a leitura “iterada, prolongada ou frequente” dessas construções. Oliveira (2003: 150) refere “um estado habitual ou frequentativo”. Cunha (2013: 609) nota que *andar+a+infinitivo* é “compatível com uma interpretação habitual, constituindo-se esta interpretação, de resto, como a sua leitura preferencial”. Em Cunha, Oliveira e Gonçalves (2004) e Oliveira, Cunha e Matos (2001) destaca-se o valor habitual ou iterativo. Raposo (2013a: 1273) atribui a *andar* seguido de *a+infinitivo* uma leitura iterativa, na qual representa uma macrosituação complexa consistindo numa repetição múltipla de eventos”.

habitual ou frequentativo” que se obtém na construção com *andar* seguido de *a*+infinitivo:

(134) O João anda a ser simpático.

(135) Ele anda a ler um livro de linguística.

(136) A Joana anda a sair à noite.

(137) O Paulo anda a viajar.

Cunha (2013: 609) refere que se obtém, com a construção *andar+a*+infinitivo, um estado não faseável de tipo episódico (ou seja, espaço-temporalmente bem delimitado) e descreve o padrão de ocorrência como “tendencialmente habitual”. Ilustra com a seguinte frase:

(138) O Guilherme anda a comer a sopa.¹⁶⁰

Em nenhum dos exemplos de Oliveira (2003) e Cunha (2013) o padrão de repetição permite identificar uma propriedade caracterizadora do sujeito gramatical.¹⁶¹ Nos trabalhos referidos usa-se, antes, o termo ‘habitual’ para indicar frequência e repetição.

Não utilizarei, neste trabalho, o termo ‘habitual’ para me referir aos usos de *andar* exemplificados em (134)-(138), por acreditar que nestes casos se expressa, acima de tudo, frequência.¹⁶² Para caracterizar o valor aspetual marcado nessas construções apoio-me na descrição de Raposo (2013a), autor que caracteriza *andar* (seguido de *a*+infinitivo) como um verbo que marca repetição. Salaria que a leitura de *andar* é complexa, na medida em

¹⁶⁰ Para evidenciar o caráter habitual desta construção, o autor nota a sua compatibilidade com o advérbio “ultimamente” (cf. Cunha 2013: 609)

¹⁶¹ Veja-se como a frase *o João anda a ser simpático*, de Oliveira (2003), não é equivalente a *o João normalmente é simpático*. Esta impossibilidade de a situação descrita por *andar a* ser considerada uma propriedade caracterizadora do sujeito verifica-se nos restantes exemplos da autora (cf. (i)-(iii)):

- (i) Ele anda a ler um livro de linguística. [≠ Ele normalmente lê um livro de linguística.]
- (ii) A Joana anda a sair à noite. [≠ A Joana normalmente sai à noite.]
- (iii) O Paulo anda a viajar. [≠ O Paulo normalmente viaja.]

A mesma ideia se aplica à frase de Cunha (2013): *o Guilherme anda a comer a sopa* não é equivalente a *o Guilherme normalmente come a sopa*.

¹⁶² Veja-se, em (i)-(v), como as frases (134)-(137) e (138) são compatíveis com os advérbios *frequentemente* e *ultimamente*, mas incompatíveis, por outro lado, com *habitualmente* – isto evidencia um padrão de repetição, mas não um valor de habitualidade no sentido explicitado (e ilustrado com o exemplo (133)).

- (i) O João anda a ser simpático. (frequentemente/ultimamente/*??habitualmente)
- (ii) Ele anda a ler um livro de linguística. (frequentemente/ultimamente/*??habitualmente)
- (iii) A Joana anda a sair à noite. (frequentemente/ultimamente/*??habitualmente)
- (iv) O Paulo anda a viajar. (frequentemente/ultimamente/*??habitualmente)
- (v) O Guilherme anda a comer a sopa. (frequentemente/ultimamente/*??habitualmente)

que marca a fase intermédia de uma situação em progresso (partilhando essa propriedade com *estar* e *continuar* seguidos de *a*+infinitivo), mas defende que *andar* veicula “uma leitura iterativa, na qual representa uma macrossituação complexa consistindo numa repetição múltipla de eventos” (cf. Raposo 2013a: 1273).¹⁶³ São exemplos do autor:

- (139) O João anda a visitar a avó frequentemente.
- (140) O Pedro anda a ler livros de ficção científica.
- (141) A Clara anda a fazer os trabalhos de casa (com uma grande regularidade).
- (142) O Luís Filipe anda a passear no parque (desde que comprou um fato de treino).
- (143) O Cristiano Ronaldo anda a marcar muitos golos (nesta época).

Os dados dialetais confirmam a possibilidade de o marcador aspetual *andar* se combinar quer com *a*+infinitivo, quer com gerúndio, para veicular as leituras exemplificadas em (139)-(143), que na linha de Raposo (2013a) designo como iterativas. Vejam-se alguns exemplos:

- (144) Olhe, eu **andava** aí **a guardar** o gado, depois, logo ali fins de Agosto - começa assim a vir as águas novas. LVR
- (145) A gente **andava cavando** milho, com a quentura, a gente bebia. CRV
- (146) Fulano **anda a trabalhar** na fábrica". LVR
- (147) E tinha o dicionário em casa, chegou lá a casa - eu, nesse tempo, **andava vendendo** leite - , e chegou lá a casa dele, puxou do dicionário e encontrou o nome de choça. CPT

Nas situações acima é possível identificar uma leitura de repetição em curso, focando-se a fase intermédia de uma situação em progresso, exatamente como nota Raposo (2013a). Ou seja, nos exemplos (144)-(147) salienta-se o prolongamento de uma situação, embora não se trate um evento único (como numa construção com *estar*) mas antes, nos termos do autor, “uma macrossituação” que consiste numa “sucesão reiterada de eventos” (cf. Raposo 2013a: 1273). Noutras situações verifica-se uma continuidade intermitente, de novo como apontado por Raposo (2013a):

¹⁶³ Raposo defende que a leitura iterativa destas construções é partilhada com o pretérito perfeito composto do indicativo. Conforme nota (cf. Raposo 2013a: 1273), as estruturas com *andar* podem ser parafraseadas recorrendo-se ao pretérito perfeito composto do indicativo (*o João anda a visitar a avó frequentemente* é equivalente a *o João tem visitado a avó frequentemente*).

Quando *andar* (*a*) se combina com predicados que denotam processos culminados [...] não representa necessariamente uma iteração de eventos, mas sim que a fase intermédia do evento representado pelo predicado apresenta uma continuidade intermitente, porventura em virtude de ser várias vezes interrompida antes de se chegar ao estágio final da culminação: comparar (ainda que a diferença possa ser subtil) *O Eduardo está a ler um livro de banda desenhada* (a fase intermédia do evento é perspectivada de modo contínuo) com *O Eduardo anda a ler um livro de banda desenhada* (a fase intermédia é dividida em subeventos distintos, que se repetem com intervalos pelo meio).

Raposo 2013: 1273

Embora essas leituras não sejam as mais presentes no CORDIAL-SIN, os exemplos abaixo mostram que estão atestadas com *a+infinitivo* e com gerúndio:¹⁶⁴

(148) **Andava** lá **empilhando** uma cortiça. LUZ

(149) Eu **andava** lá **a fazer** a minha casa, aparecem umas meninas assim como vocês - isto é um modo de falar. STJ

Os dados relativos às possibilidades de combinação aspetual, expostos abaixo (cf. Gráficos 6 e 7 e Tabela 5), corroboram o que tem sido dito na literatura (cf. Oliveira 2003, Cunha 2013, Raposo 2013a, entre outros) sobre *andar a+infinitivo*: este semiauxiliar associa-se a todas as classes aspetuais, à exceção dos estados não faseáveis.¹⁶⁵ Salta à vista, relativamente a *andar+gerúndio*, o facto de haver classes que não ocorreram: estados, culminações e pontos.

¹⁶⁴ Não passa despercebida, nos exemplos até agora apresentados, a ocorrência de *andar* no pretérito imperfeito – a contribuir para reforçar o valor iterativo.

¹⁶⁵ A fras abaixo, de Oliveira (2003: 150) evidencia a restrição com estados não faseáveis:

(i) *O Manuel anda a ser alto.

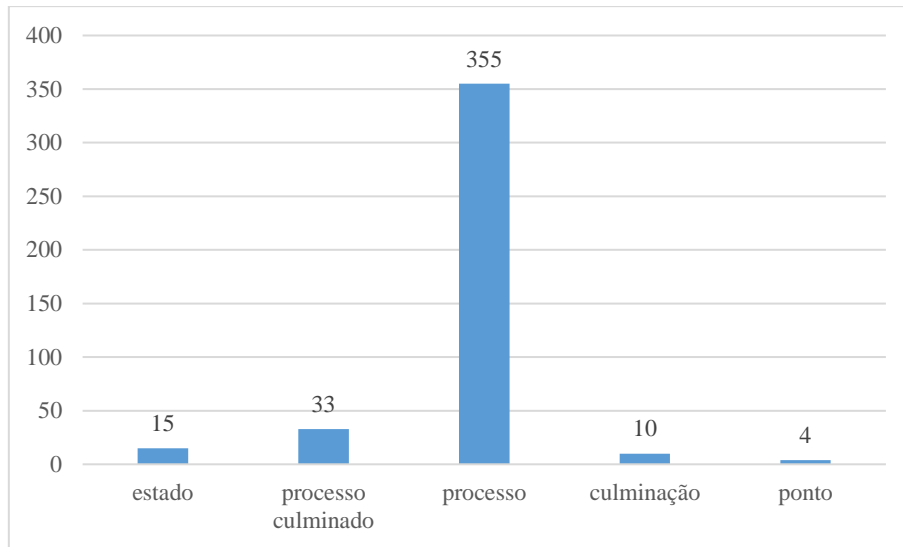


Gráfico 6: Combinações aspetuais de *andar+a+infinitivo* no CORDIAL-SIN (número de ocorrências)

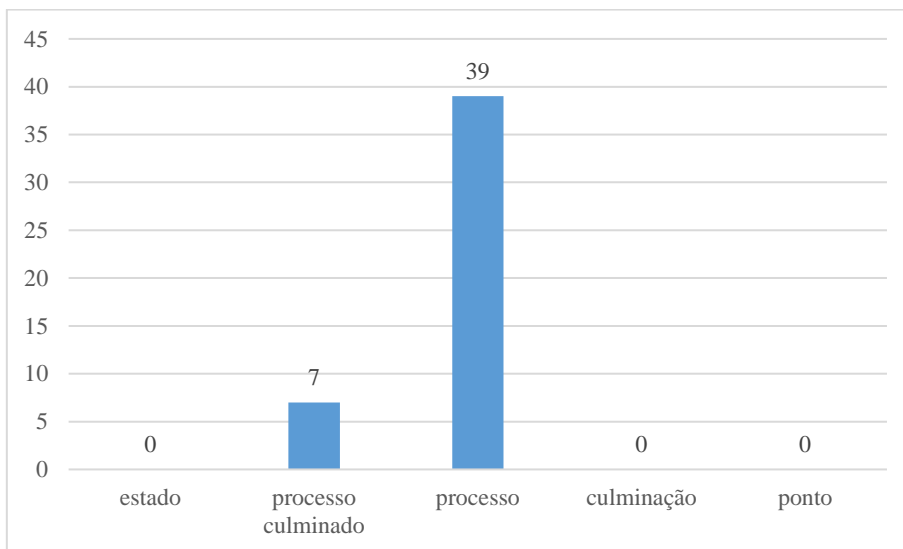


Gráfico 7: Combinações aspetuais de *andar+gerúndio* no CORDIAL-SIN (número de ocorrências)

classe aspetual	<i>a+infinitivo</i>		gerúndio	
	n.º de ocorrências	%	n.º de ocorrências	%
estado	15	3,6	0	0,0
processo culminado	33	7,9	7	15,2
processo	355	85,1	39	84,8
culminação	10	2,4	0	0,0
ponto	4	1,0	0	0,0

Tabela 5: Combinações aspetuais de *andar+a+infinitivo* e *andar+gerúndio* no CORDIAL-SIN - valores absolutos e percentuais

Verifica-se que, com *andar+a+infinitivo*, há um predomínio de processos, mas todas as classes estão representadas – excetuando-se, como prediz a literatura, os estados não faseáveis. O facto de se terem registado apenas ocorrências de *andar+gerúndio* com processos e processos culminados (estes, não muito expressivos) torna legítimo lançar a hipótese de, com esta estratégia, as possibilidades de combinação aspetual de *andar* serem mais limitadas – e volta a sublinhar a pertinência de se estudar a alternância entre gerúndio e *a+infinitivo* à luz de contrastes aspetuais.

Embora estes dados estejam aparentemente em conformidade com as descrições existentes relativamente às leituras veiculadas e às possibilidades de combinação aspetual, uma observação mais atenta revela que os dados dialetais apresentam peculiaridades.

Em algumas situações, que creio serem facilmente aceites e produzidas por qualquer falante de PEP, são visíveis leituras de *andar* nitidamente aspetuais que marcam um padrão de repetição, como nos exemplos seguintes:

(150) Ele anda a ser simpático/agressivo/...

(151) Ela anda a trabalhar muito.

Nestes casos, verifica-se que o semiauxiliar *andar* apresenta um valor claramente distinto de *andar* pleno. Ao contrário das frases acima, que não exibem de uma forma evidente uma leitura de movimento, esta leitura é indispensável à aceção plena do verbo:

(152) Ele anda 10 km por dia.

(153) A tartaruga anda muito devagar.

Nos dados do CORDIAL-SIN, é quase sempre evidente um uso de *andar* em que se encontra a ideia de movimento ou de deslocação no espaço:

(154) O que **anda ceifando** chama-se um ceifador. SRP

(155) Que é a semente de mão, de semear a semente - ouviu? - e é a outra que **andamos lavrando**, ali. SRP

(156) A gente **andava cavando** milho, com a quentura, a gente bebia. CRV

(157) E estavam lá todos a conversar, eram todos amigos e ele **andavam** lá a **serrar** - a serrar madeira para esteios para a vinha! COV

(158) E eu **andava** ali **a tirar a palha** ali ao cu da máquina, assim... STJ

Creio ser possível perceber em exemplos como estes – ainda que nuns mais do que noutros – essa ideia de movimento. Por outro lado, exemplos como os de (150) e (151) do PEP, em que se observa uma demção do valor lexical de *andar* e se verifica, de forma muito clara, uma leitura aspetual, são praticamente inexistentes no CORDIAL-SIN. Exponho abaixo o único exemplo que me parece expressar, de forma não ambígua, um valor nitidamente aspetual de *andar* (o facto de, neste exemplo, ocorrer o verbo *armar-se*, que não comporta a ideia de movimento, contribui para a não ambiguidade da leitura aspetual):¹⁶⁶

(159) O senhor **anda-se a armar** em enfermeiro, **anda-se a armar** em doutor, mas não é. CTL

Não identifiquei, com gerúndio, nenhum exemplo de *andar* claramente aspetual.

Considerando estes factos, os dados de *andar* do CORDIAL-SIN fazem crer que os usos identificados têm valores muito próximos ao sentido pleno do verbo.

O facto de *andar* se combinar, no CORDIAL-SIN, muito frequentemente com verbos posturais e de atividade física que exibem eles próprios uma ideia de movimento e deslocação no espaço (como por exemplo *lavar, ceifar, trabalhar, semear, apanhar, ...*) e o facto de ocorrerem quase sistematicamente com constituintes locativos, como nos exemplos abaixo, contribuem para evidenciar a sua leitura preferencial como pleno.

(160) A gente **andava por lá a trabalhar** e eles então apanhavam assim o sujo das cabras - chama-lhe a gente caganetas. UNS

(161) Os criadores hoje, **andam aí** apenas estes sete homens **a tosquiar**, há centenas deles à espera deles. MST

(162) " Então o que é que **andas aí fazendo** " ? AJT

(163) **Anda voando por aí**. CPT

Estes dados – dos quais neste momento ofereço apenas um vislumbre – oferecem mais uma vez pistas úteis no sentido de se tecerem considerações sobre o estágio de

¹⁶⁶ Assumo a possibilidade de em combinação com *trabalhar*, como na frase (i), também se identificar esta leitura aspetual. No entanto, considero que em (159) o valor aspetual é particularmente evidente.

(i) Fulano **anda a trabalhar** na fábrica. LVR

gramaticalização de perífrases do CORDIAL-SIN. Nomeadamente, sugerem que as construções com *andar* se encontram, no PD, num estágio incipiente de gramaticalização. São, aliás, dados consistentes com os apresentados em Brocardo e Correia (2012) e Correia e Brocardo (2010). Nesses trabalhos mostra-se que, em fases mais antigas na história do português, existe já uma clara gramaticalização de *ir*+gerúndio, mas nota-se a ocorrência de *andar* ainda muito associado à ideia de deslocação, a par de usos, como referem as autoras, “de interpretação ambígua, indiciando um processo ainda em curso. Só exemplos mais tardios atestam a sua gramaticalização plena” (cf. Brocardo e Correia 2012: 126).¹⁶⁷

Conforme já mencionei, a ideia de que as construções em estudo se encontram em diferentes estádios de gramaticalização no PD e no PEP será discutida no Capítulo 3, pelo que deixo uma análise mais elaborada sobre o tema para esse ponto do trabalho. Noto apenas que, relativamente aos dados apresentados até aqui, houve (unicamente) um exemplo, com *a*+infinitivo, que identifiquei como nitidamente aspetual – leitura que denota algum grau de gramaticalização. Tratando-se de um único exemplo, não me parece ser legítimo assumir que *andar*+*a*+infinitivo estará mais gramaticalizado, no PD, que *andar*+gerúndio. Assim, o que até agora podemos concluir é que quer com *a*+infinitivo, quer com gerúndio, os valores identificados são semelhantes e, como disse, próximos de usos lexicais de *andar*, sugerindo que são estruturas interpretativamente equivalentes e que no PD se encontram, provavelmente, em estádios de gramaticalização não muito distantes.

Chamo, contudo, a atenção para outro conjunto de dados. Nas ocorrências com gerúndio, é bem visível a combinação com processos como *trabalhar*, *servir*, *ceifar*, *lavrar* e *semear*, que denotam essencialmente ações físicas. Com *a*+infinitivo a mesma situação é visível, contando-se ocorrências com verbos como *semear*, *trabalhar*, *ceifar*, *foçar*, mas sobressaíram alguns aspetos. Com esta estratégia, algumas ocorrências pareceram sugerir uma associação mais fácil de *a*+infinitivo a predicados [+abstratos]: conforme ilustram os exemplos (164)-(167), combinou-se com um estado (*querer*) e identificaram-se ocorrências de expressões como *fazer zaragata*, *fazer sarilhos* e *chorar a dor* – que parecem envolver processos mentais abstratos.

¹⁶⁷ É curioso notar que Bertinetto (1990: 341) defende, a propósito do italiano, que *andare*+*a*+infinitivo é uma locução que não exprime conotação propriamente temporal-aspetual. O autor argumenta que o constituinte *a*+infinitivo é mais locativo do que perifrástico (aspetual/temporal).

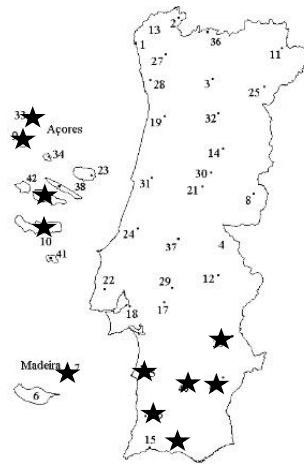
- (164) Já há que tempos que eu **ando a querer** ir a Évora para ver o que tenho, e ainda lá não fui e nem sei onde os médicos moram. CPT
- (165) **Andas** agora **a fazer zaragata** pelos caminhos todos os dias?! CRV
- (166) Apareceu aí uma remessa de gente sem cabeça e **andaram** aí **a fazer** aí grandes **sarilhos**. AJT
- (167) Porque as árvores, coitadinhas, choram a sua solidão, e eu também **ando a chorar a dor** do meu coração. LUZ

A identificação deste tipo de predicados com *a*+infinitivo, mas não com gerúndio, faz questionar sobre a relevância dos traços [+abstrato] e [+concreto] para explicar a competição em análise. Mais uma vez, remeto para o Capítulo 4 o desenvolvimento deste tema – é nesse ponto que a motivação para a variação entre *a*+infinitivo e gerúndio será, de uma perspetiva comparativa que inclui dados de outras línguas, devidamente tratada – ficando aí claro que também estes traços são, a par dos aspetuais, pertinentes para explicar a variação.¹⁶⁸

Por outro lado, estes dados podem sugerir, mais uma vez, que a opção com *a*+infinitivo estará mais gramaticalizada do que gerúndio – os trabalhos sobre gramaticalização são relativamente consensuais ao considerar a existência de uma escala de evolução conceptual no sentido do mais concreto para o mais abstrato (cf. Heine et al. 1991, Traugott e König 1991, entre outros). Conforme explico no Capítulo 3, embora seja com *a*+infinitivo que se registam as (poucas) situações que denotam um maior grau de gramaticalização, é difícil, a partir do conjunto de dados de que disponho, estabelecer uma ordenação exata de *andar*+*a*+infinitivo e *andar*+gerúndio na escala de gramaticalização: o que parece claro é que as estratégias exibem, ambas, um grau de gramaticalização ainda incipiente.

As ocorrências de *andar* seguido de gerúndio no CORDIAL-SIN localizam-se dentro da conhecida área de *estar*+gerúndio (identificada em Carrilho e Pereira 2011). É curioso reparar como estas ocorrências delimitam uma subárea do mapa obtido para *estar*, concentrando-se desta vez, de forma bem definida, nos dialetos mais a Sul e nalguns insulares:

¹⁶⁸ No entanto, como mostro nesse capítulo, os dados do galego relativos a *estar* revelam que são os predicados que denotam situações concretas do mundo físico e que se relacionam com o corpo humano que favorecem *a*+infinitivo. Este facto, que será amplamente discutido, é atribuído à fase em que o galego se encontra no processo de substituição de gerúndio por *a*+infinitivo.



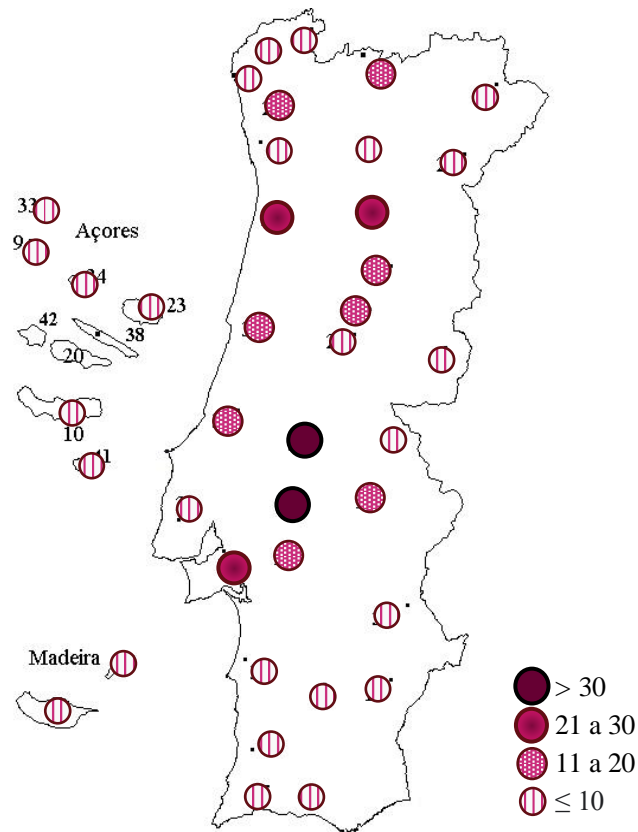
Mapa 5: Distribuição de *andar*+gerúndio no CORDIAL-SIN

Uma análise que dê conta do nível de produtividade das estruturas torna-se ainda mais interessante, por permitir chegar a outras conclusões. Se olharmos para os dados da frequência de *andar*+gerúndio (cf. Mapa 7) e os cruzarmos com os dados obtidos para *estar*+gerúndio (que volto a expor no Mapa 6), verificamos que, com *andar*, a produtividade do gerúndio é menor. No entanto, os Açores continuam a destacar-se: Corvo, Fajãzinha, Bandeiras (Cais do Pico) e Ponta Garça, localidades onde se registou elevada produtividade de *estar*+gerúndio, exibem também ocorrências de *andar*+gerúndio. São sobretudo estes, e os dialetos alentejanos e algarvios, os que se demarcam como área de *andar*+gerúndio (o ponto assinalado na ilha da Madeira corresponde a apenas uma ocorrência):

sentido se novamente assumirmos como válida a ideia, frequente na literatura, de que o gerúndio registado nos dialetos alentejanos, algarvios e insulares corresponde à estratégia conservadora e *a+infinitivo* à inovação que se vai impondo (cf. Boléo 1974, Cunha 1996, Cunha e Cintra 1984; cf. também Casalicchio 2019 e Casalicchio e Migliori 2018 sobre a substituição de gerúndio por *a+infinitivo* nas línguas românicas).¹⁶⁹ Sem contrariar a hipótese do gerúndio conservador – aliás, os dados que apresento nos próximos capítulos fortalecem-na –, os dados geolinguísticos desta tese permitem, no entanto, questionar a ideia defendida pelos autores a favor dessa hipótese de que *a+infinitivo* é uma inovação dos dialetos do Norte e que daí se terá estendido para Sul: conforme observei a propósito da distribuição de *estar+a+infinitivo*, é o Centro – não o Norte – que se assume como área de maior concentração e produtividade de *a+infinitivo*.¹⁷⁰ É o que se vê também no Mapa 8 que exponho abaixo, relativo aos dados de *andar+a+infinitivo*: é novamente no Centro que se localizam os dialetos de maior produtividade de *a+infinitivo*. Os dados globais relativos à produtividade de *a+infinitivo* quando se consideram os três auxiliares, que apresentarei adiante, tornarão bastante evidente que é realmente nos dialetos do Centro que *a+infinitivo* é mais produtivo.

¹⁶⁹ Importa notar, no entanto, que a par dos trabalhos que defendem a hipótese do gerúndio conservador encontram-se estudos diacrónicos que sublinham que ambas as estratégias se encontravam disponíveis e em variação já no Português Antigo, e que apontar uma das construções como a mais antiga é uma questão complexa (cf. Barbosa 1999, Mattos e Silva 2004, Maler 1972, entre outros).

¹⁷⁰ Similarmente, em Mothé (2014) defende-se, a partir da análise de textos noticiosos do PE ao longo do século XX, que *a+infinitivo* avança, em diferentes contextos sintáticos, de forma indistinta por todo o território, chegando-se a registar uma menor produtividade de *a+infinitivo* na região Norte comparativamente a outras regiões.



Mapa 8: Produtividade de *andar+a+infinitivo* – número de ocorrências

O mapa relativo à expressividade de *andar+a+infinitivo* evidencia, ainda, que é uma estrutura atestada praticamente em todo o território, mas ausente em três pontos dos Açores. No entanto, dois desses pontos também não apresentam ocorrências com a construção equivalente, *andar+gerúndio*.¹⁷¹ Os dialetos do Sul e insulares isolam-se como áreas coesas de fraca produtividade da estratégia, mostrando uma configuração coincidente com a área de gerúndio.

Diferentemente do que se verificou com *estar*, *andar+a+infinitivo* e *andar+gerúndio* distribuem-se de forma equilibrada nas áreas em que as duas estruturas coocorrem, havendo inclusivamente superioridade de gerúndio (cf. Gráfico 8).

¹⁷¹ Pode tratar-se de um constrangimento pragmático e as estruturas relevantes simplesmente não terem ocorrido no discurso.

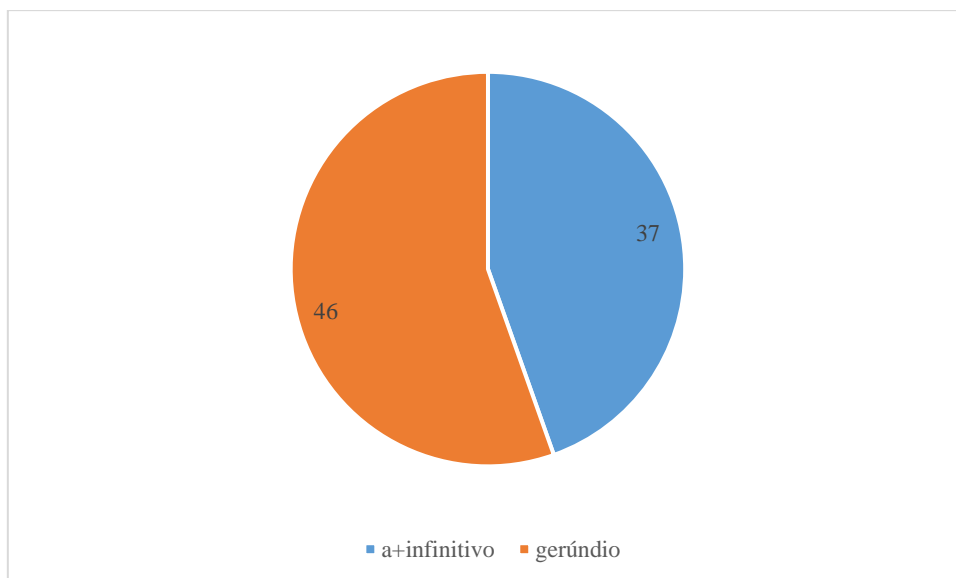


Gráfico 8: Competição *andar* a+infinitivo/gerúndio na área de coocorrência – número de ocorrências

Embora a percentagem de *andar*+gerúndio seja inferior à de *estar*+gerúndio quando consideramos os dados da totalidade do território (9,9% de *andar*+gerúndio contra 22,4% de *estar*+gerúndio, conforme illustrei com o Gráfico 2 exposto no início da secção 2.2), se nos centrarmos nas áreas de coocorrência constatamos que é com *andar* que gerúndio é mais produtivo (cf. Tabela 6).

	<i>a+infinitivo</i>		<i>gerúndio</i>	
	n.º de ocorrências	%	n.º de ocorrências	%
<i>andar</i>	37	44,6	46	55,4
<i>estar</i>	562	64,7	306	35,3

Tabela 6: Distribuição de gerúndio e a+infinitivo com *estar* e *andar*, na área de coocorrência

Os dados relativos à área de coocorrência de *andar*+*a+infinitivo* e *andar*+gerúndio não evidenciam, de forma clara, contrastes entre a opção com gerúndio e com *a+infinitivo*. Na linha do que já disse anteriormente, ambas exibem o mesmo tipo de leitura, a mesma ideia de movimento e há em ambas, muitas vezes, a presença de constituintes locativos, apontando para usos próximos do sentido pleno do verbo. No entanto, na descrição dos dados de *andar* coloquei em evidência pelo menos dois aspetos que parecem poder influenciar a variação: possibilidades de combinação aspetual (tal como observei para *estar*) e o grau de abstração do predicado. Embora me centre, no Capítulo 4, no estudo da variação em perífrases introduzidas por *estar* – e não *andar* – confirmaremos aí que também este último aspeto influencia a ocorrência de *a+infinitivo*

ou gerúndio. Há, no entanto, contrastes entre o português e o galego a mostrar que, nas duas línguas, o peso destes factores na escolha de uma das variantes não se verifica exatamente na mesma medida, e em construções com *estar* do galego é o gerúndio que mais facilmente se associa a predicados que denotam situações abstratas.

2.2.3. Os dados de *ficar*

Comparativamente a *estar* e *andar*, as ocorrências de *ficar* no CORDIAL-SIN foram menos expressivas. Ainda assim, identificaram-se, igualmente, contextos com *a*+infinitivo e com gerúndio, sugerindo que se trata de um contexto de variação. A opção com gerúndio mostrou-se, contudo, pouco produtiva: foram contabilizadas apenas 10 ocorrências dessa construção e 104 exemplos de *ficar*+*a*+infinitivo (destes, 16 ocorreram na área de *ficar*+gerúndio). Apresento abaixo alguns exemplos das estruturas identificadas:

(168) Eu **fiquei gostando** muito dela. CPT

(169) Ó senhor, dá-me o ramo, **fico eu sendo** a exposição. STJ

(170) O pastor começou a envelhecer e tinha lá um filho – foi toda a vida a ajuda do pai –, esse é que **ficou a ser o** pastor. CBV

(171) E então nessa altura é que mais umas pessoas vizinhas aqui dos Cedros **ficaram a ter** terra de lenha. CDR

Nos exemplos (168)-(171), ambas as estruturas ocorreram, no CORDIAL-SIN, associadas a um valor próximo ao veiculado por *passar a*, ou seja, representa-se uma nova situação, de natureza estável, que surge como resultado de uma mudança. Este valor encontra-se descrito na literatura (cf. Raposo 2013a, Correia 2010, Lehmann 2008 e Herculano de Carvalho 1984, entre outros) e, conforme sublinham Raposo (2013a) e Correia (2010), ocorre preferencialmente com estados. É, justamente, o que acontece nos exemplos (168)-(171), em que todos os predicados (*gostar muito dela*, *ser a exposição*, *ser o pastor* e *ficar a ter terra de lenha*) são estativos.

No entanto, identificaram-se frases em que o foco na mudança de situação não será tão evidente, sobressaindo mais o carácter durativo da situação descrita. Vejam-se as frases abaixo:

(172) Depois ele abalou, **fiquei eu a ordenhar**. STJ

(173) Pronto, as senhoras abalaram e eu **fiquei descansando**, pronto, já me passou mais isto. LUZ

(174) Eu dizia tudo quanto me vinhas a bola e elas **ficavam a rir**. CPT

(175) Hoje, agora de repente, não me lembra o nome disto, mas quando vier, calhando para amanhã ou depois (...) deito-me e **fico pensando** naquilo e lembro-me. LUZ

O que pretendo notar é observado por Raposo (2013a: 1272) e consiste no facto de, com predicados eventivos, ser a leitura aspetual durativa – e não a mudança de situação – que é colocada em evidência. As frases (172)-(175) mostram a possibilidade de este verbo marcar, muito nitidamente, uma situação durativa, associada a uma continuidade temporal, sugerindo um valor próximo a *permanecer*. Embora continue a ser possível, em (172)-(175), perceber uma mudança de situação – mas agora de natureza não estável – a leitura mais evidente nestas frases é a de existência de continuidade temporal associada a permanência num dado local. Esta leitura preferencialmente durativa de *ficar* é também referida nos outros trabalhos já citados sobre construções com este verbo (cf. Lehmann 2008, Correia 2010, Herculano de Carvalho 1984, entre outros).¹⁷²

Na verdade, foi possível verificar que as ocorrências de *ficar* seguido de *a*+infinitivo correspondem, na sua vastíssima maioria, a leituras deste segundo tipo: com um sentido idêntico a *permanecer* e com uma implicação locativa bem perceptível. Reproduzo abaixo alguns exemplos dessa situação: leituras em que está implícita uma ideia locativa próxima à do sentido de *ficar* como verbo pleno.

- (176) Chama-se a cova do gado e todos os dias, ou de manhã ou à noite, eles limpam a cova, deitam fora na rua, e aquele esterco **fica** ali **a curtir** - chama-se o esterco -, porque eles fazem cama com o toro do milho, com mondas... CDR
- (177) E as outras pessoas **ficam** cá **a abrir** o porco todo, 'desfachinar' tudo. STJ
- (178) E ele **ficava** ali assim **a escorrer** muito escorridinho, depois guardava-se. GIA
- (179) O porco **ficava** ali **a roncar** até dar ele o gemido. ALC
- (180) Tinha comido, tinha abalado e a gente tínhamos aí **ficado a ajeitar** as coisas. STJ

Quando a opção foi o gerúndio, essa leitura espacial, menos evidente, foi inclusivamente bloqueada em alguns casos:

- (181) Eu **fiquei gostando** muito dela. CPT

¹⁷² Por não serem completamente óbvias, as diferenças interpretativas que pretendo evidenciar sublinham a complexidade de leituras – às vezes sobrepostas – que este verbo pode apresentar, facto repetidamente notado na literatura (cf. Raposo 2013a, Correia 2010, Herculano de Carvalho 1984, Lehmann 2008, entre outros). Efetivamente, embora tenham sido identificadas duas leituras introduzidas por *ficar* (o que sugere a pertinência de se considerar, na análise de estruturas com este verbo, duas entradas lexicais: *ficar1* [equivalente a *passar a*] e *ficar2* [equivalente a *permanecer*]), são frequentes as situações em que não é possível, nos dados do CORDIAL-SIN, distinguir claramente os dois valores.

(182) Ó, uma erva que cheira mui mal, Amélio, que a gente pega-lhe nas mãos e **fica** as mãos **cheirando** mal? FLF

(183) Deu um trabalhão e ainda se **ficou devendo** a tanta gente mas, agora, graças a Deus, já pagámos. PST

(184) É uma sobreira, **fica** sempre **sendo** sobreira, sempre à mesma. PAL

Repare-se que dados relativos à combinação aspetual de *ficar*+*a*+infinitivo e *ficar*+gerúndio parecem confirmar a predição de que existem contrastes: sugerem uma maior facilidade de combinação de gerúndio com estados – situação também verificada com *estar*, mas que com *ficar* é particularmente evidente – ou pelo menos um maior equilíbrio entre as possibilidades de combinação aspetual. Com *a*+infinitivo, os processos são nitidamente dominantes.¹⁷³

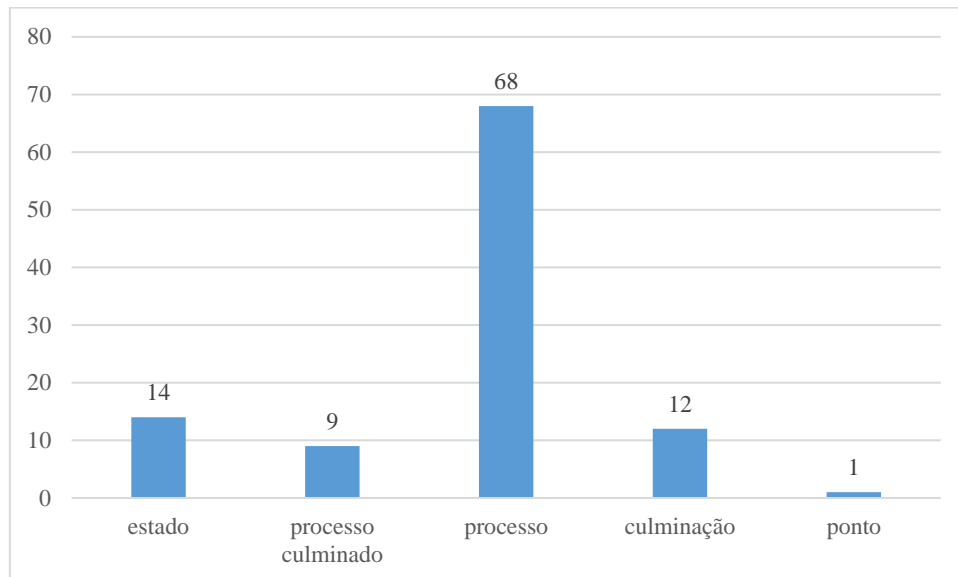


Gráfico 9: Combinações aspetuais de *ficar a*+infinitivo no CORDIAL-SIN – número de ocorrências

¹⁷³ Em Oliveira, Cunha e Matos (2001) e Oliveira, Cunha e Gonçalves (2004) sublinha-se que *ficar* apresenta as mesmas restrições de combinação aspetual evidenciadas por *estar* e *andar*: associa-se a todas as classes, exceto a estados não faseáveis. Oliveira, Cunha e Matos (2001: 742) ilustram esta restrição com a agramaticalidade de **o João ficou a ser alto* e **a Maria ficou a ter um BMW*.

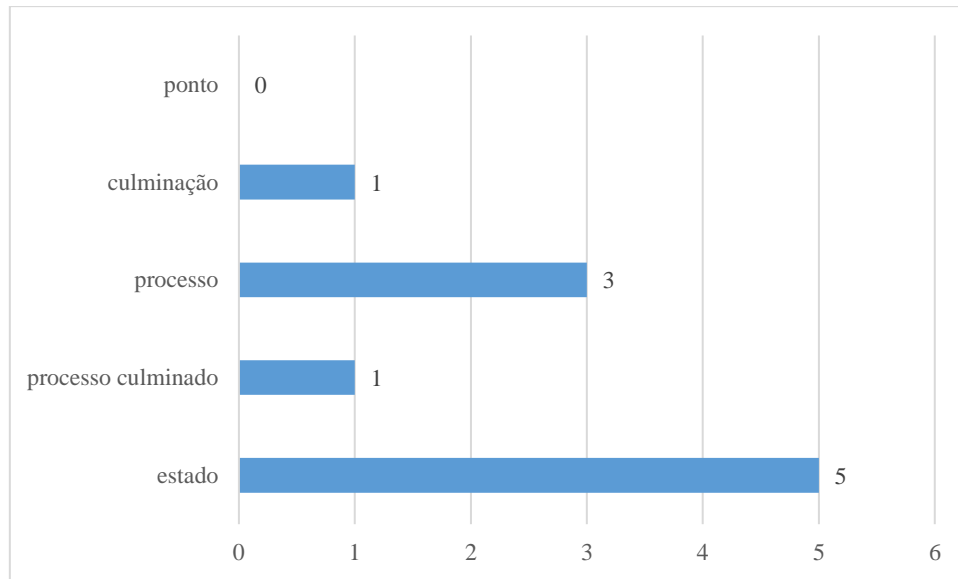


Gráfico 10: Combinações aspetuais de *ficar*+gerúndio no CORDIAL-SIN – número de ocorrências

classe aspetual	<i>a</i> +infinitivo		gerúndio	
	n.º de ocorrências	%	n.º de ocorrências	%
estado	14	13,5	5	50
processo culminado	9	8,7	1	10
processo	68	65,4	3	30
culminação	12	11,5	1	10
ponto	1	1,0	0	0

Tabela 7: Combinações aspetuais de *ficar*+*a*+infinitivo e *ficar*+gerúndio no CORDIAL-SIN - valores absolutos e percentuais

Eis alguns exemplos em que o gerúndio se associa a estados (alguns dos quais já apresentados em (181)-(184), mas que aqui volto a reproduzir):

(185) É uma sobreira, **fica** sempre **sendo** sobreira, sempre à mesma. PAL

(186) Ó senhor, dá-me o ramo, **fico** eu **sendo** a exposição. STJ

(187) Ó, uma erva que cheira mui mal, Amélio, que a gente pega-lhe nas mãos e **fica** as mãos **cheirando** mal? FLF

(188) Eu **fiquei gostando** muito dela. CPT

Note-se que são, precisamente, os estados que preferencialmente ocorrem quando a leitura aspetual é a de mudança de situação, num sentido equivalente a *passar a* (por exemplo, *ser a exposição, gostar*), ou uma situação durativa sem que seja

necessariamente o resultado de uma mudança (por exemplo, *ser sobreira*). Como já referi, situações estativas compatíveis com uma leitura de mudança de situação foram muito residuais com a estratégia *a+infinitivo* (os exemplos expostos em (170) e (171) acima, que reproduzo em (189) e (190), constituem exemplos destas ocorrências residuais).

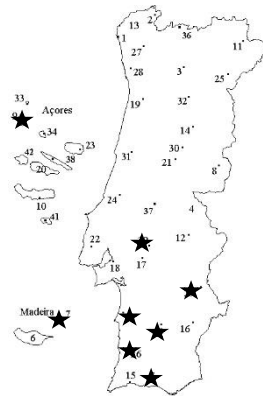
(189) O pastor começou a envelhecer e tinha lá um filho - foi toda a vida a ajuda do pai - , esse é que **ficou a ser** o pastor. CBV

(190) E então nessa altura é que mais umas pessoas vizinhas aqui dos Cedros **ficaram a ter** terra de lenha. CDR

Estes dados levam-me a considerar a existência de contrastes entre *a+infinitivo* e gerúndio no que toca às leituras veiculadas quando se associam a *ficar*.¹⁷⁴ Ao evidenciarem uma maior associação de estados a gerúndio – a marcar leituras claramente aspetuais – e ao mostrarem usos essencialmente locativos de *ficar+a+infinitivo* – mais próximos da aceção pleno do verbo – os dados sugerem, inclusivamente, que com *ficar* as estruturas mais gramaticalizadas são as de gerúndio. Lembro que ao longo deste capítulo fui fazendo comentários ao estágio de gramaticalização de *estar* e *andar* seguidos de *a+infinitivo/gerúndio*, tendo remetido o tratamento aprofundado da questão para o Capítulo 3, mas adiantando que, com *estar*, é o gerúndio a estratégia mais gramaticalizada no PD e com *andar* ambas parecem situar-se num estado incipiente de gramaticalização. Efetivamente, comprovarei no Capítulo 3 que tanto com *estar* como com *ficar* é o gerúndio a estratégia que, no PD, parece mais gramaticalizada.

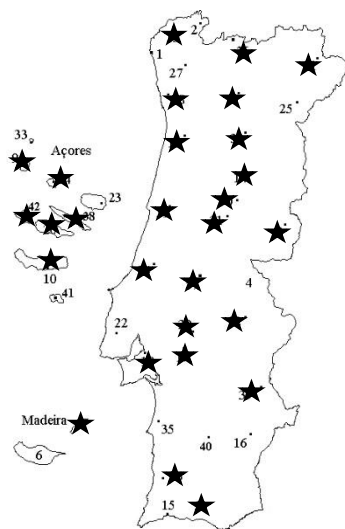
Todas as ocorrências de *ficar* aspetual seguido de gerúndio foram identificadas, mais uma vez, em dialetos do Sul e insulares, ainda que ocorra numa localidade não tão a Sul como a área de *andar+gerúndio*, concretamente o ponto 29 do CORDIAL-SIN (Santa Justa, Coruche, distrito de Santarém), que se situa na fronteira da área delimitada por *estar+gerúndio*. Tal como aconteceu com *andar*, também os dados de *ficar* evidenciam relações com a área de *estar* aspetual:

¹⁷⁴ No âmbito da análise contrastiva desenvolvida no Capítulo 4, pude verificar que existem contrastes claros em estruturas com *ficar* também em galego, e idênticos aos que acabo de descrever para o PD. Deixo os comentários mais relevantes sobre a variação registada no galego com *ficar* para esse capítulo.



Mapa 9: Distribuição de *ficar*+gerúndio no CORDIAL-SIN

É ainda interessante verificar o que acontece com a distribuição geográfica de *ficar+a+infinitivo*. Embora seja uma estrutura facilmente reconhecida por qualquer falante de PE e se encontre atestada de Norte a Sul do território continental, bem como nos Açores e Madeira, há localidades do CORDIAL-SIN em que não ocorreu: nomeadamente, em alguns pontos dispersos no território e, não surpreendentemente, em pontos do Sul que correspondem à área de gerúndio. Está também ausente em algumas localidades dos arquipélagos – uma das quais regista *ficar*+gerúndio –, que já sabemos que estão igualmente associadas à ocorrência de gerúndio aspetual. O facto de *ficar+a+infinitivo* não ocorrer em algumas localidades, mais do que implicar que é uma estrutura inexistente nesses dialetos, evidencia uma correspondência entre os pontos em que está ausente e a área de gerúndio.



Mapa 10: Distribuição de *ficar+a+infinitivo* no CORDIAL-SIN

2.2.4. Considerações gerais e observações geolinguísticas

Até agora, comentei os dados relativos à variação entre gerúndio e *a*+infinitivo, no CORDIAL-SIN, em perífrases aspetuais introduzidas por *estar*, *andar* e *ficar*, tendo observado com algum detalhe o cenário de cada semiauxiliar individualmente. Faz sentido considerar, neste ponto, os dados em conjunto, para que, no que toca a determinados aspetos, possamos ter uma visão mais alargada dos dados e extrair as devidas conclusões.

No que diz respeito aos padrões de combinação aspetual, os dados tomados em conjunto confirmam uma tendência de associação semelhante para as duas estratégias – sendo clara a fácil associação de ambas a processos e a sua fraca combinação com pontos. Mas os dados evidenciam, também, as diferenças entre gerúndio e *a*+infinitivo que foram sendo notadas ao longo das secções anteriores: há uma superioridade de gerúndio com estados, um domínio claro de processos com as duas estruturas (ainda que, em combinação com esta classe, *a*+infinitivo se sobreponha a gerúndio) e, com culminações, *a*+infinitivo ultrapassa ligeiramente gerúndio, mas com processos culminados é gerúndio a construção mais produtiva, sobrepondo-se a *a*+infinitivo em seis valores percentuais.

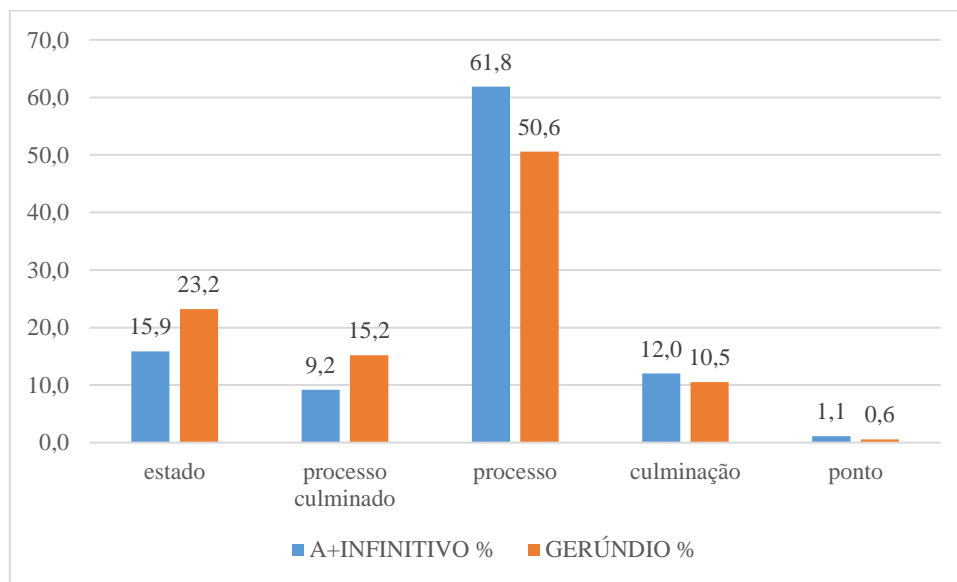


Gráfico 11: Combinações aspetuais de *estar*, *andar* e *ficar* seguidos de gerúndio ou *a*+infinitivo, no CORDIAL-SIN – valores totais percentuais

	A+INFINITIVO		GERÚNDIO	
	n.º ocorrências	%	n.º ocorrências	%
estado	251	15,9	84	23,2
processo culminado	145	9,2	55	15,2
processo	979	61,8	183	50,6
culminação	190	12,0	38	10,5
ponto	18	1,1	2	0,6

Tabela 8: Combinações aspetuais de *estar*, *andar* e *ficar* seguidos de gerúndio ou *a*+infinitivo, no CORDIAL-SIN – valores totais absolutos e percentuais

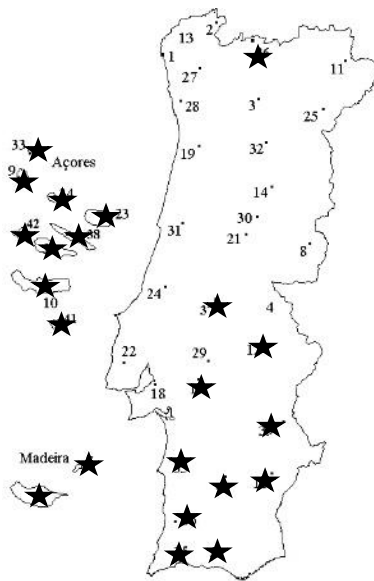
Ao evidenciarem diferenças entre gerúndio e *a*+infinitivo, estes dados sublinham a pertinência de uma análise aspetual para o estudo da variação em foco. Como já várias vezes referi, voltarei a este tema no Capítulo 4, dando particular atenção à área de coocorrência e considerando também dados do galego. Um dos contrastes agora observado – a maior produtividade de gerúndio com estados – será bem sublinhado por esse maior conjunto de dados – que permitirá, ainda, identificar outros aspetos que contribuem para a caracterização da variação – nomeadamente, os traços [+durativo], [+télico] e [+abstrato].

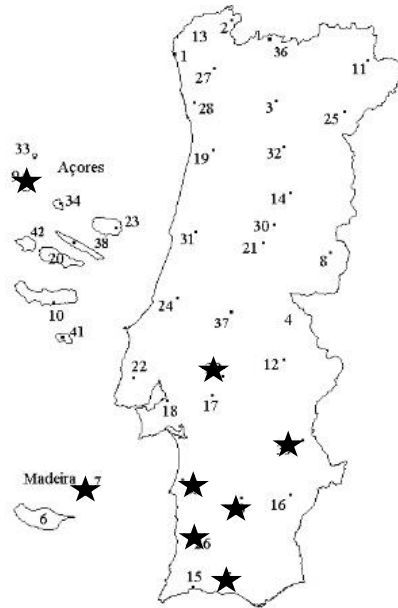
Além disso, a combinação do gerúndio com estados, já comentada nas secções anteriores (cf. particularmente a secção 2.2.3., relativa aos dados de *ficar*) e aqui evidenciada no Gráfico 11 e na Tabela 8, revela que a hipótese de Oliveira, Cunha e Gonçalves (2004) de que *inputs* eventivos permitem o gerúndio (nas variedades em que a estratégia está atestada) e que *inputs* estativos normalmente o bloqueiam é demasiado generalista, sendo nitidamente insuficiente para dar conta dos dados do CORDIAL-SIN.

Outra observação necessária é a de que estes três contextos em que se atestou variação correspondem a construções aspetuais durativas. Assim, e em linha com o que tem sido dito na literatura, a existência de um contexto durativo parece ser essencial na legitimação da variação – embora, como evidenciam os dados, não seja condição suficiente: lembremos que gerúndio não se encontra atestado, no CORDIAL-SIN nem com *continuar* nem como complemento de orações introduzidas por verbos percetivos, contextos que também são aspetualmente durativos. Comentarei estes factos na secção 2.5, em que apresento, justamente, os casos que *a*+infinitivo foi a única estratégia identificada no CORDIAL-SIN.

Passemos para as observações geolinguísticas. Considerando a distribuição geográfica do gerúndio com os três verbos em estudo (cf. Mapas 11, 12 e 13, abaixo),

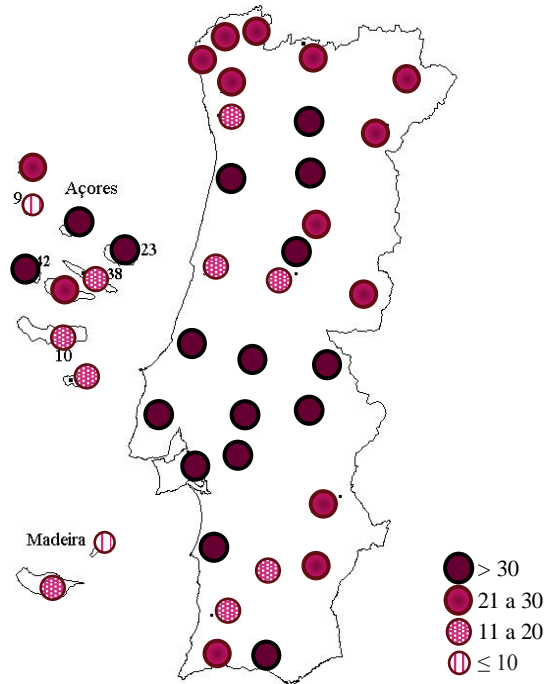
encontramos uma paisagem bastante organizada, sendo possível identificar os dialetos do Sul e insulares como área de ocorrência de gerúndio aspetual. É bem visível, nestes mapas, que a produtividade de gerúndio diminui com *andar* e *ficar* comparativamente a *estar*. O facto de esta ser uma estrutura altamente produtiva na língua pode justificar este facto. Contudo, não desconsidero a possibilidade de o gerúndio ser mais frequente com este verbo devido ao seu carácter de verdadeiro progressivo, que favorecerá a ocorrência da estratégia. Provavelmente, será uma combinação destes dois factos que justifica a vitalidade do gerúndio com este marcador aspetual.





Mapa 13: Distribuição de *ficar*+gerúndio no CORDIAL-SIN

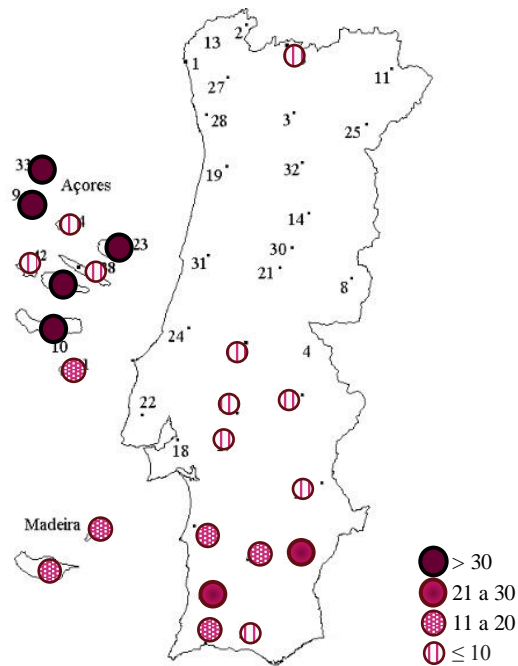
Se observarmos a distribuição e a produtividade de *a*+infinitivo com os mesmos verbos (cf. Mapa 14), volta a ser possível definir áreas: desta vez, é a menor produtividade de *a*+infinitivo registada em dialetos do Sul e insulares que permite isolar estas regiões, numa mancha geográfica que coincide com a área de gerúndio. Isolam-se, paralelamente, os dialetos da região Centro, que formam uma área compacta de forte produtividade de *a*+infinitivo, bem como algumas sub-regiões dos dialetos setentrionais (Vila Real, Viseu e Aveiro) e três ilhas do Grupo Central dos Açores: Faial, Graciosa e Terceira.



Mapa 14: A+infinitivo nas perífrases aspetuais com *estar*, *andar* e *ficar* no CORDIAL-SIN – número de ocorrências

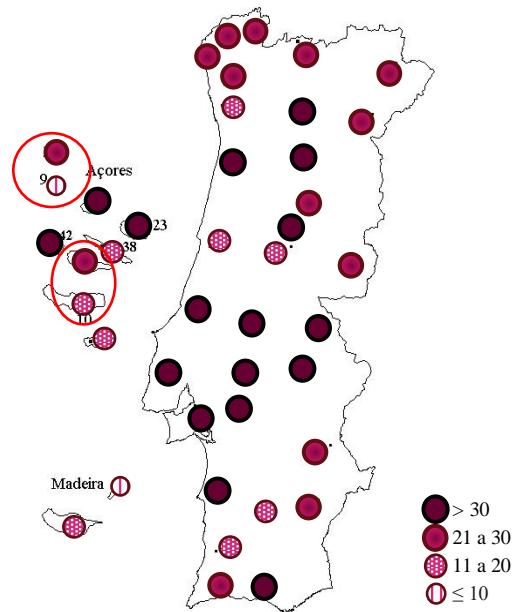
Estes factos reforçam a ideia, já apresentada nas secções anteriores, de que são os dialetos do Centro, mais do que os do Norte, os que se assumem como área de forte produtividade de *a*+infinitivo.

O mapa seguinte, que expõe, em conjunto, a área de gerúndio identificada a partir dos dados dos três semiauxiliares em estudo, evidencia uma progressão da produtividade de gerúndio à medida que avançamos mais para Sul e identifica os Açores como uma área de grande vitalidade da construção. O ponto em Vila Real é facilmente explicado se considerarmos que se trata de influência do galego, onde o gerúndio nos mesmos contextos também se encontra atestado.



Mapa 15: Área de gerúndio em perífrases aspetuais com *estar*, *andar* e *ficar* no CORDIAL-SIN – número de ocorrências

Dentro do arquipélago dos Açores, vários pontos evidenciaram uma expressiva produtividade de gerúndio aspetual, nomeadamente as duas ilhas do Grupo Ocidental (Corvo e Flores), São Miguel, no Grupo Oriental, e duas ilhas do Grupo Central: Pico e Terceira – exibindo esta última, como vimos acima, também forte produtividade de *a*+infinitivo. Excetuando essa ilha, nas outras quatro que exibiram forte produtividade de gerúndio (Pico, São Miguel, Corvo e Flores) *a*+infinitivo regista, não surpreendentemente, números menos expressivos:

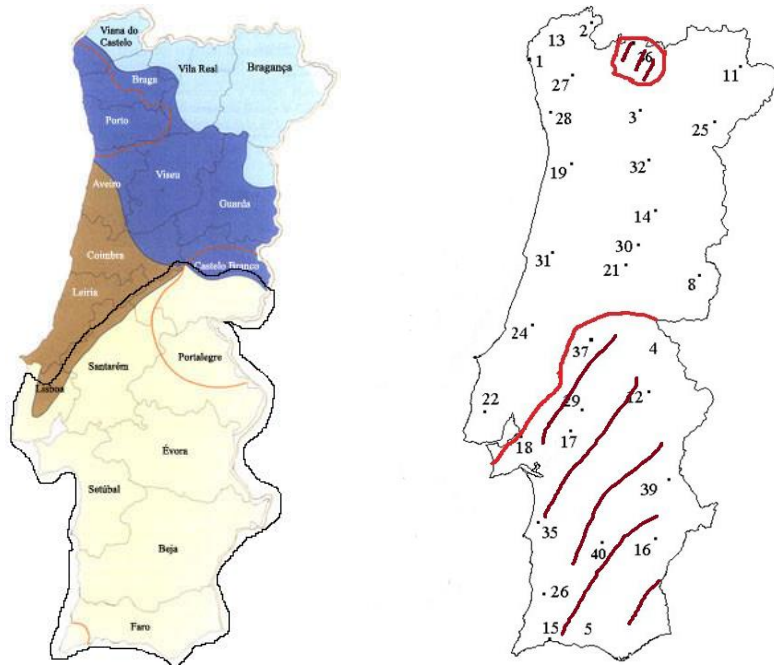


Mapa 16: A+infinitivo com *estar*, *andar* e *ficar* nas ilhas de maior produtividade de gerúndio – número de ocorrências

A área de gerúndio aspetual identificada neste trabalho permite estabelecer relações com áreas identificadas a partir de outros fenómenos sintáticos. Lembremos que, na primeira parte desta dissertação, quando apresentei o atlas sintático construído a partir da observação desses fenómenos, notei a existência de uma área que opõe o Norte e Centro (a Norte do Tejo)¹⁷⁵ aos dialetos do Sul e insulares. O que então permitiu a identificação dessa área foi a paisagem identificada para *estar* aspetual (Carrilho e Pereira 2011), gerúndio flexionado (cf. Lobo 2000, 2008), gerundivas subordinadas introduzidas por *quando* e *em bem*, *estar* existencial e construções alternativas à construção de União de Orações (cf. Pereira 2012). Em primeiro lugar, estes dados relativos à distribuição de gerúndio aspetual (com *estar*, *andar* e *ficar*) vêm fortalecer ainda mais a ideia de que é possível isolar áreas com base em fenómenos sintáticos – nomeadamente uma área que opõe os dialetos do Norte e Centro (a norte do Tejo) aos do Sul e insulares.

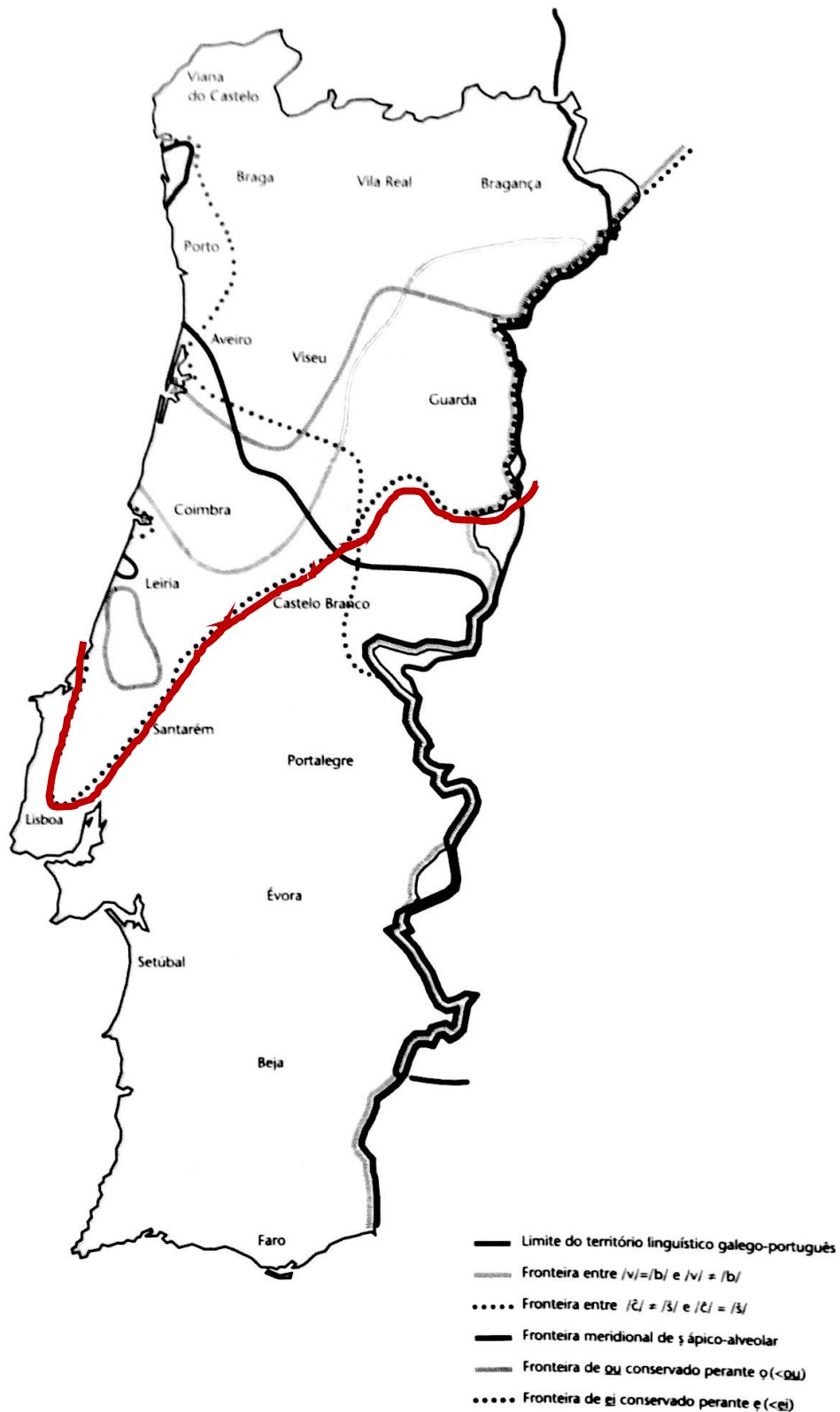
Também na primeira parte desta tese evidenciei a relação entre este tipo de área sintática (que opõe Norte e Centro, a norte do Tejo, a dialetos meridionais e insulares) e a fronteira que Cintra usa para delimitar os seus dialetos meridionais:

¹⁷⁵ O único ponto que, em rigor, se situa acima do Tejo é a localidade ribatejana de Montalvo, distrito de Santarém (localidade 29 da rede de pontos do CORDIAL-SIN), que fica exatamente junto ao Tejo.



Mapa 17: Paralelismo entre dialetos meridionais de Cintra 1971, adaptado por Segura e Saramago 2001 (à esquerda) e área sintática (à direita)

No entanto, a fronteira relevante para a divisão dialetal de Cintra é entre dialetos setentrionais e centro-meridionais, ao passo que a que agora está em causa é a que opõe dialetos centro-setentrionais a dialetos meridionais. Curiosamente, uma das isófonas de Cintra – a que delimita a área de monotongação do ditongo [ej] em [e] – traça uma fronteira idêntica à que estou a descrever:



Mapa 18: Isófonas dialetais de Cintra 1971 (adaptado de Segura 2013): fronteira da monotongação do ditongo [ej] em [e]

O facto de outras estruturas gerundivas terem sido identificadas nos mesmos dialetos que apresentam gerúndio aspetual não é surpreendente e solidifica a ideia de uma área de gerúndio, associada a dialetos meridionais e insulares. A área identificada por Lobo (2008) para gerúndio flexionado sublinha que a emergência do gerúndio flexionado em português se deu dentro de uma área maior em que o gerúndio já ocorria (em estruturas diferentes das aqui estudadas), como já tem sido apontado (cf. Lobo 2008, 2016, entre outros).



Mapa 19: Área de gerúndio flexionado (de Lobo 2008)

Um aspeto que considero particularmente interessante é o facto de ocorrências de *estar* existencial terem sido identificadas também em dialetos do Sul e insulares, como mostrei na primeira parte desta tese. Defendo, mais adiante neste trabalho (cf. secção 2.5.1), uma relação entre construções aspetuais progressivas e auxiliares que provêm de verbos existenciais e locativos. O facto de *estar* existencial ter sido identificado na área de construções aspetuais com gerúndio, que vários trabalhos (cf. Boléo 1974, Cunha e Cintra 1984, entre outros) consideram a estratégia mais antiga associada a estas construções, pode, se assumirmos como válida essa ideia, ser capaz de ilustrar a relação entre verbos existenciais e construções progressivas.

Cabe fazer um último comentário. Os dados até aqui apresentados revelam claramente a superioridade quantitativa de *a+infinitivo* no conjunto geral das construções aspetuais estudadas. Assim, relativamente ao que tem sido dito na literatura, estes dados não confirmam a frequentemente referida ‘preferência’ pelo gerúndio nestes contextos, embora se confirme a sua vitalidade e com um dos semiauxiliares – *andar* – o gerúndio tenha sido, de facto, mais produtivo na área de coocorrência.¹⁷⁶ Temos agora condições

¹⁷⁶ E, se considerarmos *ficar* isoladamente, há localidades onde só se registou gerúndio (embora os números sejam baixos).

de caracterizar com certeza a competição *a+infinitivo* e gerúndio em construções aspetuais do PD no que toca à produtividade: a variação, nesse contexto, está atestada no CORDIAL-SIN mas, globalmente, a superioridade de *a+infinitivo* não é discutível. Isso mesmo evidenciam o Gráfico 12 e a Tabela 9, referentes à totalidade dos dados do CORDIAL-SIN, e a informação apresentada no Gráfico 13 e na Tabela 10, que consideram os dados globais relativos à área de coocorrência. Nas localidades onde as duas construções coocorrem, a superioridade de *a+infinitivo*, ainda que menor, continua nítida.

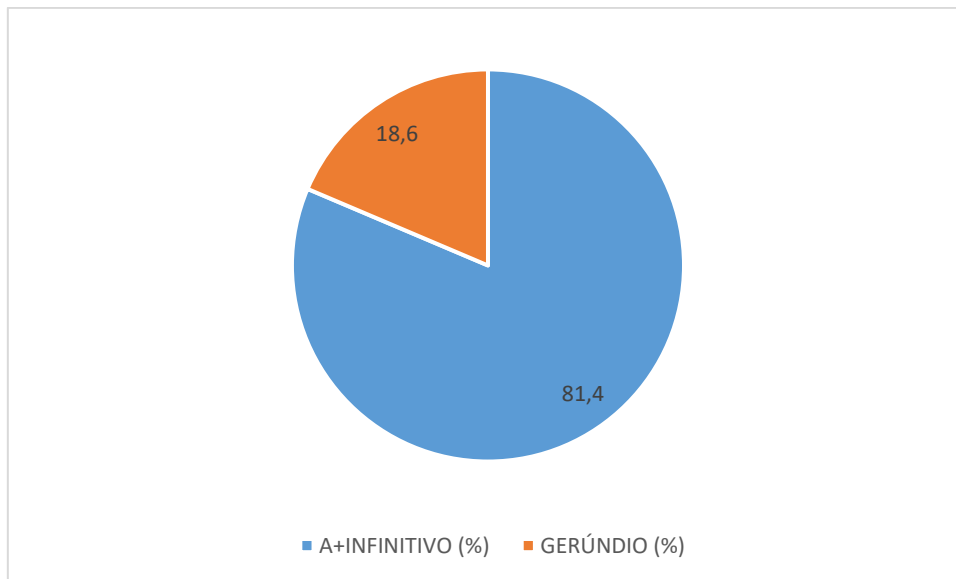


Gráfico 12: Percentagem total de *a+infinitivo* e gerúndio com *estar, andar e ficar* no CORDIAL-SIN

A+INFINITIVO		GERÚNDIO	
Nº total ocorrências	%	Nº total ocorrências	%
1583	81,4	362	18,6

Tabela 9: *A+infinitivo* e gerúndio com *estar, andar e ficar* no CORDIAL-SIN – valores absolutos e percentuais

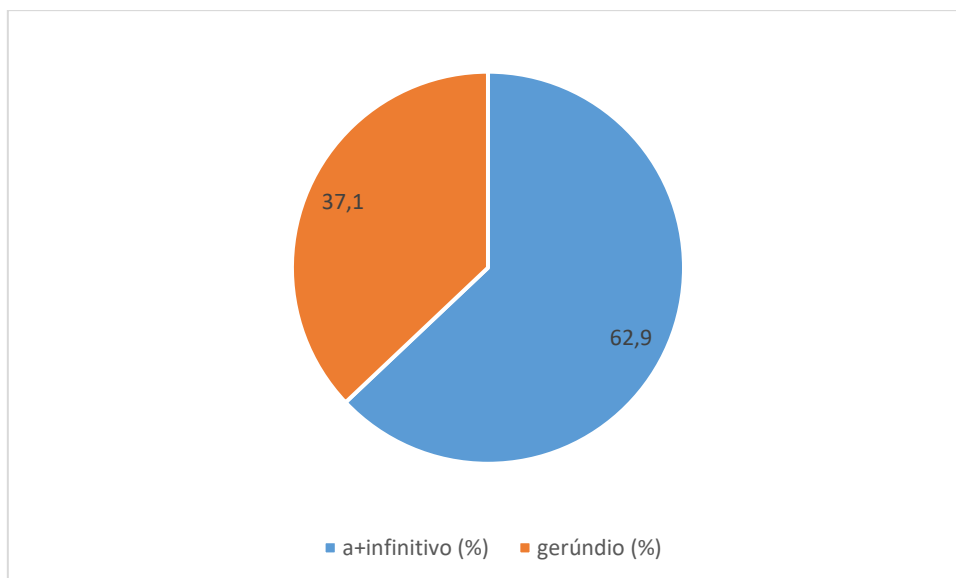


Gráfico 13: Percentagem de *a+infinitivo* e *gerúndio* com *estar*, *andar* e *ficar*, na área de coocorrência

	<i>a+infinitivo</i>		<i>gerúndio</i>	
	valores absolutos	%	valores absolutos	%
<i>estar</i> , <i>andar</i> e <i>ficar</i>	615	62,9	362	37,1

Tabela 10: *A+infinitivo* e *gerúndio* com *estar*, *andar* e *ficar* na área de coocorrência – valores absolutos e percentuais

2.3. Os dados de *chegar* e *começar*

A ocorrência de gerúndio com *estar*, *andar* e *ficar* é legitimada, como vimos, pela presença do traço [+durativo] que caracteriza estas construções aspetuais.

Neste cenário, as ocorrências (ainda que residuais) de gerúndio com *chegar* e *começar* podem ser surpreendentes. A possibilidade de gerúndio nestas construções, em vez de *a+infinitivo*, foi já notada por Segura (2013), que refere a existência, no português dialetal, de gerúndios perifrásticos com leituras não durativas com os verbos *começar*, *ficar* e *vir* (cf. Segura 2013: 137).

Defendo, no entanto, que também nas perífrases introduzidas por *começar* – que constituem os exemplos mais relevantes, já que o único exemplo de *chegar* é discutível, como vamos ver – está presente algum grau de duratividade (ou, se quisermos, de uma imperfetividade).

Observem-se, em (191) e (192), as duas ocorrências de *começar+gerúndio* no CORDIAL-SIN (trata-se de leituras equivalentes às veiculadas por uma construção com *a+infinitivo*, como evidencio em (193) e (194)):

(191) Até levava pilheiras e a gente **começava dizendo** uns aos outros para fazer um relheiro alto, para fazer uma coisa grande para as mudanças da máquina. CBV

(192) E então **começavam** com aquilo **varrendo** pela eira afora. LUZ

(193) Até levava pilheiras e a gente **começava a dizer** uns aos outros para fazer um relheiro alto, para fazer uma coisa grande para as mudanças da máquina.

(194) E então **começavam** com aquilo **a varrer** pela eira afora.

Estas ocorrências do gerúndio podem ser explicadas se considerarmos que há um certo grau de duratividade/imperfetividade no valor aspetual básico de *começar*. Em Raposo (2013a), a propósito do marcador aspetual *começar*, refere-se que o “semiauxiliar *começar* (*a*) marca o início de uma situação durativa (o aspeto ingressivo)” (cf. Raposo 2013a: 1267). Oliveira, Cunha e Gonçalves (2004) notam que o *input* do marcador aspetual *começar* é uma espécie de estado preliminar:

We consider then that such an ‘input’ is a kind of a preliminary state inasmuch as it should be viewed as a stable period of time preceding a (basic or derived) event. This explains why non-phase states are incompatible with *começar* (...)

Oliveira, Cunha e Gonçalves 2004: 144-145

Segundo os autores, é isso que justifica as diferenças de gramaticalidade entre as seguintes frases:

(195) O Pedro começou a ganhar a corrida.

(196) **?O comboio começou a chegar.

O contraste observado nos exemplos anteriores põe em evidência, precisamente, a compatibilidade de *começar* com predicados durativos, reforçada nos exemplos seguintes:

(197) O Pedro começou a chorar/trabalhar/falar/cozinhar.

(198) *O Pedro começou a desmaiar/cair/bater a porta/ter um acidente.¹⁷⁷

Assim, conforme atestam os exemplos, o valor aspetual básico dos predicados com que *começar* se combina comporta em si a noção de duratividade. O próprio marcador *começar* descreve uma situação durativa, na medida em que denota – e exige – tanto duração do evento, como a existência de um período estável a anteceder um evento. Assumo que será, pois, essa característica que legitima a ocorrência de gerúndio com este verbo.¹⁷⁸

Há ainda uma outra questão. Pelo facto de *começar* ter disponíveis uma leitura lexical e uma leitura aspetual, pode haver situações ambíguas em que se torna complexo avaliar o estatuto de gerúndio. Assim, nas frases do CORDIAL-SIN (191) e (192), podemos questionar se o gerúndio que ocorre com *começar* é seleccionado (e neste caso teríamos uma perífrase aspetual) ou adjunto (e, neste caso, *começar* tem uma aceção de verbo pleno).

O único caso de *chegar*+gerúndio no CORDIAL-SIN é o seguinte:

¹⁷⁷ A única possibilidade de uma interpretação gramatical para frases como (198) é aquela em que os predicados são interpretados iterativamente – havendo, nesse caso, uma interpretação aspetual derivada que confere às situações um carácter durativo.

¹⁷⁸ A par desta explicação, que assenta no valor imperfetivo/durativo inerente a construções com *começar* para legitimar a ocorrência de gerúndio nestes casos, uma outra deve ser tida em conta. Na realidade, sabe-se que gerúndio ocorria, em fases mais antigas da história do português, em vários contextos em que deixou de ocorrer, nomeadamente, em estruturas de complementação (cf. Fiéis e Lobo 2011, entre outros). Uma das situações em que a ocorrência de gerúndio era normal noutras épocas era, precisamente, com *começar*. Assim, as duas ocorrências que agora estamos a comentar podem, talvez, corresponder a vestígios de um estágio de língua mais antigo, tal como outros fenómenos identificados no CORDIAL-SIN comentados na Parte I desta tese.

(199) E então parte das coisas nem eu **cheguei** <break> (...) </break> **aprendendo** sequer muito bem. MLD

Noto que foi registado apenas este exemplo, que inclusivamente marca hesitações do falante: trata-se de uma sequência abandonada que terminou a meio de uma palavra, tendo ocorrido uma reformulação do discurso.

Uma possível explicação para a ocorrência de gerúndio neste contexto é o facto de se tratar de um verbo que, no seu sentido pleno, comporta a noção de movimento orientado, podendo por isso haver analogia com *ir* e *vir* (que ocorrem frequentemente com gerúndio), conforme veremos na secção seguinte.

Não surpreendentemente, as ocorrências de *começar*+gerúndio e de *chegar*+gerúndio, identificadas em Melides, Cabeço de Vide e Luzianes, inserem-se na área já identificada para a existência de gerúndio com *estar*, *andar* e *ficar*.

2.4. As perífrases com *ir* e *vir* no CORDIAL-SIN: a impossibilidade de variação em perífrases com verbos de movimento orientado

Nesta parte do trabalho, vou apresentar os dados relativos às ocorrências de *ir* e *vir* seguidos de gerúndio ou *a*+infinitivo no CORDIAL-SIN. Comentarei os aspetos mais relevantes relacionados com estas construções: nomeadamente, descreverei os usos atestados no *corpus* e apontarei algumas particularidades que se identificaram neste conjunto de dados dialetais que parecem contrastar com a realidade do PEP. Mostrarei que os dados do CORDIAL-SIN, ao não atestarem variação entre *a*+infinitivo e gerúndio com *ir* e *vir*, estão em linha com o que se encontra descrito para o português em Correia e Brocardo (2010) e Brocardo e Correia (2012), a partir das propostas de Squartini (1998), Bertinetti (2000) e Laca (2005): a impossibilidade de variação é atribuída à ocorrência de verbos de movimento orientado.

2.4.1. *Ir*+gerúndio

Identificaram-se, no CORDIAL-SIN, 1052 ocorrências de *ir* combinado com uma forma de gerúndio numa configuração perifrástica em que se veicula o valor aspetual gradativo tipicamente associado a esta construção (cf. Cuesta e Luz 1980, Cunha e Cintra 1984, Barroso 1994, Raposo 2013a, Mória e Viotti 2004, entre muitos outros), e de que as frases abaixo são exemplo:¹⁷⁹

¹⁷⁹ Algumas sequências foram consideradas ambíguas e excluídas deste grupo. Refiro-me a estruturas – bem conhecidas na literatura – como as exemplificadas abaixo, em que a ambiguidade decorre de o verbo *ir* poder ser interpretado como verbo pleno (funcionando neste caso o gerúndio como um adjunto), ou como auxiliar aspetual. A comutabilidade do gerúndio com a construção *a*+infinitivo (cf. (i), (ii), (iii)) foi considerada um argumento de que não se trata de um uso inequivocamente perifrástico (sobre este aspeto, na frase (iii), veja-se inclusivamente a alternância entre gerúndio e *a*+infinitivo no próprio discurso do informante).

- (i) a. "Ah, olhe, a gente **ia passando** aqui" - ele era assim muito desenrascado - "a gente **ia passando** aqui e tínhamos fome, viemos pedir um bocadinho de pão". AJT
b. Ah, olhe, a gente *ia a passar* aqui (...)
- (ii) a. Ia fazer os mandados em cima da mula, à vila, buscar tabaco ao meu pai, e coisas, e levava o livro e **ia estudando**. MLD
b. (...) e levava o livro *e ia a estudar*.
- (iii) a. Porque depois, se não vir, mais tarde, representa-se o patrão - a passear a terra, quando vê a seara nascida e tal, vão vendo -, vão a passear a terra com o encarregado, **vão passeando**, passo a passo, vão passeando... SRP
b. (...) vão a passear a terra com o encarregado, *vão a passear*, passo a passo, (...)

Este tipo de ambiguidade encontra-se descrita em Lagunilla (1999). Refere a autora que uma frase como *as crianças vão contando os números* permite uma leitura perifrástica, mas também uma leitura em que o predicado não é interpretado como um núcleo verbal, mas sim dois. São construções ambíguas entre um gerúndio perifrástico e um adverbial. Nestes casos, como refere Lagunilla (1999), só a situação discursiva permite desambiguar entre as duas leituras. A autora apresenta, contudo, alguns testes sintáticos que podem ajudar na identificação de uma perífrase com gerúndio, partindo da ideia de que há determinadas construções que servem para evidenciar o carácter unitário da perífrase. Alguns dos testes referidos são a possibilidade de a perífrase responder a questões como "O que é que X está a fazer/fazendo?" (em vez de

- (200) Lá nos **íamos governando**. GRJ
- (201) E depois dali o **iam tirando** para comer. LAR
- (202) Mas os primeiros anos, aí os pastores **foram-se afastando**. CLH
- (203) Mas depois a coisa **foi modificando, modificando** e começaram a passar a fazer em pedra. MTM
- (204) Aquilo **iam corando, iam corando, iam corando**, que essas é que eram saborosas! LUZ
- (205) O mar **foi trazendo** o barco. MLD

Trata-se, pois, de exemplos que correspondem às descrições de *ir*+gerúndio existentes na literatura, e que salientam o desenrolar gradual, por etapas, de um evento durativo.¹⁸⁰

Nos dados do CORDIAL-SIN, exemplos como (203) e (204) acima, em que a repetição contribui para reforçar a ideia de gradação, foram bastante frequentes. Outras vezes, essa leitura foi sublinhada por expressões adverbiais como as evidenciadas nos exemplos abaixo:

- (206) Depois, essa vara, quando aquilo estar aí bem batido, joga-se para ali umas pás de terra e, depois, **vai-se desmanchando, pouco a pouco**. PAL
- (207) Agora já a gente **vai levando** assim a coisa assim com aquela calma. AAL
- (208) O requeijão, põe-se ao lume e **vai-se fervendo, fervendo, fervendo, lentamente**, até que forma uma coalhada e depois dessa coalhada é que ele sai os requeijões. LAR

Ainda que, nos meus dados, a generalidade das ocorrências perifrásticas de *ir*+gerúndio exibam esse valor gradativo, observam-se, por vezes, algumas subtilizas a nível de marcação aspetual.

“Como é que X está a fazer y?”, pergunta adequada a um gerúndio predicativo ou adverbial), a impossibilidade de as perífrases poderem ser substituídas por estruturas de focalização, o facto de a passivização, nas perífrases, afetar o conjunto formado pelo verbo e o gerúndio (mas não em casos não perifrásticos), ou a impossibilidade de a perífrase ser substituída por advérbios, adjetivos ou modificadores (cf. Lagunilla 1999: 3393ss).

¹⁸⁰ Temos, assim, em (200)-(205), e nos termos de Raposo, “uma situação durativa que se desenrola gradualmente, possivelmente em etapas discretas, mas próximas umas das outras, dando uma ilusão de continuidade” (cf. Raposo 2013a: 1276). Barroso (2009) designa a construção em apreço como “progressivogradativo” e também aponta a existência de uma “mudança gradual de estado” e de uma “sucessão desde o ponto inicial até um ponto central” do desenvolvimento da situação eventiva (cf. Barroso 2009: 186).

A possibilidade de *ir*+gerúndio veicular outras leituras além do valor gradativo tem sido apontada em alguns trabalhos (cf. Barroso 2009, Brocardo e Correia 2012, Mória e Viotti 2004, entre outros), embora, como veremos, as descrições não sejam totalmente coincidentes. Refere Barroso (2009: 200-202), a propósito de *ir*+gerúndio, a possibilidade de em certos casos se veicularem leituras aspetuais distintas que decorrem, justamente, do facto de em combinação com alguns predicados serem operadas modificações a nível da rede aspetual. Indica que, em combinação com culminações e pontos, se obtém, por vezes, uma leitura que designa como iterativa/reiterativa (cf. (209) e (210)) e, outras vezes, um valor iminencial (cf. (211) e (212)); com processos obtém-se uma leitura que caracteriza como incoativa (cf. (213)); e com estados um valor continuativo (cf. (214)).¹⁸¹

(209) Apesar disso chegaram-me rumores de que algumas pessoas **vão morrendo** (...)

(210) Na brisa da confiança também batem asas os passarinhos que dão a alcunha ao Quim, pintarroxos e pintassilgos que lá **vão caindo** numa rede de emalhar que está sempre montada num terreiro ali perto.

(211) **Iam-me caindo** os papéis.

(212) A Rita **ia-se afogando**.

(213) (...) o que, no seu entender, fez com que muitos padres já se **fossem calando**, sobretudo os padres seculares, porque os das ordens sempre o aceitaram (...)

(214) Ainda se aparecessem muitas [peles] de texugo e de tourão, em que os ganhos pingavam mais, sempre se poderia **ir vivendo**. Mas não.

[exemplos de Barroso 2009]

Brocardo e Correia (2012) mencionam, similarmente, a possibilidade de *ir*+gerúndio poder veicular uma leitura que, na linha de Laca (2005), designam como ‘incremental’, que ilustro em (215) – e que corresponderá ao valor gradativo descrito em Barroso (2009), Mória e Viotti (2004) e Raposo (2013a), entre outros. Notam que a construção pode, também, marcar um valor incoativo (cf. (216)).¹⁸²

¹⁸¹ Conforme já esclareci no Capítulo 1, o valor iterativo/reiterativo marca uma repetição; por ‘incoativo’ deve entender-se uma situação que é perspetivada na sua fase inicial e por ‘continuativo’ quando se perspetiva uma situação durativa na sua fase intermédia; o termo ‘iminencial’ tem sido usado para descrever aspetualmente situações em que o evento descrito está na iminência de se concretizar.

¹⁸² As autoras recuperam as noções de verbo de movimento orientado (cf. Laca 2005) e de telicidade inerente a *ir* (cf. Squartini 1998), defendendo que são essas propriedades do verbo que permitem que as perífrases com *ir* (e *vir*)+gerúndio operem modificações sobre as situações (cf. Brocardo e Correia 2012: 125).

(215) Os convidados **iam chegando**.

(216) **Vão sendo** horas.

Nos dados do CORDIAL-SIN encontram-se, efetivamente, exemplos que ilustram a possibilidade de leituras distintas da gradativa inicialmente apontada. Na linha do que refere a literatura sobre a possibilidade de *ir*+gerúndio expressar um valor incoativo, em algumas frases (residuais) do CORDIAL-SIN sugere-se que o valor aspetual gradual incide numa fase inicial da ação, leitura várias vezes reforçada pela presença do advérbio *já*:

(217) Mas agora já não há cedro, já vão se **amanhando** é com... PIC

(218) E agora a gente já **vai tendo** outra vida menos-mal. MST

(219) Vamos tendo, **vamos tendo** uns certos poetas por aí abaixo, aparecem muitos, mas esses são simples Régios. TRC

(220) Pois, e agora, agora, a pessoa já **vai mais tendo** mais tremor, mais medo! ALV

(221) Ora, mas eu hoje já **vou sabendo** menos. CPT

(222) Hoje já não **vai sendo** tanto isso porque eles vão apertando isso e é bem feito. CBV

Creio que o facto de ser possível recorrer a uma construção com *começar a* para parafrasear as construções relevantes evidencia esse valor incoativo.¹⁸³ Embora Barroso (2009) associe este valor à ocorrência de processos, nos dados do CORDIAL-SIN, na maioria das frases em que se identifica uma leitura incoativa ocorrem típicos verbos estativos, exatamente como nos exemplos atrás. São, aliás, frases muito semelhantes às apresentadas em Mória e Viotti (2004: 214) para ilustrar a possibilidade de outros valores, além do gradativo, associados a *ir*+gerúndio: os autores não referem a existência de um valor incoativo associado à construção, mas chamam a atenção para o valor particular de gradação temporal exibido pela construção em combinação com predicados estativos, notando que se obtém nestes casos um efeito retórico (eufemístico) muito particular. Exponho, em (223)-(226), os exemplos relevantes desse trabalho.¹⁸⁴

¹⁸³ Veja-se, por exemplo, como *a pessoa já vai mais tendo mais tremor e agora a gente já vai tendo outra vida menos mal* são interpretativamente equivalentes a *a pessoa já começa a ter mais tremor* e *a agora a gente já começa a ter outra vida menos mal*, respetivamente.

¹⁸⁴ Noto que, como sublinham os autores, as frases em questão dificilmente se combinam com a expressão adverbial *aos poucos* (contrariamente ao que acontece com as construções gradativas típicas como as que apresentei em (200)-(205)).

- (223) E chegar ao fim do jogo só com quatro cartões amarelos mostrados já **vai sendo** uma raridade no futebol português.
- (224) (...) numa altura em que as polémicas de bastidores, as contratações de pilotos e os treinos das equipas já **vão sendo** notícia (...).
- (225) As boas, são agradáveis, mas o peso das más (que querem, já **vai sendo** sina) suplanta em muito qualquer surpresa minimamente agradável.
- (226) Como já **vai sendo** hábito, esta celebração «fontista» foi acolitada pela insânia do (...)

[exemplos de Mória e Viotti 2004: 124]

Há, no entanto, no CORDIAL-SIN, outras situações em que predicados estativos surgem dissociados dessa leitura incoativa:

- (227) INF Trabalhadeira, trabalhadeira que não tenho que dizer dela, senão bem...
INQ1 É verdade.
INF E trabalhadeira e amiga dos sogros, e pronto! E **vai-o sendo**, até passar os dias da vida. COV
- (228) Eu cheguei a ter o tear aqui, armado aqui. Ele estava na cama e ele dizia: "Não fazes conta mesmo de te vires deitar hoje? Que eu estava, eu estava e '**dia**' **estando** e '**dia**' **estando**. FLF
- (229) E depois arranjava uma forcalha, nas pontas que ficavam fora, virava-as para dentro, tudo ardia, da outra ponta igual, **ia estando** tudo ardido. UNS

Nestes exemplos, o valor marcado será mais próximo do caracterizado por Barroso como continuativo. Veja-se que os exemplos acima são bastante próximos dos do autor para ilustrar essa leitura continuativa:

- (230) Ainda se aparecessem muitas [peles] de texugo e de tourão, em que os ganhos pingavam mais, sempre se poderia ir vivendo. Mas não.

Como já referi, também em Brocardo e Correia (2012: 123-124) se atribui um valor incoativo a *ir*+gerúndio. No entanto, as autoras defendem que esta leitura é veiculada quando a perífrase ocorre em combinação com verbos atélicos, sejam eles atividades ou estados. Segundo as mesmas, é essa leitura incoativa que se identifica nas seguintes frases: *À medida que vão convivendo comigo...; Vão sendo horas; Vai pensando*

na resposta; *Agora já vamos sabendo* (exemplos adaptados pelas autoras a partir de Squartini, 1998).¹⁸⁵ Apenas com predicados télicos se veicula a leitura de progressão gradual, como em *a noite foi caindo*.

O facto de no CORDIAL-SIN se identificar o valor gradativo com predicados atélicos – nomeadamente, com processos, como *comer* (cf. (231)), *limpar* (cf. (232)) e *lavar* (cf. (233)), leva-me, contudo, a questionar essa generalização.¹⁸⁶

(231) e depois vamos tirando assim um bocadinho e é que se vai deitando ou numa sertã ou num tachinho, para se ir aquecendo e se **ir comendo**. PIC

(232) E depois acabava-se de ajuntar e depois com as forquilhas é que se **ia limpando**, com o vento. STE

(233) As vacas estão a comer, a gente **vai lavrando** atrás das vacas e pondo a curtir. CDR

O valor que Barroso (1994, 2007, 2009) caracteriza como iminencial, como em *iam-me caindo os papéis*, é frequentemente notado na literatura, embora não necessariamente sob essa designação (cf., por exemplo, Cuesta e Luz 1980, Raposo 2013a, Mória e Viotti 2004). Nota Raposo (2013a: 1276) que “[n]o pretérito imperfeito, *ir*+gerúndio pode igualmente servir para indicar que uma situação que estava prestes a ocorrer afinal não ocorreu”, ilustrando a situação com frases como *A Joana ia caindo, mas segurou-se*. A ideia encontrava-se já presente em Cuesta e Luz (1980: 431). Em Mória e Viotti (2004: 119) descreve-se a possibilidade de a construção expressar “the non-occurrence (in the past) of an imminent situation; in this case, the meaning of the verb roughly corresponds to the meaning of the adverb almost”, e ilustra-se com a frase *Mas foi precisamente neste jogo que ia acontecendo a surpresa do dia, quando o espanhol obrigou o ucraniano à disputa de um terceiro «set»*.

Este valor associado a *ir*+gerúndio nos casos em que *ir* ocorre no pretérito imperfeito, e usado para descrever uma situação que acaba por não ocorrer, foi também

¹⁸⁵ Exemplos idênticos são apresentados em Mória e Viotti (2004: 124). A propósito da descrição dos valores particulares associados a *ir*+gerúndio, os autores referem que as frases *já vão sendo horas de irmos embora* e *já vais tendo idade para teres juízo!* correspondem a um registo informal.

¹⁸⁶ O valor gradativo parece-me, inclusivamente, o único disponível nas frases (232) e (233). Relativamente à frase (231), assumo que, num contexto específico, seja possível que *ir comendo* veicule um valor incoativo.

identificado no CORDIAL-SIN. No entanto, mais uma vez estes casos foram muito residuais:

(234) Eu, nessa altura, até **ia dando** em doida. UNS

(235) Ai, umas afrontas que eu **ia morrendo!** UNS

A leitura que, na caracterização de Barroso (2009), é classificada como reiterativa/iterativa também é referida em Brocardo e Correia (2012) – e ilustrada, neste último trabalho, com a frase *ele ia sempre tentando*. Trata-se de um uso que coloca em evidência a existência de uma repetição e que contrasta com o valor gradativo, de desenvolvimento gradual, de situações durativas. Veja-se como em frases do CORDIAL-SIN como (236) e (237) abaixo, em que ocorrem os predicados *crescer* e *aparecer* – como nota Barroso, lexicalmente gradativos – a leitura é muito nitidamente gradual, sentido-se claramente uma mudança gradual de estado:

(236) O milho **vai crescendo**, à medida que o milho vai crescendo, vai-se-lhe chegando uma coisinha de terra para se ele suster ali ele de pé, porque quem tirar a terra para fora, ele não se pode suster. CRV

(237) Conforme aparecia aqui o brasial, conforme o brasial **ia aparecendo**, a gente nesta terra escolhida ia deitando para de cima da brasa, para de cima da brasa e acalcava. UNS

Mas essa leitura não se encontra disponível, na mesma medida, com outro tipo de verbos. Assim, em predicados não durativos como os apresentados em (238)-(240) fará mais sentido falar-se, precisamente nessa leitura reiterativa/iterativa:

(238) E então **vão morrendo** assim atrás uns dos outros. AJT

(239) E depois cada ano **vai-lhe caindo** um, ou dois. EXB

(240) INF São criadas sempre lá à vontade.

INQ Sim senhor.

INF Aqueles cordeiros que **vão nascendo** lá e cabritos e aquilo tudo, ali são bravíssimas! CLH

Chamo ainda a atenção para outro valor que, residualmente, se identificou no CORDIAL-SIN. Observem-se as frases abaixo:

(241) E então aqui vou fazendo aquilo que posso. O que não posso, é claro, digo logo

que não posso; mas, enfim, cá se **vai** a gente **andando**. AAL

(242) INF3 Está bom?

INF1 **Vai indo**. PAL

(243) **Vou indo**, conforme posso. CPT

Nestas frases, a par de um valor durativo e gradativo, identifica-se um valor de modalização, na medida em que é perceptível uma carga avaliativa de atenuação (no sentido tipicamente atribuído ao termo inglês *downtoning*). Ou seja, há a implicação de que não se anda particularmente bem, numa modalização idêntica à que se observa também em (244) e (245) abaixo, que representam usos produtivos no PEP: a implicação, nestas frases, é que o dinheiro não é muito e que não se estuda muito.

(244) O dinheiro não é muito, mas **vai chegando**.

(245) – Tens estudado a matéria?

– **Vou estudando**.

Conforme se deduz do conjunto de exemplos que apresentei – que ilustram as diferentes leituras aspetuais veiculadas por *ir*+gerúndio e o papel do predicado com que *ir* se combina na atribuição desse valor aspetual – *ir* combina-se facilmente com a generalidade das classes aspetuais. Os exemplos abaixo ilustram a possibilidade de ocorrência com processos (cf. (246), pontos (cf. (247)), culminações (cf. (248)), processos culminados (cf. (249)) e estados (cf. (250)):

(246) E depois umas começavam os cabos, as outras **iam amolando**. CDR

(247) Abre a lota, um vai picando, **vai picando**... GRC

(248) É nos peixinhos que **vai aparecendo** é que nós trabalhamos. PIC

(249) **Vai-se fazendo** os bolinhos e botando assim num pratinho. STE

(250) Pois eu não me importo, **vou vivendo** assim. ALV

Igualmente pertinente é notar que se registaram 209 ocorrências com verbos que implicam deslocação (como *correr*, *andar*, *subir*, *ceifar*, ...), corroborando a ideia

presente na literatura de que há uma fácil associação, em perífrases de *ir*+gerúndio, de *ir* a este tipo de verbos.¹⁸⁷ Apesar disso, muitos são também os exemplos em que *ir* se combina com verbos que não veiculam ideia de movimento ou deslocação espacial (cf. (251)-(254)), sugerindo já um certo nível de gramaticalização desta perífrase. Deixo, no entanto, mais comentários sobre este assunto para o Capítulo 3, em que a análise será enriquecida com uma perspetiva comparativa e se tornará, por isso, mais interessante.

(251) E o resto, depois, punha o dinheiro na Caixa ou no banco e **ia-se ganhando** algum juro. AAL

(252) **Foram-no contentando** com essas merdas, filho dum cabrão deixou passar aquela merda toda, não apanhou nada. AJT

(253) Agora o período da terra é que **vai diminuindo**. ALV

(254) Estando fraca, a gente já vai experimentando, ele **vão-se habituando** àquilo. PIC

Não surpreendentemente, a construção encontra-se atestada por todo o território.

2.4.2. *Ir+a+infinitivo*

Em PE, a impossibilidade de alternância entre gerúndio e *a*+infinitivo em perífrases aspetuais introduzidas por *ir* é conhecida (e notada, por exemplo, em Correia e Brocardo 2010: 45 e Brocardo e Correia 2012: 121). Como atestam os exemplos abaixo, apenas a opção com gerúndio é capaz de veicular os valores aspetuais relevantes: seja o valor gradativo (cf. 255)) ou os outros usos ilustrados na secção anterior, nomeadamente o iminencial (cf. (256)) e o incoativo (cf. (257)).

(255) a. Aos poucos, os alunos iam saindo da sala.

b. *#Aos poucos, os alunos iam a sair da sala.

(256) a. A Sara ia caindo, mas o João segurou-a.

b. *#A Sara ia a cair, mas o João segurou-a.

(257) a. Esse problema já vai sendo recorrente.

b. *Esse problema já vai a ser recorrente.¹⁸⁸

¹⁸⁷ Torres Cacoullós (2000: 173; 2012: 83) nota, sobre *ir*+gerúndio do Espanhol Antigo, que *ir* ocorria frequentemente associado a verbos de deslocação e movimento. Squartini (1998), Laca (2005) e, na linha destes autores, Brocardo e Correia (2012) para o português, ao mostrarem que *ir* ocorre frequentemente com predicados télicos como *cair* e *chegar*, verbos que implicam deslocação, reforçam essa ideia.

¹⁸⁸ A agramaticalidade desta frase decorre da incompatibilidade de *ir+a+infinitivo* com estados (cf. Brocardo e Correia 2012: 124).

A alternância apenas é possível quando *ir* pode ser interpretado como verbo lexical, pleno, que indica deslocalização espacial, como nas seguintes frases – nas quais a alternância pode ser observada justamente por existir ambiguidade entre uma leitura aspetual gradativa e uma plena:

(258) Ela vai a cantarolar pela rua.

(259) Ela vai cantarolando pela rua.

Talvez porque a sequência *ir+a+infinitivo* representa, frequentemente, usos plenos de *ir* como o exemplificado em (260), é uma construção que não costuma integrar as listas de perífrases apresentadas em trabalhos sobre o tema.¹⁸⁹

(260) Os meninos vão (pela estrada) a cantar.

Aparece, no entanto, em Mateus et al. (1983) classificada como perífrase aspetual (cf. Mateus *et. al* 1983: 284-285), referindo-se que descreve “uma acção apenas iniciada”. Encontram-se referências a esse valor aspetual também noutros trabalhos. Escrevia Epifânio da Silva Dias (1970), a propósito de *ir a* e *ir para+infinitivo*, que as construções designam “uma acção na qual só se deu o primeiro passo, e que não foi por diante” (cf. Epifânio da Silva Dias 1970: 183-186 e 192). Cuesta e Luz (1980: 431) apresentam uma descrição semelhante. Em Barroso (1994) *ir+a+infinitivo* é tratada conjuntamente com outras perífrases (como *estar para* infinitivo, *andar para* infinitivo e *ir para* infinitivo), que segundo o autor são de fase iminencial. Nota-se, nesse trabalho, que *ir+a+infinitivo* aparece quase exclusivamente no pretérito imperfeito do indicativo para documentar esse valor, como nos seus exemplos que exponho abaixo (extraídos da obra de Virgílio Ferreira e de Eça de Queirós, respetivamente):

(261) Ele parou um instante, fez-me sinal com um dedo em gancho a mandar-me aproximar. Entrei e **ia a dizer**, mas ele, a palma na frente, e então sustive-me.

¹⁸⁹ Fica de fora, por exemplo, quer da lista de operadores aspetuais de Oliveira (2003), quer da lista de Cunha (2013). Da descrição de Brocardo e Correia (2012: 124) depreende-se que, quando *ir* se combina com *a+infinitivo*, não estamos perante um uso aspetual do verbo. Nas palavras das autoras, “*ir a+infinitivo* associa-se, preferencialmente, a atividades e eventos (prolongados ou instantâneos), marcando a direcionalidade do acontecimento, mas não construindo qualquer alteração sobre os valores aspetuais da situação – *Vai a ler / Vai a ler um livro / Vai a pensar na resposta*.”

(262) Mas quando Ega, antes de partir, **foi a recapitular** os seus negócios de casa, de dinheiro, encontrou-se diante de coisas abomináveis.

[exemplos de Barroso 1994: 114]

A observação dos dados do CORDIAL-SIN no que diz respeito a sequências de *ir+a+infinitivo* revela situações interessantes.

Começo por destacar, precisamente, as situações em que parece bastante claro não se tratar de um uso perifrástico, mas antes de um uso pleno de *ir*:

(263) Pode ir à frente e chamar a guia porque **vai a guiar** os outros todos. ALC

(264) Lá ia ele, adiantava ali três, quatro, cinco belgas, depois, pronto, agarrava-se ao arado, **ia a lavar**, e o outro ia novamente com aquilo... SRP

(265) Quem diz uma carroça, diz um carro de mão que já **vai** uma pessoa **a guiar**. CBV

(266) Vai o cavalo por aqui, vai abrir o rego com o charrueco e vai o pau aqui, **vai a arrasar** a terra. ALC

Entre os usos considerados lexicais de *ir*, foi possível observar com alguma clareza duas situações distintas: casos em que o constituinte infinitivo parece expressar uma predicação secundária (como nos exemplos acima e em (267)-(270)) e outros casos em que é legítimo considerar um estatuto de constituinte adverbial com valor de finalidade (como em (271) e (272)), combinando-se facilmente com constituintes locativos:

(267) E eu **fui a correr** chamar o veterinário. CBV

(268) Isso dizia ele quando Deus Nosso Senhor **ia a fugir** dos judeus. CPT

(269) E depois a gente para puxar também o trilho conforme dissemos agora, ele para fazer aquela gracinha aos que iam assentados, era preciso não ser na altura que **íamos a passar** por ao pé dos homens que estavam a mexer com os forcados. CLH

(270) Não, isto isso já **vou a descer** para a Castanheira. COV

(271) Tanta vez lá foram que ele **foi lá a dizer-me**. CPT

(272) Olha, a nossa Jesufina **foi** lá abaixo aos Cedros **a mudar** as vacas, e chegou lá abaixo, a vaca tinha dado bezerro! CDR

Outras sequências de *ir+a+infinitivo* no CORDIAL-SIN foram mais complexas de analisar, por veicularem leituras não completamente claras e nas quais se identificam valores que não estão, na mesma medida, presentes em (267)-(272) atrás. Identifiquei usos que me parecem corresponder, desta vez, não a usos plenos, mas perifrásticos. Por um lado, identifiquei residualmente situações nas quais se percebe um valor aspetual que me parece corresponder ao iminencial, de situação apenas iniciada, descrito na literatura:

(273) A mulher **foi a pegar** e aquilo caiu-lhe por entre as mãos abaixo, aquela verga para baixo! COV

(274) Quando foi que ele morreu, depois quando se ele mortalhou, **ia-se a pentear** e ele largava bocados de pele e de cabeça. COV

Outras situações que considere perifrásticas correspondem à sequência cristalizada “**vai-se a ver**”, também presente no PEP:

(275) **Vai-se a ver** que, ao fim e ao cabo, em depois, aquilo, também, que se há um azar qualquer, que se queima, eles pagam por destruição de trovoadas ou assim dessa coisa ou, então, queimas com a geada. AAL

(276) De maneiras que, **vai-se a ver**, nunca passei disto. CPT

Julgo que estes usos comportam simultaneamente valores aspetuais e modais.¹⁹⁰ Por um lado, descreve-se uma incoatividade algo repentina (não muito distante da veiculada pela construção aspetual *pôr-se a*), que parece coexistir com a ideia de uma ação apenas iniciada – e que por isso também se aproxima do valor iminencial descrito atrás. Por outro lado, creio que existe um valor modal apreciativo – valor que será, até, o mais evidente –, na medida em que se expressa a atitude do falante em relação à situação descrita. Especificamente, sinaliza-se uma quebra de expectativa, o que permite que a construção seja parafraseável por ‘afinal’, que também veicula esse valor. Contrastem-se os exemplos (275) e (276), acima, com os que apresento em (277) e (278), abaixo.

¹⁹⁰ Frases como *Pensámos que a nossa vida ia melhorar mas quando fomos a ver, estávamos na mesma*, em que *ir* ocorre no pretérito perfeito simples, levam a acreditar que há, também, temporalidade na construção.

(277) **Afinal**, ao fim e ao cabo, em depois, aquilo, também, que se há um azar qualquer, que se queima, eles pagam por destruição de trovoadas ou assim dessa coisa ou, então, queimas com a geada.

(278) De maneiras que, **afinal**, nunca passei disto. CPT

As restantes situações dizem respeito a leituras como as veiculadas em (279)-(282), construções que foram classificadas como perífrases temporais de futuro por serem equivalentes à construção de expressão de futuro *ir*+infinitivo típica do PEP (e também bem atestada no CORDIAL-SIN):

(279) Tio Hermes, eu venho cá porque eu **vou a fazer** o sétimo ano e, vai-se a ver, estou receoso. CPT

(280) Bom, se é por aí que você quer ir, então **vamos** então **a falar**. CPT

(281) Experimente e **vai a ver** se é verdade ou não é. LVR

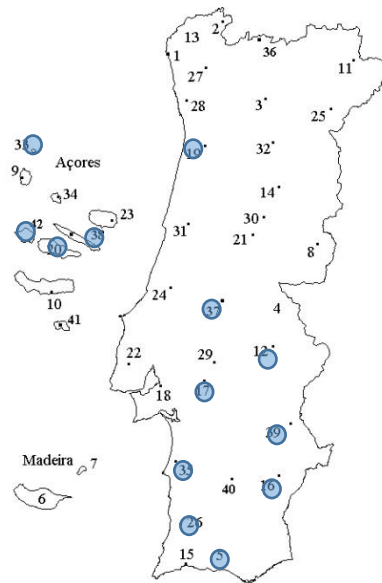
(282) Vocês depois dizem duas palavras que eu **vou a acabar** a minha conversa, e depois já eles abrem os olhos. MTV

Um facto que deve desde já ser sublinhado é o de estes exemplos com valor de futuro representarem uma construção exclusivamente dialetal, não atestada no PEP.

Sem querer alongar-me, neste momento, nos comentários a estes dados – que no próximo capítulo serão retomados e contrastados com dados do PEP – sublinho apenas que se trata de construções que refletem um processo de gramaticalização ainda em curso. Isso sugerem os exemplos pouco claros e ambíguos, em que diferentes usos se misturam, e que decorre precisamente da instabilidade típica de um processo de gramaticalização em curso. Conforme veremos adiante, a presença da preposição *a* nos exemplos expostos – nos quais se começam a perceber valores aspetuais e temporais, mas em que ainda resiste a preposição a marcar uma ideia de destino/finalidade –, é uma das pistas que permitem argumentar a favor dessa ideia.

Bastante interessante é observar a distribuição geográfica das estruturas em que se percebe o valor temporal de futuro evidenciado com os exemplos acima. Consciente da ambiguidade de alguns exemplos (em que leituras plenas, aspetuais e temporais parecem misturadas e sobrepostas), tentei localizar geograficamente as construções como as de (279)-(282), em que o referido valor temporal, equivalente à estratégia de marcação

de futuro *ir*+infinitivo do padrão, é perceptível. Os dados são geolinguisticamente interessantes:



Mapa 20: Distribuição de *ir*+*a*+infinitivo com valor temporal no CORDIAL-SIN

Trata-se de uma paisagem bastante bem definida, que permite, novamente, identificar áreas sintáticas: excetuando-se o ponto isolado em Aveiro, isolam-se dialetos centro-meridionais e açorianos. Ainda que se trate de uma construção pouco representada no *corpus* (contabilizaram-se 28 ocorrências), os dados são suficientes para mostrar que a estrutura em análise, típica de um estágio de gramaticalização mais incipiente, está praticamente ausente em dialetos do Norte e da Madeira, sugerindo que nesses dialetos *ir* se gramaticalizou mais rapidamente em auxiliar temporal.

2.4.3. *Vir*+gerúndio

Tal como *ir*+gerúndio, também a construção *vir*+gerúndio surge, tanto na literatura tradicional como em estudos contemporâneos, associada à marcação de um valor aspetual gradativo (cf. Cuesta e Luz 1890, Cunha e Cintra 1984, Barroso 1994, 2007, 2009, Mória e Viotti 2004, Raposo 2013a, entre outros). A distinção entre *ir*+gerúndio e *vir*+gerúndio que nalguns trabalhos tende a ser feita é a que nota a marcação de uma direcionalidade oposta: Barroso (1994, 2007, 2009) associa *ir*+gerúndio a uma visão prospetiva e *vir*+gerúndio a uma visão retrospectiva; similarmente, em Brocardo e Correia (2012: 123) e Cunha e Cintra (1984: 491) sublinha-se que a orientação descrita por *vir*+gerúndio visa o ponto de referência, inversamente ao descrito por *ir*+gerúndio.

Paralelamente ao que observámos para *ir*+gerúndio, é conhecido que na construção introduzida por *vir* também não é possível a forma gerundiva alternar com *a*+infinitivo para veicular o valor aspetual relevante:

(283) O cãozinho veio vindo na minha direção, a medo.

(284) *O cãozinho veio a vir na minha direção, a medo.

Importa, contudo, chamar a atenção para um facto notado por Mória e Viotti (2004): referem os autores que, nos usos perifrásticos de *vir*+gerúndio que expressam mudança gradual no tempo, no PE, as formas simples associam-se preferencialmente a gerúndio, como no exemplo (285)), mas o gerúndio composto só ocorre com *a*+infinitivo, como atestam os exemplos (286)-(288) (os exemplos que forneço são de Mória e Viotti (2004), e extraídos do *corpus* Natura-Público):

(285) Briosa e Gala (...) destacou (...) o trabalho que o Esgueira **vem desenvolvendo**, na formação desportiva dos jovens da cidade.

(286) O rápido agravamento da situação naquela zona não é surpresa para quem ao longo dos anos **tem vindo a acompanhar** o que se passa no Corno de África (...)

(287) A procura destes títulos **tem vindo a acentuar-se**, ao mesmo tempo que a oferta se retrai.

(288) Desde essa ocasião que o suspeito **tinha vindo a ser** persistentemente procurado pelas autoridades em todo o país (...).

[exemplos de Mória e Viotti 2004: 118-119]

Entre os dados do CORDIAL-SIN foram identificadas 50 ocorrências de sequências de *vir*+gerúndio. À semelhança do que anteriormente foi observado para as construções *ir*+gerúndio, em algumas situações verificou-se ser possível atribuir à configuração *vir*+gerúndio uma leitura aspetual gradativa; noutras, uma leitura plena do verbo. As construções que pude classificar, com alguma segurança, como aspetualmente gradativas são escassas. Apresento alguns desses exemplos:

- (289) Nasceu aqui, depois **veio vindo, veio vindo, veio vindo**, apanhou-me aqui a costa da mão toda, aqui assim, tudo, tudo, as costas da mão toda. CPT
- (290) Depois de lá é que **vieram vindo, vieram vindo**, depois a gente começou... STJ
- (291) Quando chegava para a tarde, lá **vinham andando** devagarinho. CRV
- (292) A minha mãe mais a outra mulher **vieram andando** com eles e nós voltámos para ir buscar os carregos. PVC

Com estes exemplos contrastam situações como as seguintes, que acredito tratar-se de um uso pleno de *vir* em que a forma gerundiva funciona como adjunto:

- (293) **Vem correndo** até chegar aqui e ficar fechado. MLD
- (294) Depois sentámo-nos na carrinha, **viemos comendo** o panito até cá à vila. AJT
- (295) Mas, aprendeu a falar - iam ali para Lagos, para a tropa - e depois quando vinha a casa, a fim para aí de um mês ou dois, **vinha falando** a uso de Lisboa. PAL

Note-se que estas duas últimas frases, em que considero existir um uso pleno de *vir* (particularmente evidente na segunda), são usadas em Segura (2013: 137) para ilustrar casos em que, segundo a autora, gerúndio ocorre em contextos perifrásticos não durativos. A possibilidade de substituição destes gerúndios por constituintes adjetivais, de valor predicativo, provam que se trata de uma predicação secundária, não de uma construção perifrástica:

- (296) Depois sentámo-nos na carrinha, viemos [silenciosos/tristes/contentes/distraídos] até cá à vila.
- (297) (...) quando vinha a casa, a fim para aí de um mês ou dois, vinha [triste/falador/diferente/...]

Considero, também, que a frase (295) apenas constitui resposta a perguntas introduzidas por *como* e não por *o que* (do tipo de *O que vieram a fazer?*), o que aponta exatamente no mesmo sentido (cf. (298) e (299)); a frase (296) terá um estatuto mais ambíguo, como sugere a aceitabilidade de (300b) e (301b).

(298) a. Ao fim de dois meses, como é que ele vinha?

b. Falando a uso de Lisboa.

(299) a. Ao fim de dois meses, o que é que ele vinha a fazer/fazendo?

b. *?Falando a uso de Lisboa.

(300) a. Como é que eles vieram?

b. Comendo o panito.

(301) a. O que é que eles vieram a fazer/fazendo?

b. Comendo o panito.

Estes são apenas alguns testes que permitem avaliar o carácter perifrástico ou não perifrástico das construções em apreço (referidos em Fernández Lagunilla 1999, entre outros trabalhos). Sem querer entrar numa discussão alongada sobre este tema, pretendo apenas mostrar que estes casos mais facilmente serão classificados como usos plenos de *vir* do que perifrásticos.¹⁹¹ Por outro lado, e independentemente do carácter perifrástico ou não perifrástico das estruturas, que os predicados *comer o panito* e *falar a uso de Lisboa* correspondem a predicados durativos parece-me bastante evidente – apesar de Segura (2013) considerar estes contextos não durativos.¹⁹² De resto, o facto de surgirem dúvidas e discrepâncias na classificação de sequências com *vir*+gerúndio, mais do que ser problemático, é significativo. Sendo *vir*, tal como *ir*, um verbo de movimento, a preservação de (parte de) este traço lexical mesmo em contextos em que o verbo funciona

¹⁹¹ Note-se, inclusivamente, que noutra capítulo da mesma gramática uma frase estruturalmente muito próxima de um dos exemplos de Segura (2013) surge classificada como “predicação secundária que ocorre no interior de uma oração” (cf. Raposo e Xavier 2013: 1552). Reproduzo abaixo as frases relevantes: a primeira (cf. (i)), que faz parte do nosso conjunto de dados, é a usada por Segura (2013) para ilustrar contextos de gerúndio perifrástico não durativo no CORDIAL-SIN; a segunda (cf. (ii)), estruturalmente muito próxima, surge na mesma obra classificada como predicação secundária:

- (i) Mas, aprendeu a falar - iam ali para Lagos, para a tropa - e depois quando vinha a casa, a fim para aí de um mês ou dois, vinha falando a uso de Lisboa.
- (ii) As crianças chegaram a casa a resmungar com a mãe.

¹⁹² Veja-se a sua compatibilidade com expressões temporais durativas como *durante x tempo* (no caso do predicado atético *falar a uso de Lisboa*), em (i), ou *em x tempo* (no caso do predicado télico *comer o panito*), em (ii):

- (i) Comer o panito em 10 minutos.
- (ii) Falar a uso de Lisboa durante 10 anos.

como auxiliar de uma perífrase promove essa ambiguidade e indicia que o grau de gramaticalização do verbo não é, ainda, particularmente avançado.

Com efeito, outro comentário que importa fazer relativamente às ocorrências de *vir*+gerúndio no CORDIAL-SIN é que se verifica, na generalidade das ocorrências, que há uma ideia de deslocação no espaço muito presente. Essa leitura de movimentação espacial, característica do uso lexical de *vir*, evidencia pois um estado muito incipiente de gramaticalização. Voltaremos a esta questão no próximo capítulo, quando contrastarmos estas sequências com dados do PEP que contribuirão para uma caracterização mais afinada das estruturas relevantes.

Ocorrências de *vir*+gerúndio não são particularmente produtivas no CORDIAL-SIN, mas estão atestadas transversalmente pelo território.

2.4.4. *Vir+a+infinitivo*

A sequência *vir+a+infinitivo* encontra-se escassamente descrita na literatura. Existem, no entanto, trabalhos que a mencionam e a associam a valores aspetuais, surgindo associada à expressão do resultado final de uma ação ou consecução final de uma ação (cf. Mateus et. al 1983: 284-285, Cunha e Cintra 2005: 395 [1984], Barroso 1994: 145). Os exemplos abaixo, extraídos da obra de Virgílio Ferreira (cf. (302)) e Eça de Queirós (cf. (303)) são apresentados por Barroso (1994) para ilustrar o valor em questão:

(302) Podemos mesmo chamar-lhe o século da juventude. Já se lhe chamou o século da criança, disse eu. Exacto, disse ela, mas **vem a dar** no mesmo. A criança, veja, só começou a ser um interesse quando o homem começou a tê-lo, ou seja, digamos, desde o século XV, XVI.

(303) O Ramalhete estava tomando uma melancolia de mosteiro. Se assim continuassem mais alguns meses, sem que se sentisse ali um calor de vestido, um aroma de mulher, **vinha a nascer** a erva pelos tapetes.

Quando ocorrem formas compostas, Barroso (2009) caracteriza a perífrase *vir+a+infinitivo* sob a designação de progressivo-gradativo (a par de *ir*+gerúndio e *vir*+gerúndio):

(304) Os soldados indonésios **têm vindo a “apurar”** as tácticas de tortura de coacção sob o povo maubere.

(305) O vinho verde **tem vindo a ganhar**, nos últimos anos, um estatuto de maioridade que nem sempre lhe era reconhecido.

[exemplos de Barroso 2009]

Veja-se como estes exemplos são idênticos aos que dão Móia e Viotti (2004) para ilustrar a competição entre gerúndio e *a*+infinitivo na construção com *vir* com formas simples ou compostas para expressar “gradual change in time”:

(306) O rápido agravamento da situação naquela zona não é surpresa para quem ao longo dos anos **tem vindo a acompanhar** o que se passa no Corno de África (...)

(307) A procura destes títulos **tem vindo a acentuar-se**, ao mesmo tempo que a oferta se retrai.

Em Móia e Viotti (2004), a sequência *vir+a+infinitivo* vem descrita como perífrase temporal. Segundo os autores, “it acts as a temporal auxiliary expressing posteriority (i. e. when it forms periphrastic sequences equivalent to a future tense)” (cf. Móia e Viotti 2004: 120). Apresentam-se nesse trabalho exemplos, que a seguir reproduzo, da construção em PE (cf. (308)) e em PB (cf. (309)):

(308) O primeiro-ministro (...) excluiu há dias a possibilidade de **vir a remodelar** o seu Governo.

(309) Se ele falha, a produção de leptina é alterada e, assim, a pessoa pode **vir a engordar**.

É ainda curioso notar que, se considerarmos agora o trabalho de Brocardo e Correia (2012), em que se analisam as construções *ir+gerúndio/ir+a+infinitivo*, *andar+a+infinitivo/gerúndio* e *vir+a+infinitivo/gerúndio*, Brocardo e Correia (2012) não se alongam na descrição de *vir+a+infinitivo*. Não fazem referências ao seu estatuto de perífrase nem a associam a valores aspetuais. Mas notam que a estrutura se pode combinar com qualquer tipo de predicados, exceto os estativos, e que se marca “uma deslocação que visa um ponto situado no interior da fronteira definida pelo ponto de referência: *Vem a cantar; Vem a correr; Vinha a comer uma maçã; Vem a tossir*” (cf. Brocardo e Correia 2012: 124).

Aquilo que neste ponto me parece essencial notar é que os exemplos destas autoras são claramente diferentes dos apontados por Barroso (1994, 2009) e Móia e Viotti (2004).

Ainda que apresentados sem contexto, os exemplos de Brocardo e Correia (2012) sugerem usos plenos do verbo (veja-se como é nítida uma ideia de deslocação no espaço),¹⁹³ ao passo que nos exemplos de Barroso e de Mória há uma marcação aspetual e temporal visível na generalidade das frases.

A exposição até agora apresentada deixa evidente algumas situações. Uma é a falta de atenção dedicada à sequência *vir+a+infinitivo* – cuja escassez de análises contrasta bem com a quantidade de trabalhos existentes sobre *ir+gerúndio* e *vir+gerúndio*, por exemplo. Outra é o facto de os autores citados tratarem diferentemente a sequência em questão – perífrase aspetual para autores como Barroso (1994, 2009), perífrase temporal para Mória e Viotti (2004) e exemplos de usos plenos em Brocardo e Correia (2012).

A falta de estudos sólidos de *vir+a+infinitivo* e a instabilidade na sua descrição podem, no entanto, ser significativas e até sintomáticas de um processo de gramaticalização ainda em curso. Neste contexto, é particularmente interessante observar o que os dados dialetais poderão dizer sobre este assunto e que conclusões podemos extrair a partir desses dados.

Uma busca por sequências de *vir+a+infinitivo* devolveu um total de 38 estruturas relevantes. Dessas, a maior parte dizem respeito ao que considero usos plenos de *vir*, como nos seguintes exemplos:

- (310) E a guarda não sabia se era o barril nem se era uma pedra que **vinha a rebolar** trazida pela enchente, por ali abaxo. AAL
- (311) E **vêm logo a correr** para o pé da gente. AAL
- (312) E depois quando estava lá uma certa conta, **vinha** o aperto – vinha de cima – **a apertar** aquilo. CBV
- (313) Então, vinham a apoquentar, vinham a cantar, vinham..., tudo na paródia, quando **vínhamos a andar**. MTV

¹⁹³ Prova disso é o facto de os exemplos de Brocardo e Correia (2012) poderem ser parafraseados por estruturas como “Vem e canta” ou “Enquanto vem, canta”; “Vem e come uma maçã” ou “Enquanto vem, come uma maçã”, etc. Nestes exemplos, creio estarmos perante usos plenos de *vir*, bastante evidentes pela leitura de deslocação no espaço que as frases possibilitam e que é inerente ao valor lexical do verbo, funcionando a sequência *a+infinitivo* como uma predicção secundária.

(314) Uma senhora de Aqualva **veio a caminhar** – **vinham a caminhar** – da Felgueira para cima. COV

Pode-se dizer, no que toca às restantes ocorrências, que representam usos perifrásticos que sugerem uma leitura que arrisco situar entre aspetual resultativa e uma leitura temporal de futuro de posteridade (como proposto em Mória e Viotti 2004), não sendo a distinção entre as duas leituras uma tarefa fácil ou linear. Estes casos, ilustrados abaixo, foram, contudo, extremamente residuais: identificaram-se oito exemplos. Em seis desses exemplos ocorre o verbo *ser*.

(315) Não havia de **vir a ser** justificado? ALV

(316) **Vinham a ser** três quartas de lã. FLF

O predomínio claríssimo, no CORDIAL-SIN, de estruturas que representam usos lexicais de *vir* e um número – reduzido – de estruturas perifrásticas que sugerem valores aspetuais resultativos e temporais de futuro de posteridade, indicam, mais uma vez, creio, que também as perífrases com *vir+a+infinitivo* se encontram numa fase muito incipiente de gramaticalização (na linha do que, aliás, descreve a literatura).

Mais uma vez remeto para o próximo capítulo o aprofundamento destes dados. Conforme aí veremos, o contraste com dados do PEP evidenciará claramente a existência de diferenças entre as duas variedades relativamente ao estágio de gramaticalização destas sequências.

Estes usos aspetuais/temporais de *vir+a+infinitivo* são, como já referi, residuais, mas vale a pena notar que seis dos oito exemplos reunidos são de dialetos açorianos (Terceira e Corvo). Identificou-se, também, uma ocorrência no distrito de Viana do Castelo (Vila Praia de Âncora) e uma ocorrência no distrito de Faro (Alvor).

2.4.5. Perífrases com *ir* e *vir* no PD: considerações

Nos últimos parágrafos, descrevi as ocorrências de *ir* e *vir* seguidos de gerúndio ou *a+infinitivo* nos dados do CORDIAL-SIN. Foi possível observar, em parte, uma coincidência entre os dados encontrados e as descrições existentes na literatura, nomeadamente no que diz respeito às leituras aspetuais veiculadas por essas sequências. No entanto, alguns aspetos sugeriram que as perífrases introduzidas por estes verbos – particularmente as introduzidas por *vir* – se encontram, no CORDIAL-SIN, num estágio

pouco avançado de gramaticalização. Isso indicam os usos ambíguos de várias sequências, a presença ainda muito evidente de uma movimentação espacial típica de um uso lexical de *ir* e *vir*, a existência de um valor temporal de futuro em sequências com *ir* que ainda não perderam a preposição e as ocorrências muito residuais de *vir+a+infinitivo* com valor aspetual.

Os dados observados confirmaram, ainda, a impossibilidade de alternância entre gerúndio e *a+infinitivo* em sequências introduzidas pelos verbos de movimento *ir* e *vir*, tendo ficado claro que a marcação do valor aspetual gradativo é exclusiva da construção com gerúndio. Não sendo uma novidade – é frequente na literatura consultada a referência a gerúndio como única estratégia capaz de veicular o valor aspetual gradativo – a situação merece, neste ponto, breves comentários, no sentido de explicitar de que forma os dados do CORDIAL-SIN se relacionam com o que está documentado na literatura.

Nas línguas românicas, as perífrases em que uma forma de gerúndio se associa a um verbo de movimento para expressar valores aspetuais estão amplamente documentadas (cf. Squartini 1998, Bertinetto 2000, entre outros).

Embora as perífrases aspetuais introduzidas por verbos de movimento surjam frequentemente equiparadas a *estar+gerúndio* (cf. Espunya 1998, Bertinetto 2000), e sejam muitas vezes conjuntamente analisadas como expressões de progressivo, alguns trabalhos explicitam diferenças entre as construções com *estar* e as que são introduzidas por verbos de movimento (cf., entre outros, Squartini 1998) e vários estudos têm evidenciado aspetos que contribuem para a descrição do funcionamento dessas perífrases.

Bertinetto (2000), que descreve o funcionamento do progressivo em diferentes línguas românicas por oposição ao inglês, propõe uma distinção entre STATE-PROG e MOTION-PROG para dar conta do facto de, no conjunto das línguas românicas, existirem diferentes tipos de auxiliares para marcar esse valor aspetual, nomeadamente auxiliares estativos (como *estar*) e de movimento (como *ir*).¹⁹⁴ Squartini (1998) defende a importância do significado lexical básico do verbo na marcação do valor aspetual da perífrase e faz uso, em vários momentos, do conceito de telicidade¹⁹⁵ para explicar contrastes entre as diferentes leituras veiculadas, por exemplo, por verbos como *andar* e *ir*. Sublinha as propriedades lexicais inerentemente télicas de *ir*, características essas que,

¹⁹⁴ Nas palavras do autor, “[t]he label ‘St-PROG’ indicates periphrases based on auxiliary verbs approximately meaning “be, stand”. ‘Mot-PROG’ stands for periphrases based on auxiliary verbs meaning “go, come” (cf. Bertinetto 2000: 3).

¹⁹⁵ A propósito de *ir*, o autor refere que este verbo manifesta “gradual tendency towards a goal” (cf. Squartini (1998: 272).

segundo o autor, legitimam na construção com este auxiliar a marcação de um valor aspetual gradativo em direção a um limite, e apresenta vários exemplos em espanhol para ilustrar essa “gradual tendency towards the telos” (Squartini 1998: 280).

Laca (2005) destaca uma oposição entre verbos de movimento não orientado (como *andar*) e orientado (como *ir* e *vir*), sublinhando o caso raro do português e do espanhol, que distinguem entre perífrases aspetuais introduzidas por *ir* e por *andar*, ao passo que noutras línguas a distinção se funde. A autora mostra como essas noções interferem nas leituras veiculadas pelas perífrases: “un certain nombre de ces périphrases contribuent à imposer des structures temporelles spécifiques [...]. Ainsi, *ir*+Gér. en espagnol et portugais imposent une structure temporelle d'accomplissement graduel” (cf. Laca 2005: 49).¹⁹⁶

No seguimento destes trabalhos e a partir destas noções, têm sido apontadas para o PEP (cf., por exemplo, Brocardo e Correia 2012; Alzamora 2018) diferenças entre perífrases introduzidas por *andar* e *ir*, diferenças essas que se atribuem, precisamente, às distintas características acionais desses dois verbos. No que toca à variação entre gerúndio e *a*+infinitivo, sublinha-se nesses trabalhos (bem como na generalidade da literatura consultada sobre perífrases aspetuais do PE) que é o gerúndio que, em combinação com os verbos de movimento *ir* e *vir*, marca o valor aspetual gradativo.

Os dados do CORDIAL-SIN, ao corroborarem a impossibilidade de alternância entre gerúndio e *a*+infinitivo para a marcação do valor aspetual gradativo em perífrases com *ir* e *vir*, sublinham a relevância da oposição entre verbos de movimento orientado/não orientado não só para descrever o funcionamento destas perífrases (sugerindo, na linha dos autores citados, que serão as propriedades télicas e direcionais de *ir* e *vir* que contribuem para a marcação do valor aspetual gradativo com gerúndio). Mas os dados deste capítulo até agora apresentados, ao provarem a possibilidade de variação com *estar*, *andar* e *ficar* e ocorrência exclusiva de gerúndio com *ir* e *vir* para a marcação do valor aspetual gradativo sugerem ainda que é, justamente, a oposição entre movimento orientado e não orientado que permite explicar a (im)possibilidade de variação. Ou seja, o conjunto de verbos de movimento orientado (*ir* e *vir*) não permite variação, sendo a marcação do valor gradativo exclusiva de gerúndio; a alternância é, contudo, legitimada com *andar*, verbo de movimento não orientado, e também com os estativos *estar* e *ficar* – as propriedades destes verbos serão, aliás, comentadas já de

¹⁹⁶ Com base nos diferentes valores veiculados por *ir* e *andar*, Laca classifica as perífrases com *ir* como INCR(emental) e com *andar* como FREQ(uantative): cf. Laca 2005: 4.

seguida, a propósito da explicação da não atestação, nos dados do CORDIAL-SIN, de gerúndio em sequências introduzidas por *continuar*.

2.5. Não variação: casos de *a*+infinitivo exclusivo no PD

2.5.1. Com *continuar*

Lê-se em Raposo (2013a), no capítulo referente a verbos auxiliares e a propósito das perífrases verbais em que a preposição *a* é regida por um verbo auxiliar ou semiauxiliar, o seguinte:

Quando este verbo é *estar*, *ficar*, *continuar* e *andar*, as perífrases têm uma versão alternativa na qual estes verbos seleccionam o gerúndio e a preposição *a* não ocorre (...)

Raposo 2013: 1274

Descrição semelhante apresenta Segura (2013), na mesma obra, ao referir a possibilidade de uso de gerúndio, em algumas variedades do português, em perífrases que expressam duratividade – valor aspetual expreso, como sabemos, por *continuar*:

Regista-se também como próprio dos dialetos do Sul o uso preferencial de perífrases verbais construídas com os auxiliares *estar* ou *andar* seguidos de gerúndio do verbo principal, para exprimir um valor aspetual durativo, incluindo o progressivo (...)

Segura 2013: 136

Efetivamente, frases em que *continuar* se combina com uma forma gerundiva, como nas expostas abaixo, encontram-se atestadas em diferentes *corpora* (embora possam, é certo, ser associadas ou a variedades dialetais específicas ou a uma questão estilística, havendo inclusivamente falantes de PE que associam estas produções ao PB):

(317) O avô continua tomando a medicação.

(318) A Joana continua vivendo em Paris.

É, desta forma, algo surpreendente que nos dados do CORDIAL-SIN apenas tenham sido identificadas ocorrências de *continuar* seguido de *a*+infinitivo, como nos exemplos abaixo:

(319) Ainda há aí gente que **continua a fazer** broa de milho. COV

(320) Depois **continuei a ouvir**, mas só pia de noite. PFT

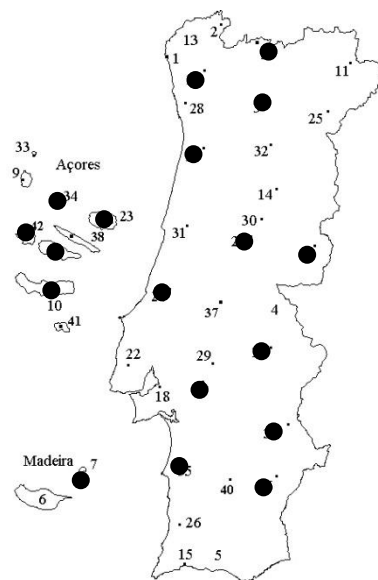
(321) A partir desde esse dia, pode **continuar a ir** todos os dias onde é ela, casa dela.

STA

(322) Dali a bocado, **continuou a falar** com as pessoas e foi depressa. PIC

Conforme evidenciam estes exemplos, veicula-se um valor aspetual durativo que sabemos ser capaz de legitimar a ocorrência de gerúndio, pelo que a sua não atestação no *corpus* chama a atenção.

Convém notar, no entanto, que (319)-(322) ilustram uma construção não particularmente produtiva no CORDIAL-SIN: foi identificado um total de 25 ocorrências, que se distribuem de forma bastante dispersa pelo território:



Mapa 21: Distribuição de *continuar+a+infinitivo* no CORDIAL-SIN

A relativamente baixa produtividade de sequências com *continuar* no CORDIAL-SIN pode ser relevante em diferentes níveis. Por um lado, é possível que a opção *a+infinitivo* seja a preferencial e, num conjunto de dados estatisticamente pouco significativo, a probabilidade de uma estrutura mais marginal simplesmente não ocorrer será forte. Por outro lado, o facto de os dados sugerirem que *continuar*, no PD, não é particularmente frequente em sequências verbais pode ser, por si só, significativo para a minha análise. Leva-me, por exemplo, a questionar o papel da frequência de ocorrência na legitimação da variação em estudo (note-se que verbos como *estar*, *andar* e *ficar*, com

os quais a ocorrência de gerúndio está atestada no CORDIAL-SIN, são extremamente produtivos na língua).

Além disso, *continuar* apresenta um conjunto de propriedades formais, sintáticas e semânticas que o afasta de *estar*, *andar* e *ficar*. Defendo que são essas diferenças – que em seguida enuncio – que justificam que, nos dados do CORDIAL-SIN, a variação entre gerúndio e *a+infinitivo* se encontre atestada com os semiauxiliares *estar*, *andar* e *ficar* mas não com *continuar*, em que *a+infinitivo* foi a única estratégia identificada.

Tal como *estar*, *andar* e *ficar*, também *continuar* tem sido considerado um verbo semiauxiliar (cf. Oliveira 2003, Gonçalves e Costa 2002, Raposo 2013a, entre outros). No entanto, *estar*, *andar* e *ficar* – mas não *continuar* – são verbos semiauxiliares que têm origem em verbos de significação postural/locativa. Os verbos *estar*, *andar* e *ficar*, aqueles em que a variação está atestada no PD, evoluíram, todos eles, de versões plenas que, no latim, estavam de alguma forma associadas a noções de localização espacial.¹⁹⁷ Esta relação com um domínio espacial – seja a nível de localização estática (*ficar* e *estar*) ou de movimento (*andar*) –, bem presente no sentido pleno dos verbos atrás expostos, não existe em *continuar*. O que, em contrapartida, se refere a propósito deste verbo é o seu sentido temporal de continuidade (cf., por exemplo, Oliveira, Cunha e Gonçalves 2004: 148, Raposo 2013b: 1312, Fernandes 2012: 135).

Assumo que a não atestação de gerúndio com *continuar* no CORDIAL-SIN deve ser atribuída, pelo menos parcialmente, à sua natureza não locativa – que nitidamente o afasta de *estar*, *andar* e *ficar* e o coloca numa posição menos favorável à sua evolução no sentido de auxiliar de construções aspetualmente durativas.

Note-se que a relação entre construções progressivas ou durativas e auxiliares de origem locativa e postural que se especializam na marcação desses valores não é uma novidade e tem sido evidenciada, para várias línguas, em diversos trabalhos. Os estudos de Bybee, Perkins e Pagliuca (1994) e Comrie (1976) permitem concluir, através de análises que consideram várias línguas, que a maioria das constuções progressivas evolui

¹⁹⁷ Raposo (2013b) refere que “o verbo *estar* provém do verbo latim clássico *stare*, que significava o estado de posicionamento vertical ou em pé de um indivíduo. Num sentido mais restrito, significava um estado de imobilidade, de repouso ou de permanência” (cf. Raposo 2013b: 1330). O autor esclarece que “*ficar*, por sua vez, provém do verbo latino **figicare*, que significava ‘colocar’, ‘cravar’, ‘fixar’, ‘atarraxar’. Este sentido básico apresenta já uma componente semântica de natureza simultaneamente incoativa e locativa” (cf. Raposo 2013b: 1330). Embora não exista, de facto, consenso relativamente à etimologia de *ficar*, a sua associação a um domínio espacial é constante. Também a etimologia de *andar* pode ser controversa, havendo autores que o ligam à forma latina *ambulare* e outros que o relacionam a *ambitare*, mas o seu sentido original comporta, em qualquer dos casos, uma ideia de deslocação no espaço. Assim, também este verbo tinha um sentido original espacial, neste caso de movimentação (sentido esse, de resto, ainda hoje visível na aceção plena de *andar*).

de construções locativas. Em linha com estes trabalhos, Torres Cacoullós (2000, entre outros), prova que o progressivo do espanhol tem origem locativa. Dados de Jarad (2019) e Camilleri e Sadler (2017) confirmam este percurso de gramaticalização – de *posture verbs* em auxiliares de progressivo – inclusivamente para o árabe.¹⁹⁸

Os dados do CORDIAL-SIN relativos a *continuar* não só reforçam a pertinência de uma análise que relacione a locatividade com a possibilidade de evolução para auxiliar de construções durativas, como podem ser explicados à luz desta ideia.

Outro aspeto que afasta *continuar* dos semiauxiliares *estar*, *andar* e *ficar* – e que se relaciona com o que acabo de dizer – é o facto de estes auxiliares terem homónimos predicativos (cf. (323)) ao passo que *continuar* tem como homónimo um verbo principal (cf. (324)) – cujo sentido se reduz a uma componente aspetual que se mantém nos usos auxiliar (cf. (325)) e copulativo (cf. 326)).¹⁹⁹

(323) a. O João está triste.

b. O João ficou triste.

c. O João anda triste.

(324) O problema continua.

(325) O João continua a trabalhar.

(326) O João continua triste.

A relevância deste facto é evidenciada por dados de aquisição de linguagem. Trabalhos sobre auxiliares e modais do inglês sugerem que as crianças distinguem verbos auxiliares dos seus homónimos lexicais (cf. Stromswold 1995 e Peters 2001). Para o português, há estudos que reportam a aquisição tardia de auxiliares que têm como homónimos um verbo principal e a emergência em fases mais iniciais de *estar a*, *andar a* e *ficar*.²⁰⁰

Os dados dialetais relativos à ausência de alternância gerúndio e *a*+infinitivo com *continuar* – mas não com *estar*, *andar* e *ficar* – são explicados, portanto, à luz desta ideia – e constituem, eles próprios, evidência empírica de que a distinção entre semiauxiliares

¹⁹⁸ Cf. ainda Ebert (2000); Kuteva (1999); Lemmens (2005); Newman e Rice (2004).

¹⁹⁹ Esta característica de *continuar* é notada, por exemplo, em Raposo (2013b: 1326).

²⁰⁰ Em Pena-Ferreira (2009), um trabalho sobre a aquisição de verbos semiauxiliares no PE, mostra-se que não se registaram produções, nas crianças testadas, de verbos auxiliares que têm como homónimo um verbo principal (como *começar*, *continuar*, *chegar* e *acabar*), tendo ocorrido apenas produções de verbos com homónimos predicativos (*estar*, *andar* e *ficar*).

que têm homónimos lexicais, por um lado, ou predicativos, por outro, é linguisticamente relevante.

Também as propriedades morfofonológicas de *continuar* podem contribuir para tornar este verbo um fraco candidato a auxiliar. Se *estar*, *andar* e *ficar* são formalmente curtos, como acontece com os verbos auxiliares típicos (veja-se como é também o caso de *ter* com tempos compostos), o mesmo não se verifica com *continuar*. Esta ideia é a que defende Lehman (2008) a propósito da gramaticalização de *ficar*, mas não de *permanecer*, enquanto verbo auxiliar – uma descrição que, a meu ver, é perfeitamente aplicável a *continuar*.²⁰¹

Noto ainda, e em consonância com esta ideia, que *continuar* surge, em alguns trabalhos (cf. Barroso 1994, Ferreira 2009 e Fernandes 2012) caracterizado como um verbo que se encontra num estágio ainda incipiente de gramaticalização comparativamente a *estar*, *andar* e *ficar*.²⁰²

Assumo, portanto, que o facto de não se ter identificado variação entre gerúndio e *a*+infinitivo em estruturas com *continuar* no CORDIAL-SIN se deve, em grande parte, às propriedades elencadas atrás, que claramente afastam *continuar* de *estar*, *andar* e *ficar* – o conjunto de verbos que, no CORDIAL-SIN, legitima ocorrência de variação.

2.5.2. Com verbos percetivos

Igualmente curioso é constatar que, nos dados do CORDIAL-SIN, também não se registam ocorrências de gerúndio em contextos dependentes de verbos percetivos como *ver*, *ouvir* e *sentir*. Mais uma vez, este tem sido um contexto sintático repetidamente apontado, na literatura, como passível de legitimar variação entre gerúndio e *a*+infinitivo

²⁰¹ O autor refere o seguinte: “podemos concluir que a auxiliarização de *ficar* estava programada: Por um lado, *ficar* possuía todas as propriedades semânticas e sintáticas de um verbo existencial e uma cópula, e além disso era curto, contrastando nisto com *permanecer*. Assim, dificilmente podia resistir à gramaticalização. Por outro lado, a conjugação perifrástica que emprega auxiliares que provêm de verbos existenciais e de cópulas estava já bem estabelecida no sistema. Assim, a auxiliarização de *ficar* fortificava uma estratégia disponível” (cf. Lehman 2008: 10).

²⁰² Barroso 1994 situa perífrases com *continuar* num estágio anterior de gramaticalização comparativamente a *estar*, *andar* e *ficar*. Nos cinco estádios de gramaticalização que delimita, situa sequências com *continuar* (seguido de gerúndio ou *a*+infinitivo) na segunda fase, ao passo que *andar*, *ficar* e *estar* (seguidos de gerúndio ou *a*+infinitivo) se localizam, segundo o autor, numa terceira fase. Ainda que os estudos de Ferreira (2009) e Fernandes (2012) incidam sobre o PB, é interessante notar que também estas autoras apresentam conclusões semelhantes, com base no comportamento exibido pelos verbos relativamente a vários fenómenos. Sobre *andar*, *continuar* e *ficar* + gerúndio no PB, Fernandes (2012) aponta uma elevada gramaticalização de *ficar*, e menor de *continuar* e *andar*. Ferreira (2009), num pertinente trabalho que relaciona reestruturação com auxiliaridade no PB, nota também um estágio de gramaticalização de *continuar* ainda não totalmente desenvolvido.

(cf., entre outros, Duarte 1992 e Raposo 1989). As frases seguintes são dadas por Raposo (2013b) para provar que gerúndio pode ocorrer em vez de *a+infinitivo* em construções introduzidas por verbos perceptivos:

(327) Os meninos sentiram-se afundando no mar.

(328) Vimos as crianças saltando o muro.

[exemplos de Raposo 2013b: 1294]

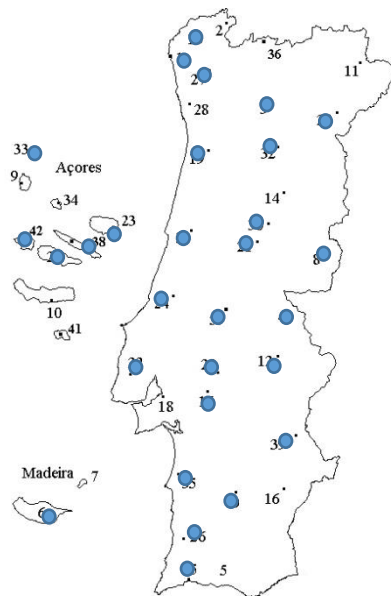
Também Duarte (1992) evidencia a comutabilidade das estruturas no mesmo contexto:

(329) Ouvimos a orquestra ensaiando.

(330) Ouvimos a orquestra a ensaiar.

[exemplos de Duarte 1992: 146]

É, portanto, no mínimo curioso que não tenham sido identificadas, nestes contextos, ocorrências de gerúndio nos dados do CORDIAL-SIN. Com *a+infinitivo*, no entanto, registaram-se 63 ocorrências, que como se verifica no mapa seguinte se distribuem pela generalidade do território:



Mapa 22: Distribuição de *a+infinitivo* em complemento de perceptivas no CORDIAL-SIN

Vejam-se, abaixo, exemplos dessas ocorrências, em que a *a+infinitivo* surge como complemento dos perceptivos *ver*, *ouvir* e *sentir*:

- (331) Parece que se **sentiu** um pássaro **a voar!** AJT
- (332) Mas quando eu era gaiato, ainda lá fui algumas vezes e **vi** lá os homens **a trabalhar** com aquilo. CBV
- (333) Até se **vê** a água **a ferver!** LVR
- (334) E **ouvia** aquela voz **a gritar**, a gritar, disse: (...) COV
- (335) Ela pegou, arranjou essa silva – chama-se a silva-macha – e foi então para lá com ela, e quando **ouviu** o cavalo **a trepar**, a trepar, ela pegou, fez, estendeu aquela silva fora, os picos vão conforme estão estes meus dedos. PFT
- (336) Ainda há pouco tempo **vimos** algumas cinco **a passar** por aí. TRC

As construções perçetivas constituem, elas próprias, material suficiente para toda uma investigação que não é a que me ocupa. Nesse sentido, quero apenas lançar algumas questões e chamar a atenção para aspetos que podem dar conta dos dados que tenho em mãos.

Noto que a ausência de gerúndio em construções perçetivas do CORDIAL-SIN não é surpreendente se a analisarmos interlinguisticamente. Em Casalicchio e Migliori (2018), um trabalho que analisa, comparativamente, gerúndios em construções perçetivas e progressivas nas línguas românicas, nota-se que era muito mais frequente, no passado, encontrar-se gerúndios como complemento de verbos perçetivos. Dá-se, inclusivamente, o exemplo do português e do italiano para ilustrar situações em que o gerúndio estava atestado em fases mais antigas da história da língua, tendo sido substituído por *a+infinitivo*.²⁰³ Observa-se, no mesmo trabalho, que muitas línguas românicas que disponibilizavam, no passado, o gerúndio como complemento de perçetivas passaram a apresentar apenas o gerúndio progressivo. Em Casalicchio (2019), estudo centrado em construções perçetivas do espanhol e do português, defende-se que o gerúndio e o infinitivo preposicionado estão diacronicamente relacionados e que os gerúndios evoluem, nas línguas românicas, para infinitivos preposicionados (pelo que, segundo o autor, ambas as construções devem ser analisadas, nos contextos em apreço, como estruturas sintaticamente equivalentes).

²⁰³ Efetivamente, como é sabido, o gerúndio ocorria, no Português Antigo (PA), tanto na construção progressiva (com auxiliares como *ser*, *estar* e *andar*) como nas orações pequenas dependentes de verbos perçetivos, constituindo a opção natural nestes dois contextos. Terá sido essa a situação no PA e no Português Médio: a mudança é situada, em Martins (2016a), no Português Clássico (período que se considera ir até meados do século XVIII).

Os dados do CORDIAL-SIN – a atestação do gerúndio nas construções aspetuais com *estar*, *andar* e *ficar*, mas a sua não atestação em construções perceptivas – não deixam de estar em conformidade com as conclusões dos trabalhos que acabo de citar, que colocam em evidência o desaparecimento gradual de gerúndio, nas línguas românicas, em estruturas perceptivas, e traçam um percurso de evolução que aponta as construções progressivas como as últimas a ceder à substituição por *a+infinitivo*.

Faço ainda um último comentário. Numa construção dependente de verbos perceptivos, o evento descrito pela CIP não corresponde unicamente a um evento durativo, podendo descrever um evento pontual, télico e não durativo. Veja-se, em (337) e (338), como o evento descrito é nitidamente pontual (a incompatibilidade com expressões adverbiais introduzidas por *durante* evidencia, precisamente, a pontualidade das situações descritas):

(337) O ministro ouviu a bomba a explodir. [*durante 5 minutos]

(338) Naquele instante, a Joana viu o carro a embater contra o muro. [*durante 5 minutos]

Contrariamente ao que acontece em construções aspetuais introduzidas por *estar* ou *andar*, em que se dá sempre uma operação aspetual que resulta na reinterpretação do predicado base numa situação durativa (frequentemente, com esses verbos, progressiva ou frequentativa/iterativa), a forma de gerúndio ou *a+infinitivo* que complementa o verbo perceptivo não sofre nenhuma reinterpretação aspetual (obviamente porque não se trata de uma perífrase aspetual). Consequentemente, se a situação descrita corresponde a um predicado pontual, não durativo, neste contexto sintático ela não é imediatamente reinterpretada iterativamente, como acontece com *estar* ou *andar* aspetual. O que quero dizer é que julgo que esta diferença básica relativamente à possibilidade, numa oração dependente de verbos perceptivos mas não numa perífrase aspetual, de se descrever um evento pontual não deve ser desvalorizada – sobretudo, considerando os dados do Capítulo 4 desta investigação, que apontam para um favorecimento de gerúndio na presença de predicados inerentemente durativos e, por outro lado, de *a+infinitivo* com predicados inerentemente pontuais.

2.6. Conclusão

A análise efetuada neste capítulo deu-nos condições para traçar um cenário a nível da variação entre gerúndio e *a+infinitivo* no PD em sequências verbais. Confirmou-se que está atestada a alternância entre as duas estruturas em perífrases durativas com *estar*, *andar* e *ficar*, em conformidade com o que refere a literatura.

A observação desses dados revelou que, em linhas gerais, os usos identificados estão em sintonia com as descrições apresentadas em trabalhos sobre estas construções aspetuais. Verificou-se que ambas as construções veiculam a generalidade dos valores aspetuais que lhe estão associados, mas pontualmente identificaram-se usos em que apenas uma estratégia foi identificada, sugerindo situações de não correspondência entre *a+infinitivo* e gerúndio (foram, por exemplo, identificados valores modais e avaliativos com *estar+a+infinitivo*, que não se registaram com gerúndio). Além disso, foram identificadas diferenças a nível de combinação aspetual: os dados globais mostram que ambas as estratégias exibiram padrões de combinação semelhantes, mas sublinham que há mais ocorrências de estados com gerúndio, que também se associou mais facilmente a processos culminados do que *a+infinitivo*. Por outro lado, com *a+infinitivo* registaram-se mais culminações. Estes dados foram considerados indícios de que a variação não é livre e serão retomados no Capítulo 4, onde mostrarei, essencialmente a partir de dados do galego e focando-me nas estruturas com *estar*, que a ocorrência de gerúndio ou *a+infinitivo* se relaciona, efetivamente, com os traços semânticos de duratividade e telicidade, como os dados deste capítulo sugerem.

Em vários momentos fiz referência ao estágio de gramaticalização das perífrases em estudo. Sublinhei, por exemplo, que em construções com *andar* há uma ideia de locatividade bem presente – quer com gerúndio, quer com *a+infinitivo* – sugerindo um estágio de gramaticalização ainda incipiente. Evidenciei, por outro lado, que com *estar* e *ficar* seguidos de gerúndio ou *a+infinitivo* se identificaram usos claramente aspetuais, característicos de fases mais avançadas no processo de gramaticalização. Embora os dados observados no Capítulo 2 não tenham permitido caracterizar adequadamente o estágio de gramaticalização do conjunto de construções analisadas (nem tenha sido esse o objetivo), adiantei que nas perífrases com *estar* e *ficar* do PD parece ser o gerúndio, e não *a+infinitivo*, a estratégia mais gramaticalizada. Mas será justamente esse o foco do capítulo que se segue: caracterizar o estágio de gramaticalização das perífrases aspetuais do PD, contrastando-as com as do PEP.

O estudo da distribuição geográfica das construções com *estar*, *andar* e *ficar* aspetual revelou que a variação se localiza na área de gerúndio já identificada por outros trabalhos (cf. Carrilho e Pereira 2011, Lobo 2006, 2008). Tal facto reforça a ideia de que é possível identificar áreas sintáticas e mostra que este contexto sintático-semântico específico – construções aspetuais – permite isolar áreas bem delimitadas. Identificou-se exatamente as localidades em que a variação está atestada, o que permitiu isolar uma região composta por dialetos centro-meridionais e insulares e verificar que as áreas de *andar*+gerúndio e *ficar*+gerúndio representam uma sub-área de *estar*+gerúndio. Mostrei que a área de gerúndio aspetual se situa dentro da área sintática que opõe dialetos setentrionais e dialetos do Centro (a Norte do Tejo) a dialetos meridionais e insulares, exibindo uma fronteira idêntica à traçada pela isófono de Cintra que delimita a área de monotongação do ditongo [ej] em [e]. Uma análise da produtividade de *a*+infinitivo por todo o território mostrou que é essencialmente na região Centro que ela é produtiva. Nos dialetos alentejanos e algarvios, percebe-se uma menor produtividade de *a*+infinitivo, compatível com a vitalidade de gerúndio nesses dialetos (embora se tenham registado níveis elevados de *a*+infinitivo em Alcochete, Melides e Faro). A estratégia *a*+infinitivo mostrou-se também muito produtiva no Grupo Central dos Açores. Por outro lado, no grupo Ocidental, o gerúndio está plenamente atestado e essas ilhas exibem valores de *a*+infinitivo não particularmente expressivos.

Os dados relativos à produtividade de gerúndio e *a*+infinitivo nas áreas de coocorrência revelaram uma superioridade genérica de *a*+infinitivo, contrariando observações encontradas na literatura relativas à preferência de gerúndio nessas áreas.

Surpreendentemente, constatou-se que *a*+infinitivo foi a única opção, em todo o *corpus*, em associação com *continuar* e em complementos de verbos percetivos. A surpresa adveio do facto de estes serem reconhecidos contextos em que tanto gerúndio como *a*+infinitivo são legitimados no PEP: essa possibilidade de alternância é sublinhada pelos dados que apresento no próximo capítulo, em que oponho ao PD dados do PEP (mas provam-no também as descrições que têm sido feitas na literatura, a fácil aceitação de qualquer falante de PE de qualquer das estratégias nesses dois contextos e as atestações em obras literárias, por exemplo). A não atestação de gerúndio com *continuar* no CORDIAL-SIN foi atribuída a um conjunto de propriedades que afastam *continuar* de *estar/andar/ficar*. A ausência de gerúndio em estruturas percetivas foi relacionada com dados interlinguísticos que evidenciam, justamente, a substituição de gerúndio por

a+infinitivo, nas línguas românicas, em estruturas de complementação com verbos percetivos.

A observação dos dados relativos a perífrases aspetuais (e temporais) introduzidas por *ir* e *vir* revelou que, em linha com o que prediz a literatura, a variação não está atestada. Deste conjunto de dados sobressaiu o facto de as estruturas parecerem, no CORDIAL-SIN, pouco gramaticalizadas. Conforme já anunciei, serão precisamente contrastes relacionados com o grau de gramaticalização que evidenciarei no capítulo que se segue, em que os dados dialetais serão confrontados com dados do PEP.

3. O CONFRONTO ENTRE O PD E O PEP

De forma a cruzar os dados dialetais do CORDIAL-SIN com dados do PEP, e proceder assim a uma análise comparativa entre as duas variedades relativamente às matérias em estudo, considereei dados do *Corpus de Referência do Português Contemporâneo* (CRPC). Trata-se de um *corpus* constituído por cerca de 312 milhões de palavras, elaborado com o objetivo de fornecer informação abrangente sobre o português contemporâneo, e que inclui amostragens de discurso escrito (literário, jornalístico, técnico, científico, didático, económico, jurídico, parlamentar e *varia*) e oral (elocuções informais e formais). Os textos vão desde a segunda metade do século XIX até 2008, sendo a maioria posteriores a 1970. Estão representadas, essencialmente, as variedades nacionais e regionais do PE, mas também outras variedades do português (nomeadamente de África e da Ásia).

Tratando-se de um *corpus* extensíssimo, que inclui dados não relevantes para este estudo (outras variedades do português que aqui não são estudadas), houve o cuidado de se considerar dados de apenas uma parte do *corpus*. Optei por analisar os dados disponibilizados no subcorpus *revista*, por ser um dos conjuntos de textos que o *corpus* regista como exclusivamente representativos do PEP²⁰⁴ e por ter uma extensão expressiva, mas analisável no âmbito deste trabalho.

Para investigar a competição gerúndio/a+infinitivo em sequências verbais, foram efetuadas buscas, através de *queries*,²⁰⁵ no sentido de reunir os contextos de a+infinitivo e gerúndio precedidos de verbo. Reuniram-se ocorrências em adjacência e com até 3

²⁰⁴ Apesar disso, no processo de análise dos dados foram detetadas neste *subcorpus* ocorrências de produções do PB – mesmo tendo selecionado a opção “Portugal only” durante o levantamento de dados. Os casos em que foi possível identificar claramente tratar-se de um uso da variedade brasileira do português (ocorrências que se espera que tenham sido residuais) foram desconsiderados. Mas noto que, pelo facto de as ocorrências aparentemente produzidas por falantes de PB estarem associadas a metadados que indicam “Portugal” como país do autor e de edição, foi particularmente difícil detetar e contornar o problema. No entanto, sempre que identifiquei ocorrências de gerúndio pouco produtivas e pouco esperadas no PEP, todas foram manualmente verificadas com o intuito de confirmar essa possibilidade de ser uma produção de PB. O objetivo foi evitar que o que aparenta ser variação entre gerúndio e a+infinitivo no CRPC estivesse a ser determinado por produções do PB. A tarefa envolveu uma leitura atenta do contexto alargado em busca de fenómenos linguísticos que permitissem caracterizar a variedade do português utilizada (nomeadamente, pistas lexicais e sintáticas). A presença de temáticas nitidamente associadas a um dos países, bem como referências (culturais, sociais, entre outras) à realidade de Portugal ou do Brasil, também serviram como critério para determinar a variedade em uso. Como referi, as ocorrências claramente identificadas como produções de PB foram, naturalmente, excluídas. Acrescento que os dados disponibilizados pelo CETEMPúblico, a que considereei alternativamente recorrer para este confronto com dados do PEP, apresenta o mesmo problema metodológico: como se lê na página de apresentação do corpus (<https://www.linguateca.pt/CETEMPUBLICO/>), “[a] esmagadora maioria do texto do CETEMPúblico está em português europeu, embora haja alguns textos de autores brasileiros e africanos”.

²⁰⁵ A pesquisa foi realizada online, através da plataforma CQPWeb (cf. <http://alfclul.clul.ul.pt/CQPweb/>).

constituintes interpostos (no caso da estrutura com infinitivo, as pesquisas foram efetuadas de modo a considerar a possibilidade de interposição quer entre o verbo e a preposição, quer entre preposição e infinitivo).

Todas as ocorrências foram observadas com o intuito de garantir que o conjunto de dados inclui apenas as estruturas relevantes para a presente investigação.²⁰⁶

No final de cada exemplo extraído do CRPC apresento o código que os identifica.

3.1. Distribuição de *a*+infinitivo/gerúndio em sequências verbais: um olhar contrastivo

O gráfico abaixo ilustra a distribuição de gerúndio e *a*+infinitivo, no subcorpus do CRPC que tomei como amostra, em sequências verbais em que pelo menos um verbo se associa a uma forma de gerúndio ou de infinitivo precedido de *a*, numa combinação linguística com algum grau de dependência sintático-semântica:²⁰⁷

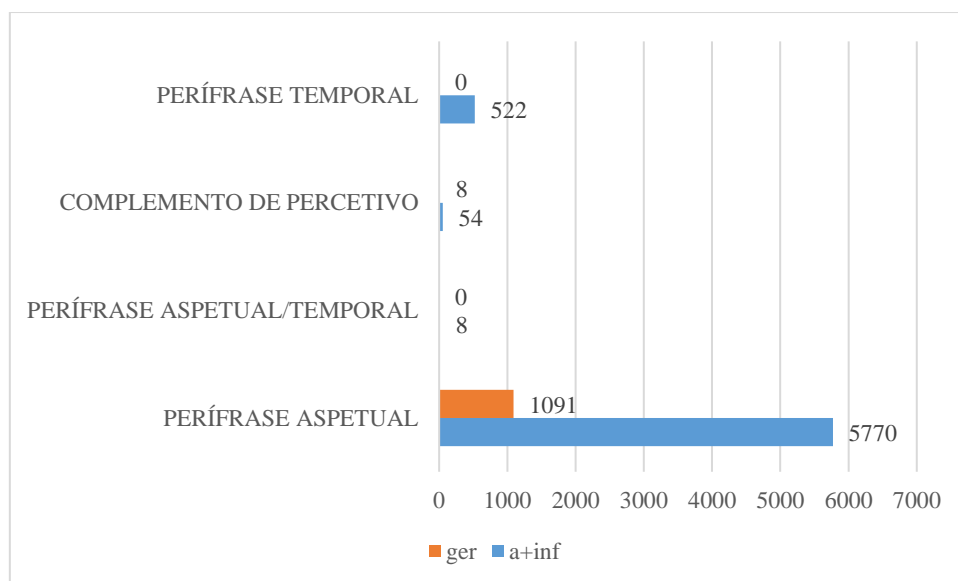


Gráfico 14: Distribuição de gerúndio e *a*+infinitivo em sequências verbais no CRPC (número de ocorrências)

²⁰⁶ Durante o processo de análise de dados, identificou-se, em alguns casos, uma duplicação das ocorrências devolvidas. Trata-se de um problema metodológico reportado também em outros *corpora* – a mesma falha é notada, nomeadamente, na descrição do CETEMPúblico –, que decorre da existência de extratos duplicados no *corpus* – e, por isso, escapa ao meu controlo. Mesmo assim, todas as ocorrências que consegui identificar como tratando-se de uma duplicação foram eliminadas.

²⁰⁷ Tal como fiz para os dados do CORDIAL-SIN, excluí contextos adverbiais, de modo a reunir apenas construções verbais perifrásticas ou estruturas perceptoras.

Alguns aspetos merecem, desde já, ser assinalados. Uma primeira avaliação destes números sugere que – tal como no CORDIAL-SIN – as perífrases aspetuais se assumem como um importante contexto de variação. No entanto, diferentemente do que acontece no *corpus* dialetal, mas em linha com o que descreve a literatura, também as orações pequenas que funcionam como complemento de verbos percetivos legitimam, no *corpus* do PEP considerado, variação.

Os casos em que *a*+infinitivo é a única estratégia disponível – perífrases temporais com *vir* e perífrases introduzidas por *ir*, que na linha de outros autores considero marcarem um valor entre o aspetual e o temporal – encontram-se exemplificados abaixo:

(339) (...) porque temos de contribuir para a segurança social, para mais tarde **virmos a ter** a nossa reforma. R1360

(340) Pensa que a família unida é alguma coisa que pode **vir a voltar**? R1047

(341) (...) ou seja, um exame geral com carácter preventivo. Se **formos a ver** bem, até nem é muito, como refere Gorjão Clara (...) R1160

(342) (...) com filmes e material nossos. A ideia é interessante, **vamos a ver**. R4295

Assim, são dois os contextos sintáticos em que tanto gerúndio como *a*+infinitivo se encontram atestados: como complemento de verbos percetivos e em perífrases aspetuais. Em (343) e (344) vemos exemplos da primeira dessas situações: orações pequenas que funcionam como complemento de verbos percetivos e em que as duas estruturas (com *a*+infinitivo e com gerúndio) são interpretativamente equivalentes:²⁰⁸

²⁰⁸ Estas situações correspondem ao que tipicamente tem sido descrito como orações pequenas que funcionam como complemento de verbos percetivos como *ver*, *ouvir* e *sentir*. Na observação e classificação do material recolhido no CRPC, confrontei-me com a necessidade de decidir exatamente o que incluir neste conjunto de dados e encontrar uma definição o mais afinada possível de verbos percetivos. A literatura consultada sobre este tema revela, no entanto, a existência de uma multiplicidade de perspetivas nas quais se enquadra o estudo dos verbos percetivos (cf., entre outros, Viberg 1984, Evans e Wilkins 2000), o que se reflete em listas de tipos de verbos percetivos de dimensão e organização muito variável de autor para autor (cf. Fellbaum 1990; Levin 1993; Quirk et al. 1972). Note-se que alguns trabalhos sobre perceção chegam a distinguir entre perceção voluntária e involuntária, direta e indireta, e imaginativa (cf. a discussão apresentada em Freire 2007 em torno destas questões). Assim, dependendo da perspetiva de análise, verbos como *sonhar* e *imaginar* podem também ser considerados percetivos. Na linha do que tipicamente tem sido feito, para o português, em estudos sobre estruturas percetivas, incluo aqui apenas complementos introduzidos por *ver*, *ouvir* e *sentir*. Exemplos (residuais) do *corpus* com verbos como *encontrar/achar* seguidos de *a*+infinitivo ou gerúndio são exemplos de situações que me fizeram refletir sobre o conceito de verbo percetivo, por serem estruturas que envolvem perceção sensorial e poderem, por isso, ser consideradas construções percetivas. Exemplos como estes acabaram, contudo, por ser excluídos deste grupo (em parte, por não serem numericamente expressivos).

(343) a. Olhava espantada para aquela caixa, onde **via** homens **a jogar** à bola (...) R1484
 b. Não sentimos nada nos pulmões, mas **sentimos** o tubo **a entrar** na garganta.
 R3737

(344) a. Em 1928, Frida entra para o grupo de Júlio António Mella, um comunista cubano exilado no México, e encontra Diego Rivera que, aliás, já **vira pintando** um mural na sua Escola e a quem pregara várias partidas. R1864
 b. É frequente **ver-se** o casal real **passeando** com os filhos. R1433

O segundo contexto em que se atestaram ocorrências de *a+infinitivo* e gerúndio – perífrases aspetuais – é, como os números mostram, indubitavelmente mais produtivo e inclui situações de dois tipos: (i) casos em que as duas estruturas veiculam um valor equivalente, funcionando como variantes – como acontece em perífrases com *estar*, *andar*, *ficar*, *continuar*, *viver* e *acabar*, que ilustro em (345)-(349); e (ii) perífrases introduzidas pelos verbos de movimento *ir* e *vir*, em que apenas uma estratégia é capaz de veicular o valor aspetual relevante. Estes casos incluem perífrases progressivas introduzidas por *ir* e *vir*, em que gerúndio é a única opção (exemplos em (350) e (351)) e perífrases temporais/aspetuais introduzidos por *vir* seguido de *a+infinitivo*, como em (352) – exemplo já exposto acima, mas que volto a reproduzir.

(345) a. Mas tal como Gorbachev costumava dizer, "o processo **está a andar**" R0080
 b. (...) o fácil, a comodidade, o materialismo, o super-prático que **está invadindo** tudo, mesmo aqueles que introduziam uma certa revolta na própria intemperança R0247P

(346) a. Alguém **anda a brincar** com coisas sérias. R2541
 b. (...) a «gota de água» na guerra de nervos que **anda minando** a PSP.²⁰⁹ R4936

(347) a. o que às vezes é um peso, uma angústia, **fico a culpabilizar-me** por culpas do país, que não são as minhas culpas (...) R1917
 b. (...) como cómico ou como homem de acção, **fica fazendo** eternamente esses papéis, porque lhe garantem bom dinheiro. R1083

(348) a. Actualmente **continua a escrever** livros, faz conferências, e ensina Filosofia na Universidade do Texas. R4896
 b. A meio da descida nada mudara: as canas lá **continuavam baloiçando** sozinhas.
 R0110

²⁰⁹ Esta foi a única ocorrência de *andar+gerúndio* que consegui identificar.

(349) a. (chegou a pesar 90 quilos), **vivia fazendo** dietas que alternava com grandes doses de chocolate e cocacola (...) R3239

b. quem mantém um emprego **vive a pensar** na contagem progressiva do tempo, até que chegue a sua hora (...) R1381

(350) Creio que a esta reacção não é indiferente ao que se **foi passando** no mercado de trabalho (...) R4910

(351) uma loja que nos **vem habituando** a pequenas surpresas como esta. R4226

(352) Pensa que a família unida é alguma coisa que pode **vir a voltar**? R1047

Os exemplos que apresentei correspondem a situações que se encontram descritas na literatura. Isto não significa, contudo, que os dados sejam desinteressantes: particularmente quando os comparamos com os resultados do CORDIAL-SIN, e quando contrastamos o nível de produtividade de *a+infinitivo* e gerúndio em cada variedade.

O gráfico abaixo, relativo às ocorrências de gerúndio nos dados do CRPC em perífrases aspetuais,²¹⁰ deixa bem claro que a esmagadora maioria corresponde a *ir gradativo* – contexto em que não alterna com *a+infinitivo* –, sendo as ocorrências com outros marcadores aspetuais bem menores e, às vezes, apenas residuais. Em algumas situações, e conforme o que explicitarei na abertura desta secção, foi mesmo possível perceber que estávamos perante produções de falantes brasileiros, pelo que essas ocorrências acabaram por ser desconsideradas. Assim, os números exibidos no Gráfico 15 dizem respeito a ocorrências consideradas produções de PE.²¹¹

²¹⁰ Embora tenha aqui considerado, para efeitos de apresentação dos dados, sequências com *viver*, *seguir* e *acabar* perífrases verbais, acredito que esta classificação pode ser mais complexa do que aquilo que aparenta. O facto de não se ter atestado variação, no PD, com *viver*, *seguir* e *continuar* pode inclusivamente constituir argumento a favor de um estatuto diferente para construções que integram estes verbos.

²¹¹ Conforme esclareci em nota anterior (cf. nota 204), embora se tenha restringido a pesquisa a dados exclusivamente do PE e todos os metadados indiquem “Portugal” no país do autor e de edição, identificaram-se produções de falantes brasileiros, que foram desconsideradas. Ao inspecionar, manualmente, a fonte e o contexto alargado dos dados de gerúndio aspetual cujo número não elevado de ocorrências possibilitou esta tarefa, foi possível fazer uma triagem mais fina e eliminar um pequeno conjunto de dados (10 frases) que identifiquei como produções de PB (nomeadamente, com *viver*, *acabar* e *ficar*). Eis alguns exemplos:

- (i) - E tem uma frase que eu gosto de repetir: as facilidades iludem e enfraquecem, e as dificuldades fortalecem e engrandecem o ser humano .
- A Senhora diz-lhe isto?
- Não. É ele que **vive** me **dizendo** isto. R1068
- (ii) Aí fica um horror trabalhar com a pessoa que você no momento ama e que naquele dia odeia talvez por qualquer motivo bobo. Se você se distrair **acaba passando** isso para o público, é péssimo. R2018
- (iii) - Tem aquela pergunta: What is the colour of the money? Aí, a gente diz: o importante não é the colour of money , mas sim the money of Collor... E outra, para a natureza dos países: Se

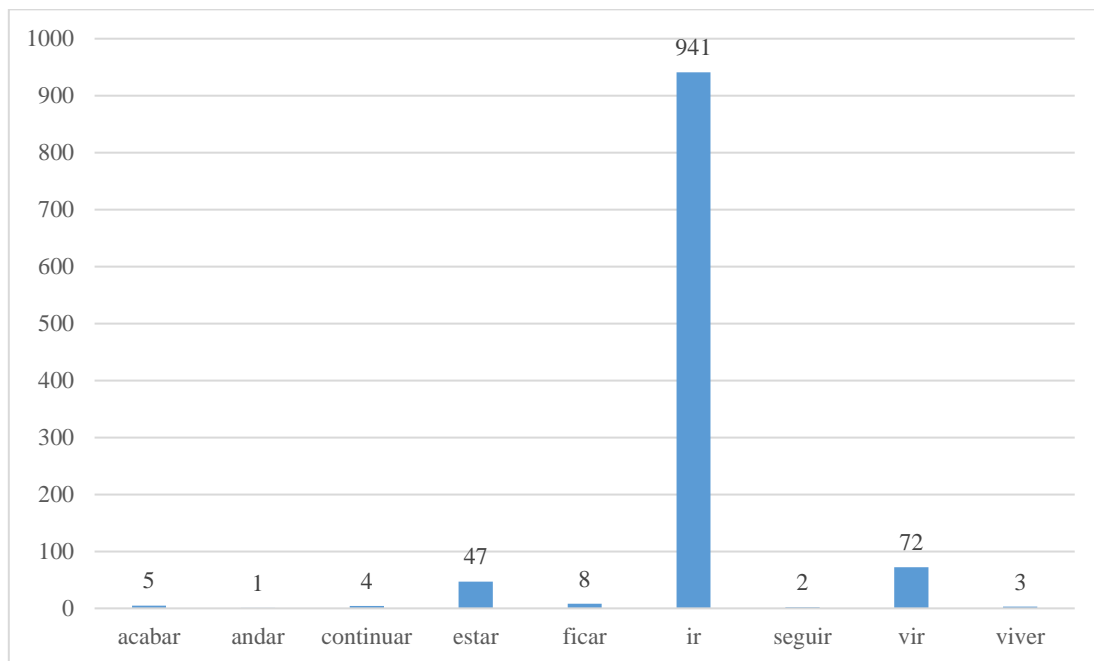


Gráfico 15: Distribuição de gerúndio no CRPC em perífrases aspetuais (número de ocorrências)

Note-se que as ocorrências com *acabar*+gerúndio consideradas perifrásticas dizem respeito a exemplos como o seguinte (situações que são interpretativamente equivalentes a perífrases introduzidas por *acabar por*+infinitivo):²¹²

(353) (...) discursos para homenagens e prémios, sobretudo nos volumes finais, quando **acaba aceitando** a tardia consagração. R2649

Se nos centrarmos, então, nos contextos de alternância com *a*+infinitivo, os dados são os seguintes:

a gente **ficar pensando**, o Japão é um país paupérrimo com a vocação da riqueza. O Brasil é um país riquíssimo com a vocação da pobreza. R1048

²¹² Registaram-se 5 ocorrências de *acabar*+*a*+infinitivo, que reproduzo abaixo. Chamo a atenção, no entanto, para a dificuldade de classificação destes dados, que considero ambíguos entre uma construção aspetual (equivalente a *acabar por*) e uma leitura plena do verbo, em que *a*+infinitivo funciona como adjunto (creio que a ambiguidade é particularmente evidente em (i) e (iii)). Qualquer que seja a interpretação, a alternância com gerúndio é legitimada.

(i) Estes quase segredos tarde ou cedo **acabam a ser** contados .

(ii) E andou um homem a cultivar -se a vida toda para **acabar a fazer** este triste papel de polícia dos seus próprios correligionários!

(iii) um interlocutor que seja também vazadouro de angústias e desconfortos, se **acaba a confundir** o que se sente com o que eles sentem.

(iv) mas os seus talentos eram políticos: **acabaram** todos **a inculcar** aos camponeses madeirenses a «consciência política» dos seus «direitos (...)

(v) (...) se enredem todos na sua (deles e dela) lógica e **acabem** sozinhos **a ver...** TV.

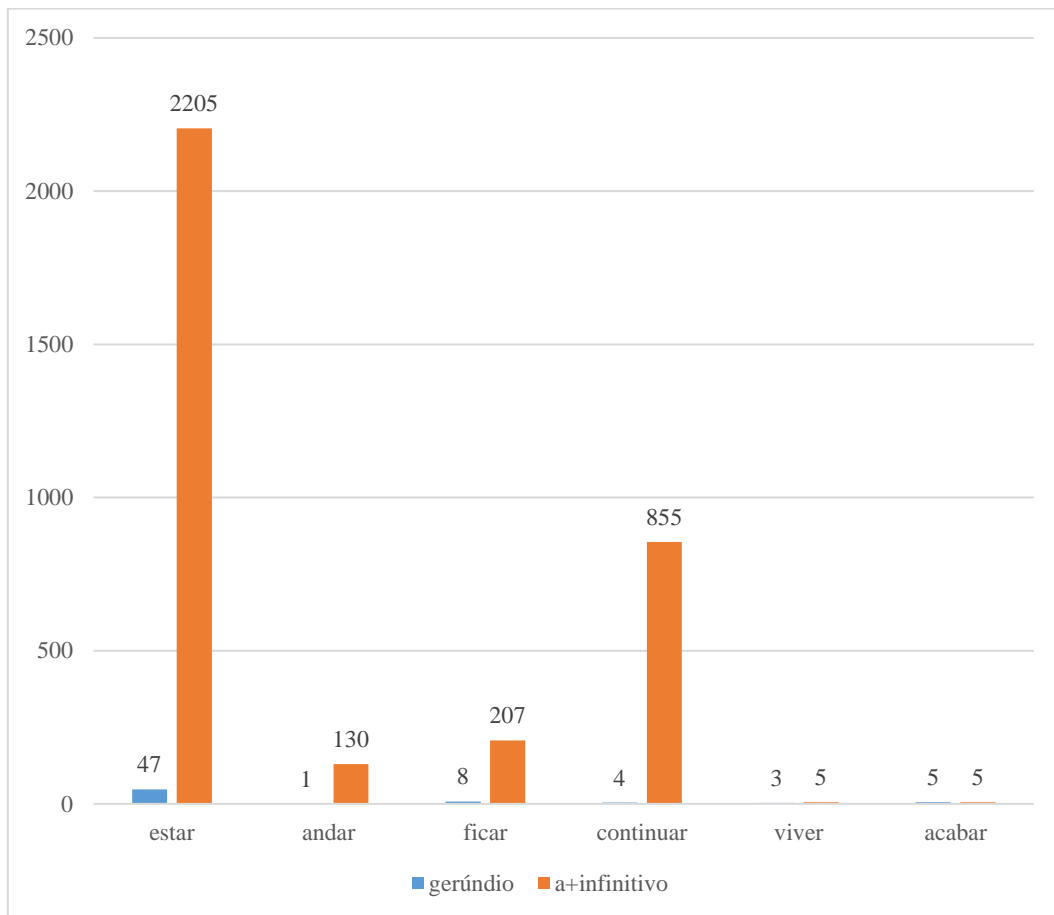


Gráfico 16: Alternância entre a+infinitivo e gerúndio em perífrases aspetuais no CRPC (número de ocorrências)

Apesar de as ocorrências de *estar*+gerúndio não terem sido inspeccionadas na totalidade no sentido de confirmar se se trata exclusiva e inequivocamente de produções de PE – o que poderá, é certo, levar a questionar sobre o peso destes números –, os dados mostram que há exemplos claros de que se trata da variante europeia.²¹³

²¹³ Notem-se, nas frases abaixo, as referências geográficas e culturais e as pistas linguísticas (como a colocação de clíticos e a ocorrência do artigo antes do possessivo) que permitem associar estas produções a PE:

- (i) O Voz das Beiras admirou-nos com a fotografia de uma chaminé (e logo a do crematório do cemitério de Viseu) que se está inclinando há décadas sem, no entanto, cair. R2208
- (ii) Acho, deste modo, que, apesar de ter sido tardiamente reconhecido e louvado, o dia do Pai tem agora mais possibilidades que o da Mãe. Que me perdoem as autoridades eclesíásticas, pela irreverência que estou demonstrando, mas também me parece justo que os fiéis possam emitir a sua opinião sobre coisas que lhes dizem respeito. Sobretudo, quando muita gente pensa o mesmo do que eu e, à socapa, lá se vai levando à sua amada Mãe uma pequena prenda no dia 8 de Dezembro! Como não tenho já, infelizmente, nem Mãe nem Pai, e nasci a 8 de Dezembro, tenho o meu problema resolvido: a família e os amigos dão-me presentes nesta data. R1081
- (iii) Estou-me borrifando por onde começar. Só que o meu estatuto atrapalha mais do que ajuda. R2563

Uma primeira conclusão a que chegamos é que, em contexto de perífrases aspetuais, a competição entre *a*+infinitivo e gerúndio na amostra do CRPC é, na realidade, muito pouco expressiva com a maioria dos verbos introdutores da perífrase. Nas situações em que a variação se encontra atestada, as ocorrências de gerúndio apenas representam 2% dos casos – contra 18% do CORDIAL-SIN.

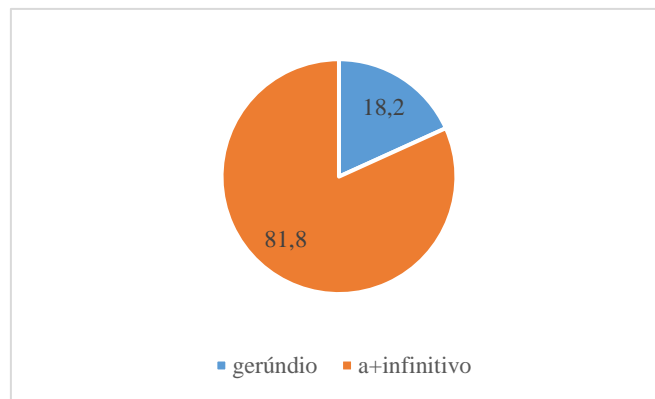


Gráfico 17: Gerúndio e *a*+infinitivo em perífrases aspetuais no CORDIAL-SIN (percentagem)



Gráfico 18: Gerúndio e *a*+infinitivo em perífrases aspetuais no CRPC (percentagem)

Assim, estes dados do PEP mostram que, em construções aspetuais, a produtividade de gerúndio comparativamente a *a*+infinitivo é drasticamente inferior, sendo muito claro que *a*+infinitivo é, no padrão, a estratégia dominante – o que vai, como

(iv) E depois resolveu reeditá-los num só volume: “Três Histórias de Amor”, que as Edições Asa acabam de lançar. Sempre pensara que um escritor, enquanto escreve, não precisa de reeditar - escreve. Porque a sua prosa (ou a sua poesia ou o que estiver escrevendo) evolui, o seu estilo modifica-se com o passar do tempo. R1841

No exemplo (iv), o contexto discursivo permitiu identificar a identidade do falante: Álvaro Magalhães, escritor português natural do Porto.

sabemos, ao encontro do que descreve a literatura. Igualmente na linha do que predizem os estudos sobre o tema, verifica-se que os contextos que legitimam a ocorrência de gerúndio são as perífrases durativas, nomeadamente as introduzidas pelos semiauxiliares *estar*, *andar* e *ficar*, mas neste caso (e ao contrário do CORDIAL-SIN), também as introduzidas por *continuar*, *viver* e *acabar*. Ainda que tenham ocorrido, no CRPC, gerúndio e *a*+infinitivo, a percentagem de apenas 2% de gerúndio em perífrases aspetuais torna difícil, a meu ver, considerar que existe variação no PEP nestas estruturas.²¹⁴

No entanto, embora nos dados do PEP o gerúndio tenha menos vitalidade, chama a atenção o facto de se encontrar disponível em contextos não atestados no *corpus* do PD. Veja-se como o número de ocorrências de gerúndio com verbos percetivos foi relativamente expressivo:²¹⁵

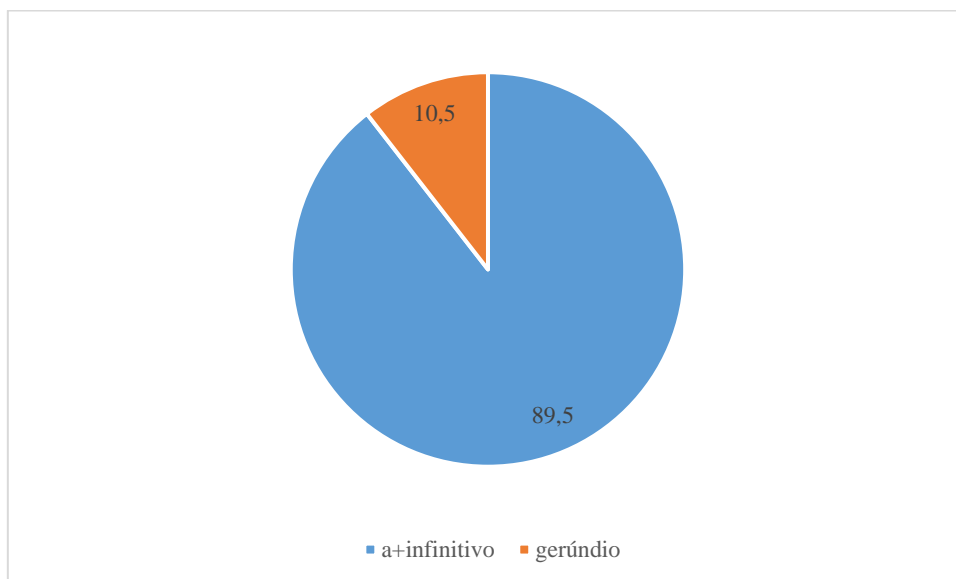


Gráfico 19: Gerúndio e *a*+infinitivo em complemento de estruturas percetivas no CRPC (percentagem)

Referi no Capítulo 2 que a não atestação de gerúndio no PD com verbos percetivos e com *continuar* – contextos em que se regista, no CRPC, quer gerúndio quer *a*+infinitivo e constantemente referidos, na literatura do PE, como contextos de alternância entre as duas estratégias – evidencia que, no PD, a alternância é legitimada apenas em perífrases aspetuais durativas e unicamente em estruturas introduzidas por uma classe de verbos

²¹⁴ Adicionalmente, como já notei, há ainda uma possibilidade de algumas destas ocorrências poderem corresponder a produções de falantes brasileiros, nomeadamente as poucas ocorrências de gerúndio com *continuar*, *viver* e *ficar*.

²¹⁵ Tal como aconteceu com os dados de gerúndio aspetual, também as ocorrências de gerúndio em estruturas percetivas foram individualmente inspeccionadas no sentido de confirmar que se trata de produções de PE. Nos casos em que foi possível determinar tratar-se de PB, as frases foram desconsideradas.

específicos – os verbos *estar*, *andar* e *ficar*, verbos copulativos que se relacionam intimamente, como mostrei, com um domínio espacial de localização. A ocorrência exclusiva, no CORDIAL-SIN, de *a+infinitivo* em estruturas percetivas sugere que neste contexto, sintaticamente diferente, o gerúndio já terá sido substituído por *a+infinitivo*. Notei que esta hipótese se fortalece quando consideramos dados interlinguísticos, relativos a outras línguas românicas, que sugerem esse percurso de substituição de gerúndio por *a+infinitivo* – inicialmente em estruturas percetivas e mais tardiamente em construções aspetuais.²¹⁶ Ora, os dados do PEP agora em análise não contrariam essa hipótese. A claríssima prevalência de *a+infinitivo*, nos contextos analisados, nos dados do PEP confirma, em grande medida, a evolução deste percurso de substituição de gerúndio por *a+infinitivo*.

O meu objetivo, nas próximas páginas deste capítulo, é analisar contrastivamente as perífrases identificadas nos dois *corpora*: as aspetuais introduzidas por *estar*, *andar*, *ficar* e *continuar* seguidos de *a+infinitivo* – a estratégia dominante no PEP – e as perífrases temporais/aspetuais introduzidas por *ir* e *vir* (seguidos de gerúndio ou *a+infinitivo*). A conclusão a que chegamos ao confrontar esses dados é que existem diferenças claras que permitem argumentar a favor de um estágio de gramaticalização dessas sequências genericamente mais recuado no PD. Encarando a auxiliaridade como um contínuo – em linha com o quadro teórico em que nesta matéria me posiciono –, defendo que os semiauxiliares aspetuais e temporais do PD e do PEP ocupam diferentes posições na escala de auxiliaridade, o que se relaciona diretamente com o grau de gramaticalização da perífrase.

Isto permite-me relacionar os contrastes aqui identificados entre os dados do CRPC e do CORDIAL-SIN no que toca à distribuição de gerúndio e *a+infinitivo* com essa existência de um estágio de gramaticalização genericamente mais avançado no PEP – que será um reflexo da fase mais avançada em que o PEP se situa no processo de substituição de gerúndio por *a+infinitivo* comparativamente ao PD.

As perífrases relevantes serão, pois, comentadas de forma a evidenciar os diferentes graus de gramaticalização que as estruturas exibem, o que passará pela exposição de um conjunto de aspectos sintático-semânticos que foi possível identificar e que considero sintomáticos de diferentes estágios de gramaticalização – como a presença

²¹⁶ Estes factos são, também, compatíveis com a ideia de que gerúndio evolui no sentido de se tornar mais especificado no PEC (cf. Fiéis e Lobo 2011), hipótese sustentada pela observação de dados diacrónicos.

de locativos e contrastes a nível de combinação aspetual, por exemplo. Fecharei o capítulo com uma síntese dos aspetos mais interessantes revelados com esta análise contrastiva e com uma proposta de escala de gramaticalização das perífrases estudadas.

3.2. Diferentes estágios de gramaticalização de perífrases aspetuais durativas e temporais no PD e no PEP

A ideia de que verbos auxiliares e semiauxiliares têm origem em verbos plenos, que através de um processo contínuo de gramaticalização vão perdendo propriedades de verbo lexical e se transformam em verbos auxiliares, está bem documentada e fundamentada na literatura (cf., entre muitos outros, Hopper e Traugott 1993; Bybee et al. 1994).

Defende-se, na literatura sobre o assunto, que a recategorização de verbos plenos em auxiliares envolve, do ponto de vista semântico, perda do sentido descritivo dos verbos plenos – ainda que uma parte do seu significado seja preservada nas áreas semânticas de Tempo, Modo e Aspeto (TMA) – e implica, a nível sintático, a aquisição de propriedades formais responsáveis pela coesão interna da perífrase verbal.

Embora o conceito de gramaticalização não seja uniformemente usado na literatura, neste trabalho o termo deve ser entendido no sentido definido por Heine et al. (1991) e Hopper e Traugott (1993): é aqui usado para designar a passagem, contínua e gradual, de itens lexicais a itens gramaticais, sendo essa passagem acompanhada por um conjunto de mudanças (nomeadamente semânticas e sintáticas) relacionadas com a perda de propriedades lexicais à medida que os itens se transformam em classes gramaticais.

Este fenómeno assenta, pois, na distinção entre classes abertas de palavras (classes lexicais, também descritas como plenas) e classes fechadas (que correspondem aos itens gramaticais ou funcionais). Ao primeiro conjunto pertencem unidades lexicais com uma função descritiva, como os verbos, os nomes e os adjetivos. Aos itens gramaticais (ou funcionais), de que são exemplo os verbos auxiliares e semiauxiliares (outros exemplos típicos são as conjunções e preposições) é atribuída essencialmente uma função estruturadora.

Os mecanismos através dos quais se dá a gramaticalização são vários: a mudança linguística pode ter origem, por exemplo, em processos de reanálise, analogia, metonímia ou metáfora – e o importante papel destes dois últimos tem sido notado nos estudos sobre o tema.

Análises comparadas de várias línguas têm evidenciado regularidades: é consensual que, num processo de gramaticalização, a passagem de um item lexical a gramatical se dá num contínuo que vai do mais lexical para o mais gramatical. Nessa evolução, existem diferentes estádios de gramaticalização e o item em transformação pode atingir níveis de gramaticalização mais ou menos avançados. É possível identificar, na literatura existente sobre o assunto, a referência a percursos que evidenciam a existência de diferentes estágios e que seguem as etapas gerais propostas em Hopper e Traugott (1993):

palavra lexical > palavra gramatical > clítico > afixo flexional

Tem sido também proposto que um processo de gramaticalização obedece a escalas de evolução conceptual no sentido do mais concreto para o mais abstrato. Com base na observação de várias línguas, têm sido propostas escalas que ilustram esse percurso, como a apresentada abaixo.

persona > objeto > atividade > espaço > tempo > qualidade

A ideia é que se parte de um domínio mais concreto, associado a expressões relativas à dimensão física do ser humano, para mais tardiamente se alcançarem domínios conceptuais mais abstratos.

No que diz respeito à gramaticalização de itens verbais em auxiliares e semiauxiliares, em específico dos verbos *estar*, *andar*, *ficar*, *ir* e *vir* – aqueles que me ocupam – a relação entre estes semiauxiliares e as versões plenas dos verbos dos quais evoluem, e o processo de evolução que têm sofrido, têm sido comentados. Mendes (2013: 255) refere, a propósito de *ser*, *ter*, *estar*, *fazer*, *ir* e *haver*, que “todos estes verbos sofreram um processo de gramaticalização que os levou a perder parte do seu significado e apresentar algum grau de defetividade relativamente às propriedades que tipicamente caracterizam um verbo pleno, sendo recategorizados como verbos auxiliares (*ser*, *estar* e *ter*), como verbos copulativos (*ser* e *estar*) ou como verbos semiauxiliares com valor temporal futuro (*ir*+infinitivo e *haver de*+infinitivo)”.

A gramaticalização de *ir* como auxiliar de futuro (*ir*+infinitivo) é discutida, por exemplo, em Lima (2001), e aí caracterizada a partir de um conjunto de fenómenos semânticos, sintáticos e pragmáticos observáveis em diferentes momentos do processo de

evolução.²¹⁷ O uso de *ir* seguido de gerúndio, com valor aspetual, também se encontra descrito do ponto de vista da gramaticalização (cf., entre outros, Brocardo e Correia 2012, Mendes 2013). Nota-se que em textos do século XIV e anteriores o significado de deslocação já não está presente em muitas das ocorrências de *ir*+gerúndio, o que leva a crer que a gramaticalização da construção parece estar já adiantada neste estágio da língua, comparativamente a *ir*+infinitivo. Refere-se que o verbo de movimento *vir* também ocorre seguido de gerúndio, mas, contrariamente a *ir*, mantém uma leitura de deslocação em muitas das ocorrências dos textos do séc. XV, sendo a leitura progressiva aí ainda rara (cf. Mendes 2013: 277).

Raposo (2013a: 1229) também comenta a gramaticalização de verbos que denotam movimento físico, como *andar*, *chegar*, *ir* e *voltar*, notando que estes verbos perdem a sua componente ligada ao movimento, como se observa nas frases *andas a perfumar-te muito*, *ela chegou a ligar o computador*, *vou pensar no assunto* ou *voltei a engolir em seco*, nas quais os verbos introduzem noções temporais ou aspetuais.

Também aqui se aponta a dessemantização, ou seja, este esvaziamento semântico que se verifica na perda de sentido descritivo original, como uma das características da gramaticalização de verbos (semi)auxiliares. Como consequência, nota-se a perda de capacidade de estes verbos selecionarem argumentos e de imporem restrições de natureza semântica sobre os argumentos do verbo pleno.

A existência de diferentes estágios de gramaticalização, assente nesta ideia de uma evolução gradual dos itens que se encontram em processo de transformação, tem como consequência a permanência, em estádios iniciais, de propriedades lexicais do item que se encontra em gramaticalização. A observação de uma leitura de deslocação ainda muito associada a *vir*+gerúndio em textos do século XV, referida acima, é um exemplo claro desta situação. No entanto, à medida que as unidades passam a assumir uma função gramatical mais específica, passam a ser observados fenómenos como perda de mobilidade sintática ou a resistência à interposição de material entre os dois verbos da sequência. Uma vez que no processo de gramaticalização de verbos semiauxiliares nem sempre são visíveis alterações formais nos itens em gramaticalização, as mudanças sintáticas e semânticas relacionadas com as novas funções que os verbos passam a exibir constituem importantes pistas para a caracterização do estágio de gramaticalização.

²¹⁷ Comentarei as ideias centrais desse trabalho sobre a gramaticalização de *ir* mais adiante, aquando da exposição dos dados do CRPC e do CORDIAL-SIN. Ver também, a propósito da gramaticalização de *ir* como auxiliar temporal mas, em particular, sobre a semântica de *ir* nessas construções, Mória (2018).

Conforme veremos nas secções que se seguem, são, justamente, pistas deste tipo que me permitem argumentar a favor da existência de um estágio de gramaticalização, nas sequências introduzidas pelos verbos em estudo, genericamente mais incipiente no CORDIAL-SIN comparativamente ao PEP. Ainda que, de um ponto de vista formal, as sequências de V_{finito} + V_{não finito} que temos em mãos sejam consideradas perífrase (na medida em que existe algum nível de coesão sintática e semântica entre os dois verbos que compõem a sequência), o que veremos é que os verbos semiauxiliares em análise exibem, nas duas variedades, diferenças de grau – evidenciando que o conceito de ‘gramaticalização’ se relaciona intimamente com a ideia de um contínuo de auxiliaridade.

Antes de avançar lembro que, conforme esclareci no Capítulo 1 desta Parte II, em matéria de auxiliaridade posiciono-me no quadro teórico de Gonçalves (1996), pelo que a terminologia que uso neste capítulo deve ser compreendida no sentido definido pela autora (e já explicitado em 1.2.).²¹⁸

3.2.1. Perífrases aspetuais com *estar*, *andar* e *ficar* + *a*+infinitivo

Para avaliar o grau de gramaticalização das perífrases introduzidas por *estar*, *andar* e *ficar*, foco-me em aspetos centrais como o nível de esvaziamento semântico do semiauxiliar (o que se reflete na manutenção ou perda do seu conteúdo descritivo original, na sua (in)capacidade de selecionar argumentos e de impor restrições de natureza semântica sobre o sujeito) e no grau de coesão sintática da perífrase. Sigo também de perto indicações de diferentes estudos de gramaticalização que consideram, por exemplo, que o alargamento a conceitos [+] abstratos constitui uma relevante pista sobre o nível de gramaticalização da perífrase.

Centro-me nas perífrases em que os semiauxiliares relevantes se associam a *a*+infinitivo: a baixa produtividade de gerúndio no *corpus* do PEP não possibilita que se analise contrastivamente também a estratégia com gerúndio.

A. Presença de constituintes locativos

Nos dados do CORDIAL-SIN, foi possível notar que tanto *a*+infinitivo como o gerúndio surgem, com a generalidade dos semiauxiliares em estudo, frequentemente associados a constituintes locativos. Este é um facto relevante na medida em que a

²¹⁸ É neste enquadramento que distingo entre verbo auxiliar e semiauxiliar e que uso as noções de ‘predicado complexo’ e de ‘verbos de reestruturação’, a que farei referência nesta secção.

presença de constituintes locativos tem sido consensualmente associada, em contextos perifrásticos, a usos plenos do verbo que a introduz.

Pelo facto de terem origem em verbos latinos que denotam uma dimensão espacial de localização, esta fácil associação a expressões locativas verifica-se também, ainda hoje, no PEP. Conforme nota Raposo (2013b) sobre *estar* e *ficar*, no capítulo dedicado a estruturas copulativas, estes verbos “usam-se, de forma comum, em combinação com uma expressão locativa (um advérbio ou um sintagma preposicional), para descrever a localização espacial dos indivíduos durante um período mais ou menos longo, mas nunca concebido como permanente”.²¹⁹ Vejam-se exemplos do autor:

(354) O Rui está/ficou na sala.

(355) A Maria está/ficou em Paris/em França.

(356) O Eduardo está/ficou aqui/ali.

[exemplos adaptados de Raposo 2013b: 1331]

Mesmo em contextos perifrásticos, a possibilidade de ocorrência de um constituinte adverbial de valor locativo (atribuída ao sentido locativo original do verbo pleno do qual *estar* aspetual deriva), como nos exemplos abaixo, será confirmada por qualquer falante de português.

(357) Os meninos estão a brincar no jardim.

(358) Os meninos ficaram a brincar no jardim.

O que pretendo mostrar nesta secção não é, portanto, a ausência do sentido locativo nos dados do PEP, mas uma relação mais forte com locatividade no PD.

Começando pelo verbo *estar*, no conjunto das ocorrências de *estar+a+infinitivo* do CORDIAL-SIN contabilizaram-se 184 constituintes locativos, o que equivale a uma presença de locativos em 17% dos casos.²²⁰ Nos dados do CRPC, a percentagem de constituintes locativos em perífrases com *estar+a+infinitivo* desce para 4% (89 casos).

²¹⁹ A observação deste facto tem estado na base de uma discussão interessante relativamente ao estatuto de *estar* e *ficar* locativos como verbos plenos ou verbos copulativos. Alguns autores consideram os constituintes locativos não como constituintes predicativos, mas complementos locativos dos predicadores (plenos) *estar* e *ficar* (cf. Raposo 2013b: 1331).

²²⁰ Nas estruturas *estar+gerúndio* foram identificados, no CORDIAL-SIN, 35 constituintes locativos (11%). Considero que esta menor percentagem pode ser um dos indícios de um estágio mais avançado de gramaticalização desta perífrase no PD comparativamente a *a+infinitivo*, como comentarei adiante.

Estes números dizem respeito a situações em que o constituinte locativo surge em diferentes posições, incluindo fora da sequência ou interposto entre os dois verbos que formam a perífrase, como nos exemplos abaixo (cf. (359), do CORDIAL-SIN, e (360), do CRPC):

- (359) a. Porque a gente **está a trabalhar** numa horta, diz assim: SRP
 b. Depois **estava ali a ferver** dois dias ou três. ALC
 c. Ele, nessa altura, a filarmónica **está a tocar** ali no adro, toda a tarde, toca ali.
 TRC
- (360) a. Resumindo: **está a gravar** em Boston, canta e compõe R4426
 b. Por volta das quatro da manhã **esteve lá** a GNR **a auxiliar** os meus homens.
 R2439
 c. **Estive a estudar** cá em Lisboa e depois quando regresssei à Madeira (...) R2281

Esta diferença percentual já apresenta alguma relevância, na medida em que aponta para uma presença mais forte de locatividade nos dados do CORDIAL-SIN. Mas, quando consideramos a posição dos constituintes locativos e o facto de, em alguns casos, a interposição ser bloqueada, identificam-se contrastes que permitem, inclusivamente, tecer comentários sobre o grau de coesão da perífrase. Noto que o nível de coesão da sequência verbal será analisado no ponto E desta secção, quando apresento os contrastes evidenciados entre PEP e PD a nível de interposição de material lexical, de subida de clítico e de construção passiva pronominal – e evidencio, a partir desses dados, que é no CRPC que as sequências aparentam exibir mais coesão. No entanto, as conclusões que podemos extrair, relativamente ao grau de coesão da sequência, a partir dos dados relativos aos constituintes locativos agora em foco merecem ser desde já comentadas.

Nos dados dialetais, é frequente haver interposição entre *estar* e a forma infinitiva, sugerindo uma quebra na unidade dos verbos constituintes da perífrase. Contabilizaram-se 117 casos de interposição de constituintes locativos no total de ocorrências de *estar+a+infinitivo* do CORDIAL-SIN (exponho, em (361), exemplos desta situação). Nos dados do PEP, apenas se identificaram 44 ocorrências de locativos interpostos

(exemplos em (362)). Em termos percentuais, temos 2% de locativos interpostos no PEP e 11% no CORDIAL-SIN.²²¹

- (361) a. Vê como ainda agora **estava aqui a tossir?** LUZ
 b. Estavam sempre a cevar nele, enquanto o porco **estava ali a comer.** LVR
 c. **Estão ai a fazer,** pois estão. MLD
 d. Um rapaz que **estava lá a vender** o vinho já morreu até, **estava lá a vender** o vinho, diz assim: MTV
 e. Não vês essa gavela da semente que **está ai a safar-se** do molho? SRP
 f. Portanto, havia uma parte de pessoas que **estavam na loja a descascar** o milho e a quebrar - uns abriam, outros quebravam -, em cima, uns a esbichar. CDR
- (362) a. Às vezes **estão aqui a fazer** tempo, porque não têm ainda idade para ir trabalhar. R1738
 b. Alguns dias depois, **estão no quarto a fazer** as malas para uma ida ao futuro local de habitação R1088
 c. Quem são os putos que, à meia noite, **estão em casa a ver** um programa dedicado a eles? R3915

Nos dados do CRPC, mais facilmente o locativo surge à direita do predicado, não interrompendo a adjacência entre os dois verbos da perífrase:

- (363) a. Os chineses, por outro lado, concentrados em grupo, **estavam a jogar fora de casa.** Tinham sido escolhidos a pente fino. R2181
 b. **Estamos a jantar em casa dela,** estamos sentados, nem comecei ainda R3317

²²¹ Estes números relativos à interposição de locativos (11% no CORDIAL-SIN e 2% no CRPC) não significam, necessariamente, uma maior mobilidade de constituintes locativos para o interior da perífrase no PD e, conseqüentemente, um menor grau de coesão sintática da perífrase no PD. Importa notar que são maioritariamente os déiticos do tipo de *aqui, aí, ali, cá* e *lá*, que apresentam propriedades que os tornam particularmente móveis, que maioritariamente ocorrem interpostos em ambos os *corpora* (sobre as particularidades dos déiticos locativos, veja-se Costa e Martins 2010, que explicam que advérbios locativos do tipo de *aqui, aí, ali, cá* e *lá*, ou PPs que os contenham, podem ocorrer em posição pré-verbal, movidos por scrambling de média distância). Os déiticos representam 81% (95 ocorrências) dos casos de locativos interpostos no CORDIAL-SIN e 71% (31 ocorrências) nos dados do CRPC. No entanto, mais à frente nesta secção, mostro que, excluindo os déiticos locativos, é efetivamente nos dados do CORDIAL-SIN que se regista uma maior percentagem de constituintes interpostos, o que considero um sinal de que as perífrases do PD exibem menor coesão sintática.

c. “O Construtor”, a peça mais autobiográfica de Henrik Ibsen, escrita numa altura em que o autor questionou a própria essência da relação entre a Arte e a Vida, **está a estrear** no Teatro da Graça, com encenação de Graça Corrêa R1358

d. durante a conferência de imprensa que Durão Barroso **estava a dar** naquela delegação em Joanesburgo, foi peremptório R2228

e. Também conhecido por «vírus do hamburguer», o agente assassino **está a causar** uma «razia» na Grã-Bretanha R4638

f. De repente **estava** tudo a **cair** à minha volta. R2476

g. (...), que reflecte o que **está a acontecer** em terras lusas: ceramistas e artistas têxteis cruzam saberes R3371

O que é particularmente significativo observar é que, nos dados do CRPC, o locativo tem capacidade de afetar toda a perífrase: neste *corpus* foram identificadas situações em que apenas está disponível uma leitura do tipo *x está a+infinitivo em y*, encontrando-se bloqueada a leitura *x está em y a+infinitivo*. Contrastem-se, no conjunto de dados (364)-(369), as frases a. com os exemplos em b., que manipulei de modo a evidenciar que a interposição do constituinte locativo entre *estar* e o verbo principal gera resultados agramaticais, por induzir uma leitura plena de *estar* que não se encontra disponível nestes exemplos do PEP:

(364) a. “O Construtor” (...) **está a estrear** no Teatro da Graça R1358

b. *“O Construtor” (...) **está** no Teatro da Graça **a estrear**

(365) a. Também conhecido por «vírus do hamburguer», o agente assassino **está a causar** uma «razia» na Grã Bretanha R4638

b. *Também conhecido por «vírus do hamburguer», o agente assassino **está** na Grã Bretanha **a causar** uma «razia»

(366) a. o sentimento constante de que alguém **está a conspirar** nas nossas costas para nos ajudar. R2476

b. *o sentimento constante de que alguém **está** nas nossas costas **a conspirar** para nos ajudar

(367) a. Os movimentos fascistas **estão a ressurgir** na Europa R2312

b. *Os movimentos fascistas **estão** na Europa **a ressurgir**

(368) a. A queixa, que **está a levantar profunda celeuma** na Armada, não aumenta o impacto das declarações feitas R2671

- b. *A queixa, que **está na Armada a levantar profunda celeuma**, não aumenta o impacto das declarações feitas
- (369) a. Vítor esbarra na filha mais velha, que **está a ficar num bom hotel em Sintra** e lhes consegue lugar. R2254
- b. *Vítor esbarra na filha mais velha, que **está num bom hotel em Sintra a ficar** e lhes consegue lugar

A interpretação locativa de *estar* – que denota um sujeito, fisicamente localizado num dado lugar, a fazer alguma coisa – está claramente indisponível no conjunto de frases acima, como prova a agramaticalidade dos exemplos b. Pelo contrário, no CORDIAL-SIN, a leitura *x está em y a+infinitivo* – evidenciando o valor descritivo de *estar* – encontra-se plenamente atestada. Veja-se em (370)-(373) a equivalência interpretativa entre as frases a. do CORDIAL-SIN e os exemplos por mim manipulados em b.²²²

- (370) a. **Está a moer** debaixo daquela terra. ALC
- b. **Está** debaixo daquela terra **a moer**.
- (371) a. Porque a gente **está a trabalhar** numa horta, diz assim SRP
- b. Porque a gente **está** numa horta **a trabalhar**, diz assim
- (372) a. (...) vai ver o reco que **está a dormir** na corte. STJ
- b. (...) vai ver o reco que **está** na corte **a dormir**.
- (373) a. E então, para sair, **está** uma vasilha **a aparar** por baixo. UNS
- b. E então, para sair, **está** uma vasilha por baixo **a aparar**.

Foi extremamente difícil encontrar, nos dados do CORDIAL-SIN, situações em que a interposição do constituinte locativo gerasse o mesmo tipo de agramaticalidade que a identificada nos dados CRPC, e evidenciada em (364)-(369) acima. A frase seguinte foi a única em que identifiquei, nos dados de *estar* do *corpus* dialetal, um bloqueio claro à interposição do constituinte locativo entre os dois verbos da perífrase:

- (374) a. **Está** tudo **a vagar** aí em baixo. CRV
- b. ***Está** tudo aí em baixo **a vagar**.

²²² Noto que estes contrastes podem, pelo menos em parte, ser atribuídos a características do sujeito – mas também este facto sublinha a existência de diferenças, entre as duas variedades, relativamente a diferentes estádios de gramaticalização. Como veremos adiante neste capítulo, os dados do CORDIAL-SIN sugerem a existência de restrições semânticas a nível do sujeito da perífrase, o que não se verifica nos dados do PEP.

A (im)possibilidade de o constituinte locativo ocorrer em posição medial parece relacionar-se com contrastes a nível do tipo de predicado. Nos exemplos do CORDIAL-SIN (cf. (370)-(373)), predominam predicados que descrevem situações concretas do mundo físico (cf. *moer, trabalhar, dormir, aparar*). Nos dados do CRPC (cf. (364)-(369)), os predicados denotam situações mais abstratas (cf. *estrear, causar uma razia, conspirar, ressurgir, levantar celeuma*). Trata-se de um contraste só por si relevante, que reflete um alargamento da classe aspetual do predicado – aspeto que será comentado no ponto C desta secção. Conforme aí explicito, esse alargamento a usos mais abstratos indicia um processo relativamente avançado de gramaticalização. O que, neste ponto, quero notar é que parece haver uma relação entre predicados de atividade e a possibilidade de o locativo ocorrer em posição medial e, por outro lado, a ocorrência de predicados abstratos e o bloqueio da interposição do locativo. Estes dados sugerem que as perífrases do CRPC se encontram mais avançadas no processo de gramaticalização, combinando-se com verbos abstratos que não ocorrem tão facilmente nos dados do CORDIAL-SIN – que evidenciam essencialmente leituras plenas, ou próximas de plenas, compatíveis com a ocorrência do locativo em posição medial. Na frase (374a), a única dos dados dialetais em que me pareceu haver um bloqueio claro ao locativo em posição medial, ocorre, justamente, um verbo abstrato – *vagar*.

Os dados seguintes evidenciam, ainda, a existência de casos no CRPC em que a interposição do locativo, não gerando resultados agramaticais, desencadeia, contudo, alterações interpretativas, o que também sublinha que o constituinte locativo afeta ambos os verbos que integram a perífrase:

(375) a. Os chineses, por outro lado, concentrados em grupo, **estavam a jogar** fora de casa. R2181

b. #Os chineses, por outro lado, concentrados em grupo, **estavam** fora de casa **a jogar**.

(376) a. Aliás, quando me decidi candidatar à presidência do CDS, **estava a trabalhar** num banco numa experiência interessante. R0130

b. #Aliás, quando me decidi candidatar à presidência do CDS, **estava** num banco **a trabalhar** numa experiência interessante .

(377) a. (...) **estive** um ano **a jogar** no Zimbabwe... Menino de família, desdenha o epíteto de símbolo. R1587

b. # **esteve** um ano no Zimbabwe a jogar... Menino de família, desdenha o epíteto de símbolo

Os contrastes evidenciados entre os dados do PEP e do PD relativamente à presença de constituintes locativos e à capacidade de o locativo ocorrer em posição medial (favorecendo leituras mais próximas de um sentido lexical de *estar*) ou, por outro lado, à impossibilidade de o locativo ocorrer interposto (evidenciando coesão entre os dois verbos da sequência e um uso de *estar* mais próximo de verbo semiauxiliar) sugerem um estágio mais avançado de gramaticalização das perífrases *estar+a+infinitivo* no PEP comparativamente ao PD.²²³

Quando observamos os dados relativos a *ficar* e *andar*, os contrastes a nível de presença de constituintes locativos mantêm-se, continuando o CORDIAL-SIN a exibir os números mais elevados. Exponho, na Tabela 11, os dados relativos aos três semiauxiliares.

	<i>estar+a+infinitivo</i>	<i>ficar+a+infinitivo</i>	<i>andar+a+infinitivo</i>
PD (CORDIAL-SIN)	17%	36%	36%
PEP (CRPC)	4%	15%	20%

Tabela 11: Percentagem de constituintes locativos em perífrases com *estar*, *ficar* e *andar* seguidos de *a+infinitivo*, no CORDIAL-SIN e no CRPC

A ocorrência de constituintes locativos (interpostos ou não) em perífrases com *ficar* nos dados do PE e do PEP encontra-se ilustrada abaixo (em (378) exponho exemplos do CORDIAL-SIN; em (379) do CRPC).

(378) a. O porco **ficava ali a roncar** até dar ele o gemido. ALC

b. Já se sabe, se a gente matasse o porco no Natal, já se sabe, chegando, depois da morte do porco, no outro dia faziam aqueles pedaços de carne para deitar alho e vinagre e loiro e tudo e **ficava ali numa vasilha a conservar** até dia de festa. PST

²²³ O bloqueio do locativo em posição medial foi identificado, no CRPC, quase exclusivamente em construções com *estar*. Com *andar*, não se observou essa situação e, com *ficar*, identifiquei apenas um exemplo em que a interposição do locativo entre os dois verbos da perífrase parece revelar alguma estranheza (compare-se a. com b. em (i) abaixo). Considero este facto um possível indício de que, no PEP, *estar* se encontra mais gramaticalizado do que *ficar* e *andar*.

(i) a. (...) do meu corpo, que se mantinha inerte na maca, e **fiquei a pairar** perto do tejadilho do carro. R3631

??b. do meu corpo, que se mantinha inerte na maca, e **fiquei** perto do tejadilho do carro **a pairar**

- (379) a. Nós **ficamos por cá a preparar** mais Máximas e mais concursos para si! R1847
 b. (...) porque não se deu muito bem com o comandante e **ficou a trabalhar num veleiro de charter**, durante nove meses. R0178

Do conjunto dos dados de *ficar* sobressai o facto de, no CRPC, se registarem leituras nitidamente aspetuais em que se marca uma mudança de situação, dificilmente compatíveis com uma interpretação locativa, como em (380)-(382)). Nos dados do PD, embora também se atestem leituras aspetuais, o que chama a atenção é, por outro lado, o facto de ser possível atribuir a *ficar* uma interpretação locativa mesmo quando não ocorrem constituintes locativos (como nos exemplos (383) e (385)).²²⁴

- (380) Não me preocupei nada que toda a gente **ficasse a saber** que eu estava a fazer 40 anos. R3302
 (381) Como **fiquei a perceber** os emigrantes a levarem as cozinhas da terra! R1981
 (382) Em seguida **fica-se a respirar** mal (e a ressonar) durante pelo menos seis semanas R3283
 (383) Porque à tarde, **ficava um a guardá-las** e vinha outro tratar das manjedouras, onde elas ficavam para comerem durante a noite. LVR
 (384) Com umas enxozinhas depois tira-se a casca, **fica a secar** e tudo, para depois vender para as fábricas, e a bóia, para vender para a fábrica e tudo. MTV
 (385) Depois ele abalou, **fiquei eu a ordenhar**. STJ

Ao ser claro e frequente, no PEP, o valor aspetual – que não está, necessariamente, associado a locatividade – estamos perante outro indicador de um estágio mais avançado de gramaticalização.

Relativamente ao verbo *andar*, conforme indiquei na Tabela 11, continuam a ser abundantes, no CORDIAL-SIN, os exemplos com constituintes locativos. Vejam-se em (386) exemplos do PD, em que se contam diferentes tipos de constituintes locativos, que ocorrem em diferentes posições na frase. Em (387) apresento exemplos do CRPC.

²²⁴ A inserção de um constituinte locativo, como o PP *no sítio*, é perfeitamente possível nas frases relevantes do PD (expostas em (383)-(385)), mas não nas do PEP (expostas em (380)-(382)). Essa possibilidade no PD é ilustrada em (i), tomando como exemplo a frase (385); em (ii) ilustro a incompatibilidade de *ficar+a+infinitivo* com o mesmo constituinte locativo evidenciada no PEP, tomando como exemplo a frase (380).

(i) Depois ele abalou, fiquei eu [no sítio] a ordenhar.

(ii) Não me preocupei nada que toda a gente ficasse [*no sítio] a saber que eu estava a fazer 40 anos.

(386) a. **Andavam** à roda da vila **a vender** as sacas e tinham casas a vender mesmo de propósito aos quilos. ALC

b. Apareceu aí uma remessa de gente sem cabeça e **andaram** aí a fazer aí grandes sarilhos. AJT

c. **Andei** eu lá dois meses a fazer aquilo. LUZ

d. Olhe, eu **andava** aí a guardar o gado, depois, logo ali fins de agosto – começa assim a vir as águas novas. LVR

e. A abelha **anda a trabalhar** dentro, e vem beber. ALC

f. Nós **andámos** lá a tirar. GRJ

(387) a. Os meus pais estavam sentados numa esplanada e eu **andava a brincar** no meio das mesas. De repente, deixei de os ver. R1484

b. Com a distanciação vemos a figura que, às vezes, **andamos a fazer** aqui... R4325

c. (...) levou a certeza de um pré reforçado para os que **andam** lá fora a lutar... pela vida. R4949

Nas frases do CORDIAL-SIN identificam-se, inclusivamente, leituras que Bertinetto (2000) designou ‘perambulativas’,²²⁵ e que associa a um estágio de gramaticalização não concluído.²²⁶

(388) O besouro anda a arrastar pelo chão mas é como a carocha. ALC

(389) Não anda a avoar pelo ar. ALC

(390) Andava a rezar por ali fora. MTV

(391) Eles andam por aqui a ver, por muitos cantos. CLC

(392) O padeiro andava com um macho a vender pão por vários sítios, a quem não tivesse gente empregada, que não quisesse cozer ou... EXB

²²⁵ Segundo Bertinetto (2000: 595), o valor ‘perambulativo’ encontra-se em construções perifrásticas com *ir* e *andar* não totalmente gramaticalizadas, nas quais ocorre um sintagma preposicional do tipo de *per/por*, *em* e *de*, a evidenciar que o verbo de movimento ainda não perdeu o seu sentido lexical.

²²⁶ Exemplos do PD de *andar*+gerúndio evidenciam a mesma situação. Vejam-se alguns exemplos:

(i) **Anda voando** por aí. CPT

(ii) Ele **anda** pelas freguesias **ajuntando** - aquele carro -, ajuntando o leite, que vai para o posto. FLF

(iii) Esse pequenino **anda** por debaixo da terra **comendo...** MIG

(393) Dantes andavam os filhos a aprender por aqui um ofício. MST

Leituras nitidamente aspetuais, não necessariamente locativas, são, mais uma vez, bem visíveis nos dados do PEP:

(394) (...) que o futuro pode ser muito mais divertido do que isto que **andamos a viver**
R1344

(395) **Andou a congeminar** um tempo, planeou o lado financeiro com a mulher (...) R1758

(396) **Ando a ler** três livros ao mesmo tempo: R2480

(397) Ou seja, nós, que **andávamos a comer** mais frangos do que vacas, receosos de o nosso cérebro se (...) R3278

(398) Percebi que não estava em posição para falar dela. Não devia **andar a fazer** filmes sobre mulheres, uma mulher: não tinha esse direito! R2394

A frase abaixo, em que é visível a dessemantização de *andar* – dissociado da leitura espacial original e veiculando uma leitura aspetual de repetição mais nítida – foi o único caso claro e não ambíguo de uma leitura verdadeiramente aspetual com *andar* identificada no CORDIAL-SIN:

(399) O senhor **anda-se a armar** em enfermeiro, **anda-se a armar** em doutor, mas não é. CTL

Os dados inspecionados relativamente à presença de constituintes locativos evidenciam contrastes claros entre PEP e PD, mostrando uma presença mais forte destes constituintes no PD e sugerindo um menor esvaziamento semântico desse semiauxiliar nesses dialetos. Os usos mais aproximados de uma versão plena do verbo identificados no CORDIAL-SIN são um argumento a favor da ideia de que, no PD, as perífrases em questão se encontram menos gramaticalizadas do que no PEP (ainda que cada um dos semiauxiliares considerados se encontre, ele próprio, num estágio de gramaticalização distinto dos outros). Os dados que apresentei no sentido de evidenciar que, no CRPC, a interposição do constituinte locativo entre *estar* e o verbo principal chega a ser bloqueada apontam para um maior grau de coesão da perífrase no PEP e, conseqüentemente, um maior grau de gramaticalização.

B. Ambiguidade

Na linha do que referi atrás a propósito da presença de constituintes locativos, em vários momentos se observam, no CORDIAL-SIN, situações que podem ser consideradas ambíguas, por não ser claro, justamente pela presença do locativo, se se trata de um uso aspetual ou de uma aceção plena do verbo finito da sequência.²²⁷ Forneço abaixo exemplos dessas situações identificadas no CORDIAL-SIN (exemplos com *estar* em (400), com *andar* em (401) e com *ficar* em (402)):

- (400) a. E **estavam** lá todos **a conversar**, eram todos amigos e ele andavam lá a serrar a serrar madeira para esteios para a vinha! COV
 b. Eu **estive** no Pico quatro vezes **a jogar** e estive duas vezes, acho eu, no Pico. GRC
- (401) a. O padeiro **andava** com um macho **a vender** pão por vários sítios, a quem não tivesse gente empregada, que não quisesse cozer ou... EXB
 b. Além **anda** uma cunhada minha **a mondar** o feijão. MLD
- (402) a. Já se sabe, se a gente matasse o porco no Natal, já se sabe, chegando, depois da morte do porco, no outro dia faziam aqueles pedaços de carne para deitar alho e vinagre e loiro e tudo e **ficava** ali numa vasilha **a conservar** até dia de festa. PST
 b. Se não havia vento - que às vezes dava-se isso -, metiam-no em sacos e ficava ali num monte na eira e **ficava** lá um homem **a guardar**. UNS

Esta ambiguidade, que reflete uma natural instabilidade no uso das estruturas num processo de gramaticalização em curso, é conhecida e bem documentada nos processos de gramaticalização. Nos exemplos expostos, essa ambiguidade parece-me clara e defendo que, nestes casos, existe a possibilidade de duas leituras: uma do tipo de [X *está* em Y] [*a+infinitivo*], em que a sequência *a+infinitivo* funciona como um adjunto, e outra, de carácter mais perifrástico, do tipo [*estar* + em X *a+infinitivo*].

²²⁷ Poder-se-á argumentar que a inclusão destes dados ambíguos no conjunto genérico de construções consideradas perífrases aspetuais é problemática. No entanto, durante a tarefa de classificação de dados, estas ocorrências, bastante produtivas, pareceram teoricamente relevantes – o que agora se confirma. Por outro lado, traçar uma fronteira entre as construções nitidamente aspetuais e locativas teria sido uma tarefa altamente complexa e provavelmente infrutífera – como se sabe, a ambiguidade é natural num processo de gramaticalização em curso. Por se revelar bastante significativa para as conclusões deste trabalho, a opção de incluir estas construções parece-me, assim, acertada.

Note-se que é, exatamente, essa evolução que se propõe em Bybee e Torres Cacoulios (2009) para a construção progressiva do espanhol, a partir de dados sobre a construção *estar*+gerúndio no espanhol antigo. Defende-se a existência, num estágio inicial, de uma construção “mais locativa”, em que o gerúndio funciona como adjunto e que permite uma interpretação do tipo “be at/move while Verb-ing” (cf. Bybee e Torres Cacoulios 2009: 199). Dá-se uma evolução no sentido de a construção se tornar progressivamente perifrástica.

No CORDIAL-SIN, contam-se exemplos que corroboram esta ideia não só com *a*+infinitivo (como os expostos acima), mas também com gerúndio. Vejam-se exemplos dessa situação com *estar* (cf. (403)) e *andar* (cf. (404)) seguidos de gerúndio:²²⁸

- (403) a. Agora tens que dar um beijo nesse pessoal todo que **está** aqui dentro **fazendo** o serão. MIG
 b. Estava abrigada lá, e eu **estava** lá **pensando** que ela que já queria vir para aqui, e estava enganado com isso. CRV
- (404) a. Que ao depois **andam** homens atrás **apanhando**. SRP
 b. Esse pequenino **anda** por debaixo da terra **comendo**... MIG

Nos dados do CRPC, casos como estes, que permitem também uma leitura locativa, encontram-se atestados mas foram muito menos frequentes. Por outro lado, e na linha do que já fui exemplificando no ponto anterior, são abundantes neste *corpus* do PEP exemplos claros de leituras aspetuais, normalmente dissociados de uma leitura locativa (cf. exemplos em (405), (406) e (407), com *estar*, *andar* e *ficar*, respetivamente):

- (405) a. O problema da pedofilia em Portugal **está a adquirir** uma dimensão tão grave que Pedro Strecht lhe dedica um capítulo R3307
 b. (...) pensam se não será, na realidade, um cancro que as **está a consumir** R1362
- (406) a. (...) melhor seria deitarmos paleta e caneta às urtigas porque **andávamos** «a enganar a malta» R4233
 b. O que me **anda a importunar** ultimamente e que constitui objecto do meu pedido são duas coisas R2310

²²⁸ Conforme já notei no Capítulo 2, o pequeno conjunto de dados de *ficar*+gerúndio no CORDIAL-SIN parece estar associado a valores aspetuais. Isto revela um contraste interessante entre *ficar*+*a*+infinitivo e *ficar*+gerúndio, sugerindo que as duas estratégias veiculam leituras diferentes. Portanto, apenas *ficar*+*a*+infinitivo apresenta leituras que potenciam uma interpretação locativa.

- (407) a. Como **fiquei a perceber** os emigrantes a levarem as cozinhas da terra! R1981
 b. (...) ... desde aí, **fiquei a usar** óculos! R1841

Adicionalmente, lembro que se registam no CRPC situações com *estar* – já evidenciadas no ponto anterior – em que o locativo ocorre necessariamente à direita da perífrase e induz uma leitura que afeta os dois verbos da sequência, sendo a inserção do locativo entre o semiauxiliar e o verbo principal bloqueada. Isto evidencia que, nestes casos, a leitura disponível é do tipo [*estar* a+infinitivo + em X], de carácter mais perifrástico, sugerindo que o semiauxiliar *estar* se encontra, no PEP, num estágio relativamente avançado de gramaticalização.

C. Alargamento da classe aspetual (usos mais abstratos)

As possibilidades de combinação aspetual do verbo finito com o predicado a que se associa – que contribuem, também elas, para a existência (ou não existência) da ambiguidade atrás referida entre leituras aspetuais e plenas – são um aspeto a observar no estudo da gramaticalização, estando o alargamento a novas classes aspetuais descrito como um sintoma de processo de gramaticalização. O que acontece é que, num estágio mais inicial do processo, as possibilidades de combinação aspetual tendem a restringir-se a situações do tipo eventivo, ocorrendo o alargamento à classe dos estativos num momento posterior. Um exemplo claro do que estou a referir – notado, entre outras obras, em Lima (2001) e Raposo (2013a) – é a construção em que *ir* se associa a predicados eventivos no infinitivo, ficando disponíveis duas leituras: uma leitura espacial de deslocação e uma temporal de futuridade (como acontece na frase *vou trabalhar*). Nos termos de Lima (2001), são os “verbos de ação” que predominantemente ocorrem com *ir* em estádios mais antigos. Mais tardiamente, *ir* passa a poder ocorrer com predicados estativos – casos em que apenas está disponível a leitura de semiauxiliar de futuridade, sendo a interpretação plena, de verbo de deslocação, bloqueada. Vemos isso no exemplo abaixo, de Lima (2001: 138):

- (408) Ela vai gostar da caldeirada.

Ora, nos dados que estou a considerar é possível identificar contrastes relativamente à combinação aspetual dos verbos em análise. Veja-se o quadro abaixo, relativo à percentagem de ocorrência de estados:

	<i>estar+a+infinitivo</i>	<i>ficar+a+infinitivo</i>	<i>andar+a+infinitivo</i>
PD (CORDIAL-SIN)	21%	13%	4%
PEP (CRPC)	19%	54%	8%

Tabela 12: Percentagem de ocorrência de predicados estativos com *estar*, *ficar* e *andar* seguidos de *a+infinitivo*, no CORDIAL-SIN e no CRPC

Os dados relativos a *ficar+a+infinitivo* são particularmente evidentes. No CORDIAL-SIN, apenas 13% das ocorrências de *ficar* seguido de *a+infinitivo* correspondem a predicados estativos, sendo a esmagadora maioria das ocorrências de tipo eventivo (em que, mesmo sem constituintes locativos, a ideia de permanência física num dado lugar é bastante óbvia). Contrastem-se os exemplos (409) e (410), pouco expressivos no CORDIAL-SIN, com (411) e (412).

(409) O pastor começou a envelhecer e tinha lá um filho – foi toda a vida a ajuda do pai –, esse é que **ficou a ser** o pastor. CBV

(410) E então nessa altura é que mais umas pessoas vizinhas aqui dos Cedros **ficaram a ter** terra de lenha. CDR

(411) Os outros **ficavam a cavar** os milhos aqui. CDR

(412) Depois, daí, eles **ficam a lavar** as tripas. GRC

Por outro lado, no CRPC estão atestadas ocorrências com eventos (cf. (415) e (416)), mas 54% das ocorrências de *ficar+a+infinitivo* correspondem a estados, como nos exemplos (413) e (414) – sendo claro, nestas situações, o valor aspetual que descreve uma mudança de estado (em que se encontra bloqueada a ideia de locatividade):

(413) Nenhum português deste século **ficou a conhecer** a realidade social da pátria se não passou pelos calabouços da PIDE. R2649

(414) Depois - a partir do fim do século XIX - **ficou a ser** o que denominamos Rua Garrett. R1066

(415) (...) quando a minha mãe ia trabalhar e eu **ficava a contar** histórias aos meus irmãos. R3405

(416) (...) e depois ela estava na cama do Eugénio e ele **ficou a chorar**. R3423

Embora a combinação com estados não seja particularmente produtiva no caso de *andar*, continuam a existir contrastes (bem menores, no entanto) entre os dados dos dois *corpora*: como mostra a Tabela 12, acima, há 8% de ocorrências com estados no CRPC e 4% no CORDIAL-SIN. Este facto pode mais uma vez sugerir – aliás, na linha do que tem sido demonstrado na literatura – que o semiauxiliar *andar* é um dos que se encontra menos gramaticalizado, tanto no PEP como no PD.

No que toca à combinação de *estar* com predicados estativos, os valores nos dois *corpora* consultados são muito semelhantes (19% no CRPC e 21% no CORDIAL-SIN), o que parece ser mas um indício de que esta perífrase é a que se encontra mais gramaticalizada, e talvez em estádios mais próximos, nos dois *corpora*. Contudo, não deixa de ser relevante notar que nos dados do PEP surge uma maior variedade de verbos: além de várias ocorrências com *ser*, *ver*, *compreender* e *querer*, bem atestados também no PD, surgem no PEP exemplos com *sofrer*, *sentir*, *precisar*, *ter*, *gostar* e *adorar* – entre muitos outros –, que não ocorreram ou se encontram no PD muito mais pontualmente. Eis exemplos destes verbos no CRPC:

(417) Não vai ao teatro porque é caro, e **está a adorar** a sua leitura actual: O Admirável Mundo Novo R4323

(418) daí comecei a achar certas e determinadas diferenças, parecia que ela **estava a querer** arranjar pés para discutir. R2529

(419) Os meus pais estão a divorciar-se e eu **estou a sofrer** muito com isso. R1314

O alargamento das possibilidades de combinação aspetuais no sentido descrito será uma consequência do percurso conceptual de gramaticalização que tem sido apresentado com base em dados de várias línguas: como já notei na introdução a esta secção, é consensual que existe uma evolução, a nível de categorias conceptuais, de domínios mais concretos para mais abstratos (cf. Heine et al. 1991, Traugott e König 1991). Este contraste concreto *vs.* abstrato observa-se, pois, na oposição predicados eventivos e estativos atrás discutida: os predicados eventivos identificados no CORDIAL-SIN dizem respeito, essencialmente, a verbos de atividade associados a um domínio

concreto (contam-se vários exemplos com *lavar*, *semear*, *cultivar*, *comer*, entre outros verbos concretos). Mas noto que, além dos predicados estativos, em geral bem atestados no CRPC, como os apresentados em (417)-(419) acima, identificam-se ainda nestes dados do PEP, com os três semiauxiliares, outros predicados abstratos (exemplos em (420)-(422)), que sugerem um nível de abstração não observada no CORDIAL-SIN.

- (420) a. Depois **ficou a gerir** uma fábrica de confecção da família do marido R1635
 b. o que às vezes é um peso, uma angústia, **fico a culpabilizar-me** por culpas do país, que não são as minhas culpas R1917
- (421) a. já não podem vir mais com o argumento de que a câmara **está a concorrer** deslealmente. R0192
 b. O meu vestuário para ski **estava a impor-se**. R1699
- (422) a. com mais de três milhões de objectos por dia, não podemos **andar a controlar** se as pessoas estão ou não de férias R2057
 b. Foi por isso, também, que Clinton **andou a cortejar** os veteranos de guerra da American Legion e os republicanos descontentes R0082

D. Sujeitos (humanos)

Relacionada com a escala de evolução no sentido do mais concreto para o mais abstrato está a tendência de sujeitos humanos e animados serem predominantes em fases mais iniciais do processo de gramaticalização, passando, em fases mais avançadas, a estar disponíveis sujeitos não animados, bem como usos metafóricos e sujeitos figurativamente personificados. Lima (2001) descreve, para a gramaticalização do verbo *ir* como semiauxiliar de futuro, este tipo de percurso. Também para o progressivo do espanhol se apontam contrastes relacionados com a animidade do sujeito, sendo este traço associado a diferentes momentos do processo de gramaticalização da construção (cf. Torres Cacoullós 2000: 112, Bybe et al. 1994: 133-137).

O que verificamos quando opomos os dados dialetais aos dados do PEP é, mais uma vez, interessante. Na tabela abaixo exponho a percentagem de sujeitos humanos registada nos dois *corpora* em cada perífrase:

	<i>estar+a+infinitivo</i>	<i>ficar+a+infinitivo</i>	<i>andar+a+infinitivo</i>
PD (CORDIAL-SIN)	72%	48%	87%
PEP (CRPC)	58%	74%	82%

Tabela 13: Percentagem de sujeitos humanos em perífrases com *estar*, *ficar* e *andar* seguidos de *a+infinitivo*, no CORDIAL-SIN e no CRPC

Interpreto a percentagem elevada (acima de 80% nos dois *corpora*) de sujeitos humanos com *andar* como mais um sinal de que *andar+a+infinitivo* se encontra num estágio incipiente de gramaticalização tanto no PEP como no PD. A maior percentagem de sujeitos humanos com *ficar* no PEP relativamente ao PD poderia, à primeira vista e analisada isoladamente, indicar um menor grau de gramaticalização desta perífrase no PEP: no entanto, como notei na secção anterior, mais de metade das ocorrências de *ficar+a+infinitivo* do CRPC correspondem a leituras nitidamente aspetuais, dissociadas da aceção plena do verbo.

Focando-nos nos dados de *estar*, além de se registarem, no PD, consideravelmente mais ocorrências de sujeitos humanos do que no PEP (72,2% no CORDIAL-SIN; 58% nos dados do PEP), noto que também o traço [+animado] se mostrou relevante nos dados dialetais: foi identificado em 6,7% dos sujeitos de *estar+a+infinitivo* do CORDIAL-SIN, mas está presente em apenas 0,1% dos casos no CRPC. Vejam-se exemplos de sujeitos humanos (cf. (423)) e animados (cf. (424)) no CORDIAL-SIN:

- (423) a. Estes homens que **estavam a cavar** mato, havia três ou quatro rapazes só a acartar água. MIG
 b. E as outras pessoas **ficam** cá **a abrir** o porco todo, desfachinar tudo. STJ
 c. Fulano **anda a trabalhar** na fábrica. LVR
- (424) a. A vaca, a vaca quando **está a chamar** os filhos é a gemer. ALC
 b. O porco **ficava** ali **a roncar** até dar ele o gemido. ALC
 c. Ou **andava** aqui o gado **a talhar** naqueste... MST

Mas foi possível perceber outro contraste relevante. Nos dados do PEP, identificaram-se, entre os sujeitos não humanos e não animados, situações em que ocorre um nome abstrato como sujeito (cf. (425)-(430)). No total, há 12,9% de nomes abstratos com a função de sujeito nas perífrases com *estar* no CRPC, ao passo que no CORDIAL-

SIN essas ocorrências equivalem apenas a 0,3% dos casos. Nas perífrases com *andar* e *ficar* seguidos de *a*+infinitivo não identifiquei, no *corpus* dialetal, sujeitos abstratos, mas sim no CRPC, ainda que em menor número comparativamente a *estar*.

	<i>estar</i> + <i>a</i> +infinitivo	<i>ficar</i> + <i>a</i> +infinitivo	<i>andar</i> + <i>a</i> +infinitivo
PD (CORDIAL-SIN)	0,3%	0%	0%
PEP (CRPC)	12,9%	8,7%	3,1%

Tabela 14: Percentagem de sujeitos abstratos em perífrases com *estar*, *ficar* e *andar* seguidos de *a*+infinitivo, no CORDIAL-SIN e no CRPC

- (425) O desemprego e a pobreza **estão a aumentar** em todo o lado, com ministérios ou sem eles. R2312
- (426) As ideias novas **estão a chegar** à comunidade branca da África do Sul. R2228
- (427) O Governo português **tem andado a financiar** Ximenes Belo e a Presidência da República também já se ofereceu para as filas de espera intermináveis. R4447
- (428) Para cúmulo, os zelosos serviços **andaram a espalhar** pela sala da Gomes Freire cartazes a anunciar a existência (...) R2226
- (429) A designação **ficou a dever-se** a um triste mas não menos bombástico acontecimento. R1474
- (430) **Fica a pairar** uma subtil dúvida (...) R1092

Também os dados relativos à abstração do sujeito sugerem que *estar* será o semiauxiliar mais gramaticalizado tanto no PEP como no PD. Mesmo quando ocorrem sujeitos não humanos e não animados, os sujeitos do CORDIAL-SIN denotam realidades concretas, como nos seguintes exemplos:

- (431) Já a grade **está a cantar**. CDR
- (432) Há máquinas que **estão a trabalhar**, a puxar água para o arroz, e têm uma caldeira. ALC
- (433) Já **está o mosto a aparecer** por baixo, o mosto, e já está o engaço todo a levantar para cima. MTV
- (434) A água **estava a sair** para o ribeiro à mesma. CBV

Na verdade, o predomínio de sujeitos humanos e animados no CORDIAL-SIN revela a forte presença, nos dados do PD, do traço de agentividade. Trata-se de uma

situação típica de estádios mais incipientes de gramaticalização, e que se relaciona com a menor perda de conteúdo lexical destes auxiliares no PD e com a permanência num estádio ainda fortemente associado a um domínio [+concreto].²²⁹

E. Coesão da sequência verbal

Quando um verbo passa de pleno a auxiliar, passa a exibir, do ponto de vista sintático, um forte nível de coesão com o verbo pleno da sequência. Sendo reconhecida a relação entre o grau de coesão sintática da sequência e o nível de gramaticalização da perífrase, é possível dizer que quanto maior é a coesão estrutural entre os verbos da sequência, maior será o seu grau de gramaticalização.²³⁰ Apresento, a seguir, pistas sintáticas que evidenciam coesão entre os dois verbos da perífrase e que têm sido consideradas propriedades exibidas por sequências de auxiliarização: nomeadamente, a subida de clítico, a construção passiva pronominal e a interposição de material lexical entre os dois verbos da sequência. Lembro, no entanto, que no quadro teórico em que nesta matéria me posiciono estas propriedades são comuns a verbos auxiliares e de reestruturação (cf. secção 1.2). Por isso, considero que estes fenómenos não devem ser interpretados como um sinal inequívoco de que estamos perante uma sequência de auxiliaridade que exhibe um certo grau de gramaticalização, já que podem apenas indicar que se deu a formação de um predicado complexo. É partindo deste pressuposto que os dados serão em seguida comentados.

²²⁹ É pertinente deixar uma nota relativamente à ocorrência de orações sem sujeito explícito. Está descrita, na literatura, a possibilidade de ocorrência de auxiliares com verbos impessoais (como o verbo *haver* e os verbos meteorológicos). Conforme esclarece Raposo (2013a: 1235), os “verbos impessoais podem ocorrer com verbos auxiliares em orações simples sem qualquer sujeito explícito (...). Na medida em que os verbos auxiliares não selecionam argumentos, podem ocorrer com qualquer uma das classes de verbos”. Encontram-se vários exemplos de verbos meteorológicos nos dados do CORDIAL-SIN relativos a *estar*, situação também atestada nos dados do PEP (cf. exemplos (i) e (ii), do CRPC, e (iii) e (iv), do CORDIAL-SIN). O mesmo não se verificou com *andar* e *ficar* (nos dois *corpora*), o que atribuo, em parte, a restrições relacionadas com propriedades semânticas específicas dessas perífrases aspetuais, mas também ao facto de esses marcadores estarem menos gramaticalizados em ambas as variedades.

- (i) O ar está cálido, cheira a Primavera. Podia mesmo **estar a nevar** que estes dois jovens não dariam por nada. R3412
- (ii) o carro escorregava lateralmente, pois a inclinação era grande e como **estava a chover** parecia que íamos em cima de sabão. R2193
- (iii) Mas não **está a chover**? CTL
- (iv) Quando **estiver a trovejar**, põe esse canhoto. FIS

²³⁰ O grau de conexidade de um signo varia da justaposição até a fusão, em proporção com o seu grau de gramaticalidade (cf. Lehmann 1995 [1982], pp.147-148).

a) Cliticização ao auxiliar

Reproduzo, abaixo, alguns exemplos que comprovam a atestação, no CORDIAL-SIN, do fenómeno de subida do clítico – fenómeno que, como acabei de dizer, é frequentemente apontado como uma das propriedades sintáticas dos verbos auxiliares que revelam que os verbos envolvidos na perífrase formam uma estrutura sintaticamente coesa:²³¹

(435) Quem é que a quer numa fábrica, mesmo fábricas grandes onde toda a gente está empregada, mas eles não querem lá **andar-lhe a bater** assim no ombro e estar-lhe a explicar. MTM

(436) **Está-lo a mexer**, a mexer. SRP

(437) Ainda agora ontem aí estive e **eu estive-lhe a dizer**. STJ

(438) Depois é que **me estive a contar** a história. AJT

(439) Mas em depois, aquilo era, é claro, era preciso **andar-lhe** sempre **a deitar** toucinho. AAL

(440) Os que **a andavam** lá **a tirar**, um levava uma prancha, outro levava outro bocado, outro levava outro bocado, quer dizer que não aproveitou dali nada. LVR

(441) O senhor **anda-se a armar** em enfermeiro, **anda-se a armar** em doutor, mas não é. CTL

Note-se que, com *estar*, contam-se inclusivamente casos de subida do clítico em perífrases complexas como a seguinte:

(442) **Estás-me é a querer enganar!** MLD

Abaixo encontram-se exemplos do PEP:

(443) perfilados de fato escuro e gravata, fingindo, delicadamente, **estarem-me a confundir** com o Lawrence da Arábia a entrar, vestido de beduíno (...) R2577

(444) Ainda os anos 80 **se estavam a despedir**, já batia à porta a New Age. R1345

²³¹ Cf., entre outros, Gonçalves e Costa (2002) e Raposo (2013a). Também Lima (2001), sobre a evolução de *ir* como auxiliar temporal, associa a cliticização a *ir* como sinal de que a sequência já é sentida como uma unidade.

- (445) O que **me anda a importunar** ultimamente e que constitui objecto do meu pedido são duas coisas (...) R2310
- (446) Eu acho que esta geração precisava de uma voz. Já **se andava a manifestar** e a protestar mas agora encontrou uma voz. R2420
- (447) Os elementos pró-Sindicato **ficavam-lhe a dever** um favor. R4916
- (448) (...) por conta de uma empresa que **lhe ficou a dever** 250 contos. R2563

Verifica-se, pois, que o fenómeno se encontra atestado quer no PEP, quer no PD. Assumindo então, na linha de Gonçalves (1996, 1999, 2002),²³² que a subida do clítico é propriedade de um predicado complexo de reestruturação, estes dados são perfeitamente explicáveis mesmo num conjunto de dados que apresenta vários sinais de um estágio incipiente de gramaticalização, como é o caso do PD. Os dados poderiam ser mais dificilmente explicáveis se considerássemos, por outro lado, que o fenómeno identifica exclusivamente estruturas de auxiliaridade sintaticamente coesas: a atestação de subida do clítico no PEP e no PD significaria, nessa perspetiva, que em ambas as variedades as perífrases exibem um nível de coesão sintática que sugere um grau relativamente avançado no processo de gramaticalização.

É de assinalar que, nos dados dialetais, só foram encontrados exemplos do fenómeno nas sequências com *estar* e *andar*, estando ausente com *ficar*. Também nos dados do PEP se verifica uma situação semelhante: em estruturas com *andar* e *ficar* os exemplos de subida de clítico foram mais residuais. Acredito que a situação pode ter a ver com propriedades destes marcadores aspetuais. O facto de perífrases com *andar* e *ficar* serem menos produtivas em ambos os *corpora* analisados, traduzindo-se numa amostra mais reduzida, também pode justificar que mais dificilmente se indentifiquem as situações relevantes com estes marcadores aspetuais.²³³

²³² Ver também Gonçalves, Carrilho e Pereira (2016).

²³³ Importa notar que os contextos aqui em análise têm sido considerados favorecedores de subida do clítico. Gonçalves (1996, 1999), Martins (2016b), Andrade (2010), Fiéis e Madeira (2012) notam que a maioria dos verbos que apresentam subida do clítico categórica ou quase categórica pertencem à classe dos verbos semiauxiliares modais, aspetuais e temporais. Também à preposição *a* tem sido atribuído um papel favorecedor do fenómeno, comparativamente a outras preposições: cf. Magro 2005, Pereira 2018 e dados de Barbosa, Paiva e Martins 2017, que comparam a produtividade de subida de clítico em duas regiões portuguesas – Braga e Lisboa – e verificam uma maior produtividade de subida de clítico – 95% em Braga e 88% em Lisboa – em contextos com verbos que selecionam um domínio encabeçado por *a*.

b) Construção passiva pronominal

Também a construção passiva pronominal tem sido considerada uma propriedade sintática de sequências de auxiliaridade, na medida em que evidencia, tal como a subida de clítico, a existência de coesão sintática entre as duas formas verbais da sequência.

Não sendo particularmente produtiva, esta construção está, igualmente, atestada nos exemplos do PEP e do PD. Apresentam-se abaixo os casos identificados no PD (cf. (449)-(450)) e no PEP (cf. (451)).²³⁴

(449) Que é para dar água às plantas que **se estão a criar**. SRP

(450) Ora, parte das vezes, ele ainda se anda a semear e já **se andam a mondar** outras.
CPT

(451) (...) **estão-se a estabelecer** planos directores municipais (PDM's) para todos os concelhos R2676

A não atestação do fenómeno em estruturas com *ficar* poderá ser atribuída à estranheza do fenómeno, notada inclusivamente em Raposo (2013a: 1250): “Praticamente todos os verbos auxiliares permitem a formação de orações passivas pronominais. Uma exceção para muitos falantes é o verbo aspetual *ficar (a)*”.²³⁵

F. Interposição de material lexical

Comentei atrás que a ocorrência de clíticos em adjacência ao verbo finito tem sido considerada uma característica de estruturas perifrásticas. A partir da consciência de que a cliticização é um fenómeno local e da obrigatoriedade de cliticização ao auxiliar exibida por *ter* – considerado um auxiliar típico – considera-se esse o comportamento esperado numa estrutura perifrástica com auxiliares puros (cf. Gonçalves e Costa 2002, Raposo 2013a). Conforme notei, esta pista tem sido considerada relevante, na medida em que

²³⁴ Lembremos que, nas passivas pronominais, o verbo ocorre sempre na terceira pessoa e concorda em número com o constituinte que na ativa tem a função sintática de objeto direto. No singular, a construção é ambígua entre uma passiva pronominal e uma construção de *se* impessoal. Por esta razão, apenas considero ocorrências do semiauxiliar no plural.

²³⁵ O autor fornece os seguintes exemplos para ilustrar a não aceitabilidade da construção com *ficar*:

- (i) ??Ficaram-se a explorar essas empresas
- (ii) ??Ficaram-se a corrigir os exames durante toda a noite.

indicia que a sequência formada pelos dois verbos é sentida como constituindo uma unidade.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, a possibilidade de interposição de material lexical entre as duas formas verbais da sequência tem sido considerada um sinal de que a estrutura apresenta menor grau de coesão sintática. A predição é, segundo esta ideia, que numa perífrase totalmente gramaticalizada se observe inseparabilidade das formas verbais que integram a sequência.

É isso que se verifica, mais uma vez, em perífrases com o auxiliar típico *ter*. Em perífrases com auxiliares puros como *ter* – que evidenciam um elevado grau de gramaticalização – a ocorrência de elementos entre as duas formas verbais não é legitimada, ou é difícil, evidenciando a inseparabilidade dos elementos constitutivos da perífrase. Deve notar-se, no entanto, que também relativamente a este aspeto nem todos os verbos candidatos a auxiliar manifestam o mesmo comportamento. Essa heterogeneidade de comportamento permite, mais uma vez, considerar a existência de verbos mais auxiliares do que outros. Além disso, como já sublinhei, importa ter também em mente que a possibilidade de interposição de material lexical não é uma propriedade apenas observável em sequências introduzidas por verbos semiauxiliares, sendo possível em construções de predicado complexo.

Vejam os dados quanto ao comportamento das perífrases do PD e do PEP relativamente à possibilidade de interposição de material lexical e que conclusões poderemos tecer relativamente aos dados encontrados. Uma primeira contabilização de todas as situações em que material lexical ocorre interposto entre os dois verbos da sequência sugere uma maior interposição nos dados do PD, como provam os seguintes números:

	<i>estar+a+infinitivo</i>	<i>ficar+a+infinitivo</i>	<i>andar+a+infinitivo</i>
PD (CORDIAL-SIN)	25,9%	49,0%	40,3%
PEP (CRPC)	12,1%	25,4%	28,5%

Tabela 15: Interposição de material lexical em perífrases com *estar*, *ficar* e *andar* seguidos de *a+infinitivo*, no CORDIAL-SIN e no CRPC

Quando discuti a presença de constituintes locativos, mencionei que estes elementos ocorrem interpostos entre os dois verbos da sequência em ambas as variedades, mas mais produtivamente no PD. Notei, no entanto, que são os deíticos locativos (*lá*, *cá*,

aqui, aí, ali) – que apresentam propriedades que os tornam particularmente móveis (cf. Costa e Martins 2010) – que maioritariamente ocorrem interpostos nas perífrases com *estar* do CORDIAL-SIN e do CRPC. Tendo em conta esta especificidade dos deícticos locativos, decidi contabilizar o material interposto excluindo esses constituintes (cf. Tabela 16). Verifica-se, por um lado, que continua a ser nos dados do PD que a percentagem de interposição é mais elevada – sugerindo que é nesta variedade que o estágio de gramaticalização das perífrases é mais incipiente – e observa-se, por outro lado, que em ambas as variedades a interposição é menor com *estar* comparativamente aos semiauxiliares *ficar* e *andar* – sugerindo que, nas duas variedades, é *estar* o semiauxiliar mais gramaticalizado.

	<i>estar+a+infinitivo</i>	<i>ficar+a+infinitivo</i>	<i>andar+a+infinitivo</i>
PD (CORDIAL-SIN)	16,9%	36%	28,3%
PEP (CRPC)	10,7%	20,8%	12,3%

Tabela 16: Percentagem de material lexical interposto, excluindo os deícticos locativos, em perífrases com *estar*, *ficar* e *andar* seguidos de *a+infinitivo*, no CORDIAL-SIN e no CRPC

Comentando, primeiro, os dados de *estar*, entre o material interposto estão, portanto, constituintes locativos não deícticos como os que apresento abaixo: em (452) e (453) exemplos do CORDIAL-SIN e em (454) e (455) do CRPC:

(452) Ainda no outro dia ouvi na televisão também um sujeito que também lá estava – todo muito coiso de **estar na televisão a apresentar**, e depois estavam-lhe a fazer essas perguntas. MLD

(453) E ele chegou, eu **estava na horta a apanhar** e ele disse: CDR

(454) **Estar numa gaiola a fazer** de pássaro, de passear de gatas com um enorme badalo
(...) R4214

(455) O jornalista da VISÃO José Plácido Júnior, que **esteve em Sacavém a fazer** a reportagem sobre o assassinio (...) R3567

No CORDIAL-SIN, entre *estar* e o verbo principal da sequência interpõem-se também outros constituintes, nomeadamente sujeitos²³⁶ e adverbiais de tempo e modo, conforme se ilustra em (456), (457) e (458), respetivamente.²³⁷

- (456) Para arrendar, para meter dinheiro para dentro – **está a senhora a perceber?** TRC
 (457) Arrumou-se ao tear e **esteve sempre a tecer** até uma certa altura. MST
 (458) Isso o homem apanha aquilo bem, às vezes, quando **está assim a trabalhar** com eles é que vem e é capaz de arremedar na altura. SRP

Nos dados do PEP, está também atestada a interposição de sujeitos (embora muito residual), ilustrada em (459), sendo os elementos interpostos maioritariamente adverbiais, nomeadamente temporais (cf. (460)-(462)):

- (459) A mãe olhou-a de soslaio. **Estaria a filha a brincar** com ela? R1838
 (460) **Está quase a abrir** em Lisboa a primeira loja Massimo Dutti Woman. R4312
 (461) Afinal, os U2 viram duas canções do novo álbum que **estão ainda a acabar** de gravar serem «violadas» por um fã húngaro R4553
 (462) Chamávamos-lhe o bombeiro, porque **estava sempre a apagar** fogos. R3659

Voltando-nos agora para os semiauxiliares *andar* e *ficar*, também com estes semiauxiliares ocorrem interpostos, no CRPC e no CORDIAL-SIN, diferentes tipos de constituintes. Em (463)-(466) apresento exemplos do CRPC: constituintes locativos (cf. (463) e (464)), adverbiais de modo (cf. (465)) e tempo (cf. (466)); em (467)-(472) exponho exemplos do CORDIAL-SIN: nomeadamente, sujeitos (cf. (467) e (468)), adverbiais de modo (cf. (469) e (470)) e de tempo (cf. (471) e (472)).

- (463) Olha, **fico em casa a ouvir** os discos. E convido os amigos, pronto. R4607
 (464) Sem o saber, **andei por estas paragens a ganhar** prática e "mão" para outras aterragens em pistas mais propícias. R2266

²³⁶ Sobre a inversão do sujeito nestas estruturas, o que resulta na interposição do constituinte sujeito entre os dois verbos, veja-se Kuroda (1972, 1992), Martins (1994, 2020), Kato e Martins (2016), entre outros. Ver também Pilati (2006), Bresnan e Kanerva (1989) e Levin e Rappaport (1995).

²³⁷ É interessante notar que Mothé (2014), no seu trabalho sobre a evolução diacrónica de gerúndio e *a+infinitivo* no PE, nota que referências adverbiais de tempo, modo ou lugar antes ou no meio da perífrase favorecem a ocorrência de *a+infinitivo*. Este facto parece compatível com os dados que estou a apresentar e com a ideia de que perífrases com *a+infinitivo* do PD se encontram menos gramaticalizados do que *estar+gerúndio*.

- (465) (...) pendurou um fio com uma pedra na ponta numa passagem superior e **ficou certamente a apreciar**, escondido atrás de uma árvore. R2541
- (466) **Anda sempre a limpar**, é uma mania que não o larga. R4505
- (467) O gajo em Salvaterra, **andavam os veterinários a dar** a injeção, já lá andavam há oito dias. STJ
- (468) Se não havia vento – que às vezes dava-se isso, metiam-no em sacos e ficava ali num monte na eira e **ficava lá um homem a guardar**. UNS
- (469) Quer dizer, os senhores **andam assim a ver...** MST
- (470) É claro, ele **ficou assim modo surpreendido a olhar** para mim, começou a olhar assim. MTV
- (471) E **andava sempre a saber** deles e bem que os mamava e marchava. OUT
- (472) Põem-lhe em cima a arder e **fica ali quanto tempo a arder**. FIG

Sublinho que o facto de, comparativamente aos dados do PEP, nos dados dialetais se identificarem mais casos de interposição entre o semiauxiliar e o verbo principal, interrompendo a adjacência dos constituintes, pode, sem dúvida, sugerir que, no PD, a estrutura ainda não é sintaticamente sentida como uma unidade. Note-se, aliás, que no PD alguns elementos interpostos são mesmo bastante extensos, como ilustra (473) abaixo, chegando a interpôr-se na mesma sequência elementos de naturezas distintas:

- (473) **Está a mulher depois sempre a mexer**. CRV

Assim, os dados apresentados relativamente à interposição de elementos lexicais entre a forma finita e não finita são consistentes com a minha hipótese de que, no PD, as estruturas em análise estão menos gramaticalizadas no que na variedade padrão. Além disso, como notei, o facto de terem sido evidenciados contrastes entre diferentes verbos semiauxiliares inclusivamente nos dados do PEP pode ser considerado um argumento a favor do estágio mais gramaticalizado de perífrases introduzidas por *estar*.

Antes de avançar para as conclusões mais importantes relativamente aos pontos que tenho vindo a comentar, quero apresentar mais um conjunto de dados que, mais uma vez, sugerem o estágio de gramaticalização menos avançado das perífrases do CORDIAL-SIN – dados esses relativos à ocorrência de infinitivo flexionado, nas estruturas em estudo, no *corpus* dialetal.

G. (Im)possibilidade de ocorrência de infinitivo flexionado

É sabido que, em português, os verbos auxiliares não se combinam com um verbo no infinitivo flexionado, seja o infinitivo precedido de preposição ou não (cf., por exemplo, Raposo 2013a: 1240). Esta propriedade é visível em diferentes construções do PEP que envolvem auxiliarização, como demonstra a agramaticalidade dos seguintes exemplos:

- (474) a. *As bombas *vão explodirem*.
 b. **Havemos de comprarmos* esse livro.
 c. *Tu *estares a descansares* no quarto?
 d. *Nós *continuamos a fazermos* paciências.
 e. *Eles *podem jogarem* na lotaria.

[exemplos de Raposo 2013a: 1240]

Curiosamente, nos dados do CORDIAL-SIN estão atestados exemplos de infinitivo flexionado nas sequências verbais em estudo. Apresento algumas dessas ocorrências:²³⁸

- (475) Às vezes, aí dumas hortas, **estão** as barrocas **a correrem**. AAL
 (476) Pois se já **estavam a chatearem**-me, a dizerem aquilo que não deviam dizer, com o que eu calei-me. CPT
 (477) Haver pessoas que **estavam** ‘encrentes’ **a olharem** para mim, e vinha um qualquer, assim já tocado, e começava a contrariar (...). CPT
 (478) Olhe, **anda** aí umas raparigas – não sei daonde – **a venderem** louças, a venderem assim a escolher – a gente a escolher, assim pelo catálogo... STJ
 (479) **Ficámos** nós os dois e as pequenas e os pequenos **a estudarem** lá na escolinha, e assim, lá ficámos. GRJ

A ocorrência de infinitivo flexionado nos exemplos acima deve ser interpretada como um sinal de autonomia do domínio não finito. Trata-se, aliás, de um fenómeno que, segundo Gonçalves, Carrilho e Pereira (2016), prova que não ocorre formação de predicado complexo. Sendo dados que colocam em causa o nível de coesão sintática dos

²³⁸ Foram também identificados exemplos do mesmo fenómeno noutras construções introduzidas por *estar*, nomeadamente na construção aspetual com *estar para*: “Então, pois não estão para estarem a aturar isto.” FIG

verbos da sequência, é legítimo que nos questionemos sobre o grau de gramaticalização da perífrase.²³⁹

Em jeito de conclusão relativamente ao que até agora apresentei, cabe dizer que foram vários os aspetos que sugerem que os semiauxiliares do PD exibem um grau mais incipiente de gramaticalização comparativamente aos do PEP. É nos dados do CORDIAL-SIN que se regista maior presença de locatividade (o que sugere um grau de evolução próximo de versões plenas do verbo, além de contribuir para a existência de ambiguidade entre leituras aspetuais e plenas); os dados relativos à interposição de constituintes e talvez à ocorrência de infinitivo flexionado no verbo principal (cf. nota 239) – ambas as situações observadas nos dados do CORDIAL-SIN – são indícios de que, na variedade dialetal, a coesão sintática da estrutura não é particularmente forte. Também os aspetos semânticos para os quais chamei a atenção sugerem um menor grau de gramaticalização destas sequências no PD: lembremos que foram identificadas restrições a nível do sujeito e, em geral, os dados do PD não evidenciam ainda um alargamento muito visível a noções [+abstratas].

Os dados apresentados sustentam a hipótese de que os semiauxiliares aspetuais do PD e do PEP exibem diferenças de grau dentro da escala de auxiliaridade, o que se relaciona diretamente com o grau de gramaticalização que as perífrases exibem em cada uma das variedades. Especificamente, é possível concluir que, no PD, os semiauxiliares em estudo se encontram, no contínuo de auxiliaridade, numa posição mais inicial comparativamente ao PEP, e portanto mais próximos do verbo pleno do qual evoluem. Daqui decorre que as perífrases exibam, no PD, sinais de um grau de gramaticalização menos avançado quando comparadas com as perífrases correspondentes no PEP. Conforme referi, mesmo os dados relativos à subida de clítico e ao movimento longo de objeto identificados no PD são consistentes com esta hipótese, se considerarmos que esses fenómenos não são unicamente observáveis em perífrases com um forte grau de gramaticalização, mas são também possíveis em construções de predicado complexo. Assim, é possível assumir que, nesses casos do PD, há formação de predicado complexo

²³⁹ Veja-se, no entanto, Gonçalves, Santos e Duarte (2014) a propósito da ocorrência, em variedades não-padrão do PE, de infinitivo flexionado em complementos de verbos de controlo que especificam a localização temporal da situação descrita pela oração encaixada – contextos que não legitimam, no PEP, a ocorrência de infinitivo flexionado. As autoras analisam estes caso como “pseudo-infinitivos flexionados”, uma vez que estes infinitivos apresentam flexão morfológica mas não exibem as propriedades sintáticas de infinitivos flexionados.

de reestruturação, sem que isso signifique, necessariamente, um posicionamento avançado do semiauxiliar na escala de auxiliaridade.

Conforme em vários momentos referi, os dados sugerem a existência de diferentes níveis de gramaticalização para cada verbo semiauxiliar considerado. Assim, tanto no PD como no PEP, *estar*, *andar* e *ficar* seguidos de *a*+infinitivo estarão, cada um, em diferentes fases do processo de gramaticalização. Os dados até agora analisados permitem-me assumir que a estrutura mais gramaticalizada é *estar*+*a*+infinitivo do PEP e que, por outro lado, a perífrase menos gramaticalizada é *andar*+*a*+infinitivo do PD, numa escala como a seguinte (do maior para o menor grau de gramaticalização):²⁴⁰

estar+*a*+infinitivo (PEP) > **ficar**+*a*+infinitivo (PEP) > **estar**+*a*+infinitivo (PD) > **andar**+*a*+infinitivo (PEP) > **ficar**+*a*+infinitivo (PD) > **andar**+*a*+infinitivo (PD)

Figura 1: Escala de gramaticalização de *estar*, *ficar* e *andar* seguidos de *a*+infinitivo no PD e no PEP

Relativamente aos dados dialetais, assumo também a hipótese de as perífrases aspetuais com *a*+infinitivo ou com gerúndio se encontrarem elas próprias em diferentes estádios de gramaticalização. Uma hipótese que me parece legítima, assumindo, como tenho feito neste trabalho, que uma estratégia é mais conservadora (e, portanto, provavelmente mais gramaticalizada) e a outra inovadora (e, hipoteticamente, menos avançada no percurso de gramaticalização).

O facto de, no PD, *estar*+gerúndio e *ficar*+gerúndio exibirem sinais de um nível de gramaticalização mais avançado comparativamente a *estar*+*a*+infinitivo e *ficar*+*a*+infinitivo, respetivamente, é consistente com essa hipótese. Na verdade, no PD, apenas *andar*+gerúndio não poderá ser considerado, com segurança, mais avançado na escala de gramaticalização do que *andar*+*a*+infinitivo (ambas as estruturas aparentam situar-se num estádio de gramaticalização que não é particularmente avançado): nos dados de *andar*+gerúndio encontram-se vários exemplos com locativos, nomeadamente interpostos e que constituem ocorrências do que já defini como *andar* ‘perambulativo’; ocorrem exclusivamente predicados de atividade com sujeitos animados; e não identifiquei pistas sintáticas indicadoras de coesão da unidade. Isto sugere, acima de tudo, um menor grau de gramaticalização deste semiauxiliar comparativamente a *estar* e *ficar*.

²⁴⁰ Vale a pena notar que estudos do italiano questionam o estatuto perifrástico de *andare* seguido de *a*+infinitivo (cf., por exemplo, Amenta e Strudsholm 2002), o que parece relacionar-se com os dados que estou a descrever para o português: ou seja, que a estratégia *andar*+*a*+infinitivo é, quer no PEP quer no PD, uma estratégia pouco gramaticalizada.

No pequeno conjunto de dados de *ficar*+gerúndio, é particularmente relevante a ocorrência de situações estativas. Não se regista presença de constituintes locativos e regista-se ocorrência de sujeitos não humanos. Sem querer extrair conclusões demasiado ambiciosas, estes factos podem ser interpretados como indicadores de um estágio de gramaticalização não completamente incipiente.

Uma conclusão semelhante pode ser extraída quando nos voltamos para os dados de *estar*+gerúndio. Comparativamente às ocorrências de *estar*+*a*+infinitivo, é possível notar alguns contrastes: o primeiro é que no conjunto de dados de *estar*+gerúndio foi identificada uma menor percentagem de ocorrência de locativos e um número mais reduzido de constituintes locativos interpostos: apenas sete ocorrências, que correspondem a 2% em valores percentuais (identifiquei 11% em *estar*+*a*+infinitivo).²⁴¹ A percentagem de ocorrência de estativos e de sujeitos abstratos é superior em *estar*+gerúndio relativamente a *estar*+*a*+infinitivo e há menos interposição de material lexical com *estar*+gerúndio.

Ainda que, para afirmar com segurança que há diferenças entre as duas estruturas variantes no que toca ao estágio de gramaticalização, fosse desejável uma amostra mais extensa, assumo, com base na informação disponível, que é provável que assim seja – e são as perífrases com *ficar* e *estar* que mais claramente parecem, com gerúndio, encontrar-se num estágio mais avançado.²⁴² Considerando, agora, unicamente os dados do PD e os semiauxiliares *estar*, *ficar* e *andar*, os dados analisados permitem-me propor a seguinte escala (do maior para o menor grau de gramaticalização):

estar+gerúndio > **estar**+*a*+infinitivo/**ficar**+gerúndio > **ficar**+*a*+infinitivo >
andar+*a*+infinitivo/gerúndio

Figura 2: Escala de gramaticalização de *estar*, *ficar* e *andar* seguidos de *a*+infinitivo/gerúndio no PD

Esta ordenação tem por base os contrastes já comentados, nomeadamente a informação que foi possível quantificar a nível da relação com a locatividade, o alargamento a classes aspetuais mais abstratas, a ocorrência de sujeitos [+humanos] e

²⁴¹ Note-se que, quando contabilizamos as ocorrências totais de locativos – interpostos ou não –, o número sobe para 11% (o que continua abaixo do valor de *estar*+*a*+infinitivo: 17%).

²⁴² Na tentativa de perceber se é possível falar de uma área *a*+infinitivo mais gramaticalizado do que outra no CORDIAL-SIN, tentou-se observar a distribuição geográfica de aspetos considerados indicativos de uma ou outra situação. Verifiquei, por exemplo, que a presença de material lexical interposto – um possível sinal de fraca coesão sintática da sequência – está transversalmente atestada por todo o território. A preferência por sujeitos humanos e concretos verifica-se, também, de uma forma generalizada pelo território.

[+abstratos] e a ocorrência de material lexical interposto – dados que sistematizo na Tabela 17.

No final do capítulo, após comentar os dados de *ir* e *vir*, apresento uma proposta de escala de gramaticalização que considera o conjunto de semiauxiliares em análise, contemplando as variáveis gerúndio e *a*+infinitivo e as variáveis PEP e PD (cf. 3.2.4.).

LOCATIVIDADE	<i>estar</i>	<i>ficar</i>	<i>andar</i>
gerúndio (PD)	11%	0%	41,3%
<i>a</i> +infinitivo (PD)	17%	36%	36%
ALARGAMENTO A ESTATIVOS	<i>estar</i>	<i>ficar</i>	<i>andar</i>
gerúndio (PD)	25,8%	50%	0%
<i>a</i> +infinitivo (PD)	21%	13%	4%
MATERIAL LEXICAL INTERPOSTO²⁴³	<i>estar</i>	<i>ficar</i>	<i>andar</i>
gerúndio (PD)	13,7%	30%	26,0%
<i>a</i> +infinitivo (PD)	26%	49%	40%
SUJEITOS HUMANOS	<i>estar</i>	<i>ficar</i>	<i>andar</i>
gerúndio (PD)	79,1%	80%	87%
<i>a</i> +infinitivo (PD)	72,2%	48,1%	86,8%
SUJEITOS ABSTRATOS	<i>estar</i>	<i>ficar</i>	<i>andar</i>
gerúndio (PD)	2,3%	0%	0%
<i>a</i> +infinitivo (PD)	0,3%	0%	0%

Tabela 17: Aspetos caracterizadores do grau de gramaticalização de *estar*, *ficar* e *andar* seguidos de gerúndio/*a*+infinitivo no CORDIAL-SIN: valores percentuais

3.2.2. Os dados de *continuar*

Relativamente às perífrases com *continuar*, lembremos que, no CORDIAL-SIN, só se identificaram exemplos com *a*+infinitivo (facto que já comentei e justifiquei no Capítulo 2). Embora nos dados do CRPC estejam atestadas quatro ocorrências com gerúndio (que pela pouca expressividade e pela possibilidade de se tratar de produções de falantes de

²⁴³ Os contrastes mantêm-se se excluirmos constituintes particularmente móveis como os défticos locativos: sem estes constituintes, a percentagem de interposição é de 10,8% com *estar*+gerúndio, mas 16,9% com *estar*+*a*+infinitivo; com *andar*+gerúndio regista-se 17,4% de interposição de material lexical, contra 28,3% registados com *andar*+*a*+infinitivo.

PB vou desconsiderar), é com *a*+infinitivo que a estrutura se revela altamente produtiva: 856 ocorrências. Comento agora, portanto, a construção *continuar*+*a*+infinitivo atestada nos dados do PD e do PEP.

As 25 ocorrências de *continuar*+*a*+infinitivo identificadas no CORDIAL-SIN indicam que se tratará de uma construção pouco produtiva no PD. Pela fraca expressividade da construção neste *corpus*, não me alongarei na análise contrastiva dos dados de *continuar*. Da observação dos dados do CORDIAL-SIN destaco o facto de *continuar* se associar, maioritariamente, a processos (ainda que algumas ocorrências com estados estejam atestadas). Detetaram-se casos de interposição de material entre as duas formas verbais – dois constituintes adverbiais, um dos quais locativos, apresentados em (480) e (481) – e identificaram-se exemplos de cliticização *in situ*, expostos em (482)-(484), mas não de subida de clítico. Estes dados levam a crer que a estrutura revela pouca coesão sintática no PD.

(480) Porque se o lume **continuasse lá a fazer**, fazia era cinza. CBV

(481) Pronto, acabou-se essa comida, toca a **continuar com os recos a estripá-los** e a acabar de os lavar. STA

(482) Agora como há ponte, ora como isto é antiguidade, **continuam a fazê-lo** igual. FIS

(483) Que é preciso a gente **continuar a fazê-los**. MST

(484) Pronto, porque se a gente a não empregar, se ainda não for **continuando a dar-lhe** o emprego, ela não ganha, nem vai pedir nada. MTM

Perante estes dados, assumo que, no PD, usos de *continuar* como verbo semiauxiliar estejam ainda pouco gramaticalizados. Esta situação do PD parece contrastar com a do PEP. Além de a estrutura ser altamente produtiva na variedade padrão, detetaram-se exemplos de subida de clítico (cf. (485)-(487)). Estes dados, só por si, sugerem que a sequência tem algum grau de coesão sintática no PEP.

(485) (...) aos poucos se estenderá até ao mar, se a câmara **o continuar a permitir**, seguindo as atrocidades urbanísticas que se têm feito (...) R0173

(486) (...) no que diz respeito à luta diária das mulheres para **o continuarem a ser**, têm conseguido reproduzir os mais deliciosos retratos (...) R3441

(487) Será que as obras de arte se gastam ou será para **se continuarem a queixar** que os portugueses não ligam bóia aos museus (...) R2270

Também relativamente às propriedades do sujeito, os dados parecem indicar algum grau de gramaticalização: nos dados do PEP, estão atestados sujeitos não humanos, não animados e mesmo abstratos.²⁴⁴

(488) (...) o Banco de Portugal **continua a aguardar** uma boa oportunidade para se livrar do metal acumulado. R5149

(489) Uma cena de amor **continua a ser** uma cena de amor (...) R2018

(490) O seu sonho **continuava a ser** Thierry Roussel, com quem se deitara aos 21 anos (...) R3239

(491) A moralização do sistema **continuará a passar** pelo Super-inspector-geral da Administração Interna R5049

Estes dados parecem estar em linha com os anteriormente apresentados para *estar*, *andar* e *ficar*, sugerindo, em todos os casos analisados, um estágio de gramaticalização menos avançado no PD. No entanto, no CORDIAL-SIN não se atestam estruturas com *continuar*+gerúndio, – diferentemente ao que se verifica com *estar*, *andar* e *ficar*, em que no mesmo *corpus* *a*+infinitivo e gerúndio alternam. Conforme referi no Capítulo 2, a situação é explicável se considerarmos que *continuar* se opõe a *estar*, *andar* e *ficar* em vários aspetos, nomeadamente quanto ao seu estatuto de auxiliar.

²⁴⁴ Também estes dados contrastam com os do CORDIAL-SIN, onde se identificaram sujeitos essencialmente humanos e animados.

3.2.3. Perífrases temporais e aspetuais com *ir* e *vir*

Os aspetos explorados nos pontos acima sugerem que as perífrases aspetuais introduzidas por *estar*, *andar* e *ficar* no PEP e no PD exibem diferenças consideráveis, diferenças essas que me levaram a considerar que esses semiauxiliares se posicionam em diferentes níveis da escala de auxiliaridade e, conseqüentemente, se encontram em diferentes estádios de gramaticalização. Acrescento agora a esses dados informação relativa às perífrases introduzidas por *ir* e *vir*, que provam que também estas sequências exibem, no PEP e no PD, diferenças no seu grau de gramaticalização. Os pontos centrais para os quais quero chamar a atenção são a existência, nos dados do CORDIAL-SIN, mas não – na mesma medida – nos do PEP, de vários exemplos de construções ambíguas (entre valores lexicais e aspetuais/temporais), em que se percebe uma ideia de deslocação no espaço ainda muito evidente, e nas quais é frequentemente visível um valor de finalidade. Como a minha preocupação é menos situar as perífrases em estudo em estádios de gramaticalização completamente definidos e mais evidenciar, através de uma análise contrastiva, que os semiauxiliares em análise exibem diferenças de grau no PEP e no PD, vou, então, apresentar os aspetos que considero mais relevantes para evidenciar essas diferenças. Apoio-me no que mais sobressai dos dados de que disponho, relacionando-os com o que tem sido dito, na literatura, relativamente ao processo de gramaticalização destas estruturas.

Começemos pelas sequências introduzidas por *ir* – que, como sabemos e conforme já referi neste trabalho (cf. 2.4. desta Parte II), seguidas de gerúndio veiculam um valor aspetual gradativo e seguidas de *a*+infinitivo estão associadas a usos plenos do verbo de movimento ou a um valor aspetual iminente. Nos exemplos de *ir* gradativo no CORDIAL-SIN encontram-se vários exemplos com verbos de deslocação. Uma contagem dos casos em que ocorrem os típicos verbos de deslocação *caminhar*, *andar*, *passar*, *ir*, *vir*, *chegar*, *sair*, *entrar*, *atravessar*, *descer*, *subir*, *aproximar-se* e *afastar-se* revelou que no PD se contam 146 exemplos com estes verbos de deslocação, quase três vezes mais do que o número de ocorrências dos mesmos verbos no PEP: 49 casos. Seguem-se exemplos do PEP (cf. (492)-(494)) e do PD (cf. (495)-(497)):

(492) E lá **fomos andando** embora de vez em quando falhássemos a pontaria R2193

(493) (...) os meninos **iam chegando** calmamente. R1806

(494) Riram-se um do outro, um para o outro, e **foram caminhando** pelo vale (...)

R1439

(495) Vinha de dentro das vinhas, **ia andando**, a água vinha nas cheias, havia aquela porta daquele biqueirão. LUZ

(496) Ele **vai caminhando** para isso. PAL

(497) E tem um ganchinho que tem aqui uns buracos e esses buracos é por onde a água **vai saindo**. SRP

Igualmente interessante é verificar que nesses dados do PEP se encontram usos de *subir* e *descer* dissociados da ideia espacial inerente ao primeiro sentido do verbo, revelando já aceções abstratas que constituem outro indício de que o grau de gramaticalização da perífrase é avançado:

(498) (...) à medida que vai somando experiência **vai subindo** de escalão até poder vir a ser, por sua vez, (...) R2370

(499) (...) significa taxar várias vezes um mesmo suprimento, à medida que se **vai descendo** na hierarquia. R4613

(500) (...) a França ter retirado do Camboja, em 1954, Pol Pot **foi subindo** no movimento comunista. R2544

No CORDIAL-SIN são particularmente abundantes verbos de atividade, típicos de estágios mais incipientes de gramaticalização (cf. (501)), ao passo que no CRPC já parece haver um maior alargamento a outros predicados (cf. (502)):

(501) a. Deita-se aquela roda toda do forno e depois é que se **vai deitando** outra vez.

PST

b. E depois dali o **iam tirando** para comer. LAR

c. E depois umas começavam os cabos, as outras **iam amolando**. CDR

(502) a. Entretanto, **vá evitando** os comprimidos, o tabaco e o álcool. R1020

b. Ao contrário do que seria normal, **fui melhorando** ao longo da prova (...)

R5328

c. E os sindicatos **vão-se mantendo** alheados disto tudo. R2563

No bem menor conjunto de sequências em que *ir* se combina com *a*+infinitivo, identificaram-se nos dados dialetais usos plenos (cf. (503) e (504)), mas também exemplos de valores aspetuais que parecem descrever uma ação apenas iniciada (cf. (505)) e, sobretudo, várias situações ambíguas (cf. (506)-(509)): nestes casos, não é fácil perceber se se trata de um valor aspetual como o referido, de um valor de finalidade, de futuro, de movimento ou de vários destes valores em simultâneo:

- (503) Pode-se **ir a trabalhar** por aqui, quando chegar ao fim, alevanta-se o rabo da charrua e vira-se a aiveca para o outro lado. ALC
- (504) E eu **fui a correr** chamar o veterinário. CBV
- (505) E ele fica ali e deixa-o estar, você **vai a comer** e é como... COV
- (506) E ela chegava lá e se ele lá estivesse salvava-o, **ia-lhe a salvar** e vinham eles ambos os dois. COV
- (507) Então ele assim já abaixou um bocado, se **vou a deitar** a água toda, ficava água suja dentro do lagar. MTV
- (508) Nosso Senhor Jesus Cristo se esqueça por mor de eu nem sequer **vá a ver** ali na televisão porque eles vão conhecer a minha voz. CLH.
- (509) A Castro de Aire e eu **fui** mais o Asdrúbal **a comprar**... COV

Na verdade, a possibilidade de se identificarem esses diferentes valores nas sequências de *ir*+*a*+infinitivo no CORDIAL-SIN não é surpreendente. Conforme nota Lima (2001: 125), é justamente a presença de três traços – movimento, intenção e futuro – que marca os estádios mais iniciais da gramaticalização de *ir* como auxiliar de futuro em português. É a partir da progressiva demção dos traços semânticos “movimento” e “intenção” e da promoção do traço “futuro” – inicialmente inferível pragmaticamente – à categoria de traço semântico que *ir* acaba por se transformar em semiauxiliar de futuro.

A presença de uma oração infinitiva final, a marcar a intenção de *ir*, está, portanto, bem documentada em estádios iniciais da gramaticalização deste verbo. Lima (2001: 124ss) refere que essa ideia de finalidade é particularmente frequente em documentos do século XIII, em que, segundo o autor, a natureza final das orações infinitivas que seguem o verbo *ir* é visível e, por vezes, marcada morfologicamente pela preposição *a*.

Esse valor de finalidade está atestado no CORDIAL-SIN. Não só é perceptível nos exemplos (505)-(509) acima, como pode ser notado, de forma bastante nítida, em (510):

(510) Tem a sua época, **vêm** a Alvor – este é o rio de Alvor – **a apanhar** marisco e comerem os caranguejos e outras várias coisas. ALV

Assim, considerando os dados de Lima (2001) – nomeadamente a ideia de que os traços de intenção, de movimento e de futuro se encontram bem atestados na construção *ir+infinitivo* entre os séculos XIII e XVI, quando a sequência se encontrava num estágio menos avançado de gramaticalização – os dados atrás expostos são perfeitamente compreendidos. Justificam-se por refletirem, então, um estrato mais antigo da língua em que a construção se encontra menos gramaticalizada.

Nos dados do CORDIAL-SIN, *ir+a+infinitivo* parece poder veicular um valor temporal de futuro equivalente ao veiculado na norma padrão sem que se associe a uma forma de infinitivo preposicionado (cf. (511)-(516)). A ainda ocorrência de preposição no PD torna claro tratar-se de um vestígio de um estágio intermédio da gramaticalização – ainda sem demorção dos traços de movimento e de finalidade/intenção. São dados particularmente interessantes, que, ao atestarem a possibilidade de a sequência *ir+a+infinitivo* veicular informação temporal de futuro, não só confirmam o percurso de gramaticalização que tem sido descrito para *ir* como auxiliar temporal, como permitem caracterizar o seu estágio de gramaticalização no CORDIAL-SIN.

(511) Olhe, isso ponha de parte, agora **vamos a experimentar** isto. PAL

(512) Quando foi no fim, um homem que morava aqui em baixo, em frente à igreja, ajunta aqueles bocados de telha que não prestavam, mete-os num cesto... "Ó Fídias, vai ao tio Fiel que está bem descansado. Eu já retelhei metade da atafona mais fulano, e o tio Fiel tem estado aí deitado só à sombra. **Vai a botar** fora que também lhe toca." CRV

(513) Tio Hermes, eu venho cá porque eu **vou a fazer** o sétimo ano e, vai-se a ver, estou receoso. CPT

(514) Bom, se é por aí que você quer ir, então **vamos** então **a falar**. CPT

(515) Experimente e **vai a ver** se é verdade ou não é. LVR

(516) Vocês depois dizem duas palavras que eu **vou a acabar** a minha conversa, e depois já eles abrem os olhos. MTV

Os escassos exemplos de *ir+a+infinitivo* no CRPC, que reproduzo integralmente abaixo, correspondem a sequências que julgo ser legítimo caracterizar como veiculando

um valor aspetual/temporal de futuro (i.e., resultado final de uma ação ou futuro de posteridade). A preposição *a* seguida de infinitivo parece marcar, também aqui, um valor de finalidade/intenção. Considerando o que sabemos sobre o percurso de gramaticalização de *ir* como semiauxiliar, este conjunto de dados poderá representar situações em que o PEP preserva a preposição (em alguns casos são sequências cristalizadas), no que será um vestígio de uma etapa anterior do processo de gramaticalização em que *a* era frequente para marcar o traço de finalidade.

- (517) (...) 65 anos, primeiro presidente do Parlamento de Cabo Verde, **foi a enterrar** na Cidade da Praia, ao som de mornas de sua autoria (...) R3610
- (518) Se nós **formos a olhar** para as esperanças partidárias, são as mesmas esperanças (...) R2531
- (519) Se **formos a ver**, a forma como as pessoas ganham mais dinheiro não é (...) R1498
- (520) Se **formos a ver** bem, até nem é muito, como refere Gorjão Clara. R1160
- (521) A ideia é interessante, **vamos a ver**. R4295
- (522) **Vamos a ver** se se encontra uma solução para o PP. R4295
- (523) **Vamos lá a ver**, é ou não um soixante-huitard? R2347
- (524) Então como se chama? Chama-se Acção Nacional. Então **vamos lá a ver** o que vai ser essa Acção Nacional, comentou. R3598

Voltemo-nos agora para as sequências introduzidas por *vir*. Nos dados do PEP, as ocorrências identificadas ilustram bastante bem os valores que têm sido descritos na literatura, nomeadamente o valor progressivo/gradativo quando associado a gerúndio:

- (525) Mello saberá hoje, quinta-feira, se o trabalho de reestruturação que **vem desenvolvendo** há três anos e meio será recompensado. R4722
- (526) (...) os tempos sopravam autodeterminação e independência. A França e a Inglaterra **vinham inventando** formas de responder progressivamente às aspirações políticas dos povos (...) R0152
- (527) (...) sustenta que os problemas intestinais de que João Paulo II **vem sofrendo** desde Dezembro do ano passado se encontram associados a uma inflamação R3864

Em combinação com uma forma de infinitivo preposicionado, a sequência não é tão uniformemente descrita na literatura, conforme já notei neste trabalho: alguns estudos

associam-na a um valor aspetual (cf. Barroso 1994, Cunha e Cintra 2005 [1984]), outros (cf. Mória e Viotti 2004) caracterizam-na como perífrase temporal. Esta instabilidade na descrição da estrutura, como já aqui foi dito, parece-me relevante e sintomático de um processo de gramaticalização em curso, no qual pode existir uma sobreposição de valores provavelmente associada à passagem de auxiliar aspetual a temporal. De qualquer forma, os exemplos do CRPC ilustram bem esses valores que estarão, efetivamente, entre o aspetual associado a um resultado final de uma ação ou um valor de futuro de posteridade:

(528) Por isso mesmo, não há perigo de **vir a causar**-me problemas. R1091

(529) (...) tem suscitado suspeitas entre os seus aliados quanto à possibilidade de **vir a utilizar** uma eventual intervenção para aumentar a sua influência na antiga colónia (...). R4341

(530) Que em Portugal só pode **vir a crescer**: somos o terceiro maior consumidor de peixe do mundo (...). R5333

(531) (...) sabe que no seu país a probabilidade de **vir a suicidar-se** é oito vezes mais elevada do que se fosse mulher. R2013

Os exemplos de sequências *vir*+gerúndio no CORDIAL-SIN atestam, também, um valor aspetual progressivo equivalente ao descrito para a norma padrão:

(532) Depois de lá é que **vieram vindo, vieram vindo**, depois a gente começou... STJ

(533) Que o que quer que **venha acontecendo**, sempre hoje ainda vai sempre nessa continuação. CDR

(534) Quando chegava para a tarde, lá **vinham andando** devagarinho. CRV

Verifica-se, no entanto, que há uma ideia de deslocação no espaço presente na generalidade dos exemplos. O facto de ser frequente (quer em usos plenos quer aspetuais) essa leitura de movimentação espacial característica do uso lexical de *vir* constituem argumentos de que temos em mãos perífrases aspetuais ainda num estágio incipiente de gramaticalização.

(535) Depois sentámo-nos na carrinha, **viemos comendo** o panito até cá à vila. AJT

(536) As pedras e aqueles casulos e as ervilhacas **vinham ficando** tudo atrás, e com o joeiro era para joeirar. LUZ

(537) Aquilo, conforme aqueles bocadinhos miudinhos vão safando, assim a gente com a mão **vem-os apanhando** e **vem-os pondo** ali em cima da outra. SRP

(538) **Vínhamos vindo** atrás delas. LVR

Em seqüências com *a*+infinitivo, os exemplos do PD evidenciam, acima de tudo, usos plenos:

(539) E vêm logo a correr para o pé da gente. AAL

(540) Vem a comer e o comer vem à boca. ALC

As ocorrências em que se expressa o já referido valor aspetual/temporal (de resultado final de uma ação ou de futuro de posteridade), de que no CRPC há 522 ocorrências, resumem-se no CORDIAL-SIN a oito exemplos, que se encontram reproduzidos abaixo (conforme notei na secção 2.4.4., seis dessas ocorrências são com o verbo *ser* e os exemplos provêm maioritariamente de dialetos açorianos, especificamente da Terceira e do Corvo). A forte produtividade destas construções no PEP, comparada com a escassez de exemplos no CORDIAL-SIN, parece sugerir que se trata de um uso ainda marginal no PD, mas já perfeitamente aceite no PEP.

(541) Não havia de **vir a ser** justificado? ALV

(542) **Vinham a ser** três quartas de lã. FLF

(543) Que **vem a ser** umas alcatras de ‘batacozes’ que se faz, que seja a mão de vaca.
TRC

(544) E o senhor padre recebe ali uma rosquilha e um pão de bodo, que **vem a ser** um
pão de água. TRC

(545) Quando ele chega aqui, aquelas pessoas que foram na vereanta – que a gente
chama aquele que foi coroadado, e ao que leva aquela insígnia, ao outro que leva a
bandeira, e que **vem a ser** trinta pessoas, ele dá um serviço a cada pessoa. TRC

(546) Então **vinha a ser** a mulher sem nada, sem calças, sem nada, por cima de nós.
VPA

(547) (...) ele **veio a cegar**. CRV

(548) Porque o vime está verde, quando **vem** o cesto **a secar**, o cesto fica molencão, não
se aguenta. CRV

No que toca às perífrases introduzidas por *vir*, quero essencialmente salientar que se trata de construções consensualmente descritas, na literatura, como menos gramaticalizadas comparativamente a estruturas com outros verbos (como *ir* ou *estar*, por exemplo). Os dados apresentados estão em linha com essa ideia, sugerindo que tanto nos dados do PD como do PEP se percebe um menor grau de gramaticalização relativamente às outras estruturas aqui comentadas. Mas os dados indicam, também e mais uma vez, que é no CORDIAL-SIN que as construções com *vir* são particularmente pouco gramaticalizadas.

3.2.4. Proposta de escala de gramaticalização

Os dados apresentados ao longo deste capítulo permitem-me, neste ponto, propor uma escala de gramaticalização das perífrases em estudo. Trata-se de uma proposta que pode, sem dúvida, ser afinada: excluí estruturas para as quais tenho informação insuficiente²⁴⁵ e coloquei no mesmo elo da escala itens que aparentam estar relativamente próximos no contínuo de auxiliaridade, mas relativamente aos quais falta informação para estabelecer uma ordenação precisa. Considero, de qualquer forma, uma ordenação legítima, que tem por base as diferentes variáveis que apresentei ao longo do capítulo e que dá conta dos contrastes que identifiquei. Considerando cada semiauxiliar, as variáveis gerúndio e *a*+infinitivo e a informação relativa à variedade em questão – PEP ou PD –, proponho a seguinte escala (para facilitar a visualização, *infinitivo* e *gerúndio* são aqui abreviados para INF e GER, respetivamente):

estar+*a*+INF (PEP) > **ficar**+*a*+INF (PEP) > **estar**+GER (PD) > **estar**+*a*+INF (PD)/**ficar**+GER (PD)
ir+GER (PEP) > **andar**+*a*+INF (PEP) > **ficar**+*a*+INF (PD) > **vir**+GER (PEP)/**vir**+*a*+INF (PEP) > **ir**+
GER (PD)/**andar**+*a*+ INF/GER (PD) > **vir**+GER (PD) > **ir**+*a*+INF (PD) > **vir**+*a*+INF (PD)

Figura 3: Escala de gramaticalização de perífrases aspetuais e temporais com *a*+infinitivo e gerúndio, no PD e no PEP

Este posicionamento implica que o semiauxiliar *estar* do PEP, ocupando o topo da escala, é o semiauxiliar que mais se afasta da versão plena em que tem origem e que, por outro lado, se encontra mais perto de um auxiliar puro; é portanto, o mais

²⁴⁵ Nomeadamente, *estar*, *andar* e *ficar* seguidos de gerúndio no PEP e *ir*+*a*+infinitivo no PEP. Excluí também estruturas com *continuar*: situar, com algum rigor, este semiauxiliar na escala de auxiliaridade exigiria mais trabalho de investigação e implicaria considerar outras variáveis além das que consegui observar.

gramaticalizado. A ordenação também evidencia que, em cada uma das variedades, o semiauxiliar *ficar* exhibe mais sinais de gramaticalização do que *andar* na mesma variedade, em linha com os dados que fui apresentando. No PD, *estar+a+infinitivo* e *ficar+gerúndio* aparentam localizar-se em pontos próximos da escala, mas, pelo facto de o conjunto de dados de *ficar+gerúndio* não ser particularmente representativo, não consegui estabelecer uma ordenação clara entre as duas perífrases. As perífrases com *andar* seguido de gerúndio ou *a+infinitivo* exibem, no PD, sinais de um estágio de gramaticalização incipiente, mas também neste caso não consegui determinar, com os dados de que disponho, qual das estratégias estará mais gramaticalizada: coloquei-as, por isso, no mesmo elo da escala. Embora os dados pareçam sugerir que, no PD, *ir+gerúndio* exhibe um estágio de gramaticalização mais avançado do que as perífrases introduzidas por *andar*, também neste caso estabelecer uma ordenação clara entre os dois semiauxiliares seria precipitado sem uma análise mais elaborada dos dados de *ir* (o que me faria desviar dos objetivos deste trabalho) e, por outro lado, sem um alargamento dos dados (o que também excederia os limites desta investigação). O facto de as perífrases introduzidas por *vir* se posicionarem mais à direita na escala evidencia que este semiauxiliar não se encontra particularmente avançado no processo de gramaticalização, sendo *vir+a+infinitivo* do PD a perífrase que aparenta encontrar-se menos gramaticalizada.

O facto de *estar+a+infinitivo* do PEP se posicionar no topo da escala é curioso se assumirmos, como tenho feito neste trabalho, que, historicamente, *a+infinitivo* corresponde à estratégia inovadora relativamente a *estar+gerúndio*. Sugere que não há – necessariamente – uma relação entre mais antigo e mais gramaticalizado: sendo o gerúndio a estratégia conservadora, poder-se-ia esperar que fosse *estar+gerúndio* (PD) a perífrase mais gramaticalizada. Mas os dados analisados mostram que os processos de gramaticalização podem avançar a diferentes ritmos em diferentes gramáticas. Por outro lado, o posicionamento de *estar+a+infinitivo* do PEP no topo da escala é perfeitamente compatível com a fase avançada em que se encontra o PEP no processo de substituição de gerúndio por *a+infinitivo*: nesta variedade, não só o gerúndio já foi amplamente substituído por *a+infinitivo*, como a estratégia *a+infinitivo*, que se tornou dominante, se mostra também fortemente gramaticalizada.

3.3. Conclusão

A análise desenvolvida neste capítulo, que culminou com a proposta de escala de gramaticalização que acabo de apresentar, evidenciou que as perífrases do CORDIAL-SIN exibem um grau de gramaticalização genericamente mais incipiente comparativamente às perífrases correspondentes do PEP, ilustrando também diferenças de grau existentes entre cada semiauxiliar em cada uma das variedades.

Os dados apresentados permitiram, ainda, extrair outras conclusões. A informação relativa à distribuição de gerúndio e *a*+infinitivo nas perífrases aspetuais durativas com *estar*, *andar* e *ficar* do CRPC confirmaram o claro domínio de *a*+infinitivo nesta variedade e verificou-se que o gerúndio, ainda que não particularmente produtivo, ocorre (na linha do que prevê a literatura) em contextos nos quais não foi identificado no CORDIAL-SIN: construções com o semiauxiliar *continuar* e em complemento de verbos perceptivos. Estes dados, com fraca expressão quantitativa, são contudo insuficientes para que os possa analisar. Como questão para futura investigação, dependente da obtenção de novos dados (a partir de outras fontes ou por outras metodologias), coloco a hipótese de que correspondam a uma extensão inovadora da distribuição do gerúndio no PEP. Esta hipótese é compatível com o que defendi, no Capítulo 2, relativamente à ausência do gerúndio, no CORDIAL-SIN, com estruturas perceptivas: os dados dialetais corroboram a análise que tem sido proposta para as línguas românicas (cf. Casalicchio e Migliori 2018, entre outros) relativamente à substituição de gerúndio por *a*+infinitivo primeiro em estruturas perceptivas e só depois em construções progressivas.

Este capítulo contribui, por si só, para um maior conhecimento sobre as perífrases verbais em estudo. Mas a informação até agora reunida – nomeadamente, dados que corroboram, para o português, o percurso de substituição de gerúndio por *a*+infinitivo que está documentado para outras línguas românicas, a par da evidência de que, no PD, *estar*+gerúndio se encontra mais gramaticalizado do que *estar*+*a*+infinitivo – revela-se útil, como veremos, também para a interpretação dos dados evidenciados no próximo capítulo, que se centra na variação entre gerúndio e *a*+infinitivo nas perífrases verbais com *estar*.

4. A SELEÇÃO DE GERÚNDIO/A+INFINITIVO EM PERÍFRASES COM *ESTAR*: PISTAS DO PD E DO GALEGO

A variação entre gerúndio e *a*+infinitivo em contexto de perífrases aspetuais progressivas tem sido descrita, nas línguas românicas que – como o português – apresentam as duas estratégias, como variação geográfica e estilística (cf. Barroso 1994, Squartini 1998, Oliveira 2003, Segura 2013, Cunha 1998, 2013, Bockle 1980, Bertinetto 2000, entre outros). Tem-se defendido, portanto, uma equivalência interpretativa entre gerúndio e *a*+infinitivo. O seu estatuto equivalente é particularmente evidenciado em Casalicchio (2019): refere-se, a partir da observação da distribuição destas construções nas línguas românicas, que em contextos perifrásticos (e adverbiais) gerúndio e *a*+infinitivo coexistem, nessa família de línguas, em distribuição complementar.

Perante um cenário em que a literatura sugere que a variação, nas variedades em que se encontra atestada, aparenta ser livre e refletir uma mudança diacrónica,²⁴⁶ há questões que faz sentido colocar. A primeira é a questão mais óbvia: nas variedades em que as duas estruturas coexistem, trata-se, efetivamente, de variação livre? Existe motivação na seleção de uma estratégia em detrimento de outra? Será possível identificar, num mesmo contexto sintático, a presença de aspetos favorecedores de uma estrutura e não da outra? São as estruturas semanticamente equivalentes ou haverá sutilezas a nível interpretativo?

²⁴⁶ É frequente apontar-se o gerúndio como a estratégia mais conservadora neste contexto (sobretudo a partir dos trabalhos de Boléo 1974, Cunha 1996, Cunha e Cintra 1984) e, como já notei nesta tese, existem dados que mostram que, nas línguas românicas, a mudança tem sido no sentido de *a*+infinitivo substituir gerúndio (quer em contextos de perífrases progressivas, quer como complemento de verbos percetivos) – e nunca o contrário. Esta ideia é bem defendida em Casalicchio (2019), trabalho em que se consideram dados interlinguísticos e se conclui, a partir daí, que o gerúndio e o infinitivo preposicionado estão diacronicamente relacionados e o gerúndio evolui, nas línguas românicas, para *a*+infinitivo. Em Casalicchio e Migliori (2018) nota-se que em romeno e em francês o progressivo com gerúndio estava disponível apenas em estágios mais antigos da língua; em italiano, a possibilidade de alternância existe em algumas variedades (como o siciliano), sendo que noutras a única opção atual é *a*+infinitivo. Para o português, dados diacrónicos sugerem o mesmo percurso: no Português Antigo, gerúndio era a opção normal em construções progressivas com *ser*, *estar* e *andar* (e também em orações dependentes de verbos percetivos). Há registos de que *a*+infinitivo se torna particularmente frequente no século XIX-XX, data que tende a ser associada à consolidação da mudança (cf. Martins 2016a, Maler 1972, Hricsina 2014, entre outros), embora outros trabalhos registem ocorrências relevantes de *a*+infinitivo em momentos anteriores (cf. Osório e Diéguez 2018, Barbosa 1999, Mattos e Silva 2004). No entanto, conforme já referi nesta tese, a identificação clara de uma das estratégias como a mais conservadora não é uma questão pacífica. Mesmo em trabalhos que situam a mudança entre os séculos XIX e XX encontram-se referências à atestação de *a*+infinitivo em contextos perifrásticos em fases anteriores (cf. Hricsina 2014).

Assumo, com base na literatura disponível (cf. nota 246), que a variação entre gerúndio e *a*+infinitivo atestada no PD decorre de um processo natural de evolução diacrónica. Mas, mesmo assumindo que a variação espelha uma mudança diacrónica que culminará na substituição de gerúndio por *a*+infinitivo, é legítimo questionar se existem aspetos que explicam a ocorrência preferencial de uma das estruturas variantes dentro de um mesmo contexto sintático: neste caso, em perífrases com *estar*.

Na revisão de literatura apresentada no Capítulo 1 mencionei que, para o português, alguns trabalhos já têm manifestado uma preocupação no sentido de caracterizar a possibilidade de variação, seja a que se observa internamente ao PE (cf., sobretudo, Mothé 2007, 2014), seja a que opõe o PB ao PE (cf. Oliveira, Cunha e Gonçalves 2004, Mória e Viotti 2004). Para o espanhol, os trabalhos de Cacoullos (2000, 2012, entre outros), ao tentarem caracterizar a evolução diacrónica do progressivo dessa língua, também revelam um esforço no sentido de explicar o que pode promover ou desfavorecer a sua ocorrência.²⁴⁷

Percebe-se, da leitura do conjunto de trabalhos citados e já apresentados, que alguns aspetos se mostram particularmente relevantes para compreender a evolução de gerúndio em construções aspetuais, nomeadamente, aspetos semânticos: propriedades aspetuais do verbo principal da construção e questões relacionadas com uma tipologia semântica do verbo. Estes aspetos serão detalhadamente estudados neste capítulo e, como mostrarei, contribuem fortemente para a explicação da variação.

O objetivo deste capítulo é, pois, tentar dar resposta às perguntas elencadas acima. Para isso, na primeira parte do capítulo (cf. secção 4.1) caracterizo a variação observada no PD em perífrases com *estar*, com o foco nos dados relativos à área de coocorrência das duas estruturas. A ideia é perceber o que dizem os dados dialetais portugueses sobre a equivalência das duas estratégias e sobre o que poderá favorecer uma ou outra opção.

De modo a enriquecer a análise, na secção 4.2. serão considerados dados do galego, sempre com o objetivo de caracterizar a competição gerúndio vs. *a*+infinitivo nas perífrases com *estar*. Conforme se verificará, os dados do galego revelam-se essenciais

²⁴⁷ Relativamente ao italiano, embora o gerúndio seja a estratégia usada em construções progressivas do padrão, há registo de dialetos que permitem, nessas construções, alternância entre gerúndio e *a*+infinitivo (é o caso do siciliano); noutras variedades, como acontece com o dialeto de Castro dei Volsci, ocorre exclusivamente *a*+infinitivo (cf. Amenta 2010, Casalicchio e Migliori 2018, Squartini 1998). No entanto, e apesar da existência de inúmeros trabalhos sobre gerúndio e *a*+infinitivo para essa língua, desconheço estudos que caracterizem detalhadamente a competição gerúndio vs. *a*+infinitivo nas construções perifrásticas em que as duas estratégias coexistem.

para um melhor entendimento da variação entre *a+infinitivo* e gerúndio atestada nas duas línguas no contexto relevante.

O que fica particularmente evidente quando olhamos para *corpora* galegos e investigamos a variação aí existente é a relação entre o tipo semântico de verbo e a ocorrência de gerúndio ou de *a+infinitivo* nas perífrases com *estar* – o que me leva a considerar o tipo semântico de processo como um relevante fator a ter em conta no estudo da variação. Mas os dados do galego permitem, ainda, relacionar a distribuição de gerúndio e *a+infinitivo* com outras propriedades, nomeadamente com os traços aspetuais de duratividade e telicidade. Também o grau de fisicidade inerente ao verbo principal é capaz de influenciar, como mostrarei, a ocorrência de gerúndio ou *a+infinitivo*.

Após observar os dados do galego, voltarei, em 4.3., aos dados do CORDIAL-SIN. Aí apresento uma explicação para os contrastes observados entre o galego e o PD, terminando com uma síntese das conclusões passíveis de serem extraídas através da análise contrastiva realizada (cf. secção 4.4.). Concretamente, defendo que os resultados do galego e do PD relativamente à presença de aspetos linguísticos capazes de influenciar a variação são explicados pelo facto de as duas línguas se encontrarem em fases diferentes do processo de substituição de gerúndio por *a+infinitivo*. Neste capítulo, a variação será analisada de uma perspetiva sincrónica, mas o papel da diacronia para a sua compreensão ficará evidente.

Os dados que passarei a apresentar permitem retratar a situação do português e do galego, fortalecendo o conhecimento sobre a alternância entre gerúndio e *a+infinitivo* em perífrases com *estar*, mas contribuem, também, para a discussão sobre a evolução diacrónica do progressivo nas línguas românicas.

4.1. A variação na área de coocorrência do PD: um primeiro olhar

A alternância entre gerúndio e *a+infinitivo*, no CORDIAL-SIN, em perífrases introduzidas por *estar* foi já comentada em momentos anteriores da investigação (cf. Capítulo 2 desta segunda parte). Por conveniência, volto a fornecer os números que atestam a variação no contexto relevante:

	<i>a+infinitivo</i>		gerúndio	
	n.º de ocorrências	%	n.º de ocorrências	%
ESTAR	1062	77,6	306	22,4

Tabela 18: Variação entre gerúndio e *a+infinitivo* em perífrases com *estar* no CORDIAL-SIN

O Gráfico 20 ilustra, especificamente, a variação registada na área de coocorrência das duas estruturas. Nesta área, embora *a+infinitivo* permaneça a estratégia dominante, é visível a expressividade do gerúndio:

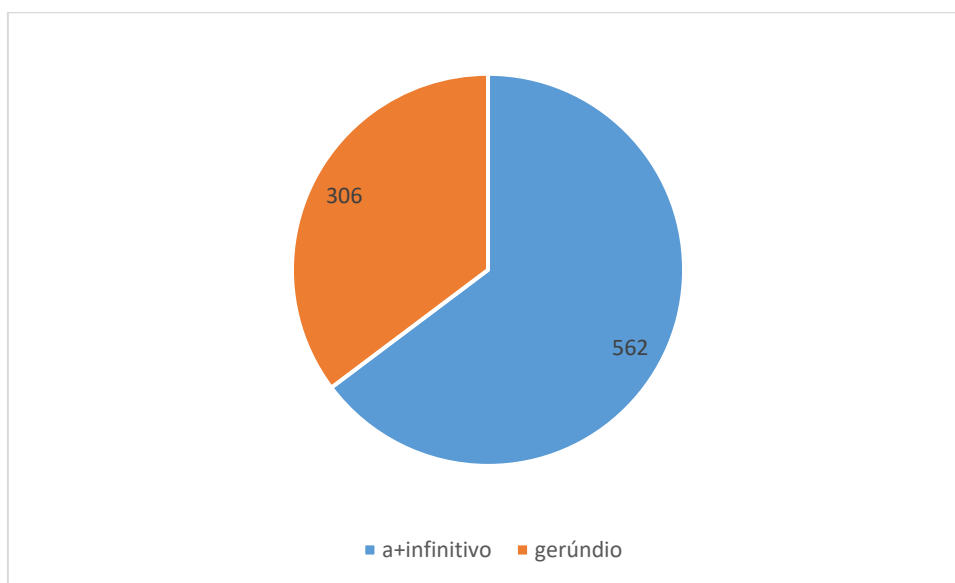


Gráfico 20: Variação entre gerúndio e *a+infinitivo* em perífrases com *estar* no CORDIAL-SIN, na área de coocorrência

Com base nas pistas do Capítulo 2 que sugeriam potenciais contrastes entre gerúndio e *a+infinitivo* relativamente a tendências de combinação aspetual, e tomando como válido o princípio de economia de linguagem que prediz que dificilmente duas estruturas terão total equivalência semântica, assumo que a variação em questão não representa um caso de variação livre. Perseguindo, pois, o objetivo de identificar os aspetos que podem favorecer a ocorrência de gerúndio ou *a+infinitivo* neste contexto

específico, vou começar por mostrar, tendo como ponto de partida os dados do CORDIAL-SIN, que os dados inspecionados sugerem, efetivamente, a existência de contrastes entre gerúndio e *a+infinitivo* relacionados com a classe aspetual do verbo principal da perífrase.

4.1.1.A classe aspetual do verbo principal

Contrastes a nível de combinação aspetual têm sido amplamente explorados e notados na literatura sobre perífrases aspetuais e marcadores aspetuais (cf. para o português, entre muitos outros, Cunha 1998, Oliveira 2003, Mateus 2003, Barroso 1994, 2007), pelo que é clara a necessidade de considerar contrastes desta natureza num estudo como o presente. No âmbito desta investigação, merece particular destaque o já mencionado trabalho de Oliveira, Cunha e Gonçalves (2004), por se mostrar que os contrastes entre PE e PB relativamente à ocorrência de gerúndio ou *a+infinitivo* podem ser explicados a partir de noções aspetuais. Defende-se, concretamente, a ideia de que a um ‘input’ estativo corresponderá a estratégia *a+infinitivo*, ao passo que a ‘inputs’ eventivos corresponderá a opção com gerúndio. Segundo os autores, é essa a explicação para a ocorrência preferencial, no PB, de *estar*, *andar* e *ficar* com gerúndio (dado o ‘input’ eventivo destas construções), de *começar* e *passar* com *a+infinitivo* (dado o seu ‘input’ estativo) e o que explica, também, a ocorrência das duas variantes com *continuar*, que aceita, segundo os mesmos autores, ‘inputs’ de natureza eventiva ou estativa. Ainda que, conforme referi no Capítulo 2 e como aqui ficará claro, as conclusões desse trabalho não sejam válidas para os nossos dados, pois não servem para retratar a variação interna do PE, constitui um forte argumento a favor da ideia de que a variação poderá ser explicada a partir de informação desta natureza.

Considerando os dados relativos à totalidade do território, observou-se anteriormente (cf., no Capítulo 2, a secção 2.2) que os dados revelam uma tendência idêntica no que toca a combinação aspetual: ocorrem essencialmente processos, seguidos de estados, e apenas raramente com pontos. Processos culminados e culminações estão relativamente bem representados com qualquer das variantes. No entanto, identificaram-se diferenças percentuais potencialmente relevantes. Comparativamente a *a+infinitivo*, e especificamente na construção com *estar*, a variante com gerúndio registou uma maior percentagem de combinação com predicados verbais classificados como estados (25,8%, contra 20,9%), registando também mais ocorrências de processos culminados (15,4%

contra 9,7% com *a*+infinitivo). Por outro lado, foi em combinação com *a*+infinitivo que as culminações se mostraram mais produtivas, ainda que não muito expressivamente (15,8% contra 12,1%). Embora as ocorrências de pontos tenham sido residuais com ambas as estratégias e, percentualmente, não se observem contrastes relevantes, é de notar, ainda assim, que houve apenas duas ocorrências de gerúndio com pontos (e 13 com *a*+infinitivo).

Porque estes números dizem respeito a todas as ocorrências de *estar+a*+infinitivo registadas no *corpus*, faz sentido observar a Tabela 19 e o Gráfico 21, em que se consideram apenas as ocorrências de *estar+a* infinitivo na área de gerúndio – e que, portanto, oferecem uma ideia do peso da classificação aspetual nas áreas em que as duas estruturas competem.

	gerúndio		<i>a</i> +infinitivo	
	n.º oc.	%	n.º oc.	%
estado	79	25,8	128	22,8
processo culminado	47	15,4	50	8,9
processo culminação	140	45,8	297	52,8
ponto	2	0,7	8	1,4

Tabela 19: Combinação aspetual com *estar*+gerúndio e *estar*+infinitivo na área de coocorrência do CORDIAL-SIN

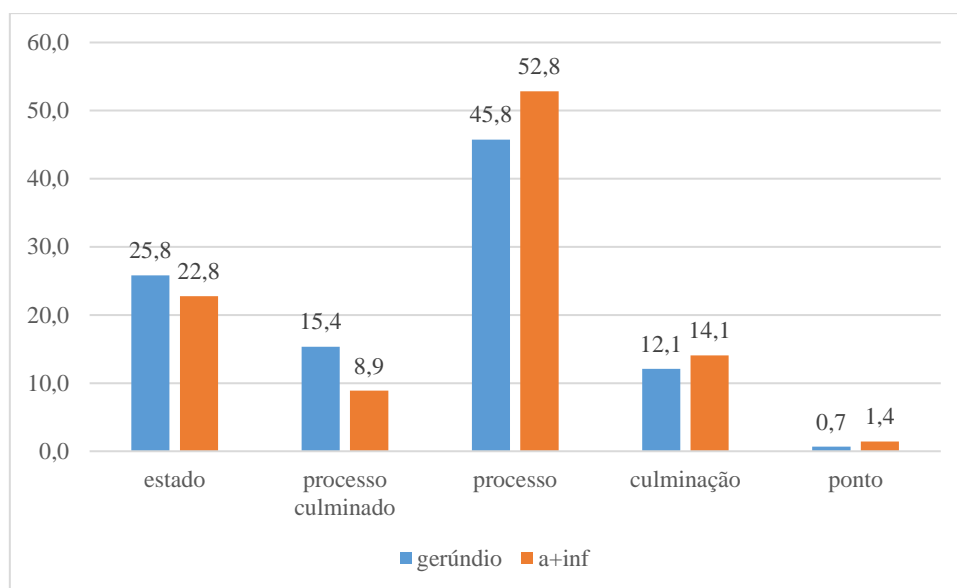


Gráfico 21: Combinação aspetual com *estar*+gerúndio e *estar*+infinitivo na área de coocorrência do CORDIAL-SIN (valores percentuais)

Estes dados merecem comentários. Em primeiro lugar, é notório que também os dados da área de coocorrência sugerem uma tendência idêntica, em ambas as estratégias, em termos de combinação aspetual. No entanto, observa-se que o gerúndio registou valores superiores aos de *a*+infinitivo com estados e processos culminados – predicados aspetualmente durativos – e, por outro lado, *a*+infinitivo manteve-se acima do gerúndio com culminações e pontos – predicados aspetualmente pontuais (e, como vemos, também com processos, que são aspetualmente durativos e que foram os mais produtivos com as duas estratégias).²⁴⁸

Ainda que estes potenciais contrastes nos sejam aqui sugeridos de forma ainda tímida, veremos ao longo deste capítulo – sobretudo quando nos focarmos em material proveniente de *corpora* galegos – que a oposição pontual vs. durativo é, efetivamente, útil para explicar a distribuição de gerúndio e *a*+infinitivo na construção em análise.

4.1.2. Tipo semântico de verbo

Os dados descritos anteriormente sugerem a possibilidade de a classe aspetual do predicado com que *estar* se combina ter influência na ocorrência de gerúndio ou *a*+infinitivo – um contraste que será explicitado e reforçado ao longo deste capítulo.

²⁴⁸ Os dados de *ficar* também apontam neste sentido, como já notei em capítulos anteriores. Sobre a distribuição de gerúndio e *a*+infinitivo em estruturas com *ficar* exclusivamente na área de coocorrência, verifica-se que os estados ocorrem sobretudo com gerúndio (5 ocorrências com gerúndio e apenas uma com *a*+infinitivo).

Com o objetivo de verificar se outros fatores linguísticos são capazes de explicar a variação, decidi considerar uma análise baseada no tipo lexical do verbo, i.e., uma análise a partir de uma tipologia semântica do verbo. A decisão de proceder a uma análise deste tipo é sustentada por resultados de trabalhos de outros autores, como por exemplo Mothé (2007, 2014), Laca (2002) e Torres Cacoullós (2000). Estudos de Laca (2002) sobre perífrases do italiano sugerem, ainda que sem aprofundar a questão, que, nessa língua, o tipo semântico de verbo poderá influenciar a escolha de uma variante em detrimento de outra. Torres Cacoullós (2000), num trabalho sobre a perífrase *estar+gerúndio* do espanhol, observa, por exemplo, que em textos dos séculos XIII-XV os verbos mais frequentes foram do tipo de dizer (*hablando, demandando, murmurando, razonando, cantando*). Em Mothé (2014), um estudo já referido neste trabalho, nota-se que, em perífrases aspetuais, processos mentais e relacionais são os que mais desfavorecem o uso de *a+infinitivo* em textos do século XX. Em Mothé (2007), por outro lado, apesar de não se provar claramente o peso do tipo semântico de verbo na escolha de uma das opções, refere-se que processos comportamentais, materiais e verbais parecem favorecer a ocorrência de *a+infinitivo* ao longo dos séculos XIX e XX, e aponta-se processos relacionais e existenciais como os mais desfavorecedores da estratégia. Também Squartini (1998: 133), citando Dietrich (1984: 143), menciona a possibilidade de, em português, a variação entre gerúndio e *a+infinitivo* assentar em contrastes de natureza semântica, embora Squartini assumira como válida essa hipótese apenas para descrever a variação atestada no PB. Também em Tavares e Freitag (2010), estudo sobre o uso dos conectores *e, aí, daí e então* e o uso do passado imperfeito em PB, se identificam tendências de distribuição relacionadas com propriedades semânticas do verbo.²⁴⁹ Campos, Rodrigues e Galembeck (1993), num estudo sobre o PB, explicam a oposição entre pretérito perfeito e pretérito imperfeito também a partir de contrastes desta natureza, associando a ocorrência de pretérito imperfeito a tipos semânticos de verbo específicos.

Parecendo uma descrição desta natureza tão promissora como necessária para a descrição dos meus dados, é neste assunto que me foco nas próximas páginas. Após uma

²⁴⁹ Discutem-se, de uma perspetiva funcionalista, várias propostas de classificação de tipos semânticos de verbos e avalia-se o papel de uma classificação deste tipo na escolha de conectores discursivos e de itens lexicais capazes de codificar aspeto imperfeito. Conclui-se que a distribuição dos conectores é visivelmente influenciada por traços semânticos e pragmáticos do verbo. Por exemplo, *e* predomina em contextos de traços semântico-pragmáticos verbais caracterizados como ‘genéricos’, de ‘existência’ e ‘estado’. No estudo da expressão de passado imperfeito, foi sobretudo o traço [+dinâmico] que se revelou significativo.

apresentação da proposta de Halliday (1994), que aqui seguirei, apresento os resultados obtidos quando a utilizo para descrever os dados do CORDIAL-SIN. Estenderei depois a análise a *corpora* galegos, cujos interessantes resultados serão apresentados noutra secção.

4.1.2.1. A proposta de Halliday (1994)

As propostas de análise que caracterizam os verbos a partir de uma distinção semântica deste tipo são muitas. Entre os vários autores que trabalham o tema (cf., entre outros, Neves 2000, Halliday 1994, Oiticica 1945), encontram-se propostas de classificação com maior ou menor grau de exaustividade. Após uma reflexão sobre qual das propostas existentes faria mais sentido seguir para a descrição dos meus dados, optei por seguir a proposta de Halliday (1994). Contrariamente a outras propostas, que poderiam ser ou demasiado exaustivas ou excessivamente redutoras, a de Halliday parece afinada o suficiente para dar conta dos dados, sem apresentar o risco de oferecer uma visão demasiado espartilhada dos mesmos e resultar numa análise inconclusiva.

No seu trabalho de referência sobre Gramática Funcional, Halliday (1994) dedica várias páginas à apresentação de uma tipologia de processos verbais a partir de noções semânticas, ou, mais exatamente, de domínios de experiência, que são interpretados, na gramática, através do sistema de transitividade. Nas palavras do autor, “[e]ach process type constitutes a distinct model or schema for construing a particular domain of experience as a figure of a particular kind” (Halliday e Matthiessen 2014: 213). Identificam-se seis tipos centrais de processos: materiais, mentais, verbais, comportamentais, relacionais e existenciais. O quadro abaixo, retirado de Halliday e Matthiessen (2014) – uma edição revista do trabalho relevante – , ilustra a divisão proposta pelo autor: listam-se os diferentes tipos de processo e fornecem-se exemplos para cada situação.

PROCESS TYPE	Example [Process + participants <u>underlined</u> ; Process in bold ; circumstances in <i>italics</i>]
material	<i>During the European scramble for Africa, <u>Nigeria</u> fell to the British.</i>
	and <u>the British</u> ruled <u>it</u> <i>until 1960</i>
behavioural	<u>people</u> are laughing .
mental	<u>The Ibos</u> did not approve of <u>kings</u> .
verbal	so <u>we</u> say → that every fourth African is a Nigerian
	Can you tell us <i>about the political and cultural make-up of Nigeria?</i>
relational	that <u>every fourth African</u> is <u>a Nigerian</u> .
existential	so <i>today there's</i> <u>Christianity</u> <i>in the south</i>

Figura 4: Tipos de processo segundo Halliday (1994) – retirado de Halliday e Matthiessen (2014: 214)

Os processos materiais – aqueles que tipicamente dominam a generalidade do discurso – são descritos por Halliday como processos do tipo de ‘doing&happening’ e definidos da seguinte forma:

a ‘material’ clause construes a quantum of change in the flow of events as taking place through some input of energy. (...) in ‘material’ clauses in general, the source of the energy bringing about the change is typically construed as a participant – the Actor.

Halliday e Matthiessen 2014: 224

Segundo Halliday, os processos materiais podem ser representados por verbos tradicionalmente descritos como transitivos ou intransitivos (e traços como os de agentivo ou volitivo são, nesta visão teórica, desconsiderados). Assim, as frases *the lion sprang* e *the lion caught the tourist*, em que ocorre um verbo intransitivo e um transitivo, respetivamente, são ambas consideradas pelo autor como processos materiais. A primeira ilustra processos de *happening* e a segunda de *doing*. Como característica dos processos materiais, o autor coloca o foco na obtenção de um resultado: “(...) brings about the unfolding of the process through time, leading to an outcome that is different from the initial phase of the unfolding” (cf. Halliday e Matthiessen 2014: 225-226).

Embora sejam descritos como pertencentes ao mundo físico, os processos materiais de Halliday não incluem, unicamente, ações concretas/materiais desse mundo físico (se bem que, em grande parte dos casos, seja isso que se verifique). Situações que denotam processos abstratos, como nos exemplos do autor *the girls’ school and the boys’*

school combined/were combined e *a new approach is evolving/is being evolved*, são também incluídos neste domínio. Sendo, portanto, bastante abrangentes, os processos materiais incluem vários subtipos de processos e abarcam diferentes classes de verbos (incluindo, como já notei, os que tipicamente são considerados transitivos ou intransitivos).²⁵⁰ Segundo o autor, perguntas como *o que fez x?* ou *o que aconteceu a X?* são testes que permitem identificar este tipo de processos.

Distinguem-se claramente dos materiais os processos mentais, que Halliday caracteriza como perceptivos, cognitivos, desiderativos ou emotivos, como nos exemplos *he saw the car, he knows the car, he wants the car* e *he loves the car/the car pleases him*, respetivamente. Nestes casos, temos tipicamente um experienciador (“senser”, nos termos de Halliday).

Defende-se a existência de um grupo que se caracteriza como processos relacionais. Diferentemente do que acontece com os materiais, mas similarmente ao que se verifica com os mentais, os processos relacionais desenrolam-se sem um ‘input’ de energia, ou seja, “clauses prototypically construe change as unfolding ‘inertly’” (cf. Halliday 1994: 260). Exemplos típicos de processos relacionais são *static location in space, static possession* e *static quality* (exemplos em (549), (550) e (551), respetivamente):²⁵¹

(549) *she’s in the dining room*

(550) *she has a mahogany dining table*

(551) *the bottle’s empty*

Aponta-se, para estas estruturas, o uso do presente como tempo verbal não marcado e nota-se que servem para caracterizar e identificar.²⁵²

²⁵⁰ Nos processos materiais incluem-se, por exemplo, verbos tipicamente considerados de mudança de estado (quer do tipo causativo ou agentivo), de movimento e de aparecimento.

²⁵¹ O autor nota, a propósito destas estruturas, a possibilidade de uma sobreposição entre processos mentais e relacionais em frases como “I was scared”. Nestes casos, indicadores como a estrutura da frase permitem, segundo o autor, uma classificação mais exata. Na análise dos meus dados, se o verbo principal de perífrases com *estar* é um verbo psicológico classificou-se como processo mental. Baseando-me na distinção feita por Halliday entre “he’s been frightened by a snake” (processo mental) e “he’s frightened/afraid of snakes” (processo relacional), considera-se que as estruturas perifrásticas que constituem objeto da análise favorecem mais uma leitura de processo mental do que relacional.

²⁵² Estruturas que genericamente corresponderão, em português, às construções tradicionalmente descritas como copulativas classificadoras (ou atributivas ou predicativas) e copulativas identificadoras. Os exemplos em (i) e (i) ilustram os exemplos do autor para processos de caracterização e identificação, respetivamente:

Relativamente ao grupo que designa como processos comportamentais, o autor observa que estes são os que mais dificilmente se distinguem: “[t]hey have no clearly defined characteristics of their own; rather, they are partly like the material and partly like the mental” (cf. Halliday e Matthiessen 2014: 301). A dificuldade em identificar claramente este tipo de processos é bem visível no quadro síntese em que o autor apresenta exemplos típicos de verbos deste tipo: uma parte desses exemplos são aproximados de processos mentais, outros de verbais e outros ainda de materiais, sendo que apenas os processos fisiológicos surgem como exclusivamente comportamentais.²⁵³

(i)	[near mental]	processes of consciousness represented as forms of behaviour	look, watch, stare, listen, think, worry, dream
(ii)	[near verbal]	verbal processes as forms of behaviour	chatter, grumble, talk, gossip, argue, murmur, mouth
(iii)		physiological processes manifesting states of consciousness	cry, laugh, smile, frown, sigh, sob, snarl, hiss, whine, nod
(iv)		other physiological processes	breathe, sneeze, cough, hiccup, burp, vomit, faint, shit, yawn, sleep
(v)	[near material]	bodily postures and pastimes	sing, dance, lie (down), sit (up, down)

Figura 5: Processos comportamentais de Halliday (1994) – de Halliday e Matthiessen 2014: 302

A tipologia de Halliday postula ainda a existência de processos do tipo de *dizer*, caracterizados como processos verbais. É *dizer* o verbo que, tipicamente, introduz estas estruturas, mas uma série de outros verbos são também incluídos neste conjunto (entre outros, *contar, falar, perguntar, criticar, avisar, discutir, prometer, convencer, ...*).

Sobre os processos que designa como existenciais, refere Halliday que correspondem aos que têm sido descritos como ‘presentative’ ou ‘presentational’.²⁵⁴ Trata-se de estruturas que não são as mais frequentes no discurso e que, em inglês, tipicamente são introduzidas por *there is/are*, como no exemplo do autor *in the church there is a fine collection of Celtic crosses*.

-
- (i) One quarter of the entire population of Africa **is** in Nigeria, so we say that every fourth African **is** a Nigerian.
 - (ii) The three major groups in the nation **are** the Yoruba in the southwest, the Ibo in the southeast, and the Hausa, finally, in the north.

²⁵³ Por essa razão, e pela inexistência de testes claros que permitam a sua identificação, na classificação dos meus dados apenas incluí nesta categoria processos fisiológicos do tipo de *rir, sorrir, tossir e dormir* (processos fisiológicos corporais), os únicos que, na proposta de Halliday, surgem com algum grau de autonomia, não sendo aproximados a outros tipos de processo. No entanto, a existência de zonas de fronteira foi tida em conta e será comentada a propósito da descrição dos dados.

²⁵⁴ Na linha de autores como Hetzron (1975) e Downing (1990).

Faz-se ainda referência, no mesmo trabalho, a um tipo de categoria que se considera estar entre os processos existenciais e os materiais: processos meteorológicos. Dão-se como exemplo frases como *it's raining* e *the wind's blowing*. Por poderem ser construídos de forma estruturalmente distinta, nomeadamente de forma material (*o vento está a soprar*), existencial (*há uma tempestade*), relacional (*está frio*) ou sem participantes (*está a chover*), não são considerados por Halliday como uma categoria individual. Na classificação dos nossos dados, por achar relevante dar conta da existência de um grupo específico, e semanticamente distinto, relacionado com processos meteorológicos – e porque procuro, ao seguir a classificação de Halliday, apurar contrastes relacionados com diferentes domínios de experiência – optou-se por considerar a categoria processos meteorológicos e usá-la na classificação. Ainda que perífrases como *está a nevar* e perífrases como *a neve está a cair* sejam estruturalmente diferentes, considero que correspondem ao mesmo domínio de experiência (e, no CORDIAL-SIN, as ocorrências identificadas correspondem, quase na totalidade, a estruturas impessoais: uniformizou-se a classificação dessas construções, que foram consideradas como processos meteorológicos).

Nesta proposta, a distinção entre os diferentes tipos de processos assenta na ideia de que não há uma fronteira clara entre os domínios de experiência. Pelo contrário, esses domínios cruzam-se: cada domínio apresenta áreas centrais, que representam exemplos prototípicos de cada processo, mas a transição para outros domínios faz-se de forma contínua, em que as zonas de fronteira constituem domínios de experiência vistos como áreas difusas. A seguinte imagem representa esta visão:



Figura 6: Domínios de experiência (de Halliday e Matthiessen 2014: 216)

4.1.2.2. Os dados do CORDIAL-SIN

Como referido anteriormente, a tipologia de processos proposta por Halliday (1994), que se acaba de descrever, foi a que tive por base para a classificação dos dados. Apresento de seguida alguns exemplos, identificados no *corpus* dialetal português, de cada uma das categorias de Halliday.

Existenciais²⁵⁵

(552) O meu pai tinha uma casa que – eu **estive** lá **a morar** até uns tempos, já depois de estar casado – as terras eram todas em volta da casa. CLH

(553) Sim, lá onde a senhora nasceu ou onde **estão a viver** não será assim. CTL

Materiais

(554) Elas **estão pastando**. MIG

²⁵⁵ Não surpreendentemente – já que, como nota Halliday, estes processos são pouco frequentes numa situação discursiva, representando cerca de 3% a 4% da totalidade de processos – não se encontraram ocorrências no CORDIAL-SIN de processos existenciais com os típicos verbos existenciais como *haver* e *existir*, equivalentes em português das construções com *there is/are* do inglês, apontadas por Halliday como exemplo dos processos existenciais. Apenas os verbos *morar* e *viver* (que podem ser designados como existenciais locativos) foram classificados como existenciais.

(555) Convém mais tapar que **estar** lá a **cavar** ao pé. MTV

(556) Aí a gente agora nesta altura que a laranjeira **está a 'desemborralhar'**, quer dizer, **está a abrir** a flor, era às vezes um barulho. MTV

Nos processos materiais foram, pois, incluídos diferentes tipos de situações, como atestam os exemplos e em linha com o que propõe Halliday (1994). Os dois primeiros exemplos – os mais paradigmáticos deste tipo de estrutura – são construções transitivas que incluem um participante com o papel temático de agente.²⁵⁶ Em (556) vemos um exemplo de processos materiais em que ocorrem verbos intransitivos (*desemborralhar* e *abrir*).²⁵⁷

Relacionais

(557) Pois, aqui, é isto que **está** aqui, que ainda **estava a faltar** esta. MTM

(558) E as meninas estão capazes de **estar a parecer** mal também?! MTV

(559) E se o vento for daqui e o sol **está dando** por lá, que **está** de abrigo, aqui **está** soalheiro. CRV

Comportamentais

(560) Pegou nos sapatinhos - eles **estavam dormindo** - e pôs no mesmo sítio. LUZ

(561) E em o moço abalando, a gente **estava-se a rir**, e ele dizia: AJT

Mentais

Foram considerados como processos mentais exemplos com verbos que surgem nesse trabalho designados como cognitivos (cf. (562)), perceptivos (cf. (563)), volitivos (cf. (564)) e de emoção (cf. (565)).²⁵⁸

²⁵⁶ *Actor*, na terminologia de Halliday (1994).

²⁵⁷ Sublinho que verbos de aparição (como *aparecer, surgir*), desaparecimento (*desaparecer, sumir-se*), de acontecimento (como *acontecer, ocorrer* e *passar-se*) foram classificados como processos materiais, em linha com a proposta de Halliday. Como já expliquei, o autor inclui nos processos materiais diferentes tipos de situações, incluindo processos que denotam criação (e aqui inclui os intransitivos *appear, emerge, happen, take place*) e transformação (neste caso a lista é longa, e inclui verbos como *burn, slice, compress, flatten, age, shine...*). Há, por vezes, uma proximidade forte entre processos existenciais e materiais (e, consequentemente, dificuldade em distinguir uns de outros), notada pelo autor: “And here the ‘existential’ merges into the ‘material’ type of clause: there is little difference in meaning between ‘existential’ there was a robbery and ‘material: creative’ a robbery took place” (cf. Halliday e Matthiessen 2014: 309). Como expliquei na nota anterior, nos dados do CORDIAL-SIN apenas *morar* e *viver* constituem exemplos de processos existenciais.

²⁵⁸ Incluí no grupo dos processos mentais frases com verbos psicológicos em que se identifica um argumento experienciador, independentemente da sua posição na frase. Assim, foram considerados processos mentais tanto exemplos como verbos psicológicos do tipo de *desejar*, em que o experienciador é

- (562) Não, a gente quando quer fazer os torresmos de vinho, punha vinho em vez de água, **está compreendendo**? CRV
- (563) Para dar sinal à lancha, ou chamar o bote da companhia ou outro bote, para a gente dar o sinal que a **está vendo**. PIC
- (564) Já **estava a querer** namorar com um francês e eu não gostava daquilo. EXB
- (565) Olha, **estão** agora aí a **chatear** tanto a gente! FIG

Verbais

- (566) Está aqui uma mulher, além no largo, que ainda agora quando você **estava falando** ali comigo, estava ali o marido agachado. AJT
- (567) E depois quando um dia que a minha mãe lá foi e **esteve-lhe contando** a história. CPT
- (568) Lá foi cumprimentá-lo, lá **estiveram a conversar**, mas nós não fomos. GRJ

Meteorológicos

- (569) Quando **está a trovejar** muito, nós fazemos e pomos isto nas brasas. FIG
- (570) Agora **está a chover**, ela vem para aqui, não vai para outro lado. MTM
- (571) **Está a cair neve**! ALV

Ainda que a generalidade da classificação não tenha sido problemática, sublinho que, no processo de análise de dados com base nesta proposta, algumas decisões foram tomadas – decisões essas que já foram comentadas e explicitadas. A necessidade de tomada de decisão decorreu da constatação de que, como sublinha Halliday, um mesmo verbo pode ser caracterizado como pertencente a distintas categorias e que, em várias situações, as construções se encontram como que a meio caminho entre diferentes tipos de processos.

Relativamente aos processos caracterizados como comportamentais – grupo que, como referi, segundo o autor é o que menos se distingue dos restantes – lembro que, num esforço de coerência e de simplificação – e sobretudo de forma a evitar divergências de classificação dos dados com base em decisões que podiam ser demasiado questionáveis – apenas foram considerados processos comportamentais aqueles que inequivocamente

apresentado na posição de sujeito, como exemplos com verbos do tipo de *preocupar* e *chatear*, em que o experienciador surge na posição de objeto e, na posição típica de sujeito, apresenta-se o causador.

se distinguem das outras categorias, ou seja, processos fisiológicos e estados de consciência (do tipo de *tossir, rir, chorar, respirar, dormir e sonhar*).²⁵⁹

Assim, neste aspeto, não me alinho totalmente com a proposta do autor, que inclui neste grupo também verbos que considera próximos dos materiais (*cantar, dançar*), verbos próximos dos mentais (*pensar, sonhar, olhar*), e ainda próximos dos verbais (*murmurar, falar, discutir*). O autor admite ainda a inclusão, neste mesmo grupo, do que designa como processos comportamentais psicológicos do tipo de *preocupar-se* (cf. Figura 5, acima).

De qualquer forma, estas nuances são relevantes e, como veremos, pertinentes para a caracterização dos dados. Voltarei, pois, a esta discussão em breve.

De resto, e antes de passarmos à observação dos resultados, importa notar que a classificação efetuada segue apenas uma de muitas propostas que se poderia seguir e é, certamente, discutível. Na análise dos meus dados, a classificação, em alguns momentos, pareceu insuficiente ou passível de ser afinada, mas em todo o processo tentei ser tão consistente quanto possível.²⁶⁰ Em todo o caso, não é meu objetivo estabelecer uma análise afinada de processos verbais; é, antes, descrever e dar conta de contrastes nos nossos dados, e nesse sentido a proposta assume-se como relevante.

A observação dos dados de *estar* relativos à totalidade do território (cf. Tabela 20 e Gráfico 22) revela que há, com gerúndio e *a+infinitivo*, um domínio de processos materiais, seguido de mentais e verbais. Com *a+infinitivo*, todas as classes estão representadas. Com gerúndio, processos meteorológicos não ocorrem e processos comportamentais e existenciais surgem apenas parcamente representados. Neste aspeto, chama a atenção o facto de, com gerúndio, se ter registado apenas um processo comportamental, contra 42 ocorrências com *a+infinitivo* – o que me leva a pensar num possível favorecimento de *a+infinitivo* com este tipo de processos.

²⁵⁹ Assim, processos como *cantar* e *dançar* foram classificados como materiais e *pensar, olhar* ou *ouvir* como mentais. No que toca, especificamente, a verbos do tipo psicológico, considero que a sua inclusão no grupo dos processos comportamentais seria uma tarefa particularmente complexa que poderia resultar numa distinção pouco fundamentada, e não necessariamente acertada ou pertinente para o propósito deste trabalho. Por haver na proposta de Halliday (1994) uma categoria referente a processos mentais, em que o autor inclui exemplos como *to know* ou *to love*, e por ser comum considerar-se na classe de verbos mentais verbos de percepção, cognição e emoção, todos os verbos psicológicos foram inseridos nesta categoria – mais uma vez, num esforço, simultaneamente, de coerência e simplificação.

²⁶⁰ Assume-se que um potencial ponto crítico poderá ser o facto de Halliday considerar, no conjunto dos processos materiais, estruturas muito diferenciadas, tanto sintática como semanticamente, acabando por abarcar sob a mesma designação verbos e situações consideravelmente distintas.

	<i>a+infinitivo</i>		<i>gerúndio</i>	
	n.º oc	%	n. oc.	%
COMPORTAMENTAL	42	4,0	1	0,3
MATERIAL	585	55,1	173	56,5
MENTAL	233	21,9	81	26,5
METEOROLÓGICO	18	1,7	0	0,0
RELACIONAL	22	2,1	6	2,0
VERBAL	154	14,5	42	13,7
EXISTENCIAL	8	0,8	3	1,0

Tabela 20: Tipo de processo em perífrases com *estar+gerúndio* e *estar+a+infinitivo* no CORDIAL-SIN – totalidade do território

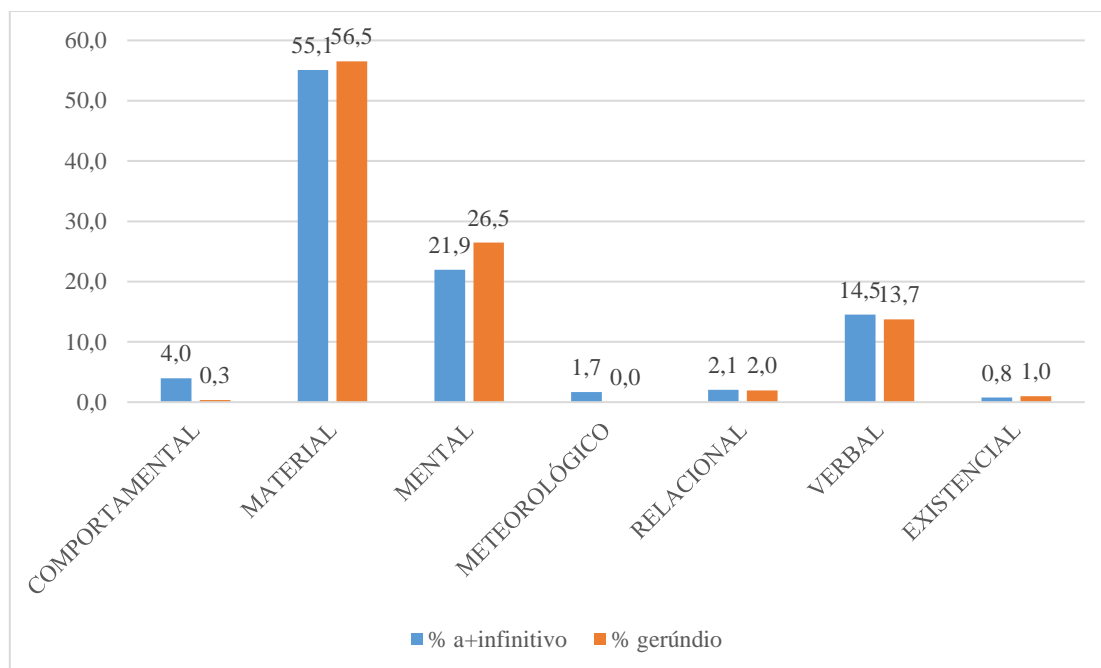


Gráfico 22: Tipo de processo em perífrases com *estar+gerúndio* e *estar+a+infinitivo* no CORDIAL-SIN, na totalidade do território – valores percentuais

A ausência ou fraca representatividade de alguns processos com gerúndio pode, no entanto, ser estatisticamente previsível (se considerarmos que a dimensão da amostra de gerúndio é mais reduzida e que as classes menos representadas nesta variante são, também, as menos produtivas com *estar+a+infinitivo*, que aliás constituem os tipos de processo menos frequentes numa situação de fala). Pelo contrário, os processos materiais são apontados por Halliday (1994) como os mais frequentes no discurso (e ao conjunto

dos processos materiais corresponde um número vastíssimo de verbos), o que justifica os números obtidos. Os valores expostos poderão, assim, ser considerados não surpreendentes e será possível falar de uma tendência similar apresentada pelas duas variantes (bem visível no Gráfico 22).

Falta, contudo, observar os dados relativos à área em que as duas variantes coocorrem, que mostram uma situação semelhante à observada acima. Os valores percentuais expõem números muito próximos para as duas variantes.

	a+infinitivo		gerúndio	
	n.º oc	%	n. oc.	%
COMPORTAMENTAL	12	2,1	1	0,3
MATERIAL	310	55,2	173	56,5
MENTAL	135	24,0	81	26,5
METEOROLÓGICO	6	1,1	0	0,0
RELACIONAL	16	2,8	6	2,0
VERBAL	82	14,6	42	13,7
EXISTENCIAL	1	0,2	3	1,0

Tabela 21: Tipo de processo em perífrases com *estar*+gerúndio e *estar*+a+infinitivo no CORDIAL-SIN – área de coocorrência

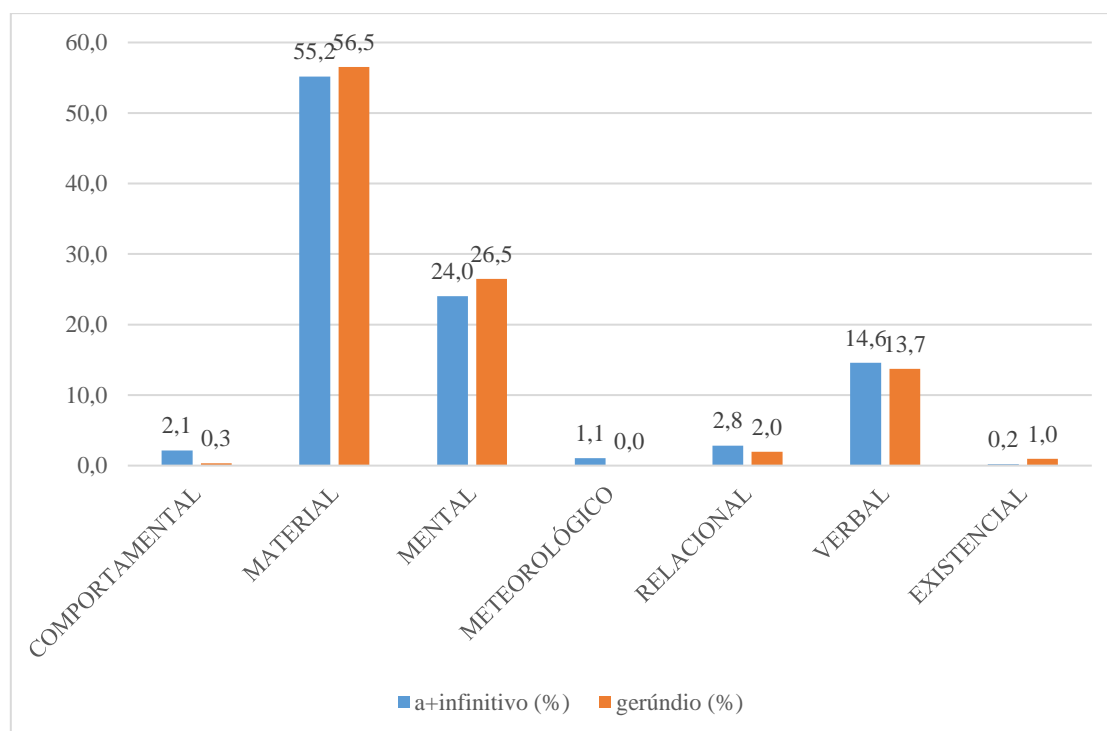


Gráfico 23: Tipo de processo em perífrases com *estar*+gerúndio e *estar*+*a*+infinitivo no CORDIAL-SIN, na área de coocorrência – valores percentuais

Perante este cenário, é legítimo avançar que ambas as variantes se parecem combinar acima de tudo (e ainda que com valores absolutos diferentes, nas mesmas proporções) com processos materiais, mentais e verbais. Sendo uma situação idêntica à observada quando se consideram os dados relativos à totalidade do território, nota-se que na área de coocorrência os contrastes são mais esbatidos. A observação que fiz atrás relativamente a um possível favorecimento de *a*+infinitivo com processos comportamentais pode parecer ousada perante estes dados, já que, agora, o contraste não é tão evidente; no entanto, noto que a diferença percentual (de 1.8%) é a mais elevada que se regista nos contextos em que *a*+infinitivo se sobrepôs a gerúndio, e pode ser significativa num cenário geral de valores percentuais tão idênticos. Veremos, adiante, que os dados de *corpora* galegos revelam que no grupo dos processos comportamentais há, efetivamente, interessantes situações a observar a respeito da variação. Destaco, também, que é com processos mentais que as duas estratégias exibem valores menos próximos, sendo, neste grupo, o gerúndio a estratégia mais produtiva. Também sobre este ponto será interessante ver o que dizem os dados quando alargamos a análise a outros *corpora* e a outra língua.

O que os dados do CORDIAL-SIN nos mostram, até este ponto, são, essencialmente, pistas que parecem sugerir contrastes, mas os dados são insuficientes

para extrairmos conclusões sólidas. Relembro que, relativamente à classe aspetual do predicado do verbo principal, chamou a atenção o domínio de gerúndio com estados e observei que esta estratégia foi ligeiramente superior a *a+infinitivo* com predicados durativos, ao passo que com eventos pontuais foi *a+infinitivo* a estratégia mais usada (ainda que a diferença percentual seja baixa). Da análise por tipo semântico de verbo, que exhibe tendências de combinação muito próximas entre as duas estratégias (similarmente ao que mostrou a análise por classe aspetual do predicado base), salientei o possível favorecimento de gerúndio com processos mentais e de *a+infinitivo* com processos comportamentais. Nas próximas secções, considero dados do galego com o objetivo de trazer mais luz às questões agora levantadas. Confirmar-se-á que, na escolha de uma das estratégias, há, efetivamente, contrastes relacionados com o traço semântico de duratividade, que uma análise por tipo semântico de verbo revela contrastes claros nos dados do galego e que, para explicar a variação em estudo, devem ser tidos em conta ainda outros aspetos linguísticos.

4.2. Aspetos linguísticos que explicam a variação

Nesta parte do trabalho, vou então apresentar o conjunto de aspectos que contribuem para a caracterização da variação entre gerúndio e *a+infinitivo*, nas perífrases introduzidas por *estar*, no PD e no galego – língua em que está atestado o tipo de variação que me ocupa.²⁶¹ Na primeira parte da exposição, comentarei dados provenientes de *corpora* galegos no sentido de evidenciar que os contrastes identificados entre gerúndio e *a+infinitivo* são amplamente explicados se a análise tiver em conta aspetos como o tipo semântico de verbo, a duratividade e a telicidade inerentes ao verbo principal. Mostrarei também que conclusões se podem extrair quanto ao papel da sintaxe do verbo na seleção de uma das variantes. Posteriormente, à luz das ideias que se mostraram relevantes com essa análise,

²⁶¹ Sobre *estar+gerúndio* e *estar+a+infinitivo* no galego veja-se, entre outros, Álvarez e Xove (2002). Vale a pena notar, especificamente sobre *estar+a+infinitivo* do galego, que se tem defendido na literatura a existência de duas perífrases distintas: distingue-se *estar+a+infinitivo* de valor durativo, equivalente a *estar+gerúndio*, e *estar+a+infinitivo* de valor iminencial, que alterna com *estar para* (cf. Álvarez e Xove 2002: 339). Nesta tese, no entanto, os dados não foram analisados partindo do pressuposto de que se trata de duas perífrases distintas: assumo, com base na literatura existente sobre o progressivo, que no galego existe a possibilidade de se atribuir um valor iminencial a *estar+a+infinitivo* – tal como acontece em português – mas que o valor iminencial decorre de um processo de recategorização aspetual, em linha com o que defendem Moens e Steedman (1988: 18-19): segundo os autores, quando o verbo principal da construção progressiva é uma culminação, atribui-se ao evento um processo preparatório, dando-se uma reinterpretação aspetual, pelo que fica disponível, nestes casos, um valor temporal de posterioridade que tem sido classificado, na senda destes autores, como futuro iminente. No entanto, em trabalhos futuros que continuem a estudar a variação aqui tratada, valerá, certamente, a pena explorar a distinção entre *estar+a+infinitivo* durativo vs. iminencial do galego.

lançarei um novo olhar sobre os dados do CORDIAL-SIN, com o objetivo de perceber em que medida as conclusões mais relevantes obtidas para o galego permanecem válidas quando analisamos dados do PD.

4.2.1.A evidência do galego

Os dados inspecionados nesta secção são maioritariamente provenientes do *Corpus de Referencia do Galego Actual* (CORGA), na sua versão 3.2. Trata-se de um *corpus* de 40,2 milhões de palavras, composto por textos orais e escritos que cronologicamente se situam desde 1975 até à atualidade, e que pretende ser representativo do galego atual. Os textos são provenientes de jornais, revistas, livros, guiões televisivos e blogues; incluem-se, também, transcrições sonoras, nomeadamente de programas de rádio. Em momentos específicos da investigação, para avaliar a solidez das minhas hipóteses, cruzei o material do CORGA com dados provenientes de outro *corpus*, que então apresentarei.

4.2.1.1. Tipo semântico de verbo

Após os resultados do CORDIAL-SIN, que deixaram alguma incerteza e curiosidade relativamente ao papel do tipo semântico de verbo na competição gerúndio vs. *a*+infinitivo, começarei por investigar os dados do galego relativamente a este aspeto. De modo a evidenciar as conclusões relevantes o mais claramente possível, foram feitas duas análises diferentes (ambas com material proveniente do CORGA), que passo a apresentar.

Análise 1

A primeira análise consistiu, à semelhança do que fiz para o CORDIAL-SIN, em avaliar de que forma o verbo *estar* do galego se associa, com cada variante, aos diferentes tipos de processo (apoiando-me na tipologia de Halliday 1994 já apresentada). Procedi então a um levantamento de dados nesse sentido.²⁶²

²⁶² Porque se trata de um *corpus* extenso, e de modo a reunir um conjunto de dados analisável no âmbito deste trabalho, procuraram-se apenas ocorrências em contexto de adjacência. Uma vez que as sequências introduzidas por *estar* se revelaram extremamente produtivas no CORGA e muito dificilmente analisáveis dentro desta investigação (uma busca na totalidade do *corpus* por “est* a *r” devolveu 14.364 resultados e por “est* *ndo” devolveu 20.385 ocorrências), optou-se por restringir a pesquisa a um período de 10 anos, tendo sido investigadas as ocorrências entre 1975 e 1985 (uma das razões pelas quais se optou por este intervalo foi o facto de se tratar de um período também considerado no CORDIAL-SIN). As frases foram, depois, analisadas, tendo sido considerados apenas os contextos relevantes.

Os resultados desta primeira análise são expostos na Tabela 22 e no Gráfico 24.

	a+infinitivo	gerúndio
COMPORTAMENTAL	14	18
MATERIAL	448	457
MENTAL	66	102
RELACIONAL	15	24
VERBAL	104	70
EXISTENCIAL	14	8
METEOROLÓGICO	0	2
total	661	681

Tabela 22: Tipo de processo em perífrases com *estar*+gerúndio e *estar*+a+infinitivo no galego (CORGA) – valores absolutos

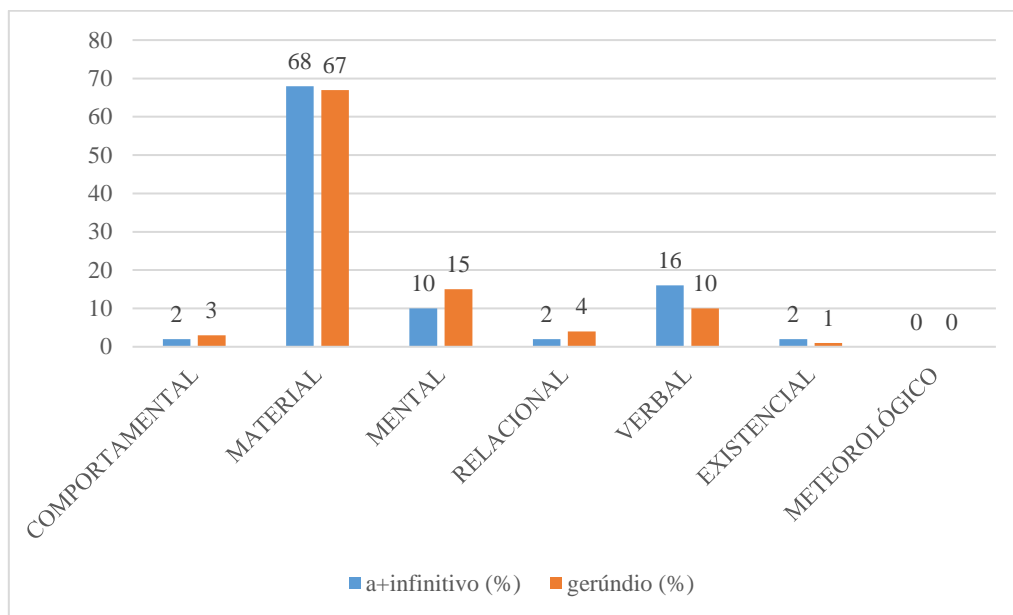


Gráfico 24: Tipo de processo em perífrases com *estar*+gerúndio e *estar*+a+infinitivo no galego (CORGA) – valores percentuais

As conclusões a que chegamos com a observação deste primeiro conjunto de dados do galego estão em linha com os dados do CORDIAL-SIN, sugerindo realidades próximas nas duas variedades, mas mostrando contrastes mais vincados nos dados do galego.

Os tipos de processo mais produtivos continuam a ser, com as duas estruturas, os materiais, os mentais e os verbais e, tal como os dados dialetais portugueses pareciam

querer sugerir, se com processos materiais as duas estratégias se distribuem de forma muito equilibrada, com processos mentais é o gerúndio a estratégia mais produtiva e com processos verbais é *a+infinitivo*. No que diz respeito ao possível contraste no grupo dos processos comportamentais, aspeto que esperávamos que os dados do galego viessem esclarecer, não se identifica, neste ponto, nenhum contraste relevante. Os dados que apresento na próxima análise já serão, no entanto, mais conclusivos quanto à forma como o gerúndio e *a+infinitivo* se distribuem no universo de processos comportamentais – além de reforçarem ainda mais que o tipo de processo é um aspeto que nitidamente influencia a variação.²⁶³

Impõe-se, assim, uma análise ainda mais afinada, que permita responder pelo menos às seguintes perguntas: Como explicar o domínio do gerúndio com processos mentais e a prevalência de *a+infinitivo* com processos verbais? Por outro lado, verificando-se que há, no entanto, ocorrências de *a+infinitivo* com processos mentais e de gerúndio com processos verbais, será possível explicá-las? Dito de outra forma, que tipos de processos mentais são os que ocorrem com *a+infinitivo* e que tipos de processos verbais são os que ocorrem com o gerúndio? E é possível explicar a distribuição de gerúndio e *a+infinitivo* dentro dos processos comportamentais?

De forma a dar resposta para estas perguntas decidi voltar a olhar para os dados do CORGA, agora de outra perspetiva. É esse segundo conjunto de dados que passo a apresentar.

Análise 2

A extensão do CORGA permitiu, ainda na tentativa de explorar contrastes entre *a+infinitivo* e gerúndio relativamente à sua ocorrência com diferentes tipos de processo e com o objetivo específico de encontrar resposta para as perguntas atrás elencadas, olhar para os dados de uma outra forma. Esta análise contribuirá, como anunciei, não só para explicitar o papel do tipo semântico de verbo na variação mas também para identificar outros aspetos que também parecem influenciá-la.

²⁶³ Também os dados relativos à ocorrência de gerúndio e *a+infinitivo* com *ficar* e *quedar(se)* no CORGA sugerem contrastes claros relacionados com o tipo de processo, sendo evidente o favorecimento do gerúndio com processos mentais (que representam 58% dos processos registados com *quedar(se)+gerúndio* e 49% dos processos que ocorrem com *ficar+gerúndio*; por outro lado, os processos mentais apenas representam 16% dos processos de *quedar(se)+a+infinitivo* e 38% de *ficar+a+infinitivo*). Adicionalmente, verifica-se que é *a+infinitivo* a estratégia favorecida com processos comportamentais: estes processos representam 26% e 25% dos processos registados com *quedar(se)+a+infinitivo* e *ficar+a+infinitivo*, respetivamente; mas *quedar(se)+gerúndio* apenas regista 2% de processos comportamentais e *ficar+gerúndio* exhibe 6% destes processos.

Com base nos contrastes atrás identificados, decidi seleccionar um conjunto de verbos representativos dos tipos de processo que se mostraram mais relevantes na competição gerúndio/*a*+infinitivo e analisar a frequência de ocorrência de cada um, com cada variante. O objetivo é, por um lado, perceber o que acrescenta este conjunto de dados às conclusões relativamente ao papel do tipo semântico de verbo que foram apresentadas nos parágrafos acima e, por outro lado, perceber como verbos diferentes (mas pertencentes a um mesmo tipo semântico) se distribuem pelas duas variantes. Considero, nesta análise, a totalidade de ocorrências com *estar* do CORGA (lembro que, conforme esclareci na nota 262, no primeiro conjunto de dados as ocorrências com *estar* foram restringidas a um período de 10 anos). Espero, assim, que algumas conclusões se tornem mais evidentes num conjunto de dados mais expressivo (ainda que circunscrito a uma lista de verbos específica).

Centrei a análise na competição com processos materiais, mentais, comportamentais e verbais, os tipos de processo que se mostraram um contexto relevante para a variação. Deixo de fora os processos existenciais, relacionais e meteorológicos (que se mostraram menos produtivos no *corpus* e, como tal, seria difícil obter números suficientemente expressivos para estudar a variação com o foco na frequência de uso, como pretendo fazer agora). Os verbos investigados, meros exemplos tidos como representativos dos tipos de processo a investigar, são os que apresento na Tabela 23.

mentais	materiais	comportamentais	verbais
ollar	traballar	soñar	dicer/decir
ver	comer	dormir/durmir	falar
pensar	correr	chorar	preguntar/perguntar
mirar	bailar	rir	responder
ouvir/oír	danzar	sorrir	referir
escoitar	cantar	tremer	explicar
entender	facer		comentar
comprender	chegar		contar
gustar	morrer		parolar
meditar	acabar		conversar
imaxinar	escribir		
sentir	nacer		
querer	xogar		
cismar			
percibir			

Tabela 23: Lista de verbos investigados, representativos de processos mentais, materiais, comportamentais e verbais do galego

O número de verbos considerado para cada grupo (ou seja, para cada tipo de processo) é variável (por exemplo, foram testados menos verbos do tipo comportamental). Essa situação espelha a realidade linguística: deve-se ao facto de, efetivamente, haver discrepâncias no que toca à quantidade de exemplos que podem ser considerados em cada tipo de processo. Por outro lado, tentou-se reunir para cada grupo exemplos que fossem também representativos de diferentes propriedades sintático-semânticas inerentes ao verbo, i.e., tentei que, tanto quanto possível, cada grupo contivesse verbos aspetualmente diferentes (por exemplo, télicos e atélicos) e com diferentes propriedades sintáticas (por exemplo, transitivos e intransitivos). O objetivo foi evitar que os resultados fossem enviesados devido à falta de controlo dessas variáveis.

Pelo facto de no grupo dos processos mentais caberem diferentes (sub)tipos de verbos cujo comportamento queria investigar, a decisão de incluir verbos percetivos (como *ver*, *mirar*, *escoitar*), verbos cognitivos (como *pensar*, *entender* e *comprender*) e ainda volitivos (como *querer*) foi, naturalmente, deliberada.

Uma primeira observação dos dados (cf. Figura 7) mostra que o domínio do gerúndio sobre *a+infinitivo* é bem visível em quase todas as situações, mas particularmente com os processos mentais e comportamentais, sendo a distribuição das duas variantes mais equilibrada com processos materiais. Com processos verbais, é a variante *a+infinitivo* que domina. Isto surge em linha com os dados obtidos anteriormente relativos à distribuição de cada variante por tipo de processo. A novidade, neste ponto, é o domínio do gerúndio com processos comportamentais.

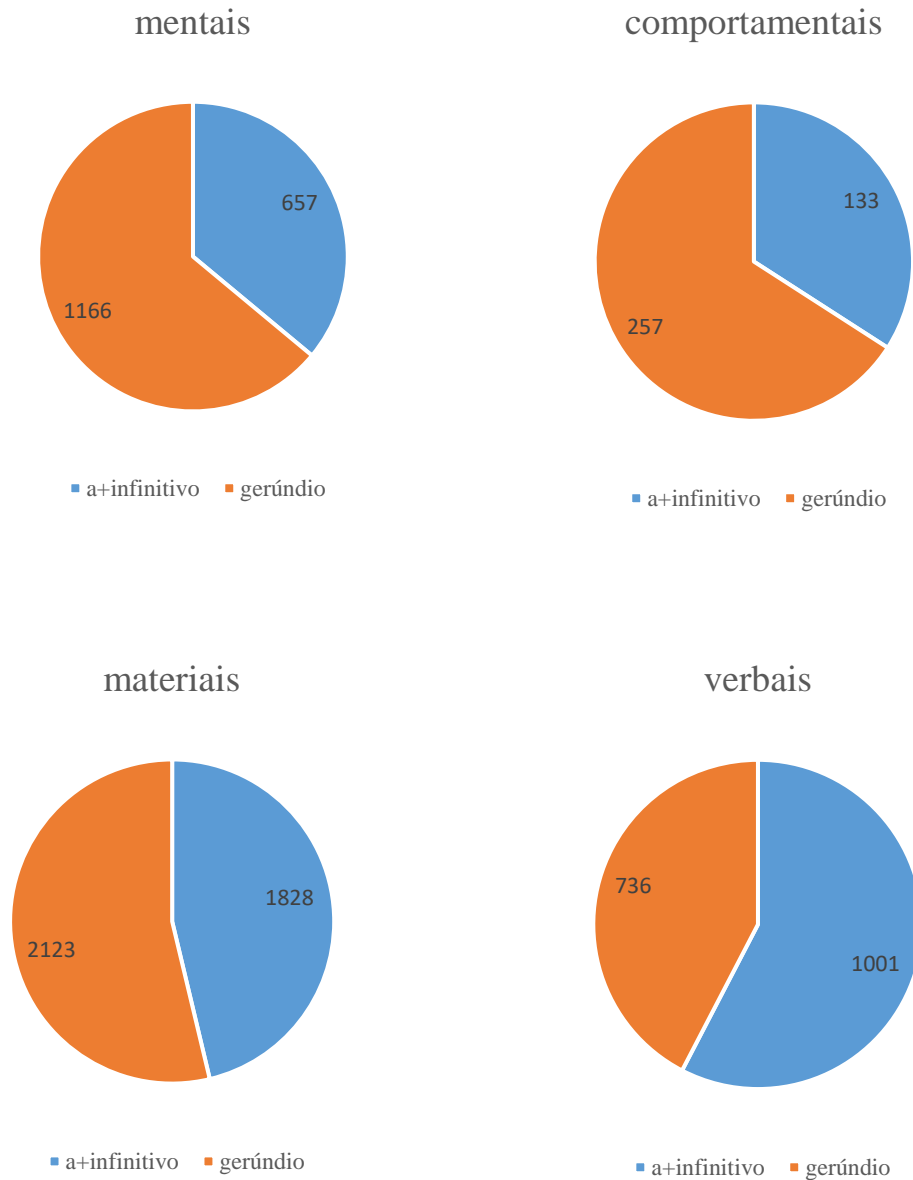


Figura 7: Distribuição de *estar+gerúndio* e *estar+a+infinitivo*, no CORGA, por verbos representativos de processos mentais, materiais, verbais e comportamentais – valores absolutos

Estes resultados, ao identificarem os processos verbais como o único contexto em que *a+infinitivo* se sobrepõe a gerúndio, confirmam aquilo que os dados anteriores sugeriam mas não mostravam de forma completamente clara. Reforçam, também, a hipótese de que existem contrastes que residem em diferenças relacionadas com o tipo de

processo. Relativamente à novidade que constitui a ocorrência preferencial de gerúndio com processos comportamentais, sem outro tipo de análise, estes dados vêm contradizer a ideia inicialmente avançada relativamente a um possível favorecimento de *a+infinitivo* com processos comportamentais, que os dados do CORDIAL-SIN pareciam sugerir. Os dados inconstantes relativamente à distribuição de gerúndio e *a+infinitivo* neste grupo (lembro que os dados do CORDIAL-SIN apontavam para um potencial favorecimento de *a+infinitivo*, a primeira análise dos dados do CORGA não evidenciou contrastes particularmente significativos e esta segunda análise mostra, agora, um favorecimento do gerúndio neste grupo), leva a considerar que outros aspetos terão de ser considerados para dar conta da competição dentro dos processos comportamentais. E uma análise mais detalhada revelou, efetivamente, a existência de comportamentos heterogéneos dentro de cada grupo: na linha do que comentei a propósito dos dados do CORDIAL-SIN, há, além da influência do tipo de processo no favorecimento de gerúndio ou *a+infinitivo*, também uma tendência de o gerúndio se combinar com verbos atélicos e durativos e *a+infinitivo* com verbos télicos e pontuais. Evidencio esta situação na próxima secção.

4.2.1.2. Os traços semânticos de duratividade e telicidade

A relevância dos traços de duratividade e telicidade para a caracterização da variação que me ocupa tornou-se clara ao observar mais atentamente os dados de cada grupo.

No grupo dos processos mentais, é claramente notório, em primeiro lugar, que há verbos mais produtivos – os percetivos *ver*, *mirar* e *escoitar* e o cognitivo *pensar*. Com todos estes verbos, e como prova o Gráfico 25, o gerúndio é a opção preferencial.

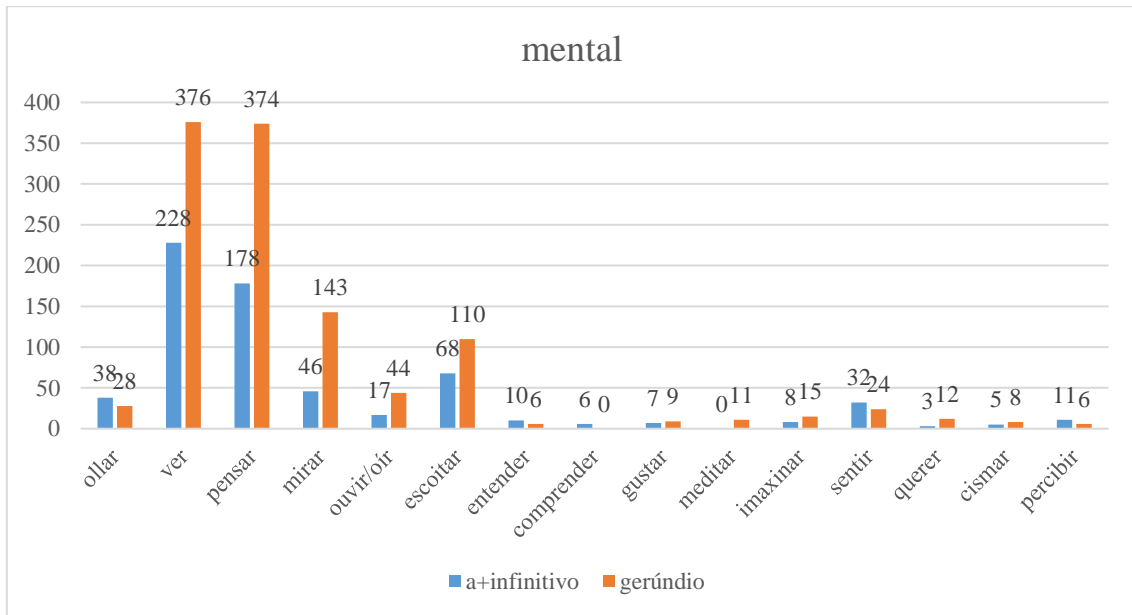


Gráfico 25: Distribuição de *estar*+gerúndio e *estar*+a+infinitivo, no CORGA, por verbos representativos de processos mentais – valores absolutos

Note-se, contudo, que dentro deste grupo se registam casos em que *a+infinitivo* se sobrepõe a gerúndio – em casos menos produtivos, nos quais as duas opções registaram valores mais aproximados (o que exige alguma cautela na interpretação dos dados, mas não deixa de evidenciar dados sugestivos). Foi o que aconteceu com *ollar*, *comprender*, *entender*, *sentir* e *percibir*. A Tabela 24 permite uma leitura mais fácil dos valores relevantes (para facilitar a análise, nela destaco as situações em que *a+infinitivo* foi superior a gerúndio):

verbo	a+infinitivo		gerúndio	
	n.º oc.	%	n.º oc.	%
ollar	38	58%	28	42%
ver	228	38%	376	62%
pensar	178	32%	374	68%
mirar	46	24%	143	76%
ouvir	4	33%	8	67%
escoitar	68	38%	110	62%
oír	13	27%	36	73%
entender	10	63%	6	38%
comprender	6	100%	0	0%
gustar	7	44%	9	56%
meditar	0	0%	11	100%
imaxinar	8	35%	15	65%
sentir	32	57%	24	43%
querer	3	20%	12	80%
cismar	5	38%	8	62%
percibir	11	65%	6	35%

Tabela 24: Processos mentais associados a domínio de *estar+a+infinitivo* no CORGA

É na tentativa de explicar este cenário que as diferentes propriedades do verbo relativamente aos conceitos de telicidade e duratividade surgem como uma explicação legítima.

Explicitei já neste trabalho (cf. secção 1.2., Parte II) os conceitos de duratividade e telicidade. Lembro que às situações durativas está associada alguma duração temporal, uma vez que se prolongam num determinado intervalo de tempo (como *ler* ou *comer um gelado*). Por outro lado, situações pontuais apenas ocupam instantes de tempo (como *espirrar* ou *cair*). Se as situações tenderem para um fim ou um limite, ou seja, se contiverem um final intrínseco que delimita a sua conclusão denotam eventos télicos (como *morrer* ou *comer um gelado*). Contrastam com situações atélicas, que não tendem para nenhuma fronteira final intrínseca, razão pela qual o seu fim é arbitrariamente definido (como *correr*, *nadar*, *passar pela cidade*). Ainda que a expressão do aspeto seja, como sabemos, composicional, na medida em que se constrói pela interação de uma série de ferramentas linguísticas (como adjuntos adverbiais, informação temporal veiculada pelo verbo, etc.), estou agora a considerar o aspeto inerente ao verbo (ou *aktionsart*). Por outras palavras, estou a considerar a informação aspetual veiculada pelo

próprio verbo relativamente ao tipo de situação denotada sem interferência de outros elementos linguísticos.

Verbos como *ver*, *pensar*, *mirar*, *escoitar* e *ouvir/oír*, que se mostraram mais produtivos com o gerúndio, são inerentemente atélicos (ou seja, expressam a ação na sua duração, sem que seja exigível a existência de uma culminação para a realização da ação). A compatibilidade desses verbos com expressão adverbial durativa *durante 10 minutos*, evidenciada em (572), e a incompatibilidade com *em 10 minutos* (cf. (573)) provam o seu carácter atélico.²⁶⁴ Porque estou a analisar o as características lexicais do verbo, ou seja, as suas características aspetuais inerentes sem interferência de outros fatores linguísticos, apresento apenas o verbo ou o verbo e o seu complemento.²⁶⁵ Porque os verbos em questão apresentam equivalentes exatos em português, faço o teste com os verbos nesta língua (tanto quanto consegui apurar, os contrastes para os quais chamo a atenção existem em português e em galego).

(572) a. pensar durante 10 minutos

- b. ver televisão/um vídeo/ durante 10 minutos
- c. escutar alguém/um disco durante 10 minutos
- d. ouvir música/um disco durante 10 minutos
- e. mirar alguém/a paisagem durante 10 minutos

(573) a. pensar *em 10 minutos

- b. ver televisão/um vídeo/ ??em 10 minutos
- c. escutar alguém/um disco ??em 10 minutos
- d. ouvir música/um disco ??em 10 minutos
- e. mirar alguém/a paisagem ??em 10 minutos

Os exemplos em (572) e (573) mostram a atelicidade inerente a este conjunto de verbos. Por outro lado, os verbos *percibir*, *entender* e *comprender* (que foram os verbos mentais que se mostraram mais produtivos com *a+infinitivo*), enquanto verbos

²⁶⁴ A oposição entre durativo/pontual e atélico/télico é frequentemente evidenciada, na literatura semântica, a partir de diferenças de comportamento dos predicados relativamente à aceitação de expressões adverbiais durativas. A compatibilidade com expressões adverbiais durativas como *durante x tempo* ou *por x tempo* é um teste usado para identificar situações durativas. Situações pontuais apenas são compatíveis com expressões adverbiais pontuais do tipo de *às x horas*. A compatibilidade com a expressão adverbial *em x tempo* identifica situações télicas.

²⁶⁵ É hoje genericamente aceite que a informação lexical inerente é dada pelo verbo isolado ou pelo verbo e o seu complemento.

cognitivos, tendem para uma culminação ou um ponto culminante para que a ação efetivamente ocorra. A compatibilidade desses verbos com a expressão *em x tempo* prova a sua telicidade inerente (novamente, apresento os testes com os correspondentes portugueses desses verbos, língua na qual se evidenciam os mesmos contrastes):

- (574) a. perceber o problema/a situação/o exercício *durante 10 minutos
 b. entender o problema/a situação/o exercício *durante 10 minutos
 c. compreender o problema/a situação/o exercício *durante 10 minutos
- (575) a. perceber o problema/a situação/o exercício em 10 minutos
 b. entender o problema/a situação/o exercício em 10 minutos
 c. compreender o problema/a situação/o exercício em 10 minutos

Os cognitivos *perceber*, *entender* e *comprender*, que se mostraram mais frequentes no CORGA com *a*+infinitivo, exibem ainda características que permitem caracterizá-los como pontuais: veja-se, justamente, a sua compatibilidade com os adverbiais pontuais *imediatamente* e *naquele momento*:

- (576) a. perceber o problema/a situação/o exercício imediatamente/naquele momento
 b. entender o problema/a situação/o exercício imediatamente/naquele momento
 c. compreender o problema/a situação/o exercício imediatamente/naquele momento

É verdade, no entanto, que a possibilidade de ocorrência com expressões adverbiais pontuais acontece também com os verbos mentais que se mostraram mais produtivos com gerúndio, nomeadamente com o verbo de percepção *ver*, que me parece ilustrar particularmente bem essa possibilidade quando denota um evento instantâneo:

- (577) a. ver o João às 10h15/ imediatamente/naquele momento
 b. ver o acidente naquele momento/às 10h15/naquele instante

A análise de verbos percetivos é complexa, como estes dados, só por si, deixam perceber.²⁶⁶ De qualquer forma, o que estes dados em específico evidenciam é a

²⁶⁶ Efetivamente, há, no conjunto de verbos de percepção, importantes diferenças que distinguem os diferentes verbos que podem ser considerados sob esta classificação, algumas das quais comento mais à

multiplicidade de usos associados a *ver*, chamando a atenção para uma característica do verbo que em alguns trabalhos é designada ‘durational ambiguity of *see*’ (cf. Alm-Arvius 1993, Kubota 2016). Em linha com os autores que cito, assumo que *ver* é, por natureza, durativo, sendo, aliás, essa característica que permite interpretar *ver* não só como um evento pontual (como em (577)) mas também como um evento durativo como em (572b).²⁶⁷ Ora, esta situação – ‘durational ambiguity’ – não se observa com *perceber*, *comprender*, e *entender*, que, como mostrei, não podem ser interpretados como processos atélicos.

Assim, o que parece relevante notar é, por um lado, que esta ambiguidade duracional, observável em percetivos como *ver*, não está presente nos verbos mais produtivos com *a*+infinitivo: os cognitivos *percibir*, *comprender* e *entender*. E, por outro lado, que a telicidade inerente destes três verbos, evidenciada em (575), contrasta de forma clara com a atelicidade dos verbos mais produtivos com gerúndio, evidenciada em (572).

Relativamente aos verbos *sentir* e *olhar* (que também envolvem percepção), com os quais ambas as estratégias se combinaram de forma equilibrada mas que parecem favorecer *a*+infinitivo, acredito que o facto de também poderem ocorrer facilmente quer em predicados durativos (cf. (578a) e (579a)), quer em pontuais (cf. (578b) e (579b)) contribui para explicar a distribuição equilibrada de gerúndio e *a*+infinitivo com estes verbos.

(578) a. Ele sentiu tristeza durante muito tempo.

b. Ele sentiu tristeza naquele instante.

(579) a. Ele olhou para ela durante muito tempo.

frente para dar conta de contrastes observados nos meus dados relativamente à distribuição de gerúndio e *a*+infinitivo: noto, nomeadamente, diferenças a nível do tipo de percepção que afastam *olhar* de *ver*. No entanto, pelo facto de, neste ponto do trabalho, querer evidenciar especificamente a relevância dos traços de telicidade e duratividade para caracterizar a competição em estudo, não me detenho neste momento em contrastes que não se relacionam com estes dois traços semânticos agora em foco.

²⁶⁷ A ambiguidade duracional de *to see* é ilustrada em Alm-Varius (1993: 21) com as seguintes frases, nas quais *to see* exprime durações temporais variáveis:

(i) I saw John in the street today.

(ii) I saw him as soon as I entered the room.

(iii) I saw the helicopter for more than a quarter of an hour.

A situação é ainda mais complexa em português, já que um predicado como *ver televisão* também se constrói, nesta língua, com *ver*, ao passo que em inglês se recorre, neste caso, a outro verbo (*to watch*).

De qualquer forma, parece possível atribuir a *to see* características inerentemente durativas: Kubota (2016: 127) nota que o verbo inglês *to see* envolve duração (opondo-se neste ponto a verbos que tipicamente descrevem culminações como *to find*); Alm-Arvius (1993: 21) refere que “inceptive and durative meanings of *see* may be merged”.

b. Ele olhou para ela naquele instante.

Estou convencida, no entanto, de que estes dois verbos apresentam ainda outras propriedades que contribuem para explicar a sua combinação preferencial com *a*+infinitivo. Nomeadamente, o facto de *ollar* se situar, no domínio semântico de experiência, numa zona de fronteira (entre o mental e o comportamental) e de se posicionar, tal como *sentir*, a meio caminho entre processos mentais e corporais. Retomarei esta ideia em 4.2.1.3., precisamente quando defender que o nível de fisicidade do verbo também influencia a competição entre gerúndio e *a*+infinitivo.

Os contrastes identificados relativamente à distribuição de gerúndio e *a*+infinitivo no grupo dos verbos classificados como mentais pode, pois, ser explicado à luz desta oposição: o gerúndio é dominante com verbos mentais atélicos e durativos, ao passo que com verbos mentais télicos e pontuais a distribuição das duas estratégias é mais equilibrada e *a*+infinitivo consegue, inclusivamente, suplantar gerúndio.

Os contrastes detetados na análise dos outros grupos reforçam esta ideia. E, no caso dos processos comportamentais, os dados fazem-me lançar ainda outras hipóteses. Vejamos a distribuição de gerúndio e *a*+infinitivo, no CORGA, neste grupo (cf. Gráfico 26 e Tabela 25):

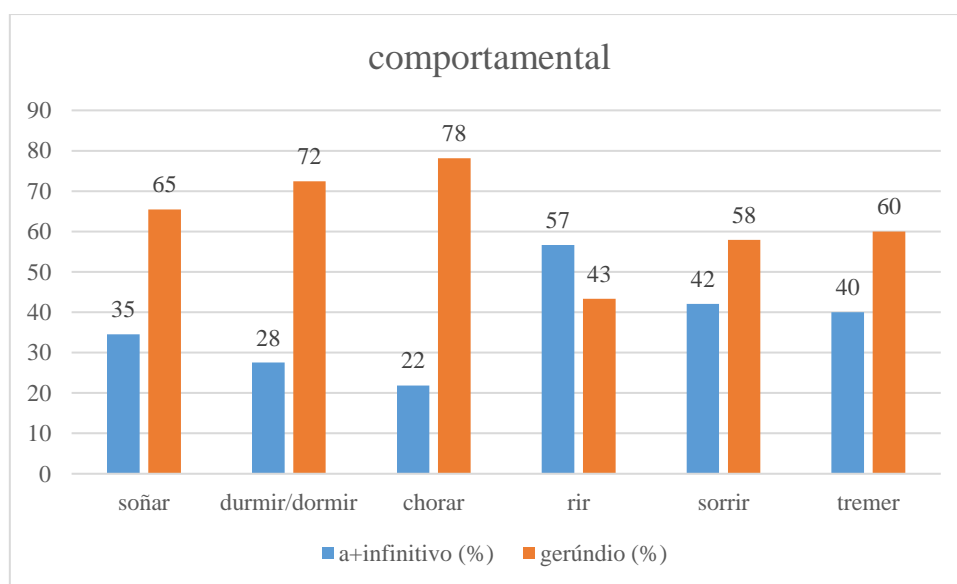


Gráfico 26: Distribuição de *estar*+gerúndio e *estar*+*a*+infinitivo, no CORGA, por verbos representativos de processos comportamentais – valores percentuais

verbo	<i>a</i> +infinitivo		gerúndio	
	n.º oc.	%	n.º oc.	%
soñar	29	35	55	65
durmir/dormir	38	28	100	72
chorar	14	22	50	78
rir	34	57	26	43
sorrir	8	42	11	58
tremar	10	40	15	60

Tabela 25: Distribuição de *estar*+gerúndio e *estar*+*a*+infinitivo, no CORGA, por verbos representativos de processos comportamentais – valores absolutos e percentuais

O único verbo associado a maior frequência de *a*+infinitivo foi *rir*. Apesar de se tratar de um verbo tipicamente descrito como durativo e atélico, quero aqui notar a possibilidade de descrições mais afinadas e pertinentes para a caracterização dos meus dados. Especificamente, creio que *rir* apresenta propriedades que o afastam de predicados durativos como *dormir*, *soñar* e *chorar*, por exemplo – e que o aproximam de um conjunto de verbos que surgem descritos como semelfativos (por exemplo, em Comrie 1976, Smith 1997 e Rothstein 2004), e de que são exemplos clássicos *tossir*, *bater* e *saltar*.²⁶⁸ Ainda que não sejam vastas, na literatura, as referências a *rir* (ou ao seu equivalente em outras línguas, como *laugh*) como semelfativo, há, pelo menos no trabalho de Rothstein (2004: 184), essa indicação. Serão as propriedades de *rir* – que acredito serem partilhadas, em certa medida, também por *sorrir* e *tremar* –, que permitem caracterizar este verbo como semelfativo no sentido que em seguida explicito, que darão conta dos contrastes observados, ou seja, da menor competição das variantes em análise com *rir*, *sorrir* e *tremar*, comparativamente a *sonhar*, *dormir* e *chorar*.

Comrie, por exemplo, referia-se à semelfatividade como uma característica da pontualidade. Numa linha parecida de raciocínio, Dini e Bertinetto (2006) referem-se a eles como verbos pontuais. O que de um modo geral caracteriza estes verbos, para os autores que os caracterizam como semelfativos, é o facto de eles descreverem cada subevento de uma eventualidade:

²⁶⁸ Alguns autores chegam a defender a existência de uma classe aspetual distinta para os semelfativos. Não sendo essa a discussão que me ocupa, pretendo apenas notar a pertinência do conceito para dar conta dos contrastes que observo dos meus dados.

Semelfactives are single-stage events with no result or outcome. Semelfactives are the simplest type of event, consisting only in the occurrence.

Smith 1997: 29

Semelfactive verbs, or semelfactive uses of verbs, are verbal predicates used to denote single instances of events, usually considered to be activities.

Rothstein 2004: 184

Embora os diferentes autores não tenham visões completamente convergentes,²⁶⁹ parecem concordar, pois, num aspeto central: a presença de minieventos que podem (ou não) ser repetidos e originar uma cadeia repetida de eventos. As frases abaixo, com *tossir*, ilustram o fenómeno (em (580a) ocorre apenas uma instância do evento; em (580b) e (580c) há repetições de cada subevento: em (580b) é a expressão adverbial *durante meia hora* que possibilita a leitura de repetição iterada e em (580c) é o progressivo).

(580) a. A Maria tossiu (uma vez).

b. A Maria tossiu durante meia hora.

c. A Maria está a tossir.

Daqui se depreende que a semelfatividade se relaciona intimamente com outras noções amplamente discutidas na literatura, como a iteratividade, a atonicidade, a homogeneidade – e, como já referi, a pontualidade.

O contraste que pretendo evidenciar – porque explica as diferenças na distribuição de gerúndio e *a+infinitivo* com estes verbos – é o que se observa nas frases abaixo, e que opõe claramente verbos como *dormir* – que claramente favoreceu gerúndio – a semelfativos como *rir* – o único em que *a+infinitivo* foi mais produtivo. Se ambos os verbos são compatíveis com a expressão *durante x tempo*, que atesta a possibilidade de uma interpretação durativa, apenas *rir* admite a combinação com as expressões de quantificação *muitas vezes*, *várias vezes* ou *três vezes* – que prova, por sua vez, a pontualidade e a atonicidade do evento, passível de ser iterado, e apenas assim ficando disponibilizada a leitura atélica e durativa:²⁷⁰

²⁶⁹ Smith (1997) defende a leitura de um único evento e afirma, por isso, que os semelfativos se aproximam de verbos tipicamente descritos – em classificações aspetuais que seguem a proposta de Moens (1987) – como culminações, afastando-se deles, no entanto, pelo facto de os semelfativos serem atélicos. Rothstein (2004) defende que existe uma leitura de múltiplos eventos, pelo que os aproxima dos verbos que têm sido classificados aspetualmente como processos, apesar de diferirem deles por apresentarem atonicidade.

²⁷⁰ A pontualidade de *rir*, mas não de *dormir*, é particularmente evidenciada pelos contrastes exibidos perante expressões temporais pontuais:

(581) a. rir durante uma hora.

b. dormir durante uma hora.

(582) a. rir muitas vezes/várias vezes/?3 vezes

b. dormir ?*muitas vezes/*?várias vezes/*?3 vezes²⁷¹

Defendo que é este contraste que favorece a ocorrência de *a+infinitivo* com *rir* e o domínio claro de gerúndio com *dormir*.

O facto de a compatibilidade de *rir* com *três vezes* poder ser questionável, conforme marquei em (582a), mas não o ser com os típicos semelfativos *tossir* ou *bater* (cf. (583) e (584)), contribui para evidenciar outra situação relevante: é possível identificar diferenças dentro do conjunto dos semelfativos relativamente à sua estrutura interna.

(583) tossir uma vez/muitas vezes/3vezes

(584) bater/tocar uma vez/muitas vezes/3 vezes

O trabalho de Nelson (2018) propõe uma subdivisão entre semelfativos que explica esta situação. Defende-se nesse trabalho que há um grupo de semelfativos que não apresenta estrutura interna, na medida em que esses verbos descrevem uma ação completa sem necessidade de repetição desse evento atómico (como *knock*, *cough* e *jump*), por oposição aos que apresentam uma estrutura temporal interna. Aqui, podem ser de dois tipos: semelfativos que implicam uma repetição dos mesmos subeventos (como os verbos ingleses *shiver*, *flicker*, *giggle*, *flutter*) e semelfativos que descrevem múltiplos subeventos (como *shake*, *pace*, *flap*, *flash*, *fidget*).

Ora, o facto de *rir* não ser particularmente aceitável com *três vezes* parece sugerir que existe uma estrutura temporal interna que implica a ocorrência de subeventos, sendo isso que torna pouco aceitável a quantificação exata de *três vezes*. Na verdade, apenas os eventos atómicos como *bater* são plenamente aceitáveis com a expressão de quantificação *uma vez* (cf. Nelson 2018: 74).

(i) Naquele instante, ri-me.

(ii) ??Naquele instante, dormi.

²⁷¹ Considero que a única situação em que a combinação de *dormir* com estas expressões poderia ser aceitável seria em frases do tipo *dormir muitas vezes fora de casa* ou *dormir muitas vezes no sofá*, por exemplo. Nestas frases, contudo, são os predicados *dormir fora de casa* e *dormir no sofá* que se quantifica, pelo que deixa de estar em causa o aspeto lexical inerente de *dormir* que estou a caracterizar.

Esta subdivisão de semelfativos parece-me relevante para descrever os contrastes observados na distribuição de gerúndio e *a*+infinitivo relativamente a *tremor* (a competição é, com este verbo, equilibrada). *Shiver*, *shake* e *trembling*, potenciais correspondentes em inglês de *tremor*, têm sido, portanto, considerados semelfativos – classificação que, só por si, já dá conta da distribuição mais equilibrada das duas estratégias com este verbo. Mas vale a pena notar que tanto *shake* como *shiver* são analisados em Nelson (2018) como apresentando estrutura temporal interna, correspondendo *shake* à repetição de múltiplos subeventos e *shiver* a uma repetição dos mesmos subeventos. O facto de *tremor* ser pouco ou nada aceitável com expressões de quantificação como *uma vez* ou *muitas vezes* (cf. (585)) evidencia características importantes da sua estrutura temporal interna também em português (aproximando-o de *shiver*), nomeadamente a necessidade de repetição dos mesmos subeventos e a dificuldade de se contar cada subevento que compõe a eventualidade:

(585) *tremor* *?uma vez/*?duas vezes/*?muitas vezes

Acredito, pois, que este facto pode explicar a distribuição mais equilibrada das duas estratégias com este verbo, na medida em que, e conforme defende Nelson (2018), há semelfativos que, pela sua estrutura interna, se aproximam de eventos que têm sido classificados como durativos – e que, de acordo com a minha hipótese, favorecem o gerúndio – e semelfativos que, pela sua atonicidade, se aproximam de eventos pontuais – que favorecerão *a*+infinitivo. O facto de os subeventos de *rir* poderem ser, comparativamente a *tremor*, mais facilmente subdivisíveis/contáveis (cf. (586) e (587)) pode contribuir para explicar o domínio de *a*+infinitivo com este verbo.

(586) *rir* muitas vezes

(587) *tremor* ??*muitas vezes

Os dados que temos em mãos sugerem, ainda, que o favorecimento de gerúndio/*a*+infinitivo não está apenas relacionado com uma oposição binária durativo/não durativo, mas refletem também a existência de contrastes a nível do grau de duração do evento.²⁷²

²⁷² A ideia de que há diferentes níveis de duratividade encontra-se, por exemplo, em Barroso (2007). O autor comenta a ideia, no entanto, essencialmente a propósito da duração de eventos temporalmente delimitados. Menciona que “para alcançarem o tal ‘limite’ final definido, uns estados de coisas consomem

Voltando novamente a contrastar os verbos que, neste grupo, foram mais produtivos com o gerúndio (*dormir, sonhar e chorar*) e os que foram mais frequentes ou equilibrados com *a+infinitivo* (*rir, sorrir e tremer*), creio que os primeiros aceitam particularmente bem expressões que denotam intervalos de tempo relativamente extensos: facilmente se verifica que *dormir durante horas* é uma situação perfeitamente natural, mas não *rir durante horas* (sem que isso implique uma repetição do evento e a existência de intervalos entre as repetições). *Rir, sorrir e tremer*, por outro lado, combinam-se preferencialmente com expressões temporais que atribuem ao evento descrito uma curta duração:

- (588) a. *dormir durante* ?2 segundos/1 minuto/10 minutos/horas
 b. *sonhar durante* ?2 segundos/1 minuto/10 minutos/horas
 c. *chorar durante* ?2 segundos/1 minuto/10 minutos/??horas
- (589) a. *rir durante* 2 segundos/?1 minuto/??10 minutos/*?horas
 b. *sorrir durante* 2 segundos/?1 minuto/??*10 minutos/??*horas
 c. *tremer durante* 2 segundos/1 minuto/?10 minutos/*?horas

Isto fortalece a minha hipótese de que o gerúndio é favorecido pelo traço de duratividade, mas sugere que considerar a existência de graus de duratividade (e não apenas uma oposição binária entre pontual e durativo) pode ser relevante para dar conta da competição entre gerúndio e *a+infinitivo*. A ideia é, pois, que, considerando que a duratividade pode ser representada numa escala contemplando eventos que vão desde uma duração conceptualmente nula (como no caso de eventos pontuais), a eventos de duração reduzida ou escassa até eventos durativos, podemos postular que os verbos pontuais ou mais próximos da pontualidade favorecem *a+infinitivo*, enquanto verbos durativos que consomem mais tempo favorecem o gerúndio.

Temos então, até este ponto, dados que sugerem que a telicidade e a pontualidade inerentes ao verbo desfavorecem o uso de gerúndio: tanto dentro do grupo dos processos mentais como dos comportamentais, as menores ocorrências de gerúndio, e os casos em que *a+infinitivo* foi mais favorecido, foram com verbos télicos e pontuais ou que mais se

muito tempo ('situações dinâmicas delimitadas durativas'), outros pouco ('situações dinâmicas delimitadas não-durativas' ou 'de curta duração') e outros ainda nenhum ('situações dinâmicas neutralmente delimitadas pontuais')" (Barroso 2007: 109).

aproximam da pontualidade (verbos semelfativos e que podem ser caracterizados como tendo duração escassa).

É neste momento que me parece importante chamar a atenção para a existência de outro aspeto capaz de caracterizar a variação que me ocupa. Refiro-me a uma oposição entre predicados que descrevem processos mentais e processos de atividade física, nos quais se incluem processos relacionados com atividades do corpo humano. Os contrastes observados entre gerúndio e *a*+infinitivo dentro dos processos comportamentais são particularmente bem explicados se consideramos que os verbos incluídos neste grupo descrevem situações de dois tipos básicos – mentais e físicas – e que cada uma delas favorece uma das variantes. Também os dados relativos a processos materiais e verbais que irei apresentar sustentam esta ideia.

4.2.1.3. Processos de atividade física e processos corporais

A identificação de uma classe de verbos relativa a processos corporais aparece, por exemplo, em Dixon (1991), Quirk et al. (1972) e Scheibman (2000).²⁷³

Na proposta de Halliday anteriormente apresentada – e que tenho vindo a seguir para a minha análise, quer dos dados portugueses quer dos galegos, a partir de contrastes assentes no tipo semântico do verbo – não havendo referência a uma classe específica para processos corporais,²⁷⁴ há, no entanto, e conforme notei, pertinentes observações a nível dos processos comportamentais que propõem subdivisões relevantes e relacionadas com o que estou a salientar. Especificamente, propõe-se uma distinção entre os processos

²⁷³ Num trabalho que assenta na caracterização das palavras a partir de uma tipologia semântica, Dixon (1991) descreve os principais tipos semânticos de nomes, adjetivos e verbos. No que diz respeito aos verbos, o autor apresenta uma tipologia que parte de uma distinção inicial entre tipos primários (que subdivide em primary A – que normalmente selecionam argumentos com referentes humanos ou objetos, como *five* e *hit* – e primary B, que inclui verbos de cognição e emoção como *think* e *fear*). Em secundários encontram-se modais, semimodais e outros verbos que selecionam complementos oracionais. No total, considerando todas as divisões e subdivisões, contabilizam-se cerca de 30 classes semânticas verbais, em que a categoria ‘corporeal’ – que diz respeito a *bodily gestures and activities* e inclui verbos como *ache*, *bite*, *bleed* e *blink* – surge a par de outras classes, como ‘weather’ and ‘speaking’. Scheibman (2000) adapta a proposta de Halliday (1994) e propõe, também ele, uma categoria independente para verbos do tipo ‘corporeal’, onde este autor inclui verbos como *comer*, *beber* e *dormir*. Em Quirk et al. (1972) identificam-se sete subclasses de verbos e postula-se a existência de uma classe denominada ‘bodily sensation’, classe que integra verbos como *ache*, *feel*, *hurt* e *itch*.

²⁷⁴ Em Halliday (1994), apesar de haver uma categoria independente para processos mentais, processos relacionados com o corpo humano não são particularmente bem descritos. Lembremos, por exemplo, que os processos materiais do autor incluem – e apesar dessa designação – tanto processos do mundo físico e material relacionados com atividade física, mas também processos abstratos que não se relacionam necessariamente com o corpo humano (como *negar*, *desenvolver*, *gerir*, *negociar* e vários predicados que tanto podem denotar leituras concretas – mais relacionadas com fisicidade – como abstratas – necessariamente mais afastadas dessa noção).

que serão mais aproximados dos mentais ('near mental', como *look, watch, dream...*), outros mais aproximados dos materiais ('near material', como *sing, dance, lie down, sit up*), outros dos verbais ('near verbal', como *chatter, murmur, mouth*) e ainda, numa zona menos ambígua, dois tipos de processos fisiológicos: os que segundo o autor manifestam estados de consciência (*sorrir, chorar, rir, suspirar, ...*) e os que incluí na categoria "outros processos fisiológicos" (*respirar, espirrar, tossir, soluçar, dormir, bocejar, ...*). Foram estes contrastes que estiveram na base da minha opção por considerar os comportamentais 'near mental', como *ouvir, pensar* e *olhar*, no conjunto dos mentais, bem como *cantar* e *dançar* nos processos materiais – decidindo marcar como comportamentais exclusivamente os que descrevem processos fisiológicos (*rir, sorrir, dormir, sonhar, tossir, ...*).

Ora, o ponto aonde pretendo chegar é que, no grupo de verbos comportamentais, podem estar efetivamente – e apesar da minha classificação mais estrita – incluídos verbos de características diferentes, nomeadamente a nível de diferentes graus de relação com o corpo físico – e, neste sentido, o uso dos termos 'fisicidade' e 'corporalidade' parece-me pertinente. Sendo, portanto, um conjunto algo híbrido, é uma distinção que considere essas subtilezas a nível do grau de corporalidade que dá conta dos meus dados.

No que toca aos processos comportamentais identificados no CORGA que agora estou a descrever, verifica-se que o gerúndio é particularmente produtivo com atélicos durativos de atividade mental que se relacionam nitidamente com estados de consciência (*soñar, dormir*); e menos produtivo, ou mais próximo dos valores de *a+infinitivo*, com processos mais próximos de atividades corporais expressas por verbos semelfativos (*rir, sorrir, tremer*).

À luz desta ideia explicam-se, também, os números identificados anteriormente para os verbos *sentir* e *ollar*. No primeiro gráfico que comentei, relativo a processos mentais – onde incluí esses dois verbos – verifica-se que, nesses contextos, *a+infinitivo* chega a apresentar mais ocorrências do que gerúndio (em termos percentuais, regista-se 57% de *a+infinitivo* com *sentir* e 58% com *ollar*). Volto a reproduzir o gráfico relevante, por conveniência:

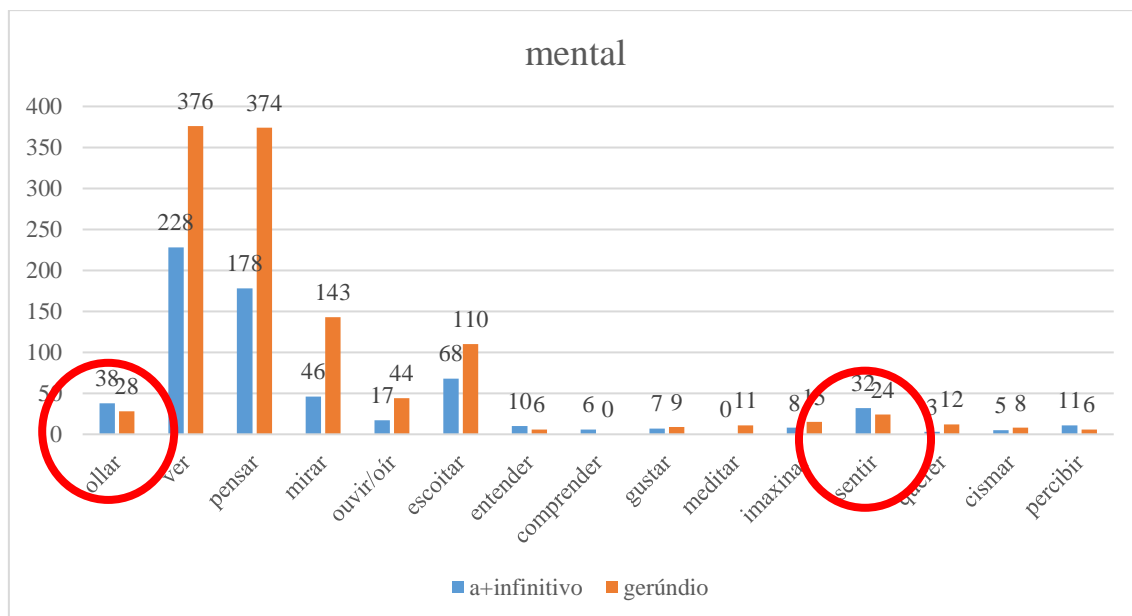


Gráfico 27: Distribuição de *estar*+gerúndio e *estar*+a+infinitivo, no CORGA, por verbos representativos de processos mentais – valores absolutos

Apesar de vários autores classificarem o equivalente de *sentir* em inglês (*feel*) como um verbo mental (cf., entre outros, Biber et al. 1999), na descrição de Dixon (1991) ele é descrito como podendo pertencer a várias classes, nomeadamente a ‘corporeal’. Também em Quirk et al. (1972) se inclui *feel* na classe de verbos ‘bodily sensation’. Assumo, pois, que o facto de *sentir* poder ser um verbo que descreve processos corporais favorece a sua ocorrência com *a*+infinitivo. Como referi, o mesmo raciocínio se pode aplicar ao verbo *ollar*. Ainda que tipicamente integre as listas de verbos considerados perceptivos e mentais, Halliday (1994) considera *to look* um verbo comportamental (ainda que do tipo ‘near mental’), evidenciando que esse verbo se afasta dos que consensualmente são classificados como mentais (como o perceptivo *ver*). Faz também uma distinção relevante, dentro dos processos mentais, entre “types of sensing”: distingue entre verbos mentais que caracteriza como *higher* (cognitivos e desiderativos) e *lower* (perceptivos e de emoção). Como vemos, trata-se de observações pertinentes para a descrição dos meus dados.

Efetivamente, ao observar os contrastes de distribuição de gerúndio e *a*+infinitivo com *ver* (mais frequente com gerúndio) e *ollar* (mais frequente com *a*+infinitivo) podemos concluir que os dados reforçam a pertinência de uma distinção entre esses dois verbos – e que é, por sua vez, essa distinção que explica os dados. *Ver* é nitidamente perceptivo e mental (o que favorecerá gerúndio), mas *ollar* parece situar-se numa zona de fronteira relativamente à sua caracterização semântica, estando entre o mental e o corporal

(o que favorecerá *a+infinitivo*). Na realidade, embora surjam por vezes classificados sob a mesma categoria, *ver (to see)* e *ollar (to look)* têm sido descritos com algum rigor em trabalhos que se preocupam em evidenciar diferenças a vários níveis entre os dois verbos.

Em Freire (2013), um estudo sobre aquisição de verbos perçetivos e causativos, chama-se a atenção para algumas dessas diferenças. Na linha de outros trabalhos (cf. Dowty 1972), defende-se que *to see* e *to look* são apenas aparentemente sinónimos, e que as suas afinidades se resumem ao facto de ambos envolverem perceção visual. Defende-se que *to look* é um verbo de perceção agentivo, ao passo que *to see* é não agentivo ou cognitivo.²⁷⁵ Em Quirk et al. (1972) também se dá conta deste facto, ao integrar *to see* numa classe genérica de verbos não dinâmicos que incluem perceção inerte e cognição.

O traço [\pm agentivo] dos verbos perçetivos pode, portanto, servir, ou pelo menos contribuir, para explicar os dados. Note-se que também *ouvir* é classificado como não agentivo, e também este verbo se associou preferencialmente a gerúndio. Observando a Tabela 26, podemos considerar a hipótese de *a+infinitivo* ser favorecido, pelo menos no conjunto dos verbos perçetivos, pelo traço agentivo do verbo.

	<i>a+infinitivo</i>	gerúndio
<i>ver</i> (não agentivo)	38%	62%
<i>ollar</i> (agentivo)	58%	42%
<i>oír/ouvir</i> (não agentivo)	28%	72%

Tabela 26: Distribuição de *estar+gerúndio* e *estar+a+infinitivo*, no CORGA, pelos verbos perçetivos *ver*, *ollar* e *oír/ouvir*

Neste ponto, merecem também comentários os dados de *mirar*: considerando que em galego, tal como em português, se trata de um verbo que pode ser usado tanto num sentido físico de movimento/direção dos olhos, e portanto agentivo, como próximo de um domínio mental e envolvendo, neste caso, um nível de perceção cognitiva, acredito que esta situação contribuirá para explicar a maior ocorrência de gerúndio com este verbo (76% de gerúndio e 24% de *a+infinitivo*).²⁷⁶

²⁷⁵ O facto de, em português, estruturas de complementação infinitiva não estarem disponíveis com *olhar*, mas sim com *ver*, é outro aspeto notado por Freire (2013: 31) para distinguir os verbos em questão. Isto fundamenta a oposição entre perceção direta e indireta (ou inferida).

²⁷⁶ A definição de *mirar* no dicionário *online* da Real Academia Galega atesta estas diferentes possibilidades, ao registar como primeira aceção da palavra “fixar a vista de maneira intencionada en [algo ou alguén]”, mas indicando, também, como segunda e terceira aceções, respetivamente, “ter en conta as posibles vantaxes ou inconvenientes que se poden derivar de [algo]” e “considerar [algo ou alguén] dunha determinada maneira, ter unha opinión sobre [eles]”. Para o verbo ‘ollar’, por outro lado, o mesmo

Posto isto, a consciência de que *to look* (e os seus equivalentes em português – *olhar* – e galego – *ollar*) se pode situar numa zona de fronteira relativamente à sua caracterização semântica, envolvendo perceção visual mas relacionando-se intimamente com a dimensão física do corpo, é útil para a descrição dos meus dados.²⁷⁷

A ideia de que atividades corporais favorecem *a+infinitivo* também contribui para explicar a superioridade de *a+infinitivo* com *rir* e a distribuição equilibrada com *sorrir* e *tremar*; explica, igualmente, a superioridade de gerúndio com *soñar* e *dormir* (verbos mais intimamente relacionados com processos mentais, na medida em que descrevem estados de consciência). Conforme discutiremos na próxima secção, será, contudo, uma combinação de vários factores que permite explicar a distribuição de gerúndio e *a+infinitivo*.

Acabo de tentar provar a relevância de se considerar uma classe que designe verbos que denotem atividades físicas, e que, dentro desta, caracterize verbos corporais. Tal distinção não é unicamente útil para caracterizar os dados que descrevi até agora (relativos ao conjunto de verbos mentais e comportamentais), mas também é relevante, como vamos ver, para dar conta da situação observada para os processos materiais e verbais que foram analisados.

A influência dos outros factores que identifiquei como relevantes – a duratividade (ou, por oposição, a pontualidade/semelfatividade) e a telicidade inerentes ao verbo – também continua visível nos resultados observados para os processos materiais e verbais.

Se nos voltarmos, primeiramente, para os processos materiais, constatamos que é o grupo em que a competição entre as duas variantes é mais esbatida, o que me leva a considerar que os processos deste grupo se combinam facilmente com as duas variantes. Ora, é de assinalar que os verbos deste grupo denotam, na sua maioria, atividades relacionadas com o corpo físico. Tendo em conta a correlação já proposta entre este tipo de verbo e a ocorrência de *a+infinitivo*, é legítimo assumir que será esse (um dos) aspeto(s) a justificar a menor competição entre as duas variantes neste grupo.

dicionário apresenta uma só aceção: “mirar con certa atención”, que considero nitidamente mais próxima de um processo corporal do que de um processo mental cognitivo, como, aliás, o exemplo registado deixa perceber: *Ollaba pola ventá para ver pasar a procesión*.

²⁷⁷ O facto de *mirar* e *ollar* estarem, no CORGA, bem representados com *a+infinitivo* no conjunto de dados de *ficar* e *quedar(se)* reforça a ideia de que esses verbos se situam numa zona de fronteira que os coloca entre o mental e o comportamental, sugerindo que é a sua proximidade com processos comportamentais (na medida em que envolvem mais corporalidade e mais agentividade), que explica a sua ocorrência com *a+infinitivo* (registam-se 30 ocorrências de *mirar* e 10 de *ollar* em sequências introduzidas por *quedar(se)* e *ficar* imediatamente seguidos de *a+infinitivo*, o que significa que *mirar* e *ollar* representam 51% dos verbos mentais identificados com *quedar(se)* e *ficar* com *a+infinitivo*).

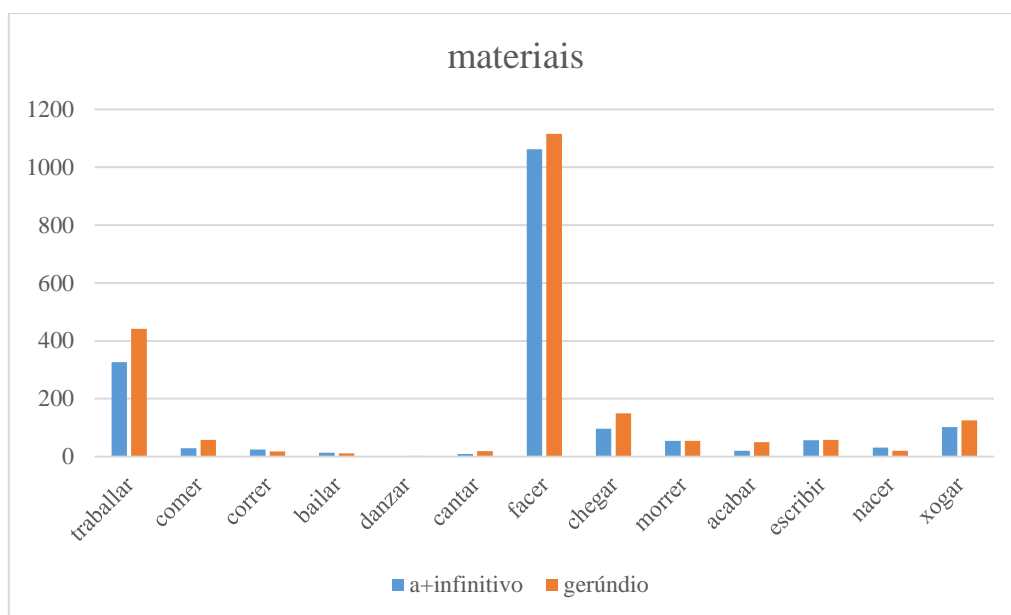


Gráfico 28: Distribuição de *estar*+gerúndio e *estar*+a+infinitivo, no CORGA, por verbos representativos de processos materiais – valores absolutos

verbo	a+infinitivo		gerúndio	
	n.º oc.	%	n.º oc.	%
traballar	327	42,5	442	57,5
comer	29	33,3	58	66,7
correr	25	58,1	18	41,9
bailar	13	54,2	11	45,8
danzar	1	33,3	2	66,7
cantar	9	32,1	19	67,9
facer	1062	48,8	1116	51,2
chegar	97	39,3	150	60,7
morrer	55	50,5	54	49,5
acabar	20	28,6	50	71,4
escribir	57	49,6	58	50,4
nacer	31	60,8	20	39,2
xogar	102	44,9	125	55,1

Tabela 27: Distribuição de *estar*+gerúndio e *estar*+a+infinitivo, no CORGA, por verbos representativos de processos materiais – valores absolutos e percentuais

Comentando agora os processos verbais, sublinho que este foi o único grupo em que as ocorrências de *a+infinitivo* ultrapassaram as de gerúndio (1001 ocorrências, contra 736 de gerúndio). Ainda que a esmagadora maioria das ocorrências diga respeito, em ambos os casos, a exemplos com *falar*, com outros verbos os números foram equilibrados

– facto que leva a crer que o tipo semântico de verbo – neste caso, processos verbais – pode ser um aspeto particularmente forte na explicação da variação.

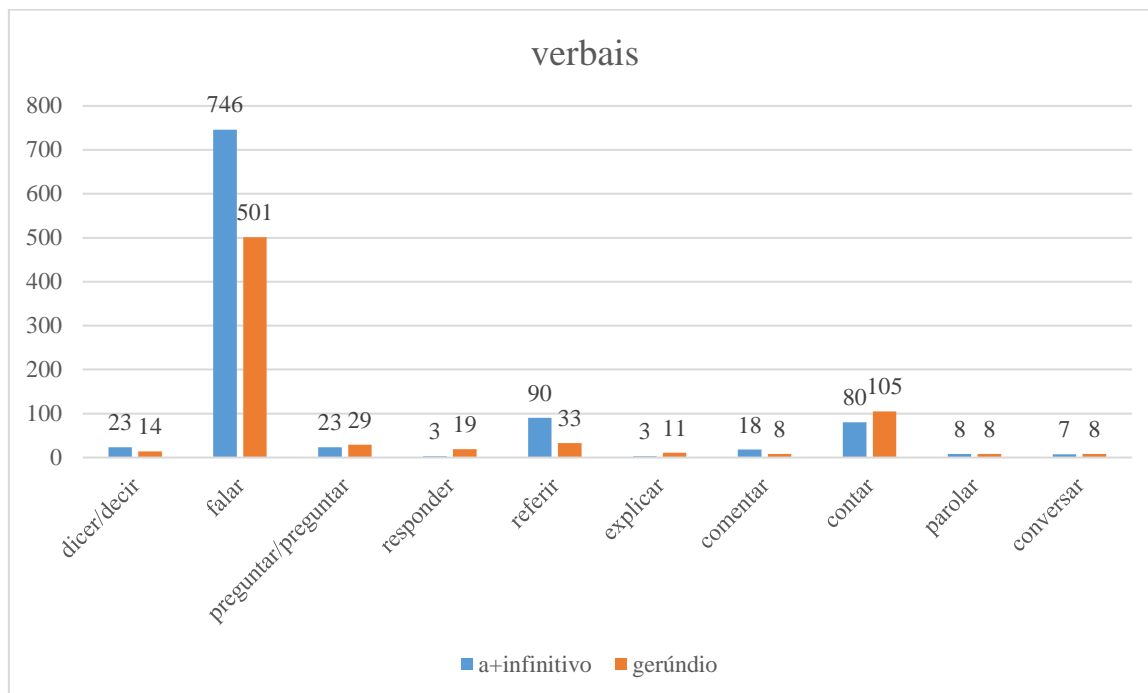


Gráfico 29: Distribuição de *estar*+gerúndio e *estar*+*a*+infinitivo, no CORGA, por verbos representativos de processos verbais – valores absolutos

verbo	<i>a</i> +infinitivo		gerúndio	
	n.º oc.	%	n.º oc.	%
dizer	7	100,0	0	0,0
decir	16	53,3	14	46,7
falar	746	59,8	501	40,2
perguntar	22	43,1	29	56,9
preguntar	1	100,0	0	0,0
responder	3	13,6	19	86,4
referir	90	73,2	33	26,8
explicar	3	21,4	11	78,6
comentar	18	69,2	8	30,8
contar	80	43,2	105	56,8
parolar	8	50,0	8	50,0
conversar	7	46,7	8	53,3

Tabela 28: Distribuição de *estar*+gerúndio e *estar*+*a*+infinitivo, no CORGA, por verbos representativos de processos verbais – valores absolutos e percentuais

Relativamente a este conjunto de dados, é de notar a relação óbvia entre processos verbais e corporalidade, na medida em que estes verbos, no seu sentido básico, denotam uma ação que envolve capacidades motoras. Esta classe semântica de verbos é,

inclusivamente, considerada em Tavares e Freitag (2010: 110) uma das classes que mais envolvem um grau elevado de ‘atividade’, na medida em que denotam ações físicas intencionais executadas com o corpo. Assim, mais uma vez podemos relacionar a forte presença de *a+infinitivo* a verbos que envolvem atividades relacionadas com o corpo humano.

Noto também que alguns verbos inseridos neste grupo são tipicamente pontuais, na medida em que o termo do evento é quase instantâneo: é o caso de *referir*, *dizer* e *perguntar*, por exemplo. Em linha com o que fui explicitando nas secções anteriores, defendo que o traço pontual destes verbos, evidenciado nos exemplos abaixo, também favorece a ocorrência de *a+infinitivo*.

- (590) a. *referir/dizer/perguntar* ?#durante 5 minutos [sem interpretação iterativa]
 b. *referir/dizer/perguntar* às 10h15/imediatamente

É verdade que, como comecei por notar, dentro deste grupo *a+infinitivo* é dominante mesmo com *falar* (746 ocorrências de *a+infinitivo*, contra 501 de gerúndio), que é aspetualmente atético e durativo. Mais do que representar um contra-argumento à minha hipótese de que atelicidade e duratividade favorecem o gerúndio, esta situação sugere – como já mencionei e como ficará claro na próxima secção – que é um cruzamento de vários fatores que permite caracterizar a competição em estudo. Neste caso, acredito que o tipo semântico de verbo (processos verbais) e o facto de se descreverem processos que envolvem um forte nível de corporalidade serão determinantes no favorecimento de *a+infinitivo*.²⁷⁸

²⁷⁸ Mais uma vez, noto que os dados de *ficar* e *quedar(se)* fortalecem a descrição apresentada para *estar*. A observação desses dados do CORGA revela contrastes claríssimos relativamente à frequência de ocorrência do verbo principal da construção, mostrando que verbos específicos se associam, sistematicamente, ou ao gerúndio ou a *a+infinitivo*, sendo possível uniformizar o conjunto de dados que favorecem cada uma das estratégias: verifica-se que o gerúndio ocorre preferencialmente com processos mentais, nomeadamente com verbos que envolvem perceção e cognição, e que *a+infinitivo* é favorecido por processos comportamentais, materiais e existenciais que envolvem fisicidade. Os verbos que registaram maior frequência de ocorrência com *a+infinitivo* foram *dormir/durmir* (80 ocorrências), *viver/vivir* (41 ocorrências), *mirar* (30 ocorrências), *cear* (12 ocorrências) e *traballar* (11 ocorrências). Os verbos mais produtivos com o gerúndio foram *mirar* (162 ocorrências), *ollar* (76 ocorrências), *pensar* (32 ocorrências) e *agardar* (21 ocorrências). A observação desses dados sugere, ainda, que em sequências introduzidas por *ficar* e *quedar(se)* o gerúndio e *a+infinitivo* não são estratégias equivalentes. Parece ser possível associar *a+infinitivo* a uma interpretação locativa, surgindo *a+infinitivo* associado a um traço de intenção, como nas frases em (i) – acredito que é notória, nessas frases, a ideia de que se permanece num dado lugar com um objetivo e uma intenção concretos, neste caso, de *durmir*, *vivir* e *traballar* no referido lugar. Por outro lado, é possível perceber que o gerúndio ocorre preferencialmente associado a um valor predicativo, como em (ii) – o carácter predicativo do gerúndio é evidenciado, nas frases b. e c., através da combinação do gerúndio com outros constituintes de natureza predicativa, como é o caso de *pasmados* e *flipada*.

4.2.1.4. Um cruzamento de traços semântico-pragmáticos a explicar a variação

Num esforço de validar as conclusões atrás descritas para os dados do galego, e na expectativa de diluir os aspetos potencialmente menos claros, decidi concluir a análise confrontando os dados do CORGA com material proveniente do *Tesouro Informatizado da Lingua Galega* (TILG). Trata-se de um *corpus* que, na sua versão atual, conta com cerca de 30 milhões de palavras, etiquetadas morfossintaticamente, e é composto por textos do Galego Moderno e Contemporâneo. Procedeu-se exatamente ao mesmo tipo de análise realizada: recolheram-se então ocorrências de *estar* imediatamente seguido de *a*+infinitivo ou gerúndio, em combinação com o mesmo conjunto limitado de verbos que foram anteriormente analisados no conjunto de dados do CORGA (i.e. os verbos considerados representativos dos tipos de processo que decidi investigar).

Os resultados não só foram, em linhas gerais, coincidentes com os observados no CORGA, como, analisados em conjunto, permitiram obter valores ainda mais expressivos que vieram reforçar as conclusões a que anteriormente tinha chegado.

Começo por mostrar que, tal como no CORGA, também os dados do TILG indicam uma superioridade do gerúndio particularmente notória com processos mentais, mas também com comportamentais, reduzindo-se o contraste com materiais e mais ainda com verbais (cf. Figura 8).

-
- (i)
 - a. Eu nin lle falaba e el **quedaba a durmir** nun sofá. 1991/Libro
 - b. Pontanari estivera vencellado ó mundo da farándula, que abandonou un día para **ficar a vivir** en Pontevedra. 1991/Libro
 - c. ¿Pero non querías **quedar a traballar** en Francia!? _ preguntoulle Xenaro un chisco excitado. 1996/Libro
 - (ii)
 - a. Cando desapareceu tras un dos portóns de aluminio e cristal, **ficaron mirando** pasmados para alí. 1998/Libro
 - b. Cando abrín a porta da clase a profesora **quedou mirando** para min flipada. 2000/Libro
 - c. (Valentino **fica pensando** no que dixo Ákil e mira ao seu redor). 2009/Libro

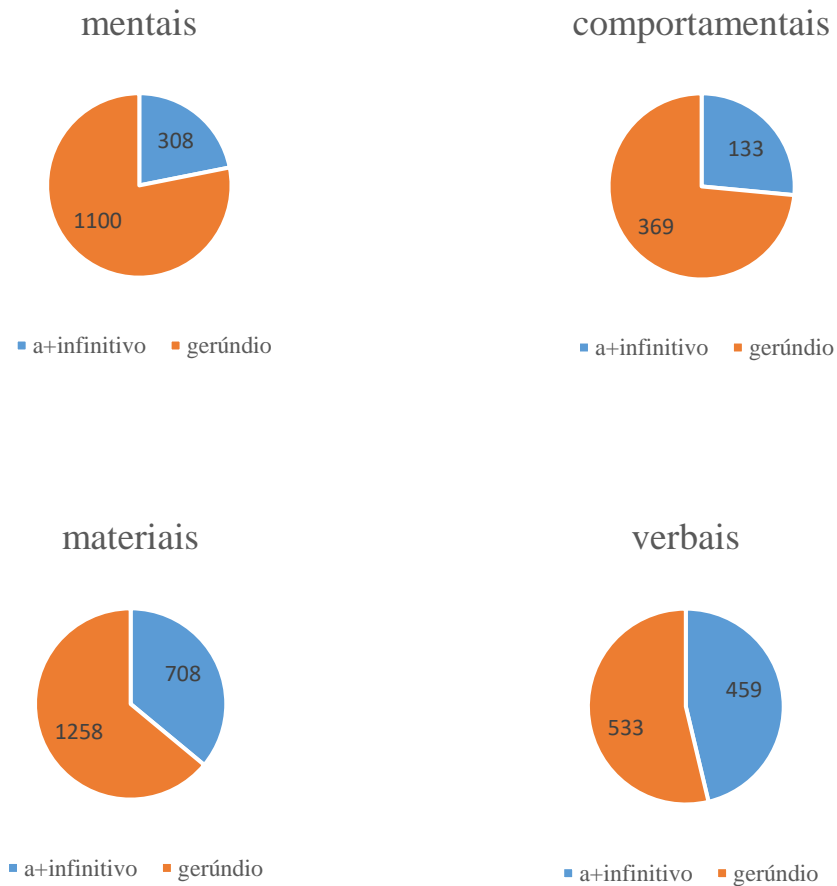


Figura 8: Distribuição de *estar*+gerúndio e *estar*+a+infinitivo, no TILG, por verbos representativos de processos mentais, materiais, verbais e comportamentais – valores absolutos

Se olharmos para as ocorrências por verbo, dentro de cada grupo, volta a observar-se o mesmo tipo de contraste identificado no CORGA. Veja-se (cf. Tabela 29) como, no grupo dos processo mentais, continua a observar-se preferência clara por gerúndio com *ver* (84%) e *pensar* (73%). Tal como no CORGA, o número de ocorrências cai, nas duas variantes, com *sentir*, *comprender*, *entender* e *percibir*, mas *a+infinitivo* mantém-se produtivo com estes verbos. Quanto aos processos comportamentais, há, novamente, o mesmo contraste (cf. Tabela 30): *soñar*, *dormir* e *chorar* com valores de gerúndio acima de 80%; a competição esbate-se com *rir* e *sorrir* e, com *tremar*, é, nos dados do TILG, *a+infinitivo* a opção preferencial. Com processos materiais (cf. Tabela 31), há um domínio geral de gerúndio, mas *a+infinitivo* está bem representado, particularmente com *nascer*, *xogar* e *traballar* (também em consonância com o que se observa no CORGA).

O grupo dos processos verbais é, também neste *corpus*, o conjunto em que *a+infinitivo* está mais fortemente representado, mantendo-se bem produtivo com *falar*, *referir* e *comentar* (cf. Tabela 32).

MENTAL

verbo	<i>a+infinitivo</i>		gerúndio	
	ocorrências	%	ocorrências	%
ollar	29	28,4	73	71,6
ver	91	16,2	470	83,8
pensar	85	26,8	232	73,2
mirar	36	18,8	156	81,3
ouvir	0	0,0	0	0,0
escoitar	31	29,0	76	71,0
oír	12	18,8	52	81,3
entender	3	75,0	1	25,0
comprender	4	80,0	1	20,0
gustar	1	100,0	0	0,0
meditar	0	0,0	1	100,0
imaxinar	2	22,2	7	77,8
sentir	10	43,5	13	56,5
querer	2	12,5	14	87,5
cismar	2	33,3	4	66,7
percibir	3	75,0	1	25,0

Tabela 29: Distribuição de *estar+gerúndio* e *estar+a+infinitivo*, no TILG, por verbos representativos de processos mentais – valores absolutos e percentuais

COMPORTAMENTAL

verbo	<i>a+infinitivo</i>		gerúndio	
	ocorrências	%	ocorrências	%
soñar	17	15,5	93	84,5
durmir	27	19,9	109	80,1
dormir	16	41,0	23	59,0
chorar	13	13,3	85	86,7
rir	36	47,4	40	52,6
sorrir	7	43,8	9	56,3
tremar	17	63,0	10	37,0

Tabela 30: Distribuição de *estar+gerúndio* e *estar+a+infinitivo*, no TILG, por verbos representativos de processos comportamentais – valores absolutos e percentuais

MATERIAL

verbo	<i>a</i> +infinitivo		gerúndio	
	ocorrências	%	ocorrências	%
traballar	72	36,7	124	63,3
comer	20	18,7	87	81,3
correr	11	32,4	23	67,6
bailar	9	24,3	28	75,7
danzar	1	20,0	4	80,0
cantar	12	24,5	37	75,5
facer	344	39,0	537	61,0
chegar	77	36,3	135	63,7
morrer	58	35,4	106	64,6
acabar	13	22,8	44	77,2
escribir	23	33,3	46	66,7
nacer	16	51,6	15	48,4
xogar	52	41,9	72	58,1

Tabela 31: Distribuição de *estar*+gerúndio e *estar*+*a*+infinitivo, no TILG, por verbos representativos de processos materiais – valores absolutos e percentuais

VERBAL

verbo	<i>a</i> +infinitivo		gerúndio	
	ocorrências	%	ocorrências	%
dicer	3	50,0	3	50,0
decir	29	31,2	64	68,8
falar	316	49,2	326	50,8
preguntar	7	36,8	12	63,2
perguntar	6	60,0	4	40,0
responder	0	0,0	3	100,0
referir	31	54,4	26	45,6
explicar	1	50,0	1	50,0
comentar	16	94,1	1	5,9
contar	26	29,9	61	70,1
parolar	18	43,9	23	56,1
conversar	6	40,0	9	60,0

Tabela 32: Distribuição de *estar*+gerúndio e *estar*+*a*+infinitivo, no TILG, por verbos representativos de processos verbais – valores absolutos e percentuais

Vemos, então, que os dados do CORGA e do TILG apontam na mesma direção. Esta constatação de que o mesmo tipo de contraste se encontra em dados de duas fontes faz-me acreditar, ainda mais convictamente, na importância do tipo semântico de verbo

para explicar a variação, bem como na influência dos traços de duratividade, semelfatividade, telicidade e do nível de fisicidade do verbo.

Isso mesmo fica particularmente claro se tomarmos, agora em conjunto, esses dados do TILG e do CORGA relativos às perífrases com *estar* com os verbos analisados: os números ganham ainda mais expressividade e a existência dos contrastes apontados torna-se inquestionável.

O Gráfico 30 diz respeito ao papel do tipo semântico de verbo. Analisados em conjunto, os dados reforçam a ideia de que é com processos mentais que *estar a+infinitivo* é mais desfavorecido, sendo bastante produtivo com processos materiais; com verbais, ultrapassa o gerúndio. Uma vez que os tipos de processo mais representados com *a+infinitivo* são os que mais se relacionam com atividades do corpo humano, uma análise por tipo de processo também sugere a já mencionada relação entre *a+infinitivo* e fisicidade.

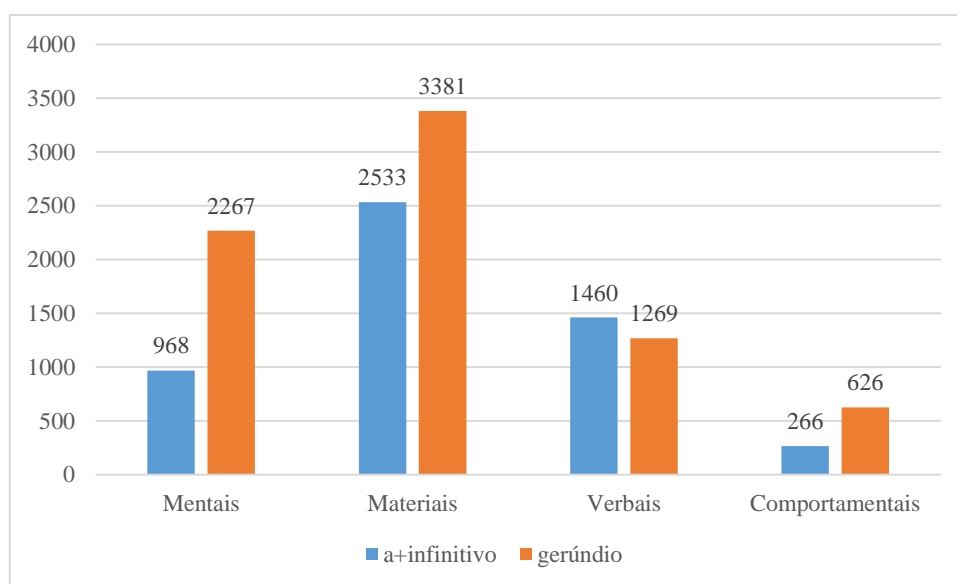


Gráfico 30: Distribuição de *estar+gerúndio* e *estar+a+infinitivo* por verbos representativos de processos mentais, materiais, verbais e comportamentais (CORGA e TILG) – valores absolutos e percentuais

Também em linha com o que antes já comentei, os dados dos dois *corpora* em conjunto evidenciam claramente o papel da duratividade (vs. semelfatividade) inerente ao verbo dentro dos processos comportamentais: note-se, no Gráfico 31, a maior produtividade do gerúndio com verbos inerentemente durativos (*soñar, dormir e chorar*) e o menor contraste entre as duas opções com verbos como *rir e temer*, que considero

estarem mais próximos de semelfativos do que de típicos durativos.²⁷⁹ O Gráfico 32 mostra, de forma muito clara, como a duratividade inerente aos verbos considerados nos processos comportamentais favorece o gerúndio e como a semelfatividade o desfavorece.

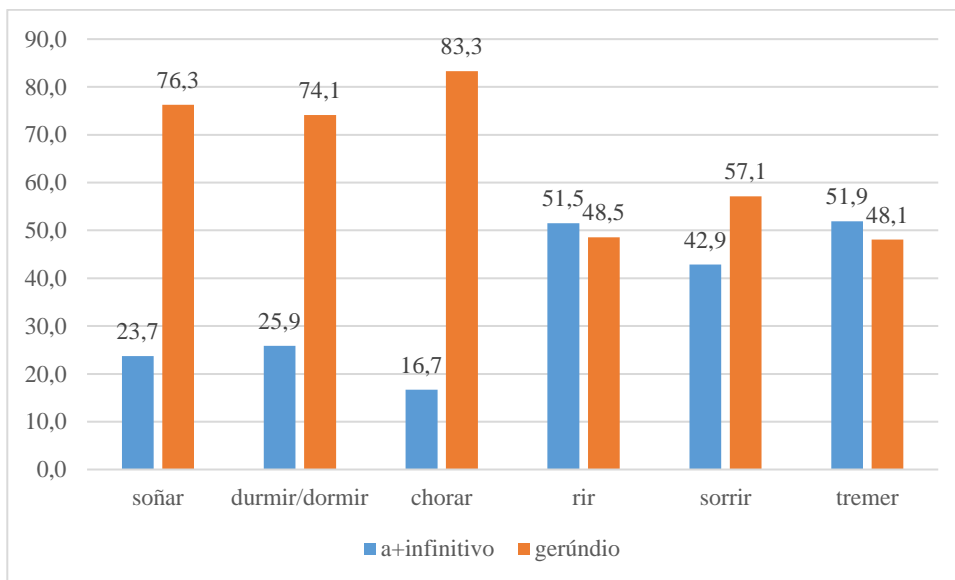


Gráfico 31: Distribuição de *estar*+gerúndio e *estar*+a+infinitivo por verbos representativos de processos comportamentais (CORGA e TILG) – valores percentuais

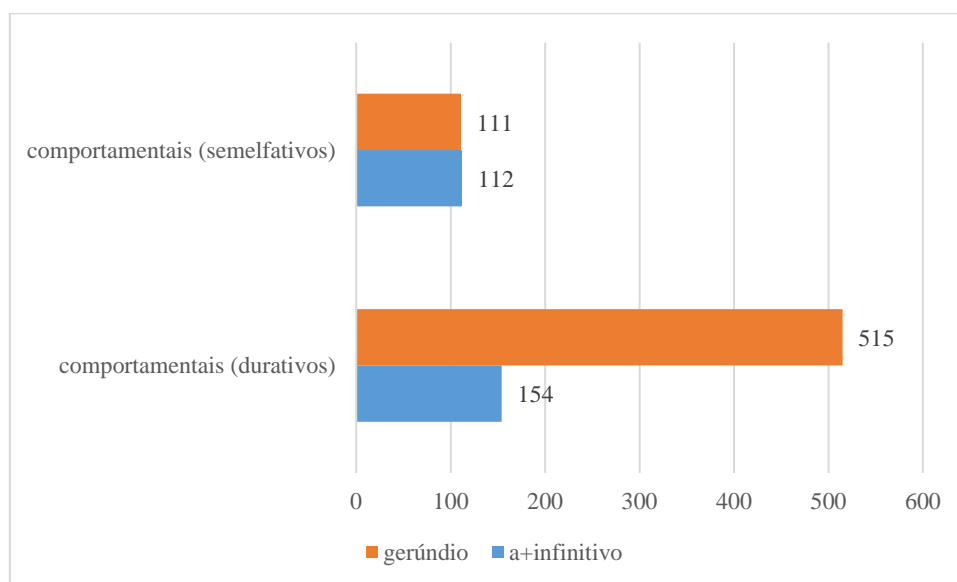


Gráfico 32: Distribuição de de *estar*+gerúndio e *estar*+a+infinitivo por verbos representativos de comportamentais semelfativos e durativos (CORGA e TILG) – valores absolutos

²⁷⁹ Assumo, essencialmente a partir dos factos observados relativamente à estrutura interna dos semelfativos *rir* e *temer*, que se poderão identificar contrastes se observarmos, especificamente, as propriedades de homogeneidade vs. heterogeneidade dos eventos.

No grupo dos processos mentais, em que claramente domina o gerúndio, a superioridade de *a+infinitivo* com os verbos télicos e pontuais *entender*, *comprender* e *percibir* volta a sugerir o peso da telicidade no favorecimento de *a+infinitivo*:

	<i>a+infinitivo</i> (%)	gerúndio (%)
<i>entender</i>	65,0	35,0
<i>comprender</i>	90,9	9,1
<i>percibir</i>	66,7	33,3

Tabela 33: Distribuição de de *estar+gerúndio* e *estar+a+infinitivo* com *entender*, *comprender* e *percibir* (CORGA e TILG) – valores percentuais

Somos então, até ao momento, levados a crer que entre os aspectos linguísticos que contribuem para explicar a variação nos dados do galego estão o tipo de processo, a duratividade e a telicidade inerentes ao verbo e o facto de se descrever um evento físico ou mental. De forma a sistematizar estas ideias, passo a apresentar um último conjunto de dados, que exhibe os resultados obtidos após uma análise que inclui o cruzamento das variáveis consideradas relevantes.²⁸⁰

Os resultados, que a seguir se expõem, mostram como neste conjunto de dados as ocorrências de gerúndio parecem ser particularmente favorecidas por verbos inerentemente durativos mas, essencialmente, por processos mentais.

Começo por apresentar, no Gráfico 33, a oposição físico-mental e o desfavorecimento de *a+infinitivo* com verbos mentais. Noto que sob a classificação “fronteira físico-mental” foram incluídos verbos como *ollar* e *sentir*, que parecem situar-se numa zona de fronteira entre os dois traços. Curiosamente, com este grupo de verbos a distribuição das duas opções foi bastante equilibrada.

²⁸⁰ O conjunto de verbos oriundos do CORGA e do TILG que estou a investigar (ou seja, sequências em que *estar* se associa a uma forma de gerúndio ou *a+infinitivo* dos verbos que compõem a lista que decidi analisar) foi agora classificado relativamente aos traços de duratividade, telicidade e fisicidade do evento. Considerou-se a totalidade das ocorrências, para os grupos relevantes, registadas no CORGA e no TILG. Relativamente à classificação, “pensar”, por exemplo, foi classificado como [+durativo], [-télico] e [-físico], “comer” como [+durativo], [-télico] e [+físico] e “chegar” como [-durativo], [+télico] e [+físico]. Os semelfativos foram caracterizados como [+pontual], [-télico] e [+físico] e os cognitivos *perceber*, *entender* e *comprender* foram classificados como [-durativos], por nesta análise serem considerados verbos que envolvem um experienciador de um processo mental (do tipo *comprender um problema*), descrevendo um evento pontual. Quanto à oposição entre atividades mentais e físicas, incluí em atividades físicas os verbos que denotam ações motoras, verbos posturais e de movimento e verbos discursivos. Para dar conta de casos não lineares que parecem constituir uma zona de fronteira, esses exemplos foram marcados como “fronteira físico/mental”.

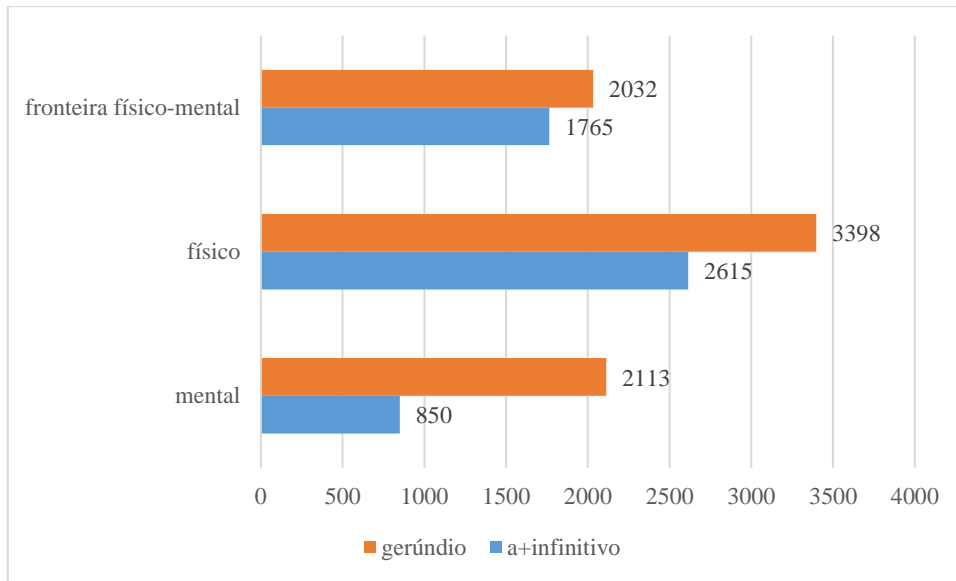


Gráfico 33: Distribuição de *estar*+gerúndio e *estar*+a+infinitivo pelos traços [+físico] e [+mental] (CORGA e TILG) – valores absolutos

O favorecimento de gerúndio com processos mentais é também visível no Gráfico 34. Partindo da observação de que é em situações atéticas e durativas que ambas as opções são mais produtivas, tentei perceber que influência se pode atribuir ao traço [+mental] na distribuição de gerúndio e a+infinitivo em contextos atéticos e durativos. O resultado evidencia um claro favorecimento de a+infinitivo com verbos [+físicos].²⁸¹

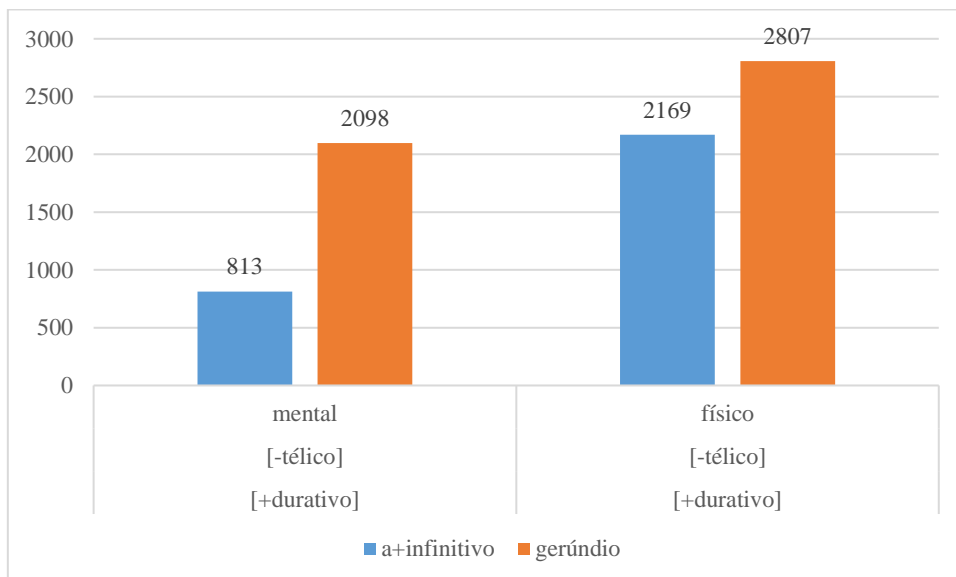


Gráfico 34: Distribuição de *estar*+gerúndio e *estar*+a+infinitivo (CORGA e TILG): cruzamento de variáveis – valores absolutos

²⁸¹ Neste gráfico foram apenas considerados os verbos inequivocamente mentais ou físicos, tendo sido desconsiderados, nesta análise, os casos classificados como “fronteira físico-mental”.

Embora me tenha cingido à análise de um conjunto limitado de verbos, o que é certo é que esses verbos foram bastante produtivos, em associação com *estar*, nos *corpora* considerados – o que me deu acesso a um volume de dados bastante expressivo, relativamente aos quais é possível extrair conclusões legítimas.

Assim, os dados expostos na secção 4.2.1 ilustram contrastes relevantes e que apontam no sentido da minha predição inicial: verifica-se uma forte associação de gerúndio a verbos mentais e um maior favorecimento de *a*+infinitivo com eventos télicos, pontuais e físicos. Para a caracterização da competição *a*+infinitivo vs. gerúndio, no galego, em construções com *estar*, parece, pois, relevante contemplar uma análise a partir do verbo, que considere uma tipologia de processos, mas que observe também outras propriedades semântico-pragmáticas inerentes ao predicado (como a duratividade, a telicidade e a corporalidade/fisicidade).

Resta-me terminar apresentando o que observei voltando aos dados do CORGA após a análise que descrevi nas últimas secções. Identificado o conjunto de factores que considerei mais relevantes para a caracterização da variação (atelicidade, duratividade, fisicidade), decidi voltar a analisar as ocorrências, extraídas do CORGA, de *estar* seguido de qualquer forma verbal no gerúndio ou *a*+infinitivo – portanto, não apenas o conjunto limitado de verbos que analisei anteriormente, tomando-os como representativos de cada grupo de processo que pretendi investigar.²⁸² Essas ocorrências, já anteriormente comentadas relativamente à competição por tipo de processo, foram entretanto classificadas também relativamente a estes novos traços semânticos tidos como relevantes.

Os dados alinham-se, de uma forma geral, com as minhas hipóteses. Ainda que ambas as estratégias sejam mais produtivas com eventos durativos e atélicos do que pontuais e télicos, verificam-se contrastes no sentido esperado: o traço [+télico] tem um peso de 31% no conjunto dos dados de *a*+infinitivo, ao passo que, com o gerúndio, verbos inerentemente [+télicos] estão menos representados: contabilizam-se 24,3% de casos. O traço [+pontual] está presente em 28,2% dos casos de *a*+infinitivo, mas, novamente, desce no conjunto dos dados de gerúndio: 24,9%. Tudo isto se confirma na Tabela 34.

²⁸² Lembro que, dada a extensão e complexidade dos dados do CORGA, as ocorrências de *estar* seguido de gerúndio/*a*+infinitivo restringem-se a contextos de adjacência e a um período de 10 anos.

<i>a</i> +infinitivo						gerúndio					
	n.º oc.	%		n.º oc.	%		n.º oc.	%		n.º oc.	%
pontual	187	28,2	durativo	475	71,8	pontual	168	24,9	durativo	511	75,6
télico	205	31,0	atélico	457	69,0	télico	164	24,3	atélico	515	76,2

Tabela 34: Peso da duratividade e da atelicidade na distribuição de *estar*+gerúndio e *estar*+*a*+infinitivo no CORGA – valores absolutos e percentuais

Vale a pena notar que o favorecimento de *a*+infinitivo com eventos télicos e pontuais é particularmente evidente se nos focarmos nos contextos em que a competição é mais forte: ou seja, com processos materiais. Verifica-se que, nos dados de *a*+infinitivo, se registam 38% de processos materiais télicos e, nos dados de gerúndio, a percentagem do mesmo tipo de eventos desce para 28%. Além disso, há, nos dados de *a*+infinitivo, 33% de eventos materiais pontuais, mas, nos dados de gerúndio, a percentagem do mesmo tipo de situações desce para 27%.

Os contrastes relacionados com a fisicidade do verbo foram, contudo praticamente inexistentes neste conjunto de dados: 12% de eventos que envolvem atividades corporais com *a*+infinitivo e 11% com gerúndio. Ainda assim, quando cruzamos essa informação com outras variáveis identificam-se contrastes que vão, mais uma vez, no sentido esperado: eventos que apresentam simultaneamente os traços [+corporal], [+pontual] correspondem a 3,3% dos casos com *a*+infinitivo e 1,5% de gerúndio; similarmente, os traços [+corporal], [+télico] representam 3,0% com *a*+infinitivo e 1,9% com gerúndio.

Os dados evidenciam, sobretudo, que é com *a*+infinitivo que os eventos télicos e pontuais ocorrem mais facilmente, confirmando assim a ideia defendida ao longo deste capítulo de que os traços de telicidade e pontualidade contribuem para explicar a variação.²⁸³

4.2.1.5. Inacusatividade

Neste ponto trago à discussão um último conjunto de dados. Estes serão apresentados no sentido de provar, por um lado, que a variação *a*+infinitivo vs. gerúndio nos dados do galego pode, efetivamente, ser caracterizada com base nos aspetos linguísticos que tenho vindo a explorar – nomeadamente, o tipo de processo, as propriedades temporais inerentes

²⁸³ Apesar de a minha preocupação ter sido identificar os aspetos linguísticos que podem influenciar a ocorrência de gerúndio ou *a*+infinitivo, estou consciente de que uma análise mais completa deverá estudar com atenção o papel da frequência de uso na fixação das estruturas, nomeadamente em combinação com verbos específicos.

ao verbo (como a sua duratividade e telicidade) e o seu nível de fisicidade – mas também no sentido de avaliar se a sintaxe do verbo pode ter, ela própria, um papel relevante na descrição da variação.

Parti de uma constatação inicial, ao explorar os dados do CORGA e do TILG, de que verbos como *acontecer* e *ocorrer* pareciam surgir, de forma bastante equilibrada, quer com o gerúndio, quer com *a*+infinitivo. Ora, esses verbos, tal como *suced*er e *passar(-se)*, pertencem à classe dos verbos inacusativos e podem ser caracterizados com verbos de acontecimento (cf., entre outros, Barrio de La Rosa 2008).

O levantamento de dados no sentido de perceber a sua distribuição com o gerúndio e *a*+infinitivo em construções com *estar* revelou, efetivamente, que se trata de um contexto aparentemente favorecedor de *a*+infinitivo. Veja-se o Gráfico 35, em que se expõe os resultados relativos às ocorrências de *acontecer*, *pasar*, *suced*er e *ocorrer* com cada uma das variantes no conjunto de dados disponibilizados pelo CORGA e pelo TILG:

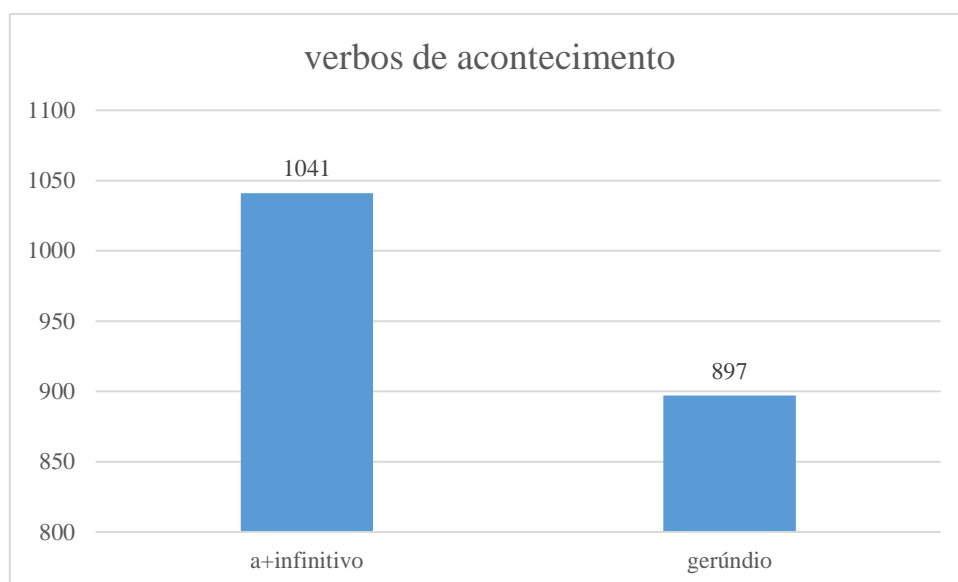


Gráfico 35: Distribuição de *estar*+gerúndio e *estar*+*a*+infinitivo com verbos de acontecimento (TILG e CORGA) – valores absolutos

Trabalhos que se centram especificamente nestes verbos – de acontecimento – e que descrevem as suas propriedades destacam a sua inagentividade, notando que têm tipicamente como sujeito uma oração subordinada substantiva que denota um evento. Além dessas propriedades sintáticas, é-lhes atribuído também um conjunto de propriedades semânticas próprias: trata-se de eventos dinâmicos, delimitados e cuja duração pode ser descrita como escassa (cf., por exemplo, Barrio de la Rosa 2008: 6).

Surtem também descritos, neste mesmo trabalho, como ingressivos, “pues enfocan el punto inicial en que culmina el evento. A este punto inicial le sigue una nueva fase”.

Na linha do que tenho vindo a defender, o facto de se tratar de eventos não durativos justificará a elevada ocorrência de *a+infinitivo*. Mas não podemos desconsiderar que as suas propriedades sintáticas (nomeadamente, a inagentividade e a possibilidade de sujeitos oracionais) influenciarem também a variação – especificamente, e de acordo com os dados, favorecendo *a+infinitivo*.

De forma a perceber que conclusões se podem extrair não apenas para os verbos de acontecimento, mas relativamente ao conjunto de verbos inacusativos de que fazem parte, estendi a análise a outros verbos tipicamente classificados como inacusativos: *morrer, nacer, cair, crecer, vir, fuxir, arder, sair, aparecer e desaparecer*. Os resultados, expostos abaixo, sublinham que quando consideramos verbos inacusativos (onde se incluem os de acontecimento e de aparecimento) há um equilíbrio notável na distribuição de *a+infinitivo* e gerúndio.

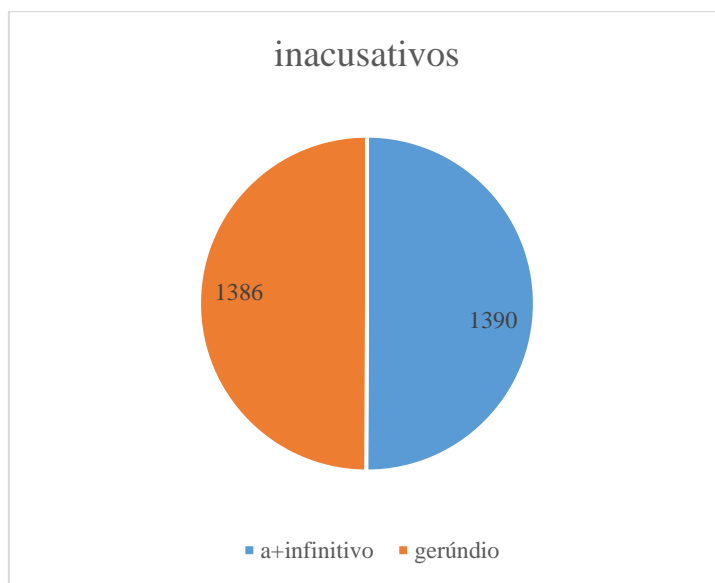


Gráfico 36: Distribuição de *estar+gerúndio* e *estar+a+infinitivo* com verbos de inacusativos (TILG e CORGA) – valores absolutos

Ainda que a inacusatividade possa, efetivamente, favorecer *a+infinitivo*, não podemos ignorar que também no conjunto mais vasto dos verbos inacusativos se incluem verbos com propriedades temporais e pragmáticas específicas que podem pesar na distribuição observada. Nomeadamente, incluem-se neste grupo – novamente – verbos não durativos e télicos (aspetos que já mostrei serem favorecedores de *a+infinitivo*) e que descrevem situações do mundo físico (foram classificados como processos materiais na

classificação semântica, e verificámos que com este tipo de processo *a+infinitivo* está, em geral, bem representado).

Algumas situações identificadas neste conjunto de dados ilustram particularmente bem o que estou a dizer: que são novamente aspetos relacionados com os traços de duratividade, telicidade e fisicidade que explicam a competição. Notou-se que a distribuição das variantes é equilibrada com cada um dos verbos testados, mas o único verbo que registou uma superioridade claríssima de gerúndio foi *arder* (80% de gerúndio e 20% de *a+infinitivo*, no total de ocorrências do CORGA e do TILG). Ora, isto chama mais uma vez a atenção para o papel da duratividade do evento descrito e levanta uma questão, já atrás mencionada, relacionada com o tempo de duração do evento, e permite identificar contrastes relacionados com a quantidade de tempo que umas situações consomem comparativamente a outras.

Se repararmos, *arder* é considerado um evento durativo e atélico. A sua compatibilidade com expressões temporais durativas como *durante horas/dias* prova que se trata de um evento capaz de ocupar uma extensão temporal considerável:

(591) A floresta ardeu durante horas/vários dias.

Verbos como *nacer*, *morrer* ou *cair*, tipicamente descritos como não durativos, são naturalmente incompatíveis com essas expressões:

(592) *Nacer/cair/morrer durante horas/dias.

Efetivamente, observa-se que, nos dados do galego, o verbo *nacer* se associou preferencialmente a *a+infinitivo*. Na totalidade de dados disponibilizados pelo CORGA e pelo TILG, identifiquei 47 ocorrências de *estar* seguido de *nacer* numa forma de infinitivo preposicionado e 35 em que *nacer* ocorre no gerúndio. No conjunto de ocorrências limitadas a um período de 10 anos que extraí do CORGA, não há nenhuma ocorrência de *estar* associado a *nacer* no gerúndio – mas identificam-se 10 ocorrências com *a+infinitivo*.

O que quero salientar é que, dentro de um mesmo grupo de verbos inacusativos, existem contrastes que parecem justificar-se, precisamente e mais uma vez, por propriedades temporais e aspetuais: especificamente, pela duratividade e pela telicidade.

4.3. O novo confronto com o CORDIAL-SIN

Perante as conclusões a que cheguei com a análise dos dados do galego, impõe-se lançar um novo olhar aos dados do CORDIAL-SIN. O objetivo é verificar se os aspetos que se mostraram pertinentes para descrever os dados daquela língua são também pertinentes para a descrição da variação portuguesa. Como veremos, os dados são interessantes, revelando uma situação não necessariamente idêntica à do galego, mas que é possível explicar.

Boa parte das conclusões interessantes a que cheguei para o galego resultou da análise da frequência de ocorrência de um conjunto de verbos que selecionei – considerados representativos dos tipos de processo em que a competição se mostrou produtiva: processos materiais, comportamentais, mentais e verbais. A dimensão dos dados do CORDIAL-SIN não permitiu fazer exatamente este tipo de análise: vários são os correspondentes portugueses desses verbos que não ocorrem ou são pouco expressivos na área portuguesa relevante (ou seja, na amostra relativa à área onde se atesta a variação, muitíssimo menos expressiva que o conjunto de dados do galego). Ainda assim, apresento abaixo os resultados.

		a+infinitivo	gerúndio
comportamentais	sonhar	0	0
	dormir	6	1
	chorar	1	0
	rir	2	0
	sorrir	0	0
	tremer	0	0
verbais	dizer	27	23
	falar	29	7
	perguntar	0	2
	responder	0	0
	referir	1	2
	explicar	0	0
	comentar	0	0
	contar	3	5
	conversar	4	1
mentais	olhar	5	3
	ver	43	9
	pensar	3	4
	mirar	0	0
	ouvir	5	5
	escutar	0	0
	entender	0	6

	compreender	8	12
	gostar	0	0
	meditar	0	0
	imaginar	0	0
	sentir	0	0
	querer	4	0
	cismar	0	0
	perceber	55	29
materiais	trabalhar	24	4
	comer	10	14
	correr	8	2
	bailar	0	0
	dançar	0	0
	cantar	6	2
	fazer	26	17
	chegar	1	0
	morrer	1	4
	acabar	1	2
	escrever	0	1
	nascer	1	0
	jogar	2	0

Tabela 35: Distribuição de *estar+a+infinitivo* e *estar+gerúndio*, por verbos representativos de processos materiais, mentais, verbais e comportamentais, na área de coocorrência do CORDIAL-SIN

A fraca expressividade dos dados, decorrente do facto de, no PD, a vitalidade do gerúndio ser menor do que em galego, não permite, a meu ver, que se extraiam conclusões a partir destes números.

Mas vejamos o que dizem os dados do CORDIAL-SIN relativamente à influência dos aspetos semântico-pragmáticos analisados para o galego considerando os dados de *estar* seguido de gerúndio ou *a+infinitivo* relativos à área portuguesa de coocorrência das duas estratégias. Esses dados foram integralmente anotados quanto aos traços semânticos de duratividade e telicidade. Foram também marcados os predicados que inequivocamente denotam atividades relacionadas com o corpo físico. Os critérios foram os mesmos que segui para a análise dos dados galegos.

A minha predição, sustentada pelos dados do galego atrás apresentados, de que a ocorrência de *a+infinitivo* pode ser favorecida por eventos pontuais, télicos e que denotem atividades físicas, e de que o gerúndio se combinará mais facilmente com eventos durativos, atélicos e que apresentam um menor grau de fisicidade, não é

confirmada por este conjunto de dados do CORDIAL-SIN, que exibem até resultados contrários à minha hipótese. Fica claro que ambas as estratégias ocorrem maioritariamente com eventos durativos e atélicos, mas, curiosamente, é o gerúndio que exhibe valores mais elevados de telicidade (42,8% contra 34,2%) e mesmo de pontualidade, embora aqui a diferença seja francamente menor (28,1% de predicados pontuais com gerúndio e 26,5% com *a*+infinitivo). Também surpreendentemente, é com o gerúndio que se identificam mais situações que denotam fisicidade (61,1% contra 40%). Veja-se a Tabela 36:

	<i>a</i> +infinitivo		gerúndio	
	n.º oc.	%	n.º oc.	%
télico	192	34,2	131	42,8
atélico	370	65,8	175	57,2
durativo	413	73,5	220	71,9
pontual	149	26,5	86	28,1
físico	225	40,0	187	61,1

Tabela 36: Peso da duratividade, telicidade e fisicidade na distribuição de *estar*+gerúndio e *estar*+*a*+infinitivo na área de coocorrência do CORDIAL-SIN

Apesar de estes dados gerais não apontarem no sentido esperado, se, também como mostrei para o galego, nos focarmos nos contrastes exibidos especificamente no conjunto de processos materiais – aqueles em que as duas estratégias se mostraram mais produtivas e em que a distribuição de gerúndio e *a*+infinitivo foi particularmente equilibrada – os dados exibem um cenário mais aproximado daquilo que esperávamos. É relativamente ao peso do traço pontualidade que se observam as maiores diferenças percentuais entre as duas estratégias: predicados pontuais perfazem 21% dos processos materiais de *estar*+*a*+infinitivo, mas representam apenas 14,5% dos processos materiais de gerúndio. A combinação [+télico, +pontual] também revela uma diferença percentual significativa (19,7% de *a*+infinitivo e 13,3% de gerúndio) e sugere, em linha com a minha hipótese, que processos materiais com essas características favorecem *a*+infinitivo.

MATERIAIS	<i>a</i> +infinitivo		gerúndio	
	n.º oc.	%	n.º oc.	%
[+télico]	105	33,9	67	38,7
[+atélico]	205	66,1	106	61,3
[+pontual]	67	21,6	25	14,5
[+durativo]	243	78,4	148	85,5
[+télico, +pontual]	61	19,7	23	13,3
[+atélico, +durativo]	199	64,2	104	60,1

Tabela 37: Peso da duratividade e da telicidade na distribuição de *estar*+*a*+infinitivo e *estar*+gerúndio com processos materiais na área de coocorrência do CORDIAL-SIN

Como se observa, estes dados do CORDIAL-SIN não evidenciam tão claramente como os do galego o peso destes traços semântico-pragmáticos no favorecimento de uma das estratégias. Sendo possível, a partir da Tabela 37, perceber sobretudo uma relação

entre a pontualidade e a ocorrência de *a+infinitivo*, não podemos concluir, a partir destes dados do PD, que o conjunto de traços telicidade, duratividade e fisicidade influencia no PD e no galego, da mesma forma, a ocorrência de uma das estratégias.

No entanto, as conclusões são diferentes se, em vez de considerarmos a globalidade dos dados relativos à área de coocorrência do PD, nos centrarmos em localidades em que a competição é mais viva e que registam elevada produtividade de gerúndio, como acontece em alguns dialetos dos Açores. Decidi começar por analisar os dados da ilha Terceira, por ser uma região que apresenta elevados níveis de produtividade tanto de gerúndio (31 ocorrências), quanto de *a+infinitivo* (57 ocorrências). Os valores obtidos para esta ilha relativamente aos traços relevantes, expostos abaixo, exibem de forma nítida, e em linha com a minha hipótese, um favorecimento de *a+infinitivo* na presença dos traços de telicidade, pontualidade e fisicidade (no que toca a este aspeto marquei, mais uma vez, situações que inequivocamente envolvem corporalidade).

	<i>a+infinitivo</i>		gerúndio	
	n.º oc.	%	n.º oc.	%
télico	36	63,2	15	48,4
atélico	21	36,8	16	51,6
durativo	24	42,1	18	58,1
pontual	33	57,9	13	41,9
físico	17	29,8	6	19,4

Tabela 38: Peso da telicidade, duratividade e fisicidade na ocorrência de *estar+gerúndio* ou *estar+a+infinitivo* na ilha Terceira

A distribuição por tipo semântico de verbo nesta localidade também revela situações interessantes. Observem-se o Gráfico 37 e a Tabela 39:

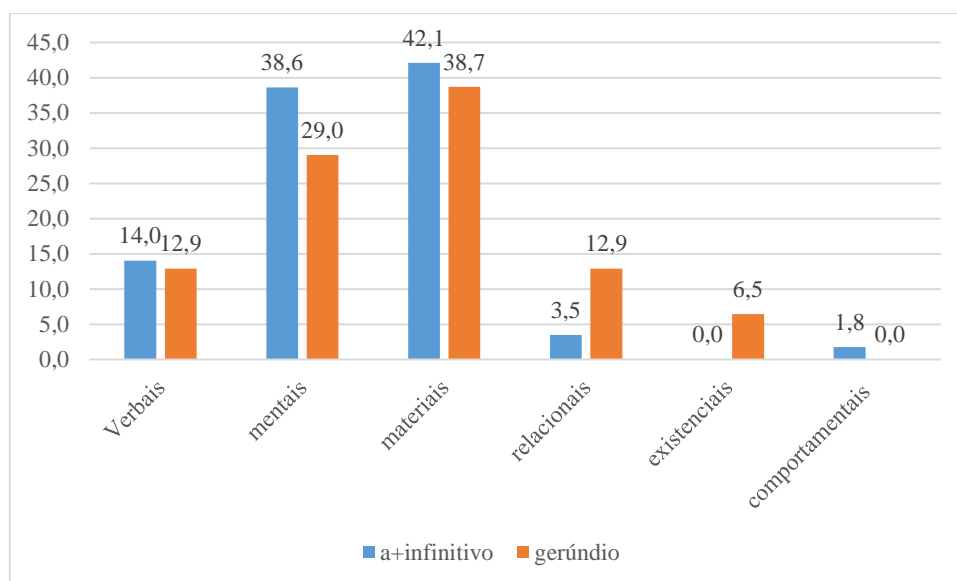


Gráfico 37: Distribuição de *estar*+gerúndio e *estar*+*a*+infinitivo por tipo de processo na ilha Terceira – valores percentuais

	<i>a</i>+infinitivo		gerúndio	
	n.º oc.	%	n.º oc.	%
verbais	8	14	4	12,9
mentais	22	38,6	9	29
materiais	24	42,1	12	38,7
relacionais	2	3,5	4	12,9
existenciais	0	0	2	6,5
comportamentais	1	1,8	0	0

Tabela 39: Distribuição de *estar*+gerúndio e *estar*+*a*+infinitivo por tipo de processo na ilha Terceira – valores percentuais e absolutos

Além de estes dados revelarem um favorecimento do gerúndio com processos existenciais e relacionais (grupos que continuam, no entanto, a ser menos representados comparativamente a outros tipos semânticos de verbo), nota-se um favorecimento de *a*+infinitivo com processos verbais – o que mais uma vez se alinha com a minha hipótese – e um favorecimento de *a*+infinitivo com processos mentais – que parece contrariá-la. Ora, o que é interessante verificar é que esta percentagem reflete a elevada produtividade do verbo mental *perceber* com esta estratégia (22 ocorrências) – este verbo, como vimos nos dados do galego, também é favorecedor nessa língua de *a*+infinitivo, facto que atribuí às características télicas e pontuais deste verbo cognitivo. Comparando a distribuição de *perceber* com as duas estratégias, observa-se que representa 37% dos dados de *a*+infinitivo e 22,5% de gerúndio (7 ocorrências).

O cruzamento de variáveis continua a exhibir resultados alinhados com a minha hipótese. Nesta localidade, regista-se 56,1% (32 ocorrências) de predicados simultaneamente télicos e pontuais com *a+infinitivo*; a percentagem desce para 41,9% com gerúndio (13 ocorrências). Especificamente no grupo em que a competição é mais equilibrada – com os processos materiais – nos dados de *a+infinitivo* situações pontuais representam 41,7% deste grupo, mas as mesmas situações representam 16,1% dos dados de gerúndio. Isto sublinha bem o peso da pontualidade no favorecimento de *a+infinitivo* com processos materiais.

Também os dados da ilha do Corvo, em que gerúndio se mantém particularmente vivo – regista 38 ocorrências, contra 17 de *a+infinitivo* –, sublinham estas tendências. A influência da pontualidade é novamente sublinhada: predicados pontuais representam 35% das ocorrências de *a+infinitivo*, mas apenas 21% de gerúndio. Também a telicidade favorece *a+infinitivo*, verificando-se que apenas a fisicidade favorece, neste conjunto de dados, o gerúndio.

	<i>a+infinitivo</i>		gerúndio	
	n.º oc.	%	n.º oc.	%
télico	8	47,1	16	42,1
atélico	9	52,9	22	57,9
durativo	11	64,7	30	78,9
pontual	6	35,3	8	21,1
físico	6	35,3	19	50

Tabela 40: Peso da telicidade, duratividade e fisicidade na ocorrência de *estar+gerúndio* ou *estar+a+infinitivo* na ilha do Corvo

A distribuição por tipo semântico de verbo é, nesta localidade, perfeitamente alinhada com a hipótese defendida ao longo deste capítulo:

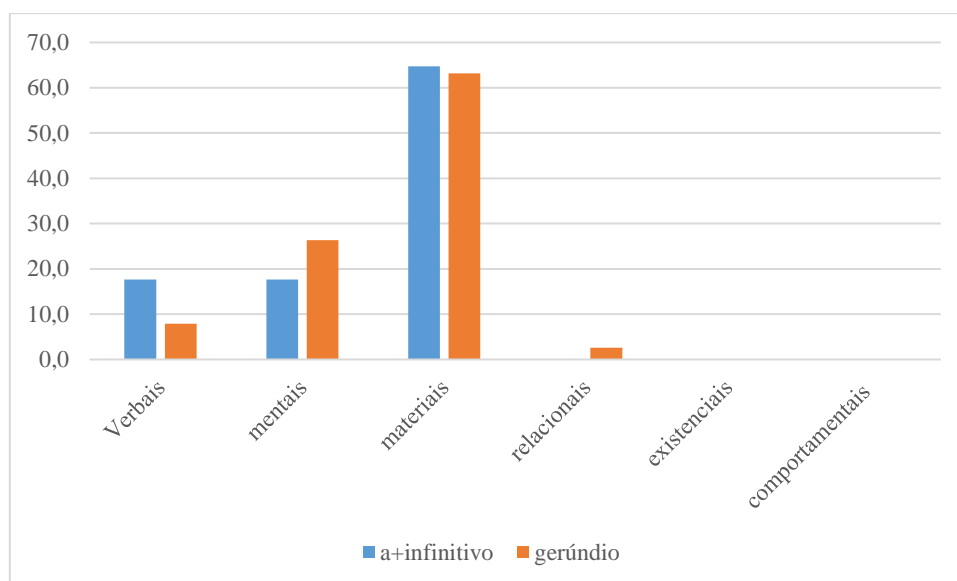


Gráfico 38: Distribuição de *estar*+gerúndio e *estar*+*a*+infinitivo por tipo de processo na ilha do Corvo – valores percentuais

Estes dados sugerem que os aspetos identificados a partir do galego para explicar a variação são relevantes também para dar conta da variação do PD, embora não sejam igualmente visíveis em todas as localidades onde a variação está atestada: é, como vemos, nos dialetos açorianos, que exibem uma forte competição entre as duas estratégias, que o peso destes traços é verificado de forma clara. A explicação para esta situação é apresentada na secção que se segue.

4.4. PD e galego: diferentes fases no processo de mudança linguística

Os dados apresentados ao longo do capítulo, incluindo os que acabo de mostrar, são perfeitamente explicados se considerarmos que o português e o galego se encontram em diferentes fases do processo de substituição de gerúndio por *a*+infinitivo – e que, no PD, os dialetos que registam variação não se encontram todos na mesma fase desse processo de substituição. A variação registada no PD e no galego é, assim, explicada à luz de uma mudança diacrónica, identificada interlinguisticamente.

Defendo, especificamente, que o galego se encontra numa fase mais incipiente do processo de substituição comparativamente ao português, razão pela qual os aspetos favorecedores de gerúndio e *a*+infinitivo são mais visíveis nessa língua, em que a vitalidade do gerúndio é ainda forte. Por outro lado, na área portuguesa em que se atesta a variação, os contrastes estarão mais diluídos pelo facto de esta língua se encontrar numa fase mais avançada do processo de mudança. O facto de se observarem, nos dialetos do

PD em que a competição é mais viva, contrastes idênticos aos que foram observados nos dados do galego é um argumento a favor da existência de um percurso de substituição no mesmo sentido, mas em fases distintas nas duas línguas, indicando que em Portugal o processo de substituição de gerúndio por *a+infinitivo* não está igualmente adiantado em toda a área de variação: os dados da ilha Terceira e da ilha do Corvo sugerem que, nestes dialetos açorianos, o processo de substituição é menos avançado do que noutras partes do território – pelo que estes dialetos se aproximam, neste aspeto, da realidade do galego. Assim, assumo a hipótese de os contrastes identificados para o galego terem sido de alguma forma observáveis, também em português, em fases mais antigas da história desta língua mesmo nos dialetos em que, hoje, o peso desses traços não é particularmente observável.

A ideia de que há uma mudança linguística no sentido de *a+infinitivo* substituir o gerúndio em perífrases com *estar* é suportada pelos trabalhos já citados que evidenciam a substituição gradual de gerúndio por *a+infinitivo*, nas línguas românicas, em construções progressivas (cf. Casalicchio 2019 e Casalicchio e Migliori 2018, entre outros). É, pois, legítimo assumir que o português e o galego constituem exemplos desse percurso de evolução, ainda que se encontrem em fases diferentes do processo de substituição.

Por outro lado, são vários os factos que me permitem argumentar a favor da ideia de que o português e o galego se encontram em diferentes fases dessa mudança. Em primeiro lugar, é uma hipótese que encontra fundamento no percurso diacrónico da evolução das estruturas em português e em galego. É sabido que a opção *a+infinitivo* se encontra atestada na língua portuguesa desde há vários séculos (cf., entre outros, Barbosa 1999, Maler 1972). Dados de *corpora* portuguesas apresentados em Osório e Vázquez Diéguez (2018) indicam que a estrutura *estar+a+infinitivo* se encontra bem atestada já no Português Médio, identificando-se ocorrências entre os séculos XIII-XVI (cf. Osório e Vázquez Diéguez 2018: 99). Em contrapartida, no galego, a estrutura regista-se mais tardiamente: dados do mesmo trabalho apontam o século XIX como momento em que se registam as primeiras ocorrências da construção. O simples facto de, no galego contemporâneo, *estar+a+infinitivo* representar, no *corpus* que estudaram, apenas 38,6% dos casos (cf. Osório e Vázquez Diéguez 2018: 100) é, por si só, um indicador bastante forte da muito maior produtividade da estrutura em português (tanto PEP como PD) relativamente ao galego – e indicador de que o processo de substituição de *estar+gerúndio* por *estar+a+infinitivo* se encontra numa fase menos avançada no galego.

É possível atribuir as diferenças entre os resultados obtidos para o PD e para o galego justamente aos diferentes momentos em que se encontram no processo da mudança linguística. Os dados indicam que, no galego, a substituição ainda é condicionada pelos fatores que identifiquei como favorecedores do gerúndio ou de *a+infinitivo*, enquanto que em parte dos dialetos do PD a substituição já acontece de uma forma mais generalizada, aproximando-se do que se observa no PEP.

Além disso, os dados analisados sugerem que a substituição começa pelos contextos mais facilmente compatíveis com estruturas menos gramaticalizadas. Relativamente aos contrastes por tipo semântico de verbo, verificou-se, sobretudo no galego, um favorecimento de *a+infinitivo* com processos verbais. Vale a pena notar que Torres Cacoullos (2000) mostra que os processos verbais estão associados a uma locatividade estática e ocorrem facilmente em estágios mais precoces da gramaticalização das perífrases (ou seja, quando esta ainda comporta fortes valores de locatividade). Além disso, *a+infinitivo* surge bem representado com processos materiais, que tendem a denotar atividades concretas do mundo físico, e associa-se facilmente, no galego, a processos corporais. Conforme notei neste trabalho, são justamente predicados deste tipo que tipicamente ocorrem em fases pouco avançadas do processo de gramaticalização das perífrases.

No Capítulo 3 mostrei que, no PD, a estratégia *estar+gerúndio* se encontra mais gramaticalizada do que *estar+a+infinitivo*. A verificar-se que também no galego *estar+gerúndio* se encontra mais gramaticalizado do que *estar+a+infinitivo*, será possível ir mais longe na interpretação dos dados e considerar que os contrastes entre o PD e o galego decorrem do diferente grau de gramaticalização das estratégias relevantes no galego comparativamente ao PD: a hipótese que coloco é que também no galego a estratégia *estar+gerúndio* se encontra mais gramaticalizada comparativamente a *estar+a+infinitivo*, e que a inovação *a+infinitivo* estará, nesta língua, num estágio particularmente incipiente de gramaticalização, que será menos avançado do que o exibido por *estar+a+infinitivo* no PD. Isso explicará a ocorrência de *estar+a+infinitivo*, observada no galego, em contextos compatíveis com estruturas menos gramaticalizadas.

Esta ideia de que os contrastes observados entre o galego e o PD podem decorrer dos diferentes estágios de gramaticalização das estruturas relevantes nas duas línguas encontra fundamento em trabalhos que relacionam manifestações sincrónicas de variação com processos de gramaticalização (Bybee et al. 1994, Company Company 2001, Torres Cacoullos 2000). Assim se tem explicado, por exemplo, a alternância de diferentes

expressões de futuro em inglês (cf. Poplack e Tagliamonte 1999, Tagliamonte, Durham e Smith 2014) e a alternância entre diferentes expressões de passado em castelhano (cf. Schwenter 1994). Além disso, nos trabalhos de Torres Cacoullos (2000) sobre perífrases com *estar* do espanhol fica bem claro que as características exibidas pelo progressivo nessa língua ao longo de vários séculos são uma consequência do estágio de gramaticalização em que a estrutura se encontra. Também em Tavares e Freitas (2010) se explicam as tendências de distribuição, em PB, de formas de expressão do passado imperfetivo e dos conectores *e*, *aí*, *daí* e *então* a partir de propriedades semânticas e pragmáticas verbais que espelham processos de gramaticalização.

Os dados desta tese levam-me a considerar prováveis as hipóteses atrás lançadas: que, no galego, *estar+a+infinitivo* se encontra menos gramaticalizado do que *estar+a+infinitivo* no PD e que os dados observados espelham o processo de gramaticalização das estruturas relevantes no PD e no galego. Contudo, apenas um trabalho que avalie o grau de gramaticalização de *estar+gerúndio* e *estar+a+infinitivo* no galego, aplicando os mesmos testes que usei nesta tese para os dados do PD (cf. Capítulo 3), poderá confirmar essa situação. Com os dados de que disponho, o que me parece claro é, conforme referi acima, que o galego e o PD se encontram em fases diferentes da mudança linguística e que, no galego, a variação é ainda condicionada pelos aspetos que identifiquei como favorecedores de *a+infinitivo* ou do gerúndio, sugerindo os dados que a inovação *a+infinitivo* começa por acontecer em contextos mais facilmente compatíveis com estratégias menos gramaticalizadas.

Defendo, portanto, que os dados de variação sincrónica do PD e do galego refletem uma mudança linguística em curso e é nesta perspetiva diacrónica que são explicados.

4.5. Conclusão

Os dados explorados neste capítulo permitiram extrair conclusões relevantes e aproximaram-me de possíveis respostas às perguntas inicialmente lançadas. Foi possível identificar de forma clara, para os dados de galego, um conjunto de propriedades que influenciam a seleção de uma das variantes. Os dados do galego inspecionados tornam possível afirmar que:

- (i) é possível identificar contrastes a partir de uma análise por tipo semântico de verbo, sendo o gerúndio favorecido sobretudo por processos mentais e *a*+infinitivo por processos verbais;
- (ii) as propriedades temporais do verbo (duratividade, telicidade, semelfatividade) também contribuem para explicar a variação: *a*+infinitivo é favorecido por verbos inerentemente pontuais e télicos, ao passo que verbos atélicos e durativos favorecem o gerúndio;
- (iii) eventos que denotam atividades relacionadas com o corpo e o mundo físico podem também pesar na variação, favorecendo *a*+infinitivo;
- (iv) o conjunto de verbos inacusativos, pelas suas propriedades semânticas temporais, favorecem *a*+infinitivo.

As conclusões relativamente ao peso do tipo semântico de verbo estão, interessantemente, genericamente alinhadas com as de Mothé: lembro que, em Mothé (2014), se nota um desfavorecimento de *a*+infinitivo com processos mentais (e relacionais); em Mothé (2007), os dados parecem sugerir um favorecimento de *a*+infinitivo com processos comportamentais, verbais e materiais.

Os dados do CORDIAL-SIN mais dificilmente deixam perceber contrastes a nível da existência de aspetos linguísticos capazes de influenciar a variação. Embora os dados iniciais (cf. 4.1.) tenham sugerido, de forma subtil, um favorecimento de gerúndio com estados e processos culminados e de *a*+infinitivo com culminações e pontos, apontando já uma possível relação entre pontualidade e *a*+infinitivo – que veio a ser confirmada pelos dados do galego – e se tenha verificado, relativamente ao tipo semântico de verbo, um também leve favorecimento de *a*+infinitivo com processos verbais e do gerúndio com processos mentais – também em linha com os dados do galego posteriormente analisados – a última análise dos dados do CORDIAL-SIN, a partir dos dados globais da área de coocorrência, não evidenciou os contrastes esperados após a análise do galego. Os dados gerais relativos à área de variação portuguesa não confirmam que os traços semânticos e pragmáticos de telicidade, duratividade e corporalidade favoreçam *a*+infinitivo, embora se tenha percebido, dentro do conjunto dos processos materiais, um favorecimento dessa estratégia na presença de eventos pontuais. Por outro lado, notei que em dialetos açorianos em que a competição se mantém viva se identificam contrastes idênticos aos identificados no galego.

As diferenças observadas entre o PD e o galego relativamente ao peso dos aspetos linguísticos que identifiquei como capazes de influenciar a variação e os contrastes observados internamente ao PD foram explicados numa perspetiva diacrónica. Mostrei que os contrastes entre o PD e o galego decorrem do facto de o galego se encontrar numa fase mais incipiente do processo de substituição de gerúndio por *a*+infinitivo. Os dados dos dialetos açorianos em que a competição se mantém viva, que exibem contrastes similares aos identificados no galego, mostram, por sua vez, que o processo de substituição de gerúndio por *a*+infinitivo não está igualmente avançado na área de variação portuguesa, sugerindo que os contrastes identificados nestes dialetos e no galego relativamente ao favorecimento de *a*+infinitivo e gerúndio poderão ter sido observáveis no PD, de forma mais uniforme, numa fase mais antiga da história do português. Tudo isto me permitiu considerar as manifestações de variação sincrónica exibidas pelo PD e pelo galego como consequência de um processo de mudança linguística em curso.

Mostrei que esta hipótese é consistente com o que se sabe sobre a distribuição de *a*+infinitivo e gerúndio, em construções progressivas, nas línguas românicas e com a evolução diacrónica de *a*+infinitivo e gerúndio no galego e em português.

Os dados deste capítulo mostraram-se relevantes não só no sentido de descrever a variação, mas também no sentido de ajudar a caracterizar o processo de desaparecimento do gerúndio, sugerindo que o avanço de *a*+infinitivo segue um percurso que não é arbitrário: no decorrer do processo de substituição, há propriedades que favorecem a ocorrência de uma ou outra estratégia. Esta conclusão, que pode ser extensível ao cenário de várias línguas românicas, enriquece o conhecimento sobre a evolução diacrónica das estruturas translinguisticamente e sobre a alternância entre gerúndio e *a*+infinitivo nesta família de línguas.

A perspetiva comparada que segui neste capítulo revestiu-se de uma importância notável, na medida em que me permitiu comparar diferentes fases do que assumo ser um percurso idêntico da mesma mudança linguística, documentada também para outras línguas românicas, tornando possível identificar os aspetos que, a dado momento do processo de evolução, favorecem a ocorrência de uma ou outra estrutura. Foram as conclusões mais sólidas a que cheguei com os dados do galego que deram perspetiva aos dados portugueses, permitindo uma interpretação acertada dos dados do CORDIAL-SIN e possibilitando uma análise unificada para a variação do PD e do galego.

PARTE III

CONCLUSÕES

1. INTRODUÇÃO

Esta última parte da tese é dedicada às conclusões gerais. Apresento aqui uma visão global do trabalho desenvolvido, identificando as questões centrais da investigação e explicitando os seus contibutos – não só para a geolinguística, através da delimitação de seis tipos de áreas sintáticas que fortalecem a classificação dos dialetos portugueses, mas também para a compreensão da variação registada no PD entre gerúndio e *a*+infinitivo em perífrases aspetuais durativas – o fenómeno dialetal que mereceu ser objeto de uma análise aprofundada do ponto de vista teórico e comparativo. Uma vez que o estudo deste tema em particular, a partir da alternância entre duas construções sintáticas aparentemente equivalentes atestada em dialetos meridionais e insulares portugueses, permitiu localizar com precisão a variação do PD, caracterizá-la e, através da abordagem comparativa que incluiu dados do galego, identificar um conjunto de aspetos semânticos e pragmáticos que influenciam a ocorrência de gerúndio ou *a*+infinitivo nas perífrases aspetuais com *estar*, este trabalho tornou evidente o contributo da sintaxe dialetal comparada para a compreensão do fenómeno linguístico investigado, mostrando-se relevante para a teoria linguística. Além disso, tendo relacionado a variação sincrónica exibida pelo PD e pelo galego com uma mudança linguística observada diacronicamente nas línguas românicas – a substituição gradual de gerúndio por *a*+infinitivo (cf. Casalicchio e Migliori 2018, Casalicchio 2019) – esta investigação contribui, também, para a discussão diacrónica sobre a evolução destas construções e para um maior conhecimento sobre o seu funcionamento na família das línguas românicas.

De forma a evidenciar as conclusões mais relevantes, no Capítulo 2 exponho, de forma resumida, os resultados inovadores deste trabalho para as áreas de estudo mencionadas. Terminarei, no Capítulo 3, com um conjunto de considerações relativamente a trabalho futuro.

2. RESULTADOS INOVADORES DO TRABALHO

2.1. Contributos para a geolinguística: áreas sintáticas em Portugal

O trabalho desenvolvido na Parte I teve como principal objetivo verificar se a divisão dialetal do território português proposta por Lindley Cintra (1971) com base em traços fonológicos é compatível, e se pode ser enriquecida, com uma perspetiva sintática. Nesse sentido, os dados dialetais do CORDIAL-SIN foram investigados e consegui identificar um conjunto de estruturas não padrão, que até então não tinham sido analisadas, que neste trabalho descrevi e caracterizei geograficamente. As construções foram as seguintes:

- a) ausência de concordância verbal em número em construções com *ser*;
- b) concordância V3PL com pronomes quantificacionais e nomes coletivos;
- c) gerúndios predicativos e gerundivas subordinadas com *quando* e *em bem*;
- d) *estar* existencial;
- e) comparativas com *ca* e *coma* e locativas com *onda*;
- f) clivadas nulas coordenadas com *é que* inicial;
- g) comparativas exclamativas com *tanto* seguido de adjetivos e advérbios;
- h) ênclise com *também*;
- i) construções meteorológicas com *ir* impessoal;
- j) ênclise em orações relativas introduzidas por *que*;
- k) ênclise com constituintes negativos;
- l) forma forte de pronome dativo;
- m) estrutura partitiva *que de*;
- n) elipse de *ser* na estrutura impessoal *pode que*;
- o) infinitivo não flexionado com sujeito lexical;
- p) *o que é que* adversativo.

Confrontei a distribuição geográfica deste conjunto de fenómenos com o que diferentes autores observaram a partir do estudo de outras estruturas não-padrão, que passo a listar:

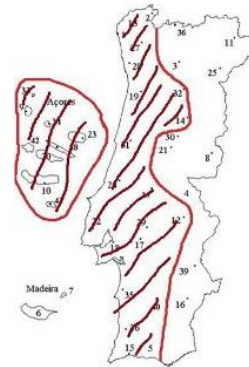
- a) *a gente* + V3PL (cf. Pereira 2003);
- b) *ter* existencial (cf. Carrilho e Pereira 2011);

- c) *estar* aspetual + gerúndio (cf. Carrilho e Pereira 2011);
- d) possessivo pré-nominal não precedido de artigo (cf. Carrilho e Pereira 2011);
- e) gerúndio flexionado (cf. Lobo 2008);
- f) construções alternativas à construção de União de Orações com verbos causativos (cf. Pereira 2012);
- g) construções alternativas à construção de União de Orações com verbos percetivos (cf. Pereira 2012);
- h) interpolação (cf. Magro 2007);
- i) duplo sujeito com *se* (cf. Martins 2014);
- j) *a gente* vs. *nós* (cf. Martins 2014);
- k) concordância com *a gente* (cf. Martins 2014);
- l) ausência/presença da preposição *a* em construções denominativas com *chamar* (cf. Cardoso e Magro 2012).

A análise culminou na elaboração de um atlas sintático, que oferece uma visão global da paisagem linguística quando consideramos dados dialetais de natureza sintática. Nesse atlas, apresentei e organizei os dados relativos à caracterização geográfica do conjunto total das estruturas já enunciadas, no sentido de mostrar dois cenários: (i) a existência de fenómenos circunscritos a áreas geográficas específicas, que possibilitam a delimitação de áreas sintáticas; (ii) a existência de fenómenos não padrão dispersos pelo território ou pouco representados. Com os dados deste atlas foi possível avançar uma primeira proposta de divisão dialetal com base em fenómenos sintáticos. As seis configurações diferentes que consegui identificar são as que a seguir apresento.

Área sintática 1: oposição Litoral/Interior

Trata-se de uma divisão que recorta o país a meio, numa extensão de Norte a Sul. Os dialetos açorianos aproximam-se dos do litoral do continente. É esta a divisão associada aos fenómenos de ausência de concordância verbal em construções com *ser* e concordância V3PL com pronomes quantificacionais e nomes coletivos.



Configuração 1: Litoral vs. Interior

Área sintática 2: Noroeste e Açores

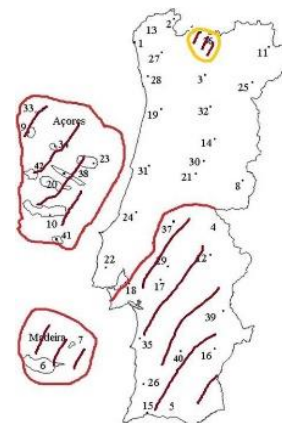
Oposição entre uma faixa Noroeste (que abarca grande parte dos dialetos nortenhos e se estende, numa linha mais ou menos diagonal, até ao Centro) e uma faixa que engloba a parte Sul do país e os dialetos do Interior-Norte. Verifica-se uma oposição também entre os dialetos insulares, associando-se os dialetos açorianos aos dialetos do Norte/Noroeste portugueses. Foi a área identificada para as clivadas nulas coordenadas com *é que* inicial, e a área dentro da qual se registaram comparativas com *ca* e *coma* e locativas com *onda*.



Configuração 2: Noroeste + Açores

Área sintática 3: Norte vs. Sul, sendo a fronteira marcada pela linha do Tejo

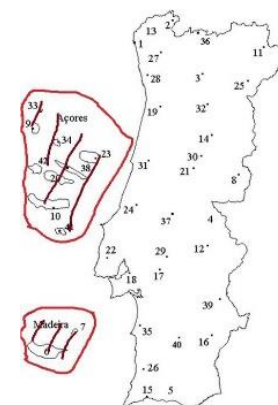
Os dialetos insulares aproximam-se dos dialetos do Sul do continente e, em dois dos fenómenos, uma localidade de Vila Real apresenta comportamentos característicos dos dialetos insulares/do Sul do país. É a área associada a construções com gerúndio e a manifestações de *estar* existencial.



Configuração 3: Norte vs. Sul

Área sintática 4: os arquipélagos da Madeira e dos Açores formam, em conjunto, uma área, isolando-se do continente

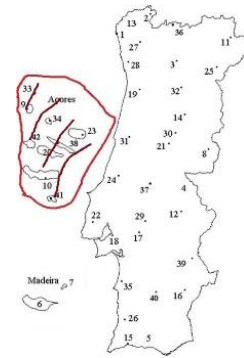
É o que se verifica com a distribuição de possessivo pronominal sem artigo e com *ter* impessoal.



Configuração 4: Açores + Madeira

Área sintática 5: Os dialetos dos Açores formam uma área, afastando-se quer dos dialetos madeirenses quer dos continentais

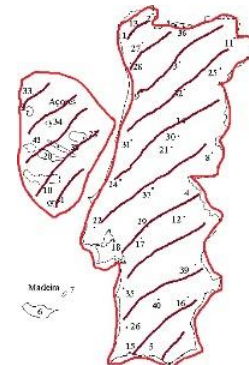
É o caso de *tanto* seguido de adjetivos e advérbios e da concordância de *a gente* com V3PL.



Configuração 5: Açores isolam-se

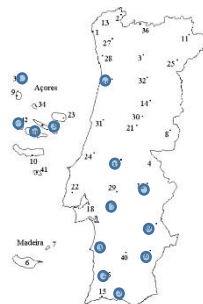
Área sintática 6: Os dialetos da Madeira formam uma área, afastando-se quer dos dialetos açorianos quer dos continentais

As construções de interpolação e de União de Orações foram identificadas de forma bastante uniforme por todo o território exceto na Madeira, como notam os trabalhos de Magro (2007) e Pereira (2012), respetivamente.



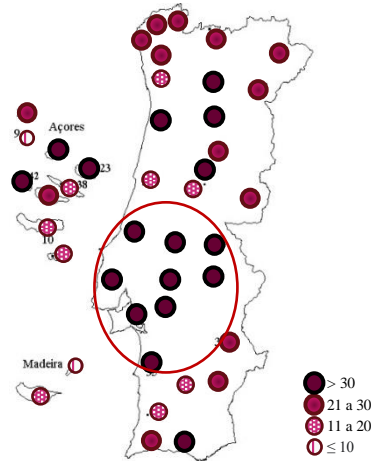
Configuração 6: Madeira isola-se

Os dados da Parte II relativos à distribuição de *ir+a*+infinitivo com valor temporal de futuro, equivalente à estratégia de marcação de futuro *ir*+infinitivo do padrão, revelam uma distribuição geográfica organizada, idêntica à exibida na área 3, o que reforça uma oposição entre dialetos meridionais e centro-setentrionais; neste caso, apenas o arquipélago dos Açores (e não todas as ilhas) se alinha com os dialetos meridionais.



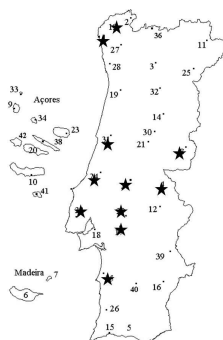
Mapa 1: Distribuição de *ir+a*+infinitivo com valor temporal de futuro no CORDIAL-SIN

Os dados da Parte II revelaram, também, que a produtividade de *a*+infinitivo em perífrases aspetuais com *estar*, *andar* e *ficar* é mais elevada nos dialetos do Centro-Sul do país. Esses dialetos formam uma área compacta de forte produtividade de *a*+infinitivo (que também tem, contudo, expressão forte noutros pontos, nomeadamente em subáreas dos dialetos setentrionais e em três ilhas do Grupo Central dos Açores).

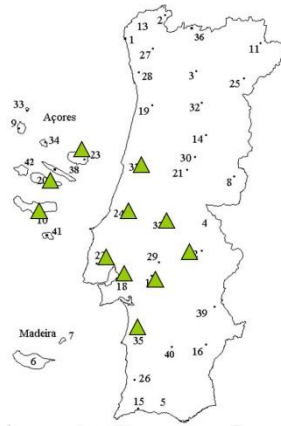


Mapa 2: Área compacta no Centro-Sul: produtividade de *a*+infinitivo em perífrases aspetuais

A observação de uma área bastante homogênea formada também por dialetos da região Centro foi identificada, na Parte I desta tese, na distribuição de *o que é que* adversativo (construção também atestada em duas localidades alto-minhotas), como mostra o Mapa 3. Além disso, um dos fenómenos de concordância analisados, concordância verbal 3SG em passivas de *ser*, também deixa perceber uma mancha compacta no Centro-Sul (além de uma área composta por dialetos açorianos) – cf. Mapa 4. Estes dados, em conjunto, parecem apontar para a existência de outra configuração sintática, que confere autonomia aos dialetos do Centro-Sul.



Mapa 3: Área compacta formada por dialetos do Centro-Sul: *o que é que* adversativo



Mapa 4: Mancha compacta no Centro-Sul: V3SG em passivas de *ser*

O trabalho realizado permitiu estabelecer interessantes relações entre os resultados desta investigação e estudos da dialetologia tradicional: as áreas sintáticas delimitadas no âmbito do presente estudo evidenciam fortes conexões com as áreas lexicais identificadas por Cintra (1962):

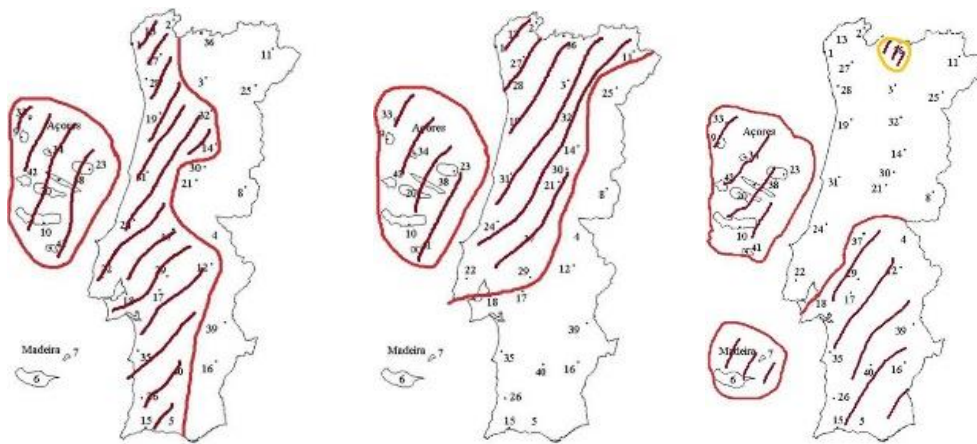


Figura 1: Áreas sintáticas delimitadas no âmbito desta investigação

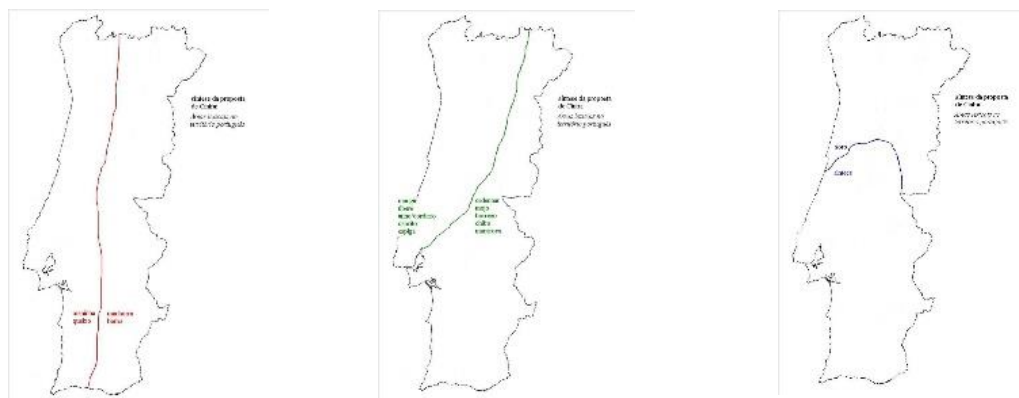


Figura 2: Áreas lexicais (identificadas por Cintra, 1962)

É também notória, se considerarmos particularmente o mapa relativo à área sintática 3 (que descreve uma oposição Norte/Sul), uma relação muito evidente entre a fronteira que esse mapa sintático evidencia e aquela que Cintra traça para delimitar os seus dialetos meridionais:

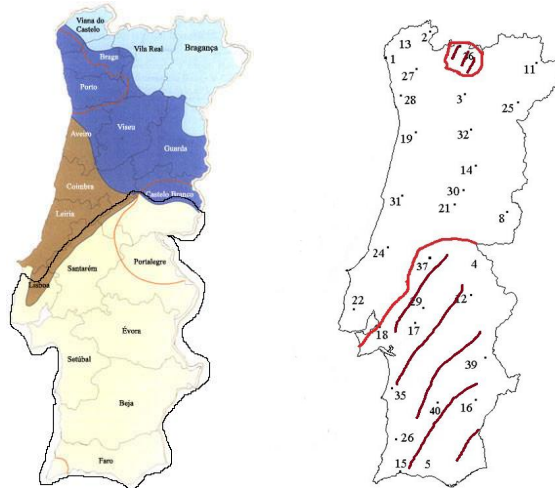
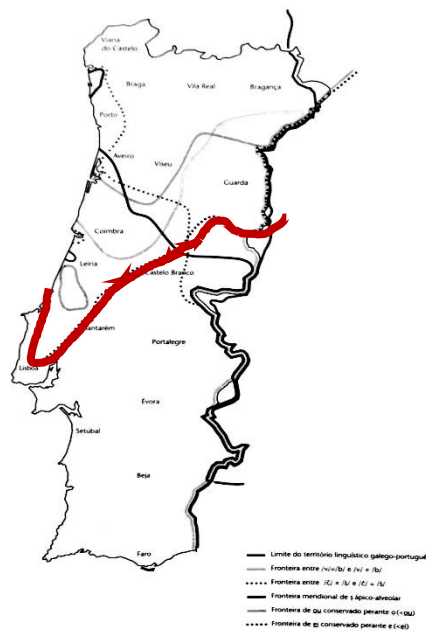


Figura 3: Paralelismo entre dialetos meridionais de Cintra (1971) e dados sintáticos

Embora a fronteira relevante para a divisão dialetal de Cintra seja entre dialetos setentrionais e centro-meridionais, a que se evidencia com os dados sintáticos é a que opõe dialetos centro-setentrionais (a Norte do Tejo) a dialetos meridionais. Uma das isófonas de Cintra – a que delimita a área de monotongação do ditongo [ej] em [e] – traça uma fronteira idêntica à que identifiquei com os dados sintáticos:



Mapa 5: Isófona de Cintra 1971 (adaptado de Segura 2013): monotongação do ditongo [ej] em [e]

Além disso, as três configurações sintáticas expostas na Figura 1 representam três grandes divisões básicas do território continental que têm sido, em linhas gerais, observadas em diferentes estudos de dialetologia. É o caso da oposição Norte/Sul: como notei acima, embora a configuração exibida pela sintaxe oponha os dialetos meridionais aos centro-setentrionais e as divisões de outros trabalhos evidenciem uma oposição essencialmente Centro-Sul vs. dialetos setentrionais (cf. Cintra 1962, Cintra 1971, Vasconcellos 1983, Boléo e Silva 1972, Cuesta e Luz 1971, Segura 2013, Brissos 2016), trata-se de uma divisão do mesmo tipo, na medida em que separa o continente numa linha horizontal opondo um Norte a um Sul (ainda que as áreas apresentem contornos e extensões variáveis). A área sintática que isola o Noroeste, com maior ou menor prolongamento para o Centro-Oeste, do resto do continente, além de exibir uma paisagem visível nas áreas lexicais de Cintra (cf. Figura 2), mostra uma configuração idêntica à área que Cintra (1971) isola com a isoglossa da (in)existência de oposição fonológica entre /b/ e /v/; além disso, em Brissos e Rodrigues (2016) e em Brissos (2018) também se sugere uma individualização dos dialetos do Noroeste. Os dados sintáticos também evidenciam uma oposição Litoral/Interior (é esse o contraste relevante na área sintática que divide, verticalmente, o país de Norte a Sul, sendo um contraste também observável na área que isola os dialetos do Noroeste, uma vez que essa faixa não se estende aos dialetos mais interiores). A oposição Litoral/Interior exhibe, como notei atrás, paralelismo óbvio com uma das configurações das áreas lexicais de Cintra (1962). Também os dados de Álvarez (2014, 2015) parecem sugerir, entre o conjunto dos dialetos setentrionais, um contraste entre os dialetos setentrionais do litoral e os restantes. Além disso, em Brissos (2016) reconhece-se essa divisão como potencialmente relevante para a caracterização atual da divisão dialetal portuguesa.

A possibilidade de identificar subdivisões nos dialetos setentrionais (cf. Cintra 1971, Segura 2013; ver também Álvarez 2014, 2015 e Brissos 2018) encontra fundamento também nos dados sintáticos. Novamente, a identificação de uma área que isola o Noreste, deixando de fora o Nordeste, é exemplo disso. Mas o facto de se terem identificado estruturas não-padrão exclusivamente em subáreas dos dialetos nortenhos (locativas com *onda*, fenómeno registado em Viana do Castelo, Vila Real e Aveiro, e estrutura partitiva *que de*, registada em duas localidades de Viana do Castelo) e fenómenos que, não sendo exclusivos dos dialetos nortenhos, exibem subáreas por eles formadas (*o que é que* adversativo, novamente em dois pontos do distrito de Viana do Castelo, e concordância V3SG com sujeitos pós-verbais, que não se regista em quatro pontos dos dialetos mais a

Norte: está ausente em duas localidades do distrito de Viana do Castelo, em Braga e em Vila Real) é argumento adicional nesse sentido.

No que toca à caracterização dos dialetos insulares, que apenas recentemente começaram a ser descritos de forma sistemática, as áreas sintáticas delimitadas neste trabalho, e representadas acima, evidenciam:

- a. a existência de fenómenos relativamente aos quais os dialetos insulares formam uma área, contrastando com o continente (possessivo pré-nominal sem artigo e *ter* impessoal);
- b. situações em que ambos os arquipélagos se aproximam dos dialetos do Sul do continente (construções com gerúndio e *estar* existencial);
- c. situações em que os dialetos açorianos se afastam quer da Madeira quer do continente (*tanto* seguido de adjetivos e advérbios e da concordância de *a gente* com V3PL) e situações em que se aproximam dos dialetos do Norte/Litoral (clivadas nulas coordenadas com *é que* inicial, comparativas com *ca* e *coma* e locativas com *onda*);
- d. situações em que os dialetos madeirenses se individualizam (construções de interpolação e de União de Orações).

Estes dados, embora confirmem a existência de situações relativamente às quais os dialetos insulares se alinham com os dialetos centro-meridionais, não confirmam a ideia de que os Açores e a Madeira constituem um prolongamento desses dialetos, como tradicionalmente, e durante bastante tempo, se considerou. Os dados sublinham, antes, a especificidade e a autonomia dos dialetos insulares, em linha com o que a dialetologia mais atual tem descrito (cf. Segura e Saramago 1999, 2001; Segura 2000, 2013; Brissos, Gillier e Saramago 2016, 2017).

Relativamente à diversidade interna dos Açores, os dados sintáticos e morfossintáticos reunidos neste trabalho revelam um conjunto de situações interessantes:

1. Uma área essencialmente composta pelo Grupo Central (da qual, às vezes, se exclui São Jorge e que, às vezes, se estende a outras ilhas, sobretudo a São Miguel). É o que se verifica com os seguintes fenómenos: concordância V3SG em construções com *ser* (que exclui São Jorge e Graciosa e se estende a São Miguel); forma forte de pronome dativo

(que exclui São Jorge e se estende a São Miguel); *a gente*+V3PL (que exclui São Jorge e Faial e se estende a São Miguel); ausência de *estar* existencial (em todo o Grupo Central); *tanto*+adjetivos/advérbios (que exclui a Graciosa e se estende ao Corvo e São Miguel)

2. São Jorge individualiza-se, sendo possível observar:

- a. fenômenos só identificados em São Jorge (gerúndio predicativo e possessivo pré-nominal não precedido de artigo)
- b. que São Jorge se demarca do Grupo Central (relativamente a concordância V3SG em construções com *ser* e forma forte de pronome dativo e *a gente*+V3PL)
- c. que São Jorge forma uma área com ilhas do Grupo Central que lhe são geograficamente próximas: com a Terceira (construções meteorológicas com *ir* impessoal); com o Pico e Faial (construções alternativas à construção de União de Orações com verbos causativos e *ir+a*+infinitivo com valor temporal de futuro)

3. Pico e Faial destacam-se, em dois sentidos:

- a. formam uma área única, isolados (V3PL com quantificadores universais e nomes coletivos)
- b. formam uma área em conjunto com outras ilhas: com São Jorge (construções alternativas à construção de União de Orações com verbos causativos e *ir+a*+infinitivo com valor temporal de futuro); com São Miguel e Terceira (V3SG em construções com *ser*); com as Flores, o Corvo e a Terceira (ênclise em orações relativas introduzidas por *que*)

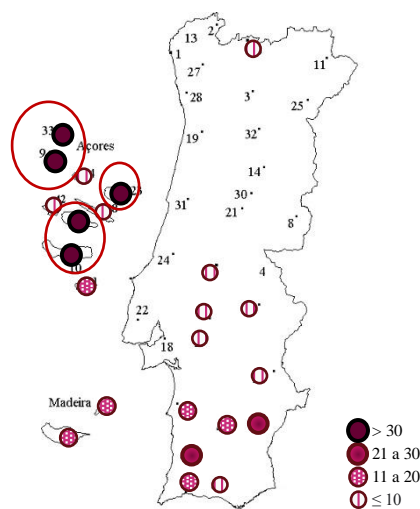
4. O Grupo Ocidental forma áreas com outras ilhas:

- a. Grupo Ocidental + São Miguel (*estar* existencial)
- b. Grupo Ocidental + Graciosa, São Jorge e Santa Maria (não exibem concordância V3SG em construções com *ser*)
- c. Grupo Ocidental + São Jorge, Faial e Santa Maria (não registam *a gente*+V3PL)
- d. Grupo Ocidental + Terceira, São Miguel e Pico (forte produtividade de gerúndio aspetual)
- e. Grupo Ocidental + Grupo Central (forte produtividade de *estar*+gerúndio)

A ideia de que São Jorge se demarca do Grupo Central foi já notada em Segura (2006) a partir de contrastes lexicais. Os dados sintáticos vêm, portanto, reforçar essa caracterização e sublinhar a autonomia de São Jorge.

Observa-se ainda que a Terceira se destaca dos restantes dialetos açorianos como área de forte competição gerúndio/*a*+infinitivo em perífrases aspetuais. Quanto aos dialetos micalenses, isolam-se dos restantes relativamente a um fenómeno: infinitivo não flexionado com sujeito lexical, que apenas se identifica, nos Açores, em São Miguel. Relativamente a outros fenómenos, exhibe um comportamento instável, associando-se a diferentes ilhas.

Também relativamente ao nível de produtividade de gerúndio com *estar*, *andar* e *ficar* se verificam divisões internas nos Açores, mas o que, acima de tudo, se constata relativamente à distribuição de gerúndio aspetual é que os Açores se demarcam do resto do país como área dialetal: são os dialetos açorianos – mais do que quaisquer outros – que se assumem como áreas de grande vitalidade da construção com gerúndio: especificamente, as duas ilhas do Grupo Ocidental (Corvo e Flores) e três ilhas do Grupo Ocidental: Pico, São Miguel e Terceira (cf. Mapa 6).

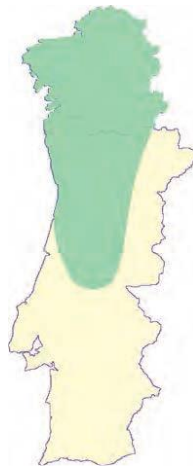


Mapa 6: Dialetos açorianos destacam-se como área de produtividade de gerúndio aspetual, mostrando também diversidade interna

Além disso, conforme se observa no Mapa 2 exposto atrás, os dados revelaram, também, que *a*+infinitivo nessas construções aspetuais tem expressão forte em três ilhas do Grupo Central dos Açores (além de dialetos do Centro e subáreas dos dialetos

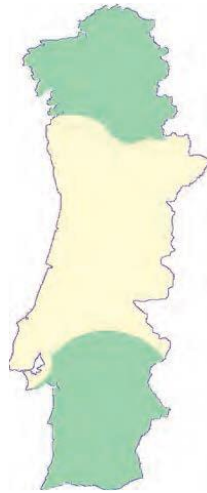
setentrionais): Faial, Graciosa e Terceira. Também neste aspeto se observa heterogeneidade nas ilhas dos Açores.

O cruzamento de dados do português com informação do galego (e do espanhol) permitiu postular a existência de uma grande área sintática formada por dialetos portugueses e galegos. Verificou-se continuidade linguística no que diz respeito às seguintes construções: i) comparativas com *ca* e *coma*; ii) construções locativas com *onda*; (iii) construções meteorológicas com *ir* impessoal e (iv) construções partitivas.



Mapa 7: Continuidade linguística entre dialetos portugueses e galegos

Por outro lado, verifica-se descontinuidade linguística entre o território português e o galego em construções com gerúndio. O gerúndio flexionado – existente em galego, e produtivo em Portugal apenas nos territórios do Sul e em dialetos dos Açores – e as perífrases aspetuais com *estar*, *ficar* e *andar* seguidos de gerúndio, estruturas também existentes no galego e produtivas no Sul de Portugal e nas ilhas (Vila Real também regista gerúndio aspetual, evidenciando, neste aspeto, continuidade linguística com o galego).



Mapa 8: Descontinuidade linguística: construções com gerúndio

Em jeito de síntese, os resultados deste trabalho sublinham a existência de variação na sintaxe do português. O reconhecimento de (pelo menos) 6 tipos básicos de divisões dialetais com base na distribuição geográfica de fenómenos sintáticos não-padrão evidencia, exemplarmente, o contributo da sintaxe para a classificação dos dialetos portugueses, tendo permitido chegar a uma primeira proposta de áreas sintáticas no território português. Além disso, ficaram demonstradas fortes relações entre estas áreas sintáticas e a divisão dialetal que tem sido proposta pela dialetologia clássica, sendo as conexões particularmente evidentes quando observamos a divisão lexical de Cintra (1962). Mostra-se, por outro lado, que a proposta de Cintra (1972), com base em dados fonológicos, se mantém ainda hoje válida, na sua essência, quando confrontada com a sintaxe. Ao alargar a base de sustentação empírica das classificações existentes e ao trazer mais luz à caracterização dos dialetos insulares (evidenciando a sua filiação a diferentes regiões do continente, mas também a sua autonomia), esta tese contribui para uma caracterização atual e mais completa dos dialetos portugueses.

Vale a pena notar que a paisagem dialetal aqui identificada permite estabelecer relações entre a organização dialetal portuguesa e outras realidades. Evidenciam-se paralelismos óbvios com a paisagem geográfica (evidente no contraste Norte/Sul, na oposição Litoral/Interior, na organização dos dialetos insulares e visível, também, na área compacta formada pelos dialetos do Centro, com possível prolongamento para Sul, que, em três fenómenos, formam uma área à volta da linha do Tejo). É também possível

relacionar a geolinguística com fatores históricos e sociológicos: a grande oposição Norte/Sul e a continuidade com a Galiza deixam perceber, claramente, aspetos da história de Portugal; a grande faixa Noroeste pode refletir, como Cintra defendia, o facto de a área do Noroeste se ter mantido continuamente povoada, por oposição a um Leste e Sul despovoado; a divisão vertical Litoral/Interior espelha, certamente, as migrações para os centros urbanos do litoral. Estas relações evidenciam bem que a organização dos dialetos é, em grande parte, um espelho de fenómenos não linguísticos, e lembram que uma divisão dialetal nunca poderá ser considerada definitiva e estanque.

2.2. Contributos para a teoria linguística

Os contributos desta tese para a teoria linguística são particularmente evidentes na Parte II, com o estudo detalhado da alternância entre gerúndio e *a*+infinitivo em perífrases aspetuais. Mas também os dados comentados na Parte I se mostraram, em vários momentos, relevantes a nível teórico: além de ter sido identificado e caracterizado um conjunto de estruturas não-padrão, até aqui não descritas, que contribui para o conhecimento da sintaxe do português, chamei a atenção para situações em que a geolinguística pode contribuir para a teorização: por exemplo, notei que a distribuição geográfica de fenómenos de colocação enclítica em vez de proclítica com constituintes que induzem a próclise no português padrão não define uma área homogénea e não acontece generalizadamente mas com proclisadores particulares, o que pode ser relevante para avaliar diferentes análises teóricas relativamente à colocação dos pronomes clíticos no português europeu. Além disso, identificaram-se estruturas não-padrão localizadas junto à fronteira com a Galiza e presentes também no galego (cf. estrutura *puede que* e locativas com *onda*), pelo que os dados geolinguísticos sugerem uma análise unificada para essas construções. Notei ainda, ao comentar a distribuição de gerúndio predicativo, a dificuldade de se distinguir entre gerúndio predicativo e gerúndio adjunto, tendo evidenciado que alguns dos testes tipicamente utilizados para diferenciar as duas estruturas são falíveis (sendo o conjunto de testes disponível, em geral, insuficiente).

Na Parte II, o estudo da alternância entre gerúndio e *a*+infinitivo em sequências verbais revelou que, no CORDIAL-SIN, a variação está atestada em perífrases aspetuais introduzidas por *estar*, *andar* e *ficar*. Notei que, no PD, o conjunto de verbos que legitima a alternância entre as duas estratégias é composto por semiauxiliares (termo que usei nesta tese no sentido definido por Gonçalves 1999) que evoluem de verbos que no seu uso

pleno comportam uma significação locativa (explicando assim a ausência, no CORDIAL-SIN, de gerúndio com *continuar*). Notei que estes dados estão em linha com a hipótese da origem locativa do progressivo (cf. Bybee, Perkins e Pagliuca 1994, Comrie 1976 e, para o espanhol, Torres Cacoullós 2000) – e que, simultaneamente, a fortalecem. Notei também a ausência de gerúndio, no CORDIAL-SIN, com verbos percetivos, tendo explicado que é um facto compatível com o percurso de substituição de gerúndio por *a*+infinitivo documentado para as línguas românicas (cf. Casalicchio e Migliori 2018), que refere o desaparecimento de gerúndio primeiro em construções percetivas e depois em construções progressivas. Os dados do português corroboram, assim, esse percurso.

Tendo identificado as perífrases aspetuais como contexto relevante de variação, foi sobre elas que incidiram as análises comparativas que se seguiram.

Do confronto entre os dados do PD e do PEP (com base em material proveniente do *subcorpus revista* do CRPC) ressaltou a constatação de que as duas variedades exibem contrastes relativamente ao grau de gramaticalização das perífrases aspetuais em estudo. A análise desenvolvida culminou numa proposta de gramaticalização que identifica como mais gramaticalizada a perífrase *estar+a*+infinitivo do PEP e situa, no elo oposto da escala, a perífrase *vir+a*+infinitivo do PD. Na base dessa análise estiveram contrastes relacionados com a presença de constituintes locativos, a presença de ambiguidade, o alargamento da classe aspetual do predicado base, a percentagem de sujeitos humanos e o grau de coesão da perífrase. A minha proposta de escala evidencia que há, por um lado, contrastes relativamente à oposição PEP *vs.* PD – e aqui verifica-se, genericamente, que as perífrases com *a*+infinitivo do PEP estão mais gramaticalizadas comparativamente às correspondentes no PD – e há, por outro lado, contrastes no que toca à oposição gerúndio *vs.* *a*+infinitivo identificada no PD – neste ponto os dados sugerem, especificamente, um maior grau de gramaticalização de perífrases com o gerúndio com a generalidade dos semiauxiliares estudados (exceção-se *andar*+gerúndio, que não se considerou necessariamente mais gramaticalizado que *andar+a*+infinitivo).

Os dados do CORDIAL-SIN foram, então, contrastados com dados do galego. Esta análise, que teve como objetivo explicar a variação entre gerúndio e *a*+infinitivo especificamente em perífrases com *estar*, representa um ponto central da investigação. A inclusão de dados do galego justificou-se pelo facto de se atestar, também nessa língua, a variação entre gerúndio e *a*+infinitivo na mesma construção.

O papel do tipo semântico de verbo (cf. Halliday 1994) no favorecimento de uma das estratégias foi, no galego, bastante evidente, mas sublinhei que é um cruzamento de

traços de natureza pragmática e semântica – duratividade, telicidade e corporalidade – que permite explicar a ocorrência de gerúndio ou *a*+infinitivo. Isto foi demonstrado recorrendo a dados do CORGA e do TILG e analisando os dados de diferentes perspectivas: foram feitas análises da frequência de ocorrência, no CORGA e no TILG, de um conjunto específico de verbos que decidi investigar, e considere também o conjunto de ocorrências identificadas no CORGA através de uma busca por *estar* seguido de gerúndio ou *a*+infinitivo, num intervalo de 10 anos.

A influência do tipo semântico de verbo, ou seja, de uma classificação por domínio de experiência semântica, ficou evidente com os dados do galego a mostrarem um domínio claro do gerúndio com processos mentais (na linha do que sugeriam os dados do CORDIAL-SIN) e a indicarem que *a*+infinitivo é especialmente favorecido por processos verbais. Com processos materiais, a competição entre as duas estratégias é forte. Isto foi evidenciado na primeira análise que realizei para o galego, a partir da classificação por tipo semântico de verbo de todas as ocorrências de *estar*+gerúndio e *a*+infinitivo extraídas do CORGA. A mesma tendência foi exibida quando me centrei na distribuição das duas estratégias exclusivamente com processos mentais, materiais, verbais e comportamentais, a partir de um conjunto de verbos representativos de cada domínio. Recorri a dados do TILG e do CORGA para o estudo da frequência de ocorrência destes verbos com gerúndio e *a*+infinitivo em sequências introduzidas por *estar* e observei, mais uma vez, um favorecimento claro de gerúndio com processos mentais e um domínio de *a*+infinitivo com processos verbais.

Mostrei que a ocorrência de gerúndio ou *a*+infinitivo no galego deve ainda ter em conta os traços de pontualidade e telicidade inerentes ao verbo principal da perífrase: evidenciei que verbos inerentemente durativos e atélicos favorecem gerúndio (de que são exemplos *dormir*, *soñar* e *pensar*, que na minha análise por frequência de ocorrência foram todos mais produtivos com o gerúndio no galego) e que com verbos que caracterizei como pontuais (como os cognitivos que envolvem uma culminação, como *percibir* e *comprender*, e os que classifiquei como semelfativos, como *rir* e *tremor*) favorecem *a*+infinitivo.

Defendi também uma relação entre predicados que denotam atividades corporais e a ocorrência de *a*+infinitivo, a partir da observação da distribuição nos diferentes conjuntos de verbos estudados. Um dos argumentos foram os contrastes na distribuição com *ver* (que foi nitidamente favorecido com o gerúndio) e *ollar* (em que a competição foi menor e *a*+infinitivo favorecido): argumentei, apoiando-me em distinções feitas na

literatura (cf. Dowty 1972, Freire 2013), que *ver* é um verbo de percepção tipicamente cognitivo e não agentivo, ao passo que *olhar* é agentivo e envolve uma maior relação com corporalidade.

A influência destes aspetos – telicidade, duratividade, fisicidade – foi primeiramente notada na análise por frequência de ocorrência do conjunto específico de verbos considerando o material do CORGA. Foi sublinhada quando alarguei a base empírica ao TILG e analisei a frequência de ocorrência dos mesmos verbos também nesse corpus, tendo observado exatamente o mesmo padrão de distribuição: os mesmos verbos que no CORGA se associaram preferencialmente a gerúndio – essencialmente durativos, atélicos e mentais – ocorreram também no TILG preferencialmente com gerúndio; os verbos que caracterizei como inerentemente pontuais, télicos e físicos evidenciaram, também neste *corpus*, preferência por *a*+infinitivo.

Os contrastes identificados a partir da análise de frequência de ocorrência dos verbos integrantes do conjunto que tomei como amostra foram, ainda, confirmados numa última análise que envolveu a classificação das ocorrências de *estar*+gerúndio/*a*+infinitivo inicialmente extraídas do CORGA. Embora seja evidente que ambas as estratégias ocorrem preferencialmente com eventos durativos e atélicos, mostrei que o traço [+télico] tem um peso de 31% no conjunto dos dados de *a*+infinitivo, ao passo que, com gerúndio, verbos inerentemente télicos contabilizam consideravelmente menos casos: 24,3%. O traço pontual está presente em 28,2% dos casos de *a*+infinitivo, mas, novamente, desce no conjunto dos dados de gerúndio: 24,9%. Apenas os contrastes relacionados com a fisicidade do verbo foram mais diluídos neste conjunto de dados (12% de eventos que envolvem atividades corporais com *a*+infinitivo e 11% com gerúndio).

Notei ainda que, com a classe de verbos inacusativos, as duas estratégias exibem nos dados do galego uma distribuição notavelmente equilibrada, favorecendo *a*+infinitivo. Atribuí essa situação ao facto de esta classe integrar muitos exemplos de verbos pontuais e télicos (como *morrer*, *nacer*, *cair*, *sair*, *aparecer* e *desaparecer*), o que considereei argumento adicional para evidenciar o peso destes traços na variação.

No regresso aos dados do CORDIAL-SIN, com o objetivo de confirmar se os traços que se mostraram úteis para descrever a variação com *estar* atestada no galego também dão conta da variação portuguesa, notei que não se verificou exatamente a mesma tendência observada no galego. Chamei a atenção para a menor expressividade dos dados do PD – que, inclusivamente, inviabilizou uma análise por frequência de ocorrência dos

verbos investigados no galego. Constatei, com as limitações inerentes ao volume de dados disponíveis no CORDIAL-SIN, que os contrastes a partir dos traços de telicidade, duratividade e fisicidade são mais difíceis de identificar no PD, chegando a sugerir tendências opostas quando observamos a totalidade dos dados da área de coocorrência das duas estratégias.

Notei que os dados globais não confirmam os contrastes do galego mas, conforme aconteceu nessa língua, os dados relativos à distribuição com processos materiais evidenciaram contrastes no sentido esperado, sendo relativamente ao peso do traço pontualidade que se observam as maiores diferenças percentuais entre as duas estratégias: predicados pontuais perfazem 21% dos processos materiais de *estar+a+infinitivo*, mas representam apenas 14,5% dos processos materiais de gerúndio. A combinação [+télico, +pontual] também revela uma diferença percentual significativa (19,7% de *a+infinitivo* e 13,3% de gerúndio) e sugere, em linha com a minha hipótese, que processos materiais com essas características favorecem *a+infinitivo*.

Além disso, os dados da ilha do Corvo e da Terceira foram determinantes no sentido de mostrar que os traços de duratividade, telicidade e corporalidade são visíveis, no PD, em localidades em que a competição é particularmente viva.

O facto de ser mais evidente no galego do que no PD uma relação entre os traços de duratividade, telicidade e fisicidade foi atribuído às diferentes fases em que cada uma das línguas se encontra relativamente ao percurso de substituição do gerúndio por *a+infinitivo* descrito para as línguas românicas (cf. Casalicchio e Migliori 2018, Casalicchio 2019). Especificamente, defendi que o galego se situa numa fase menos avançada do desaparecimento de gerúndio em perífrases com *estar*, o que explica que nessa língua sejam mais visíveis os aspetos que, numa determinada fase da mudança linguística, influenciam a ocorrência de gerúndio ou *a+infinitivo*. Por outras palavras, a variação observada no galego é ainda condicionada pelos aspetos que identifiquei como favorecedores de gerúndio ou de *a+infinitivo*. Em parte dos dialetos do PD, a variação já acontece de forma generalizada, sem estar limitada a contextos favorecedores.

Esta ideia de que o galego se encontra menos avançado do que o PD no percurso de evolução foi suportada por dados diacrónicos do galego e do português (cf. Osório e Vázquez Diéguez 2018) e pelos dados desta tese. A menor vitalidade do gerúndio no PD (*a+infinitivo* é, na área de coocorrência, globalmente mais produtiva do que o gerúndio e, no padrão, tornou-se *a+infinitivo* a estratégia não marcada) indica que o percurso de evolução é, nesta língua, mais avançado. É legítimo assumir que numa fase mais avançada

no percurso de substituição os contrastes sejam menos visíveis e que se vão diluindo à medida que as estratégias se sobrepõem. Os dados do Corvo e da Terceira fortalecem esta hipótese, evidenciando que o processo de substituição não se dá de forma uniforme pelo território português.

Observei, ainda, que os dados sugerem que a substituição de gerúndio por *a*+infinitivo começa pelos contextos mais facilmente compatíveis com estruturas menos gramaticalizadas: nomeadamente, notei, a partir dos dados do galego, o maior favorecimento de *a*+infinitivo com predicados de atividade que envolvem fisicidade e agentividade. Estes dados não deixam de sugerir que também no galego a estratégia *estar*+*a*+infinitivo se encontrará menos gramaticalizada do que *estar*+gerúndio.

Assim, não só identifiquei, a partir dos dados do galego, os aspetos capazes de influenciar a variação, como os expliquei à luz de uma perspetiva diacrónica e recorrendo à realidade das línguas românicas, o que me permitiu dar conta dos menores contrastes observados no PD comparativamente ao galego. Assumi como muito provável que os contrastes do galego se tenham identificado em medidas semelhantes, no PD, numa fase mais inicial do percurso de evolução do português, já que o fenómeno linguístico é o mesmo e a mudança se dá no mesmo sentido – e os dados do Corvo e da Terceira são um forte argumento nesse sentido.

Considerando todos estes factos, defendo nesta tese que *a*+infinitivo e gerúndio são estratégias genericamente equivalentes em contexto de perífrases aspetuais com *estar*, mas a identificação de traços que favorecem a ocorrência de uma ou de outra – ainda que em proporções diferentes no PD e no galego – indicam que a variação não é livre. Defendo que esta variação sincrónica observada no galego e no PD reflete uma mudança linguística que opera no português e no galego, e que está documentada também para outras línguas românicas.

A importância dos dados dialetais e a relevância de uma perspetiva comparada para a compreensão e descrição de fenómenos de variação sintática ficam, assim, bem vincadas com os resultados desta investigação. Por terem permitido associar a variação sincrónica do PD e do galego em perífrases com *estar* a um processo de mudança linguística, os dados contribuíram, também, para enriquecer a discussão diacrónica em torno da evolução de gerúndio e *a*+infinitivo na família das línguas românicas.

3. PISTAS PARA TRABALHO FUTURO

No que toca a considerações sobre trabalho futuro, começo pelas observações metodológicas. O CORDIAL-SIN revelou-se valioso como base empírica, na medida em que permitiu identificar e localizar um conjunto de fenómenos não-padrão que, tomados em conjunto, possibilitaram a delimitação de áreas sintáticas. Além disso, permitiu também caracterizar, com detalhe, a variação *a*+infinitivo *vs.* gerúndio atestada no PD em sequências verbais. No entanto, verificou-se que algumas das construções apresentadas se encontram parcamente representadas no *corpus*. Isto leva-me, necessariamente, a refletir sobre as metodologias usadas no estudo da sintaxe dialetal e a considerar, em linha com o que tem sido proposto, a necessidade de se recorrer a fontes combinadas para colmatar falhas relacionadas com a fraca expressividade dos dados e com o facto de, como sabemos, algumas estratégias simplesmente não ocorrerem em discurso espontâneo e semi-dirigido, como é o caso do CORDIAL-SIN.

Poderá ser interessante, pensando especificamente nos dados revelados por esta tese, realizar-se um questionário morfossintático, que permitirá, por um lado, centrar a pesquisa em fenómenos específicos relevantes, mas que no CORDIAL-SIN estão pouco representados, e, por outro lado, no que toca à competição *a*+infinitivo *vs.* gerúndio, permitirá estudar com mais atenção as variáveis aqui consideradas importantes na explicação da variação.

Uma vez que os informantes do CORDIAL-SIN são, por norma, idosos/adultos e que as entrevistas foram realizadas entre 1974 e 2004, é importante, em trabalhos futuros desta natureza, ter consciência do potencial impacto destas variáveis sociolinguísticas nos resultados obtidos. Será interessante, por exemplo, ver que paisagens linguísticas se obtêm recorrendo a informantes de outra faixa etária. Tendo este trabalho relacionado a competição gerúndio/*a*+infinitivo com uma mudança diacrónica, será pertinente observar o que revela a gramática de informantes de uma faixa etária mais jovem sobre a evolução da mudança.

Tendo esta tese tornado claro que a variação entre gerúndio e *a*+infinitivo em perífrases aspetuais com *estar* é fortemente determinada pelas características semânticas e pragmáticas do verbo principal, acredito que, em trabalhos futuros, estes dados devem continuar a ser estudados: nomeadamente, na investigação da variação em perífrases com *andar* e *ficar*. Espero, em particular, que a reflexão aqui lançada sirva para afinar as

propostas de classificação de verbos a partir de propriedades semânticas e que contribua para identificar as tipologias mais relevantes para dar conta da variação entre gerúndio e *a*+infinitivo de uma forma ainda mais exata.

Uma das conclusões mais evidentes a que cheguei com os dados do galego foi que, na compreensão da variação, é imperativo considerar que há verbos que se situam em zonas de fronteira relativamente ao tipo de processo que descrevem, estando uns mais próximos dos mentais (que favorecem o gerúndio) e outros de atividades corporais (que favorecem *a*+infinitivo). Este contraste permitiu dar conta da distribuição aparentemente heterogénea dentro de processos comportamentais e mentais, pelo que uma análise centrada em verbos que semanticamente se posicionam em zonas cinzentas poderá ser um terreno interessante a explorar (mesmo para a própria teorização sobre esses verbos, a partir da observação da sua distribuição com gerúndio/*a*+infinitivo). Os comentários que fiz relativamente à distribuição das estratégias com os percetivos *ver* e *ollar*, por exemplo, tornaram evidente a relevância de uma distinção entre diferentes tipos de percetivos: mostraram-se importantes os contrastes quanto à presença de agentividade e quanto ao facto de os verbos que tipicamente se consideram percetivos envolverem níveis diferentes de cognição. Embora a minha análise não se tenha limitado apenas ao conjunto de verbos percetivos, estes verbos certamente merecem mais atenção num trabalho futuro.

No que toca à influência do tipo semântico de verbo, uma vez que me centrei no estudo da alternância com processos materiais, comportamentais, mentais e verbais e não aprofundei a análise da variação com processos existenciais e relacionais, será igualmente pertinente estudar a competição também nestes dois grupos.

Chamei a atenção, relativamente à distribuição de gerúndio/*a*+infinitivo com semelfativos, para uma relação entre a estrutura temporal interna das situações e o favorecimento de uma das estratégias. Não tendo sido possível, contudo, explorar convenientemente, e para todos os tipos de verbos, a influência da homogeneidade/heterogeneidade na variação, será também pertinente dedicar mais atenção a este aspeto. Relativamente ao papel da duratividade, neste trabalho tentei mostrar essencialmente de que forma a variação pode ser explicada a partir de uma oposição pontual/durativo. Mas sugeri que outros contrastes podem ser identificados se considerarmos a duratividade como uma escala, notando a existência de verbos mais durativos do que outros relativamente à extensão temporal que ocupam. Também será interessante avaliar, mais exatamente, de que forma diferentes graus de duratividade do verbo podem influenciar a variação.

Penso que analisar os aspetos que aqui considere relevantes para dar conta da variação do galego e do PD de uma perspetiva comparada ainda mais alargada, recorrendo a dados de outras línguas românicas, produzirá resultados sem dúvida relevantes. Isto permitirá caracterizar ainda melhor a variação entre gerúndio e *a*+infinitivo nesta família de línguas e, certamente, contribuir para descrever os processos de gramaticalização das estruturas relevantes nestas línguas.

Tendo analisado a variação de uma perspetiva sincrónica, mas tendo ela sido explicada à luz de uma perspetiva diacrónica, acredito que os aspetos aqui abordados poderão, também, ser explorados em trabalhos de pendor diacrónico. O contraste entre esses resultados e os meus serão, sem dúvida, interessantes de confrontar.

No que diz respeito à caracterização dos dialetos portugueses, que fica mais completa após esta investigação, será certamente importante observar o que revelam outros estudos que continuem a explorar dados sintáticos, bem como trabalhos que integrem, no estudo a divisão dialetal portuguesa, todas as áreas da gramática. O paralelismo evidenciado, neste trabalho, entre áreas sintáticas e áreas lexicais faz supor que, relativamente à organização dialetal portuguesa, poderá haver mais afinidades entre léxico e sintaxe do que léxico e fonologia, por exemplo; no entanto, apenas com mais estudos será possível fundamentar, devidamente, uma generalização nesse sentido.

REFERÊNCIAS

- ALM-ARVIUS, Christina (1993). *The English Verb See: A Study in Multiple Meaning*. Doctoral dissertation, University of Gothenburg.
- ÁLVAREZ PÉREZ, Xosé Afonso (2014). “European Portuguese dialectal features: a comparison with Cintra’s proposal”. *Journal of Portuguese Linguistics* 13(1): 29-62.
- ÁLVAREZ PÉREZ, Xosé Afonso (2015). “Isoglossas portuguesas nos materiais do Atlas Lingüístico de la Península Ibérica: análise crítica da Nova Proposta de Lindley Cintra”. *Zeitschrift für romanische Philologie* 131(1): 185-223.
- ÁLVAREZ PÉREZ, Xosé Afonso e João SARAMAGO (2012). “Áreas lexicais galegas e portuguesas: um novo olhar para a proposta de Cintra”. *Estudis Romànics* 34: 55-97.
- ÁLVAREZ, Rosario e Xosé XOVE (2002). *Gramática da lingua Galega*. Vigo: Editorial Galaxia.
- ALZAMORA, Helena (2018). *As perífrases verbais no português europeu contemporâneo*. Dissertação de doutoramento, Universidade Nova de Lisboa.
- AMBAR, Manuela (1999). “Aspects of the Syntax of Focus in Portuguese”. In Georges Rebuschi e Laurice Tuller (eds.), *The Grammar of Focus*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. 23-53.
- AMENTA, Luisa (2010). “Perifrasi verbali in siciliano”. In J. Garzonio (org.), *Studi sui dialetti della Sicilia*. Padova: Unipress. 1-18.
- AMENTA, Luisa e Erling STRUDSHOLM (2002). “‘Andare a + infinito’ in italiano: Parametri di variazione sincronici e diacronici”. *Cuadernos de Filologia Italiana* 9: 11-29.
- ANDRADE, Aroldo (2010). *A subida de clíticos em Português: Um estudo sobre a variedade europeia dos séculos XVI a XX*. Dissertação de doutoramento, Universidade de Campinas.
- ANDRADE, Ernesto d’ (1994). “Algumas particularidades do português falado no Funchal”. *Actas do IX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Colibri. 17-29.
- ARGOTE, Jerónimo Contador de (1725). *Regras da lingua portugueza, espelho da lingua latina: ou disposição para facilitar o ensino da lingua latina pelas regras da portugueza*. Lisboa: Oficina da Musica.
- ARSÉNIO, Maraísa Magalhães (2010). *Construções gerundivas no português europeu e brasileiro*. Dissertação de doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

- AUCKLE, Tejshree, I. BUCHSTALLER, K. CORRIGAN e A. HOLMBERG (2007). “Speakers can ‘talk the talk’, but can they ‘walk the walk’ too?: Measuring syntactic variability using different instruments”. *Sixth meeting of the UK Language Variation and Change Conference (UKLVC6)*. Lancaster University, Set. 2007.
- AVELAR, Juanito (2004). *Dinâmicas Morfossintáticas com Ter, Ser e Estar no Português Brasileiro*. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Campinas.
- AZEVEDO, Celestino Monteiro Soares de (1928-29). “Linguagem popular de Ervedosa do Douro”. *Revista Lusitana* XXVII.
- BARBIERS, Sjef (2008). “Locus and limits of syntactic microvariation”. *Lingua* 199: 1607-1623.
- BARBIERS, Sjef e Hans BENNIS (2007). “The Syntactic Atlas of the Dutch Dialects: A discussion of choices in the SAND-project”. *Nordlyd* 34: 53-72 (re-edição do artigo publicado em: Kristine Bentzen e Øystein Alexander Vangsnes, eds. *Scandinavian Dialect Syntax* 2005. CASTL, Tromsø). Disponível em: <http://www.ub.uit.no/munin/nordlyd>
- BARBIERS, Sjef e Leonie CORNIPS (2002). “Introduction to Syntactic Microvariation”. In S. Barbiers, L. Cornips e S. van der Kleij (eds.), *Syntactic Microvariation, Meertens Institute Electronic Publications in Linguistics* 2. Disponível em: <http://www.meertens.knaw.nl/books/synmic/>.
- BARBIERS, Sjef, Olaf KOENEMAN, Marika LEKAKOU e Margreet VAN DER HAM (2008). *Microvariation in Syntactic Doubling* (Syntax and Semantics). Emerald Publishing.
- BARBOSA, Afrânio Gonçalves (1999). *Para uma História do Português Colonial: Aspectos Linguísticos em Cartas de Comércio*. Dissertação de doutoramento, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- BARBOSA, Pilar (1996). “Clitic Placement in European Portuguese and the Position of Subjects”. In A. Halpern e A. Zwicky (eds.), *Approaching Second. Second Position Clitics and Related Phenomena*. Stanford, California: CSLI Publications. 1-40.
- BARBOSA, Pilar e Fátima COCHOFEL (2004). “O infinitivo preposicionado em PE”. *Actas do XX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Colibri. 387-400.
- BARBOSA, Pilar e Telma FREIRE (2014). “Um caso surpreendente de concordância variável em português europeu”. *Textos Seleccionados, XXIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Porto: APL. 71-84.

- BARBOSA, Pilar, Maria da Conceição de PAIVA e Kellen Cozine MARTINS (2017). “Clitic climbing in the speech of Braga and Lisbon”. In Pilar Barbosa, Maria da Conceição de Paiva e Celeste Rodrigues (eds.), *Studies on Variation in Portuguese*. Vol. 14. Amsterdam: John Benjamins. 200-217.
- BARRIO DE LA ROSA, Florencio del (2008). “Semántica, Sintáxis y Pragmática de los verbos de acontecimiento en español antiguo”. In Antonio Álvarez Tejedor (ed.), *Lengua viva: estudios ofrecidos a César Hernández Alonso*. 489-504.
- BARROS FERREIRA, Manuela (1987). *Zoónimos dialectais portugueses: Coccinella septempunctata e Lampyris noctiluca*. Tese para acesso à categoria de Investigador Auxiliar. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa/ Instituto Nacional de Investigação Científica. Inédita.
- BARROS FERREIRA, Manuela (1994). “Retrospectiva da Dialectologia portuguesa”. *Revista Internacional de Língua Portuguesa* 12: 108-118.
- BARROSO, Henrique (1994). *O aspecto verbal perifrástico em português contemporâneo: visão funcional/sincrónica*. Porto: Porto Editora.
- BARROSO, Henrique (2007). *Para uma gramática do aspecto no verbo português*. Braga: Universidade do Minho.
- BARROSO, Henrique (2009). “Da combinatória sintáctico-semântico lexical do progressivo, progressivocomitativo e progressivogradativo no PE actual”. *Revista Letras* 78: 185-207.
- BECHARA, Evanildo (1999). *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna.
- BENVENISTE, Émile (1976). *Problemas de lingüística geral*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- BERNARDO, Maria Clara C. R. (1991). *O Falar da Bretanha. Estudo fonético*. Trabalho de síntese apresentado nas Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica. Ponta Delgada, Universidade dos Açores. Inédita.
- BERNARDO, Maria Clara C. R. (1992-93). “Palatalização e velarização do [a] acentuado no falar da Bretanha”. *Arquipélago* 13: 23-32.
- BERTINETTO, Pier Marco (1990). “Perifrasi verbali italiane: criteri di identificazione e gerarchia di perifrasticità”. In G. Bernini e A. Giacalone Ramat (eds.), *La temporalità nell’acquisizione di lingue seconde*. Milano: Franco Angeli. 331-350.

- BERTINETTO, Pier Marco (2000). “The progressive in Romance, as compared with English”. In Ö. Dahl. (ed.), *Tense and aspect in the languages of Europe*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter.
- BIBER, Douglas et al. (1999). *Longman grammar of spoken and written English*. Harlow: Pearson Education Limited.
- BLUTEAU, Rafael (1712-1728). *Vocabulário português & latino: aulico, anatomico, architectonico...* Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus.
- BÖCKLE, Klaus (1980). “Zum Diasystem der portugiesischen Verbalperiphrasen mit dem ‘gerundialen Infinitif’”. *Zeitschrift für Romanische Philologie* 96: 333-354.
- BOLÉO, Manuel de Paiva (1974). *Estudos de linguística portuguesa e românica*, 1 (Dialectologia e História da Língua), *Acta Universitatis Conimbricensis*. Coimbra: Biblioteca Geral.
- BOLÉO, Manuel de Paiva e Maria Helena Santos SILVA (1959). “O Mapa dos dialectos e falares de Portugal Continental”. In *Estudos de Linguística Portuguesa e Românica*, Vol. I: Dialectologia e História da Língua, *Acta Universitatis Conimbricensis*, 1974, pp. 309-352.
- BOLÉO, Manuel de Paiva e Maria Helena Santos SILVA (1962). “O mapa dos dialectos e falares de Portugal Continental”. *Boletim de Filologia* XX: 85-112.
- BRESNAN, Joan e Jonni M. KANERVA (1989). “Locative Inversion in Chicheŵa: A Case Study of Factorization in Grammar”. *Linguistic Inquiry* 20: 1-50.
- BRISSOS, Fernando (2014). “New insights into Portuguese central-southern dialects: understanding their present and past forms through acoustic data from stressed vowels”. *Journal of Portuguese linguistics* 13: 63-115.
- BRISSOS, Fernando (2015). “Dialectos portugueses do Centro-Sul: *corpus* de fenómenos e revisão do problema da (des)unidade”. *Zeitschrift für romanische Philologie* 131: 999-1041.
- BRISSOS, Fernando (2016). “Portugal: a cidade e o interior. I – Centro-Sul”. *Limite* 10(1): 85-107.
- BRISSOS, Fernando (2018). “Proposta de reformulação da classificação dialetal do noroeste português”. *Estudos de lingüística galega*, volume especial I: 193-208.
- BRISSOS, Fernando (2020). “Sistemas vocálicos tónicos portugueses do norte e do centro-sul: descrição acústica e tendências dialetais”. *Zeitschrift für romanische Philologie* 136(1): 161-227.

- BRISSOS, Fernando e Celeste RODRIGUES (2016). “Vocalismo acentuado do Noroeste português: descrição acústica, variação dialectal e representação fonológica”. *Revue romane* 51: 1-35.
- BRISSOS, Fernando e João SARAMAGO (2014). “O problema da diversidade dialectal do Centro-Sul português: informação perceptiva «versus» informação acústica”. *Estudos de lingüística galega* 6: 53-80.
- BRISSOS, Fernando, Raïssa GILLIER e João SARAMAGO (2016). O problema da subdivisão da variedade dialetal madeirense: estudo dialetométrico da variação lexical. *Textos Seleccionados, XXXI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Porto: APL. 31-47. Disponível em <http://ojs.letras.up.pt/index.php/APL/issue/view/116>
- BRISSOS, Fernando, Raïssa GILLIER e João SARAMAGO (2017). “Variação lexical açoriana: estudo dialetométrico do Atlas Linguístico-Etnográfico dos Açores”. *Monografia 11 da Revista Galega de Filoloxía*: 11-28.
- BRITTO, Helena de Souza (1998). *Deslocamento à Esquerda, Resumptivo-sujeito, Ordem SV e a Codificação Sintática de Juízos Categórico e Tético no Português do Brasil*. Dissertação de doutoramento, Universidade Estadual de Campinas.
- BROCARD, Maria Teresa e Clara Nunes CORREIA (2012). “Ir + gerúndio em português - aspetos sincrónicos e diacrónicos”. *Textos Seleccionados, XXVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL. 121-135.
- BURZIO, Luigi (1986). *Italian syntax: A Government-Binding Approach*. Dordrecht: Kluwer.
- BYBEE, Joan e Rena TORRES CACOULOS (2009). “The role of prefabs in grammaticization: How the particular and the general interact in language change”. In Roberta L. Corrigan, Edith A. Moravcsik, Hamid Ouali e Kathleen Wheatley (eds.), *Formulaic Language: Volume 1. Distribution and historical change*. Amsterdam: John Benjamins. 187-217.
- BYBEE, Joan, Revere PERKINS e William PAGLIUCA (1994). *The evolution of grammar: Tense, aspect, and modality in the languages of the world*. Chicago/London: The University of Chicago Press.
- CAMILLERI, Maris e Louisa SADLER (2017). *Posture Verbs and Aspect: A View from Vernacular Arabic*. In Miriam Butt e Tracy Holloway King (eds.), *Proceedings of the LFG'17 Conference*, University of Konstanz. Stanford, CA: CSLI Publications. 167-187.
- CAMPOS, Odette, Ângela C. S. RODRIGUES e Paulo de T. GALEMBECK (1993). “A flexão modo-temporal no português culto do Brasil: formas de pretérito perfeito e imperfeito do

- indicativo”. In A. Castilho e M. Basílio (eds.). *Gramática do Português Falado: as abordagens*. Vol. IV. Campinas: Ed. da Unicamp/Fapesp. 35-78.
- CARBALLO CALERO, Ricardo (1979). *Gramática elemental del Gallego común*. Vigo: Galaxia.
- CARDOSO, Adriana e Catarina MAGRO (2012). “Naming Constructions in European Portuguese: a new contribution to dialect differentiation”. *Proceedings of the International Symposium on Limits and Areas in Dialectology*. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.
- CARDOSO, Adriana e Nélia ALEXANDRE (2013). “Relativas clivadas em variedades não padrão do português”. In F. Silva, I. Falé e I. Pereira (orgs.), *Textos seleccionados XXVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Porto: APL. 205-227.
- CARDOSO, Adriana e Susana PEREIRA (2003). “Contributos para o estudo da emergência do tempo composto em português”. *Revista da Abralín – Associação Brasileira de Linguística* 2: 159-181.
- CARDOSO, Adriana, Ernestina CARRILHO e Sandra PEREIRA (2011). “On verbal agreement variation in European Portuguese: syntactic conditions for the 3SG/3PL alternation”. *Diacrítica*. 25(1): 137-159.
- CARRILHO, Ernestina (2000). “Sobre o expletivo *ele* nos dialectos do Português europeu”. *Actas do Congresso Internacional ‘500 Anos da Língua Portuguesa no Brasil’*. Évora, maio de 2000.
- CARRILHO, Ernestina (2003). “Ainda a ‘unidade e diversidade da língua portuguesa’: a sintaxe”. In Ivo Castro e Inês Duarte (eds.), *Razões e Emoção: Miscelânea de estudos em Homenagem a Maria Helena Mateus*. Vol. 1. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda. 19-41.
- CARRILHO, Ernestina (2005). *Expletive ele in European Portuguese dialects*. Dissertação de doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- CARRILHO, Ernestina (2008). “Beyond Doubling: Overt Expletives in European Portuguese Dialects”. *Syntax and Semantics* 36: 301-323.
- CARRILHO, Ernestina e Maria LOBO (2012). “Contribution à l’étude de la variation syntaxique dans le domaine ibéro-roman”. In M. Oliiviéri, G. Brun-Trigaud, Ph. Del Giudice (eds.), *La Leçon des dialectes. Hommages à Jean-Philippe Dalbera*. Alessandria: Edizioni dell’Orso. 323-336.

- CARRILHO, Ernestina e Sandra PEREIRA (2011). “Sobre a distribuição geográfica de construções não-padrão em português-europeu”. *Actas do XXVI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL. 125-139
- CARRILHO, Ernestina e Sandra PEREIRA (2013): "On the areal dimension of non-standard syntax: Evidence from a Portuguese corpus". In Alena Barysevich, Alexandra D'Arcy e David Heap (eds.), *Proceedings of Methods XIV: Papers from the Fourteenth International Conference on Methods in Dialectology*. Bamberg Studies in English Linguistics. Pieterlen, Switzerland: Peter Lang. 69-79
- CARRILHO, Ernestina, Catarina MAGRO e Sandra PEREIRA (2006). “Syntactic doubling in European Portuguese dialects”. *Workshop Syntactic Doubling in European Dialects*. Amsterdam, abril 2006.
- CARVALHO, José Gonçalo Herculano (1953). *Coisas e palavras. Alguns problemas etnográficos e linguísticos relacionados com os primitivos sistemas de debulha na Península Ibérica*. Separata de *Biblos* 29.
- CARVALHO, José Gonçalo Herculano (1984). “Ficar em casa/Ficar pálido: Gramaticalização e valores aspetuais”. Separata da *Coleção Linguística* 1, Coimbra.
- CASALICCHIO, Jan (2019). “Gerunds become prepositional infinitives in Romance Small Clauses: The effects of later Merge to the syntactic spine”. *Probus* 31(1): 75-117.
- CASALICCHIO, Jan e Laura MIGLIORI (2018). “Progressive and predicative constructions with gerund in Romance. A contrastive analysis”. *Revue Roumaine de Linguistique* 63(3): 253-270.
- CASALICCHIO, Jan (2013). *Pseudorelative, gerundi e infiniti nelle varietà romanze. Affinità (solo) superficiali e corrispondenze strutturali*. München: Lincom Europa.
- CASTELEIRO, João Malaca (1975). “Aspectos da Sintaxe do Português Falado no Interior do País”. *Boletim de Filologia* 24: 57-74.
- CHOMSKY, Noam (1981). *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris.
- CHOMSKY, Noam (2001). “Derivation by phase”. In Michael Kenstowicz (ed.), *Ken Hale: a life in language*. Cambridge, MA: MIT Press. 1-52.
- CINTRA, Luís Filipe Lindley (1962). “Áreas lexicais no território português”. *Boletim de Filologia* 20: 273-307.
- CINTRA, Luís Filipe Lindley (1971). “Nova proposta de classificação dos dialetos galego-portugueses”. *Boletim de Filologia* 22: 81-116.

- CINTRA, Luís Filipe Lindley (1990). “Os dialectos da ilha da Madeira no quadro dos dialectos galego-portugueses”. Comunicação apresentada em *II Congresso da Cultura Madeirense*, publicada in José Eduardo Franco (coord.) (2008), *Cultura Madeirense. Temas e Problemas*. Porto: Campo das Letras, pp. 95-107.
- CLARK, Eve V. (1978). “Locational: Existential, Locative, and Possessive Constructions”. In J. Greenberg, C. Ferguson e E. Moravcsik (eds.), *Syntax*. Stanford: Stanford University Press. 85-126.
- COELHO, Adolpho (1868). *A Lingua Portuguesa: phonologia, etymologia, morphologia e syntaxe*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- COMPANY COMPANY, Concepción (2001). “Gramaticalización, debilitamiento semántico y reanálisis. El posesivo como artículo en la evolución sintáctica del español”. *Revista de Filología Española* 81(1-2): 49-87.
- COMRIE, Bernard (1976). *Aspect: An Introduction to the Study of Verbal Aspect and Related Problems* (Cambridge Textbooks in Linguistics). Cambridge: Cambridge University Press.
- CORNIPS, Leonie (2003). “Contact-induced Varieties, Syntactic Variation and Methodology”. Apresentado em *European Dialect Syntax ESF/SCH Explanatory Workshop*, Padova, setembro 2003.
- CORNIPS, Leonie e Cecilia POLETO (2005). “On standardizing syntactic elicitation techniques” (part 1). *Lingua* 115: 939-957.
- CORNIPS, Leonie e Willy JONGENBURGER (2001). “Elicitation techniques in a Dutch Syntactic dialect atlas project”. In H. Broekhuis e T. van der Wouden (ed.), *Linguistics in The Netherlands* 18(1): 161-184.
- COROMINAS, Joan e Jose A. PASCUAL (1980-1981). *Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico*. Madrid: Gredos. 1997.
- CORREIA, Clara Nunes (2010). “Sobre os valores de *Ficar* em Português Europeu”. *Estudos Linguísticos* 5: 153-161.
- CORREIA, Clara Nunes e Maria Teresa BROCARD (2010). “On constructions with *Ir* (‘Go’) + Gerund/Infinitive in Portuguese”. In Humphries et al. (orgs.), *English Languages, Literature and Culture: New Directions in Research*. Biscisk-Biala: WATH. 37-52.

- COSTA, João e Ana Maria MARTINS (2010). “Middle Scrambling with Deictic Locatives in European Portuguese”. In R. Bok-Bennema, B. Kampers-Manhe e B. Hollebrandse (eds.), *Romance Languages and Linguistic Theory 2008*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins. 59-76.
- CUESTA, Pilar Vázquez e Maria Albertina Mendes da LUZ (1961). *Gramática Portuguesa*. Madrid: Gredos.
- CUESTA, Pilar Vázquez e Maria Albertina Mendes da LUZ (1971). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Edições 70. 1980
- CUNHA, Celso e Luís Filipe Lindley CINTRA ([1984] 2005). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 18ª edição. Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- CUNHA, Celso e Luís Filipe Lindley CINTRA (1984). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- CUNHA, Celso (1986). “Conservação e Inovação no Português do Brasil”. *O eixo e a roda*. Vol. 5. Belo Horizonte.
- CUNHA, Luís Filipe (1998). *As Construções com progressivo no Português: uma Abordagem Semântica*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- CUNHA, Luís Filipe (2004): “Para uma reclassificação aspectual dos estados”. *Actas do XX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL. 525-537.
- CUNHA, Luís Filipe (2013). “Aspetto”. In Raposo et al. (orgs.), *Gramática do português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 585-616.
- DESCHAMPS, Alain (1997). “Traitement énonciatif des paramètres des compléments propositionnels de verbes”. In Claude Rivière e Marie-Line Groussier (eds.), *La Notion*. Paris: Ophrys. 60-74.
- DIAS, Epiphânio da Silva ([1918] 1970). *Syntaxe Histórica Portuguesa*. 5.ª ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora.
- DIETRICH, Wolf (1984). “Zum Typ estar cantando und estar a cantar im Portugiesischen”. In Günter Holtus e Edgar Radtke (eds.), *Umgangssprache in der Iberoromania. Festschrift für Heinz Kröll*. Tübingen: Narr. 137-145.
- DINI, Luca e Pier Marco BERTINETTO (2006). “Punctual Verbs and the Linguistic Ontology of Events”. Comunicação apresentada em *Fact and Events Conference*, Trento.

- DIXON, Robert M. W. (1991). *A New Approach to English Grammar, On Semantic Principles*. Oxford: Oxford University Press.
- DOWNING, Angela (1990). "The discourse function of presentative 'there' in existential structures in Middle English and Present-Day English: a systemic functional perspective". *Occasional Papers in Systemic Linguistics* 4: 103-126.
- DOWTY, David R. (1972). *Studies in the logic of tense and aspect in English*. Doctoral Dissertation, University of Texas.
- DOWTY, David R. (1979). *Word Meaning and Montague Grammar*. Dordrecht: Reidel.
- DUARTE, Inês (1992). "Complementos Infinitivos Preposicionados e outras Construções Temporalmente Defectivas em Português Europeu". *Actas do VIII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL. 145-158.
- DUARTE, Inês e Ana Maria BRITO (2003). "Predicação e classes de predicadores verbais". In M. H. M. Mateus et al (eds.), *Gramática da Língua Portuguesa*. 7.^a ed. Lisboa: Caminho. 179-203.
- DUARTE, Inês e Gabriela MATOS (2000). "Romance Clitics and the Minimalist Program". In J. Costa (ed.), *Portuguese Syntax. New Comparative Studies*. New York/Oxford: University Press. 116-142.
- EBERT, Karen H. (2000). "Progressive Markers in Germanic Languages". In Ö. Dahl (ed.), *Tense and Aspect in the Languages of Europe* (Eurotyp 6). Berlin: Mouton de Gruyter. 605-639.
- ENGDAHL, Elisabet (2006). "Semantic and syntactic patterns in Swedish passives". In B. Lyngfelt e T. Solstad (eds.), *Demoting the Agent. Passive, middle and other voice phenomena*. Amsterdam: John Benjamins. 21-45.
- ESPIÑEIRA, María José Rodríguez e Belén López MEIRAMA (2008). "On the grammaticalization of the Spanish expression *puede que*". In E. Seoane e M. J. López-Couso (eds), *Theoretical and Empirical Issues in Grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- ESPUNYA, Anna (1998). "On the semantics of the Spanish progressive sequence *ir + gerund*". *Belgian Journal of Linguistics* 12: 21-42.
- EVANS, Nicholas e David WILKINS (2000). "In the Mind's Ear: The Semantic Extensions of Perception Verbs in Australian Languages". *Language* 76(3): 546-592.

- FELLBAUM, Christiane (1990). "English verbs as a semantic net". *International Journal of Lexicography* 3: 278-301.
- FERNANDES, Flávia Orci (2012). *Sintaticização e semanticização das construções andar, continuar, ficar, viver + gerúndio na história do português paulista*. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Campinas.
- FERNÁNDEZ LAGUNILLA, Marina (1999). "Las Construcciones de Gerúndio." In I. Bosque y V. Demonte (orgs.), *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Vol. 2. Madrid: Editorial Espasa Calpe. 3445-3503.
- FERREIRA, Núbia S. (2009). *Auxiliares: uma subclasse dos verbos de reestruturação*. Dissertação de doutoramento, Universidade Federal de Santa Catarina.
- FIÉIS, Alexandra e Ana MADEIRA (2012). "Predicados de controlo na diacronia do português". *Textos Seleccionados, XXVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL. 271-284.
- FIÉIS, Alexandra e Maria LOBO (2010). "Aspectos da sintaxe das orações gerundivas no Português Medieval e no Português Europeu Contemporâneo". *Textos Seleccionados, XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Porto: APL. 419-434
- FIÉIS, Alexandra (1996). *Clíticos num Corpus do Português do Século XIII*. Dissertação de mestrado, Universidade Nova de Lisboa.
- FIÉIS, Alexandra e Maria LOBO (2011). "Propriedades de gerúndios e infinitivos em português antigo. *Textos Seleccionados, XXVI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL. 256-265.
- FRANCKEL, Jean-Jacques (1989). *Etude de Quelques Marqueurs Aspectuels du Français*. Geneve-Paris: Droz.
- FREEZE, Ray (1992). "Existentials and other locatives". *Language* 68: 553-595.
- FREGE, Gottlob (1892). "On Concept and Object". *Vierteljahrsschrift für wissenschaftliche Philosophie* 16: 192-205.
- FREIRE, Gustavo Andrade Nunes (2007). *Verbos perceptivos e causativos: complementação infinitiva, aspectos sintáticos, semânticos e de aquisição*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina.
- FREIRE, Gustavo Andrade Nunes (2013). *A aquisição de verbos perceptivos e causativos e a Teoria da Mente*. Dissertação de doutoramento, Universidade Estadual de Campinas.

- FREITAG, Raquel Meister K. (2007). *A expressão do passado imperfectivo no português: variação/gramaticalização e mudança*. Dissertação de doutoramento, Universidade Federal de Santa Catarina.
- GALVES, Charlotte, Ilza RIBEIRO e Maria Aparecida TORRES MORAES (2005). “Syntax and morphology in the placement of clitics in European e Brazilian Portuguese”. *Journal of Portuguese Linguistics* 4(2): 143-177.
- GONÇALVES, Anabela (1992). *Para uma Sintaxe dos Verbos Auxiliares em Português Europeu*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- GONÇALVES, Anabela (1996). “Aspectos da sintaxe dos verbos auxiliares do Português Europeu”. In A. Gonçalves, M. Colaço, M. Miguel e T. Mória (eds.), *Quatro Estudos em Sintaxe do Português. Uma Abordagem Segundo a Teoria dos Princípios e Parâmetros*. Lisboa: Colibri. 7-50.
- GONÇALVES, Anabela (1999). *Predicados complexos verbais em contextos de infinitivo não preposicionado do Português Europeu*. Dissertação de doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- GONÇALVES, Anabela (2002). “Verbos auxiliares e verbos de reestruturação do Português Europeu”. *Actas do encontro comemorativo dos 25 anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto*. Vol. 1. Centro de Linguística da Universidade do Porto. 45-57
- GONÇALVES, Anabela e Teresa COSTA (2002). *(Auxiliar a) Compreender os Verbos Auxiliares do Português - Descrição e Implicações para o Ensino do Português como Língua Materna*. Lisboa: Colibri/Associação de Professores de Português.
- GONÇALVES, Anabela, Ana Lúcia SANTOS e Inês DUARTE (2014). “(Pseudo-)Inflected infinitives and Control as Agree”. In Karen Lahousse e Stefania Marzo (eds.), *Selected papers from ‘Going Romance’ Leuven 2012*. Amsterdam: John Benjamins. 161-180.
- GONÇALVES, Anabela, Ernestina CARRILHO e Sandra PEREIRA (2016). “Predicados complexos numa perspetiva comparativa”. In A. M. Martins e E. Carrilho (eds.), *Manual de Linguística Portuguesa*. Berlin/Boston: Mouton De Gruyter. 523-557.
- GONZÁLEZ RODRÍGUEZ, Raquel (2008). “Exclamative Wh- Phrases as Positive Polarity Items”. *Catalan Journal of Linguistics* 7: 91-116.
- HALLE, Morris e Alec MARANTZ (1993). “Distributed Morphology and the Pieces of Inflection.” In Kenneth Hale e S. Jay Keyser (eds.), *The View from Building 20*. Cambridge: MIT Press. 111-176.

- HALLIDAY, Michael. A. K. (1994). *An Introduction to Functional Grammar*. London: Arnold.
- HALLIDAY, Michael. A. K. e Christian MATTHIESSEN (2014). *Halliday's Introduction to Functional Grammar*. 4.^a ed. Oxon: Routledge.
- HEINE, Bernd et al. (1991). *Grammaticalization: A Conceptual Framework*. Chicago: University of Chicago Press.
- HERNÁNZ, M. Lluís (1999). "El infinitivo". In I. Bosque e V. Demonte (eds.), *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Madrid: Espasa Calpe. 2197-2396.
- HETZRON, Robert (1975). "The presentative movement, or why the ideal word order is VSOP". In C. Li (ed.), *Word order and word order change*. New York: Academic Press. 346-388.
- HEYCOCK, Caroline (1994). "The internal structure of small clauses". In J. Beckman (ed.), *Proceedings of NELS 25*. Amherst, MA: GLSA. 223-238.
- HIGGINS, Roger Francis (1979). *The Pseudo-cleft Construction in English*. New York: Garland.
- HIETAM, Katrin e Satu MANNINEN (2005). "Some thoughts on the Balto-Finnic passives and impersonals". In Fredrik Heint e Eva Klingvall (eds), *The Department of English in Lund: Working Papers in Linguistics 5*: 65-90.
- HOPPER, Paul J. e Elizabeth Closs TRAUGOTT (1993). *Grammaticalization*. Cambridge, England: Cambridge University Press.
- HORNSTEIN, Norbert, Sara ROSEN e Juan URIAGEREKA (2002). "Integrals". In J. Uriagereka, *Derivations: exploring the dynamics of syntax*. Routledge. London/New York. 179-195.
- HRICSINA, Jan (2014). "Substituição do gerúndio pela construção *a* + infinitivo no Português Europeu". *Studia Iberytyczne* 13: 383-401.
- JARAD, Najib Ismail (2015). "From bodily posture to progressive aspect marker". *Lingua Posnaniensis* 57(1): 89-111.
- KATO, Mary A. e Ilza RIBEIRO (2007). "A Evolução das Estruturas Clivadas no Português: período V2". In T. Lobo et al. (orgs.), *Para a história do português brasileiro*. Salvador: EDUFBA. 165-182.
- KATO, Mary A. e Ilza RIBEIRO (2009). "Cleft sentences from old Portuguese to Modern Brazilian Portuguese". In A. Dufter e D.Jacob (eds), *Focus and Background in Romance*

- Languages* (Studies in Language Companion Series). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. 123-154.
- KATO, Mary A. e Ana Maria Martins (2016). "European Portuguese and Brazilian Portuguese: an overview on word order". In Leo Wetzels, Sergio Menuzzi e João Costa (eds), *The Handbook of Portuguese Linguistics*. Hoboken, NJ: Wiley-Blackwell. 15-40.
- KAYNE, Richard S. (1975). *French syntax: the transformational cycle*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- KAYNE, Richard S. (1993). "Toward a modular theory of auxiliary selection." *Studia Linguistica* 47(1): 3-31.
- KAYNE, Richard S. (1994). *The Antisymmetry of Syntax* (Linguistic Inquiry Monograph 25). Cambridge: The MIT Press.
- KAYNE, Richard S. (2000a). "Microparametric Syntax. Some Introductory Remarks". *Parameters and Universals*. Oxford & New York: Oxford University Press. 3-9.
- KAYNE, Richard S. (2000b). "A note on clitic doubling". *Parameters and Universals*, Oxford & New York: Oxford University Press. 163-184
- KAYNE, Richard S. (2005). "Review of Paola Benincà, La Variazione Sintattica. Studi di Dialettologia Romanza". In Cinque e R. Kayne (eds.), *Movement and Silence* (Oxford Studies in Comparative Syntax). Oxford/New York: Oxford University Press. 57-64.
- KEENAN, Edward L. (1985). "Passive in the world's languages". In T. Shopen (ed.), *Language Typology and Syntactic Description*. Cambridge: Cambridge University Press. 243-281.
- KEENAN, Edward L. e Mathew S. DRYER. (2007). "Passive in the World's Languages". In T. Shopen (ed.), *Language Typology and Syntactic Description: vol. 1, Clause Structure*. Cambridge: Cambridge University Press. 325-361.
- KIRK, John M. et al. (1985). *Studies in linguistic geography*. London: Croom Helm.
- KORTMANN, Bernd (ed.) (2004). *Dialectology Meets Typology: Dialect Grammar from a Cross-linguistic Perspective* (Trends in Linguistics). Berlin/New York: Mouton de Gruyter.

- KRUIJSEN, Jan (1983). “La Syntaxe dans l’Atlas Linguarum Europae”. In C. Angelet, L. Melis, F. J. Mertens e F. Musarra (eds.), *Langue, Dialecte, Littérature. Études Romanes à la Mémoire de Hugo Plomptoux*. Leuven: Leuven U. P. 213-223.
- KUBOTA, Mika (2016). *A Cognitive Linguistic Analysis of Visual Perception Verbs in Natural Language – With Special Reference to English Verbs Look and See*. Dissertação de doutoramento, Kansai Gaidai University Graduate School.
- KURODA, Shigeyuki (1972). “The categorical and the thetic judgment”. *Foundations of Language* 9: 153-185.
- KURODA, Shigeyuki (1992). *Japanese Syntax and Semantics*. Dordrecht: Kluwer.
- KUTEVA, Tania A. (1999). “On ‘sit’/‘stand’/‘lie’ auxiliation”. *Linguistics* 37: 191-213.
- LABOV, William (1966). *The Social Stratification of English in New York City*. Washington: Center for Applied Linguistics.
- LABOV, William (1996). *Principios del cambio lingüístico I: Factores internos*. Madrid: Gredos.
- LACA, Brenda (2002). “La variation interlinguistique dans le domaine des périphrases aspectuelles romanes”. In Maria Helena Araújo Carreira (ed.), *Instabilités linguistiques dans les langues romanes* (Travaux et documents). Saint-Denis: Université Paris 8. 39-51.
- LACA, Brenda (2005). “Indefinites, quantifiers, and pluractionals. What scope effects tell us about event pluralities”. In L. Tasmowski e S. Vogeleer (eds.), *Non-definiteness*. Amsterdam: John Benjamins.
- LEBORANS, María Jesús Fernández (1999). “La predicación: las oraciones copulativas”. In I. Bosque e V. Demonte (orgs.), *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Madrid: Espasa Calpe. 2358-2460.
- LEHMANN, Christian (1995). *Thoughts on Grammaticalization*. Munich: LINCOM EUROPA.
- LEHMANN, Christian (2008). “A auxiliarização de *ficar*. Linhas gerais”. In J. Pinto de Lima e Bernd Sieberg (eds.), *Questions on language change*. Lisboa: Colibri. 9-26.
- LEMMENS, Maarten (2005). “Aspectual Posture Verb Constructions in Dutch”. *Journal of Germanic Linguistics* 173(03): 183-217.
- LEMOS, Cláudia (1987). *‘Ser’ and ‘estar’ in Brazilian Portuguese*. Tübingen: Gunter Narr.

- LEVIN, Beth (1993). *English verb classes and alternations: A preliminary investigation*. Chicago/London: The University of Chicago Press.
- LEVIN, Beth e Malka RAPPORT HOVAV (1995). *Unaccusativity: At the Syntax-Lexical Semantics Interface*. Cambridge, MA: MIT Press.
- LIMA, José Pinto (2001). “Sobre a gênese e a evolução do futuro com *ir* em português”. In Augusto Soares (org.), *Linguagem e Cognição. A Perspectiva da Linguística Cognitiva*. Braga: APL / UCP - Faculdade de Filosofia de Braga. 119-145
- LOBO, Maria (2000). Aspectos da sintaxe das orações gerundivas do português dialectal. *Actas do Congresso Internacional ‘500 Anos da Língua Portuguesa no Brasil’*. Évora, maio de 2000.
- LOBO, Maria (2001). “On gerund clauses of Portuguese dialects”. In Alexandre Veiga, Víctor M. Longa e JoDee Anderson (eds.), *El Verbo. Entre el Léxico y la Gramática*. Lugo: Ed. Tris Tram. 107-118.
- LOBO, Maria (2002). “Aspectos da sintaxe das orações gerundivas adjuntas do Português”. *Actas do XVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL. 247-265.
- LOBO, Maria (2003). *Aspectos da Sintaxe das Orações Subordinadas Adverbiais do Português*. Dissertação de doutoramento, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- LOBO, Maria (2006). “Dependências temporais: a sintaxe das orações subordinadas gerundivas do português”. *Veredas* 10(1-2): 1-26.
- LOBO, Maria (2008). “Variação morfo-sintáctica em dialectos do Português europeu: o gerúndio flexionado”. *Diacrítica* 22(1): 25-55.
- LOBO, Maria (2016). “O gerúndio flexionado no português dialetal”. In A. M. Martins e E. Carrilho (eds.), *Manual de Linguística Portuguesa*. Berlin/Boston: Mouton De Gruyter. 481-501
- LOBO, Maria e Ernestina CARRILHO (2015). “Combining geolinguistic sources in dialect syntax: three case-studies through ALPI and CORDIAL-SIN”. *Dialectologia* (Special Issue 5): 141-166.
- LONGHIN, Sanderléia Roberta (1999). *As construções clivadas: uma abordagem diacrônica*. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Campinas.

- LYONS, John (1968): “Existential, locative and possessive constructions”. In J. Lyons, *Introduction to Theoretical Linguistics*. London: Cambridge University Press. 388-399.
- MAGRO, Catarina (2005). “Introdutores de orações infinitivas: o que diz a sintaxe dos clíticos”. *Actas do XX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL. 649-664.
- MAGRO, Catarina (2007) *Clíticos: variações sobre o tema*. Dissertação de doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- MAGRO, Catarina e Charlotte GALVES (2019). *Portuguese Syntactic Annotation Manual*. Lisboa/Campinas: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa/Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade de Campinas. Disponível em: <https://sites.google.com/site/portuguesesyntacticannotation/>
- MAGRO, Catarina, Ernestina CARRILHO e Ana Maria MARTINS (Coords.) (2020). *CORDIAL-SIN Treebank*. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa [anotação realizada por Catarina Magro, Márcia Bolrinha, Mélanie Pereira, Sandra Pereira]. Disponível em: <http://teitok.clul.ul.pt/synapse/index.php?action=downloads>
- MALER, Bertil (1972). “L’infinitif gérondival portugais: quelques notes sur la propagation”. Separata de *Stockholm Studies in Modern Philology* (New Series). Stockholm: Stockholms Universitet. 250-268.
- MARQUILHAS, Rita (2013). “Fenómenos de mudança na história do português”. In Raposo et al. (orgs.), *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 17-44.
- MARTINS, Ana Maria (1994). *Clíticos na História do Português*. Dissertação de doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- MARTINS, Ana Maria (1999). “On the Origin of the Portuguese Inflected Infinitive”. In Laurel J. Brinton (ed.), *Historical Linguistics 1999: Selected Papers from the 14th International Conference on Historical Linguistics, Vancouver 9-13 August 1999*. John Benjamins. 207-222.
- MARTINS, Ana Maria (Coord.) (2000). *CORDIAL-SIN: Corpus Dialetal para o Estudo da Sintaxe / Syntax-oriented Corpus of Portuguese Dialects*. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.
- MARTINS, Ana Maria (2003). “Construções com SE: mudança e variação no português europeu”. In Ivo Castro e Inês Duarte (orgs.), *Razões e emoção: Miscelânea de estudos*

em homenagem a Maria Helena Mateus. Vol. 2. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda. 163-178.

- MARTINS, Ana Maria (2006). “Aspects of infinitival constructions in the history of Portuguese”. In Randall S. Gess e Deborah Arteaga (eds.), *Historical Romance Linguistics: Retrospective and Perspectives*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. 327-355.
- MARTINS, Ana Maria (2009). “Subject doubling in European Portuguese dialects: The role of impersonal SE”. In Enoch O. Aboh, Elisabeth van der Linden, Joseph Quer and Petra Sleeman (eds.), *Romance Languages and Linguistic Theory 2007*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. 179-200.
- MARTINS, Ana Maria (2013). “A posição dos pronomes pessoais clíticos”. In Raposo et al. (orgs.), *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2231-2302.
- MARTINS, Ana Maria (2014). “Syntactic Variation: The Subject Doubling SE Construction”. Comunicação apresentada em *International Symposium on Variation in Portuguese*, Universidade do Minho, Braga, abril 28-30.
- MARTINS, Ana Maria (2016a). “Introdução: O português numa perspetiva diacrónica e comparativa. In A. M. Martins e E. Carrilho (eds.), *Manual de Linguística Portuguesa*. Berlin/Boston: Mouton De Gruyter. 1-39.
- MARTINS, Ana Maria (2016b). “A colocação dos pronomes clíticos em sincronia e diacronia”. In A. M. Martins e E. Carrilho (eds.), *Manual de Linguística Portuguesa*. Berlin/Boston: Mouton De Gruyter. 401-430.
- MARTINS, Ana Maria (2020). “Some Notes On Postverbal Subjects In Declarative (and other non *wh*-) Sentences”. *Diadorim – Journal of Linguistic and Literary Studies* 22: 98-119. Disponível em: <https://doi.org/10.35520/diadorim.2020.v22n3a37144>
- MARTINS, Ana Maria (2021). “Microvariação na sintaxe dos clíticos: os dialetos portugueses dos Açores e Madeira”. *Estudos de Linguística Galega* 13: 67-105. Disponível em: <https://doi.org/10.15304/elg.13.6007>
- MARTINS, Ana Maria e Gabriela VITORINO (1989). “Palatalisation et vélarisation conditionnées de la voyelle tonique dans certains dialectes portugais: Evolutions identiques dans l'espace roman”. *Espaces Romans: Etudes de Dialectologie et de Géolinguistique offertes à Gaston Tuaillon*. Vol. 2. Grenoble: Ellug. 330-356.
- MARTINS, Ana Maria e João SARAMAGO (1993). “As sibilantes em português: Um estudo de geografia linguística e de fonética experimental”. *Actas do XIX Congresso Internacional*

de Linguística e Filoxía Románicas (Universidade de Santiago de Compostela), ed. Ramón Lorenzo. Vol. 4: *Dialectoloxía e Xeografía Lingüística*. A Coruña: Fundación Pedro Barrié de la Maza, Conde de Fenosa. 121-142.

MATEUS, Maria Helena Mira (2003). “Dialeto e variedades do português”. In M. H. M. Mateus et al (eds.), *Gramática da Língua Portuguesa*. 7.^a ed. Lisboa: Caminho. 39-51.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (1987). “Ser, estar, jazer, andar no português trecentista”. *Arquivos do Centro Cultural Português (XXIII)*. Lisboa/Paris: Gulbenkian. 31-47.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (1989). *Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico*. Lisboa: IN-CM.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (1994). *O Português Arcaico. Morfologia e Sintaxe*. São Paulo: Contexto.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (1997). “Observações sobre a Variação no Uso dos Verbos ‘Ser’, ‘Estar’, ‘Haver’, ‘Ter’ no Galego-Português Ducentista”. *Estudos Lingüísticos* 19: 253-286.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (2004). *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro*. São Paulo: Parábola.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (2002). “Reconfigurações socioculturais e lingüísticas no Portugal de quinhentos em comparação com o período arcaico”. In Mattos e Silva, Machado Filho (orgs), *O Português Quinhentista: estudos lingüísticos*. Salvador: EDUFBA. 27-42.

MEECHAN, Marjory e Michele FOLEY (1994). “On resolving disagreement: linguistic theory and variation – there’s bridges”. *Language Variation and Change* 6(1): 63-85.

MENDES, Amália (2013). “Processos de gramaticalização”. In Raposo et al. (orgs.), *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 249-292.

MENON, Odete Pereira da Silva (2004). “Gerundismo?”. *Lingua(gem)* 1(2): 191-236.

MOENS, Marc (1987). *Tense, Aspect and Temporal Reference*. Dissertação de doutoramento, Universidade de Edimburgo.

MOENS, Marc e Mark STEEDMAN (1988). “Temporal ontology and temporal reference”. *Computational Linguistics* 14(2): 15-28.

- MÓIA, Telmo e Evani VIOTTI (2002). “Sobre o uso do gerúndio em Português Europeu e Português Brasileiro”. Comunicação apresentada em: 3.º Colóquio Português Europeu-Português Brasileiro, setembro 2002.
- MÓIA, Telmo e Evani VIOTTI (2004). “Differences and similarities between European and Brazilian Portuguese in the use of the «gerúndio»”. *Journal of Portuguese Linguistics* 3: 111-139.
- MÓIA, Telmo e Evani VIOTTI (2005). “Sobre a semântica das orações gerundivas adverbiais”. *Actas do XX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL. 715-729.
- MÓIA, Telmo (2018). “On the semantics of the temporal auxiliary verb ‘ir’ (‘go’) in Portuguese”. *Syntaxe et Sémantique*, 19 [E. Labeau e J. Bres (dirs.), *La Gramaticalisation des Périphrases en ‘Aller’ et ‘Venir’ dans les Langues Romanes*]. Presses Universitaires de Caen. 147-177.
- MOREIRA, Júlio (1907). *Estudos de Lingua Portuguesa. Primeira Serie. Subsídios para a Syntaxe Historica e Popular*. Lisboa: Livraria Clássica Editora.
- MORO, Andrea (1997). *The raising of predicates: Predicative Noun Phrases and the theory of clause structure*. Cambridge: Cambridge University Press.
- MOTA, Maria Antónia (1998). "Les traits nombre et personne/nombre en portugais - l'oral dans ses variétés". In M. Bilger et al. (orgs.), *Analyse Linguistique et Approches de l'Oral*. Leuven: Peeters. 339-45.
- MOTA, Maria Antónia e Silvia Rodrigues VIEIRA (2008). “Contrastando variedades do português brasileiro e europeu: padrões de concordância sujeito-verbo”. In C. A. Gonçalves e M. L. L. Almeida (orgs.), *Língua portuguesa: identidade, difusão e variabilidade*. Rio de Janeiro: AILP/UFRJ. 111-137.
- MOTHÉ, Núbia (2007). *Varição e mudança aquém e além mar: gerúndio versus infinitivo gerundivo no Português dos séculos XIX e XX*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- MOTHÉ, Núbia (2014). *Notícias de além-mar: variação e mudança no uso de infinitivo gerundivo no Português Europeu ao longo do século XX*. Dissertação de doutoramento, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

- MOUZO VILLAR, Rosa (2008). Variación nos nomes de parentesco a través do material galego do ALPI. In Alexandre Veiga e María Isabel González Rey (coords.), *La diversité linguistique*. Lugo: Axac. 207-212.
- NARO, Anthony J. e Maria Marta Pereira SCHERRE (2007). *Origens do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola.
- NELSON, Lynn C. (2018). “Internal Structure of Semelfactive Predicates in English”. *Graduate Student Theses, Dissertations, & Professional Papers*. University of Montana.
- NETO, José Borges e M. J. FOLTRAN (2001). “Construções com gerúndio”. In C. N. Correia e A. Gonçalves (orgs.), *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL. 725-735.
- NEVES, Maria Helena Moura (2000). *Gramática de Usos do Português*. São Paulo: Editora UNESP.
- NEVINS, Andrew e Jeffrey K. PARROTT (2010). “Variable rules meet Impoverishment theory: Patterns of agreement leveling in English varieties”. *Lingua* 120: 1135-1159.
- NEWMAN, John e Sally RICE (2004). “Patterns of Usage for English ‘sit’, ‘stand’ and ‘lie’: A cognitively-inspired exploration in corpus linguistics”. *Cognitive Linguistics* 15: 351-396.
- NUNES, J. Joaquim (1902). “Dialectos Algarvios”. *Revista Lusitana VII*: 33-244.
- OGURA, Michiko (2002). *Verbs of motion in Medieval English*. Cambridge: D.S.Brewer.
- OITICICA, José (1945). *Manual de Análise (léxica e sintática)*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves.
- OLBERTZ, Hella (1998). *Verbal periphrases in a functional grammar of Spanish*. Berlin: Mouton de Gruyter.
- OLIVEIRA, Fátima (2003). “Tempo e Aspeto”. In M. H. M. Mateus et al. (eds.), *Gramática da Língua Portuguesa*. 7.^a ed. Lisboa: Caminho. 127-178.
- OLIVEIRA, Fátima, Luís Filipe CUNHA e Anabela GONÇALVES (2004). “Aspectual Verbs in European and Brazilian Portuguese”. *Journal of Portuguese Linguistics* 3: 141-173.
- OLIVEIRA, Fátima, Luís Filipe CUNHA e Sérgio MATOS (2001). “Alguns Operadores Aspectuais em Português Europeu e Português Brasileiro”. *Actas do Colóquio especial “Português Europeu - Português Brasileiro: Unidade e Diversidade no virar do milénio*. Coimbra: APL. 737-750.

- OLIVEIRA, Fátima, Luís Filipe CUNHA, Sérgio MATOS e Anabela GONÇALVES (2002). “Verbos de Operação Aspectual em PE e em PB: Semântica e Sintaxe”. *Actas do Colóquio especial “Português Europeu - Português Brasileiro: Unidade Diversidade no virar do milénio”*. Fortaleza, Brasil: ABRALIN.
- OLIVEIRA, Fernão de (1536). *Gramática da Linguagem Portuguesa. Introdução, leitura atualizada e notas de Maria Leonor Carvalhão Buescu*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda. 1975
- OLIVEIRA, Maria do Carmo Pereira (2001). *As frases copulativas com ‘ser’: natureza e estrutura*. Dissertação de mestrado, Universidade do Porto.
- OSÓRIO, Paulo e Ignacio Vázquez Diéguez (2018). “Dados diacrónicos da estrutura durativa em português e em galego”. *Estudos de Lingüística Galega* 10: 87-101.
- PENA-FERREIRA, Ediane (2009). “Aspectos da aquisição de verbos (semi)auxiliares no português europeu”. Comunicação apresentada em *VI Congresso Internacional da ABRALIN*.
- PEREIRA, Mélanie A. S. (2018). *Ênclise e próclise em infinitivas preposicionadas*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- PEREIRA, Sandra (2003). *Gramática comparada de a gente – variação no PE*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- PEREIRA, Sandra (2012). *Protótipo de um glossário dos dialetos portugueses com informação sintática*. Dissertação de doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- PÉRES FERNÁNDEZ, José Manuel (2012). “Os indicadores *ca* e *coma* na comparación en galego”. *Cadernos de Lingua* 34: 65-92.
- PERES, João Andrade (1993). “Towards an Integrated View of the Expression of Time in Portuguese”. *Cadernos de Semântica* 14: 1-50.
- PERES, João Andrade e Telmo MÓIA (1995). *Áreas Críticas da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho.
- PÉREZ SALDANYA, Manuel e José Ignacio HUALDE (no prelo). “De las copulativas identificativas a las justificativas con *es que*”. *Revista de Filología Española*.
- PETERS, Ann M. (2001). “From Prosody to Grammar in English – the differentiation of catenatives, modals, and auxiliaries from a single protomorpheme”. In Weissenborn e Hohle (eds.), *Approaches to bootstrapping phonological lexical, syntactic and*

- neurophysiological aspects of early language acquisition*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- PFENNINGER, Simone E. (2009). *Grammaticalization paths of English and High German existential constructions: a corpus-based study*. New York: Peter Lang.
- PILATI, Eloisa (2006). *Aspectos sintáticos e semânticos da ordem verbo-sujeito no português*. Dissertação de doutoramento, Universidade de Brasília.
- PINTO, Adelina Angélica (1983). “Isoléticas portuguesas (Antigas medidas de capacidade)”. Separata da *Revista Portuguesa de Filologia*. Coimbra: Fac. Letras - Inst. de Língua e Literatura Port.
- POLETO, Cecilia (2010). *Contrastive linguistics and microvariation: the role of dialectology*. *Languages in Contrast* 12: 47-68.
- POPLACK, Shana e Sali TAGLIAMONTE (1999). “The grammaticization of ‘going to’ in (African American) English”. *Language Variation and Change* 11(3): 315-342.
- POUNTAIN, Christopher J. (1993). “Aspect and voice: questions about passivization in Spanish”. *Journal of Hispanic Research* 1: 167-181.
- QUIRK, Randolph et al. (1972). *A grammar of contemporary English*. London: Longman.
- RAPOSO, Eduardo Buzaglo Paiva (1989). “Prepositional Infinitival Constructions in European Portuguese”. In O. Jaeggli e K. Safir (eds.), *The Null Subject Parameter*. Dordrecht: Kluwer.
- RAPOSO, Eduardo Buzaglo Paiva (2013a). “Verbos Auxiliares”. In Raposo et al. (orgs.), *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 1221-1280
- RAPOSO, Eduardo Buzaglo Paiva (2013b). “Orações Copulativas e Predicações Secundárias”. In Raposo et al. (orgs.), *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 1283-1356.
- RAPOSO, Eduardo Buzaglo Paiva e Maria Francisca XAVIER (2013). “Preposição e sintagma preposicional”. In Raposo et al. (orgs.), *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 1497-1564
- RASIA, María Eugenia M. (2008). “Construcciones existenciales en lenguas romances: requisitos y efectos de la inserción de clíticos locativos. Datos del italiano, catalán, francés y español.” *Boletín de Filología* 43(2): 99-116.

- RIBEIRO, Ilza (1996). “A formação dos tempos compostos: a evolução histórica das formas *ter*, *haver* e *ser*”. In Ian Roberts e Mary Kato (orgs.), *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp. 343-386.
- RIBEIRO, Orlando (1962). “A propósito de áreas lexicais no território português. Algumas reflexões acerca do seu condicionamento”. *Boletim de Filologia XXI*: 177-205. 1965
- RIBEIRO, Raquel Pinheiro de Carvalho (2002). *As ocorrências da forma de gerúndio na variedade padrão e numa variedade dialectal do Português Europeu*. Dissertação de mestrado, faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- RIZZI, Luigi (1982). *Issues in Italian Syntax*. Dordrecht: Foris.
- RIZZI, Luigi (1997). “The Fine Structure of the Left Periphery”. In Liliane Haegeman (ed.), *Elements of Grammar. Handbook in Generative Syntax*. Dordrecht: Kluwer. 281-337.
- ROBERGE, Yves e Marie-Thérèse VINET (1989). *La variation dialectale en grammaire universelle*. Montreal: Presses de l'Université de Montreal.
- RODRIGUES, Angela C. Souza (2007). “Concordância Verbal, Sociolingüística e História do Português Brasileiro”. *Fórum Lingüístico* 4(1): 115-145.
- ROQUETTE, José Inácio (1845). *Código o Bom-Tom, ou, Regras da Civilidade e de Bem Viver no Século XIX*. Organizado por Lilia Moritz Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- ROTHSTEIN, Susan (2004). *Structuring Events: A Study in the Semantics of Lexical Aspect* (Explorations in Semantics). Oxford: Blackwell.
- SAID ALI, Manuel (1927). *Grammatica Secundaria da Lingua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos.
- SAID ALI, Manuel (1931). *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Académica.
- SÁNCHEZ LÓPEZ, Cristina (1999). “Los cuantificadores. Clases de cuantificadores y estructuras cuantificativas”. In I. Bosque e V. Demonte (orgs.), *Gramática Descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa Calpe. 1025-1128.
- SANTAMARINA, Antón (1974). “Contribución pra un estudio das partículas comparativas que=ca e como=coma en galego”. *Verba, Anuario Galego de Filoloxía* 1: 16-30.

- SARAMAGO, João (1986). “Differentiation lexicale (un essai dialectométrique appliqué aux matériaux portugais de l’ALE)”. In *Géolinguistique*, Vol. II, Bulletin du Centre de Dialectologie, Université des Langues et Lettres de Grenoble. 1-31.
- SARAMAGO, João (1989). “Un phénomène de métaphonie dans le parler de l’île de Corvo (Açores), son analyse acoustique”. In *Espaces Romans II. Etudes de Dialectologie et de Géolinguistique offertes à Gaston Tuaille*, Ellug, Université Stendhal, Grenoble III. 428-423.
- SARAMAGO, João e Xosé Afonso ÁLVAREZ PÉREZ (2010). “Um novo olhar sobre áreas lexicais portuguesas”. In M.^a João Marçalo et al. (eds.), *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*. [actas do II Simposio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa (SIMELP)]. Évora: Universidade de Évora. 80-105.
- SCHEIBMAN, Joanne (2000). “Local patterns of subjectivity in person and verb type in American English conversation”. In J. Bybee e P. Hopper (eds.), *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. 61-90
- SCHERRE, Maria Marta Pereira (1994). “Aspectos da concordância de número no português do Brasil.” *Revista Internacional de Língua Portuguesa* 12: 37-49.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira e Anthony J. NARO (1998). “Sobre a concordância de número no português falado do Brasil”. In Giovanni Ruffino (org.), *Dialettologia, geolinguistica, sociolinguistica* (Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza) Centro di Studi Filologici e Linguistici Siciliani, Università di Palermo. Tübingen: Max Niemeyer. 509-523.
- SCHLESINGER, Izchak M. (1995). *Cognitive space and linguistic case* (Studies in English Language). Cambridge: Cambridge University Press.
- SCHÜTZE, Carson T. (1996). *The empirical base of linguistics: Grammaticality judgments and linguistic methodology*. Chicago: University of Chicago Press.
- SCHWENTER, Scott A. (1994). “‘Hot news’ and the grammaticalization of perfects”. *Linguistics* 32: 995-1028.
- SEGURA, Luísa (1987). *A Fronteira Dialectal do Barlavento do Algarve*. Dissertação para acesso à categoria de Investigador Auxiliar, CLUL/INIC.
- SEGURA, Luísa (2006). “Dialectos açorianos. Contributos para a sua classificação”. In M. Clara R. Bernardo e Helena M. Montenegro (orgs.), *I Encontro de Estudos Dialectológicos – Actas* (2003). Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada. 325-344.

- SEGURA, Luísa (2013). “Variedades dialetais do português europeu”. In Raposo et al. (orgs.), *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 85-142.
- SEGURA, Luísa e João SARAMAGO (1999). “Açores e Madeira: autonomia e coesão dialectais”. In I. H. FARIA (ed.), *Lindley Cintra. Homenagem ao Homem, ao Mestre e ao Cidadão*. Lisboa: Cosmo. 706-738.
- SEGURA, Luísa e João SARAMAGO (2001). “Variedades dialectais portuguesas”. In M. H. M. Mateus (org.), *Caminhos do Português: Exposição Comemorativa do Ano Europeu das Línguas (Catálogo)*. Lisboa: Biblioteca Nacional. 221-237.
- SIEWIERSKA, Anna (1984). *The passive: A comparative linguistic analysis*. London: Routledge.
- SIEWIERSKA, Anna (1988). “The passive in Slavic”. In M. Shibatani (ed.), *Passive and voice*. Amsterdam: John Benjamins. 243-289.
- SMITH, Carlota S. (1997). *The Parameter of Aspect*. Dordrecht: Kluwer Academic Publisher.
- SÓRIA, Maíra Vasconcelos de Paiva (2013). ‘Nós’, ‘a gente’ e o sujeito nulo de primeira pessoa do plural no português europeu e brasileiro. Dissertação de mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- SQUARTINI, Mario (1998). *Verbal Periphrases in Romance. Aspect, Actionality and Grammaticalization*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter.
- STEN, Holger (1953). “L’Infinitivo Impessoal et l’Infinitivo Pessoal en Portugais Moderne”. Separata do *Boletim de Filologia*, tomo XIII.
- STROMSWOLD, Karin (1995). “The cognitive and neural bases of language acquisition”. In M. S. Gazzaniga (ed.), *The cognitive neurosciences*. Cambridge MA: MIT Press. 855-870.
- TAGLIAMONTE, Sali, Mercedes DURHAM e Jennifer SMITH (2014). “Grammaticalization at an early stage: future *be going to* in conservative British dialects”. *English Language and Linguistics* 18(01): 75-108.
- TAVARES, Maria Alice (2003). *A gramaticalização de e, aí, daí e então: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista*. Dissertação de doutoramento, Universidade Federal de Santa Catarina.
- TAVARES, Maria Alice e Raquel Meister FREITAG (2010). “Do concreto ao abstrato: influência do traço semântico-pragmático do verbo na gramaticalização em domínios funcionais complexos”. *Revista Linguística* 6(1): 103-119.

- TORREGO, Leonardo Gómez (1999). “Los verbos auxiliares. Las perífrasis verbales de infinitivo”. In I. Bosque e V. Demonte (orgs.), *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Madrid: Espasa Calpe. 3325-3389.
- TORRES CACOULLOS, Rena (1999). “Variation and grammaticalization in progressives: Spanish *-ndo* constructions”. *Studies in Languages* 23: 25-29.
- TORRES CACOULLOS, Rena (2000): *Grammaticalization, synchronic variation, and language contact: a study of Spanish progressive*. Amsterdam: John Benjamins.
- TORRES CACOULLOS, Rena (2001). “From lexical do grammatical to social meaning”. *Language in Society* 30: 443-78.
- TORRES CACOULLOS, Rena (2005). “La perspectiva diacrónica en variación sincrónica: el dativo de intensificación”. In Gabriele Knauer e Valeriano Bellosta von Colbe (eds.), *Variación sintáctica en Español: un reto para las teorías de sintaxis*. Tübingen: Niemeyer. 191-210
- TORRES CACOULLOS, Rena (2008). “La evolución de *estar* + *V-ndo* hacia expresión obligatoria del aspecto progresivo en español”. In Concepción Company Company e José G. Moreno de Alba (eds.), *Actas VII Congreso Internacional de Historia de la Lengua Española*. Madrid: Arco Libros. 1147-62.
- TORRES CACOULLOS, Rena (2012). “Grammaticalization through inherent variability. The development of a progressive in Spanish”. *Studies in Language* 36(1): 73-122.
- TRAUGOTT, Elizabeth Closs (1995). “Subjectification in Grammaticalization”. In D. Stein, e S. Wright (eds.), *Subjectivity and Subjectivisation: Linguistic Perspectives*. Cambridge: Cambridge University Press. 31-54.
- TRAUGOTT, Elizabeth Closs e Ekkehard KÖNIG (1991). “The semantics-pragmatics of grammaticalization revisited”. *Typological Studies in Language* 19(1): 189–218.
- URIAGEREKA, Juan (1995). “Aspects of the Syntax of Clitic Placement in Western Romance”. *Linguistic Inquiry* 26: 79-123.
- VASCONCELLOS, José Leite de (1882). *O Dialecto Mirandez. Contribuição para o estudo da dialectologia românica no domínio glotológico hispano-lusitano*. Porto: Livraria Portuense.
- VASCONCELLOS, José Leite de (1890-1892, 1895). “Dialectos transmontanos”. In *Revista Lusitana*, vol. II, pp. 97-120, vol. III, pp. 57-72.

- VASCONCELLOS, José Leite de (1893-1897). *Mapa Dialectológico do Continente Português*. Lisboa-Paris: Typ. Guillard Aillaud.
- VASCONCELLOS, José Leite de (1894). “Carta Dialectológica do Continente Português”. In Ferreira –Deusdado, *Corografia de Portugal*. 1.ª edição, Lisboa: Guillard, Aillaud & C.ª, p. 16.
- VASCONCELLOS, José Leite de (1901). *Esquisse d’une Dialectologie Portugaise*. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa/Instituto Nacional de Investigação Científica. 3.ª edição. 1987.
- VASCONCELLOS, José Leite de (1929). *Opúsculos*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- VENDLER, Zeno (1967). *Linguistics in Philosophy*. Ithaca/New York: Cornell University Press.
- VERCAUTEREN, Aleksandra (2010). *Como é que é com o “é que”? Análise de estruturas com “é que” em variedades não standard do português europeu*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- VIANA, Aniceto dos Reis Gonçalves (1887-1889). “O Falar de Rio Frio (tipo bragançano dos dialectos transmontanos). Materiais para o estudo dos dialectos portugueses”. In *Revista Lusitana I* («O Falar de Rio Frio, tipo bragançano dos dialectos transmontanos»). 158-166; 195-220.
- VIBERG, Ake (1984). “The verbs of perception: a typological study”. In B. Butterworth, B. Comrie e Ö. Dahl (eds.), *Explanations for language universals*. Berlin: Mouton de Gruyter. 123-162
- VIOTTI, Evani (1999). *A sintaxe das sentenças existenciais do português do Brasil*. Dissertação de doutoramento, Universidade de São Paulo.
- VIOTTI, Evani e Ana Paula SCHER (2001). “Semelhanças e Diferenças entre o PB e o PE no que Diz Respeito à Forma Progressiva do Infinitivo”. *Boletim da Associação Brasileira de Lingüística* (ABRALIN). V. 26 – N.º Especial. Fortaleza: Imprensa Universitária/UFC. 370-374.
- VITORINO, Gabriela (1987). *Atlas Linguístico do Litoral Português. Fauna e Flora*. Dissertação apresentada para progressão na carreira de investigação. INIC/CLUL. Inédita.
- VLACH, Frank (1981). “The semantics of the progressive”. In Philip J. Tedeschi e Annie Zaenan (eds.), *Syntax and Semantics 14: Tense and Aspect*. New York: Academic Press. 271–291.

CORPORA

ALE: *Atlas Linguarum Europae*, Van Gorcum, Assen Maastricht

ALEAç: *Atlas Linguístico e Etnográfico dos Açores* (J. Saramago, coord.)

(http://www.clul.ul.pt/english/sectores/variacao/projecto_aleac.php)

ALEPG: *Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza* (J. Saramago, coord.)

(http://www.clul.ul.pt/english/sectores/variacao/projecto_alepg.php)

ALLP: *Atlas Linguístico do Litoral Português* (G. Vitorino, coord.)

(http://www.clul.ul.pt/english/sectores/variacao/projecto_allp.php)

ALPI: *Atlas Linguístico da Península Ibérica* (<http://www.clul.ul.pt/pt/investigador/356-alpi-elaboracion-y-edicion-de-los-materiales-del-atlas-lingueistico-de-la-peninsula-iberica>)

ASIS: *Syntactic Atlas of Northern Italy* (<http://asis-cnr.unipd.it>)

AVOC: *Atlas Acústico do Vocalismo Tónico Português*

(<http://www.clul.ul.pt/en/researchteams/538-avoc-acoustic-atlas-of-portuguese-stressed-vowels>)

CORDIAL-SIN – *Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe* (A. M. Martins, coord.)

(<http://www.clul.ul.pt/pt/recursos/212-cordial-sin-syntax-oriented-corpus-ofportuguese-dialects>)

CORGA – *Corpus de Referencia do Galego Actual* (<http://corpus.cirp.es/corga/>)

COSER – *Corpus Oral y Sonoro del Español Rural* (<http://www.uam.es/coser>)

CRPC – *Corpus de Referência do Português Contemporâneo* (<http://alfclul.clul.ul.pt/CQPweb>)

EDISYN: *European Dialect Syntax* (<http://www.meertens.knaw.nl/edisyn>).

Penn Parsed Corpora of Historical English (<http://www.ling.upenn.edu/hist-corpora>)

SAND: *Syntactic Atlas of the Dutch Dialects*

(<http://www.meertens.knaw.nl/projecten/sand/sandeng.html>)

ScanDiaSyn: *Scandinavian Dialect Syntax* (<http://uit.no/scandiasyn>)

TILG – *Tesouro Informatizado da Língua Galega* (A. Santamarina, coord.)

(<http://ilg.usc.gal/TILG/>)

Tycho Brahe Parsed Corpus of Historical Portuguese

(<http://www.ime.usp.br/~tycho/corpus>).

